



ARRÁBIDA

ÍNDICE

01

Atelier + Enunciado

2 - 7

02

Pensar a habitação [Antropologia do Espaço]

9 - 15

03

Entrevistas [Francisco Silva Dias e outros]

17 - 31

04

Arrábida + Local de Intervenção + Casa Amarela

33 - 45

05

Estudo de Casos

47 - 157

06

Casa Híbrida

159 - 207

07

Casa Dupla

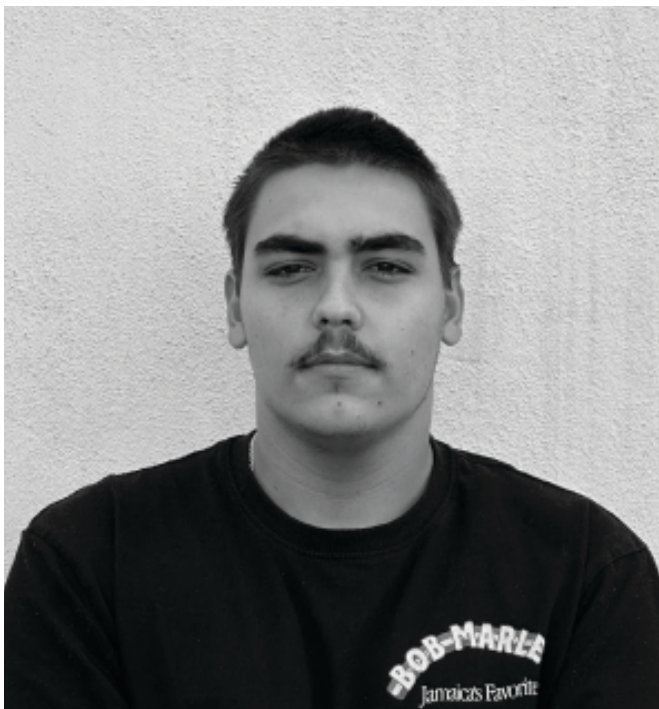
209 - 423

08

Apresentações + Créditos

425 - 436





ATELIER

2023-2024

01 Afonso Penetra
02 Ana Palma
03 André Matias
04 António Ribeiro
05 Beatriz Lopes
06 Bruna Neto
07 Caetana Thomaz
08 Catarina Figueiredo
09 Duarte Pires

10 Hugo Charrua
11 Jasper Krebs
12 João Santos
13 Liandra Valente
14 Lino Walala
15 Luis Maia
16 Luz Cancela de Abreu
17 Marina Dornellas
18 Margarida Silva

19 Oksana Lagno
20 Sara Filipe
21 Sara Saladini
22 Teresa Henriques
23 Tomás Leitão

PENSAR A HABITAÇÃO, FAZER A CASA
Uma Casa Dupla a partir da Casa Amarela na Arrábida, 1976

Uma Casa Dupla a partir da Casa Amarela na Arrábida, Setúbal, Portugal
Projeto do arquiteto Francisco Silva Dias, 1976

OBJETIVO

São propostos dois exercícios ao longo do semestre, ambos em torno da habitação. Pretende-se investigar o conceito de habitação nas suas múltiplas possibilidades espaciais, tipológicas e materiais, usando esse conhecimento e a investigação que deste deriva para desenhar cidade. Pretende-se ainda fomentar o aprofundamento do trabalho com as várias escalas e estratégias conceptuais de relação com os sistemas naturais e artificiais, topografia e transformações futuras. É proposta uma aproximação ao exercício da Arquitetura através de noções espaciais abstratas sobre o programa eleito, bem como um trabalho sobre noção de programa.

ESTRUTURA

Fase 1
ESTUDOS DE CASO. Trabalho de investigação sobre uma leitura possível da história da disciplina no último século. Este trabalho, entendido como um corpo coletivo, pretende ser uma base possível de cultura disciplinar a ser consultada pelos alunos ao longo do semestre. Apresentação do caso escolhido recorrendo a fotografias, desenhos e texto. Produção de uma brochura com material recolhido na investigação.

Fase 2
A CASA HÍBRIDA. Trabalho de conceção de curta duração de uma casa a partir de duas obras estudadas na fase anterior. Pretende-se utilizar o conhecimento adquirido no trabalho de investigação da fase anterior para cruzar dois destes exemplos, utilizando as suas características mais determinantes

Fase 3
A CASA DUPLA. Trabalho de conceção a partir da Casa Silva Dias. Pretende-se utilizar o conhecimento adquirido no trabalho de investigação sobre a casa, bem como as visitas à mesma, para poder propor um duplo, utilizando as suas características mais determinantes, mas sem recorrer à mimese.

Fase 4
LUGAR. Visita ao local da intervenção. Trabalho interpretativo sobre o contexto, abordando noções de ambiente, orografia, informação histórica, geologia, questões disciplinares relacionadas com o artefacto escolhido e outros considerados relevantes. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a fotografias, desenho e texto.

Fase 5
PROGRAMA. Fixação de um programa de habitação unifamiliar a partir de um trabalho de investigação sobre o tema habitação e sobre a casa eleita em particular. O programa final será o resultado das várias propostas apresentadas pelo conjunto de alunos. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a desenho e texto.

Fase 6
LUGAR/PROGRAMA. Cruzamento entre a noção de lugar e o programa proposto. Trabalho sobre a tipologia, paisagem, acessos, circulação e estrutura. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a desenho e texto.

Fase 7
MATÉRIA. Eleição de estratégias de construção para as diversas componentes do projeto. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a desenho e texto.

Fase 8
LUGAR/PROGRAMA/MATÉRIA. Síntese final do processo. Apresentação desta fase com recurso obrigatório a desenho e texto.

METODOLOGIA

Trabalho individual com duração de um semestre. Apresentação semanal e discussão. Consulta individual a cada duas semanas. Apresentação pública semanal.

DURAÇÃO: 1 semestre

LUGAR. Arrábida

PROGRAMA. Proposta de Intervenção à escala 1:500 e 1:100.

LUGAR / PROGRAMA. Proposta com Programa Provisório de Intervenção à escala 1:500, 1:200. Proposta com Programa Definitivo de Intervenção à escala 1:500, 1:50.

MATÉRIA. Entrega da Proposta à escala 1:50.

LUGAR / PROGRAMA / MATÉRIA. Entrega parcial da Proposta à escala 1:1000, 1:500, 1:200 e 1:50. Entrega final da Proposta à escala 1:1000, 1:500, 1:200 e 1:50.

ENTREGA FINAL. Entrega de Portfólio com sumula do trabalho em formato A0, Caderno A3 e Maquetes.

AVALIAÇÃO INTERMÉDIA COM JÚRI CONVIDADO.
Hugo Falcão de Lima, Arquiteto
Sebastião Taquenho, Arquiteto

AVALIAÇÃO FINAL COM JÚRI CONVIDADO.
Ana Silva Dias, Arquiteta
Miguel Marcelino, Arquiteto
Telmo Cruz, Arquiteto

ESTUDOS DE CASO

Villa “Le Lac”, Lago de Genebra, Corseaux, Suíça, 1923. Le Corbusier.
Casa Lange/ Casa, Krefeld, Alemanha, 1927-1928. Ludwig Mies van de Rohe.
Casa Moller, Viena, Áustria, 1927-1928. Adolf Loos.
Casa de Vidro (Maison de Verre), Paris, França, 1928-1932. Pierre Chareau e Bernard Bijvoet.
Casa Atelier VDL, Silverlake, Los Angeles, 1932-1933/ 1964. Richard Neutra.
Villa Necchi Campiglio, Milão, Itália, 1932-1935. Piero Portaluppi.
Casa Rosenbaum, Florence, Alabama, EUA, 1936-1939. Frank Lloyd Wright.
Casa e Atelier Ernst May, Nairobi, Quênia, 1938. Ernst May.
Casa Johnson, Cambridge, E.U.A, 1942. Philip Johnson.
Casa Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil, 1949. João Vilanova Artigas.
Casa José Braga, Porto, Portugal, 1949-1951. Celestino de Castro.
Casa Tange, Seijo, Tóquio, Japão, 1951-1953. Kenzo Tange.
Casa e Jardim Cavanelas, Petrópolis, Brasil, 1954. Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx
Casa Sugden, Watford, United Kingdom 1955. Alison and Peter Smithson
Casa Cowes, West Cowes, Ilha de Wight, Reino Unido, 1956. James Stirling e James Gowan.
Casa Beattie, Rye, Nova Iorque, 1958. Ulrich Franzen.
Casa Van Dantzig, Santpoort, Países Baixos, 1959-1960. Gerrit Rietveld.
Atelier Hermann Rosa, Munique, Alemanha, 1960-1968. Hermann Rosa.
Casa Goldstein, Los Angeles, EUA, 1961-1963. John Lautner.
Casa Fim de Semana, Grécia, 1962. Aris Konstantinidis.
Villa Klockberga, Drottningholm, Suécia, 1966-1969. Peter Celsing.
Casa para um violinista e sua mãe. Askøy, Noruega, 1967. Helge Hjertholm
Casa Cooper, Orleães, Massachusets, E.U.A., 1968. Gwathmey Siegel
Caixa Azul, Hayasaki Box, Kaminoge, Setagaya, Tóquio, Japão, 1970-1971. Mayumi Miyawaki.
Casa Millán/ Casa Leme, São Paulo, Brasil, 1970-1974. Paulo Mendes da Rocha.
Casa Arranha-Inferno, Rascaifierno, Madrid, Espanha, 1972. Fernando Higueras.
Casa Woning van Wassenhove, Sint-Martens-Latem, Ghent, Bélgica, 1972-1974. Juliaan Lampens.
Casa Milan, São Paulo, Brasil, 1972-1975. Marcos Acayaba
Casa Gillardi, Cidade do México, DF, México, 1975-1977. Luis Barragán.
Casa Llinás-Carmona, Bagur, Barcelona, Espanha, 1980. Josep Llinàs.
Casa Nevogilde II, Porto, Portugal, 1983-1988. Eduardo Souto de Moura.
Casa em Contraplacado, Bottmingen, Suíça, 1984-1985. Herzog & de Meuron.
Casa de Pedra, Tavole, Suíça, Itália, 1985. Herzog & de Meuron.
Casa Diener, Ascona, Suíça, 1989. Luigi Snozzi.
Casa D, Lége-Cap-Ferret, França, 1996-1998. Lacaton & Vassal.
Casa M, Shibuya, Tóquio, Japão, 1997. SANAA/ Kazuyo Sejima & Ryue Nishizawa.
Casa Gostner, Costa Paradiso, Sardenha, Itália, 1998. Alberto Ponis.
Casa Saraiva Lima II, Alcácer do Sal, Portugal, 1998-2001. João Pedro Falcão de Campos.
Casa de Verão, Andros, Grécia, 2001. Katerina Tsigarida.
Casas em Santa Isabel, Lisboa, Portugal, 2003-2010. Ricardo Bak Gordon.
Casa Rio Bonito, Serra do Rio Bonito, Rio de Janeiro, Brasil, 2005. Carla Juaçaba.
Casa O, Chiba, Japão, 2007. Sou Fujimoto.
Casa de férias, Cadaqués, Espanha, 2008-2012. Sergison Bates.
Casa Terra/Earth House, Yangpyeong-gun, Coreia do Sul, 2009. BCHO Architects.
Casa Martos, Vila Adelina, Buenos Aires, Argentina, 2011. Adamo Faiden.
Casa no Barreiro, Portugal, 2011-2021. Aires Mateus.
Casa e Jardim, Tóquio, Japão, 2012. Ryue Nishizawa.
Casa Árvore, Londres, Reino Unido, 2013. 6A Architects.
Casa Horizonte em frente ao Oceano Pacífico, 2013. Tezuka Architects.
Casa de Férias, Rocha, Uruguai, 2015. Brandlhuber+
Casa em Laax, Laax, Suíça, 2016. Valerio Olgiati.
Casa Loba, Tome, Chile, 2017. Pezo von Ellrichshausen.
Casa Mole, Londres, Reino Unido, 2019. David Adjaye
Casa Hipóstila, Pedrogão Grande, 2022. Miguel Marcelino.

ANTROPOLOGIA DO ESPAÇO

PENSAR A HABITAÇÃO

COMENTÁRIO AO TEXTO "THE INS AND OUTS OF THE HALL" DE
IRENE CIERAAD PARTINDO DO CONCEITO DE "CASA" DE MARY
DOUGLAS ESCRITO POR LUZ DE CANCELA DE ABREU

O texto de Mary Douglas, aborda o conceito de lar como algo que vai para além de um espaço físico. O lar é culturalmente construído e carregado de significados simbólicos que refletem os valores e identidade social de quem o habita. Um lar não acontece obrigatoriamente dentro de paredes ou de uma casa, por isso representa uma grande complexidade de entendimento, que influencia a nossa compreensão do mundo ao nosso redor. A casa é o abrigo ao qual é mais comum chamar-mos de lar, o que não invalida todos os outros espaços físicos onde se pode viver. De facto, “Home is located in space, but is not necessarily a fixed space.” (Mary Douglas, 2012: 51). A ideia de lar, partindo do suposto que este é uma casa, é transmitida, como já referi, como mais que um espaço, como uma estrutura que dura ao longo do tempo, e que por existir para ser vivenciado nesse mesmo tempo e espaço, faz sentido que seja esteticamente e moralmente dimensionado e organizado. “Why some homes should have more complex orienting and bounding than others depends on the ideas that persons are carrying inside their heads about their lives in space and time.”(Mary Douglas, 2012: 52). Com esta constatação, podemos imediatamente refletir sobre o que para nós é o lar e como este está fisicamente retratado.

A autora comenta a importância do espaço; como ele reflete as estruturas sociais e vice-versa; podemos relacionar este tema mais subjetivo com a definição de Hall apresentada por Irene Cieraad no The Ins and Outs of the Hall. O texto desenvolve-se à volta do hall de entrada e do que este representa e como se representa numa casa, num lar. O lar é visível a partir de características e cuidados com a casa que demonstram a vida das pessoas nesse mesmo espaço. O Hall mais do que todas as ideologias e coisas que representa, é o primeiro contacto, de alguém vindo de fora, com o interior e abrigo de uma pessoa ou família nas suas casas. Depois da leitura de ambos os textos, entendemos a preocupação das pessoas e, a atenção prestada às suas casas, tanto como estas são pensadas e valorizadas.

Cieraad estuda o conceito de hall mais especificamente nas casas parisienses e, explica resumidamente a principal intenção por detrás da construção deste espaço, tanto como a responsabilidade da divisão na casa. “In Western domestic architecture the hall was originally designed to be the main room of the house and the showcase of the resident’s wealth. However, in nineteenth-century apartment buildings for the middle classes the size of the hall was reduced and its function changed into a distributing one: giving entrance to the various rooms of the apartment.” Irene Cieraad, 1999: 2). São nos apresentados três subtítulos que sintetizam a atitude e ambição que justificam o desenho do hall. O primeiro chama-se “Protection and Identification” e, aprofunda tal como está escrito, o papel do hall em identificar e controlar quem quer entrar, até mesmo antes de se abrir a porta. O próprio “judas” (buraco por onde se espreita de dentro para fora da casa), foi pensado como método de proteção, porque o desconhecido não se apercebe se está a ser observado ou não; há claramente um empoderamento do residente em relação à pessoa do outro lado da “barreira”, e um momento de decisão face à entrada ou não do público no privado.

É curioso também que esta tarefa seja mais frequentemente atribuída ao homem como precaução de segurança, “...men more often reply to unexpected visits and women to planned ones. When people are coming for dinner ate the home of a couple, the man is usually in charge of welcoming the guests, and the woman is in the kitchen finishing the preparation of the meal.” (pg.3). O segundo subtítulo “Neutrality and Purification”, aborda o hall de outra perspectiva, a neutralização do espaço consiste nas cores mais comuns e usadas na decoração; nos elementos decorativos e pessoais dos moradores, e no impacto que estes objetos e efeitos visuais têm, tanto numa boa ou má receção, como também na transmissão de informações importantes, como por exemplo: características das pessoas em relação à arrumação, quantas pessoas moram na casa, e possivelmente o ambiente do espaço que os espera depois do hall. “On the other hand, the neutrality prevents the visitor from gaining an all-too-personal impression, and in doing so it protects the privacy of the inhabitants.” (pg.5). Ao passar o umbral da porta entramos, como se numa zona marginal, num espaço de purificação, que, pode estar, mais do que qualquer outra característica do espaço, ligada mais intensamente a certas culturas e tradições, não deixando de ser comum na maior parte do mundo. Esta seja talvez uma faceta mais higiénica e ritual do hall. Cieraad dá o exemplo de que “Looking in the hall’s mirror and correcting one’s appearance

either before leaving the house or before entering the living room are also purifying acts.” (Irene Cieraad, 1999: 6). Estes dois aspetos são naturalmente condições para a transição que se segue. O terceiro tema a ser abordado chama-se “Transition and Temporality”, e o caráter de transição e tempo resume o hall como “... the area where people are not meant to stay,...” é uma zona de rápida estadia e não de constante passagem ou aproveitamento enquanto lugar para se estar à vontade. “Only the study of the interaction between the domestic space, the occupants and the objects that surround them will reveal the mechanisms of creating a meaningful universe.”(pg. 7).

Concluindo identifico tanto num texto como no outro a tentativa de explicar a importância que cada pessoa tem no ambiente que a rodeia ou que à volta dela se constrói, fisicamente ou metaforicamente. O lar é o reflexo de cada indivíduo e, se todos os lares tivessem um hall, este partiria dos mesmos princípios estudados pela autora do segundo texto. Proteger, identificar, neutralizar, purificar, transitar e temporizar. Os textos exploram a importância do espaço dentro da casa. O Hall é um espaço de transição, liga o privado ao público; o desconhecido ao lar, no entanto, para Mary Douglas o lar não é apenas físico, mas também o reflexo das normas, valores e identidades das pessoas que o habitam. Por isso, o hall não é só um espaço vazio e habitado por pouco tempo, é onde as dinâmicas sociais e culturais se manifestam, e é o componente vital para a experiência residencial do lar.

BIBLIOGRAFIA:

BRIGANTI, Chiara; MEZEL, Kathy- The Domestic Space Reader. Toronto, Buffalo, London: University of Toronto Press, 2012.

CIERRAD, Irene- A Home an Antropology of Domestic Space.New York: Syracuse University Press, 1999.

COMENTÁRIO AO TEXTO "THE SWEETNESS OF HOME" DE ORVAR LOFGREN ESCRITO POR OKSANA LAHNO

In general, text “The Sweetness of Home: Class, Culture and Family Life in Sweden” by Orvar Löfgren was about difference in bourgeoisie lifestyles and routines and worked class routine during the end of 19th century – beginning of 20th. While middle class lifestyle showed up more organized and correct for scientist, worked class routine was something messy, wrong and bad organized for them. Which wasn’t completely wrong opinion because sometimes poor amount of salary makes you think about necessary things more, then how nicely organize space in your house.

“There is time and place for everything. They need to learn how to separate people, activities and function...” (p.148). Middle class workers used this phrase to describe improving of houses they wanted to do for worked class. And they proposed the way of apartment with small kitchen and bigger living room for them to separate cooking, cleaning, eating with sleeping, resting, spending time. That was a problem of worked class, when they used to sleep in kitchen all together, even if they had another room. But it was not only because of poor conditions of life, it was also part of their tradition and feeling safety, concept of family. Kitchen could be done like hall connected with kitchen, where people can simply put some sofa and bigger table for spending free time, speak with each other. And in the same time invite guests to that area, to meet them and spend time, have dinner with them, etc. Like the idea of modern flats when kitchen area is connected, opened to living room.

Or as an example I can use Eastern Europe culture. In Ukraine we also have strong feelings about kitchen area. My mom would spend half of the day in the kitchen just drinking tea and talking on the phone while we also have living room. While I visit some Ukrainian friends, we would also have tea with them and talk in the kitchen. Even if they live in Portugal.

The same goes for more “bourgeoisie” people. When they built their own house or have a chance to change kitchen are in apartment, they prefer have it a bit bigger to append more time there.

In conclusion, I think every culture, every country has their own concepts of home. As well as different classes inside culture can also have different perspective of living. And it is not always bad if we are talking about worked class. If we want to help someone (as architects) to improve they conditions of life, we always should notice concepts of home and family that they have.

BIBLIOGRAFIA:

LOFGREN, Ovar- The Sweetness of Home. Class, Culture and Family in Sweden- Ethnologia Europea XIV: 1984 (pág. 44-64)

COMENTÁRIO AO TEXTO "LIGHTING UP COZY ATMOSPHERES IN DENMARK" DE MIKKEL BILLE ESCRITO POR DIOGO SEBASTIÃO

Para o autor o “open plan” foi uma das mudanças mais fundamentais no interior doméstico. O fechado para o aberto tornou-se moderno mesmo que no início fosse só uma teoria, um sentido de mudança no período do pós-guerra na Grã-Bretanha.

Os designers que trabalharam para este tipo de modernidade, rejeitaram estilos tradicionais e eram a favor de uma estética única, o “plano aberto” criou um espaço multiuso.

Este foi um programa de reconstrução, visto como uma oportunidade de mudança e de modernidade, exemplo disso mesmo foi o caso de estudo de Harlow New Town que mostra a maneira como se adaptaram os moradores destas casas e como os designers lidaram com isso. O estudo foi feito entre 1982 e 1985 entre habitantes, arquitetos e oficiais do conselho. O “open plan” foi considerado um fenómeno cultural em que houve uma adaptação popular do design moderno e uma mudança social.

Na construção em “open plan” era preciso reconsiderar os métodos convencionais de construção, maximizar o espaço, usar mais vidro, criar uma relação maior com a natureza. Tecnicamente permitiram-se grandes áreas em que não era necessária a alvenaria e a construção manual. A carga de aço e betão deram aos arquitetos novas e emocionantes oportunidades de trabalho.

Se por um lado os habitantes tinham mais luz solar, mais comodidade e mais espaço, também para os construtores a economia de mão-de-obra era uma mais valia. Esta modernidade tornou-se um pouco ambígua, havia uma necessidade de mudança e de igualdade social que não existia, tendo de ser construídas casas para inquilinos de baixo rendimento.

Para os designers “open” era um sinónimo de liberdade, mas para os habitantes era diferente, eles precisavam de controlar o seu espaço. A construção de moradias em “espaço aberto” trouxe um novo conceito de modernidade, uma nova vida onde para além do espaço teriam também um jardim.

Na década de 1960 o “plano aberto” tornou-se um “produto universal”, surgiram críticas a estas habitações públicas, havia grande dificuldade de novos moradores se habituarem a estas casas e a novas cidades, mas historicamente está provado que estas dificuldades foram superadas.

O “open plan” unia salas para criar espaço, mas os moradores não estavam habituados a estas grandes mudanças e criavam eles próprios as divisórias que destruíam quando a situação familiar mudava. As famílias adaptavam-se à modernidade, mas faziam também, segundo a autora, eles próprios a sua modernidade conforme a vida que pretendiam dentro de casa.

Um dos maiores problemas à reforma modernista foram as lareiras, as pessoas dificilmente prescindiam das lareiras a que estavam habituadas.

A mesa de café era uma das peças mais adquiridas para dar um certo toque de modernidade à casa, nas famílias que não tinham possibilidade de comprar móveis novos. Os arquitetos estavam contra os móveis antigos, as rendas, os berloques, mas os habitantes das casas adaptaram-se a esta nova era moderna e fizeram os seus próprios projetos.

Concluo que para o autor o “open plan” foi uma adesão à modernidade. Esta transformação foi radical, nem sempre foi fácil como podemos ver no texto. A dificuldade dos moradores se habituarem a uma realidade até então desconhecida, assim como a tentativa de uma igualdade social que não se conseguiu concretizar quando tiveram de ser construídas casas, para inquilinos de baixo rendimento. De qualquer maneira apesar de todos os contratempos o “open plan” foi considerado um fenómeno cultural e uma mudança social e de mentalidades.

BIBLIOGRAFIA:

BILLE, Mikkel- Emotion, Space and society. Denmark, Copenhagen: Unisersity of Copenhagen, 2015 (pág.56-63).

COMENTÁRIO AO TEXTO "O MUNDO PÓS-GUERRA(S)" DE MARIANA SANCHES SALVADOR ESCRITO POR MARINA DORNELLES

A ideia de virtude está usualmente associada à busca pelo bem comum, ou seja, a um princípio de boas ações e do bem viver coletivo. No texto de Mariana Sanchez Salvador, esse conceito é atribuído à normalização dos modelos domésticos do período entre as grandes guerras.

A Primeira Guerra Mundial foi um ponto central de mudança na organização da sociedade europeia e, consequentemente, na vida doméstica. Os modelos ainda herdados do século XIX, baseados na necessidade de serventes para organizarem o espaço doméstico, tornaram-se inviáveis num mundo destruído pelos horrores da guerra. Isso, aliado à necessidade de reconstruir de forma mais econômica e eficiente, resultou em diversos modelos de padronização de cozinhas.

Os padrões modernistas que surgem nesse período estavam fundamentados em princípios tayloristas e preocupados com a questão da higiene, transformando a cozinha em um espaço sobretudo funcional e eficaz dentro de dimensões mínimas. Essa necessidade de sistematizar o ambiente estava diretamente ligada aos ideais da "máquina de morar", concebida por Le Corbusier. Assim, a busca por um modelo padrão de cozinha tornou-se sinônimo de qualidade e a solução para os problemas enfrentados no período.

Como exemplo, temos a cozinha de Frankfurt, projetada pela arquiteta austríaca Margarete Schütte-Lihotzky, em 1926-27, para ser replicada em edifícios de habitação social. Organizada por zonas, em um espaço mínimo de aproximadamente 1,9m por 3,4m, esse modelo de cozinha tornou-se o primeiro já equipado da história, devido à sua organização precisa. Além disso, o espaço seguia os princípios higienistas, com orifícios de ventilação nos armários para evitar a ocorrência de bolores e a aplicação dos materiais adequados e mais eficientes para o trabalho e limpeza doméstica.

Portanto, a questão da normalização como virtude citada pela autora refere-se a fácil aceitação e incorporação desses novos modelos domésticos do espaço da cozinha. Ou seja, apesar de ser uma mudança drástica, impulsionada por conflitos governamentais globais, as novas cozinhas foram facilmente colocadas em uma posição de normalidade, alterando completamente as práticas culturais, sociais ou comportamentais de toda uma sociedade.

BIBLIOGRAFIA:

SALVADOR, Mariana Sanchez (2016) - Arquitectura e Comensalidade. Uma história da casa através das práticas culinárias, 1.^a ed. Lisboa : Editorial Caleidoscópio.

COMENTÁRIO AO TEXTO "BATHROOM TRANSFORMATION: FROM HYGIENE TO WELL-BEING" DE QUITZAU E ROPKE ESCRITO POR ANDRÉ MATIAS

Este artigo, escrito por Maj-Britt Quitzau & Inge Ropke, é uma pesquisa sobre a evolução da casa de banho na Dinamarca, relacionando com as outras diferentes divisões da casa, e procurando estabelecer a possibilidade de estar a ser criado um novo “regime” do bem-estar.

O texto começa por falar sobre a evolução de um quarto, e refere o termo “regime”. Um “regime” é uma forma geral, uma normalização, de como um determinado quarto deve ser constituído. Um “regime” é constituído por 3 elementos: organização e tecnologias, utilidade, e imagens e significados relacionados com a forma de como o espaço é utilizado e sentido. Como tal, um regime não é definitivo, várias influências como a cultura, as novas tecnologias e as novas necessidades dos seres humanos implicam a criação de um novo “regime”.

Um exemplo é a cozinha, que de acordo com Hand and Shove (2004) 3 regimes são identificados num período de 8 anos na Inglaterra, enquanto apenas há um “regime” da casa de banho: a casa de banho higiénica. Este regime teve início no final do século XIX com o surgimento da canalização. Antes do surgimento deste regime as práticas de limpeza do corpo eram realizadas na cozinha ou no quarto onde havia água, e as necessidades eram feitas em sanitas portáteis. Com o surgimento da canalização, passaria a haver sanitas e bidés fixos, e as práticas de limpeza do corpo teriam lugar neste novo espaço com água. Na Dinamarca a meio do século XVIII surgiram os ideais higiénicos para combater problemas de saúde relacionados com a sujidade nas cidades. Desta forma as pessoas começaram a ter uma preocupação maior com a limpeza das suas casas. Disto surge o “regime” da casa de banho higiénica onde ao contrário das outras divisões, “a higiene em vez do conforto determinou a evolução da estética da casa de banho” (Lupton and Miller 1992: 26), sendo definidas por espaços pequenos com tudo branco (mobília, louça e azulejo). Apesar do surgimento deste “regime”, a sua implementação em quase todas as casas só ocorreu por volta de 1970, estando relacionado com a grande construção de habitação nas zonas suburbanas. Por volta deste ano começa também a haver o hábito de se tomar banho diariamente, tendo sido normalizado apenas por volta de 1980. Esta mudança de hábitos ocorreu devido ao facto de mais pessoas terem acesso a casas de banho, haver mais intolerância aos maus cheiros corporais e a procura de ter uma boa aparência. Consequentemente com a maior utilização deste espaço, começa a surgir a necessidade de decorar as casas de banho com o intuito de as tornar mais confortáveis, fazendo com que surjam mobília de arrumação, carpetes e a utilização de cores nos azulejos, moveis e louças.

Mais recentemente surgiu a necessidade de haver 2 casas de banho, uma ligada ao quarto principal e outra ligada ao quarto das crianças. Isto surge com a necessidade de descongestionar as casas de banho devido ao seu aumento de uso que está relacionado com o facto de toda uma família sair de casa à mesma hora, para além de “tanto o homem como a mulher passarem mais tempo a cuidar do corpo”.

O texto também nos fala sobre o impacto da media na alteração das casas de banho, tendo em 1960 um design mais funcionalista, em 1970/80 um design sem limites na sua expressividade, em 1990 surge uma procura por um ambiente de liberdade leveza e convidativo, e atualmente surgem novas tecnologias como os spas que reforçam mais o bem-estar do que apenas a higiene.

A atualidade é marcada por reformas nas casas de banho. O primeiro exemplo é de Mette e Jan que fizeram do espaço extra da cozinha uma casa de banho pequena respeitando o “regime” de higiene, tendo se focado mais na funcionalidade. O segundo exemplo é a de Katrine, que reformou totalmente a sua casa de banho, alterando os azulejos, moveis e louças velhas e implementando uma nova zona de duche. Com estas alterações a casa de banho passou a ter um aspeto mais agradável e Katrine começou a passar mais tempo no banho, pois começou a ter prazer no seu banho diário. Katrine compara a casa de banho com as outras divisões da casa, onde há uma procura por tornar a casa de banho num ambiente acolhedor e confortável.

Outro exemplo é o de Betina que aumentou o tamanho da sua casa de banho, tendo sanita, lavatório, cabine de chuveiro, banheira, mesa, máquina de lavar e de secar roupa. Betina vê este espaço como um santuário para os seus banhos de relaxamento, onde pode ter um momento privado com paz e silêncio, e massagem de água quente para relaxar os músculos doridos.

O texto volta ao tema inicial, sobre o surgimento de um novo “regime”, onde se verifica que atualmente as casas de banho tendem a ser maiores, com luz natural, com cor, decoração, temperatura confortável, novas tecnologias, e possibilidade de poder ter máquinas de lavar e secar roupa. A forma como o banho é utilizado passa de obrigação a prazer, passando mais tempo a cuidar do corpo, e algumas famílias aproveitam a casa de banho para estarem juntos nas horas de ponta. Quanto a imagens e significados, a casa de banho continua a representar higiene apesar de não ser tão importante quanto o bem-estar, e esteticamente há maior conforto, estilo e reflete diferentes gostos. Tendo em conta estes aspetos, a pesquisa indica que o novo “regime” do bem-estar passará a ser a normalização no futuro.

Assim podemos concluir que a casa de banho tem sofrido grandes alterações com o passar dos anos, estando a ganhar cada vez mais importância. Estas alterações são dadas pela cultura, novas tecnologias, novas necessidades dos seres humanos, e a economia. O “regime” higiénico foi estabelecido em 1970 quando a maioria das pessoas tinha acesso a uma casa de banho que era definida por ser branca e haver uma priorização da funcionalidade sobre o conforto. A limpeza do corpo passa a ser cada vez mais comum e mais importante na vida das pessoas. Mais tarde há a procura de tornar a casa de banho num espaço mais acolhedor por implementar cor, moveis e elementos decorativos. Com estas reformas o espaço passa a ser mais agradável e convidativo, fazendo com que os banhos passem de obrigação a prazer, durando mais tempo. Atualmente há a procura de uma casa de banho maior onde se possam instalar novos equipamentos relacionados com o relaxamento, marcando o surgimento do “regime” do bem-estar.

Acredito que o estabelecimento do “regime” do bem-estar nunca será estabelecido na totalidade. Sendo o problema da habitação um problema muito falado na atualidade, e olhando para países como os Estados Unidos e o Japão, a habitação está a seguir um caminho de minimalização da habitação para acolher o máximo de pessoas possível nas capitais. Este tema pode ou não se desenvolver para outros países nomeadamente Portugal, e caso aconteça, a maioria das casas de banho não serão grandes nem equipadas com novas tecnologias, fazendo com que o “regime” do bem-estar não se venha a concretizar, pelo menos não na sua totalidade. Na minha opinião a casa de banho não precisa de estar altamente equipada nem ser grande para pertencer a um “regime” marcado pelo bem-estar. Achei muito interessante o exemplo de Katrine, pequenas mudanças por si só fizeram com que a casa de banho que a início respondia ao regime higiénico, deixasse de estar totalmente focado na função e na higiene e passasse a ser também confortável, acolhedor, onde se sente o bem-estar. É de notar a relação que o ser humano tem com o espaço, sendo o ser humano um ser muito influenciável, Katrine não precisou de muito para se sentir bem, e ninguém precisa, o que a meu ver indica que relativamente ao “regime” da higiene, presente apenas na vida dos mais idosos, esteja muito rapidamente a desaparecer.

BIBLIOGRAFIA:

QUITZAU, Maj-Britt ; ROPKE,Inge - Bathroom Transformation: From Hygiene to Well-Being?, Home Cultures, 2009, (pág 219-242).

COMENTÁRIO AO FILME "KOOLHAAS HOUSELIFE" DE IIA BÊKA E LOUISE LEMOINE ESCRITO POR TOMÁS IMPERIAL

Neste trabalho o objetivo no fundo é justificar o porquê de no filme visto, “Koolhaas houselife”, estarem representados diversos espaços domésticos. Neste filme existe um confronto entre diversos espaços domésticos, que nos vão sendo apresentados, através da narrativa da empregada responsável por cuidar da residência.

Os diversos espaços domésticos vão sendo apresentados ao longo do filme, não seguindo uma ordem específica de apresentação, talvez esta fraca clareza de transição seja um pouco o reflexo da própria estrutura interna da casa, onde também é complicado entender com clareza os limites de cada espaço.

Porém desta confusa narrativa, algo reforçado pelo capítulo denominado “para trás e para a frente”, que demonstra um pouco como é viver naquele local, ou como é navegar pelo mesmo.

Ao longo do filme podemos identificar uma grande variedade de espaços, ou seja, ao longo do percurso realizado por Guadalupe, percebemos eu na mesma casa temos espaços claramente mais funcionais e outros menos, que cumprem propósitos bastante distintos. Podemos também perceber espaços bastante mais privados, tais como os quartos do casal, ou dos filhos, até ao escritório, que se desenvolvia sobre uma plataforma capaz de proporcionar diferentes ambientes, desde um mais íntimo, porém perto de uma claraboia, até um espaço bem mais aberto em outro piso, que seria mais público e permitiria ter uma relação totalmente diferente com a casa. Esta ideia de confrontos, também pode ser entendida, ou transmitida pela presença da senhora Guadalupe, que apresenta nas suas ações e discurso uma contradição, em relação aos relatos que apresenta ao público. Ao mesmo tempo que descreve alguns episódios, ou alguns espaços da casa, vividos pela abastada família dos proprietários, apresenta opiniões bastante divergentes, realçando como o mesmo espaço pode ser experienciado, ou sentido dependendo do contexto social a que a sua pessoa pertence. Isto pode ser exemplificado pela explicação do espaço que dá, ao falar da cozinha e rematando que mesmo se tivesse dinheiro nunca faria algo assim, tão pouco prático e cinzento.

Outro exemplo de que os ambientes podem alterar bastante dependendo de quem os vive é quando acompanhamos a senhora Guadalupe a dispor as cadeiras de uma forma bastonete específica e dizendo que não compreende o porquê da dona pedir, mas que é um desejo dela, ter as cadeiras sempre naquela posição, talvez pelo facto de a lembrar da +presença do seu marido, sentado, a beber café e a apreciar a vista, ou seja um espaço não tem de ser definido pelo que lá se encontra, mas pelo que esses objetos transmitem. Bastante semelhante a uma entrevista presente no texto, de Bille, onde a pessoa em questão admitiu ligar a luz da sala, mesmo não estando a utilizar, mas que a lembrava do namorado que estava distante.

Concluindo, este filme apresenta um confronto entre diferentes representações do espaço doméstico, podemos perceber que dependendo da luz, mobiliário e a própria forma do espaço influencia como se experiencia o espaço e também através da classe social de quem a experiencia.

ENTREVISTAS

I. O PERCURSO PROFISSIONAL

José Adrião: Porque é que decidiu fazer uma casa na Arrábida?

Francisco Silva Dias: Acho que por consequência de ter trabalhado no Inquérito da Arquitetura Popular e de ter lido o livro "Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico" do Orlando Ribeiro; sempre tive uma grande paixão pelo Sul e pelo Mediterrâneo. A minha tese de doutoramento é sobre a Arquitetura do Mediterrâneo em Portugal.

JA: A sua tese está publicada?

FSD: Foi publicada pela editora Caleidoscópio; chama-se "Raízes e Perspetivas do Urbanismo Meridional Português."

JA: Em relação a outras obras, lembra-se de quais eram os projetos que estava a fazer?

FSD: Recordo-me perfeitamente. Sou realmente um arquiteto com sorte; o destino tem sido muito generoso comigo. Foi muito impactante o trabalho que fiz com o José Rafael Botelho na criação do Parque Nacional da Península de Setúbal. Como já vos disse, sempre tive grande interesse pela arquitetura portuguesa vernacular e, talvez por isso, a participação no inquérito sobre a arquitetura regional me tenha marcado para sempre. Também a colaboração no GTH teve grande influência na minha arquitetura. Nessa altura, o António Alfredo estava também muito ligado a Azeitão, por causa de uns amigos; de modo que, decidimos comprar ali um terreno em 1960.

JA: O GTH é o Gabinete Técnico da Habitação.

FSD: Sim, o GTH fez o projeto do Bairro dos Olivais, e uma parte do Bairro de Chelas... e isto teve sempre muita importância nas obras posteriores e também na grande admiração que tenho por outros arquitetos; eu costumo dizer que tenho três pais na arquitetura: o Keil do Amaral, o Nuno Teotónio Pereira e o José Rafael Botelho. Ainda em relação a outros projetos, eu tenho poucos projetos de arquitetura. No meu atelier dediquei-me mais ao urbanismo. Enquanto trabalhei para outros arquitetos, estive envolvido noutros projetos; alguns dos quais me orgulho muito. Os ateliers que estão por cima da pastelaria Vá-vá fui eu que desenhêi, no atelier do Filipe Figueiredo.

JA: Há realmente muita coisa que tem que ser falada e partilhada; informações que não se podem perder. Só por palavras é que conseguimos fazer este trabalho. Aquele edifício são dois edifícios, um com o banco e antigo escritório dos Parodiantes de Lisboa, o outro com a pastelaria Vá-vá. Edifícios com duas caixas de escadas e dois elevadores distintos. Eu cresci por cima do banco, ao lado do Vá-vá; é muito engraçado pensar que eu estive muitas vezes lá e que agora sei que foi o Francisco que desenhou os ateliers.

FSD: É verdade. Enquanto lá estive desenhêi, também, a escada circular da Associação Naval de Lisboa. Foi a primeira coisa que construí, a primeira coisa que passou do desenho. Foi uma excitação.

JA: O Arquiteto. Filipe Figueiredo e o Arquiteto José Segurado fizeram o Conjunto Urbano do Vá-vá, fizeram o Casino do Estoril, fizeram, com outros dois arquitetos, a Avenida João XXI, fizeram o Cinema Alvalade.. a quantidade de obra que nos deixaram e não há, praticamente, nenhuma publicação sobre eles. Eu, que nasci e vivi num prédio feito pelo Arquiteto Filipe Figueiredo, percebi, há muito pouco tempo, que ele tinha feito o Casino do Estoril e o Cinema de Alvalade. Não há conexão. Nós somos muito fracos culturalmente. Temos mesmo de conversar; fazer o que podemos para conhecer e manter o património das gerações anteriores

FSD: Realmente existem histórias interessantíssimas. Eu ainda trabalhei no projeto do Cinema de Alvalade. Lembro-me que o Filipe Figueiredo convidou todos os colaboradores do atelier para irem à inauguração do Cinema; ele era um homem extremamente humano. Eu aluguei um smoking fino e a Antonieta tinha um vestido de tule. Naquele tempo a inauguração de um cinema era um evento importante.

JA: Onde é que era o atelier do Arquiteto Filipe Figueiredo?

FSD: O atelier do Filipe Figueiredo e do José Segurado foi, numa primeira fase, no Chiado. Era uma geração muito interessante, em que os ateliers serviam de tertúlias; o atelier do Filipe Figueiredo era uma tertúlia mais à esquerda. Todos se conheciam e encontravam; tinham o mesmo poiso... Houve uma altura em que o ponto de encontro era o bar desenhado pelo Filipe Figueiredo, o Rex.

JA: Essa questão das tertúlias é intrigante. Contou-me que ele desenhou a casa do Américo Tomás em Cascais, fazem também o Casino do Estoril... Eu pensava que, de alguma forma, estavam conectados com o regime.

FSD: Isso é uma ideia feita que tem sido perigosa. O Keil (do Amaral), era um homem coerente com as suas ideias políticas, mas dizia também “Eu estou a viver em Portugal, tenho que trabalhar para Portugal.” Por isso, não sei se o Filipe Figueiredo era de esquerda, mas é claro que não estava alinhado com o regime; nenhum estava, tirando talvez o Raul Lino.. Mas essa é uma época muito complexa. Não é “preto no branco”.

JA: Isso é, realmente, muito interessante. É também incrível pensar que o Filipe Figueiredo e o José Segurado fazem o conjunto urbano do Vá-vá entre 1952 e 1958. Le Corbusier tinha desenhado a Unidade de Marselha pouco tempo antes. Isto é, eles estavam mesmo dentro do debate internacional.

FSD: Os edifícios do cruzamento da Avenida de Roma com a Avenida Estados Unidos da América têm inspiração Corbusiana, não só por fora mas também por dentro. O edifício é composto por 13 pisos; até ao 6º piso é um bloco. O sétimo piso funciona como intervalo e, logo a seguir, existe um outro bloco em cima. Essa interrupção era uma galeria exterior, para comércio. O 7º andar era uma rua comercial; uma ideia extremamente inovadora na altura. A ideia era ter todo tipo de serviços: padarias, cabeleireiros.. O problema foi que, na fase de regulamento, foram exigidas escadas públicas de acesso às lojas. Foi então, por causa de um regulamento, que não foi possível fazer uma rua comercial num 7º andar em Lisboa.

Ainda assim, consigo assinalar como grande pico da minha vida profissional o 25 de Abril e, consequentemente, o Bairro do Zambujal.

II. O BAIRRO DO ZAMBUJAL

JA: O bairro do Zambujal acabou por ter de ser feito em simultâneo com a sua casa.

FSD: Sim. A casa demorou uns 9 anos no projeto e depois, com o 25 de Abril, tivemos que interromper a construção. Foi um ambiente muito perturbado e eu esqueci-me de pagar a licença de construção, aquilo que hoje chamamos de Alvará de Construção. De modo que a obra esteve embargada e demorou muito tempo.. O Bairro do Zambujal, que surgiu em simultâneo, andou mais depressa que a minha casa.

JA: É incrível, porque o Bairro do Zambujal ainda é uma obra grande.

FSD: É um bairro grande, por isso é que também é marcante na minha vida.

JA: Sim, o Bairro do Zambujal, ainda hoje, tem uma integridade e uma coerência.. mesmo a nível da topografia. É bastante original, mesmo. Não acho que haja muita coisa assim na Arquitetura Portuguesa.

FSD: É como digo: sou um homem, um arquiteto, cheio de sorte. Porque as histórias foram-se somando.. Quando trabalhei no GTH, o gabinete tinha uma exposição dos trabalhos que fazia; era uma coleção muito bem feita, pelo António Alfredo. Um dia, o Mestre Pinto Jorge foi visitar a exposição com uns alunos, e fui eu que expliquei a exposição. Passado uns dias, o Mestre Pinto Jorge perguntou se eu queria ir para a escola como docente. Trabalhei com arquitetos como o Nuno Portas, o Bartomoleu Costa Cabral, o Ferreira Pinto... Anos mais tarde, quando saí da Escola, o Nuno Portas chamou-me para ir trabalhar com ele no LNEC; vejam bem a sorte que é um arquiteto ser pago, pelo governo, para investigar. O LNEC, por sugestão do Portas, que é realmente um indivíduo excecional de trabalho e inteligência, lançou uma questão: “Como é que, com os mesmos recursos, podemos beneficiar um maior número de famílias?”

Na investigação chegámos à conclusão de que a solução poderia partir da Habitação Evolutiva; então, tentámos, a partir dos parâmetros do conforto (como as áreas, a térmica, etc.), perceber como é que se podia alojar mais gente. Por exemplo, se pegarmos na imagem de uma família que vive em barracas e a realojarmos para um T0, isto significa, de imediato, que os índices de conforto são melhores. Isto acontece porque as paredes são melhores, existem janelas, existe uma casa de banho, uma cozinha... O índice de privacidade não parte de uma base muito melhor, uma vez que estarão todos a conviver na mesma casa; mas, conforme a família vai evoluindo e os recursos vão aumentando, podem ir aumentando também a casa. Acho que sou um arquiteto com sorte, porque vivi uma revolução e foi possível que, de um estudo teórico, se passasse à aplicação; e a construção do bairro foi muito bonita.

JA: O bairro tem uma tipologia evolutiva também?

FSD: Sim, sim; aquilo começou tudo com casas que tinham uma sala, uma casa de banho, e uma cozinha; daí foi crescendo. Foi realmente uma aventura extraordinária porque o bairro foi, no fundo, fomento para a discussão sobre a habitação em Portugal.

JA: Como é que a casa sofreu influências do bairro ? Teve a ver apenas com essa condição de escassez ou pensou também que poderia ser evolutiva?

FSD: As casas do bairro começaram todas com uma sala, uma casa de banho e uma cozinha. A partir daí, foi determinante o extraordinário trabalho da equipa de orçamentistas do fundo. Fizeram uma tabela base e falámos com as famílias. “Se ficarem com uma casa com um quarto, com uma sala, com uma casa de banho e com uma cozinha, o estado contribui com uma ajuda de X . Se optarem por fazer mais um quarto, custa mais Y contos.. se fizerem mais 2 quartos, vai custar-vos Z...”. Toda a informação sobre estas variáveis estava exposta na Junta de Freguesia de Algés e portanto escolhiam consoante as suas possibilidades. É interessante porque todos eles evoluíram. Agora, olhando para o bairro, consigo perceber o modo como estes fenómenos sociais formaram a minha consciência política; “Este, que fazia parte de uma família estabilizada, cresceu mais do que aquele, que era uma família menos funcional.” Para além disso, acabei por criar uma amizade com aquela população. Ainda depois do bairro estar pronto iam muito ao meu atelier. Embora já não estivesse ligado ao bairro, tinham essa atenção; não construíam nada sem lá irem informar-me primeiro. Há uns tempos o bairro fez 10 anos de vida, e o Senhor Zé Maria, que era um líder lá do bairro, propôs-me que fosse lá porque organizaram uma sardinhada. Fui lá e ainda me deram uma medalha, imagine.

III. REFERÊNCIAS

JA: A casa amarela é também reflexo de alguma referência ou interesses desse momento ..?

FSD: Sim, lembro-me da Casa Branca do Raúl Lino. Era um exemplo da vivência que procurávamos. Na altura, também não instalaram eletricidade, suponho que continuem a viver do mesmo modo.

JA: Continuem. Um dos exercícios que fizemos foi na casa do Raúl Lino.

FSD: E continua sem eletricidade?

JA: Continua. Quem está com a casa é o Bernardo Pimentel, neto do Raúl Lino; ele é arquiteto e já foi professor na UAL. Continuem com a casa sem eletricidade e sem água corrente; levam bidões de água... Ele diz que é incrível. A sensação de estar à noite, com as velas... não ouvir música, nem televisão.

FSD: Eu realmente compreendo que era um certo atrevimento.. Mas a sensação daquelas noites a olhar para as estrelas...

JA: É realmente fantástico. E o Francisco lembra-se do que andava a ler ou quais os temas sobre os quais estava mais interessado?

FSD: Quando fui professor, existia, na faculdade, uma cadeira que se chamava

Análise de Espaço; um dos capítulos partia de uma conversa que tive com uma professora de História e Estética, a Maria João Rodrigues, sobre entender o nosso corpo como o principal agente-recetor do espaço. Havia um capítulo do curso que falava dos sentidos e da nossa perceção sobre o espaço. Se revisitarmos a imagem do “Homem Vitruviano” do arquiteto Leonardo da Vinci, podemos lembrar que “a nossa esfera” é composta pelos vários sentidos que já identificámos: o tato, a visão, a audição, a memória... Estes, assimilam as características espaciais, que cada um perceciona de um modo único e pessoal.

Havia, também na altura, uma revista italiana chamada Spazio, que lançou apenas três volumes. Num deles, havia um artigo do Luigi Moretti que falava sobre as características do espaço; falava sobre a forma, sobre a cor. E uma das outras características comentadas era a pressão. O Moretti define a pressão como “a energia que emana das paredes” e expõe como exemplos a gruta, estrutura com carga, e a tenda, estrutura sem carga. Eu sou muito sensível a esta “energia” e por isso dizia à Antonieta: “Quero uma casa com pressão” e a ela respondia-me que não queria “nada de pressões”. De modo que, a primeira coisa que têm que ver é se a casa tem, ou não, pressão.

JA: Os seus alunos conheceram o projeto da Casa Amarela?

Quando eu era professor, fazíamos sempre o possível para não transportar o atelier para o ensino; não trazíamos os desenhos do atelier para a escola e os alunos não sabiam nada sobre o que fazíamos. Houve uma altura em que os alunos insistiram em conhecer o nosso trabalho; por isso, resolvemos, eu e a Manuela Fonte, fazer uma semana que se chamava “Os Professores Confessam-se”. O objetivo era trazer uma obra pela qual nos sentíssemos afetivamente ligados e explicá-la; eu usei a casa de Azeitão.

IV. A CASA

José Adrião: Mas fale-nos, então, um pouco sobre a história da Casa Amarela.

FSD: Esta história tem muita graça. A Antonieta, a minha mulher, também era arquiteta; e, tanto ela como eu, tínhamos um grande paixão pelo campo. Há uma intervenção da Ana, nossa filha, muito engraçada; um dia, ela chega a casa e diz assim: “Oh pai, os outros meninos, lá da escola, vão para a terra. Nós não temos terra?” Nós resolvemos dar-lhe uma terra, e acabamos por ficar muito ligados a Azeitão.

JA: Que desafios enfrenta um arquiteto ao desenhar a própria casa? Quais é que foram as primeiras intenções?

FSD: Há pouco, perguntei se (o exercício) era a própria casa, porque a casa tem dramas. Durante 9 anos, andámos a ver se fazíamos uma casa juntos; não conseguíamos porque éramos os dois arquitetos. Um era homem, o outro era mulher.. chegámos até a ponderar contratar um arquiteto para fazer a nossa casa; não nos entendíamos.

Pode não vir a propósito, nem sei se tem alguma relação, mas o meu signo é caranguejo; sou mediterrânico, e gosto das coisas aconchegadinhas... como um caranguejo. A casa cova, uma caverna, tudo tem a mesma raiz; portanto imaginava uma casa fechadinha, aconchegada. A minha mulher era gémeos e nasceu num planalto angolano; portanto, podemos imaginar os grandes panoramas. Lá, basta a casa ter um telhado; o que é preciso é que ventile.

JA: Como é que estava o terreno quando lá chegaram?

FSD: O lugar chama-se Vale Pereiro mas era conhecido como “O Terreno Careca”; isto porque, no meio da paisagem tão equilibrada, o antigo proprietário, que era um camponês, resolveu fazer ali uma vacaria e aterrar o terreno. O sítio onde fizemos a nossa casa estava terraplanado, e havia uma pequena agricultura de subsistência... umas couves e outras coisas.

JA: Falei com um amigo meu, o Sebastião Carmo Pereira, arquiteto paisagista, para ele nos ajudar a ler aquela paisagem a nível de espécies e de sistemas. Acho que um grande problema que nós, arquitetos, temos é o de chegarmos a essa ampla área verde e não termos capacidade de ler sistemas.

FSD: Claro, eu concordo. A nossa ideia em relação à casa era comprarmos o terreno e deixá-lo crescer naturalmente. Brincávamos, na altura, que se quisesse nascer um pinheiro no meio da sala, nós desviávamos as cadeiras e o pinheirinho crescia. Hoje, a casa está desequilibrada em relação ao sítio, porque, com o problema dos incêndios, cortaram-nos uma série de árvores. Pode chocar um pouco, mas não fomos nós.

JA: A ideia era fazer uma casa fim de semana muito simples, escassa?

FSD: Sim, era a ideia. O terreno é uma tira; tem cerca de 5000 m2, com 30 por 180 metros. A geometria resulta de uma tentativa de dividir de modo justo as propriedades. Estas eram divididas de modo a que qualquer dos herdeiros tivesse pelo menos uma parte de solo bom; por isso tem estrada, mato, e horta em baixo. Eu e o Veiga da Cunha comprámos um terreno, e depois dividimo-lo. Ele fez uma casa que está um pouco mais em baixo.

JA: E a casa do vosso amigo, era um projeto do Francisco também?

FSD: Sim, o projeto é meu. No projeto, as casas eram semelhantes; mas nós tínhamos atitudes completamente diferentes em relação à casa. No projeto, nenhuma das duas casas tinha eletricidade. Nós tínhamos de viver com velas, com fogareiros e candeeiros a petróleo, tínhamos um poço...

JA: Tinham um poço.. Claro, vocês estavam a continuar uma maneira de viver que tinha sido a maneira de viver até aí... até aos anos quarenta.

FSD: Para o meu amigo a casa não era isto. Hoje, a casa dele tem ar condicionado, tem internet é uma segunda habitação. E, se não formos um pouco resistentes, isto é natural. Ele também tem muitos filhos, e discutem-se sempre estes temas; uns querem televisão, outros não querem, outros querem piscina, outros não querem... Nós discutimos muito isso. Para mim, esta é uma casa para pensar; reflete ainda o projeto inicial. Só fizemos, mais tarde, o muro que desenha o pátio da cozinha. O meu desenho é evolutivo mas a casa tem uma personalidade que se mantém. Como eu descrevo nas memórias, a casa é uma casa oca; o volume é um cubo de 7m x 7m x 7m, e, no interior, a casa é um único espaço de pé direito duplo. Existem apenas dois compartimentos com ligação à sala, o nosso quarto e a casa de banho; o nosso quarto comunica, ainda assim, com a sala a partir de uma janela interior. Os miúdos adoravam ir lá acima e ter uma janela que não dá para a rua mas que dá para a sala. É um único espaço com 7 camas; e chegaram a dormir 14 no chão... É engraçado porque a nossa família somos eu, a Antonieta e 3 filhos; cada um de nós escolheu o seu sitio. A Ana quando vai lá a casa dorme sempre ali, quando vai o pedro dorme sempre ali, o Tiago dorme sempre ali... cada um escolheu, para si, o seu nicho.

JA: A chaminé tem também aqui muita importância; a marcação do habitar, do lar..

FSD: Eu costumo dizer que a janela é o elemento fundamental; a diagonal do cubo que aponta a sul, que aponta a Arrábida. Escrevi sobre isso; um texto sobre as várias janelas e a paisagem. É muito interessante olharmos de dentro de casa para fora, sem vedações à volta, e percebermos um primeiro, segundo e um terceiro plano, mais distante. A poética da sala e da janela de canto vem da Antonieta e dos grandes horizontes. O lugar da lareira é o meu. É ali que eu gosto de estar aconchegadinho, com o pavimento mais baixo, na tal carapaça.

Lino: Depois de todos os anos de experiência, o que acha que poderia alterar/ melhorar no projeto?

FSD: É uma boa pergunta. Quando eu andava na escola, no princípio da minha vida profissional, houve uma grande polémica entre os arquitetos organicistas e os racionalistas. Sobre esta discussão, existe um livro, do Bruno Zevi, chamado

“Em direção a uma Arquitetura Orgânica”, que abro sempre na mesma página. A página é composta por duas colunas, num dos lados a coluna relativa ao arquiteto racionalista e a outra relativa ao arquiteto organicista; nela enumera 14 diferenças entre os dois. Sucintamente, afirma que um deles é o produto da razão, e que outro é produto da emoção, diz que um é o produto da geometria, e que outro é o produto da imaginação... Ora isto, no meu tempo, era motivo de grandes divisões. Esta casa é, de um modo mais evidente, racional; é um cubo. Ainda assim, eu sinto que, tendencialmente, sou mais organicista; e neste caso, especialmente emocional. Não sei se respondo à sua pergunta mas, aqui nesta casa, eu creio que consegui conciliar a razão com a emoção.

LUZ: Arquiteto, e em relação à cor, porquê o amarelo?

FSD: A casa sempre foi amarela, porque era a tinta mais barata. Nós, eu, a Ana, o Pedro, e o Tiago, somos fãs do Barragán. Chegámos a conversar em pintar a casa com a dimensão cúbica do Barragán; com um plano colorido aqui, um outro, com o plano do céu ali. Mas o Barragán é o deus, a gente não pode. Hoje é uma tinta da CIN mas antigamente era mesmo caiada com ocre; a quantidade de ocre, era posta a olho. Por isso ficava umas vezes mais amarela e outras menos mas é engraçado porque deu origem a uma referência toponímica. Toda a gente conhece a casa amarela. Mas a textura da pintura a cal, o utilizar a madeira de pinho, não pintada, no chão... tudo partia da ideia de trabalhar com produtos naturais; era uma convicção. Hoje reconheço que a cal traz outro conforto, permite a casa respirar. Para mim, o ambiente da nossa casa, no interior, é completamente diferente da casa do Veiga da Cunha, que a pintou com uma tinta química.. talvez seja a lógica dos sentimentos, pelas férias que passava na Beira Baixa, em casa dos meus avós..

JA: Os seus pais eram de onde? Quais são as suas raízes?

FSD: O meu pai era de Cardigos, perto do Tejo; e os meus avós eram de Proença-a-Nova. Eu agora estou a escrever as minhas memórias; o livro está quase pronto e é constituído por uma parte literária e por uma outra parte desenhada. A parte desenhada funciona como uma espécie de álbum, com desenhos e fotografias que falam sobre o (bairro do) Zambujal, sobre a visita que fiz a Itália, sobre o Bloco de Marselha e, claro, sobre casa de Azeitão.

JA: Disse que começaram a habitar a casa em 1978, são quase 50 anos.. Como é que foi a vivência, nesta casa, nos últimos 50 anos?

FSD: Para os nossos filhos, foi vivida entre muitos amigos, muitas festas... Para mim e para a Antonieta é o nosso escape.

Queríamos começar por saber o seu ponto de vista em relação a como foi viver a casa. Qual era a ideia do seu pai quando decidiu construir a Casa? Como surge o projeto?

ASD: Como era pequena, acabei por não acompanhar o projeto, mas o que foi interessante foi a relação que nós tivemos sempre muito próxima ao terreno, à evolução da casa e à localização. Íamos pensando em que sítio é que a casa poderia estar e acabámos por decidir o sítio acampando. Não imaginava o que é que era o projeto, porque não conhecia. Não tinha capacidade para ver como é que se desenvolvia, mas sabia que íamos ter uma casa ali, pequena e que tínhamos aquela relação com o terreno. Lembro-me de umas fotografias, por exemplo, do poço, havia uma visualização muito mais fácil antigamente da cota onde está a casa em relação ao poço e, portanto, acabávamos por viver mais o terreno. Como o meu pai dizia, à medida que foi crescendo a paisagem nós fomos subindo e passámos a admirar a paisagem de dentro de casa. Foi uma relação engraçada porque, apesar de eu ser mais pequena, tinha uma maior compreensão da extensão do território, e, quando comecei a ficar mais velha, ficava na casa a ver o território que explorei em pequena.

AP: Quando fizemos a visita ao local, foi-nos dito que a casa era experienciada através da vivência mínima, ou seja, a casa não possuía eletricidade, e era alimentada pelo poço. Como foi crescer nesta casa através desta vivência mínima?

ASD: Sim, a falta de eletricidade foi sempre um problema. A ideia que eu tenho é que me incomodava um pouco ir para um sítio que não tivesse eletricidade. Acho curioso que nós tivemos primeiro telefone, ou seja, tínhamos uma ligação à civilização via telefone, mas não tínhamos eletricidade. Para uma criança que toda a vida viveu com a ideia de que há sempre luz, não foi uma boa experiência viver sem eletricidade, ou tínhamos de andar com uma vela ou com uma lanterna. Portanto, o período que vivemos sem eletricidade foi um período, a que não achei muita graça.

TH: A casa, com as várias gerações, foi vivida da mesma forma ao longo das décadas?

ASD: Eu acho que sim. Foi passando de geração em geração porque os meus pais sempre foram para lá e nós ficávamos às vezes em Lisboa, seja por causa da escola ou porque tínhamos coisas para fazer. Depois, a partir do momento em que a casa começa a ser um pouco complicada para se viver para pessoas com mobilidade reduzida, passa a geração seguinte a viver a casa. Fazíamos exatamente a mesma coisa, passar as férias, estar com os filhos agora já são os netos. Os meus filhos já vão para lá fazer exatamente a mesma coisa, passar os dias com os amigos, estudar, descansar. É engraçado porque acaba por ser a mesma vivência que vai passando gerações e a casa mantém-se a igual, sem ninguém a querer mudar. Mesmo com a falta de equipamentos íamos para a casa para jogar, para ler, para viver o espaço e a paisagem. Não queremos que seja uma casa de férias com todos os requisitos que exige uma casa na cidade e isso mantém-se atualmente e as gerações seguintes também compreendem isso.

AP :Como nos foi dito, a casa foi pensada sob esta ideia de ser evolutiva. A nossa questão seria; de que forma é que a casa poderia evoluir para criar mais espaços?

ASD: O problema é que nós somos vários arquitetos, portanto nunca chegámos a uma conclusão. De facto, a casa pode evoluir e já foram faladas algumas opções. Há quem queira uma piscina e tem de possuir uma ligação à casa, há quem ache que se pode construir outras casas e fazer uma relação, portanto, sendo a Casa Amarela a casa mãe e ter as outras em função dela. Acho que é mais um exercício que se vai pensando, mas não sei se alguma vez se irá realizar.

TH: Quando se fala da Casa Amarela, fala-se muito de conforto. Para a Ana qual é o seu espaço de conforto, o seu ninho?

ASD: Acho que temos todos o mesmo espaço que é o da lareira, este é o espaço mais simpático para estar a ler, para descansar ou para estar ao pé do fogo. Quando era mais pequena costumava estar lá em cima, na mezanine onde brincava muito com os meus irmãos e primos. Mas a zona mais aconchegante da casa é de facto a lareira, que é um espaço que é quase o centro da casa, neste sentido de aconchego ou conforto.

TH: Já alguma vez pensou se a casa tivesse sido desenhada por si, se faria diferente?

ASD: Não sei, imaginava dar sempre ênfase à Casa Amarela e fazer a outra mais discreta e mais integrada. Esta é a minha visão, não quer dizer que não se possa fazer um contraponto, mas eu, pessoalmente, se me dissessem de repente como é que fazia, eu fazia uma coisa mais discreta mais integrada, portanto dava mais ênfase e mais importância a esta e depois íamos evoluindo dentro do terreno. É uma situação pessoal, não quer dizer que não haja outras hipóteses. Até por uma questão de ter sido meu pai fazer esta, e de haver aqui uma história, e, portanto, as outras histórias são sempre subsequentes.

AP: E como é que é hoje? Ainda se vive a casa da mesma forma que antigamente?

ASD: Eu acho que é isso, que é manter sempre o espírito e estamos todos e quando os netos vão para lá com os amigos é o mesmo espírito, aliás chegam lá e todos os amigos dizem a mesma coisa às gerações: “Ai que bonito, eu quero ficar aqui e vou ficar aqui a fazer o meu doutoramento ou a minha tese, porque é sossegado ninguém me chateia...”. Este espírito continua a ser a transmitido e sentido, portanto, mesmo as festas que nós fazemos lá, as pessoas continuam a gostar de lá estar, é um acesso difícil, mas chega-se lá e fica-se. Ela é pequenina mas como tem vista para a Serra parece enorme. Mas é engraçado que, se virem as fotografias quando nós éramos pequenos em que estamos a construir o poço e não sei porque estamos com uns tijolos, vê-se tudo lá para cima. Um descampado completo; Depois houve uma relação entre casa e paisagem que se foi construindo, portanto é engraçado porque foi uma construção conjunta e rápida porque as árvores cresceram muito depressa. Houve aqui entre construção e paisagem uma relação muito próxima e que encaixou e que acabou por complementar-se. O poço foi construído na mesma altura. Houve um senhor a ver onde é que havia água e havia água junto àquele ribeirão. As duas casas foram construídas na mesma altura, tinham uma tipologia muito semelhante e depois o outro senhor acabou por fazer a evolução e aumentar a casa, no meu entender um pouco descaracterizada, mas não interessa. O poço, por exemplo, é comum às duas casas, a água vai do mesmo sítio e é distribuída para os dois, portanto há aqui uma relação muito próxima.

LM: Quais é que são as principais características deste sitio onde estamos a intervir?

SCP: A serra é um elemento que se vê ao longe. No nosso passeio ao local andamos em zonas de serra e apercebemo-nos da sua diferente vegetação e diferentes espécies, este passeio permitiu aos alunos uma perceção diferente do lugar. Ao observar a Casa Amarela percebemos que esta é construída numa zona de transição da serra, o que prevaleceu junto à casa foi a sua continuidade de vegetação, esta estendeu-se até ao pátio, devido ao seu crescimento sucessivo, anos após anos; a sua textura e o seu matagal são iguais aos da serra. Em relação ao projeto existe sempre este dilema: “até que ponto a análise condiciona ou não o projeto?”

O projeto não é uma coisa passiva. A análise, ou seja, o facto de nós nos apercebermos o que lá existe vai entrar em confronto com as nossas intenções de projeto, disto permite que o projeto avance; existe sempre um lado humano sobre o existente, não há uma contemplação passiva.

O Genius Loci ou o Génio do Local é um génio que indica como o projeto deveria ser feito, este faz uma análise do terreno, embora haja sempre esta imposição da vontade humana.

Pegando no exemplo do Palácio de Versalhes, aquilo era uma zona pantanosa, irregular e selvagem quando Le Nôtre vai, lá e decide fazer canais de drenagem; no fundo utiliza um espaço de água e transforma toda esta zona natural, de modo a construir uma paisagem organizada e regularizada.

Se Le Nôtre tivesse recorrido a um Génio Local, o Génio teria mantido aquilo como uma zona pantanosa.

AR: De que forma esta citação se adequa com a envolvente paisagística projetada por Francisco Silva Dias e qual o diálogo que esta faz com a serra e os seus caminhos?

SCP: Burle Marx explica que a vegetação é um material completamente vivo e está sempre a evoluir. Ao contrário de um edifício, a vegetação não tem aprovação da obra porque a manutenção faz com que ela cresça num sentido ou noutro.

Godard tem uma citação de que gosto muito “o jardim sugere as suas próprias alterações”. O jardineiro que acompanha o jardim, quando vê que morre uma planta, que cresce mal ou que está a crescer demasiado, tem o papel de saber intepertar isso e alterar. É por isso que os espaços exteriores presentes na cidade acabam por ficar muito degradados e acabam por morrer. Porque não há o culto das pessoas que acompanham. É isto que Burle Marx explica pois ele tinha um acompanhamento muito direto do jardim, sem este culto não há jardim.

A Fundação Gulbenkian tem uma equipa de jardineiros que consegue ter um nível de tratamento dos espaços muito cuidado, as vezes até leva a alterações.

Os projetos dos jardins dos Olivais aguentam pois estão muito bem desenhados. Aguentaram a morte de muita vegetação, o que se deve também à modelação de terreno.

Em relação a Casa Amarela e à Serra da Arrábida, temos de perceber como o tempo e a mudança são essenciais, segundo Burle Marx.

A serra, com imensos terrenos agrícolas, tinha um grau de pastoreiro muito elevado e a vegetação existente antes da Segunda Guerra Mundial era muito reduzida em relação ao que vemos hoje em dia. Com o desaparecimento do pastoreiro e dos terrenos agrícolas, a vegetação cresce consideravelmente.

LM: E as árvores-marco presentes na casa amarela?

SCP: A primeira aparição dos ciprestes na Arrábida foi percisamente no convento,. Mais tarde, Francisco Silva Dias, Eduardo Souto de Moura e outros arquitetos com projetos na Arrábida vão utilizar o convento e os seus ciprestes como referência.

AR: Perguntamos sobre algo que nos inquieta, sobre a profissão do arquiteto paisagista. Como é trabalhar sabendo que, nunca verá o seu trabalho finalizado?

SCP: O que me preocupa mais é não capacidade de manutenção, ou seja a fase de construção é uma fase inicial, mas, a partir do momento em que há um abandono completo, mais vale planear o projeto com estratégias que asseguram que a natureza vai crescer por si só; o Francisco Silva Dias na Casa Amarela planta os pinheiros mansos, que possibilitão condições favoráveis para o aparecimento de nova vegetação.

AR: Qual é este exercício de equilíbrio entre o homem e a natureza e de que maneira e que eles se encaixam?

SCP: O que acontece é que o projeto paisagístico está sempre a evoluir e o homem é que decide como vai interagir com esta evolução, de uma forma mais rígida ou de uma forma mais ausente, como diz Herberto Helder, uma coisa é a arte e outra coisa é a natureza sozinha.

Claro que o homem na maior parte dos casos tem esta tendência de dominar o que é selvagem, pois sente-se muito desconfortável e precisa, de alguma maneira, de a dominar.

A Ana Silva Dias descreve isto muito bem, pois não gostou daquela experiência inicial de acampar.

Por outro lado, esta casa é um grande exemplo de pertencer à natureza e consecutivamente à serra. Isto acontece primeiro com a intenção de criar o seu próprio ninho, de modo a pertencer à paisagem envolvente, ao observarmos a casa não conseguimos perceber quais são os seus limites. Tanto que na visita que eu tive convosco tivemos dificuldade em encontrar o poço.

Hoje em dia não vemos este gesto de gentileza por parte de maior parte das pessoas, elas limitam-se a destruir a paisagem, domesticando-a de uma maneira muito agressiva, construindo enormes relvados e piscinas.

LM: Num momento em que refletimos sobre a natureza na cidade e as questões da sustentabilidade são fundamentais, na sequência do trabalho que estamos a desenvolver, questionamo-nos; qual o papel do homem na natureza?

SCP: Há uma tendência natural para pensar que a natureza é estática, ou seja, pensar que ela sempre foi assim, e é assim há milhares de anos. Tudo é mutável, o Homem não tem só este papel destruidor mas também não tem só um papel conservador, o Homem funciona como elemento de interrupção, alteração e de diversidade, há sempre um padrão, quanto mais interrupções na natureza houver, maior diversidade é construída, desde que o homem consiga equilibrar e gerir esses periodos no tempo certo e no lugar certo.

ENTREVISTA A PAULO DAVID NA EXPOSIÇÃO 12 PROJETOS

André Matias e Luz Cancela de Abreu

Como define abrigo? O que influência mais, o espaço as pessoas ou as pessoas o espaço?

PD: Entendo abrigo como espaço, como porção de ar que me pode, de certa forma, construir ou compreender a condição da vida nos mais diversos sentimentos que ela própria concerta.

A segunda pergunta vai abordar o espaço, e o que me interessa no espaço é a coreografia do corpo na porção de ar que nós construímos, no desenho do ar. Os arquitetos estão sempre a construir paredes, a encerrar espaços, mas o que me interessa é o desenho do ar que a arquitetura convoca. Esse desenho, essa porção de ar, é o que me faz desenhar as coreografias do corpo. Portanto, é essa condição de interioridade que define um abrigo. A capacidade de constituir a compreensão do meu corpo perante a limitação, ou a porção de ar que eu tenho.

O abrigo concerta dois momentos de alma antagónicos. Isto é, nós temos de desenhar para a felicidade, mas também temos de desenhar para o luto. E as casas têm de desenhar estes dois momentos. Desenharam para o nosso estado.

A vida é a travessia entre vários momentos, e o que me interessa no abrigo é essa condição de acolhimento; a casa introduz uma interioridade aos diferentes momentos da vida. Acolhe momentos de felicidade, mas também sabe atravessar, nessa mesma pressão de ar produzida, que é o abrigo, a condição do luto.

O abrigo é quando eu me sinto bem no atravessamento dos diferentes momentos, na condição de dobra que ele próprio faz com o mundo externo. É essa dobra que concerta esta condição de defesa.

O Gonçalo M. Tavares tem uma definição de casa, em que diz que: o que nos assusta é a floresta, e nós construímos a casa, porque a floresta representa o inesperado e, possivelmente o agressivo. Daí que construímos a casa para conseguirmos atravessar as nossas florestas interiores que também possuímos.

Portanto essa é a condição, digamos, filosófica da questão do abrigo; mas a condição de abrigo que também me interessa como arquiteto, é esta condição da dobra, que ele resolve com um interior-exterior, é a relação que eu tenho com os enquadramentos que ele faz com o externo.

Em relação à segunda pergunta, eu não consigo decifrar uma coisa e a outra. Porque, no caso do arquiteto, o espaço é feito para que a vida se realize, logo, se é para a vida se realizar, é para as pessoas.

Portanto a coexistência é o que me interessa nesta pergunta. A coexistência entre o espaço e as pessoas. É difícil imaginar um espaço sem imaginar a coreografia das pessoas, ou a minha coreografia no espaço. Há aquela história do Eduardo Souto de Moura, que projeta uma casa onde se imagina a fazer a barba, e o mais interessante, é que ele não faz a barba. Ele tem a barba comprida. Ou seja, a casa quase que exerce nele próprio movimentos corporais que ele não realiza normalmente. Quando projeta uma casa imagina-se a fazer outras coisas, ou imagina outros utilizadores a fazerem-no mesmo que ele não o faça, e isso parece-me interessante; a posição do arquiteto, o estruturar ao limite as possibilidades de um espaço.

Tens que te despir para conseguir entender. É preciso desnudar os nossos hábitos para conduzir o espaço. Portanto acho que está intrínseco, não sei o que começa primeiro e quando começa o outro.

Logicamente que a primeira preocupação é as pessoas, e elas devem percorrer um determinado espaço o melhor possível. Depois é um equilíbrio. Nós estamos sempre a desenhar para o corpo, é ele que dita as regras. Os dois aspetos têm que estar em sintonia.

Há aqui um tema que não está incluído nesta pergunta, que são os objetos. Eles definem a posição do corpo, e vice-versa. Porque desenhar um espaço para um corpo vertical é uma coisa, desenhar um espaço para um corpo na horizontal é outra coisa.

O que vai organizar os objetos não é aquilo que nós pensamos ser um quarto, ou uma sala, é o corpo e a relação do corpo com esses objetos. O que nós queremos que o nosso corpo faça com esses objetos é que vai desenhar o espaço.

Portanto nesta pergunta eu o introduzia objetos; objetos que fazem a ligação entre as pessoas e o espaço.

Quando se desenha um hospital estamos a desenhar pessoas deitadas, quando desenhamos uma casa estamos a desenhar pessoas em movimento, portanto os objetos comandam mais. Não há designação de espaços, há conjugação de verbos entre nós e o espaço, estruturados perante objetos.

AM: Existiram e existem várias formas, de desenhar o espaço e de imaginar vidas para esse espaço. Há várias tipologias, há arquitetos que desenharam coreografias

específicas para os seus espaços, e há outros cujo espaço por eles desenhado, permite a quem o habita movimentar-se mais livremente.

PD: Também sou mais defensor da planta livre, sabendo que, por vezes a questão da rigidez é o que convoca a liberdade. Se nós olharmos para uma planta pom-balina, ela é extremamente rígida, mas, curiosamente, é nessa rigidez, nessa quadrícula que se desenha melhor a liberdade. Eu consigo desenhar imensas coreografias diferenciadas naquele espaço. Portanto onde está a fluidez? Está num espaço rígido, ou num espaço escancarado?

Desenhar a ruína é um ótimo exercício, a ruína é a essência, vemos o que é que pode permanecer como espaço, e depois, a vida vai desenhar outra coisa. Se a ruína estiver concertante e permitir estas coreografias ficamos contentes, por vezes nem sempre se consegue.

ENTREVISTA A JOÃO FAVILA NA EXPOSIÇÃO 12 PROJETOS

André Matias e Luz Cancela de Abreu

Como define abrigo? O que influência mais o quê? O espaço as pessoas ou as pessoas o espaço?

JF: Relativamente ao abrigo, se entendermos o abrigo como espaço de proteção, como um espaço que nos é mais íntimo e nos é mais confortável, no sentido de conseguirmos ter um certo equilíbrio, é uma coisa que tu encontras dentro de ti. Não é uma coisa física, é uma coisa mental. O teu equilíbrio está na tua forma de pensar, na forma como tu consegues organizar os teus pensamentos e em como tu consegues ver o mundo. O teu abrigo mais íntimo é o mais difícil de penetrar e violar. Por mais desconfortável que tu estejas, mesmo numa cadeia, se fores uma pessoa equilibrada e que sabe pensar, consegues te encontrar e entrar num certo equilíbrio.

Isso é o primeiro aspeto, mas obviamente que há espaços que ajudam a que tu te encontres contigo, porque no fundo és o teu abrigo mais íntimo. Geralmente a pessoa associa abrigo à casa, mas há muitos casos de pensadores, de filósofos e de músicos que precisam de um sítio onde conseguem ter um determinado tipo de silêncio; um determinado tipo de envolvimento, onde conseguem fazer uma introspeção mais profunda. O abrigo é onde consegues alcançar uma espécie de apneia dentro de ti mesmo. Há espaços que te convocam muito mais isso do que outros, no trânsito, no caos, uma pessoa pode encontrar esse abrigo, mas se tiveres uma paisagem idílica, muito natural, é mais fácil. Estares à beira-mar quando o mar está calmo é mais fácil. Fisiologicamente o teu organismo altera-se. No fundo o abrigo são lugares em que tu consegues mergulhar dentro de ti, não és distraído pelo dia a dia, pelos horários, pelos almoços, pelos familiares, portanto encontras um lugar onde podes mergulhar sem ninguém. Esses lugares têm muito a ver com a relação com a natureza, quanto mais isolado, mais forte e mais fundo vais nesse mergulho. Não é por acaso que tens a tradição eremítica católica, que tens várias religiões, e que existem tradições como o jejum do monge no deserto, a escalada ao Evereste, a volta à Terra num barco solitário.

Quando tu estás num ambiente em que a natureza tem uma escala avassaladora tu ficas pequeno, e realmente o teu abrigo é a tua maneira de pensar. Esse espaço grandioso influencia a tua maneira de pensar. Quando se pensa no abrigo físico, por mais pequeno que seja, porque há sempre essa necessidade; seja a Cabana do Heidegger; seja o barco do velejador, seja o que for, há sempre uma cápsula, e essa cápsula é muito contaminada. Eu lembro-me quando era muito miúdo, no sul da Madeira, tinha um primo meu que era fascinado com a vela, e fazia uma coisa que eu achava inacreditável. Ele quando começou a estudar aqui em Lisboa ia em solitário de barco até ao Funchal. Quando tínhamos todos 15 anos ele acompanhava uma série de navegadores, e, na altura parou lá um brasileiro que tinha dado a volta ao mundo e estava a chegar ao Funchal. Nós fomos ao porto falar com ele, e a coisa que mais me impressionou foi o ambiente do barco, porque eram as memórias dele. Não era um barco como nós conhecíamos, era o abrigo dele.

Se formos por exemplo à Cartuxa, aquelas células dos monges que querem estar em solitária, aquilo basicamente é o espaço mínimo em que uma pessoa consegue estar uma vida inteira fechado. E aquilo é uma espécie de microuniverso que eles criam, mas é uma coisa muito mental. Depois claro, está associado a pequenas funções, pequenos rituais, e por isso, esse espaço é todo desenhado segundo essa maneira de ver o mundo basicamente.

AR: E o que é um espaço silencioso?

JF: Há imensos livros sobre isso lindíssimos, há um do Erling Kagge, editor, empresário e filósofo, que fez uma série de caminhadas e tem um livro muito bonito que ele escreve para as filhas, chama-se “Silêncio numa Era de Ruído”. Ele explica a importância do silêncio para ele, e isso é realmente muito bonito porque são espaços que cada vez temos menos, mas que algumas pessoas ligadas ao pensamento ou à criação precisam muito.

LCA: Então o silêncio é também uma coisa mental?

JF: Absolutamente. Tu quando te isolas e deixas de falar, comesas a ver e a ouvir melhor. Ouves coisas que nunca ouviste, o vento a bater; os insetos; o murmúrio. Nunca há silêncio. As câmaras de silêncio para gravações por exemplo, há pessoas que se incomodam imenso com isso, porque tu entras numa câmara em que não há vibração de som. O som é totalmente absorvido, então tu comesas a ouvir o teu coração e o teu respirar.

ENTREVISTA A INÊS LOBO NA EXPOSIÇÃO 12 PROJETOS

André Matias e Luz Cancela de Abreu

Como define abrigo? O que influência mais o quê? O espaço as pessoas ou as pessoas o espaço?

IL: Eu acho que não há uma definição de abrigo que corra a história da arquitetura toda de uma ponta à outra, porque a definição de abrigo está sempre associada àquilo que num determinado tempo e num determinado lugar, nós, pessoas, homens e mulheres, exigem que o abrigo seja. Daí que, há uma variação grande naquilo que nós necessitamos de construir para nos abrigarmos. Eu penso que o abrigo esteve sempre muito ligado à capacidade que tivemos de ler um determinado território e de perceber o que é que precisávamos de construir nesse território. Há uma coisa que é bastante interessante, se andarmos bastante para trás na história, nem sequer precisávamos de construir, precisávamos de encontrar um lugar no território onde nos considerássemos abrigados. E eventualmente, ao longo do tempo fomos precisando cada vez de mais coisas. É um tema interessante; teríamos de tentar refletir porque é que assim o é. Já que avançamos imenso no ponto de vista tecnológico, ao mesmo tempo, exigimos cada vez mais a proteção daquilo que construímos a outra escala. Ou seja, agora isto é uma questão interessante para vos fazer a vocês, que é: onde é que nós sentimos necessidade de construir mais? Sentimos necessidade de construir mais para nos abrigarmos quando estamos na cidade ou quando estamos no lugar onde a natureza ainda domina? Portanto, quando nós estamos na cidade abrigamo-nos de quê? Quando estamos na natureza abrigamo-nos de quê? São duas coisas bastante diferentes. Vocês também podem responder.

LCA: Eu acho que temos de nos abrigar de coisas diferentes, estando num sítio ou noutro. Onde é que sentimos mais necessidade de construir para nos abrigarmos? Provavelmente na cidade; conhecemos muitas casas refugio ou casas de férias, normalmente são casas construídas com o mínimo possível para se conseguir habitá-las. E têm a intenção de fugir ao quotidiano e à vida de cidade. Mesmo na Casa Amarela, sabemos a partir dos filhos que iam para lá, e do filho que viveu lá durante um ano, que se vivia com aquilo que a casa oferecia e não sentiu necessidade de ter e de construir mais. Mas eu também penso, e estas perguntas partiram muito de eu achar que isto depende de pessoa para a pessoa, eu acho que não há uma resposta certa e a minha resposta pode ser diferente da sua. Há quem precise de mais no meio da natureza e de menos na cidade.

IL: Eu não sei se depende tanto das pessoas. É óbvio que nós sentirmo-nos abrigados, com certeza que tem variação de pessoa para pessoa, mas essa variação não é suficientemente grande para mudar tanto aquilo que se constrói. O que eu acho interessante nesta ideia de que na cidade, nós temos de contruir mais para nos abrigarmos, é assim uma espécie de confronto ou de antítese: Se dissermos que a cidade é também ela um abrigo, à grande escala; que nós inventamos a cidade para nos reunirmos todos, para habitá-la; e ela é assim uma espécie de abrigo a macro escala. Depois, exatamente porque a enchemos de pessoas para nos conseguirmos sentir abrigados, talvez aí a palavra abrigo não é certa para conseguirmos atingir um grau de privacidade que desejamos, e então precisamos de construir mais. Eventualmente até de uma forma mais artificial, porque precisamos de construir com outra escala, com outra complexidade, etc. Quando estamos no meio da natureza, o primeiro ato para encontrar um abrigo é só encontrar um lugar. E isso é a questão fundamental. Se encontramos um lugar certo, podemos ter a sensação de que estamos abrigados ou que estamos a conseguir dominar o território, ou seja, dominá-lo sem ser visto. A partir daí nós conseguimos construir o mínimo, construímos duas parentes e produzimos uma sensação de abrigo, e essa questão é interessante. Por outro lado, isto tem a ver com a questão do tempo, que também é importante. Porque acho que o abrigo responde sempre às necessidades da vida contemporânea, que têm variações enormes ao longo da história. Se pensarmos nos hábitos e costumes dos romanos, ou nos hábitos e costumes dos habitantes de século XIX, são completamente diferentes. E isso eu também acho que é um tema bastante interessante, portanto, imaginar que somos nós mais uma vez em enquanto sociedade, que produzimos uma cultura, uma cultura que nos obriga a definir como é que habitamos. Aqui, passo para a tua pergunta seguinte, que era se são as pessoas que definem a arquitetura, ou se é um espaço que acaba por defini-las. Uma coisa ou outra. Eu penso claramente que são sempre as pessoas que definem aquilo que é o desígnio da arquitetura, portanto é em resposta àquilo que uma sociedade num determinado momento é, que nós atuamos. E acho que a arquitetura é sempre

uma resposta à contemporaneidade. A arquitetura é sempre contemporânea, é sempre uma resposta a uma sociedade contemporânea e é essa sociedade que determina aquilo que tu vais construir, isso sem dúvida nenhuma. São as pessoas, não tem nada a ver com gosto, nem com vontades individuais, tem, quanto a mim, a ver com vontade coletiva, com necessidade coletiva. Nós geramos enquanto comunidade, uma necessidade coletiva de construir um conjunto de coisas, sejam elas casas, lugar onde nos podemos encontrar, lugares onde estudamos, etc. E por tanto, é essa vontade conjunta que determina a história, aquilo que se vem a construir a longo da história da arquitetura. Eu acho que um bom exemplo para explicar isto é se olharmos para as grandes funções, voltando ao tema da cidade, as cidades são claramente uma resposta àquilo que a sociedade quer. Aliás são uma espécie de objetos de estudo para podermos explicar o que é que cada uma das sociedades é num determinado momento. Mas a casa também serve de exemplo, também varia e adapta-se muito a cada fase e a cada sociedade, portanto, eu diria que as pessoas mandam e influenciam. Depois também posso dizer o contrário, a arquitetura acaba por definir aquilo que as pessoas são, ou eventualmente, a qualidade com que vivem e, portanto, isso determinará aquilo que elas exigem a seguir. As nossas exigências são sempre uma resposta àquilo em que eventualmente falhámos no passado. Quer dizer, há 100 anos atrás dizíamos: “o carro é o futuro, vamos todos andar de avião, vamos nos mover, isto é a modernidade”. E passados 100 anos olhamos para isto e achamos, não, isto é terrível, vai destruir o planeta. E não quer dizer que estivéssemos a fazer mal há 100 anos atrás, estávamos mesmo a acreditar, e esses avanços foram importantíssimos. Agora queremos ter calma, vamos rever uma série de costumes e de formas de atuar e, portanto, a arquitetura tem de ir outra vez responder a outras coisas que não eram aquelas às quais se respondia antes. Portanto, eu acho que isto é sempre uma relação de equilíbrio entre pessoas, aquilo que elas produzem, outra vez as pessoas, e por aí fora.

LCA: De que forma é que contrariamos os nossos instintos e vontades de influenciar as pessoas com a nossa arquitetura? Como é que encontramos o equilíbrio entre desenhar uma casa e instituir uma vida ou uma forma de viver? É difícil não condicionar a forma das pessoas de habitar.

IL: Há uma definição que eu gosto imenso para casa, para espaço ou para a arquitetura. Já não sei precisar onde é que a li, mas acho muito bonita: é esta ideia de que a arquitetura é aquilo que é para a imprevisibilidade da vida, é o espaço que recebe. A casa recebe a imprevisibilidade da vida, quando consegues construir um espaço onde todas as vidas são possíveis de acontecer no seu interior, é a casa perfeita. Essa ideia de que nós arquitetos condicionamos a forma das pessoas habitar, eu acho que nós condicionamos. Vou te dar um exemplo, nós estamos aqui dentro desta casa (casa da arquiteta Inês Lobo), esta casa quando eu a desenhei, sempre disse não iria desenhar uma casa para mim, mas desenhei uma casa; não desenhei esta casa a pensar em mim especificamente, aliás, construí duas casas iguais, para duas famílias diferentes, que habitam as casas de maneira diferente. Claro que eu tomei uma série de decisões, para desenhar esta casa de uma determinada maneira, tiveram mais a ver com a pré-existência que eu encontrei, com aquilo que eu achei que era fácil de adaptar da pré-existência a uma vida contemporânea, e com aquilo que eu acho que para mim é fundamental numa casa. Mas simultaneamente depois de estar construída, levou-me a habitá-la de uma determinada maneira. E eu imagino que outra pessoa que aqui venha, vai habitá-la de forma diferente. Nós encontramos formas de conseguir inventar um projeto que se adequa a uma certa vida, o arquiteto encontra sempre maneira.

Como define abrigo? O que influência mais o que? O espaço as pessoas ou as pessoas o espaço?

JA: “A Casa Amarela, na serra da Arrábida”, o abrigo é um espaço onde o homem, ou neste caso a família do arquiteto Francisco Silva Dias, procurou estar num contacto muito próximo com a natureza e com os elementos naturais.

Esta relação próxima do homem com o entorno natural e a ideia de abrigo, foi um tema abordado por filósofos, pensadores, religiosos, escritores, artistas e arquitetos, desde a antiguidade clássica até à contemporaneidade. Destas investigações resultaram inúmeros testemunhos, sejam textos ou projetos, com uma grande potência que ainda hoje nos servem como temas de reflexão e referência.

Quando o casal de arquitetos, Antonieta e Francisco Silva Dias, decidiram comprar um terreno na serra da Arrábida para aí fazer uma casa, tiveram uma aproximação ao lugar que considero exemplar para a experimentação metodológica que o Ricardo Carvalho e eu queremos fazer com os alunos no nosso ateliê académico.

Tal como contou Francisco Silva Dias, nas conversas que tivemos, a sua mulher, os três filhos ainda muito pequenos e ele, acamparam inúmeras vezes no terreno em diferentes locais e aí passavam fins de semana e períodos de férias. Esta relação com o lugar, onde havia uma experiência intencional de escassez, de fragilidade perante os elementos naturais, mas simultaneamente de enorme liberdade, foram determinantes para a definição dos princípios base do projeto que construíram depois. Nada pode ser mais completo e definidor de um projeto de arquitetura doméstico (dómus) em espaço não urbano, do que esta experiência limite. Quando adormecemos e acordamos num lugar e conhecemos o céu; a luz; o cheiro; as plantas; o solo; os sons; as linhas de água; as sombras das árvores, estaremos também a fazer investigação arquitetónica? Será que ao conhecermos de um modo tão íntimo um lugar poderemos ficar mais capacitados ou atentos sobre o modo como agir sobre ele?

A experiência do lugar que Francisco Silva Dias e a sua família tiveram durante as estadias no terreno, permitiram-lhes tomar decisões importantes do que fazer e do que não fazer. A casa foi implantada junto à estrada de acesso ao terreno deixando-o quase na sua totalidade intacto de construção. O terreno não tem limites físicos ou barreiras, artificiais ou naturais.

A casa feita na - e para - a serra da Arrábida, incorporou a experiência original do lugar. A partir da soleira do vão virado para paisagem existe uma pequena plataforma. A partir desta começa a serra. A casa construiu-se quase sem mediação entre o interior e o exterior, como uma tenda, o abrigo formal mais escasso que a sociedade contemporânea oferece.

Como define abrigo? O que influência mais o quê? O espaço as pessoas ou as pessoas o espaço?

RC: O abrigo eu acho que podemos associá-lo a uma ideia quase de arquétipo da arquitetura. Creio que a primeira consciência que os seres humanos terão tido sobre o espaço teve exatamente a ver com esta ideia. Nós não sabemos muito bem como é que terá começado, mas imagina-se que terá começado com a intervenção em grutas. Com o fogo o espaço ganhou uma atmosfera mais doméstica, depois as inscrições nas paredes das grutas com os desenhos dos animais, da caça, das mãos, acabaram também por garantir uma certa domesticidade aos primeiros abrigos. Portanto, quando me perguntam sobre abrigo, para mim é quase inevitável pensar no arquétipo da própria disciplina. E isso foi sendo revisitado ao longo de milénios por muitos arquitetos, porque o abrigo não deixa de ser uma procura de habitar essencial. Isto tanto funciona do ponto de vista filosófico, quando os filósofos, por exemplo, estão à procura de sítios remotos para pensar e escrever, ou para as pessoas ligadas a determinadas religiões, sejam elas católicas ou budistas, elas vão procurar determinados espaços para uma qualquer forma de transcendência contemplativa. Na arrábida por exemplo, ainda lá estão os abrigos, e são maravilhosos. Nós sabemos que no século XVII várias pessoas, homens neste caso, viveram como ermitas à procura de uma transcendência religiosa, e isso faz-nos chegar ao século XX e depois ao mundo contemporâneo com uma carga muito forte atrás de nós, que quando falamos em abrigo vem-nos tudo à memória, a história de milhares e milhares de anos, e muitas hipóteses. E, portanto, um abrigo para mim, não é muito diferente daquilo que na verdade nós temos visto em conjunto, pode ser aquela casa que o arquiteto Francisco Silva Dias desenhou, mas também pode ser o Cabanon do Le Corbusier, no sul de França, e muitos mais exemplos. Tem um pouco a ver com garantir a poética máxima a partir de gestos essenciais; redução para garantir outro tipo de maneira de estar com a paisagem.

Eu respondo mais no sentido da história da disciplina, que é, como é que nós revisitamos permanentemente esta ideia de essência. E isso não deixa de ser muito útil quando se faz um projeto que nada tem a ver com abrigo, mas que é transportado. É talvez a arquitetura onde eu me revejo mais, que é aquela que procura sempre uma certa redução dos enunciados, e isso no abrigo existe quase por princípio. E é por aí que eu me revejo muito neste tema. Do ponto de vista da pedagogia quando nós decidimos fazer isto não tinha tanto a ver com a história do abrigo na disciplina, tinha um pouco a ver com nós sentirmos que os estudantes de arquitetura do terceiro ano ,ainda não têm (isto no currículo autónoma porque noutras escolas pode ser diferente), uma experiência de desenhar espaços de pequena dimensão onde possam medir tudo e experimentar conceitos como, espaços comprimidos; espaços expandidos; introspeção; extroversão; Raum Plan; lugar do fogo; tipologia. E o abrigo é perfeito porque como já disse antes, ao concentrar tantos temas numa coisa de pequena dimensão amplia a sua capacidade.

LCA: Fazendo a ponte até à segunda pergunta, e também para explicar como surgiu, diria que existem duas formas de fazer arquitetura. Discutíamos no outro dia, em aula, as diferenças do Le Corbusier e dos Lacaton e Vassal no método de projetar e pensar o espaço. É preciso ter em conta as épocas e as fases em que estes arquitetos começaram a exercer, e talvez por isso sejam tão diferentes, mas, no entanto, são referências bastante diferentes e representam pontos de vista muito distintos sobre esta relação do espaço com as pessoas e vice-versa. Pode dizer-se que o Le Corbusier molda e dita uma forma específica de habitar o espaço, enquanto os Lacaton e Vassal deixam o espaço mais aberto e pronto a ser vivido e transformado de acordo com as preferências de quem o habita? Ou seja, será possível haver espaços mais influenciáveis pelas pessoas e outros com mais influência sobre as pessoas e não tanto o inverso? Sabendo claro que uma coisa não anula a outra. De que forma isto toca a sua arquitetura?

RC: Eu acho que a diferença no mundo contemporâneo tem um pouco a ver com a especificidade de cada caso. É difícil comparar o trabalho do Corbusier, que viveu a primeira metade do século XX e morreu nos anos 60, portanto, viveu com condições de sociedade e civilização muito diferentes daquilo que é o nosso mundo hoje, com o trabalho de arquitetos como os Lacaton e Vassal. Estes arquitetos decidiram enfrentar problemas de sociedade e de cidade que têm a ver, exatamente com a diferença entre aquilo que é um projeto com ambição artística e um projeto que é corrente. Eles orientaram a sua atenção para projetos correntes, de torres de habitação coletiva, estou a pensar nesses, porque eles fizeram outras

coisas. E esses projetos correntes nas mãos do programa que eles fizeram com o Frederic Druot acaba por ganhar a possibilidade humanista e poética de, de repente as casas não têm janelas muito pequeninas; têm paredes de vidro; têm varandas; os espaços são muito mais indeterminados. Por isso, eu diria que, o desejo de atuação poética é igual ao filão que o Corbusier propunha. Agora, as condições são outras e, portanto, eu acho que os Lacaton e Vassal falam muito daquilo que vai ser sobre tudo a sua geração, daquilo que vão ser as prerrogativas do trabalho do futuro. Que mais do que construir novo, é reutilizar e construir sobre o construído, o que é uma coisa histórica na Europa, que acontece há séculos. Portanto, este nível de procura de significado terá muito mais a ver com aquilo que já existe que é tratado como matéria-prima. Nesse sentido toca um pouco o meu trabalho, para responder à pergunta, porque eu já faço parte de uma geração que teve de recuperar essa ideia que transformar aquilo que existia é um filão possível. Enorme parte daquilo que eu fiz até hoje são ações sobre coisas que já existiam como museus, escolas, habitação coletiva. Portanto, eu tenho muito pouco trabalho feito novo e já isso é um espelho geracional, e pensando bem é um trabalho de que eu gosto imenso e creio que as prerrogativas que nós podemos aplicar nesses trabalhos não são em nada diferentes daquilo que podia ser um trabalho feito de raiz.

LCA: Como é que transpomos a nossa pessoa e aquilo que somos fora e dentro da profissão para o nosso trabalho? Ou seja, a arquitetura está em constante contacto com outras pessoas, diferentes realidades e com o mundo no geral. Os arquitetos e o seu trabalho são permanentemente alvo de comentários e opiniões, e por isso requer que tenhamos sempre uma postura e uma assertividade em relação às nossas convicções. A minha pergunta é se temos de, e se sim, de que forma é que se controla ou resguarda estas convicções e a nossa personalidade, a nossa forma de ser quando se projeta? Mesmo em relação ao tema de remodelar e de construir sobre o já construído, como é que se lida com regras já impostas e possíveis expectativas para o projeto?

RC: A pergunta é muito interessante. Eu acho que a pergunta contém duas coisas, vou começar pela macro. Qualquer projeto de arquitetura, e estamos a falar sempre de arquitetura erudita, tem sempre dois problemas: o problema nosso e da nossa relação com a disciplina em relação ao que estamos a fazer, isto é, estamos a fazer um projeto em diálogo com a história da arquitetura. Isto é um problema que nada tem a ver com os clientes, com as câmaras municipais, nada, é um problema nosso. É o nosso nível de diálogo interior e de introspeção, é o que é que queremos fazer, como é que informamos o trabalho. Depois há outro que é o diálogo aí sim com os clientes, com as pessoas que vão viver nesses espaços. E eu acho que muitas vezes a descoberta deste primeiro diálogo só acontece no fim, quando os clientes veem as coisas prontas e percebem porque é que os arquitetos propuseram ou foram mais inflexíveis em determinadas direções do projeto. Aquilo a que se chama eventualmente de radicalidade ou experimentação. E isso tem a ver com a nossa grande diferença em relação à arte, que é, a nossa disciplina é um diálogo com o mundo, e o mundo tem clientes; tem construtores; têm câmaras; têm preços; tem economia; tem cultura ou limites culturais; tem expectativas; tem ideias de ascensão social; tem preconceitos e, portanto, isso tudo é um diálogo. Por isso é que por vezes é tão difícil. O outro diálogo é o diálogo com a disciplina, e depois têm de sobrepor os dois.

Portanto, muitas vezes nós não conseguimos partilhar com os nossos interlocutores tudo aquilo que o projeto contém, partilhamos aqui dentro do ateliê, como sabe ninguém faz projeto sozinho, e só mais tarde é que partilhamos. Quando corre bem, quando corre mal não partilhamos. Isto por um lado. Por outro lado, sobre aquilo em que se pode pegar e não se pode pegar, eu defendo, ao contrário de outras pessoas que não há 2 projetos iguais e que cada projeto é absolutamente específico e irrepetível. Tenho muita dificuldade em incorporar a ideia de protótipo e embora até esteja a fazer um projeto com a Inês Lobo e Ricardo Bak Gordon (Castêlo da Maia IHRU Collective Housing), em que partimos desta investigação mas é uma exceção dos nossos percursos. Eu acredito imenso na ideia de projetos específicos, e, portanto, cada problema sendo um problema vai ter de requerer investigação. E a resposta vem do nível de profundidade que nós conseguimos atribuir a isso. Isso também tem a ver com a condição pessoal e estarmos emocionalmente envolvidos com o trabalho. A pessoas a quem isso é indiferente evidentemente nunca poderão mergulhar neste tipo de trabalhos do mesmo modo.

Como define abrigo? O que influência mais o quê? O espaço as pessoas ou as pessoas o espaço?

DÉSIRÉE: Para mim, um abrigo é um lugar máximo de conforto, é o sítio onde estou protegida, onde me sinto em casa, o que quer que seja casa, é um lugar onde sei que estou bem. Em última análise suponho que o melhor abrigo será o útero da mãe ou o ninho do pássaro, isso para mim é um abrigo.

PEDRO: Há aquela coisa maravilhosa, vocês já não são desse tempo, mas as avós diziam, quando nós saíamos de casa e estava muito frio: “não te esqueças de levar um abrigo”. Um abrigo era um casaco para nos abrigarmos da chuva, portanto o abrigo é o conforto. Nós colecionamos ninhos aqui em casa, temos uma enorme coleção de ninhos, porque o ninho é de facto a casa das casas, a perfeita casa, quase um exoesqueleto que expande a ideia do útero. Nesse sentido é perfeito, até tem a forma de um ovo, onde o ovo se deposita. No fundo tem este objetivo de criar conforto e de criar proteção, mas eu gosto de imaginar que as casas são o abrigo dos abrigos para nós. A palavra lareira vem de lar, tudo isto é fogo; é essa ideia de que quando alguém numa gruta acendeu uma fogueira, criou um lar, essa é a ideia absoluta da casa. Agora o que é que influencia o quê, o espaço as pessoas ou as pessoas o espaço, são necessariamente as 2 coisas.

DÉSIRÉE: Ainda sobre esta questão de dizer que o abrigo é o útero da mãe. *Hortus Conclusus*, isto a propósito da obra que nós temos aí, na idade média queria dizer espaço. Era uma ordem encerrada, e na idade média era a expressão utilizada na poesia quando se referia o ventre materno, dizia-se hortus conclusus, portanto, não é inocente esta nossa definição de abrigo também.

PEDRO: Hortus conclusus que deu na verdade as casas pátio dos árabes, dos romanos. Tinham estes espaços interiores, que começaram por ser hortas fechadas dos monges, espaços entre paredes, criando portas fechadas e uma horta. É um lugar absoluto da fertilidade, da germinação, portanto, o nexos que se cria com o ventre materno tem exatamente a ver com isto, um espaço fértil onde a vida se cria como se criam as plantas nos jardins.

AM: Tendo em conta que o abrigo é aquilo que protege onde nos sentimos confortáveis, podemos também assumir que depende de pessoa para pessoa? Será que toda a arquitetura que proteja e abrigue é considerada abrigo?

DÉSIRÉE: Deixa-me dar-te um exemplo, um banco, uma intervenção como um banco num espaço público, não abriga fisicamente, mas de algum modo permite-nos descansar, permite-nos pausar, permite-nos sentar-nos com pessoas para conversar. Nesse sentido é um espaço também ele que permite que as pessoas se reúnam ou estejam simplesmente a pausar, e isto é também uma possibilidade de abrigo. Não tem que ter proteção da chuva nem tem que ter proteção do sol, é de alguma maneira um lugar onde pode acontecer alguma coisa que nos traz conforto, que nos permite pousar.

Em relação à segunda pergunta. É uma relação simbiótica, um espaço não é feito contra as pessoas, é feito para as pessoas e com as pessoas. A vivência que esse espaço tem ganha novas significâncias com os usos que as pessoas lhe dão, que podem ser ou não, aqueles que nós. O espaço é feito a contar de alguma maneira com as pessoas, e as pessoas influenciam o espaço nesse sentido sim, porque quando pensamos num programa, quando pensamos uma casa; um edifício de bombeiros; um museu; um tribunal; uma prisão, nós pensamos para quem é dirigido. Esse espaço, a maneira como ele é feito pode produzir sensações e vivências nas pessoas muito diversas, e pode melhorar ou piorar a vida das pessoas, portanto, isto é um processo simbiótico e não consigo dizer se são as pessoas que influenciam o espaço ou espaço que influencia as pessoas. Nos jardins ingleses às vezes a relva é plantada e não se marcam caminhos, e as pessoas é que vão desenhando os caminhos. Só depois de as pessoas desenharem estes caminhos é que se formalizam esses caminhos no desenho, e aí as pessoas influenciaram o espaço, não foi o espaço que foi definido para as pessoas usarem de determinada maneira. Eu acho que depende de caso para caso.

PEDRO: É de facto o ovo e a galinha. Estava aqui a tentar encontrar uma resposta inteligente que não dissesse uma banalidade, mas de facto é difícil sobre esta matéria. Porque a relação é simbiótica isto é, diria que o espaço influencia as pessoas e as pessoas influenciam o espaço, e depois o espaço influencia as pessoas

e as pessoas influenciam o espaço. É um ciclo sem limites. Voltando ao início, um homem teve frio e encontrou uma gruta, o seu abrigo, onde pôde descansar. Portanto, este espaço teve uma influência direta no comportamento da pessoa. Esta pessoa acendeu uma fogueira porque queria mais conforto, ao acender uma fogueira transformou o espaço, portanto, aí as pessoas influenciaram o espaço, e este ciclo não tem fim. As coisas surgem sempre da proposta arquitetónica, do uso que lhe damos, ou neste caso até é um pouco ao contrário, neste momento inicial o espaço que é encontrado, que não é nenhuma proposta arquitetónica, é uma pré-existência, e nós damos-lhe um uso que vai influenciar o nosso comportamento. É uma relação simbiótica. Há um exemplo que me deixa sempre muito assustado, remetemos sempre o lar para o espaço do conforto absoluto; e quando somos vítimas de violência doméstica? O lar é um espaço do conforto ou um espaço maior de desconforto? Neste caso já não é o espaço que influencia as pessoas, são as pessoas que influenciam as pessoas, e as coisas não têm fim. Tudo o que se possa dizer sobre isto é uma coisa e a sua própria contradição.

DÉSIRÉE: É precisamente por achar que a relação é simbiótica que acho que não há obras acabadas. Nós quando projetamos não podemos prever todas as possibilidades de uso, todas as possibilidades de apropriação, não podemos prever tudo. E isso é bom.

PEDRO: Portanto, a minha resposta é aquilo que já disse, e agora digo de uma forma mais sistemática. O espaço influencia as pessoas, que influenciam o espaço, que influencia as pessoas, que influenciam o espaço. Acho que é de facto assim, mas também pode começar pelas pessoas.

Como define abrigo? O que influência mais o que? O espaço as pessoas ou as pessoas o espaço?

PMG: A ideia de abrigo é uma ideia muito essencial, sem qualquer espécie de conceção. No fundo a ideia de abrigo concentra-se no que é unicamente fundamental para a sobrevivência. Isto é assim uma primeira abordagem, nós arquitetos quando olhamos para a possibilidade de fazermos uma casa, olhamos sempre de uma forma relativamente radical. No sentido de ir às raízes. Portanto, é evidente que estamos constantemente à procura de preservar o que é essencial desta ideia fundamental de proteção, ainda para mais no sítio onde estamos, no Mediterrâneo. A casa que estava exposta na exposição do Manuel Aires Mateus é uma pequena casa que tem muito dessas características, é uma casa que de alguma maneira evoca a possibilidade de nós vivermos confortavelmente a partir de uma ideia de conforto que é mais poética do que propriamente física. O conforto que cada um sente em cada situação não depende só se se está na temperatura certa, nas condições almofadadas certas. Muitas vezes sentes conforto em situações que fisicamente são desafiadoras, e tu sentes um conforto enorme que advém num sentido poético de cada ambiente. Posto isto, nós entendemos como abrigo tipicamente tudo aquilo que vamos tentando fazer quando fazemos projetos de casas, porque mesmo em situações em que nos são dadas condições financeiras, do ponto de vista do dinheiro disponível para a obra, não se abandonam estes princípios mais fundamentais. Porque sabemos que sem eles tudo o resto é artificial, ou pelo menos não tem sustentação. São estes os princípios ditos do abrigo, que permitem sustentar eventualmente outras coisas, e são capazes sozinhos e por si, de construir um universo habitável e confortável. No fundo abrigo é a essência.

Diria que nas casas, nós conseguimos encontrar, concentrar um pensamento sobre arquitetura. Evidentemente que quanto mais estendido o programa, mais a questão da estratégia elementar vai ganhando protagonismo, não estou a dizer que é mais importante, mas ganha protagonismo. Parece que a casa abarca todo o pensamento que o arquiteto pode ter. Se fores ver os arquitetos aos quais nós gostamos de retornar, ainda que possam ter outros programas, conseguimos sempre fazer uma história da arquitetura a partir das casas, não precisávamos ter mais edifícios. Conseguimos falar de 5000 anos de arquitetura detalhadamente só a partir de casas, e isso é absolutamente revelador da importância das casas e por paralelismo que a ideia de abrigo tem na nossa atividade. O abrigo é provavelmente o “livro” mais importante que nós devemos ler para depois conseguirmos fazer arquitetura.

Esta ideia pode ser poética, a ideia de fazer uma história da arquitetura a partir das casas, não acho que não seja possível, mas percebo a componente eventualmente provocadora e poética. Tu consegues perceber o percurso do Mies Van der Rohe olhando só para as casas, consegues perceber todo o percurso, desde o princípio até Chicago; como é que ele foi pensando na arquitetura, isso é maravilhoso. Também há aqui uma evidência, a casa é o mais repetido. Mas tentando resumir um pouco aquilo que fui dizendo até aqui, eu diria que a ideia que é talvez mais importante para mim, é que o abrigo enquanto dispositivo elementar é a base fundacional de qualquer projeto de casa. Portanto compreender as diferentes formas, nem é tanto as formas de abrigo, mas é fundamentalmente compreender os requisitos que levam à criação dos abrigos, faz-nos compreender o que mais de fundo está na parte de trás do nosso cérebro e que nos impele construir uma casa. Respondendo à segunda pergunta, por mais poderoso que seja o efeito provocado por um espaço ou por um conjunto articulado de espaços numa pessoa, isso não acontece se a pessoa estiver incapaz de se relacionar com o espaço. Portanto eu acredito que a arquitetura de uma forma subtil, influi fortemente não só no ânimo, mas também no comportamento das pessoas. Acredito que a arquitetura produz esse efeito, já experimentei esse efeito, já verifiquei esse efeito.

Eu já tive o atelier em 4 sítios e todos eles me deram estímulos diferentes e eu sinto isso com toda a intensidade. Consideraria que há uma relação que não se esgota de uma das partes, numa relação são precisas 2 pessoas, 2 elementos, mas a arquitetura por si mesma tem a capacidade de transformar mais ou menos consoante a tua disponibilidade, a tua capacidade, de transformar a tua vida. Não acredito que a arquitetura é capaz de transformar grupos de pessoas, acredito que tem a capacidade de mudar a forma de estar de cada pessoa, mas não a vejo como agente de transformação das sociedades, vejo como agente de transformação de cada um de nós em momentos, em circunstâncias específicas, criando aqui e ali possibilidades de paraíso. Gosto da ideia de cada projeto ser um pequeno paraíso para as pessoas que lá vão estar, se é uma escola tem imensa gente, se é uma

casa são menos pessoas, mas a arquitetura toca 1 a 1. Nós estamos a fazer uma escola em Cascais onde vão passar dezenas de milhares de alunos ao longo dos anos, tenho a certeza que pode afetar todos eles um bocadinho, para muitos, vai ser muito importante crescerem naquele ambiente. Acho que vai ser positivo para todos, mas vai-se refletir de uma forma decisiva e intensa em parte deles, e essa parte vale muito a pena, são pessoas que ficam despertas a mais do que estar num espaço que é ou só funcional ou nem isso, eles vão compreender uma certa possibilidade porque aquilo transforma as relações. A possibilidade de encontro, de estar, a possibilidade de parar e falar sobre um assunto, o prazer que dá estar numa sombra em que ela é necessária, o facto de teres proteção da chuva, isso é uma coisa que acho que abrange a generalidade das pessoas.

Como define abrigo? O que influência mais o quê? O espaço as pessoas ou as pessoas o espaço?

SOFIA: Sobre abrigo o que eu pensei foi que, quando nós pensamos na ideia de abrigo, o nosso primeiro instinto é ir buscar aquelas imagens que fazem parte de um imaginário coletivo qualquer, e que têm a ver com uma espécie de célula mínima no meio do espaço idílico. É o arquétipo de um abrigo. E para nós arquitetos, para que isso seja um conceito operativo, como é que no meio da cidade nós, conseguimos convocar essas categorias que fazem parte da nossa noção de abrigo, e encontrar espaços que sejam espaços de reclusão ou de corte? O abrigo é talvez um vazio, um vazio que possa acolher o pensamento, os abrigos que nós conhecemos são abrigos onde as pessoas se recolhem com uma intenção de pensar ou de se concentrar em qualquer coisa.

INÊS: Então eu vou só dizer duas coisas. A primeira tem a ver com um pensamento, que era tentar perceber qual é que é o fio condutor da arquitetura, ou seja, se nós escavarmos muito, o que é que sobra? O que é que é ancestral? E eu acho que o abrigo é o lugar ancestral de arquitetura, ou seja, é o espaço do grande colo. Quando um projeto funciona, tem esse nível de intimidade, e esse nível de intimidade é uma coisa que tem muito a ver com a nossa essência enquanto humanos. Portanto, eu convoquei uma categoria de abrigo que é diferente da Sofia, que tem mesmo a ver com esse abrigo memória. Portanto, para mim, o abrigo pode estar associado a uma experiência presente; porque nós podemos sentir isso em relação à nossa própria casa, e aí podemos convocar essa sensação de superproteção quando entramos na nossa própria casa. Mas pode não ser a nossa própria casa e ser uma memória, ou seja, quando nós precisamos de estar em paz, podemos convocar o colo da nossa avó. E isso também é um abrigo. E como é que isso toca a arquitetura? Como é que a memória do colo da nossa avó é arquitetura ou como é que a arquitetura é o colo da nossa avó? Portanto, acredito nesta ideia de abrigo poder ser só uma memória.

ANA: Eu queria acrescentar uma coisa, abrigo também vem da mesma família de abrigar, portanto, pode ser um gesto, pode ser uma coisa contínua. Não tem de ser uma coisa estática. É interessante também pensarmos nisso, porque se pensarmos na ideia dos sem abrigo por oposição às pessoas que têm casa, as pessoas que são sem abrigo não é só no sentido de não terem uma casa, é faltares-lhe essa coisa que a Inês estava a dizer, a proteção. Porque as pessoas sem abrigo podem dormir no chão, podem dormir na casa de um amigo, mas continuam sem abrigo porque lhes falta a tal proteção.

SOFIA: Vocês sabem a resposta à segunda pergunta. Estão a perguntar, mas sabem a resposta. Se o espaço modifica? Não seríamos arquitetos se não acreditássemos que sim.

ANA: São as 2 coisas, como é óbvio. Portanto, estão a ver a dificuldade que é fazer projetos.

SOFIA: Mas eu acho que a ideia parte desse arquétipo ancestral, e depois penso que a passagem é como é que isso se torna operativo. Ou seja, como é que depois esse espaço forma as pessoas, como é que nós formamos o espaço. E a arquitetura é um trabalho de atenção, é uma atenção quando nós entramos num espaço, quando nós andamos na cidade, ainda hoje atravessámos a cidade toda e é muito diferente atravessar a cidade quando sou arquiteta ou quando não sou arquiteta, porque é o trabalho da atenção é completamente diferente. Não é uma atenção contemplativa, é uma atenção que tem esse esvaziamento para permitir, ou seja, se eu atravesso a cidade e se vou pensar nos problemas que tenho quando chegar ao atelier, essa atenção é uma atenção que está cheia. Mas se eu conseguir que essa atenção seja uma atenção ativa, essa atenção começa a ser uma atenção formadora. O nosso trabalho é transformar isso outra vez num coletivo. Ou seja, aquilo que nos é completamente próximo, por exemplo, a memória afetiva do colo da avó, a partir de um trabalho de atenção, uma atenção ativa, como é que eu transformo isso numa coisa que pode ser partilhada por mais do que uma pessoa? É essa transformação, essa alquimia entre transformar, no fundo, matéria em sentido, que é o que nós fazemos, é aquilo que permite que o espaço seja formador. O modernismo foi uma tentativa muito democrática e muito importante de transformar esse espaço onde nós habitamos. A maior parte de nós habita em espaços que são espaços muito anónimos, especulativos. Nós cresc-

emos todos assim. Portanto, encontrar essas memórias que nos trazem qualquer coisa ancestral e que nos acorda o dia, muitas vezes não são fáceis no espaço arquitetónico onde nós crescemos, 90% das nossas vidas. Mas a tentativa de transformar essa banalidade numa coisa que se torna formadora, informativa, etc. é que é o nosso trabalho, penso eu. Lichtenstein diz que a arquitetura é um gesto, nem todos os movimentos são um gesto. É uma coisa muito bonita, se eu levantar um bocado do braço não é um gesto, mas se eu dançar é um gesto, e a arquitetura é essa diferença. E isso é o que transforma e permite transformar outras pessoas.

ANA: A questão é, como é que nós em condições não ideais conseguimos essa condição. O espaço influencia as pessoas e o contrário também, não há qualquer dúvida. Assistimos muitas vezes aqui no atelier, a uma transformação das pessoas, através dos espaços que nós pensamos, é uma transformação que nos deixa feliz, porque é uma transformação para melhor. Nós o que tentamos fazer é regular o ideal de cada uma das pessoas que são os nossos clientes e trazê-los à vida, e todos esses ingredientes já estavam lá, no espaço, no sítio, no contexto urbano, tudo isso, e os próprios clientes, o programa dos clientes. Mas já estava tudo, eram todas peças soltas que nos limitámos só a escutá-las e a procurá-las, a encontrá-las debaixo das pedras, trazê-las à luz. E isto transforma quase sempre aquelas pessoas que habitam aquele espaço e fazem connosco o processo. É absolutamente ambivalente. Temos de nos manter sempre atentas ao longo do processo até ao fim. Às vezes é difícil, porque quando as coisas estão agarradas e consolidadas, parece que as soluções estão fechadas, mas muitas vezes, mesmo em obra, encontramos respostas que não tínhamos encontrado no projeto. Isso acho que tem a ver com uma atenção redobrada que nos esforçamos por manter até o fim.

INÊS: No meu primeiro projeto tinha uma daquelas escadas que eu queria muito fazer. Aquelas escadas soltas de um lado e do outro, que não têm nada, não têm guarda. Depois, como a casa era para bons amigos meus, quando fui lá a primeira vez jantar, a escada tinha levado com um móvel de cada lado. Digamos que não ficava muito bem com a escada, havia toda uma difícil relação entre os vários elementos e aquelas escadas. Escadas soltas, sem guardas, em que só lêes os degraus, completamente arquétipais. Eles tinham encostado um móvel moderno de um lado, e aquilo correu muito mal. Não quer dizer que aquela escada não pudesse ser feita, mas se calhar para aquelas pessoas, houve ali qualquer coisa que eu forcei que elas não compreenderam, e isso eu acho que nos nossos primeiros projetos acontecia mais. Havia uma menor capacidade de perceber de alguma forma, até onde é que nós podíamos levar os clientes para aquilo fazer sentido no fim.

ANA: Foram também raras as vezes em que os inputs dos clientes foram absolutamente prejudiciais para a arquitetura, ou seja, acho que conseguimos quase sempre, senão sempre, incorporar e ouvir os comentários, porque que aqueles comentários existiam, e fazer alguma coisa com isso. Ou com humildade dizer “não, isto fica melhor”, de facto esta pessoa quer viver assim e de facto fica melhor e nós conseguimos viver com isso, ou pegar naquilo e tentar perceber o que é que aquela pessoa está à procura, o que é que aquela pessoa está a convocar com aquele pedido, e trabalhar sobre isso. Percebendo o que é que é essencial àquele pedido e o que é que é que é supérfluo, ou o que distrai e como é que isso pode ser incorporado. É o que eu sinto que tem sido sempre mais enriquecedor, porque também nós temos um processo de trabalho colaborativo, não é unipessoal. Até podemos resistir, nós gostamos de defender as nossas damas, mas primeiro ouvimos, tentamos perceber qual é o ponto daquele comentário e com isso fazer alguma coisa.

ARRÁBIDA



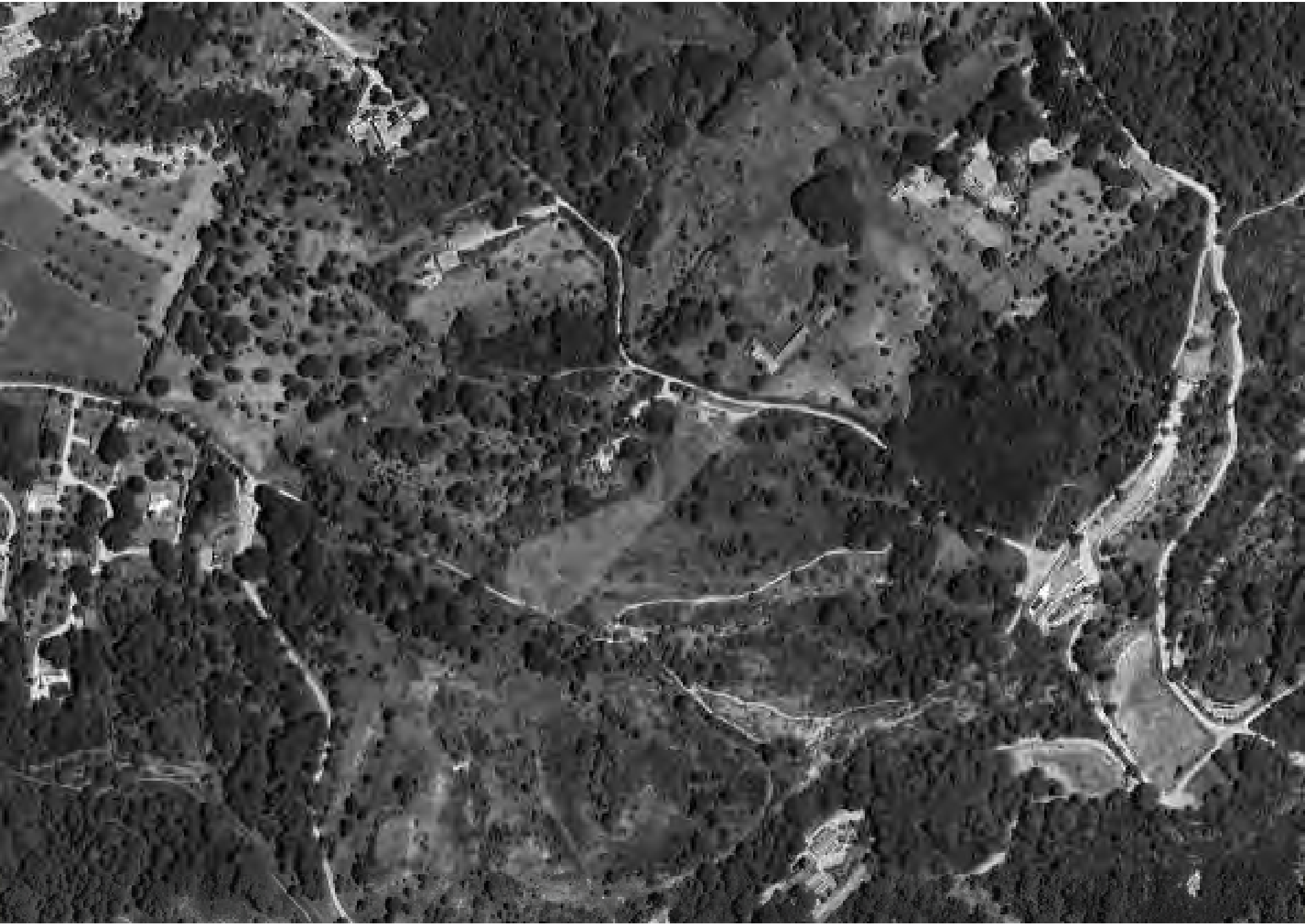






CASA
AMARELA

ARRÁBIDA
Uma Casa Dupla a partir da Casa Amarela na Arrábida, 1976



A casa amarela está localizada em Azeitão, no Parque Nacional Da Serra Da Arrábida, distrito de Setúbal. Feita pelo arquiteto Francisco Silva Dias; A sua localização geográfica torna a casa potente e privilegiada por se assentar numa cota alta do terreno, cota que permite à partir da casa ter várias vistas sobre o que a envolve, sendo que uma dessas vistas é para a incrível Serra Da Arrábida.

Carregada de história e conceito, a casa foi idealizada para que seja uma casa de férias, oferecendo somente o essencial na sua compartimentalização. Busca ter uma relação interativa com a componente arborea que a envolve e uma intimidade afetuosa com a vista para a Serra; No seu interior foi adotado o sistema de Raumplan, a questão das vistas é um elemento predominante na casa, desde o interior, até a plataforma que a compõe.











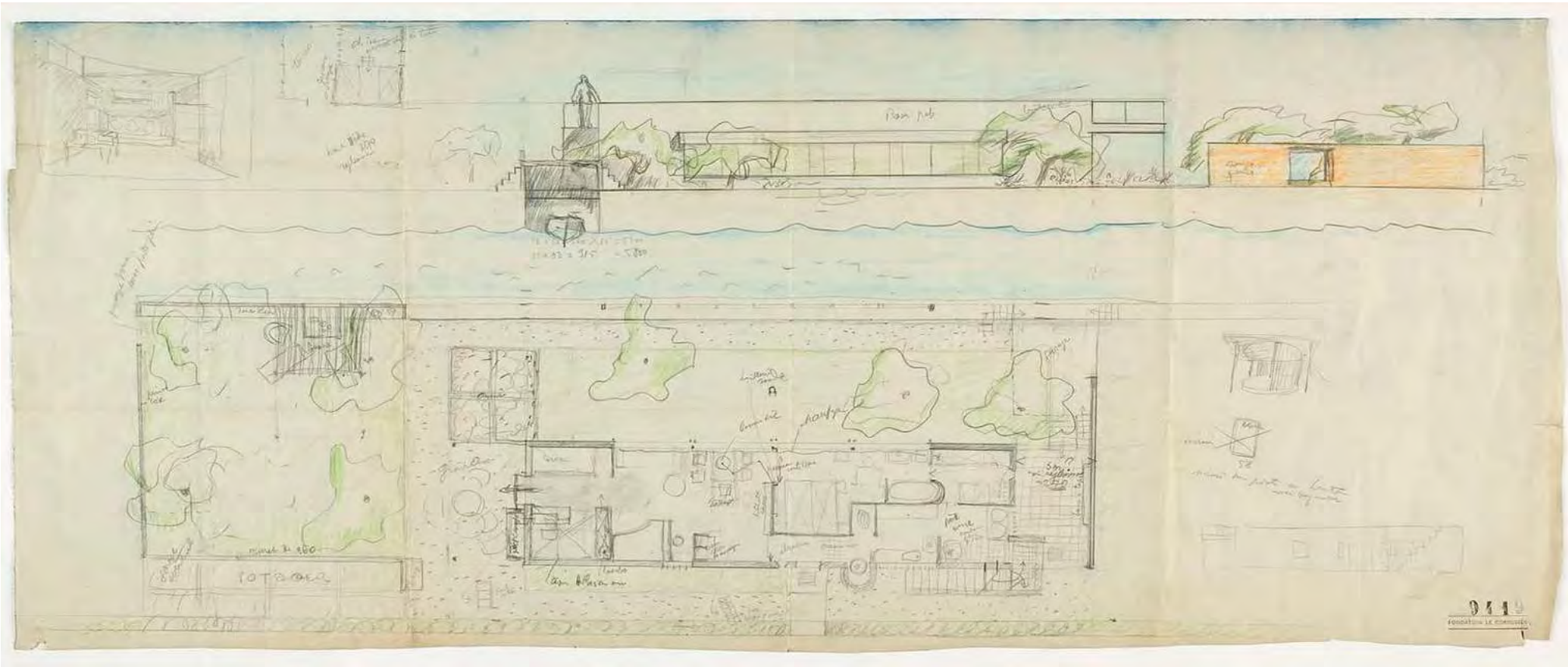
ESTUDO DE CASOS



© Patrick Moser

A Villa "Le Lac", está localizada numa estreita faixa de terra na margem do Lago Genebra. Fechada para o norte e abre-se para o sul. É um edifício residencial projetado pelo arquiteto Le Corbusier e por Pierre Jeanneret entre 1923 e 1924 para os pais de Le Corbusier. Trata-se de uma casa projetada para duas pessoas, com espaços fluidos e facilmente administrado por um casal com problemas de mobilidade. O projeto foi criado antes da compra do terreno. Le Corbusier viajava com o esboço do projeto no bolso a procura do lugar perfeito para a sua implantação. O interior da Villa Le Lac foi organizada num único nível, comprimindo os ambientes ao mínimo: sala de estar, quarto, is, cozinha, uma lavandaira, roupeiro e um espaço polivalente. No coração da casa, a sala de estar é acolhedora, onde os objetos originais ainda podem ser admirados, tudo projetado por Le Corbusier. A casa de 64 metros quadrados (16m x 4m), é um retângulo e está à 80cm acima do nível do solo.

A sala tem o privilégio de uma vista panorâmica, moldurada por uma janela de 11 metros de comprimento, com vista para o lago.



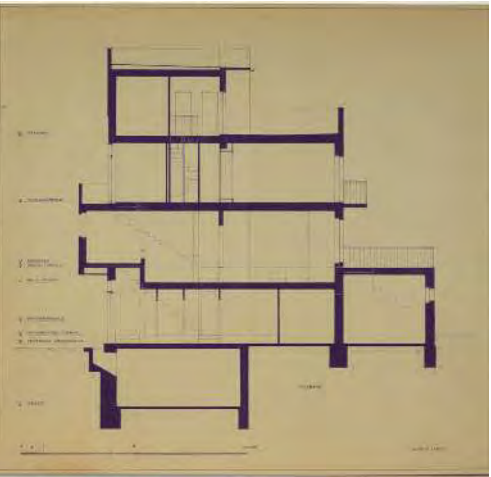
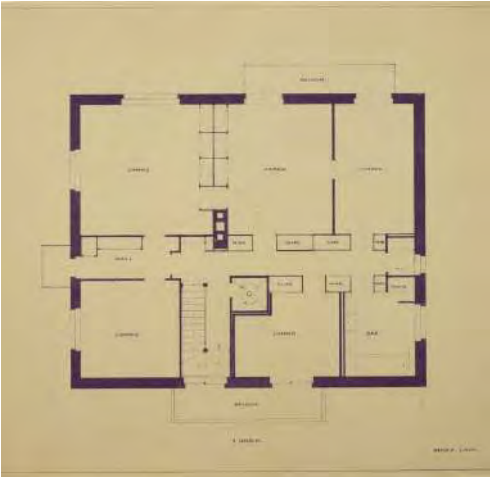
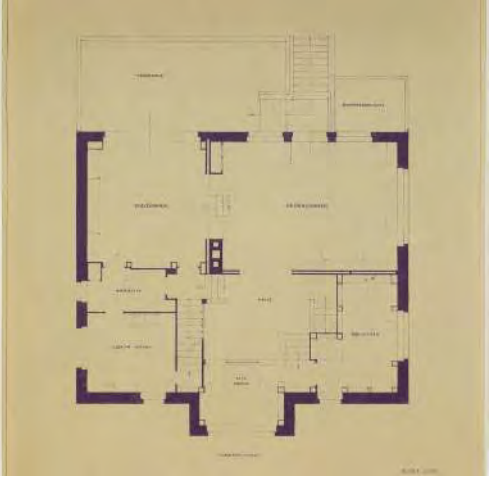
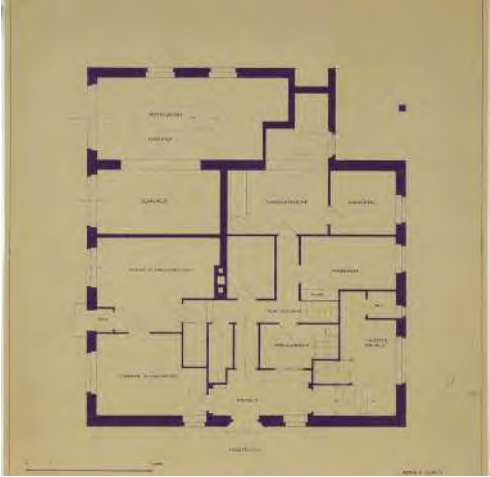
©Patrick Moser



©Martin Gerlach jun.

Casa Moller, was designed by Adolf Loos and finished in 1928 for the Moller couple in Vienna. The design is based on Adolf Loos' idea of the "Raumplan". This design idea was radically new at the time and was very different conceptually from Le Corbusier's plan libre, for example Loos developed a complex structure of rooms of different sizes and heights that vary according to their function. The rooms are arranged on different levels in the building and connected with stairs and corridors. The many changes of direction and height differences as one walks through them create a multifaceted experience of moods and visual relationships between the rooms. This is further emphasised by the different choice of materials in the individual rooms. The house can be entered on the ground floor, which otherwise only contains storage rooms and a flat for the staff. After two sets of stairs and several turns, you enter the entrance hall on the first floor, which serves as a connecting space between the music room and a seating niche that is 1 metre higher. From there you enter the office, a smaller, more private room. The dining room is

separated from the music room by a narrow three-step staircase and is in turn connected to the kitchen, which is very functionally designed. On the 2nd floor, the bedrooms are located along a central corridor and a narrow spiral staircase leads to the 3rd floor, where a studio room and another bedroom as well as the roof terrace are located. From the outside, the complex inner life of the building can hardly be imagined. The cubature of the building is a simple cube that follows Loos' conviction that ornament no longer plays a role in the culture of modern society. The street facade with its symmetry and few openings is rather closed, while the house is terraced towards the garden and opens up with large windows.



©Martin Gerlach jun

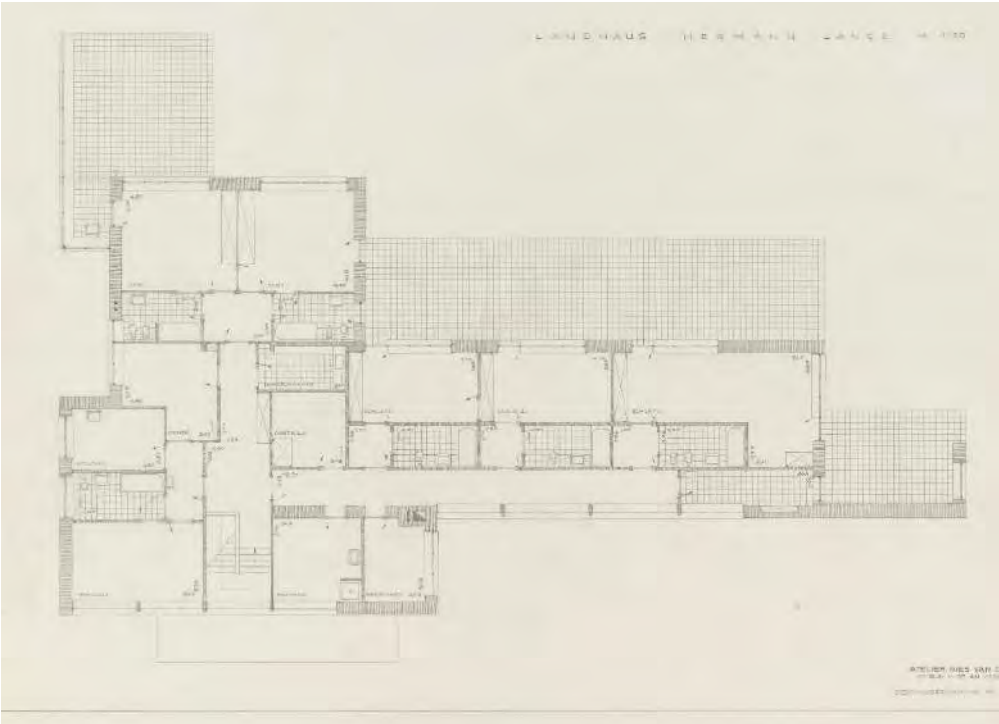
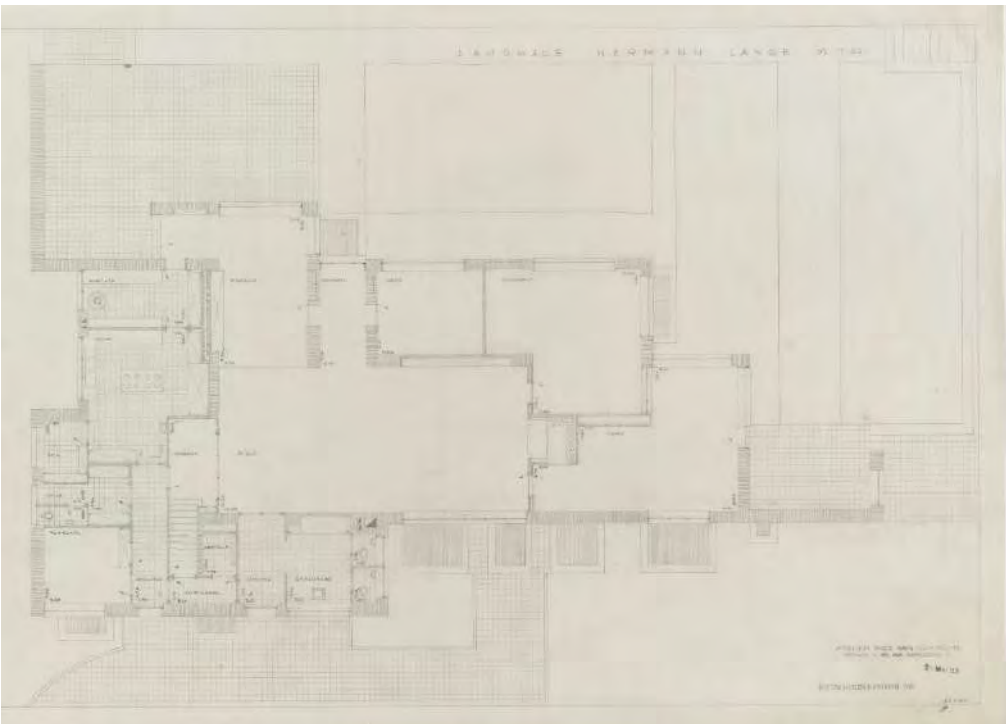
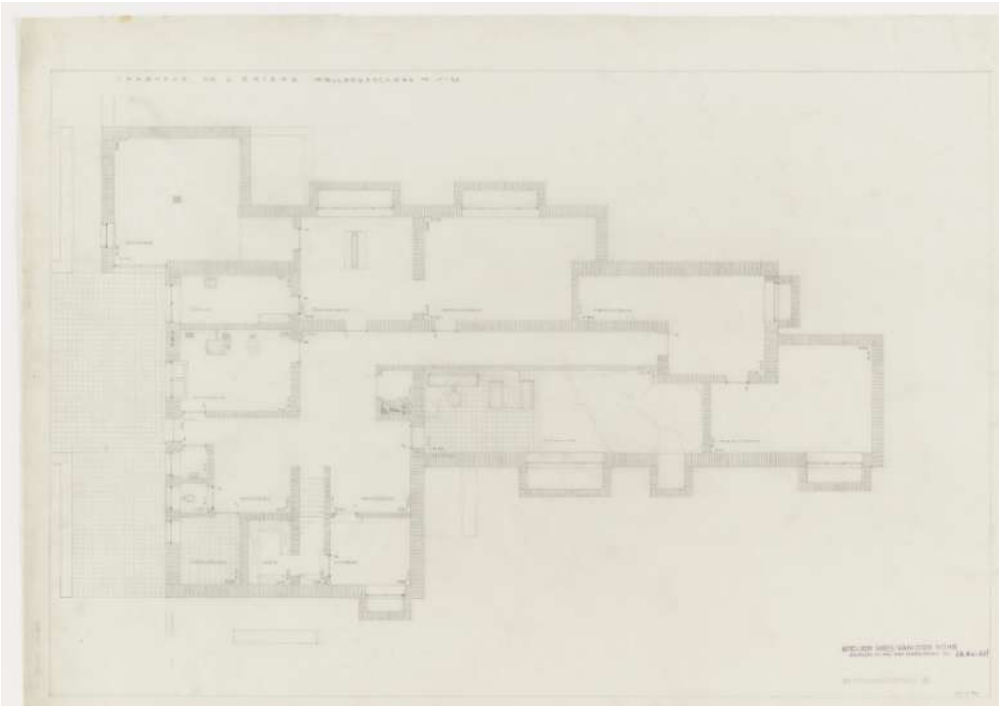


©Darcawards

As casa Lange e Esters estão localizadas em Krefeld, na Alemanha, e foram projetadas pelo arquiteto Mies Van de Rohe. A Casa Lange e a Casa Ester são testemunhos da habilidade de Mies van der Rohe em combinar estética e funcionalidade, sendo verdadeiros marcos na história da arquitetura moderna. Estas obras-primas refletem a visão vanguardista e minimalista do arquiteto, destacando-se pelo foco na simplicidade e elegância. Ambas as casas evidenciam o famoso uso de linhas retas, plantas abertas e uma cuidadosa seleção de materiais, como aço, vidro e concreto, que definem o seu estilo distinto. Destacam-se pela integração harmoniosa com o ambiente natural, onde os limites entre interior e exterior se fundem com fluidez. Partindo da abordagem inicial utilizada na Casa Wolf, Mies aproveitou estas duas encomendas para aprimorar uma estratégia para residências, buscando conectar o ritmo arquitetônico dos edifícios com as vistas para o exterior e os espaços envolventes. As casas Lange e Esters marcam a evolução de uma configuração baseada numa planta tradicional para uma planta livre,

aberta, com paredes não estruturais que imergem os espaços interiores. Esta evolução nas suas teorias de design e métodos de construção permitiu a Mies criar plantas baixas sem se limitar à colocação de paredes para suporte estrutural. Caracterizam-se pela simplicidade e pureza de linhas. As casas são compostas por volumes sobrepostos com planos retangulares, e as paredes externas são predominantemente retilíneas, servindo para delimitar e enquadrar os espaços interiores. As grandes janelas de vidro, que ocupam a maior parte das paredes exteriores, proporcionam uma sensação de transparência e ligação com o ambiente. Os edifícios utilizam principalmente aço, vidro e tijolo como elementos principais. A Casa Lange apresenta uma fachada que engloba tanto a entrada principal como a entrada de serviço, ambas protegidas por uma cobertura. A partir do hall, acede-se a uma ampla sala retangular com grandes janelas e uma porta que conduz ao jardim traseiro. Esta sala interliga-se com outros espaços, como o quarto feminino, a sala de reuniões e o escritório. No piso superior,

encontram-se três quartos com casas de banho, dispostos ao longo de um corredor paralelo à fachada norte, culminando num terraço. Adicionalmente, existem dois quartos com casas de banho que oferecem vista para o jardim, assim como um quarto destinado a funcionários, separado por compartimentos de dimensões mais redu



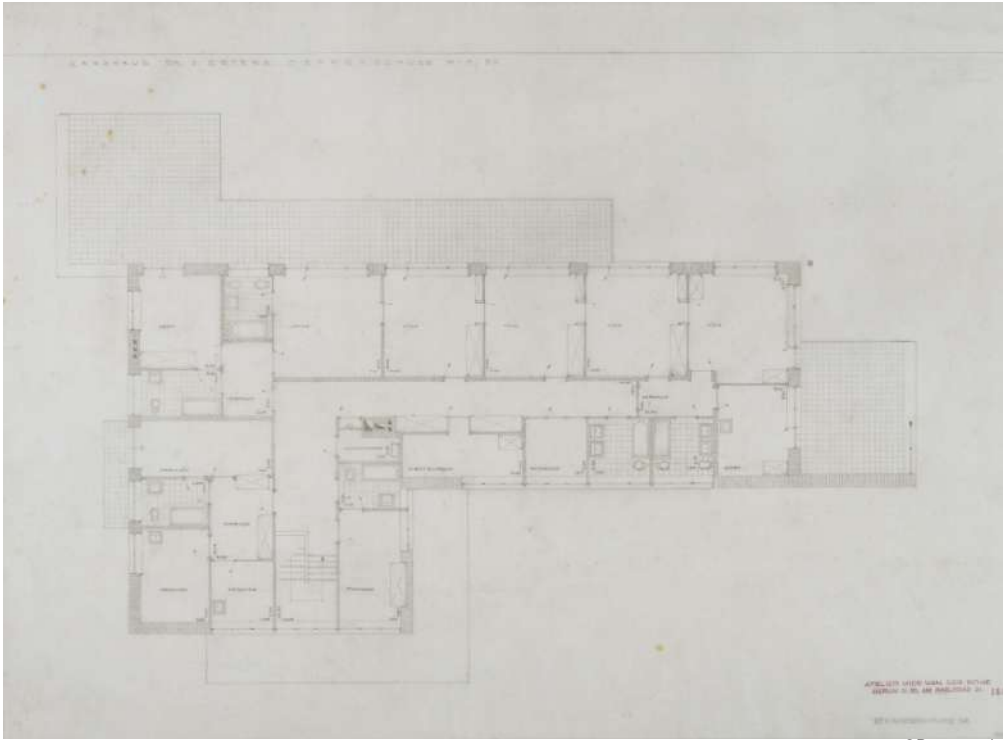
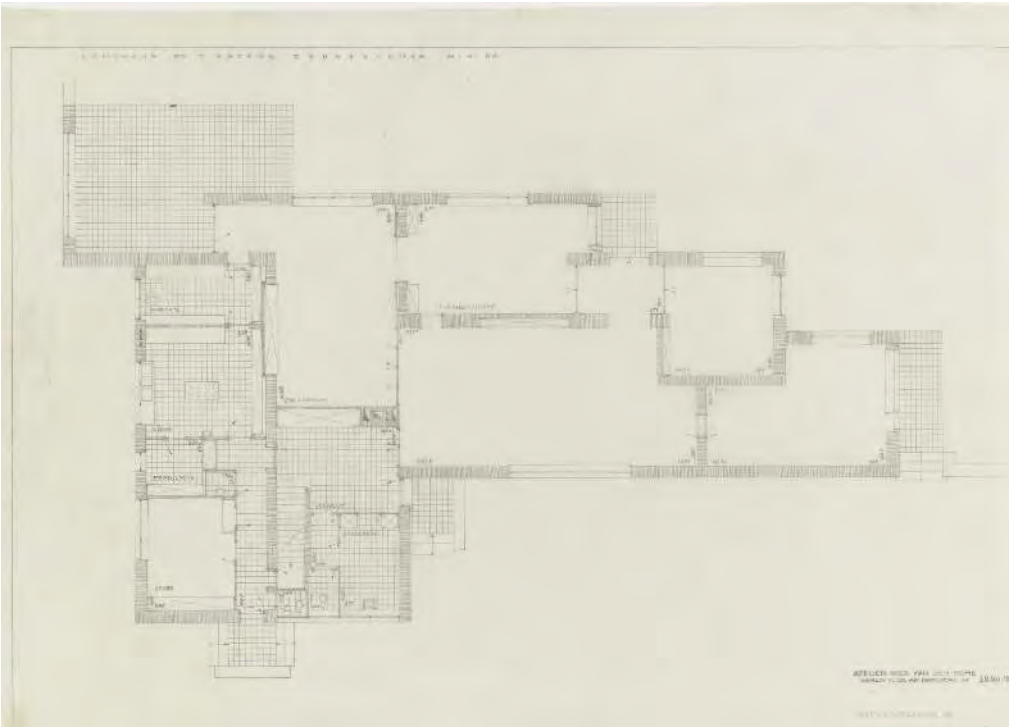
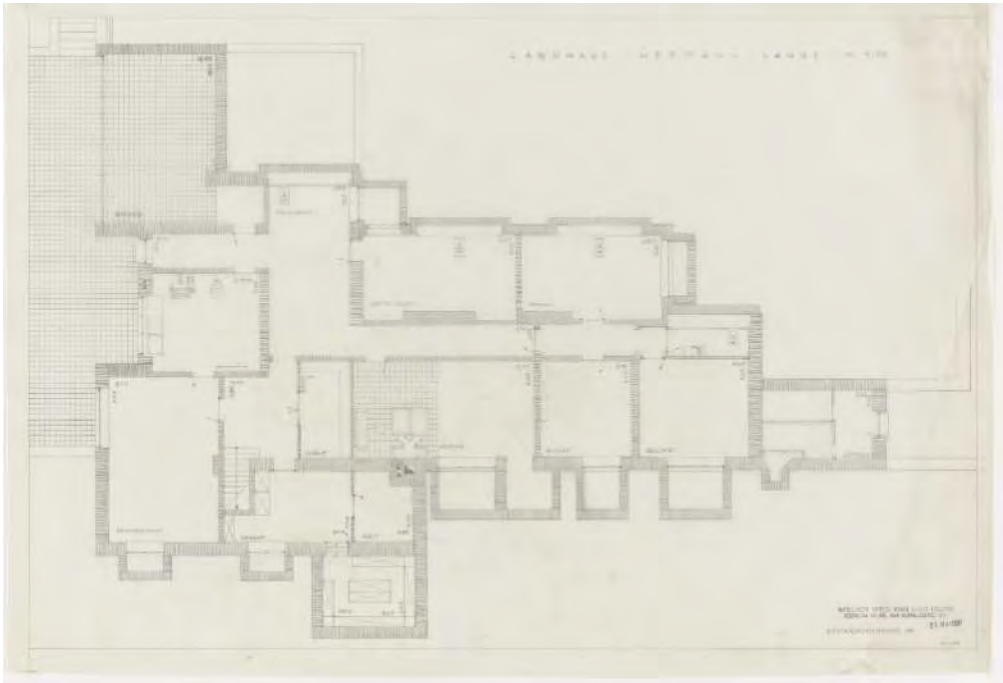


©Darcawards

As casa Lange e Esters estão localizadas em Krefeld, na Alemanha, e foram projetadas pelo arquiteto Mies Van de Rohe. A Casa Lange e a Casa Ester são testemunhos da habilidade de Mies van der Rohe em combinar estética e funcionalidade, sendo verdadeiros marcos na história da arquitetura moderna. Estas obras-primas refletem a visão vanguardista e minimalista do arquiteto, destacando-se pelo foco na simplicidade e elegância. Ambas as casas evidenciam o famoso uso de linhas retas, plantas abertas e uma cuidadosa seleção de materiais, como aço, vidro e concreto, que definem o seu estilo distinto. Destacam-se pela integração harmoniosa com o ambiente natural, onde os limites entre interior e exterior se fundem com fluidez. Partindo da abordagem inicial utilizada na Casa Wolf, Mies aproveitou estas duas encomendas para aprimorar uma estratégia para residências, buscando conectar o ritmo arquitetônico dos edifícios com as vistas para o exterior e os espaços envolventes. As casas Lange e Esters marcam a evolução de uma configuração baseada numa planta tradicional para uma planta livre,

aberta, com paredes não estruturais que imergem os espaços interiores. Esta evolução nas suas teorias de design e métodos de construção permitiu a Mies criar plantas baixas sem se limitar à colocação de paredes para suporte estrutural. Caracterizam-se pela simplicidade e pureza de linhas. As casas são compostas por volumes sobrepostos com planos retangulares, e as paredes externas são predominantemente retilíneas, servindo para delimitar e enquadrar os espaços interiores. As grandes janelas de vidro, que ocupam a maior parte das paredes exteriores, proporcionam uma sensação de transparência e ligação com o ambiente. Os edifícios utilizam principalmente aço, vidro e tijolo como elementos principais. A Casa Esters apresenta algumas distinções em relação à Casa Lange. A entrada principal retrocede para a ampla sala, ao passo que a entrada de serviço é mais reduzida. No rés-do-chão, os espaços revelam-se intrincados, enriquecendo a circulação interna. A disposição da fachada voltada para o jardim é menos pronunciada, e não há terraço na fachada sul. No piso superior, os

quartos familiares têm vista para o jardim, enquanto as casas de banho estão orientadas para a rua. Um terraço surge no final do piso, e os quartos de serviço encontram-se numa área separada a norte.





©AtlasOfPlaces

In 1928, the Dalsace family bought an old maison in Paris. They decided to demolish the old building and build a new one with the participation of Pierre Chareau; Dutch architect Bernar Bijvoet and craftsman/metalworker Louis Dalbet. However, an elderly tenant who lived on the top floor refused to leave. So Chareau designed a plan to remove the lower two floors while leaving the top floor and supporting it with a steel structure. Work began in the spring of 1928.

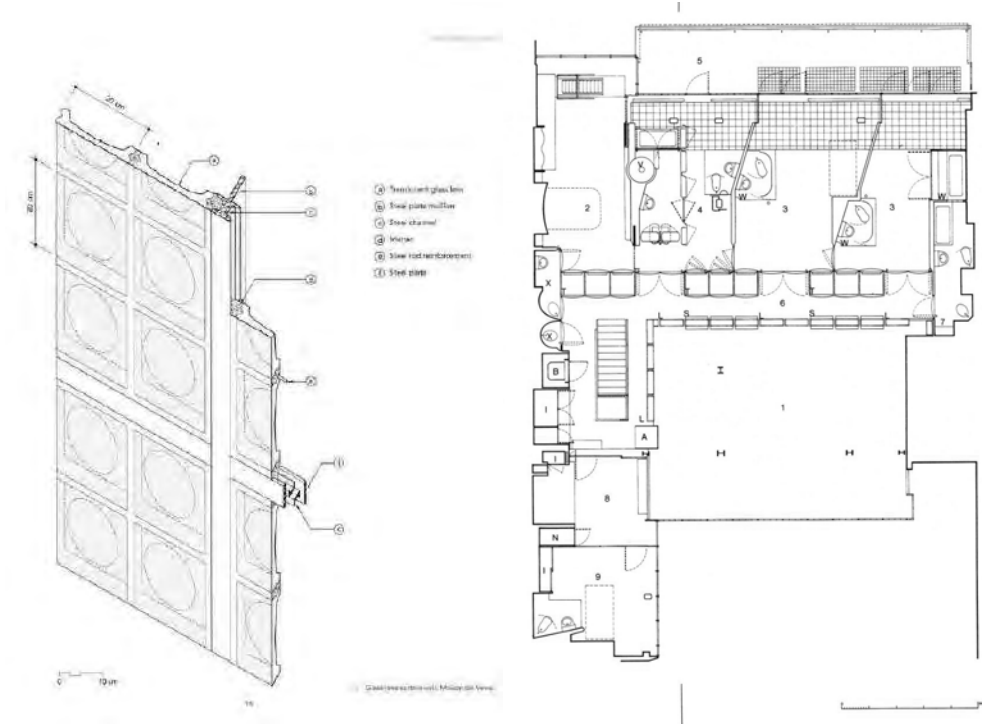
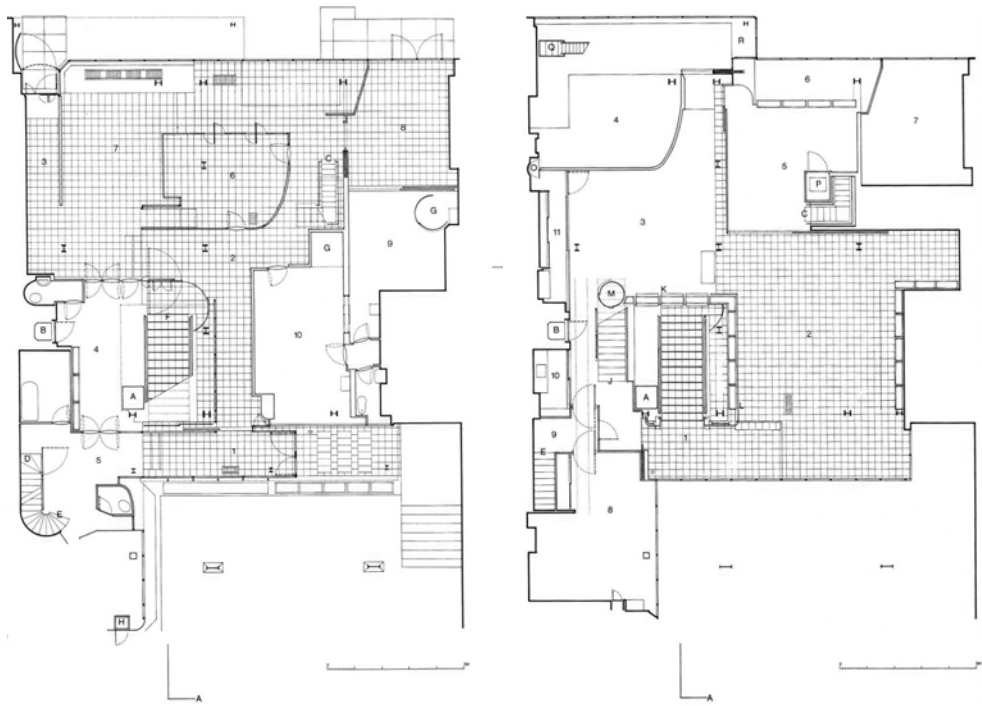
In Maison de Verre was created three floors instead of two old ones. The ground floor mainly housed the gynecological office of Dr. Dalsace. A staircase, hidden behind a screen, led from the ground floor to the main double-height living room from which one can access to the kitchen, the dining room, a solarium and a small study room. On the second floor there are the bedrooms, a living room, a main bathroom, a guest bathroom, an ironing room, the service units and a terrace.

Maison de Verre consists of a structural frame of steel columns and beams with enclosing walls that made of glass units “Nevada”. Steel channels frame a section of

4 by 6 glass squares. The joints between the individual glass lenses are filled with a special mortar and a reinforcing rod is inserted inside.

This system forms the two main facades of the building: one facing the courtyard and the other facing the garden. Regardless of the position of the sun during the day, the prismatic tiles will capture all direct and indirect light, and with it solar energy, and project it directly into the building.

Anticipating the poor insulating properties of glass, Chareau provided a semicircular gutter at the base of the glass walls to collect and control condensation that could form on the cold glass surface. The peculiarity of the house's interior is that ladders, stairs, translucent screens, or glass and metal shelves serve to divide space like walls and can also be moved to create other spaces.





©ArchDaily

A Villa Necchi Campiglio, localiza-se na zona norte de Milão, Italia, projetada por Piero Portaluppi. A casa localiza se na via Mozart, numa área central do bairro onde se situa. Rodeada de um grande espaço verde envolente.

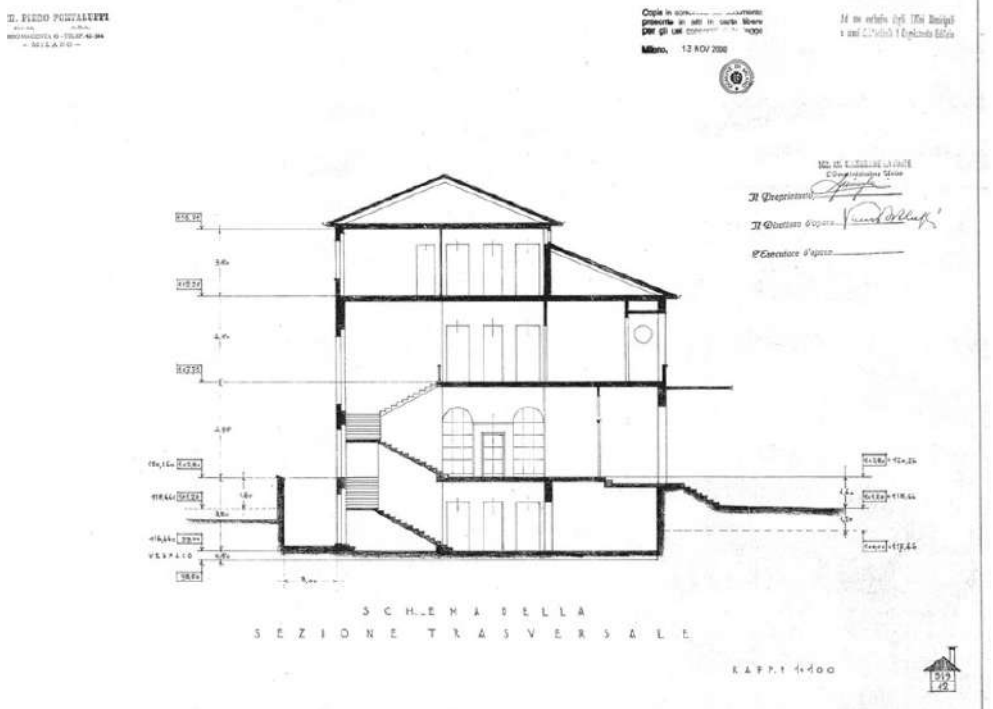
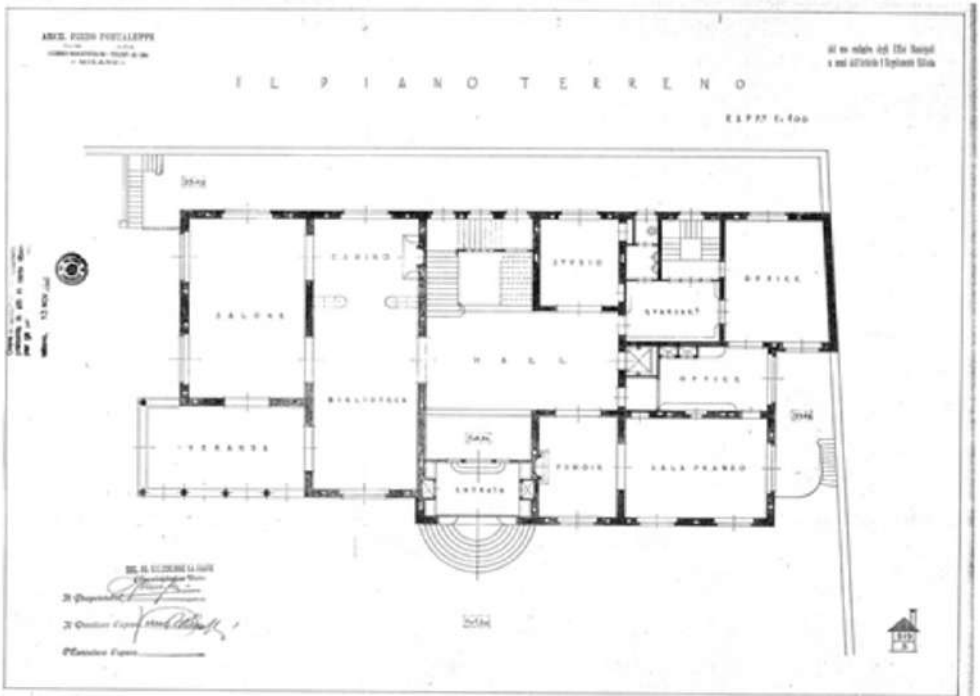
A casa destaca-se pelos seus tons neutros, tendo algumas peculiaridades,na fachada a nascente evidencia se o vão em formato de estrela acompanhada pela varanda central do primeiro piso e o grande envidraçado no canto,o jardim de inverno um volume que se projeta para o espaço exterior, remetendo nos para o interior da casa.

A distribuição interna da habitação segue o esquema tradicional de uma grande Villa, com os seus usos específicos distribuídos por cada piso.

A casa está organizada de forma a aproveitar a luz solar, estando os quartos principais virados a Poente, tendo em conta a sua ocupação fazendo sentir em cada espaço o máximo conforto possível.

A distribuição dos espaços concebida por Portaluppi surge livre de eixos, adequando-se à tendência de ul-

trapassar as tradicionais normas de simetria. Ao entrar na casa, percebe-se a exigência do luxo e requinte dos proprietários, fazendo-se notar pelas opções do arquiteto em dois aspetos fundamentais: a vastidão dos espaços e a elevada qualidade dos materiais.

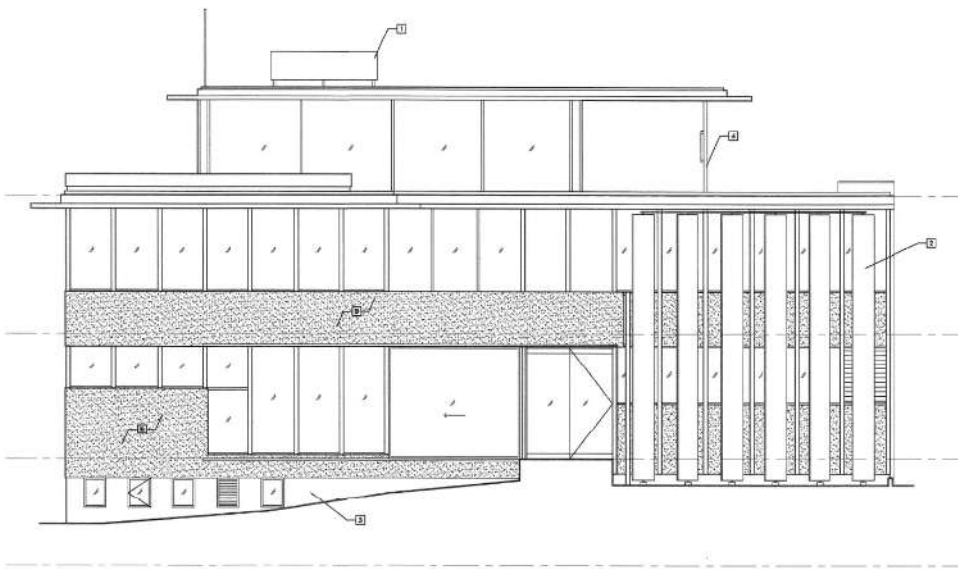
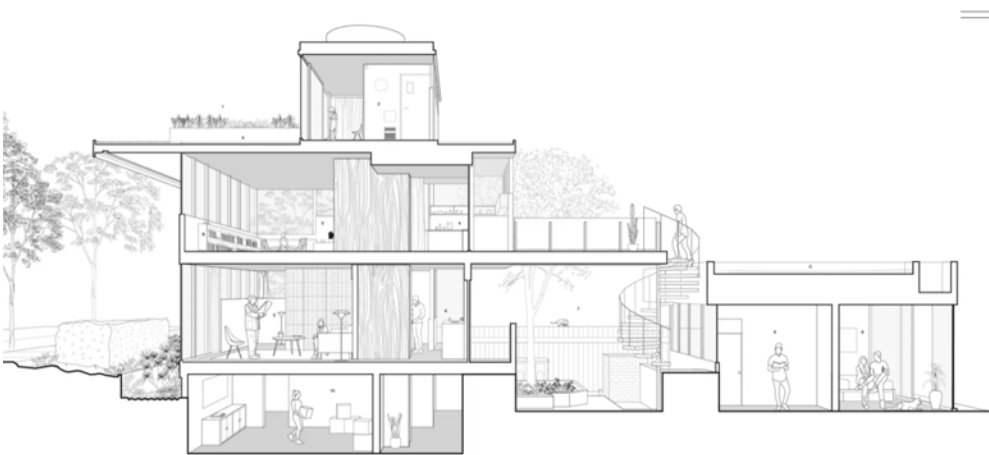




A Casa Atelier VDL, situada em Silverlake, Los Angeles, foi construída originalmente em 1932/33 e reconstruída após um incêndio em 1964, pelo arquiteto austro-americano Richard Neutra. Richard Neutra nasceu e estudou na Áustria, na Universidade de Tecnologia da Viena, onde foi aluno de Adolf Loos. Mais tarde ao viajar para os Estados Unidos recebe permissão para colaborar em alguns projetos com o atelier de Frank Loyd Wright. O seu estilo é caracterizado por uma clara junção da linguagem geométrica e ausente de ornamentação de Adolf Loos e da proximidade com a Natureza e integração com a mesma, presente nas obras de Frank Loyd Wright. A arquitetura de Neutra era uma arquitetura carregada de ordem, porém mantendo-se sempre bastante ligada à Natureza, respeitando, tanto a sua escala como a do ser humano. Também defendia que a “arquitetura deveria servir a vida”, querendo isto dizer que procurava não só entender a sua relação com o espaço, como servi-la tornando-a o elemento principal nos seus espaços.

A Casa Atelier VDL surge assim com três propósitos, assumindo as funções de: habitação, laboratório e atelier. Os materiais utilizados procuravam relacionar-se da melhor maneira com o ambiente, predominando o uso do vidro, madeira e estruturas metálicas. Esta habitação representa três fazes distintas na vida de Richard Neutra, afirmando-se como uma continuação da Natureza envolvente e não uma modificação. Tudo isto é conseguido através de um pátio interior, capaz de criar um pequeno espaço verde no interior da casa, estando isolado do ambiente urbano exterior, o qual realizava a função de divisão entre o programa do escritório e do atelier, da área mais familiar, a casa do jardim, utilizada pelos filhos e pela família, estando assim voltados para o pátio, o qual era coberto por plantas e zonas verdes. Este espaço foi também um laboratório, para Richard Neutra, servindo para provar que com um terreno relativamente pequeno era possível criar um espaço confortável, usando a mais nova tecnologia de construção

possível na altura, sem perder o contacto da Natureza, tirando o maior partido do espaço, sendo este mais um dos ideais de Richard Neutra.



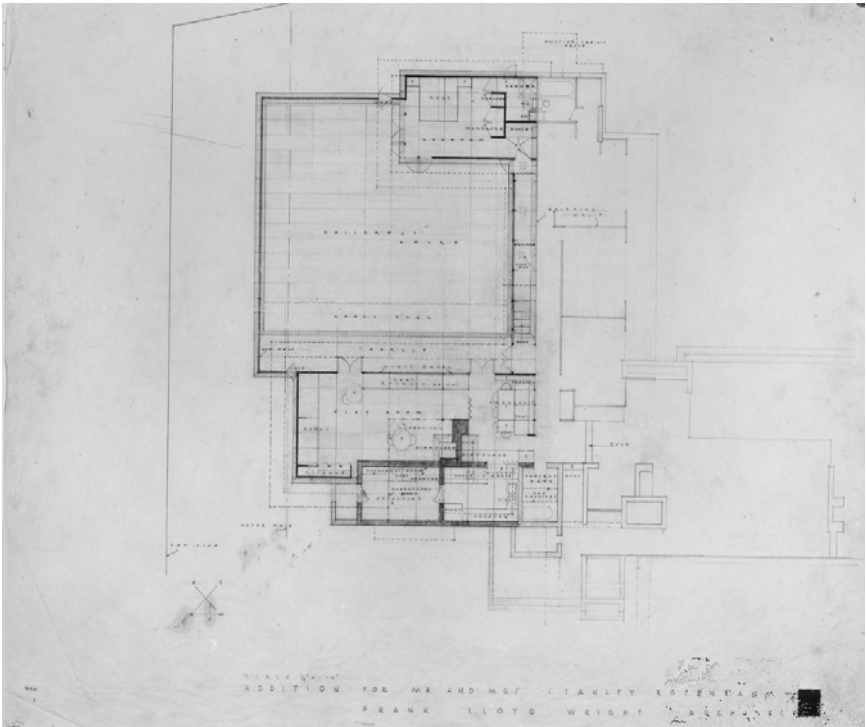
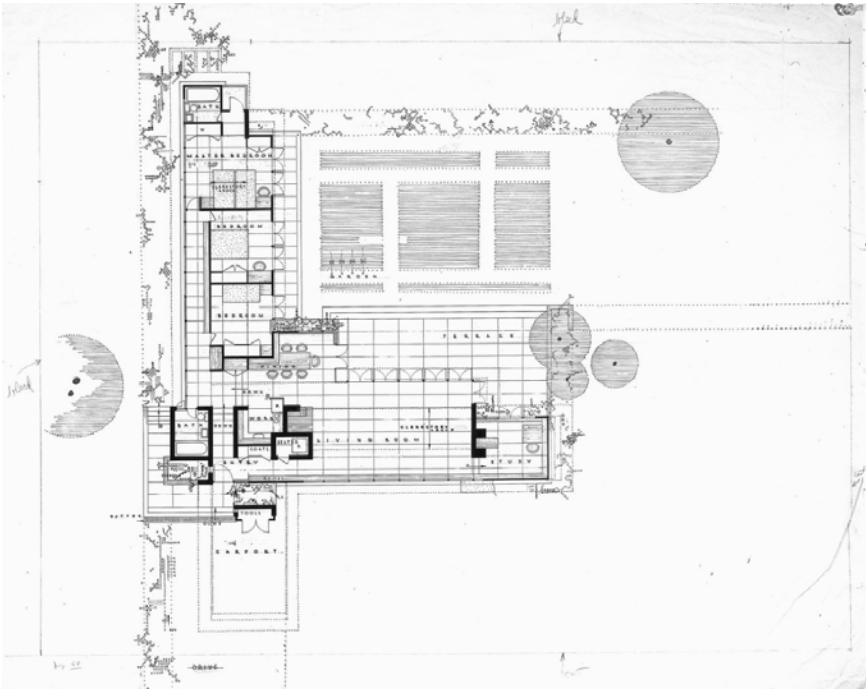


Frank Lloyd Wright Foundation

O projeto, de autoria do arquiteto Frank Lloyd Wright, está localizado numa região residencial na cidade de Florence, no estado do Alabama, EUA, com uma vista privilegiada para o Rio Tennessee. O primeiro projeto foi feito em 1939 para a família Rosenbaum, um jovem casal com um filho que, devido às restrições financeiras, procuraram o arquiteto, já conhecido por projetar residências econômicas e funcionais em todo o território norte-americano. A casa foi planejada conforme os princípios da arquitetura Usonia, termo criado pelo arquiteto na década de 30, durante a Grande Depressão, na tentativa de redefinir o conceito de habitações nos Estados Unidos e torná-las mais acessíveis. A primeira versão da residência apresentava a típica configuração em "L", com todos os espaços principais da casa voltados para o pátio interno com vista para o rio. O acesso principal da casa acontece no ponto de encontro do "L", onde temos o hall e as áreas de serviço, desse ponto pode-se seguir à direita para o setor social ou continuar em linha reta em direção ao setor íntimo. O programa da residência incluía dois dor-

mitórios simples, uma suíte, um banheiro, uma cozinha compacta, uma sala de jantar, uma ampla sala de estar e um escritório. Os materiais escolhidos foram a madeira de cipreste, o tijolo e o vidro, todos deixados em sua forma natural, sem qualquer revestimento. Outra característica das fachadas são as marcações horizontais feitas através da extensão dos beirais do telhado, essa estratégia além de servir como proteção solar, também criava uma conexão entre a forma arquitetônica e a paisagem local. As fachadas do pátio interno e aquelas voltadas para rua apresentam duas linguagens distintas. Enquanto as primeiras eram mais abertas com o predomínio do vidro das grandes aberturas, as segundas eram mais fechadas e rígidas, em função do uso predominante do tijolo. Em 1948, foi solicitada uma ampliação para atender as crescentes necessidades dos residentes. Isso demonstra claramente a visão do arquiteto para as casas Usonia, que deveriam evoluir conforme as exigências das famílias. Essa expansão incluiu uma cozinha e sala de jantar mais amplas, uma sala de jogos, um quarto extra

e um pátio fechado. A parte interna da casa também tem características marcantes do arquiteto, com mobiliários embutidos e soltos de sua autoria. Frank Lloyd Wright acreditava que os móveis internos deveriam ser pensados em conjunto com o edifício em si, sua estrutura e organização, como se fossem uma extensão da casa. Na casa Rosenbaum os mobiliários se conectam com o ambiente por meio do uso dos mesmos materiais externos, além de direcionar ao uso dos espaços. Atualmente, a Casa Rosenbaum está aberta como museu público e é um grande exemplo da arquitetura Usonia idealizada pelo arquiteto norte-americano.



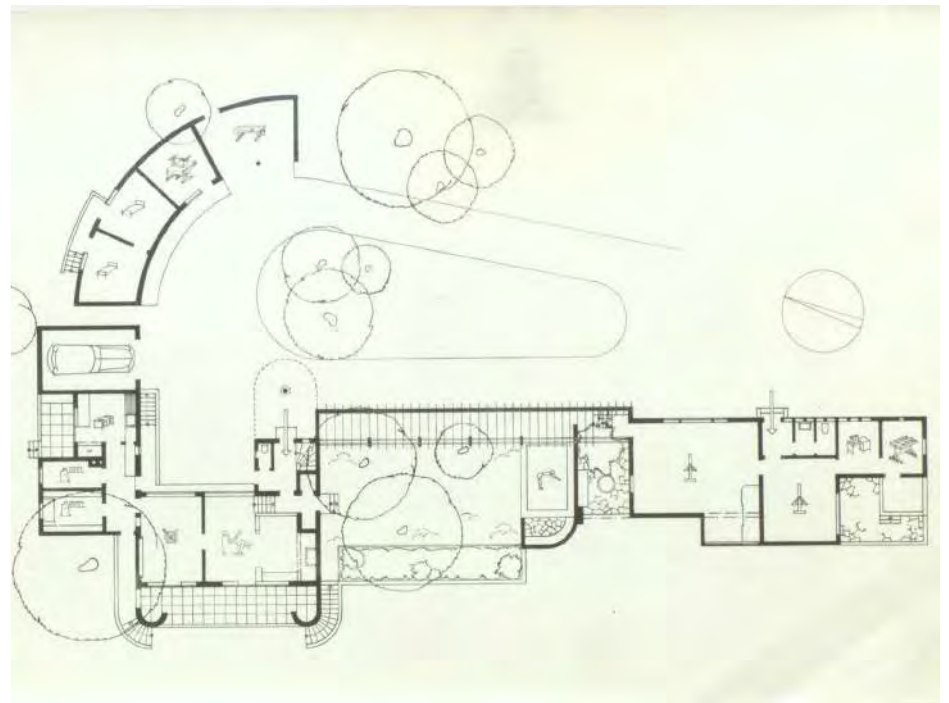
Frank Lloyd Wright Foundation

CASA & ATELIER ERNST MAY
Ernst May, Quénia, África oriental 1937.



© DocomomoJournal

A casa foi construída numa encosta monhanhosa, cercada por árvores, tem uma planta-baixa vasta e distribuída de forma a dar igual valor ao ambiente verde. Com 2 pisos, 2 entradas principais e uma secundária. A Planta do piso 0 é composta por uma aréa curva separada, com dois quartos destinados aos servos, e posterior um estúdio de tecelagem e um espaço de oficina aberto e coberto, este espaço era destinado a produção de couro, sendo a área que o seu pai dominava, o arquiteto passou a produzir também. A continuação do piso 0 dá-se com um espaço destinado a cozinha com uma entrada traseira e dois arrumos, que têm ligação com a sala de jantar e sala de estar, estes dois espaços permitem visualização para o interior da unidade habitacional à leste e para o vale abaixo no lado poente; O ambiente que marca a transição da casa para o atelier é o jardim. Em sequência um espaço de pérgulas que conduzem até o espaço de trabalho, sendo antecedido por outro jardim mais pequeno, o espaço atelier é composto por dois compartimentos.



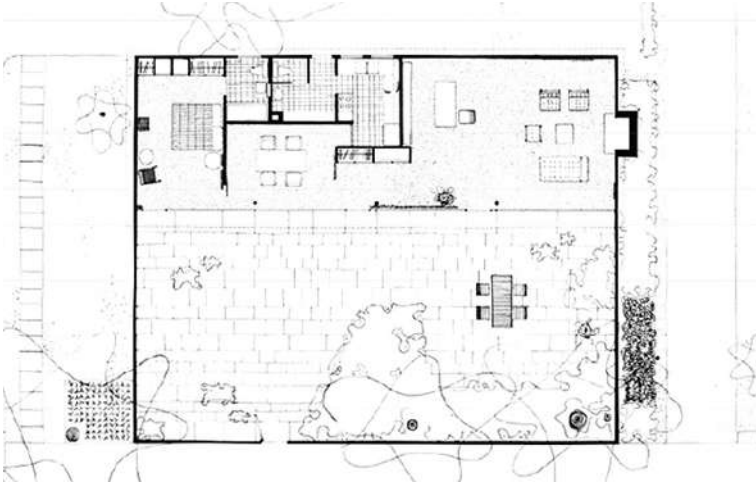
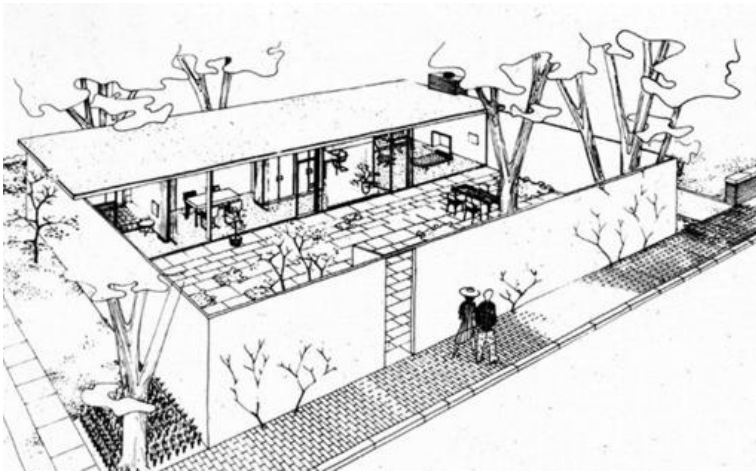
© ARTS IN EXILE / © DocomomoJournal



© USModernist | Mary Kay Judy

A Casa Johnson é um testemunho das raízes modernistas do arquiteto Philip Johnson. A Casa Johnson, também conhecida como Philip Johnson Thesis House, localiza-se em Cambridge. Philip Johnson projetou a casa como tese de pós-graduação e morou nela enquanto estava em Harvard. Esta casa foi o seu primeiro projeto realizado. Tem uma forte influência do estilo de Mies van der Rohe. A habitação passou por diversas transições visto que a sua construção foi limitada no que diz respeito aos materiais disponíveis devido à guerra a casa foi concluída em 1942 com componentes pré-fabricados. Como curador de arquitetura do Museu de Arte Moderna de Nova York, organizou com Henry-Russell a exposição sobre o Estilo Internacional, ideologia que explorou nesta casa. Atrás do muro perimetral de três metros de altura, Philip Johnson dedicou dois terços do local ao jardim. O terço restante foi dividido em áreas de dormir e sociais, separadas do jardim por uma parede de vidro sob uma cobertura plana. O projeto trata-se de uma casa retangular e um pátio cercado por uma cerca perimetral alta que corresponde em altura às paredes

da casa. A porta da cerca abre-se da rua para o pátio privado, separado do interior da casa por uma fachada de vidro e aço. Os espaços interiores são abertos e fluem uns para os outros. Assim, a Casa Johnson funcionou, em muitos aspectos, como um modelo para projetos subsequentes.



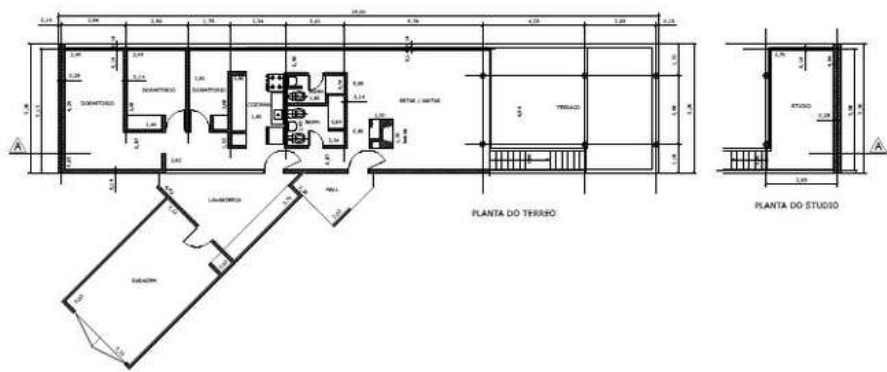
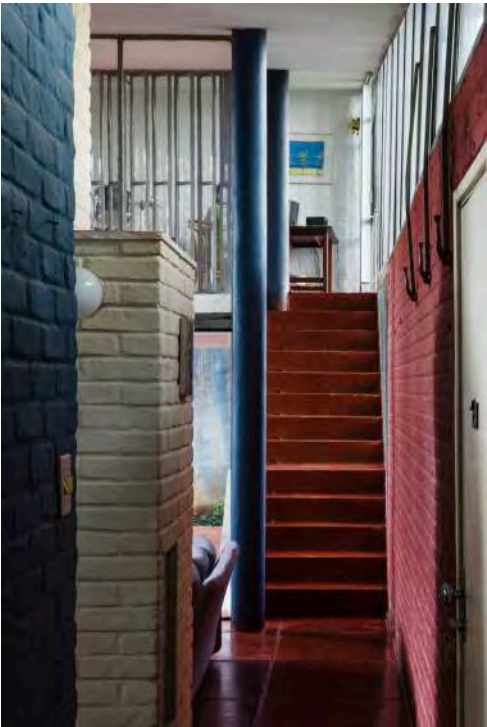
© USModernist | Mary Kay Judy



© Nelson Kon

Em 1942 João Batista Vilanova Artigas projetou e construiu a primeira residência para a sua família, a "Casinha". Posteriormente em 1949 construiu uma segunda residência ao fundo do terreno. Ela comporta espaços privados, de serviço e sociais. A casa tem uma sala de estar, uma cozinha, uma lavanderia, três quartos, duas casas de banho, e uma varanda com pilotis que suportam um estúdio. A cozinha e as casas de banho formam um bloco e este determina a circulação na casa por dois corredores que vão dar aos quartos. A cozinha que é aberta dos dois lados, ela ganha um papel de passagem entre os espaços. Todas as paredes da casa são de tijolo maciço. A maior parte delas pintadas e não rebocadas quer por dentro quer por fora. A casa é pintada de azul, branco e vermelho. Em termos de materiais predominam no plano inferior paredes de tijolos, no plano superior o vidro e na cobertura betão armado. A cobertura em asa de borboleta proporciona um pé

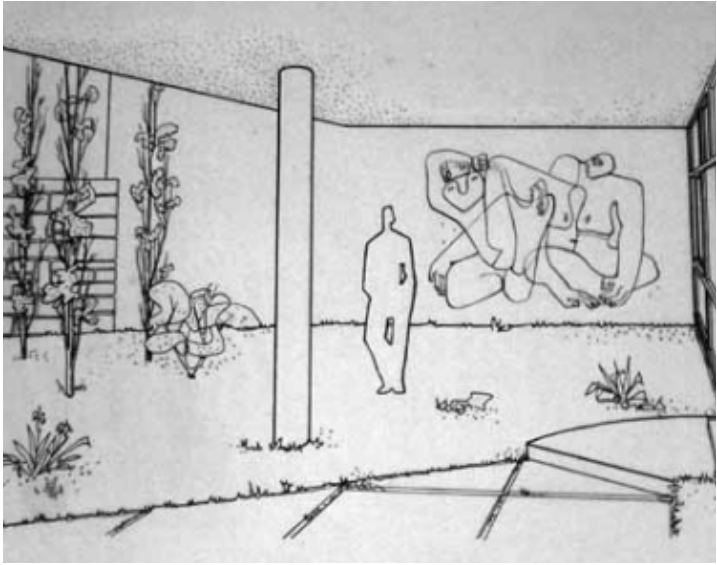
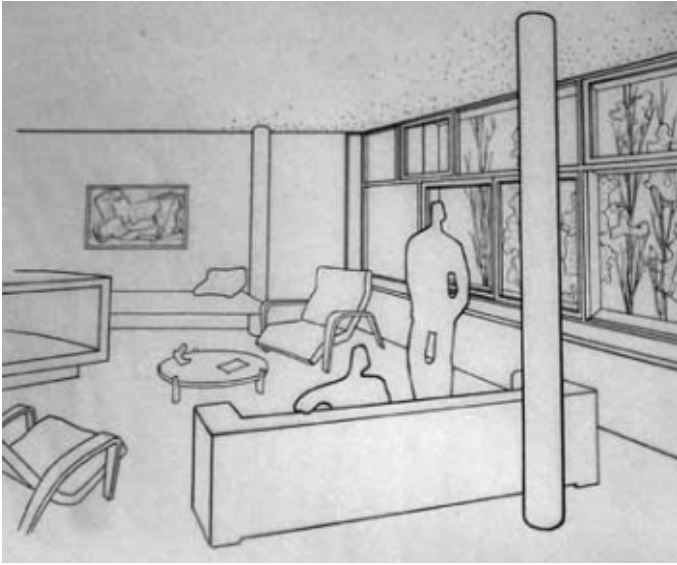
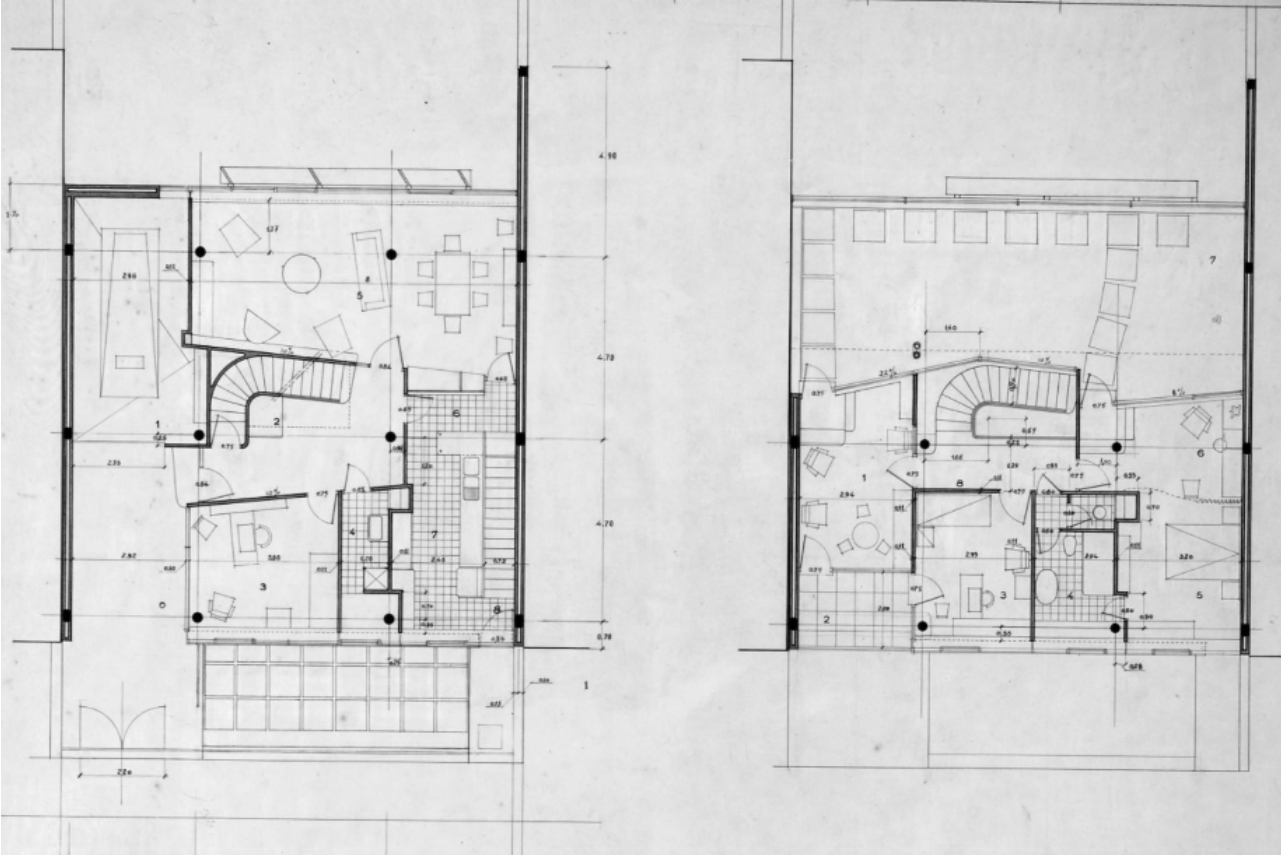
direito livre que vai da sala de estar até ao estúdio. Uma garagem que foi projetada na diagonal em relação aos outros espaços para criar um ambiente íntimo com uma cobertura abobadada. A casa está relacionada com o estilo do racionalismo de Le Corbusier e foi projetada tendo em conta o crescimento da família. Em comparação ao programa tradicional das residências esta casa não tem um quarto para empregados nem contém muros na garagem onde a delimitação é feita por uma cerca de plantas. O espaço mais importante da casa era a sala, onde outrora foram realizadas reuniões históricas do partido comunista e também encontros dos filhos de Artigas com os seus colegas onde debatiam o movimento estudantil que ocorria nos anos 60.





A Casa José Braga, localizada no Porto, representa uma das primeiras obras que segue os princípios do Movimento Morderno. Foi projetada por Celestino de Castro em 1949 e construída entre 1950 e 1951. Localizada numa área urbana em transição entre edifícios do final do século XIX a 1940, a casa desafia as regras municipais ao criar uma quebra na expressão formal e no uso de materiais. Possui três pisos, sendo que o terceiro é parcialmente subterrâneo devido ao desnível do terreno. Para criar um ambiente mais íntimo, um "pátio inglês" separa a casa da rua, quebrado apenas pelos acessos. Estes são feitos pelo piso intermédio devido ao desnível do terreno. O acesso principal leva-nos diretamente à garagem, e um átrio que conecta com todos os outros espaços, a sala, a cozinha e o escritório. Já o de serviço conduz-nos para a cozinha. O piso superior é reservado para áreas íntimas enquanto o 1º piso , do nível do logradouro, possui arrecadações, adega e um quarto de serviço. Nas traseiras, as fachadas do 1º e 3º piso, recuam para

estabelecer uma relação com o jardim. Em todos os pisos, as lajes são fungiformes para que não existissem vigas à vista. As caixilharias, em madeira macacaúba, são de correr por forma a permitir uma boa ventilação e uma relação dinâmica com os espaços exteriores.



© Arquivo Celestino de Castro

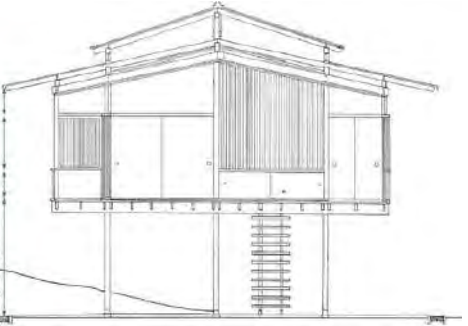
Tange House
Kenzo Tange, Seijo, Tokio, Japan, 1951-1953



©Ezra Stoller/ESTO

Tange House was designed by Japanese architect Kenzo Tange. His architectural projects combine traditional Japanese architecture with the needs of the modern world. His personal home, which is his only residential project, is no exception. The house was built in 1953 as a personal residence. The main building materials were wood and paper, with the exception of the glass facades and some other elements. Although the house was inspired by Le Corbusier's Villa Savoye project, it clearly shows elements of traditional Japanese architecture. The private space of the house is raised one floor above the ground on stilts, due to the high humidity of the Japanese climate, as well as the desire to keep the lower floor non-private. In designing the residential floor, the architect used the tatami plan module, which was the basis for the construction of a traditional Japanese dwelling. However, he slightly increased the size of the tatami to adapt the traditional layout to the modern requirements of the dwelling. The large main room of the house could be divided into 3 smaller spaces by traditional fusu-

ma sliding walls. He also used engava in his project. It is like a step that raises the main living space and, according to Japanese tradition, separates the outside world, which is unclean, from the inside world, which is clean. However, by raising the house one floor, the engawa loses its original function, which in this house became a balcony overlooking the outside world. In conclusion, this house is an example of the use of traditional building elements integrated into the needs of today's society.



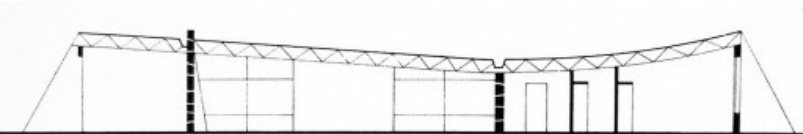
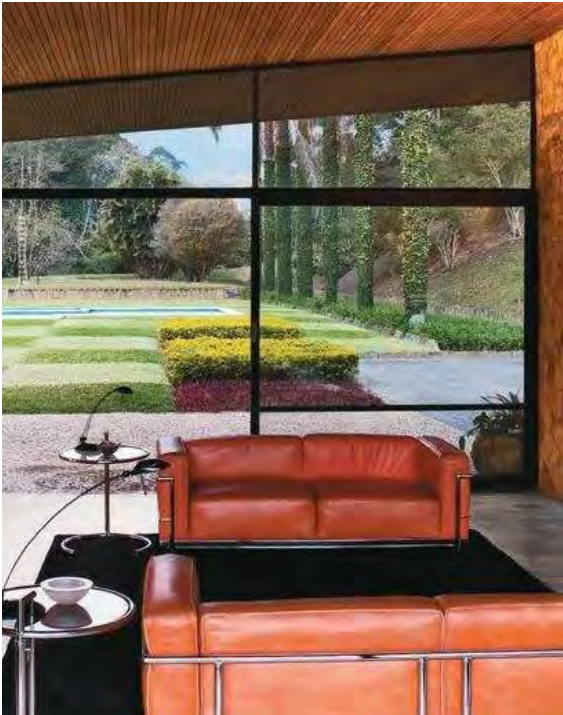
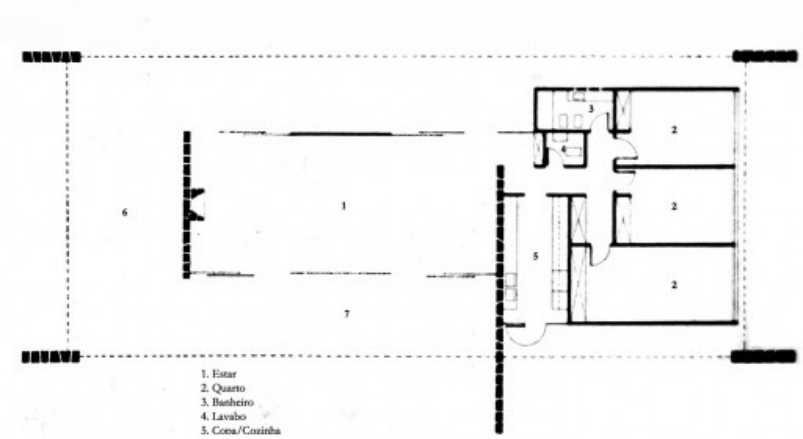
©Ezra Stoller/ESTO



Matthieu Salvaing

A Casa e Jardim Cavanelas localizada em Petrópolis, foi projetada por Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx. A utilização da cobertura côncava, apoiada sob quatro pilares com forma triangular, não define apenas o espaço interior, mas também estabelece uma ponte visual entre as pendentes das colinas dando um valor de continuidade, integrando a casa com a paisagem. Os jardins do arquiteto Burle Marx, neste projeto, têm características distintas um do outro, onde a nascente se situa o jardim geométrico, definido por uma grelha quadriculada que em conjunto com a piscina confere um valor de simetria. A utilização de duas espécies de relva ofereceu um padrão axadrezado. A poente, o jardim toma uma abordagem mais orgânica, seguindo padrões irregulares com uma maior variedade de espécies nativas. No interior da casa, com uma planta do piso térreo, as áreas bem definidas facilitam a funcionalidade e a fluidez do espaço interior. A área social da casa, sala de estar e sala de jantar, é desenhada para receber convidados e estabelece uma ligação direta com o exterior

através de panos de vidros. A disposição de quartos e instalações sanitárias oferece uma maior privacidade, mantendo ainda uma conexão com o exterior. Este projeto não representa apenas os ideais do Movimento Moderno da arquitetura, mas também a capacidade de integrar o espaço construído com a paisagem que o envolve. É um perfeito exemplo de simbiose entre arquitetura e paisagismo, destacando-se pela valorização da paisagem e a fluidez dos espaços interiores.



Leonardo Finotti, Matthieu Salvaing

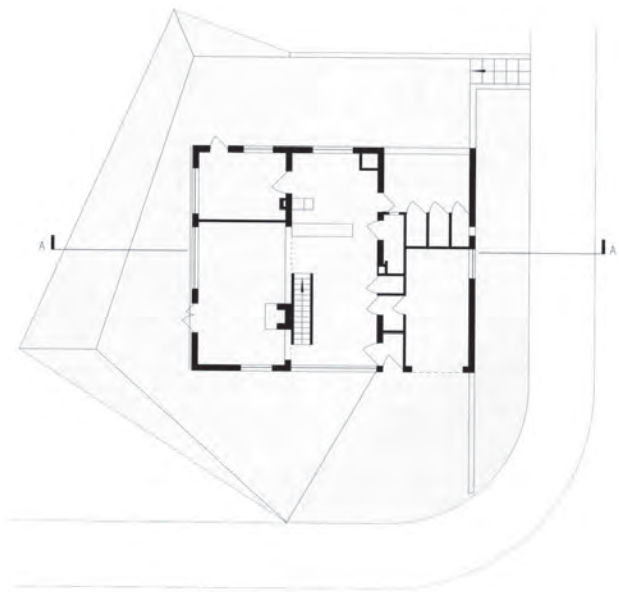
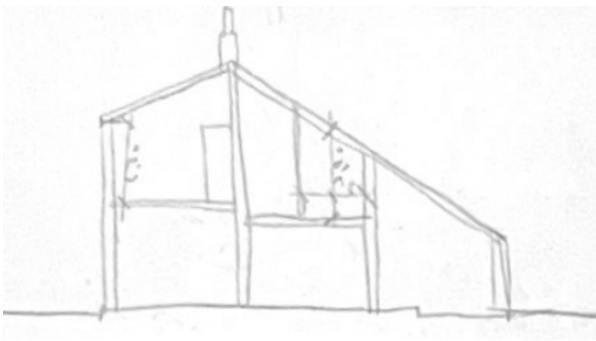
CASA SUGDEN
Alison e Peter Smithson, Watford, Reino Unido, 1955



©The Modern House

A casa foi concebida para Derek e Jean Sugden, foi projetada para ser uma habitação simples e comum, mas simultaneamente radical. Situada numa zona isolada, possui cerca de 150 m² distribuídos por dois pisos. É um ícone da arquitetura, evidenciado pela cobertura de duas águas e pelo uso de tijolo e aço nos vãos, estabelecendo uma ligação marcante com o jardim exterior. A exposição dos materiais cria uma expressão robusta no exterior, contrastando com a fluidez e leveza do interior, resultado da disposição dos espaços. O acesso à casa revela imediatamente a ligação direta entre os ambientes, no piso inferior encontramos uma sala de estar, cozinha, sala de jantar, escritório e um pequeno espaço de arrumos para o jardim, todos iluminados por amplos vãos. A separação entre a sala de estar e a sala de jantar é praticamente impercetível, sendo apenas marcada pela posição da escada e da lareira. A escada de madeira conduz ao segundo piso, dividido em quatro quartos e duas casas de banho. A inclinação da cobertura de duas águas é evidente nos quartos principais.

A opção por posicionar a casa numa extremidade do terreno, próxima da estrada, permitiu que os quartos e outros espaços usufríssem de uma vista para o jardim. No exterior, a casa ergue-se num patamar elevado, cercada por um terraço pavimentado.



© Urbipedia | WowHouses | Arquiscopio

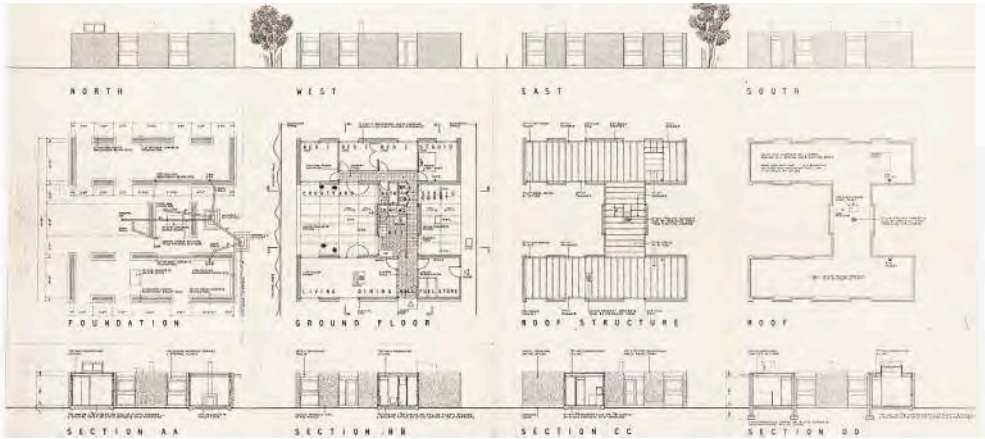


©Desconhecido

A casa Cowes, de Stirling e Gowan, foi construída em 1956 na ilha de Wight. Embora atribuído à dupla, a casa foi projetada por Gowan a pedido do seu cunhado, um pintor que queria o máximo de espaço para ele, para a mulher e para as duas crianças de ambos. Tal pedido resultou numa construção simples de um só piso, em formato de H no centro do terreno para evitar o ruído da estrada, com uma linha de árvores a norte, um campo de golfe e a Este, um vizinho a sul, e uma estreita entrada a Oeste. Não sendo uma construção modular, a casa Cowes apresenta algumas semelhanças: desde as formas simples, à repetição e simplificação dos padrões. As paredes estruturais são todas construídas de forma similar, e os vãos são todos iguais, ou apresentam variações do mesmo desenho. Esta simplificação da construção resultou numa diminuição significativa dos custos (aspecto que os arquitetos sempre negaram mas que é bastante evidente nos seus projetos). Ambos os arquitetos são britânicos, lutaram na guerra e deparavam-se num país

não só afetado e com necessidade de construção rápida, mas também num país que precisava de construção de baixo custo. Ao aspeto de construção de baixo custo, podemos aliar a ideia de arquitetura “brutalista” (expressão com a qual os arquitetos não se identificam, embora seja evidente nesta construção). Nesta construção, a estrutura é o acabamento (tijolos sem reboco, detalhes de madeira sem acabamento, interior igual ao exterior). A simplicidade do projeto permitiu a Gowan desenhar uma planta que aproveita o interior para expandir o exterior e vice-versa (ou seja, estando dentro de casa, a sensação é que a casa se expande para o exterior com o pátio que liga a sala aos quartos, por exemplo). A forma em H da planta numa grelha geométrica, permitiu a Gowan incluir na construção 3 quartos, um estúdio, uma cozinha, duas instalações sanitárias (uma com sanita outra de banho), uma sala de arrumos e uma sala dividida em 2 áreas por uma lareira. Um dos aspetos únicos da casa, em junção com a chaminé da cozinha, é o facto da lareira ser feita em

betão. Estas duas peças foram assumidas como excepção, criando nestes dois espaços um ponto de referência da casa.



© Desconhecido | James Gowan



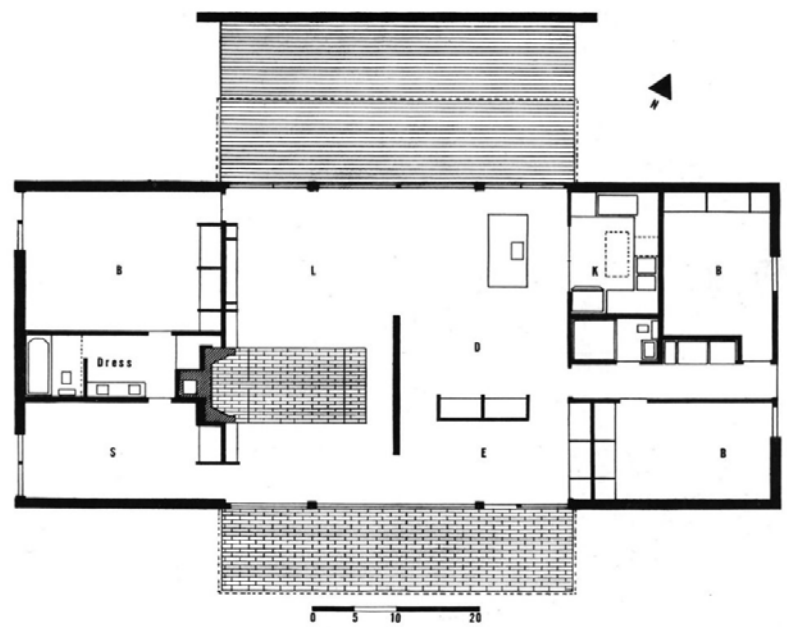
A casa tem uma área útil de 79 metros quadrados, que inclui um bar, uma sala de estar, uma sala de jantar e uma cozinha. Estas, estão separadas umas das outras por uma parede independente e por painéis rebatíveis. Consoante o gosto e o crescimento da família, o espaço pode albergar um espaço amplo e proporcionar ocasiões sociais. A esta área anexam-se duas áreas distintas, uma com um quarto, instalação sanitária e um escritório e outra com dois quartos e uma instalação sanitária.

A cobertura é o elemento surpresa desta casa, está apenas apoiado por 4 pilares de aço e flutua livremente acima das paredes e, no topo destas, é visto através de uma faixa de vidro contínua, um friso em constante mudança de céu e copas de árvores.

O plano é revelado pela fachada frontal, os quartos abrigam-se atrás das paredes de tijolo simétricas; as áreas sociais, sob o grande guarda-chuva de cobertura.

Esta propriedade é isolada, rica em árvores, e por este motivo não foi necessário criar um muro que separa a casa da estrada.

A divisão dos espaços interiores é clara e dramaticamente expressa nesta casa. As divisões estão revestidas a tijolo. As janelas são laterais. A sala de estar, por sua vez, abre-se para o exterior. As fundações da casa são lajes de betão sobre o solo, a estrutura é de aço e revestida com tijolo. As coberturas e as portas de correr são de alumínio. O aquecimento é efetuado por um sistema de ar quente. Os pavimentos são franchas de nogueira e as paredes são de madeira. Cada centímetro é aproveitado: a profundidade e o terraço quase duplicam o espaço habitável.



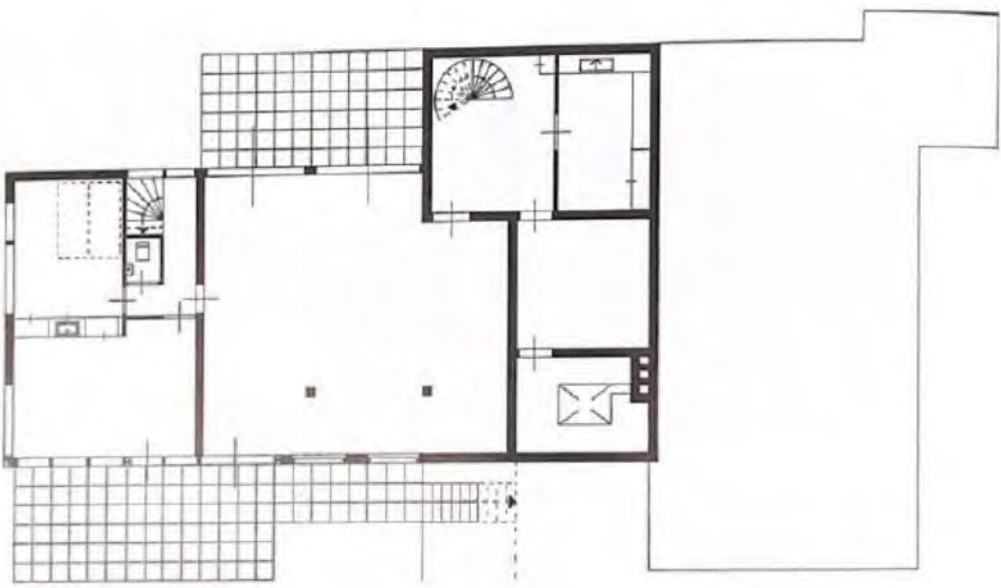
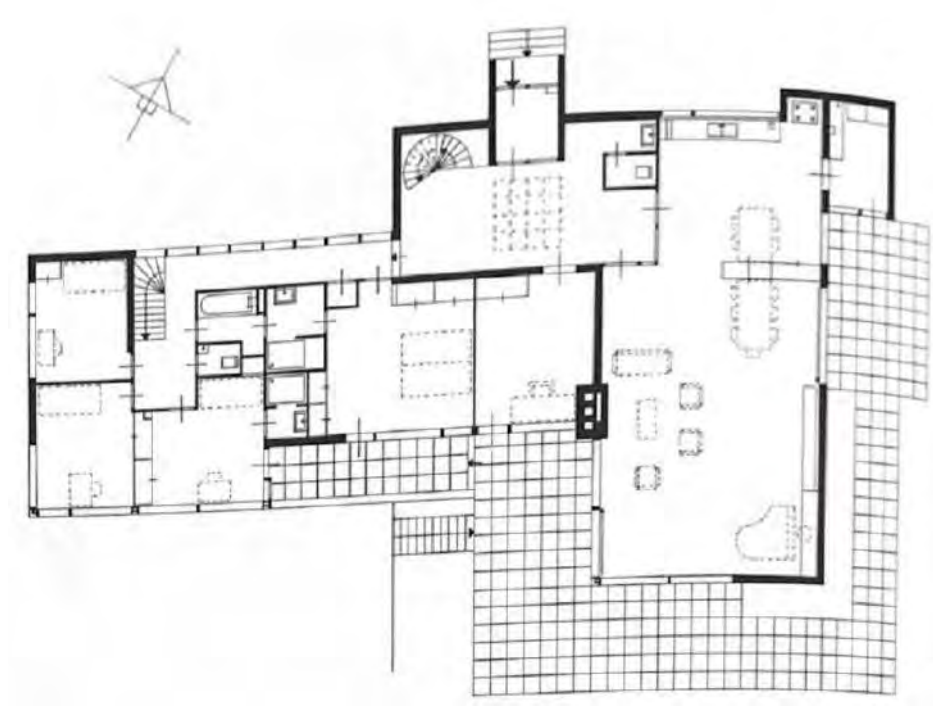


©Darcawards

A construção da Casa van Dantzig teve início em 1960 e encontra-se em Santpoort, nos Países Baixos, rodeada por uma área verde ondulante e arborizada. O arquiteto Gerrit Rietveld, um renomado arquiteto holandês, estabeleceu seu próprio estúdio em 1917, com a intenção de criar móveis inovadores e de formas únicas. Os clientes que encomendaram esta casa eram parentes da família Mees, para quem Rietveld já havia construído uma casa em Haia em 1936. Possuindo uma porção montanhosa da floresta em Santpoort, e impulsionado pela atmosfera de confiança mútua proveniente da construção da Casa Mees, Rietveld teve a oportunidade de projetar uma das maiores residências para a próxima geração da mesma família. O projeto aproveitou eficazmente o terreno, com a casa estendendo-se transversalmente e os quartos e a sala voltados para sudoeste, levando em consideração a orientação da bússola. Além disso, o Sr. van Dantzig, proprietário de uma fábrica de aço, permitiu que o arquiteto trabalhasse sem restrições além da estrutura de aço. A estrutura da casa apresenta um esqueleto de vigas

de betão e aço preenchido com paredes de alvenaria e grandes janelas do chão ao teto. Embora as vigas de aço exibam claramente funções de suporte de carga, sobrepondo-se diretamente aos caixilhos de madeira das janelas sem isolamento térmico, esta estrutura permitiu o uso de grandes vãos e áreas envidraçadas, com a fachada sul completamente envidraçada. Destaca-se uma característica notável: a parede envidraçada próxima à área de jantar, que pode ser completamente aberta, fundindo o interior com o exterior. As cores exteriores foram escolhidas com base nos materiais de construção, incluindo tijolos brancos, tijolos pretos e detalhes em preto. As portas da garagem são azuis, e a madeira foi pintada de branco. Rietveld adotou uma abordagem não convencional em relação à entrada, destacando-a na fachada sólida com uma cobertura de betão em forma de túnel que serve como alpendre. A casa é composta por um volume térreo em forma de L, juntamente com um bloco retangular inferior que se estende desde o ângulo interno paralelo ao braço

mais curto do L. A disposição irregular dos quartos cria uma sensação de galeria, com paredes completamente transparentes em um dos lados. A luz é abundante, proveniente de várias direções, principalmente de forma indireta, criando um ambiente único. Uma das características fixas notáveis é a cozinha, desenhada por Dora Mees, irmã da Sra. Van Dantzig, com base nas instruções de Rietveld. Dora Mees trabalhou brevemente como assistente voluntária no estúdio de Rietveld em 1939. A cozinha, aberta e parcialmente separada da sala de estar por uma parede de madeira com armários acessíveis de ambos os lados, apresenta uma abertura na parede do armário que funciona como uma portinhola de serviço.

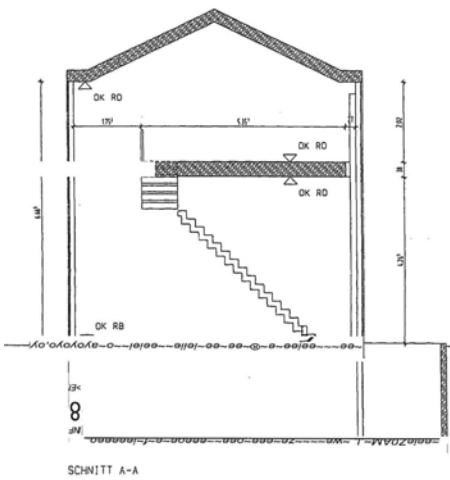




©Jurg Zimmermann

The Atelier Hermann Rosa is located in Munich, Germany. This atelier was projected and constructed by the architect and sculptor Hermann Rosa for himself. The purpose of this studio was for him to work artistically there. On the property was a large hanging willow, a makeshift home and a hand water pump. Hermann Rosa was a stonemason like his father and from 1960 to 1964 he built this studio with his own hands. He was helped by a friend - the wood sculptor Ludwig Spegel, some carpenters, his wife Maria Rosa and his son Veit Rosa. The studio looks like an industrial manufacture and suggested modernism but Hermann Rosa's working style was manual and based on the observation of nature. The studio shows a successful attempt to merge architecture and nature, with raw concrete walls and stairs, wood elements and large glazed windows. The doors and windows framed by steel delimit the concrete. The walls were built at the same time as the stairs as a whole and those lead to the gallery floor. This first floor works like a floating floor.

The ground floor has a great height that makes the room look like it's bigger than it actually is. The facades are arranged vertically, when projecting looks like Hermann Rosa avoided the horizontally so the structures can continue and meet in the infinity.



©Jurg Zimmermann

CASA SHEATS GOLDSTEIN

John Lautner, Los Angeles, Califórnia, EUA, 1963, 1980-1994



©Jeff Green

A casa Sheats Goldstein foi projetada pelo arquiteto norte-americano John Lautner e está localizada na cadeia montanhosa de Santa Mônica, em Los Angeles, Califórnia, EUA.

A primeira versão da residência foi feita em 1963 para abrigar a família de Paul e Helen Sheats, juntamente com seus cinco filhos, posteriormente, em 1972, a casa é adquirida por James F. Goldstein. No entanto, devido às descaracterizações significativas realizadas tanto no interior quanto no exterior da residência, o milionário norte-americano decide contratar o arquiteto para remodelar a casa as suas necessidades.

A nova versão da casa incorporou diversas melhorias para o seu novo proprietário, mas preservou a estrutura principal e o desenho dos ambientes. Disposta em dois pavimentos e ancorada na encosta de Beverly Crest, a casa é acessada pelo centro, por meio de um caminho de pedras sobre água. A partir desse ponto, um lado da casa temos a sala de estar, o terraço e a piscina com visual para a cidade. O outro lado compreende a cozinha, sala de estar e os dormitórios. No centro ainda

há uma escadaria que leva para o pavimento inferior, onde se encontra a suíte principal, também voltada para a cidade.

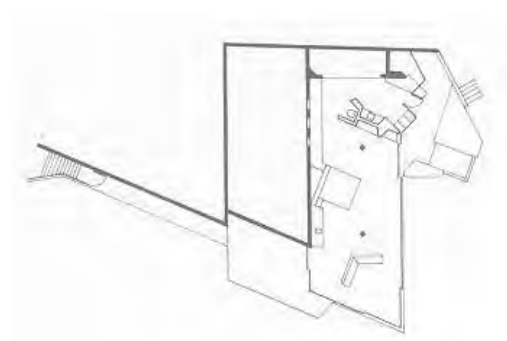
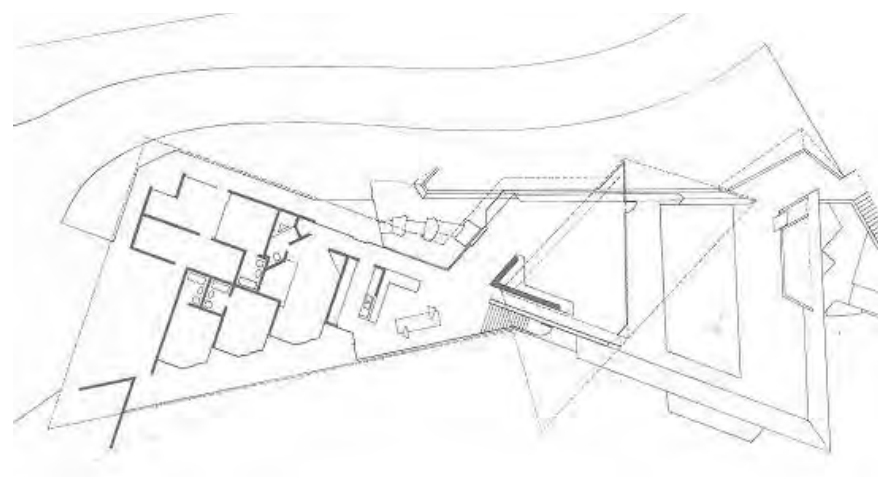
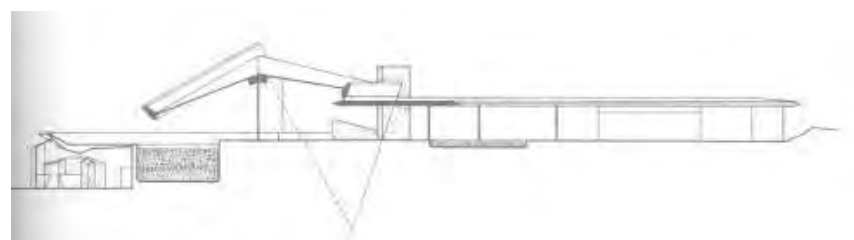
John Lautner trabalhou com Frank Lloyd Wright e com ele teve contato com os princípios da arquitetura orgânica, muito evidente em seus projetos. O arquiteto conta que o projeto foi todo pensado de dentro para fora, buscando sempre estabelecer uma relação de continuidade com a paisagem externa e a vista privilegiada da cidade de Los Angeles. Para isso, o arquiteto definiu a utilização de planos envidraçados, sem caixilhos visíveis, que vão do piso ao teto. Além disso, clarabóias motorizadas foram incorporadas em outros espaços mais íntimos, como a sala de jantar e cozinha. Outro princípio que compartilha com o seu mentor é a utilização dos materiais na sua forma natural, sem revestimentos. Na residência o arquiteto optou pelo uso de betão, madeira e vidro.

Um dos grandes destaques do projeto é a cobertura nervurada de betão armado na sala de estar, inspirada no projeto da Galeria de Arte da Universidade de

Yale de Louis Kahn. Cerca de 750 pequenas clarabóias foram estrategicamente distribuídas na cobertura, permitindo a entrada sutil de luz no ambiente.

O mobiliário da casa é todo de autoria do arquiteto, seguindo a mesma linguagem da casa, caracterizado por formas angulares e arredondadas. Praticamente todo o mobiliário é fixo e utiliza materiais como betão, vidro, couro, inox e madeira.

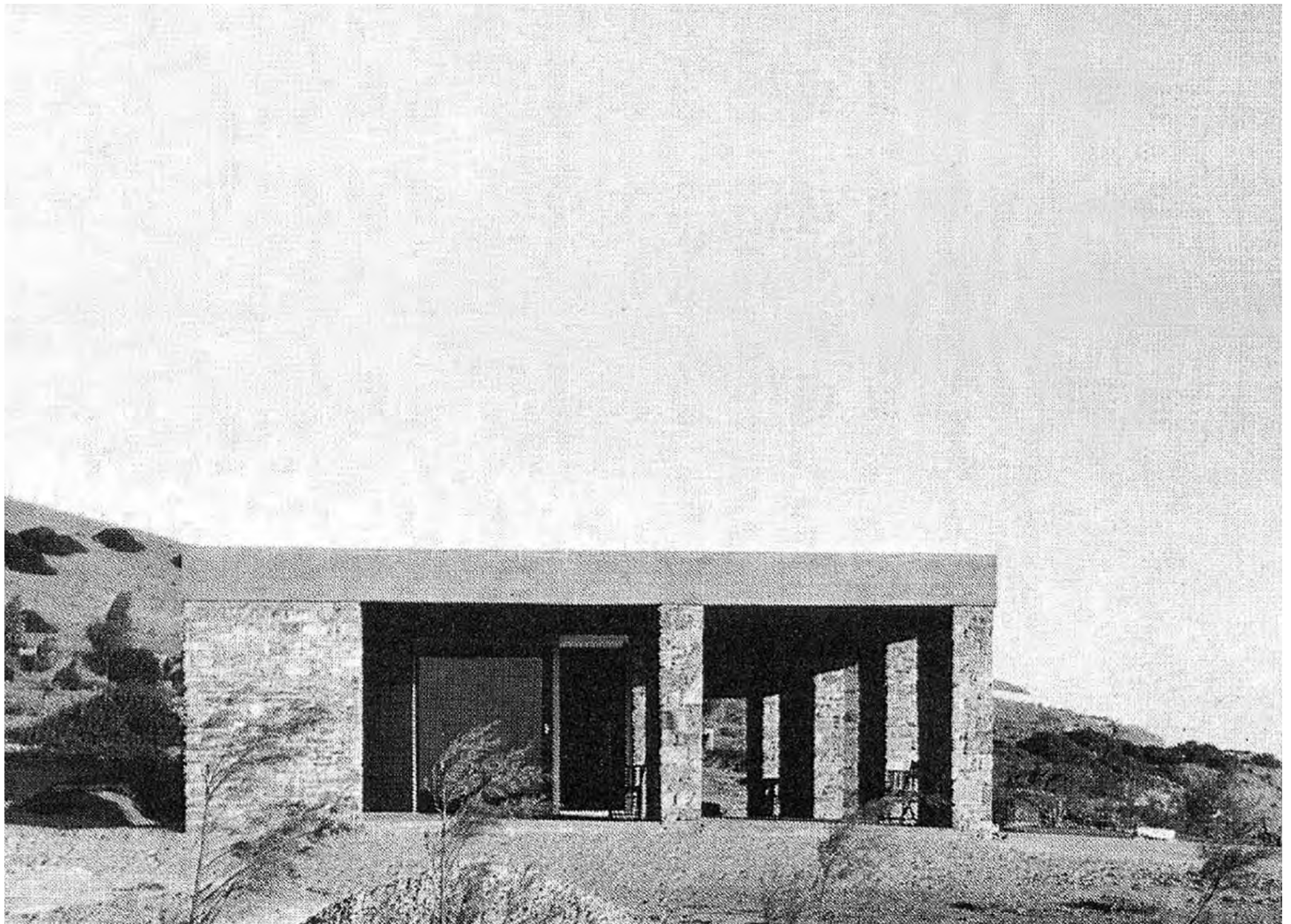
Além da casa principal, a propriedade inclui outras estruturas, como o "Club James", uma quadra de tênis, uma instalação artística projetada por James Turrell e diversos caminhos e espaços ao ar livre que permeiam o projeto paisagístico do arquiteto Eric Naglemann.



©Tom Ferguson (fotos de baixo), ©Jeff Green (foto de cima), John Lautner Foundation (plantas e corte)

CASA FIM DE SEMANA

Aris Konstantinidis, Attika, Grécia, 1962

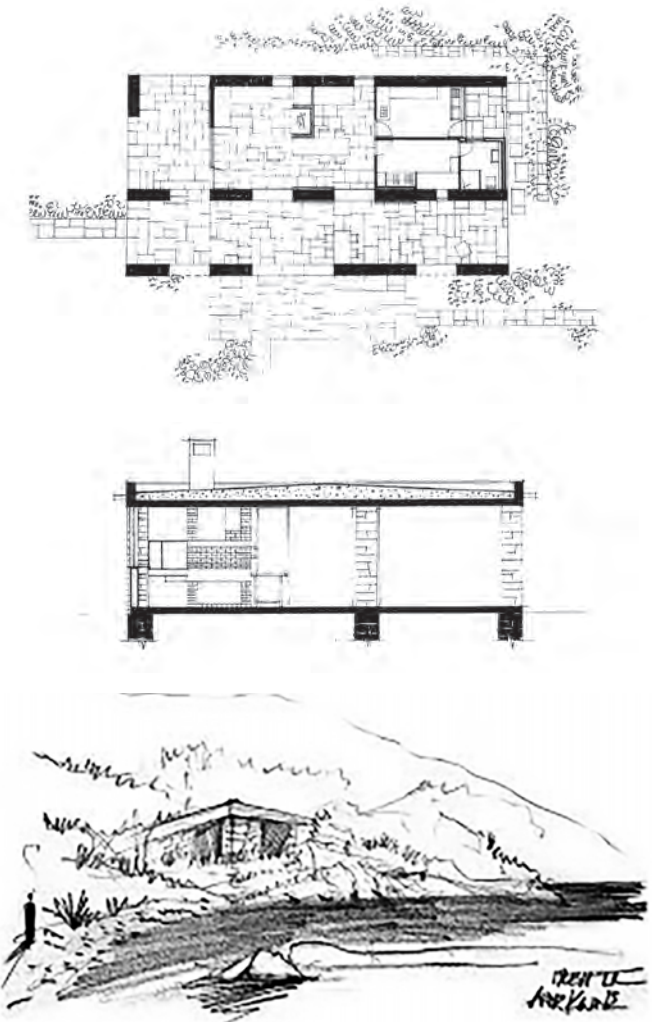


©Atlas of places

A casa de fim de semana de Anavyssos, situada em Attika, Grécia, foi encomendada pelo General Panayotis Papapanayotou. A casa foi concebida para servir como recipiente para a vida, uma estrutura enraizada no seu ambiente, como se sempre lá estivesse estado. Construída sobre um promontório rochoso, a poucos metros do mar, estabelece uma relação íntima entre o interior e o exterior, tornando-os num único espaço. Esta relação, que se baseia no conceito de corpo e espírito para compreender o espírito do lugar, é o cerne da arquitetura.

A planta é retangular e inclui um espaço interior e um espaço semi-exterior. O primeiro é estruturado através de uma grelha de 2x5 metros, composto por uma sala com lareira, um quarto, uma casa de banho e uma cozinha. O espaço semi-exterior, virado para poente e nordeste, foi concebido para servir de zona de estar e de refeições para os moradores no verão. A estrutura é constituída por paredes de pedra suportadas por vigas de betão aparente. O núcleo tem aberturas viradas para o espaço exterior coberto.

A combinação de pedra calcária, betão e persianas, mobiliário de madeira nas aberturas, proporciona uma temperatura satisfatória no interior durante os meses de verão. Além disso, o ritmo e a direção das paredes que formam a stoa criam uma sombra profunda no espaço intermédio e realçam a vista para o mar.



©Atlas of places | Aris Konstantinidis

CASA PARA UM VIOLINISTA E SUA MÃE

Helge Hjertholm, Askøy, Noruega, 1967



©Arkitekten

O cliente é um violionista que o arquiteto conhece quando está a estudar em Copenhaga. Este cliente tinha um terreno em Askøy e queria construir uma casa para ele e para a mãe. O objetivo era poder viver num sítio isolado, fazendo a viagem para o trabalho na cidade, a partir de um barco a motor.

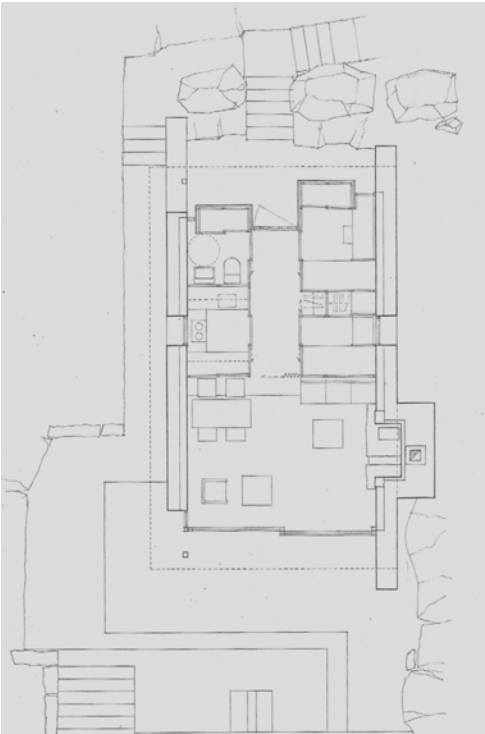
A casa é baseada na construção modelar. Existem paredes de pedra que servem de estrutura. A cobertura revestida a madeira pousa sobre as paredes. Na frente, dois painéis de vidro permitem a vista para o mar.

A entrada faz-se, aproveitando a topografia do terreno. Esta entrada é dissimulada por dois volumes de madeira. As divisões interiores são distribuídas por módulos, em painéis deslizantes com caixilhos de madeira. Todos os espaços são limitados, tendo o desenho dos quartos uma zona de dormir em alcova e uma zona de trabalho.

A casa está integrada e em harmonia com a envolvente natural, refletindo o estudo do enquadramento paisagístico.

Há um corredor central onde as divisões se articulam de modo a criar, por um lado, os espaços de casa de ban-

ho e cozinha e, por outro lado, os dois quartos. No topo do corredor temos a sala comum orientada para o mar, que se relaciona com a plataforma exterior de pedra onde a casa assenta.



©Arkitekten

VILLA KLOCKBERGA

Peter Celsing , Drottningholm, Suécia 1966-1969



©Ateliê Peter Celsing

A Villa Klockberga, localizada na ilha Lovon, Suécia, foi projetada por Peter Celsing.

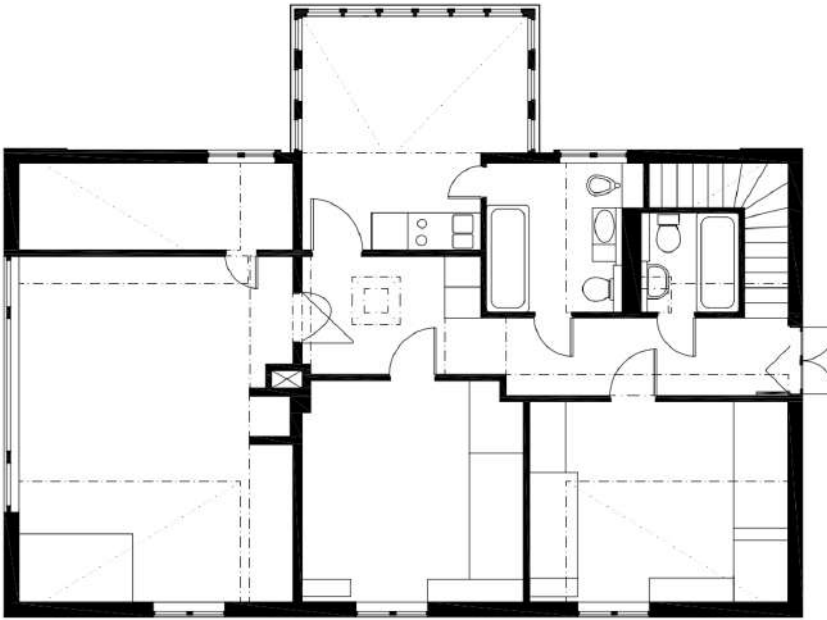
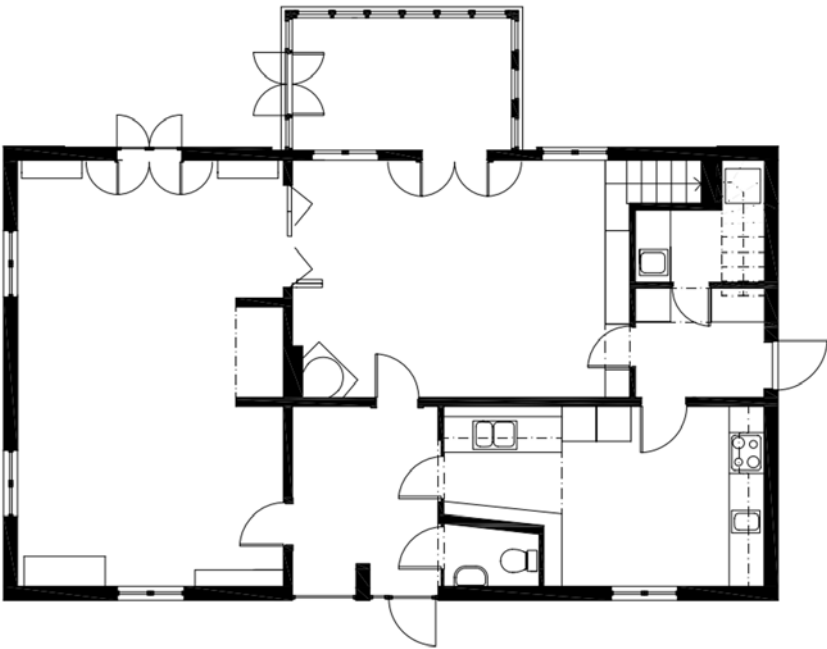
Este projeto surgiu como uma casa teste, onde foram experimentadas varias soluções arquitetônicas, para uma residência particular para ele e para a sua família. A área de implantação da Villa Klockberga é enquadrada numa zona residencial com um espaço verde envolvente, perto da margem do lago Malar.

A cor preta evidência a fachada da casa, percorrendo um esquema de cores, onde é evidenciada a fachada a poente fazendo uma rotura nesta escolha cromática, optando por utilizar a cor branca na fachada virada para o jardim, acompanhada por um volume que se projeta para o exterior. As fachadas integram os vãos com caixilhos pintados com uma cor acastanhada parecendo argila. A sua dinâmica súbtíl varia através da composição de vãos dando ao projeto um sentido diferente, sugerindo uma rutura com a arquitetura utilizada na área residencial envolvente.

A casa é organizada em dois pisos, com uma planta retangular. Tanto no piso térreo como no primeiro piso

a casa está organizada para que cada espaço receba o melhor aproveitamento da luz solar.

Os alinhamentos das paredes, a colocação assimétrica das portas, ajudam a enquadrar um certo significado arquiteténico e atmosférico, Celsing utilizou peças de mobiliário de projetos em curso no seu atelier provenientes do Oriente, com o sofá coberto de tapetes, e os tapetes pendurados no teto, introduzindo assim, o uso de várias cores, vários objetos, criando um espaço único e cheio de personalidade.





© Bill Maris

A casa Cooper de Gwathmey Siegel , foi desenhada em 1968 e construída em Massachusetts para uma família de seis pessoas, cujos únicos requisitos foram a separação do quarto dos pais do das crianças, e a construção de estruturas separadas de uma garagem, e de um armazenamento de barco.

A casa assenta numa pequena colina que desce em direção à baía, com acesso pelo primeiro piso através de uma ponte ao lado da garagem.

Esta casa pode ser utilizada para refletir sobre vários temas, a habitação particular como objeto de experimentação, que não sendo o método mais eficiente de habitar, é um luxo que dá espaço para praticar, os arquitetos pertencendo a um grupo denominado “The New York Five” seguia as ideias modernistas de Le Corbusier de percurso pela arquitetura, a chegada, a travessia, a orientação, a vista e a circulação.

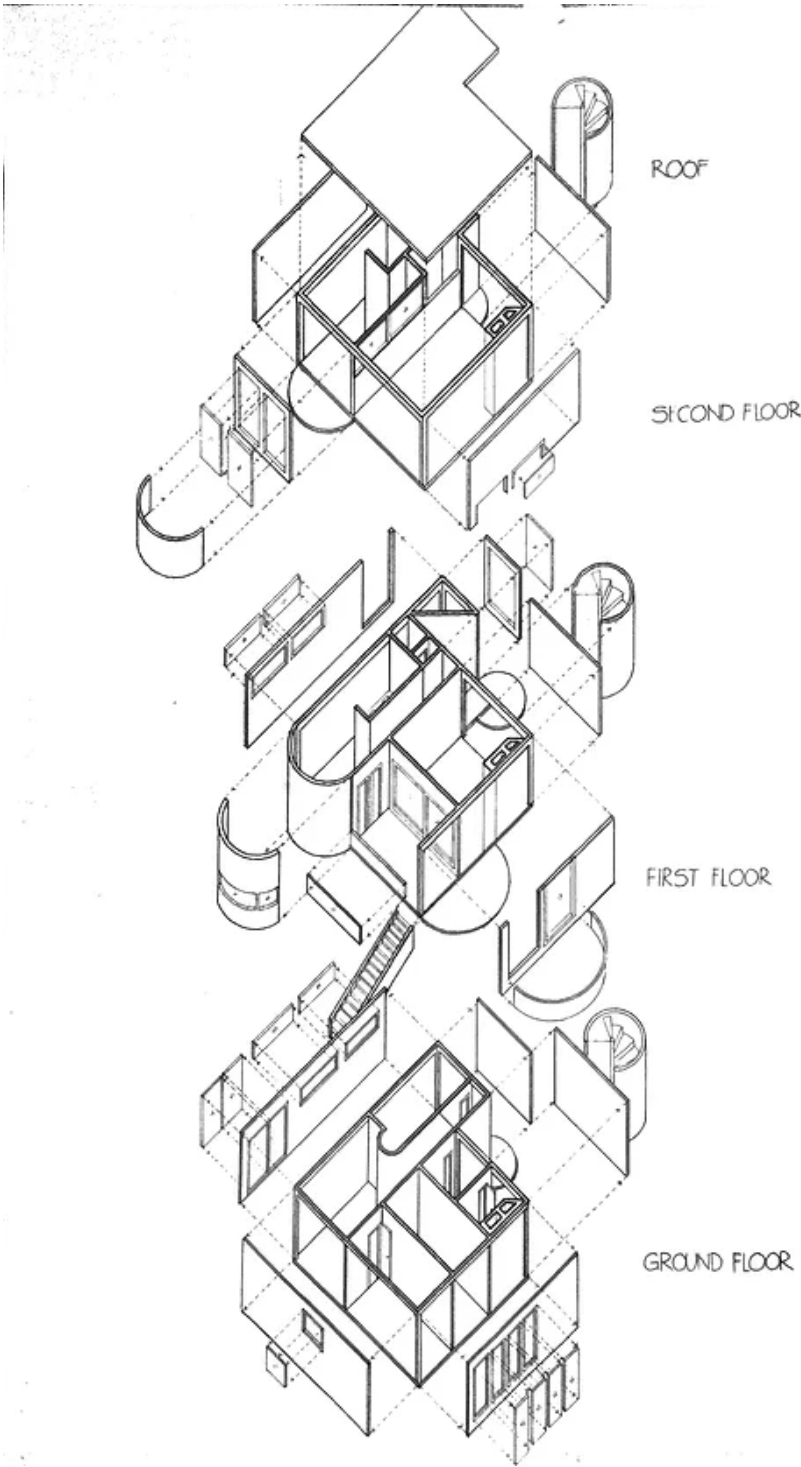
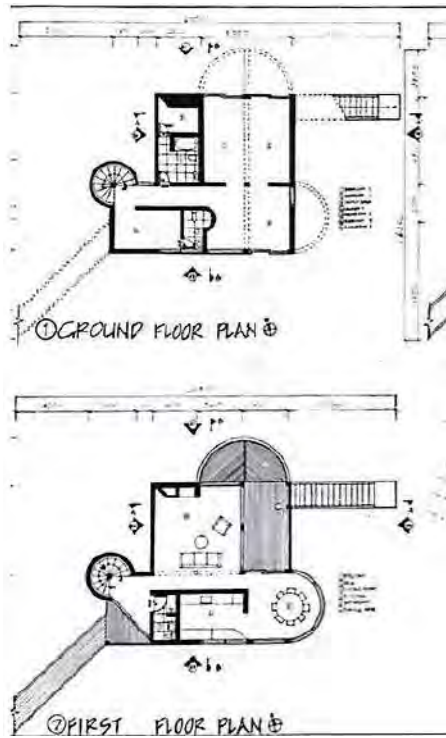
Nesta casa, os arquitetos têm a liberdade de trabalhar a geometrização e o jogo de espaços é um fator importante nesta casa. Esta casa não é o primeiro caso em que os arquitetos experimentam o conceito.

A residência Gwathmey (que o atelier fez para os pais de Gwathmey) onde a casa também se fragmenta em volumes e peças autónomas, separando os espaços de programa dos de circulação. A organização de espaços desta casa toma inspiração na arquitetura de Le Corbusier na Cité Frugès, (uma serie de edifícios de habitação social) em que Le Corbusier através do mesmo módulo, fez várias tipologias.

Nesta casa, os arquitetos usam as plantas e os cortes em simultâneo para desenhar. Tudo constitui um elemento único.

É evidente uma reinvenção do espaço, tendo sido repensado o sítio das janelas, bem como a organização vertical que separa os espaços pessoais ao meio pela linha do horizonte. Há uma falta de ornamentação porque a própria arquitetura é ornamental.

A construção é uma armação de madeira forrada com cedro, este uso de madeira pode ser assumido como uma reinvenção da arquitetura mais comum americana de casas de madeira (bem como o aproveitamento do contexto do sítio que remonta a casas de pesca).



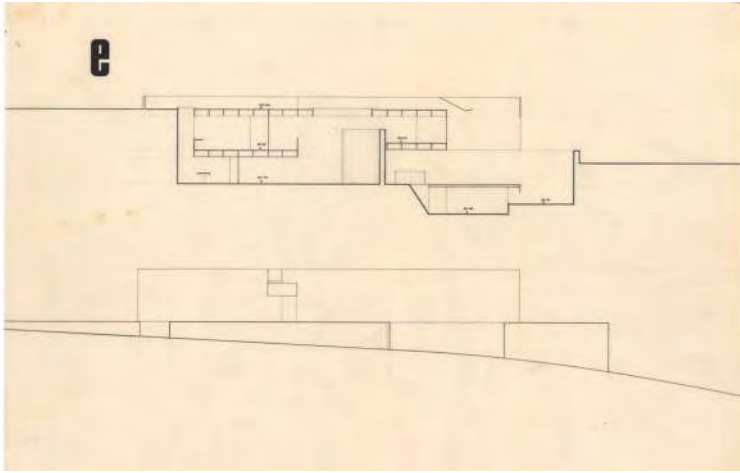
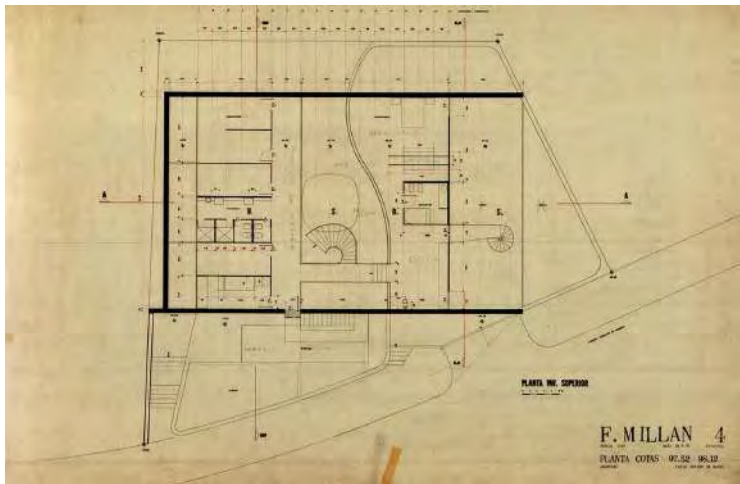
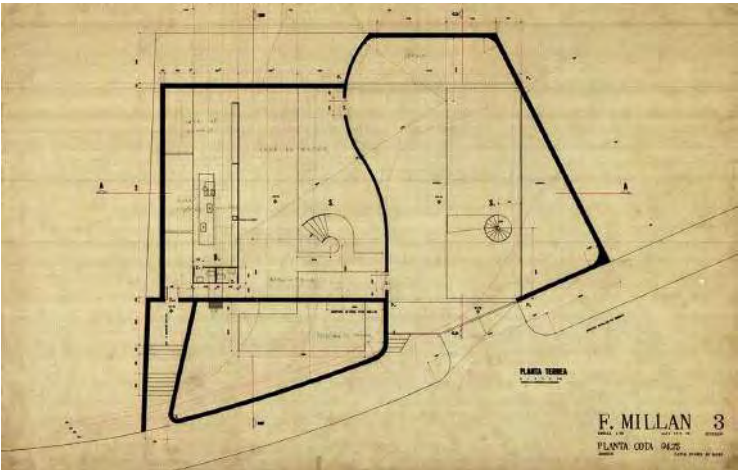
© Bill Maris | Rachel Ooi



Leonardo Finotti

A Casa Millán foi projetada em 1970 pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha para Fernando Millán. Surge durante a ditadura brasileira, momento este em que o arquiteto estava proibido de trabalhar no país. Situada à frente do bosque Morumbi, a casa está enterrada e o acesso faz-se pela única fachada, levando à cozinha e à sala de estar onde se encontra a escada helicoidal que dá acesso ao restante programa. No primeiro piso temos os quartos e um acesso ao exterior que nos leva a um pátio com acesso à cobertura. O desenho é marcado por lajes de betão, espaços de água, clarabóias e vegetação. A água e a vegetação dão a sensação da extensão do bosque e também funcionam como soluções térmicas. Toda a casa foi construída em betão armado, sem acabamento e com a estrutura aparente. Visto que a sua única fachada não possui vãos, as clarabóias criam pátios cobertos ou descobertos que iluminam e unificam os diferentes espaços, e acentuam a relação do espaço exterior com o espaço interior. A luz tem uma função preponderante em desenhar o

espaço e definir a forma como o habitamos, fazendo com que a forma de como a luz penetra o quarto ser diferente da forma de como atravessa a sala ou ilumina a cozinha. O edifício é introvertido, no entanto não deixa de se relacionar com a envolvente. Existe pouca intimidade dentro da casa porque todas as divisões estão unidas por pátios de luz e as paredes não tocam o teto.



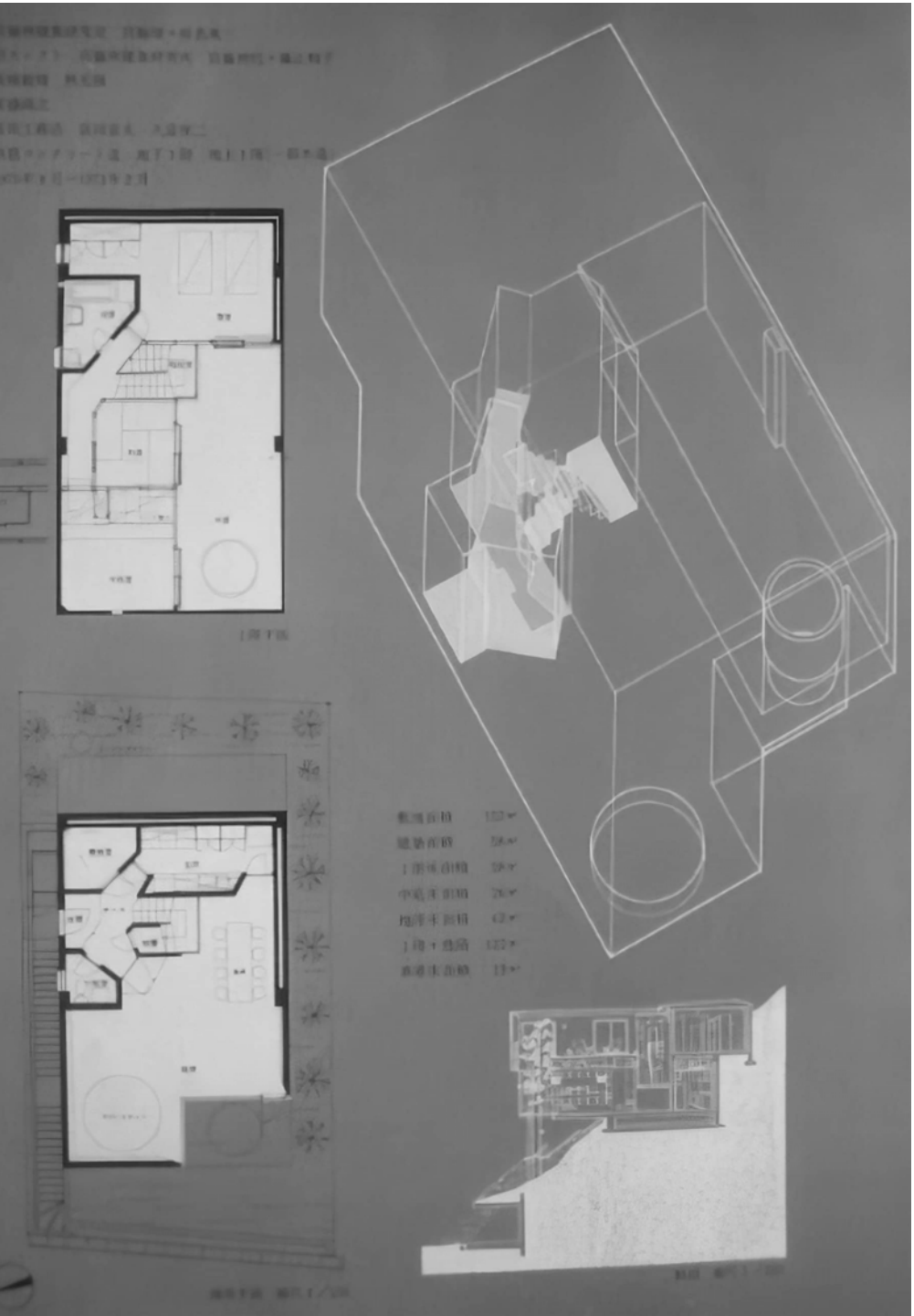
HAYASAI BOX

Mayumi Miyawaki, Tokyo, Japan, 1971



Mayumi Miyawaki was part of the counter-metabolist group ARCHITEXT, a loose-knit association of five young architects that he founded. Mayumi Miyawaki designed the Hayasaki House (Blue Box House) in a suburb of Tokyo in 1971. It was part of a series of 18 box houses by Mayumi Miyawaki, all based on a cubeshaped volume modified by cantilevers, skylights and cut-outs. Confronted with the living conditions in a metropolis of millions like Tokyo, he focussed on the relationship between private and public spaces and planning that allows intimacy even in a metropolis. Hayasaki House is situated on a slope and is accessed via an external staircase. The kitchen and a bathroom are located in the back area of the ground floor, while the living room is located in the front area. There, a corner was cut out of the building cubature. In the gap is the only window that opens to the outside. In the living room is also a round seating area, which presses out of the floor of the building and can therefore also be seen from the outside. On the first floor there are two bedrooms, another bathroom and a traditional Japanese room with tatami mats.

All rooms open out to an inner courtyard and have no openings to the surrounding of the house. Through a hole in the floor, a bamboo grows from below past the window of the living room into the inner courtyard, creating a connection between inside and outside. The closed façade creates a very intimate interior space that is strongly closed off from the outside. However, the complex arrangement of the few openings and the relationships between the interior spaces mean that the house does not feel constricting. In my opinion, Mayumi Miyawaki has found a very interesting solution to the questions of intimacy and the protection of privacy with his Hayasaki House.

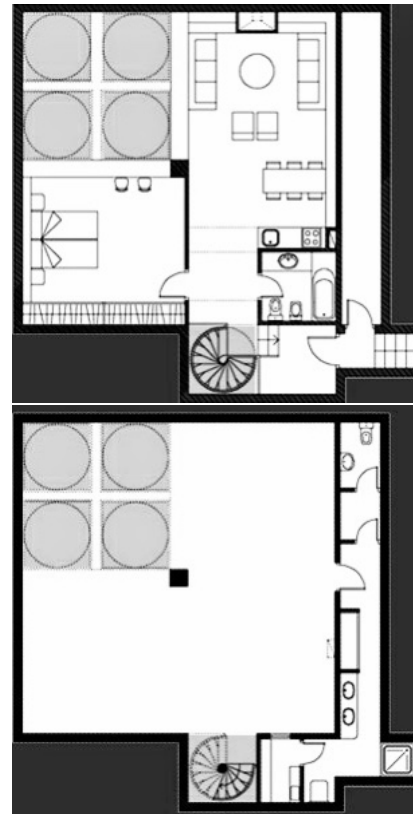




©ArchDaily

1972 foi o ano que se iniciou a construção da casa arranha-inferno, em Atalaya no sul de Madrid, o arquiteto encontrava-se em fase de divórcio e insistia em dizer que não haveria de sair da casa, até então decidir que iria criar o seu **refúgio**, também pelo facto de um amigo seu ter tirado várias cartas "Tarot" e às mesmas insinuarem "morte", foi uma fase de muitos conflitos internos, e a casa seria então a razão para a sua existência. O arquiteto mostrava interesse e respeito pela arquitetura popular, e insinuava voltar as características da mesma, mais propriamente ao tema da caverna; E, cumpriu a sua palavra, ali viveu até ao fim. A casa tem 8m de profundidade, é rodeada de silêncio e tranquilidade, as clarabóias eram a sua janela; É feita sem divisórias, o que permite maior e melhor entrada da luz através das clarabóias, o pátio em pé direito duplo torna a casa viva, até hoje. O piso -1 ou sótão 1 como é descrito, é destinado a casa, inclui instalação sanitária, quarto principal e sala de estar, o acesso ao sótão 2 é feito através de uma escada em caracol situada junto à entrada principal, sen-

do destinado ao trabalho e com inclusão de instalação sanitária, um espaço de descanso e contemplação no pátio central, que é recheado de luz do dia e várias obras de arte, trabalhos de arquitetura, pintura, escultura expostos nas paredes.



© Fundação Fernando Higuera

CASA VILLA VAN WASSENHOVE
Sint-Martens-Latem, Ghent, Bélgica, 1972-1974



©Desconhecido

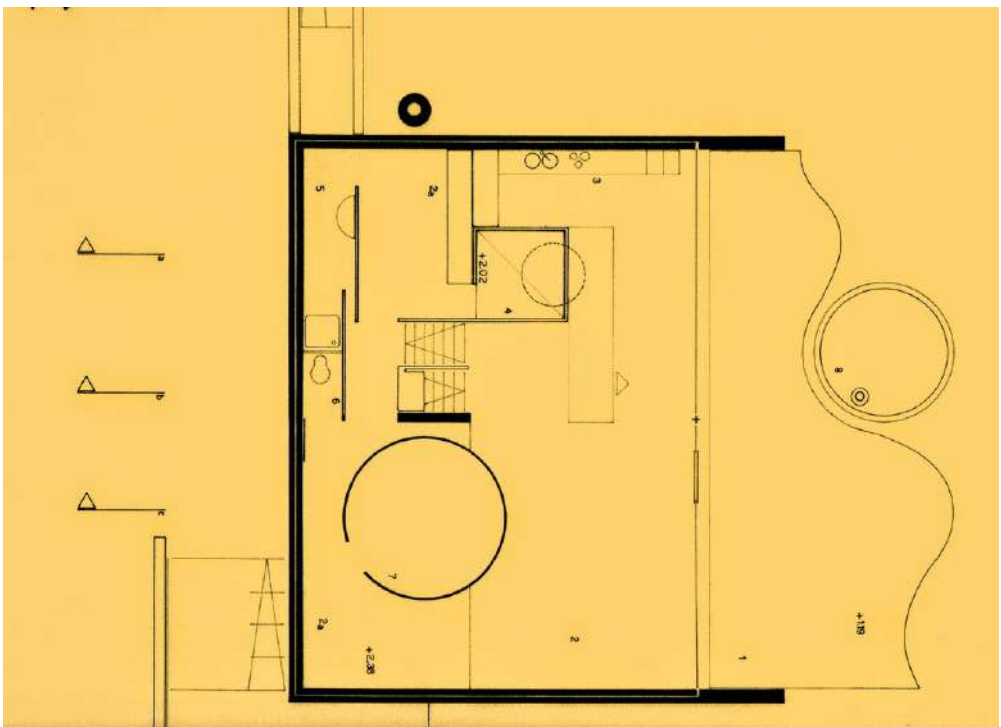
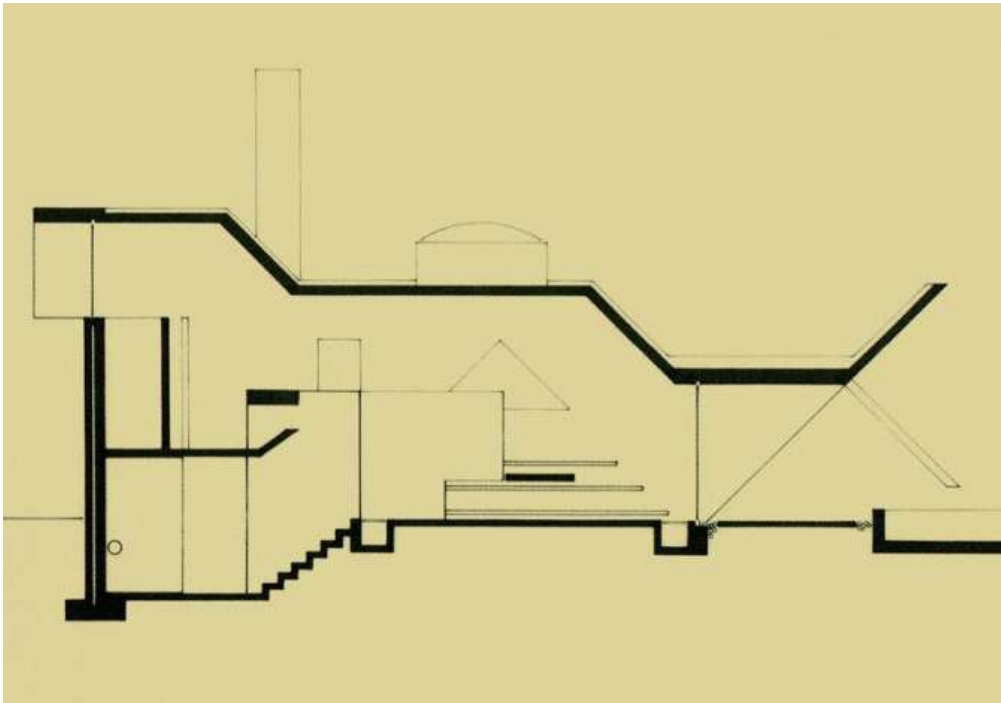
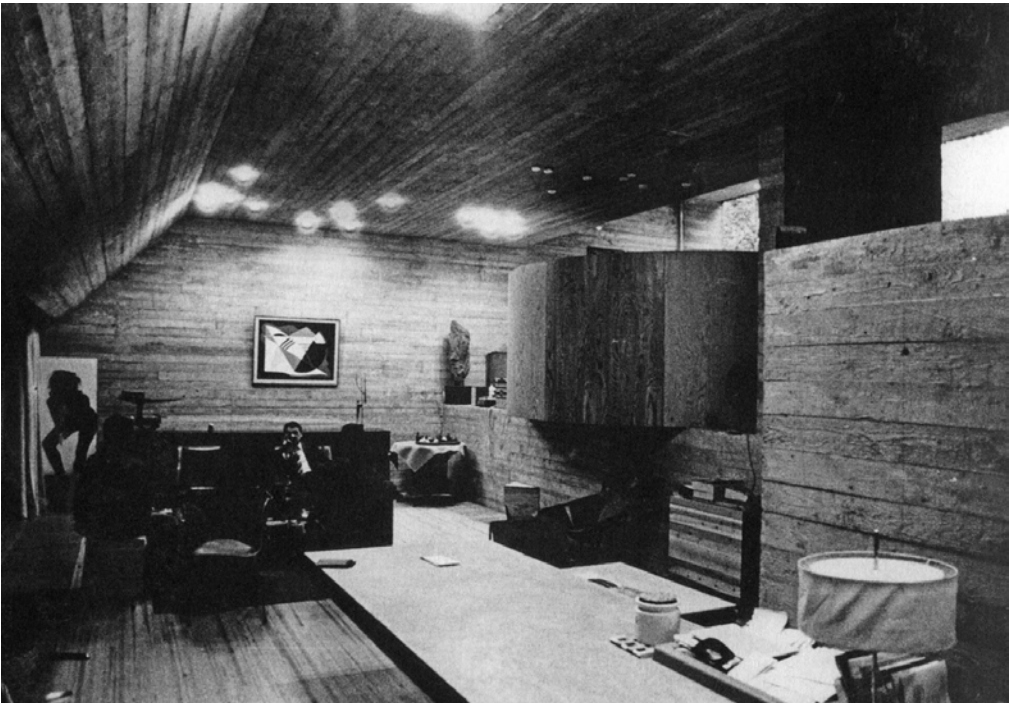
A casa Villa Van Wassenhove foi projetada pelo arquiteto belga Juliaan Lampens em 1972 e concluída em 1974. Foi encomendada por Albert Van Wassehove, professor de matemática com interesse em arte e arquitetura, esta casa encontra-se numa área residencial de classe média perto de Ghent.

A Villa Van Wassenhove caracteriza-se pela forma da sua estrutura de betão e pela distribuição da sua planta livre. A estrutura de betão desenha uma topografia de encaixe não só com solo mas também com o céu, no interior formas constroem espaços específicos. Uma série de geometrias em planta e alçado delimitam as funções a zona de dormir é um cilindro, a cobertura da cozinha é um triângulo e o escritório é um quadrado. No exterior, um depósito de água é também definido por um cilindro.

A casa está dividida em duas grandes zonas, a noroeste a zona de maior intimidade onde estão os quartos e casas de banho. A sudeste um grande espaço que se caracteriza pela total liberdade espacial e pela fachada voltada para a baía que é aberta e envidraçada.

A luz penetra a casa em três momentos, pela fachada este ilumina a sala e cozinha e através do vão do alçado oeste ilumina a casa de banho a zona de trabalho e a zona de dormir. A clarabóia que se encontra por cima da zona de trabalho e também da mesa de comer dá luz própria a estes dois momentos da casa.

A casa molda o que a rodeia, a natureza e encaminha o nosso olhar, descemos para entrar na casa e subimos imediatamente em direção ao alçado transparente este, adormecemos e acordamos a olhar para o vão oeste que não só deixa a luz penetrar como nos enquadra a copa das arvores que rodeiam a casa, a clarabóia conduz a luz a iluminar as únicas duas zonas da casa que necessitam de luz própria, sobre o terreno plano a casa encaixa-se redesenhando-o, a cobertura recebe e conduz a água ate ao tanque cilíndrico. Esta casa é o exemplo do domínio do rigor dos instrumentos da arquitetura.



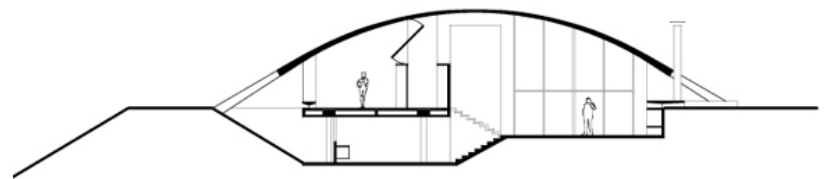
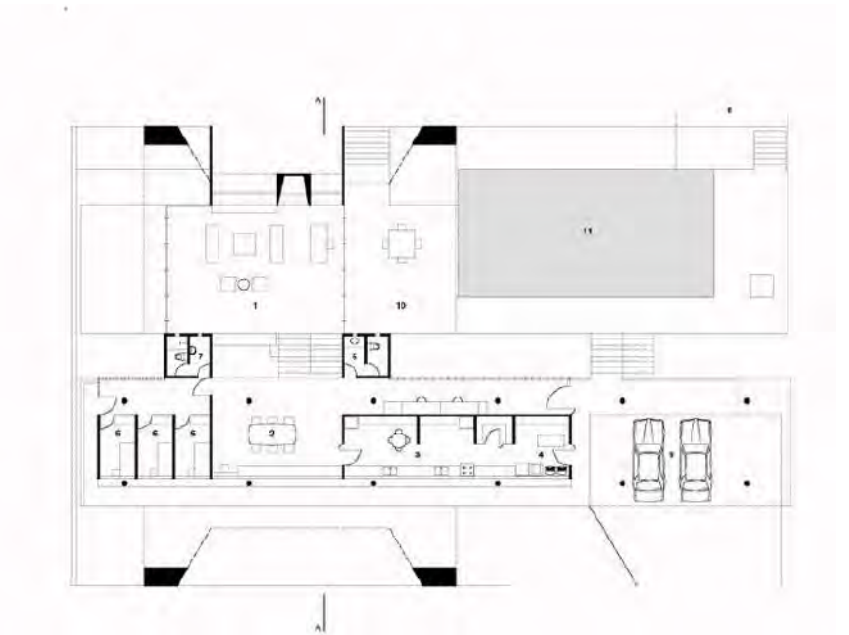
©Desconhecido

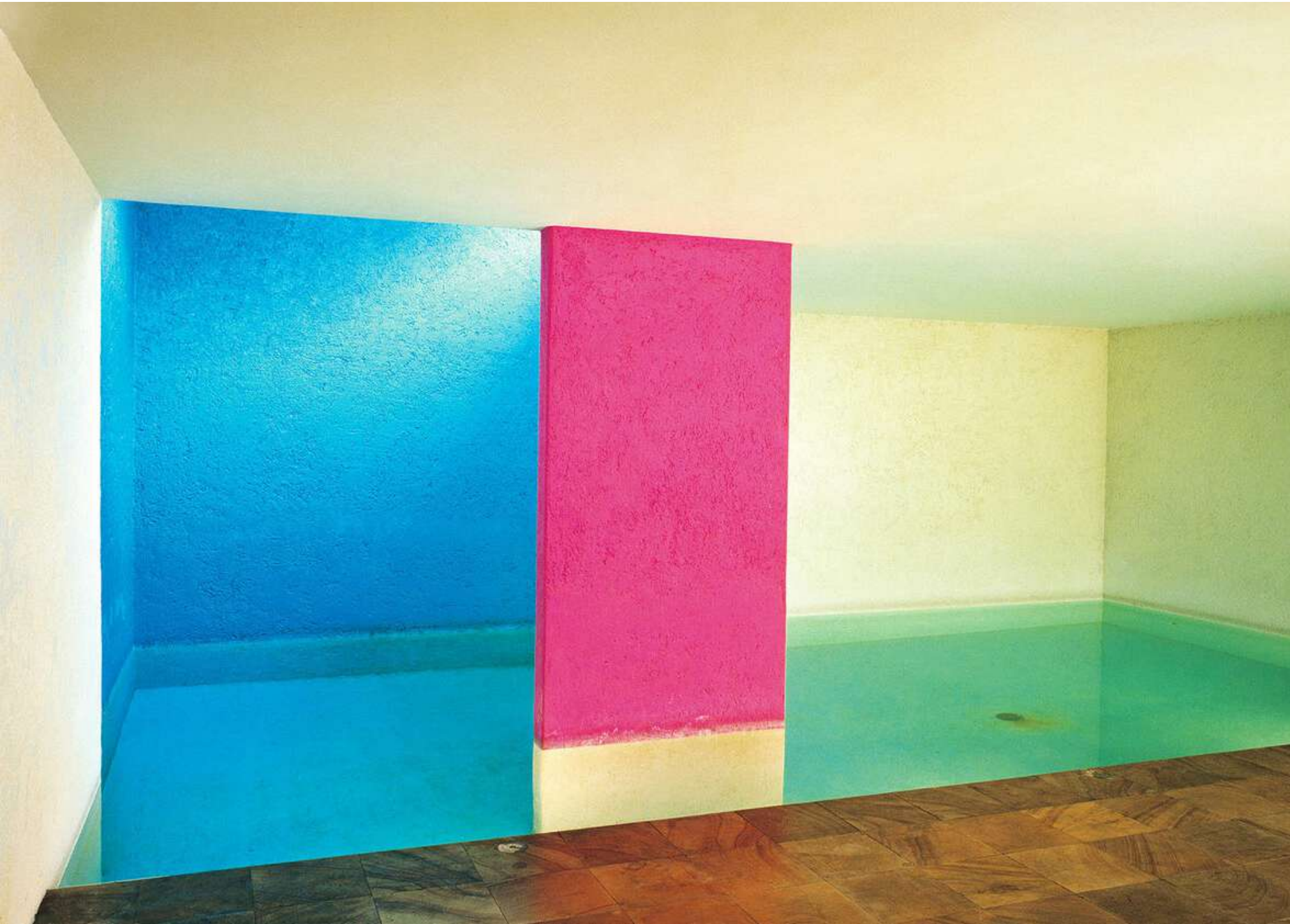


© Nelson Kon

A Casa Milan está localizada na Cidade Jardim, no estado de São Paulo, Brasil e foi projetada pelo arquiteto Marcos Acayaba e Marlene Acayaba. Este foi um projeto importante na carreira do arquiteto, pois teve uma grande liberdade para experimentar novas formas e técnicas construtivas. Esta casa está inserida num lote com uma grande presença de vegetação . O projeto insere-se no Movimento Moderno de arquitetura pelas suas demais características e métodos construtivos, para além do uso de novos materiais. A ideia desta casa começa com o assentar de uma cobertura convexa apoiada no solo por quatro pontos. A construção desta cobertura despertou alguns desafios construtivos, o que originou uma inovação nas cofragens de madeira para possibilitar o bombeamento de betão. Este projeto organiza-se por três níveis principais, onde a meio nível está presente uma laje transversal apoiada sobre doze pilares. Como casa experimental, foi testado uma ideia de fluência e permeabilidade entre os epaços

interiores, permitindo uma nova experiência no habitar. A distribuição programática da casa é definida então por três pisos, onde o piso térreo engloba a área de serviços da casa, que conta com cozinha, instalação sanitária, quarto dos empregados e a zona de refeições. Este piso tem ligação com o exterior da casa, assim como com a garagem. No primeiro piso encontramos a sala de estar, a zona social da casa, que estabelece a conexão entre espaços interiores da casa, assim como com o espaço exterior. Por fim, é no último piso que que está presente a zona privada da casa, os quartos da família e um acesso ao pátio exterior. Em suma a Casa Milan é uma afirmação aos ideias modernistas, onde está muito presente o diálogo entre a natureza e o espaço interior, mas também uma nova experiência no habitar devido à permeabilidade e fluidez dos espaços.

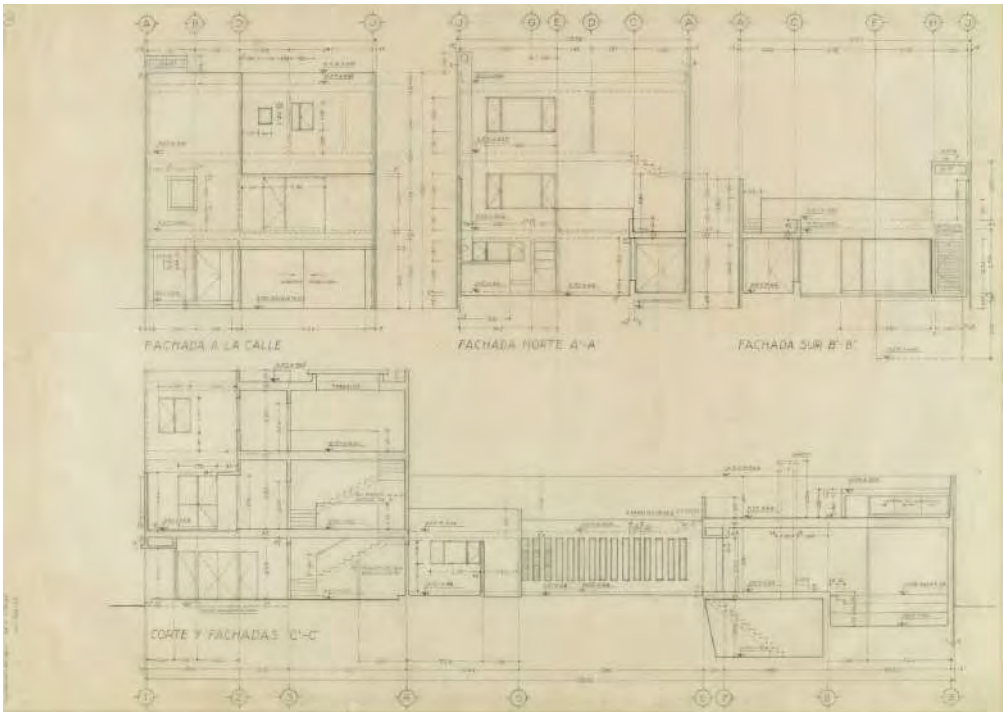
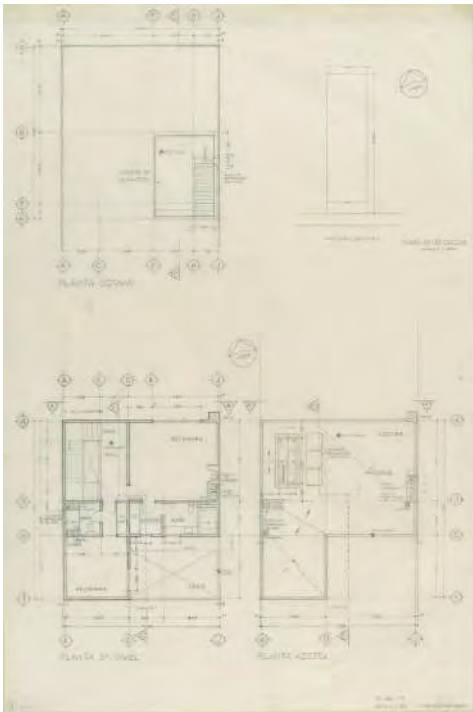
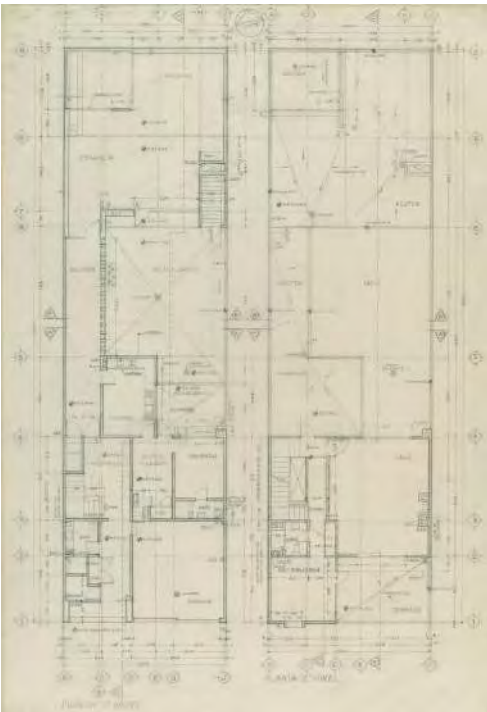




©Salas Portugal

Encomendada por Francisco Gilardi e projetada pelo Arquitecto Luis Barragán na sua fase “emocional”. A casa desenvolve-se à volta de um jacarandá. O muro lilás, que serve de cenário ao pátio, destaca a cor da árvore, ao mesmo tempo que, em certos pontos de vista, se confunde com o céu. Este pátio é um dos elementos que faz a conexão entre os dois volumes do projeto. O primeiro volume, que faz fachada com a rua, destina-se à função residencial, enquanto, o segundo é um volume auxiliar de função social. A conexão destes dois mundos não só se faz pelo pátio, como também por uma galeria amarela, com vãos verticais pintados, o que, não só possibilita um jogo de luz sombra, como também dá um novo ambiente a esta peça de ligação. A piscina presente no volume auxiliar é incorporada na sala de jantar. Neste espaço, existe uma parede vertical pintada de rosa, sem funcionalidade estrutural. Esta contrasta com o espaço de água e com o plano azul parcialmente pintado na parede. As cores utilizadas por Barragán têm intenções di-

frentes; cor de rosa elementos principais, branco elementos auxiliares, azul associado ao espaço de água, lilás ao jacarandá e amarelo ligado à espiritualidade.

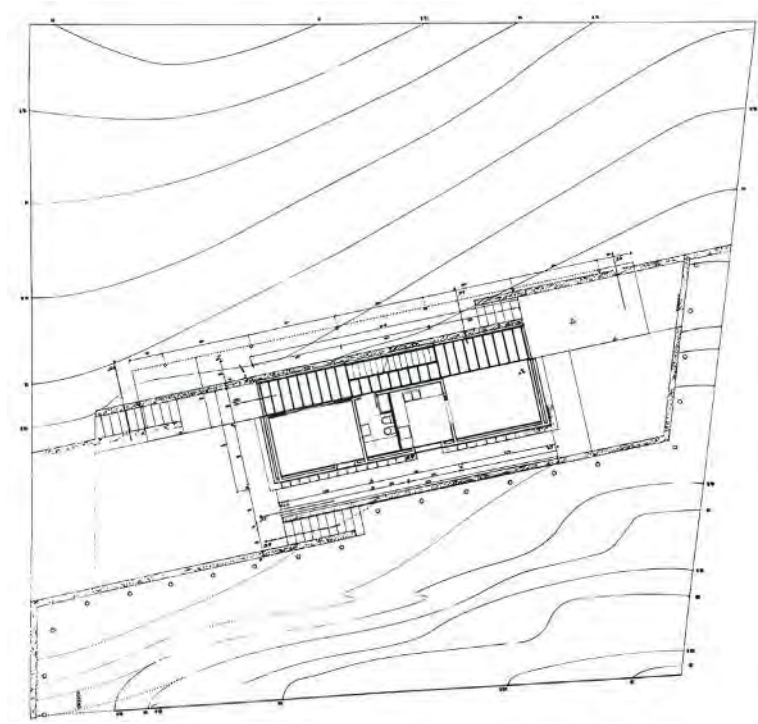
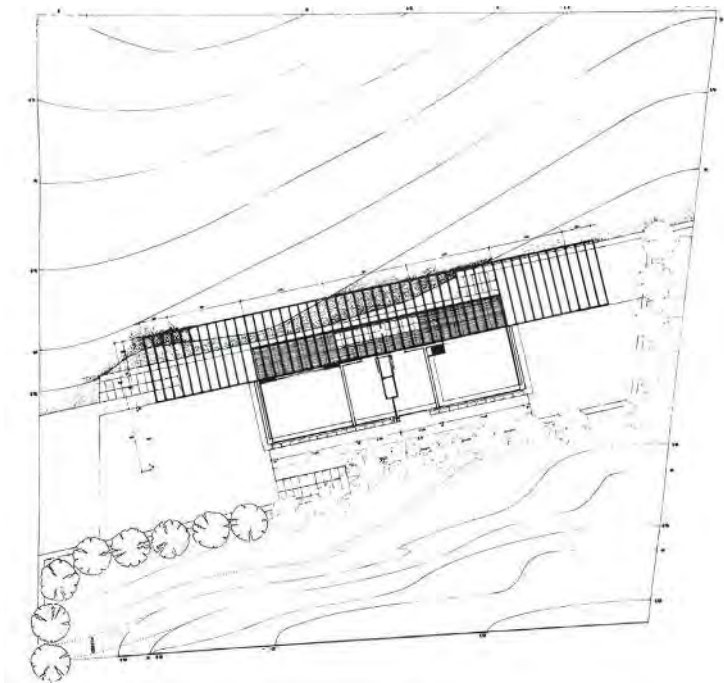




©Desconhecido

A casa Llinàs Carmona situada em Begur, Gerunda, Espanha, foi projetada pelo arquiteto espanhol Josep Llinàs em 1978-1980. Esta casa insere-se num lote de 1000 m2, em que a implantação da casa ocupa apenas 60 m2. A orientação da casa apresenta-se em oeste-este, em que a cota mais alta do terreno localizada a poente corresponde à estrada de acesso à casa e a cota mais baixa, do lado nascente, com vista para o mar. A casa está implantada numa faixa de terreno aplanada e pavimentada entre dois muros de contenção baixos, devido ao declive acentuado. O acesso faz-se por ambos os lados e liga-se ao exterior através de dois terraços. A casa decompõe-se numa série de elementos, os quais poderíamos considerar independentes, nomeadamente o volume opaco e o volume transparente, existindo uma perceptível fronteira entre dois espaços distintos. Esta fronteira estabelece-se não só através da materialidade, mas também da luz, cores, o uso, a natureza e até mesmo o som. O volume opaco criado para a rua é onde se localizam os espaços programáticos, havendo assim,

uma menor liberdade espacial enquanto que o volume transparente localizado a este é uma zona de liberdade programática e espacial. O lado mais público e de convívio da casa situa-se na parte de baixo, contendo áreas como cozinha, sala de estar, sala de jantar, uma casa de banho e um quarto e o lado mais privativo no piso de cima que contém dois quartos e outra sala de estar. Os dois pisos ligam-se através de umas escadas de acesso colocadas junto à fachada envidraçada. Este espaço de ligação que, por sua vez, se localiza no volume transparente foi concebido para estabelecer a conexão entre rés-do-chão e primeiro andar, eliminando as zonas puramente funcionais, de modo a poder projetar outros espaços com maior liberdade na zona frontal da casa e ligando os dois pisos sem comprometer o programa da casa.



©Desconhecido



© Herzog e Meuron

Casa está inserida numa paisagem rodeada de oliveiras, em Tavole, Itália. Foi construída em 1988 sobre os destroços de uma antiga construção. Ao visitar o local surgiu a ideia de reaproveitar a pedra natural, dos antigos muros de sustentação. Os muros jurgem para mascarar as escadas exteriores, do terreno íngreme e rochoso a oeste. A casa tem três pisos situa-se num promontório, integrando parte de um antigo terraço de pedra. A construção confronta a envolvente natural abrupta, impondo a sua geometria rigorosa. Paredes de pedra em ardósia inserem-se como aduelas nesta grelha, retomando a cantaria irregular dos terraços do quintal. O piso subterrâneo tem um planta em forma retangular ligeiramente elevado emoldurado por uma pérgula de betão, o piso térreo tem uma planta piano nobile onde está localizado a cozinha, sala e o quarto principal os vãos verticais neste nível funcionam com venezianas metálicas que limitam a vista e a luz e o primeiro piso, apresenta um espaço do estudio com um vão em fita horizontal nas três fachadas, a casa eleva-se acima das

árvores, criando vistas panorâmicas sobre o vale e o mar. No interior, o edifício caracteriza-se por uma planta cruzada, onde duas paredes se cruzam em ângulos retos. Na planta, os arquitetos renunciaram aos corredores, aos lugares de serviço, tornando-a uma planta de casa de campo comum na região. O desenho da fachada é feito pelo empilhamento da pedra, pela expressas propositada da estrutura em cruz de betão e pela abertura pontual de vãos.

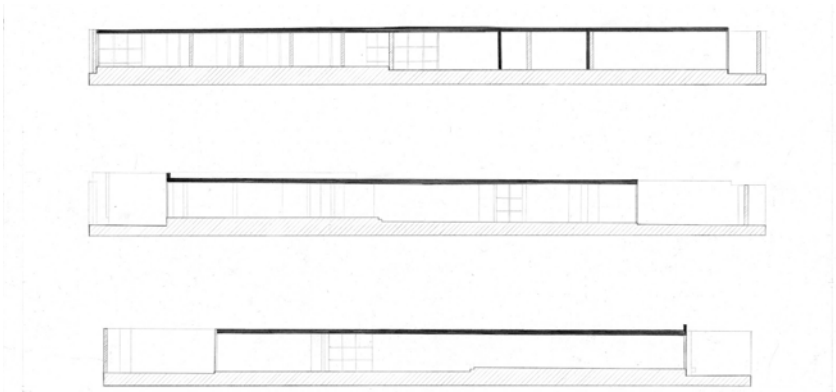
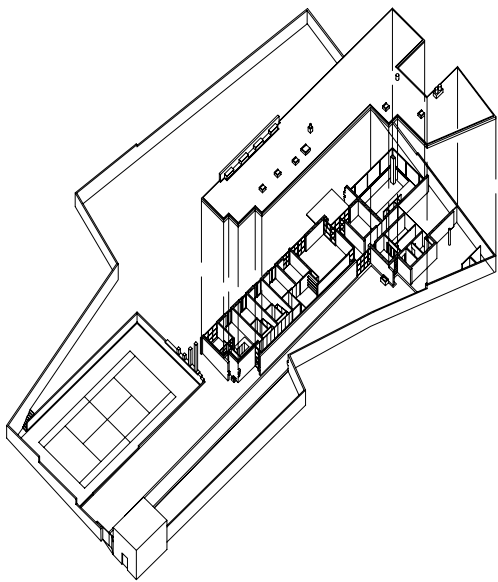
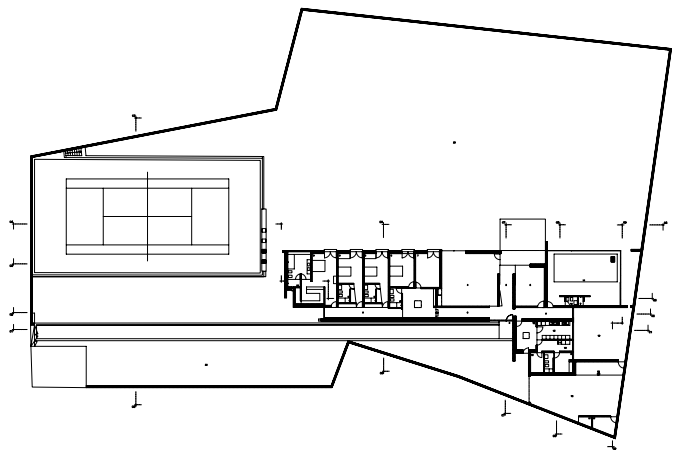
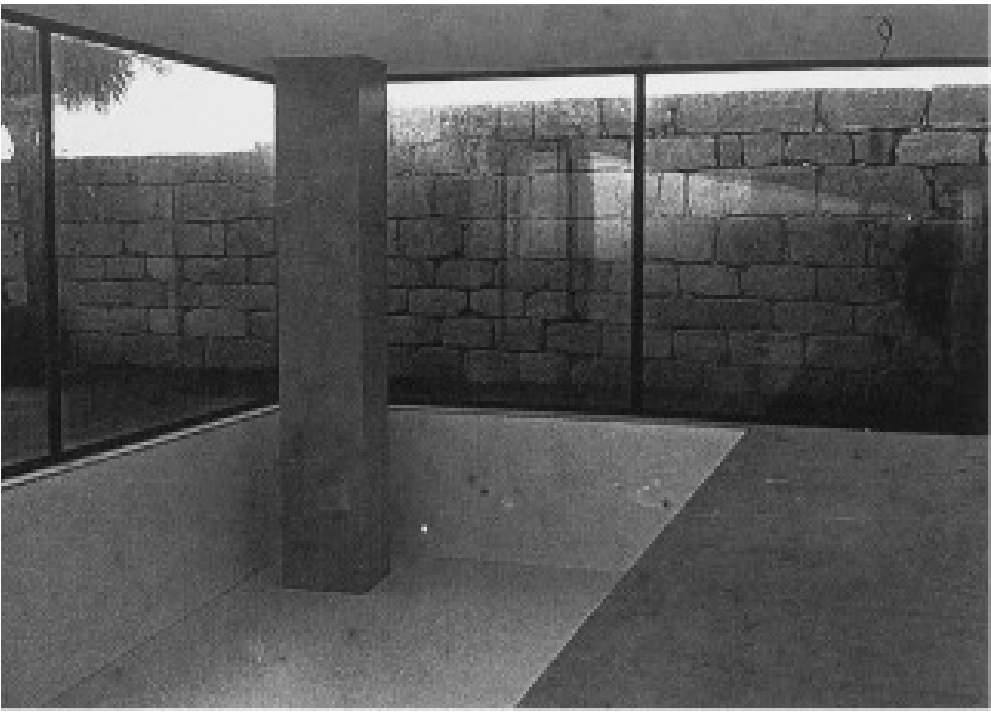
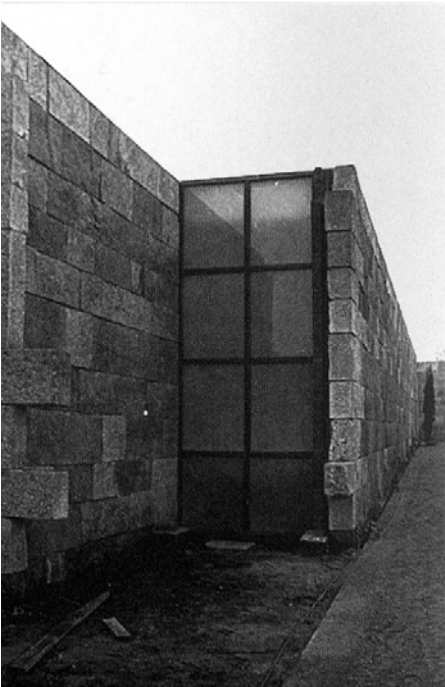


© Herzog & de Meuron



Localizada no Porto, a Casa 2 em Nevogilde foi projetada em 1983 pelo arquiteto Eduardo Souto de Moura. O acesso à casa faz-se pelo único portão, que nos abre o espaço amplo ajardinado. A entrada do edifício situa-se no centro do programa, dividindo assim no lado este o espaço privado constituído por quartos com casa de banho, e para oeste o espaço público onde temos a cozinha, a sala de estar e a piscina interior. A materialidade do edifício é definida por pedra, tijolo e betão. A pedra que já se encontrava no lote foi reutilizada para construir as paredes exteriores dando a sensação de ruína ao edifício, embora artificial. Estes muros soltos estão ligados por portas e janelas, de forma a não comprometer a fronteira entre o interior e o exterior; no interior da casa as paredes de pedra são revestidas em tijolo vermelho contribuindo desta forma como solução térmica. Esta casa foi para o arquiteto um laboratório de experimentações, onde o mesmo procura ocultar e evidenciar a testa da laje da cobertura em alçado. Desta forma, a testa da laje é evidenciada na sala, na piscina interior e

no grande quarto de banho; no entanto, na cozinha e no corredor o pano de vidro espelhado esconde a laje, estando assim o pano de vidro desprovido de qualquer remate. Já nos quartos, as janelas são mais pequenas, dando uma ideia de maior privacidade. Na piscina interior o plano de vidro é em forma de "L", obrigando assim a ter um pilar no canto. Aqui e noutros projetos, o arquiteto estabelece uma regra, onde utiliza a pedra como material maciço, e como forma de ajudar a definir um espaço enuncia uma exceção, um pilar de betão. O edifício é introvertido, no entanto há uma forte relação do espaço interior com o jardim.



PLYWOOD HOUSE

Herzog & de Meuron, Bottmingen, Switzerland, 1984-1985



© Herzog & de Meuron

The Plywood House - designed by the Swiss firm Herzog & de Meuron - appears as a lightweight barrack-like pavilion in addition to a '40s villa in the southern suburb of Basel. The house rests on projecting sleepers to preserve the roots of a large paulownia tree that stands on the back of the house and becomes part of the architecture itself. The tree seems to force a folding of the south facade of the house, becoming a deformed rectangular box where the kitchen and the bathroom stand like volumes attached to the larger one. The central living room is defined on the remaining two sides by a series of alcoves hosting the workspace, the storage and the puppet stage, and opens to the garden on the south facade through large glass doors and a *fenêtre en longueur*.

The interior is carefully designed using multiplex-boards of birch tree wood wrapping the whole building. The space can be completely closed thanks to the employment of folding shutters for both the doors and the strip window. This feature enhances the idea of a box, dismountable and customizable, that from the

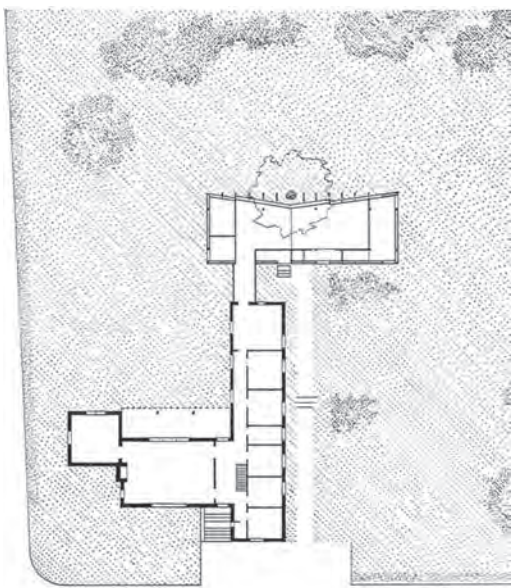
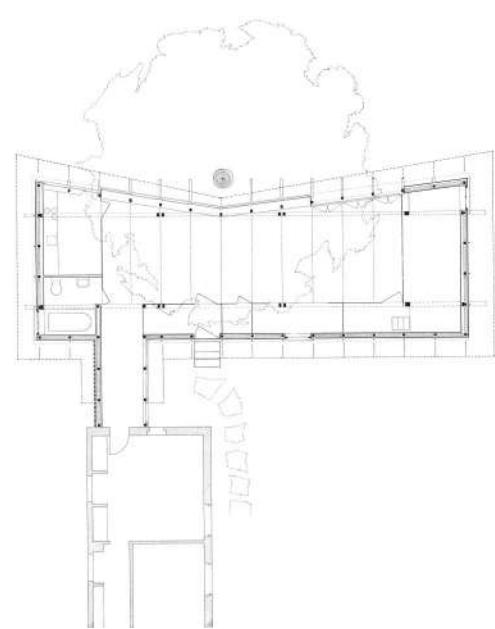
outside appears to float above the grass as a wooden lantern.

The house perfectly demonstrates the architectural approach of Herzog & de Meuron, devoted to the refinement of the traditions to elemental simplicity and the transformation of the materials having different qualities and purposes in the design. The interaction with the context, ontologically played on the relationship between the house and the tree, is strengthened by the use of plywood inside and outside, with a wide variety of treatments according to the destination.

The Plywood House shows various relationships to pre-existing architectural forms and typologies. However, the affiliation with the *genius loci* researched by Herzog & de Meuron has nothing to do with the abstract concepts of tradition and sociology. What they have done is instead to neutrally and precisely analyse the local characteristics that define the place and develop them into their own architectural strategy, without any clumsy attempt of imitation.

This approach leads to specific solutions not only

in the treatment and use of material, but also in the organization of the plan, which is no more the result of the canonical division in a standardized geometric pattern, but rather of a process of assemblage to create an architecture which is the expression of each single building part and of their unified collective form at the same time.



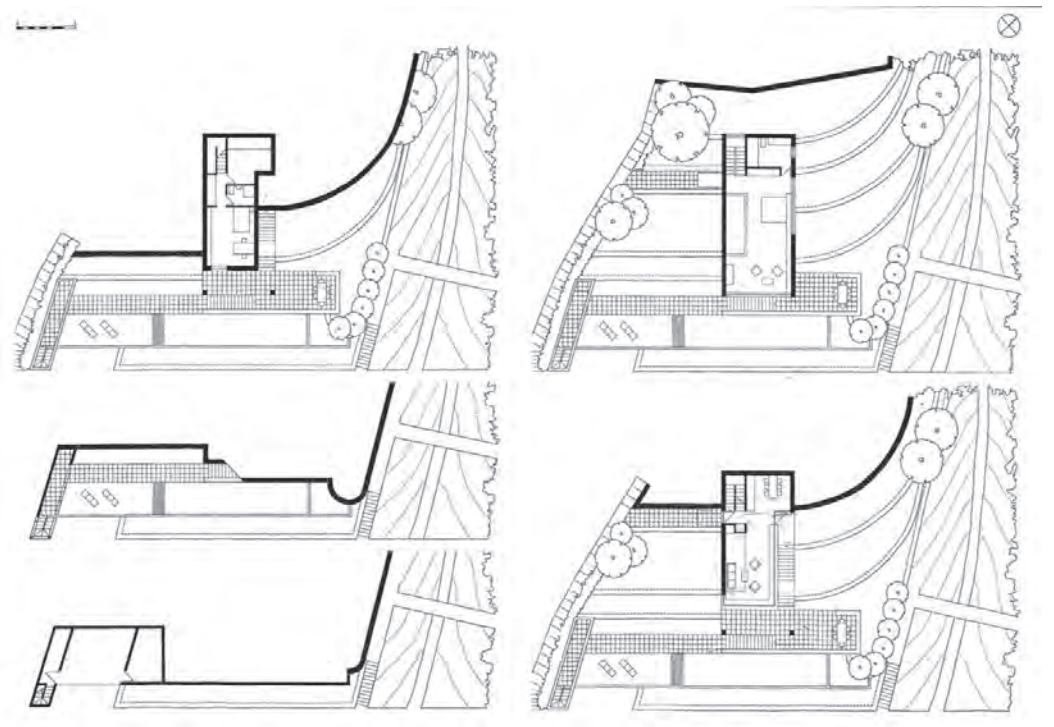
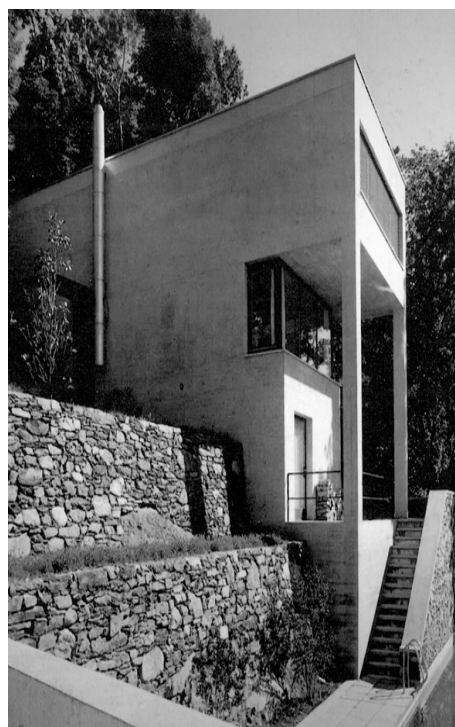
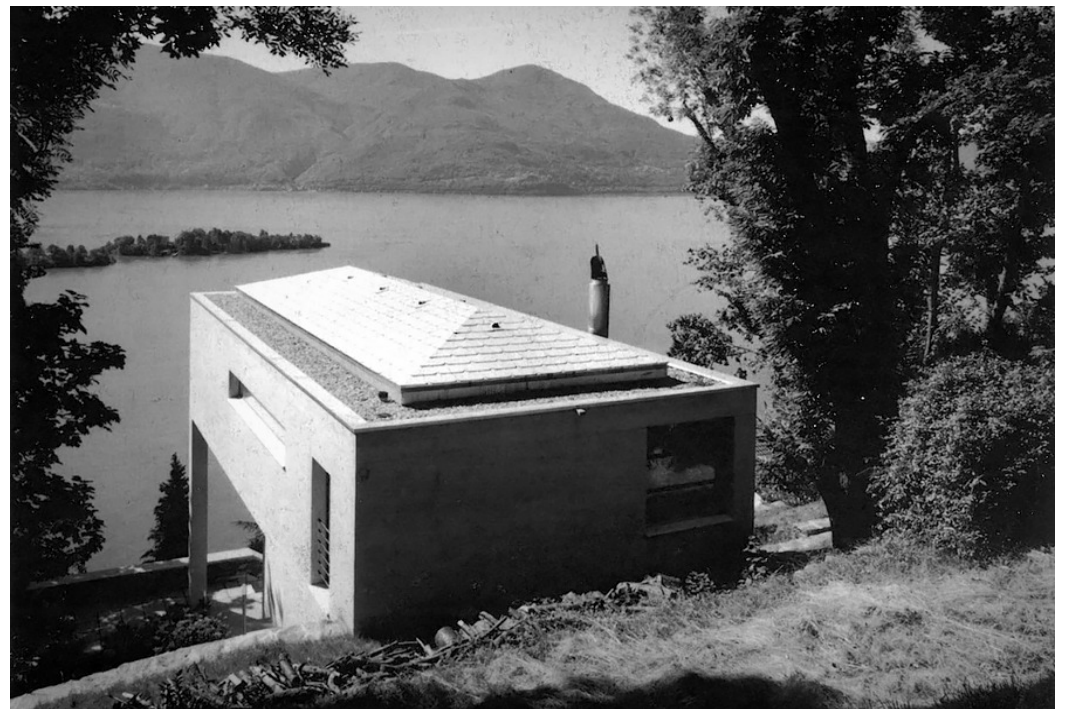
© Herzog & de Meuron



Esta habitação está inserida numa zona residencial, rodeada por habitações unifamiliares, num lote composto por um pequeno terreno de pronunciada topografia, sustentado por muros de pedra de uma antiga exploração vinícola. A altura destes patamares era favorável à construção de uma habitação, porque cada um tinha aproximadamente 3 metros de altura. O arquiteto tirou proveito desta pré-existência para criar uma casa com três pisos. A casa é delimitada a Este por um ribeiro, a Oeste por um caminho público, a Norte pela vegetação e a Sul por uma estrada. Situa-se a mais de 300 metros de altitude, tirando proveito de uma vista panorâmica sobre o lago Maggiore, duas pequenas ilhas deBrissago e as montanhas circundantes, elementos principais que caracterizam a região. O edifício é definido pelo terreno, ficando integrado na paisagem permitindo uma forte proximidade entre o interior da casa e o exterior. O enquadramento das Ilhas de Brissago, foi o ponto de partida que gerou a organização da casa. Como tal, resultou uma casa de três pisos de onde era possível ver as il-

has a partir de todas as divisões, criando-se um volume paralelepipedico perpendicular às linhas de cota do terreno alinhando-se diretamente para as ilhas. No piso inferior encontra-se o quarto de hóspedes com uma instalação sanitária, zona de arrumos e uma área técnica. No piso intermédio está a zona social, com a cozinha e a sala a funcionarem num esquema de planta aberta sem qualquer parede a dividir os espaços. O último piso é ocupado pelo quarto principal com uma instalação sanitária. Os três pisos estão ligados por uma escada. No exterior, este esquema de sub-divisão do programa por patamares continua. O patamar mais elevado oferece uma continuidade entre o interior da zona social e o jardim. O patamar intermédio, é um espaço pavimentado com uma zona de estar. O patamar da piscina, que se estende até uma pérgula em betão onde está um chuveiro e as escadas de acesso à rua. Esta abordagem permite fazer uma intervenção mínima no terreno, tentando manter ao máximo a sua

configuração original. O arquiteto relaciona todos os elementos da casa com a envolvente e essa relação começa desde logo no percurso, o seu objectivo é de criar uma promenade architecturale em que a “ideia de fazer um percurso que, ao percorrê-lo, nos possamos ir apercebendo do panorama, antes de entrar”.



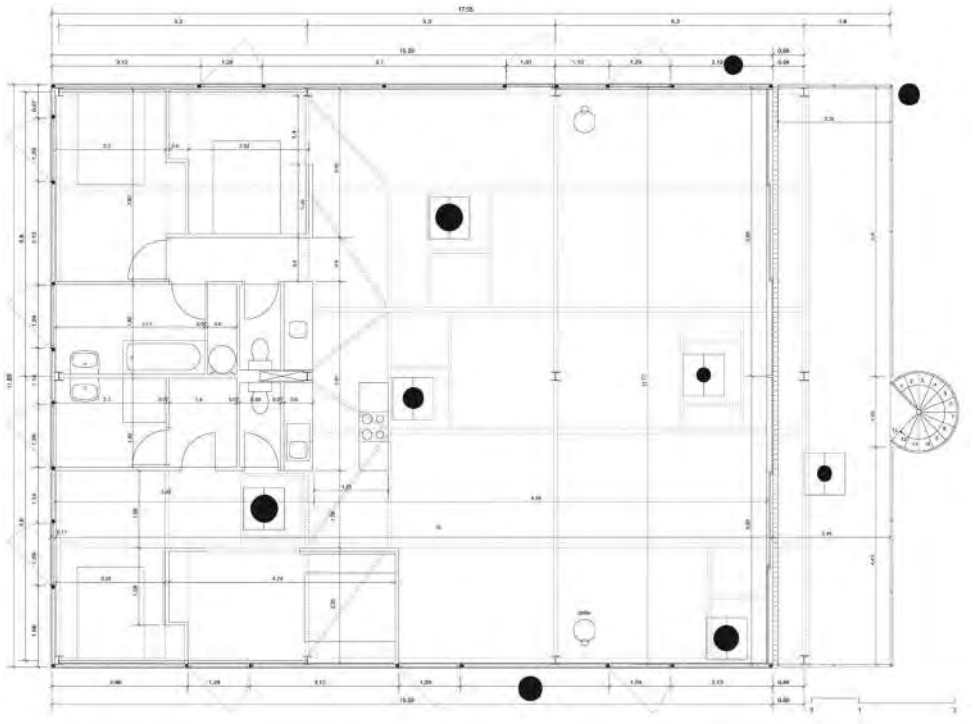
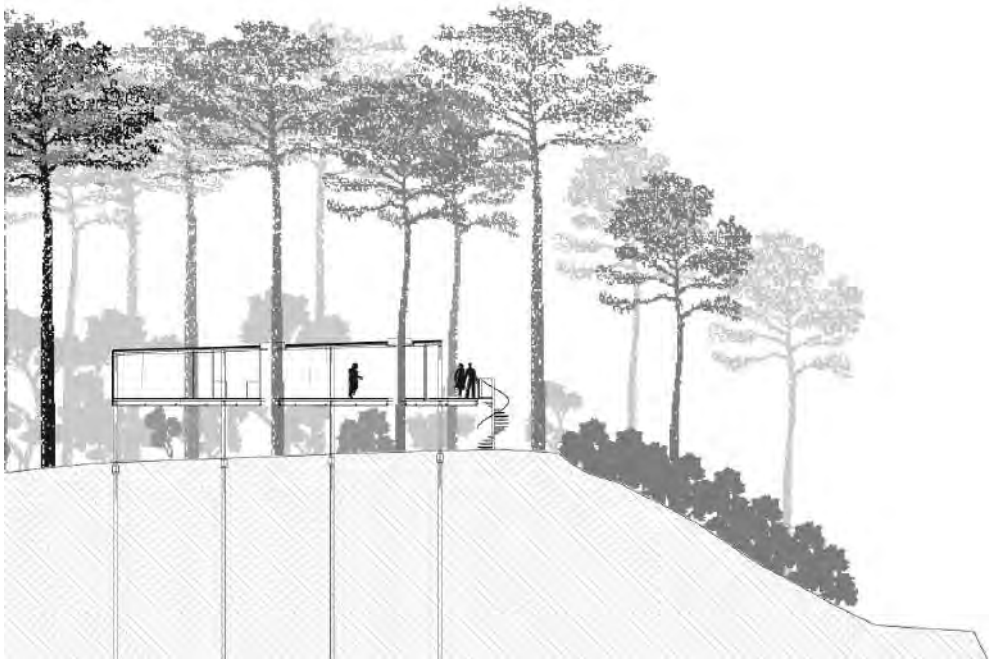
© ofhouses



© Philippe Ruault

A casa D, Lège-Cap-Ferret dos arquitetos Lacaton & Vassal encontra-se num terreno na costa da baía de Arcachon, na costa oeste de França. O local está voltado a sudeste e é um fragmento de duna que sobe lentamente e de seguida desce rapidamente em direção à baía, a vegetação é densa, não só composta por arbustos mas também mimosas e 46 pinheiros. Os arquitetos enunciam a seguinte questão como o ponto de partida de aproximação a este projeto: “A questão que se coloca aqui é: como preservar a duna sem derrubar árvores nem construir diretamente no solo?” Sendo então a premissa deste projeto, preservar a duna, o solo e as árvores, a reposta encontrada foi desenhar uma casa, com uma estrutura de metal, elevada do solo por doze micro-estacas com menos de dez metros de profundidade, que se deixa atravessar por 6 arvores que desenharam aberturas adaptáveis ao seu movimento e crescimento, por estas aberturas também a luz penetra a casa. A casa está dividida em duas grandes zonas, a noroeste

a zona de maior intimidade onde estão os quartos e casas de banho. A sudeste um grande espaço que se caracteriza pela liberdade espacial e pela fachada voltada para a baía que é aberta e envidraçada ao contrário das outras três fachadas mais fechadas e opacas, apenas interrompidas por algumas aberturas. Os princípios que caracterizam as obras do atelier Lacaton & Vassal estão muito presentes nesta obra, os materiais utilizados, a liberdade de ocupação do espaço e as suas dimensões generosas, o baixo custo de execução, a preocupação de preservar. Estas são características de uma forma de refletir sobre aquilo que deve ser a arquitetura assente na crença de que, citando os arquitetos, “Devemos manter a ambição do espaço e o prazer de habitar. É preciso integrar este modelo na economia.” Citando o arquiteto João Nunes: “O entendimento da natureza perfeita, perfeita em si mesma, só não é perfeita como espaço de vida do homem, este é um problema que é resolvido pelo projeto.”



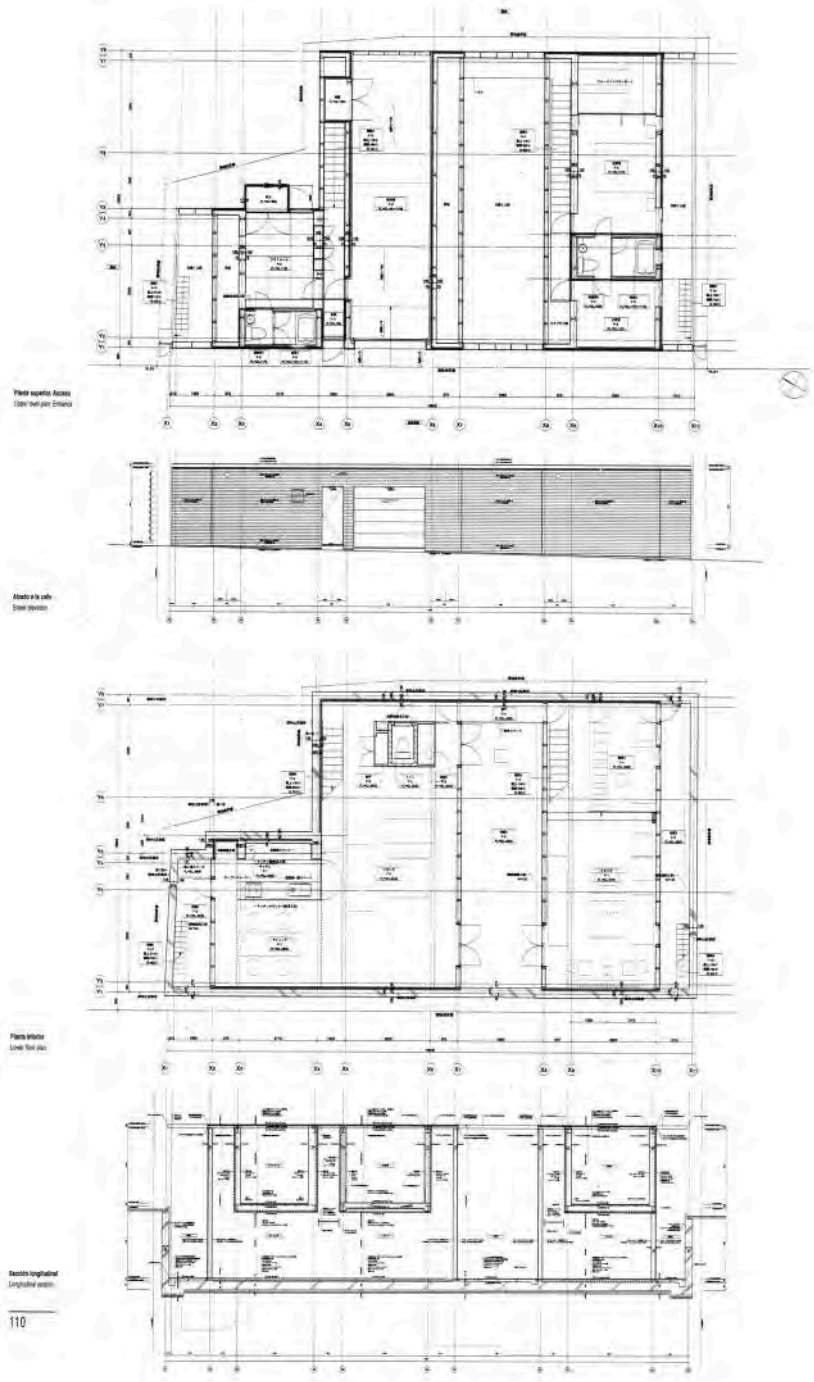
© Philippe Ruault



© El Croquis

A casa M, desenhada por Kazuyo Sejima e Ryue Nishizawa, foi desde início projetada para servir os programas de habitação e espaço de trabalho para um jovem casal. A casa situa-se em Shibuya, um bairro residencial caracterizado pela elevada intensidade de construção, no centro de Tóquio. O aumento da densidade populacional, e o custo por m2 nesta zona privilegiada, reflectem-se no desenho compacto dos quarteirões que, com uma proximidade de 200m2 entre lotes, carecem de liberdade formal e privacidade. A continuidade entre o espaço interior e exterior, como constante problemática que interessa o discurso dos arquitetos, é resolvida com uma total escavação do lote. Três espaços de pé-direito duplo funcionam como vazios que, conectados com as salas sociais e quartos, proporcionam iluminação, ventilação e relação protegida com o exterior. O grande vazio central, com a função de pátio, confere à casa uma experiência espiritual, introspectiva e singular no contexto no qual se insere. Com uma estrutura semelhante à de uma ponte, as vigas metálicas sustentam o piso terra, libertando o piso inferior de elementos es-

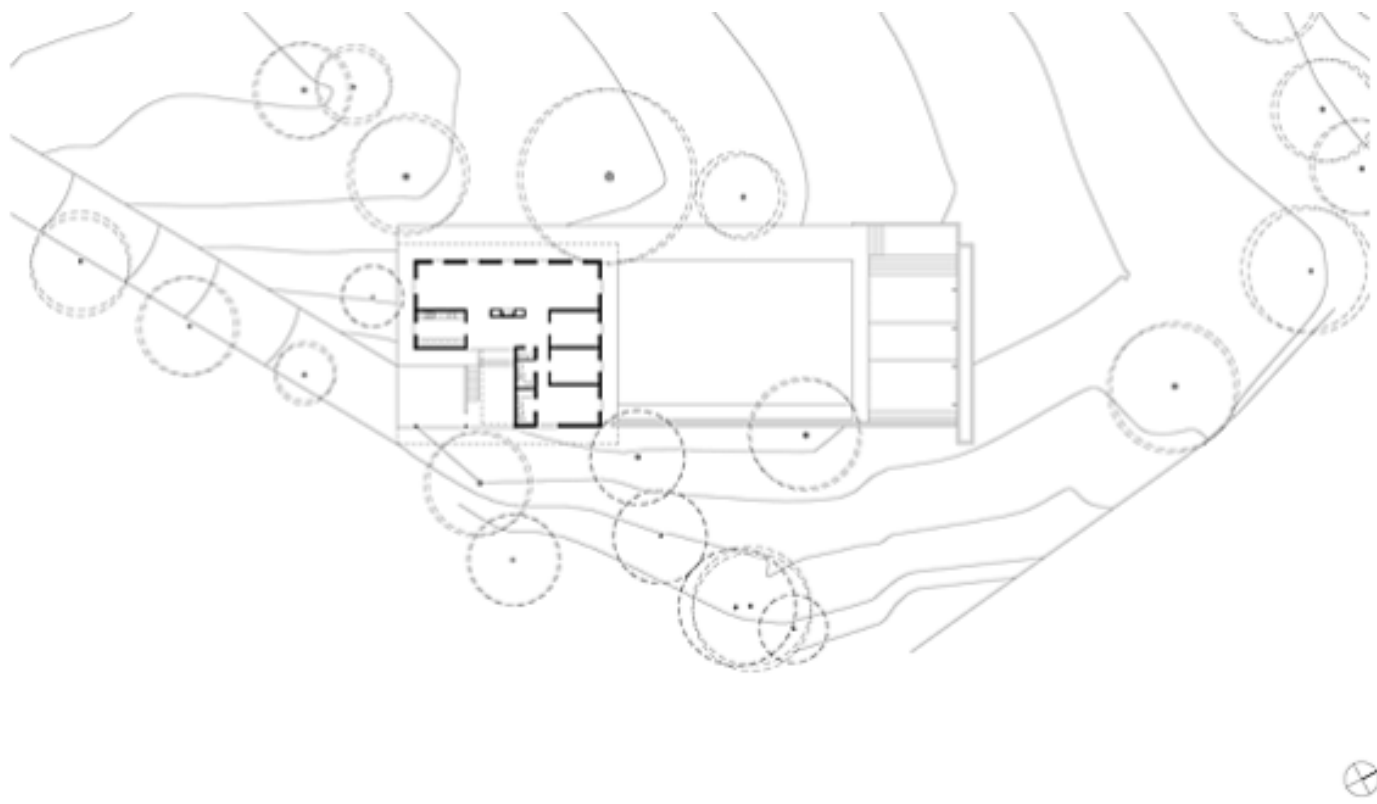
truturais. A ligação contígua entre o espaço exterior e interior é também reflectida na escolha dos materiais; esta traduz-se tanto na fachada interior em policarbonato, como na fachada frente rua em metal perfurado. Esta relação mediada com o mundo exterior torna permeável a presença e o movimento de pessoas no interior da residência de um modo filtrado, uma característica comum nas casas tradicionais japonesas.





© Falcão de Campos arquitectos

A casa Sara Lima II, localiza-se em de Alcácer do Sal. Trata-se de uma casa unifamiliar. A proposta é gerada em profunda ligação com o sítio, mantendo a topografia e vegetação ancestrais. Longe de quaisquer outras construções, a casa só pode relacionar-se com a natureza. Numa pequena elevação do terreno, entre dois grandes pinheiros, espreita-se o vale que se estende suavemente para norte. Em contraste, a sul, um denso alinhamento de sobreiros povoa uma vala. A casa situa-se numa zona de charneira, confrontando diferentes aspectos de um único território. À semelhança de uma árvore, a casa é protegida por uma pala horizontal, que se projecta nos quatro sentidos. Sob esta laje, promovem-se distintas relações com a envolvente imediata. Em resposta à paisagem a norte, define-se uma regra, que resulta em tema de projecto: a repetição e alinhamento de vãos, assegurando constantes atravessamentos visuais. E do lado oposto, o cenário introduz uma condição de excepção, que também se manifesta no construído. Adição de um piso parcialmente a enterrado ou o recorte do volume assinalando a entrada.



© Falcão de Campos arquitectos

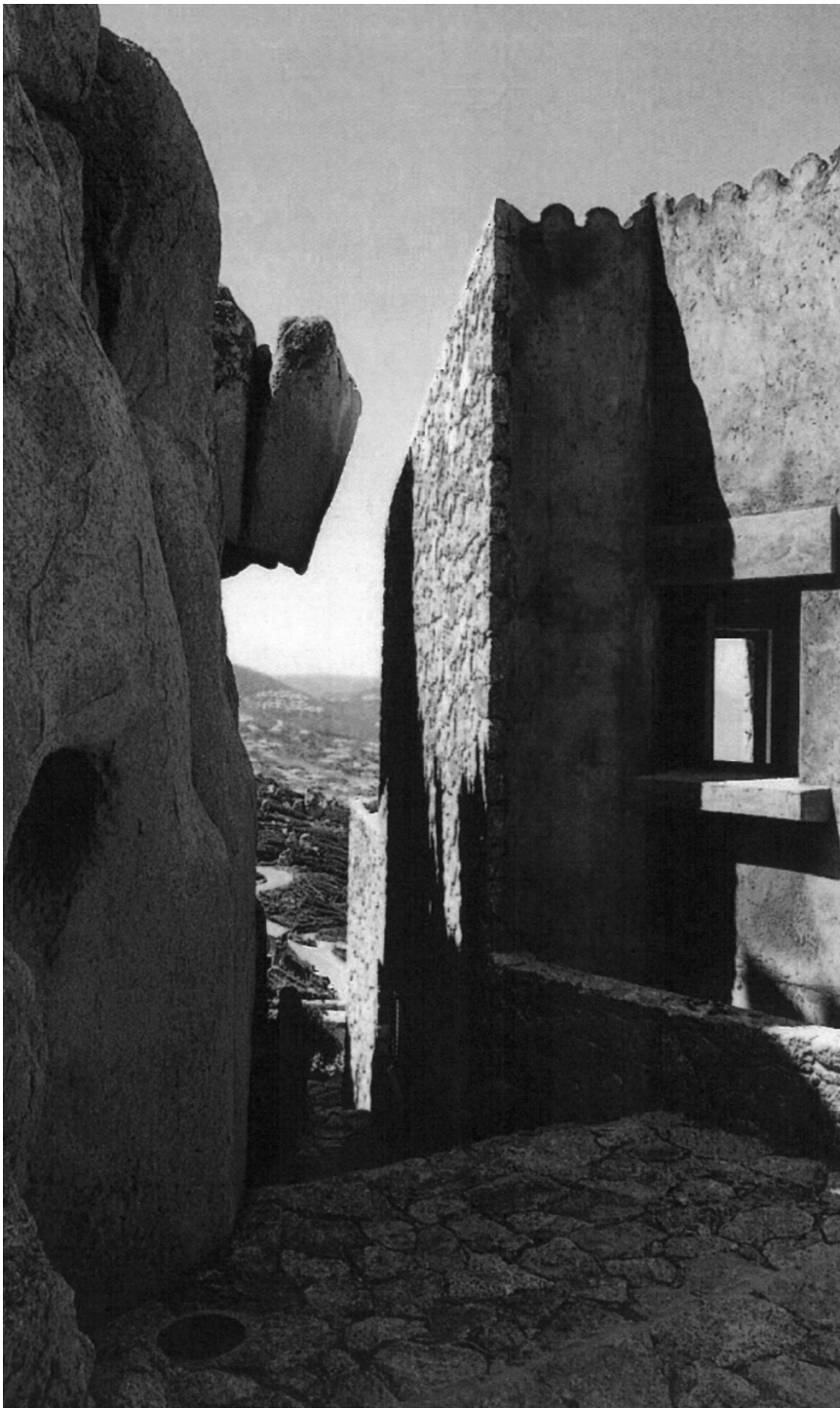
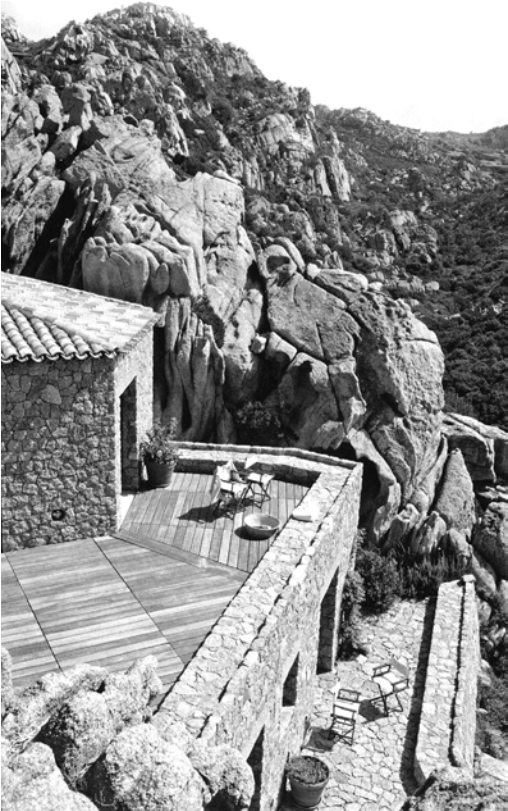


© Archivio Ponis

Casa Gostner is a project from the Italian architect Alberto Ponis, realized in Costa Paradiso, Sardinia, in 1998. The house develops on two floors following the slopy morphology of the site and appears as a polygonal concave volume covered by a single-pitched roof in lintels. The interiors are designed following the principle of continuity between the spaces, which is also played outside in the network of ladders and pathways carved in the rocks and linking the different levels on which the house develops. These connections establish a visual and thematic connection between nature and architecture, and guide the inhabitants in the transition between the two. Alberto Ponis shows here his typical attention to the genius loci, analyzed through cognitive research aimed at achieving the sensibility to get in intimate contact with Costa Paradiso. He embraces the principles of critical regionalism, designing an architecture that solves the tension between the research about modernity and the sense of responsibility towards the local landscape and

tradition, in a sort of "contemporary vernacular". The affiliation to the context is not only secured through the reinterpretation of the Sardinian vernacular architecture of the stazzu galluresi, but also in the dialogue with the natural pre-existences of the place, that become co-authors and part of the design itself. The red granite rocks are indeed conceived as the canvas on which the architecture is set, and the landscape itself seems to suggest a link between humans and nature, helping the process of urban mimesis. The result is that Casa Gostner blends with the context, without ever replacing or overlapping the original landscape, but engaging it in a primordial dance in which architecture and nature are able to establish an intimate contact without eventually touching. The whole design is conceived on a virtuoso game of opposites played on the contrasts between open and closed, natural and artificial, near and distant. Inspired by the military forts of the Maddalena Archipelago, Ponis designs the external spaces of Casa Ponis with two opposite purposes. The panoramic terraces

overlook the intense blue of the Mediterranean Sea, and the patches of vegetation mixed with scattered traces of anthropomorphism; a few metres distant, the courtyard, enclosed between the convex walls of the house and the granite rock, suggests a sense of shelter and protection from the wilderness of the island, but also from the hectic city life. In a subversive operation, Ponis was here able to transpose the essence of the house and the feeling of domesticity and intimacy into the wild landscape of Sardinia, designing a modern architecture that is at the same time profoundly and devotedly respectful of the rural context.



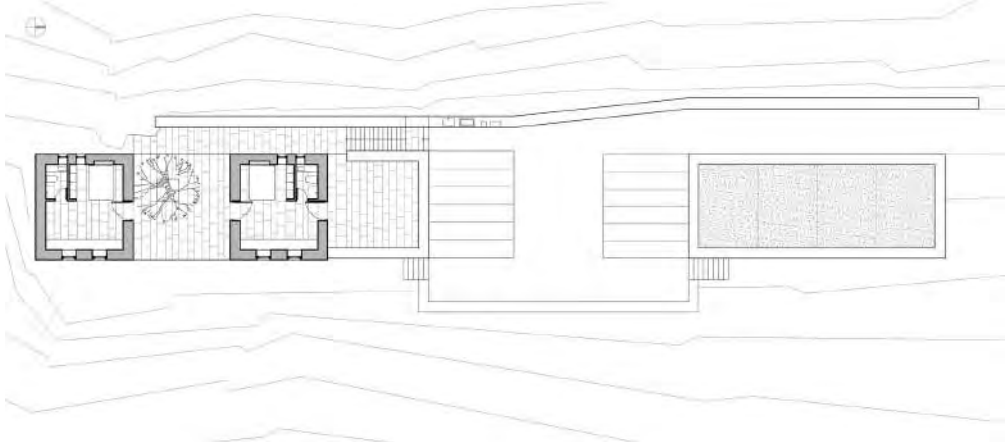
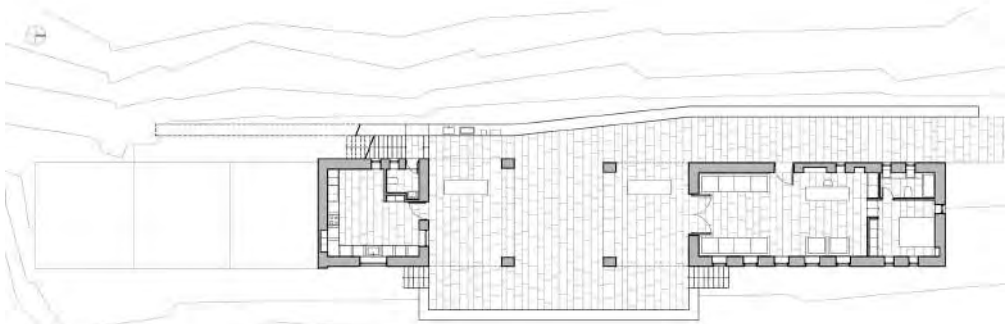
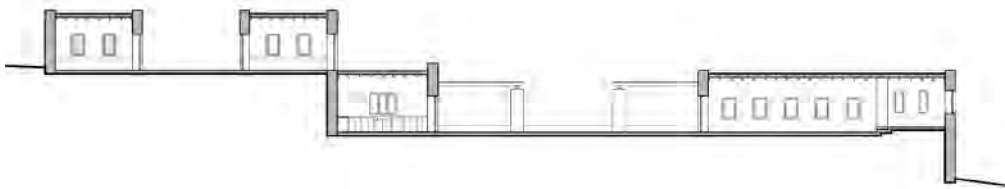
© Archivio Ponis



©Giorgis Gerolympos

A casa, projetada pela arquiteta Katerina Tsigarida, localizada em Andros, na Grécia, está integrada harmoniosamente na paisagem. A residência é dividida em quatro edifícios dispostos em duas plataformas conectadas por uma escadaria de pedra. Na primeira plataforma, encontramos os dois edifícios principais, um com um espaço único que combina quarto e sala, separados por um desnível, e o outro com cozinha e instalações sanitárias. Na segunda plataforma, estão os dois edifícios secundários, que funcionam independentemente ou em ligação direta com as áreas principais. Neste projeto a arquiteta optou por uma abordagem discreta e linear, respeitando a natureza do local e permitindo que a casa se funde com a paisagem. A residência apresenta pátios parcialmente sombreados por pérgulas de madeira, proporcionando proteção contra os ventos fortes e espaço para atividades ao ar livre. O projeto retoma a arquitetura vernacular da região, com a utilização de aberturas estrategicamente posicionadas para ventilação e iluminação, paredes espessas de pedra local que mantêm a tempera-

tura interna estável e telhados e pavimentos de telha de xisto, utilizando materiais locais duradouros. Em suma, é uma casa de privacidade e serenidade no meio de montanhas rochosas com vista para o mar mediterrâneo.



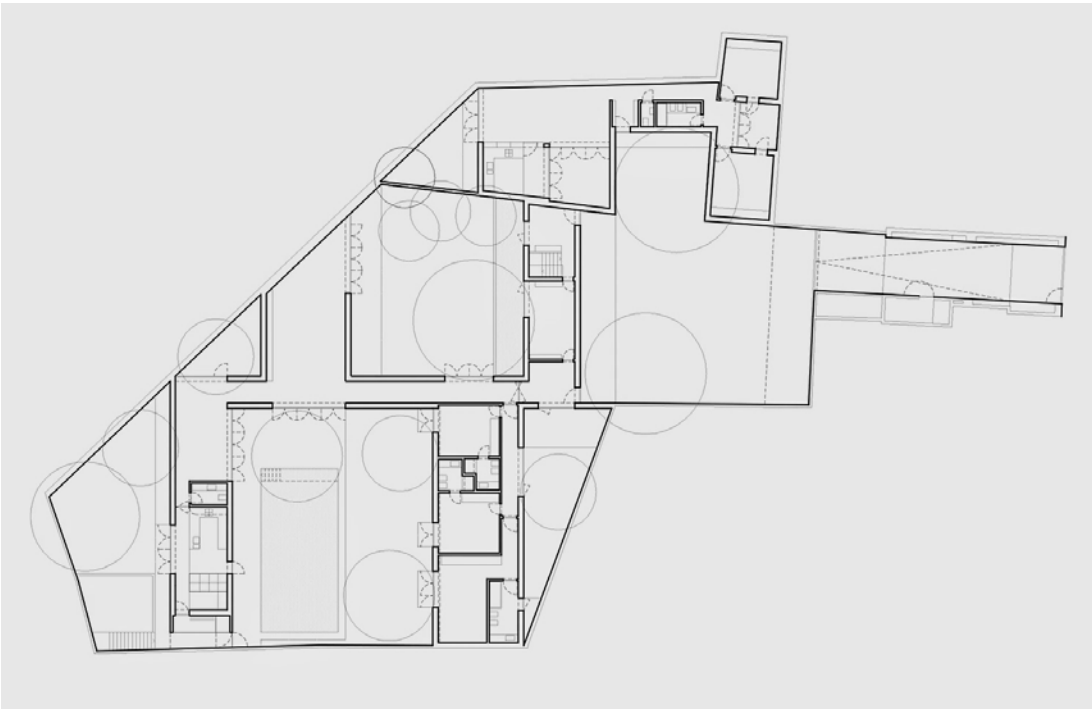
© Georgis Gerolympos; Katerina Tsigarida



©Fernando Guerra

As duas casas em Santa Isabel, do arquiteto Ricardo Bak Gordon, ocupam o espaço de antigos armazéns industriais. O projeto consiste na reutilização de um terreno localizado num logradouro, propondo o redesenho dos interiores de quarteirão e realçando a potencialidade destes enquanto espaço habitável. As casas desenvolvem-se à volta de vários pátios a céu aberto, com diferentes geometrias, áreas e propósitos. O primeiro pátio distribui as pessoas para ambas as casas, cuja entrada está sinalizada por duas grandes portas amarelas, que interrope a longa e forte fachada cinzenta. A cor tem a intenção de convidar à descoberta de uma complexidade de espaços impercíveis do exterior da casa. A verticalidade dos edifícios que circundam o terreno sugeriu uma construção inversa para as casas. Estas acontecem num só piso e de uma forma horizontal, contrariando o que acontece em torno delas. O projeto é caracterizado pela forte presença do betão armado, como principal material de construção; pelas densas manchas verdes da natureza que abraçam as casas; e pelos vários espaços de água nos pátios.

As casas, resultam da junção de cheios e vazios, nunca deixando de estar ligadas entre si. Cada espaço verde proporciona, através de vãos abertos na sua direção, diferentes ambientes, de acordo com a divisão que iluminam. Procura-se um diálogo entre o exterior e o interior, entre o negativo e o positivo.



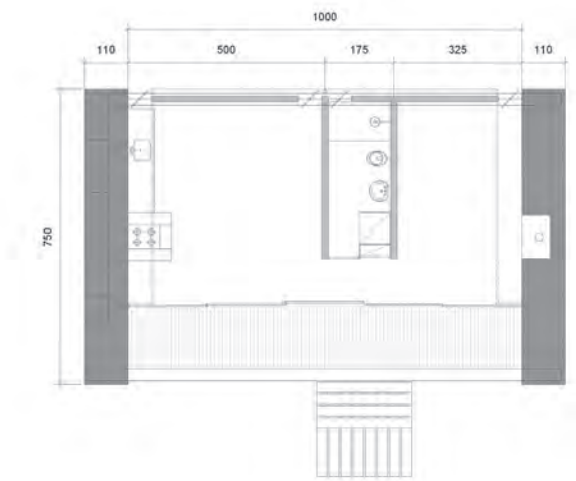
©Fernando Guerra



© Nelson Kon

A casa Rio Bonito situada em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, foi projetada pela arquiteta brasileira Carla Juaçaba. Esta casa insere-se num território dominado pela sua intensa vegetação. O lugar não só é marcado visualmente pela natureza mas também auditivamente através da presença do Rio bonito. Esta casa parte da ideia da casa-refúgio. A casa refúgio surge do discursos e práticas na arquitetura moderna através das sucessivas discussões de casa-mínima no CIAM de 1929. É uma casa cujo o programa se define pela sua simplicidade e é considerada uma casa compacta inserida na paisagem. Hoje esta ideia de refúgio é amplamente associada à ideia da fuga à vida urbana. A casa-refúgio pode assim apresentar-se como mediadora entre o homem e a natureza. Deste modo a arquiteta Carla Juaçaba propõe que a casa crie laços com o lugar em que se insere e que comunique com a natureza. Este projeto parte da articulação de duas empenas auto-portantes laterais em pedra funcionando simultaneamente como elemento de transição entre natureza e o

construído/habitado e de sustentação de 4 vigas metálicas, nas quais por sua vez se apoiam as lajes de piso e cobertura. É assim possível identificar uma lógica construtiva racional que resulta na forma. Também o uso de materiais como o aço e a pedra são trabalhados com o mesmo grau de importância. A disposição do núcleo entre sala e quarto compromete a continuidade espacial e flexibilidade de uso em favor da privacidade do quarto. Conseguimos afirmar, que tanto a racionalidade estrutural como a materialização conseguem em conjunto criar diálogos como peso/leveza, industrial/tradicional ou transparência/opacidade.



© Nelson Kon



© El Croquis

A Casa O, está localizada em Chiba, no Japão, uma pequena cidade localizada a cerca de duas horas a sudoeste de Tóquio. A casa, construída por Sou Fujimoto, surgiu como um pedido de um casal, cujo desejo era ter uma casa de fim de semana com vista para o oceano, na qual a presença do mesmo pudesse ser sentida em todos os espaços da casa.

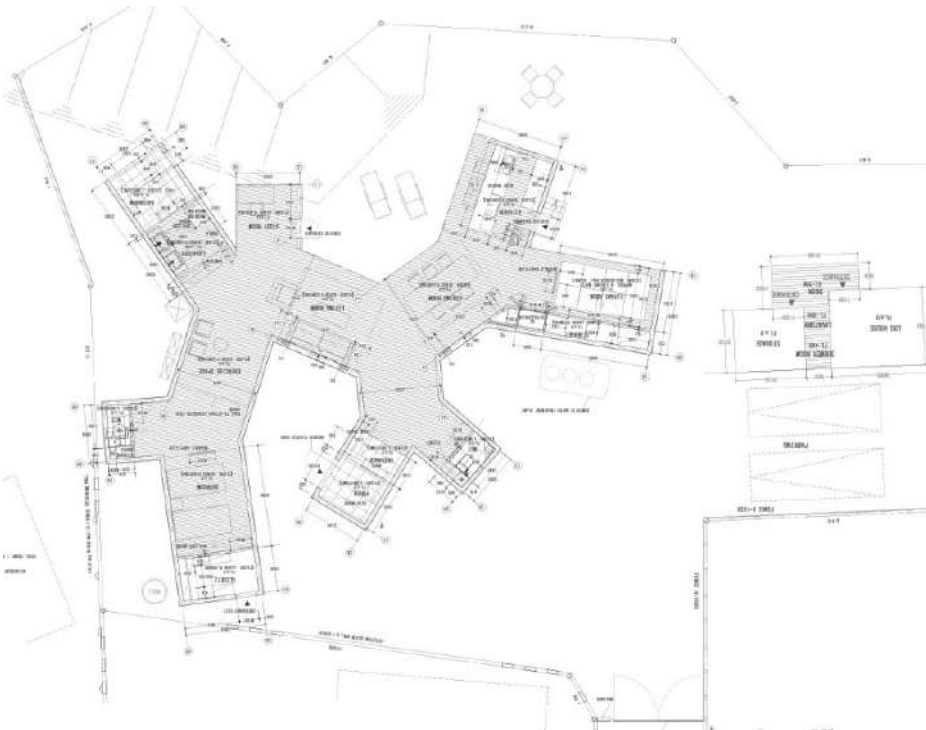
Esta casa surge a partir de dois conceitos fundamentais, presentes na arquitetura de Sou Fujimoto. De acordo com o arquiteto, assim que tem uma ideia, a primeira coisa que tenta fazer é tornar esse conceito no espaço mais prazeroso e estimulante, possível, para quem o frequenta, tornando a ideia de “promenade arquitetural” e interação social nos pontos mais importantes do seu trabalho. Para além disto o arquiteto tenta ainda criar algo que diferente, pois para ele as suas obras não são feitas para serem entendidas, mas sim para serem lembradas, como experiências, o como paisagens.

A Casa O encontra-se numa plataforma inclinada, apresentando um ligeiro declive, bastante semelhante ao do terreno onde se encontra. É composta por ape-

nas um piso, de planta irregular e totalmente livre no seu interior, procurando não só estabelecer uma relação entre todos os espaços da casa, como dos mesmos com o oceano.

A casa é na sua maioria feita de betão armado, material esse deixado sem qualquer tipo de acabamento para se assemelhar o mais possível à pedra, onde se encontra pousado.

O arquiteto Sou Fujimoto decidiu fechar completamente a casa, para o lado da rua, e abrir totalmente para o oceano, sendo também do lado mias fechado que vai colocar todos os programas mais pessoais e que requerem uma maior privacidade, deixando assim os locais de trabalho, socialização e de passagem totalmente expostos ao oceano, fazendo com que quem por eles circula se sinta num passeio a beira mar.



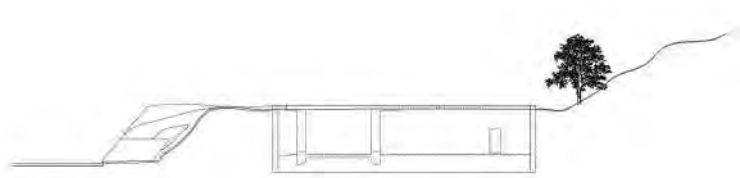
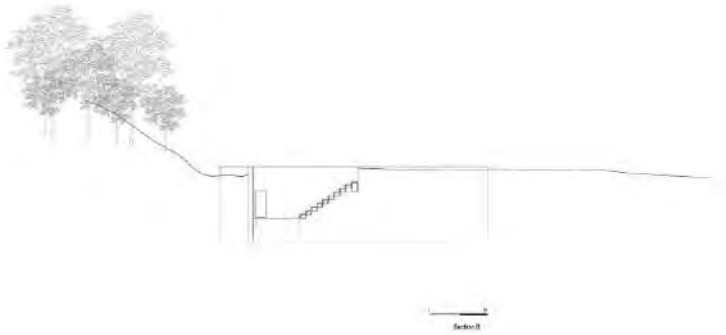
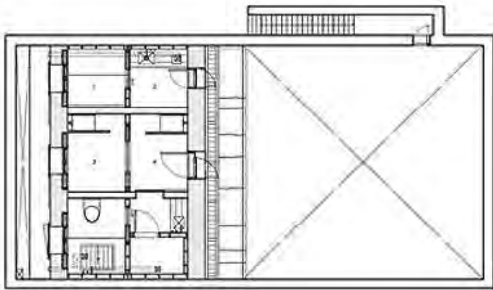
© El Croquis



©BCHO Architects

A Casa Terra, projetada pelo arquiteto Byoungsoo Cho, encontra-se no meio de bosques, num terreno a sul da casa de férias do arquiteto. Este projeto surgiu da crença de que as estruturas construídas pelo homem devem fazer com que as pessoas se liguem à Natureza. É uma casa do céu, construída em homenagem a Yoon Dong-joo, poeta coreano que escreveu sobre o céu, a terra e as estrelas. Foca na relação entre a natureza e os humanos, construída com atenção especial na eficiência construtiva. A Casa refere-se a deias taoistas sobre o espaço negativo e positivo e a questão de saber de quanto (ou pouco) espaço precisamos para viver confortavelmente. A casa possui um programa de biblioteca e espaço de meditação. Revestida de betão, possui 14 x 17m e encontra-se enterrada no solo, contém seis quartos e dois pátios com piso de terra, aos quais todos os ambientes estão interligados. A casa tem uma cozinha, um escritório e salas de descanso. O conforto térmico é assegurado pela energia geotérmica. O próprio facto de estar enterrada garante um bom isolamento. As

paredes de terra compactada proporcionam todas as divisões espaciais interiores. A terra utilizada para as paredes é proveniente da escavação do local. Apenas foi utilizado um mínimo de betão branco e cal para que as paredes de terra pudessem retornar ao solo mais tarde. Os muros do pátio incluem secções transversais das árvores abatidas, à medida que estas se vão decompondo, Byoungsoo Cho espera que cresça vegetação, pelo menos simbolicamente devolvendo a construção humana aos ciclos da natureza.



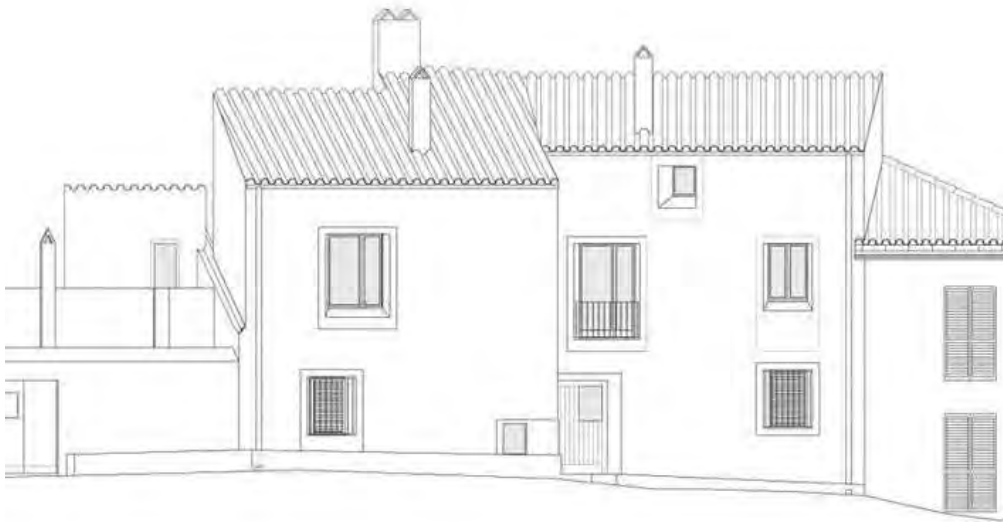


© El Croquis

A casa de férias, projetada pelo atelier Sergison Bates está localizada numa pequena e estreita rua, na pequena vila histórica de Cadaqués, na Catalunha. Este projeto substitui uma antiga vivenda de dois pisos e uma estrutura adjacente em ruínas. A nova construção segue o alinhamento da rua e dos edifícios pré-existentes, com exceção no canto sudoeste, onde se afasta para criar um pátio ao nível do primeiro andar. O edifício assenta sobre uma plataforma de betão que se eleva até a cota da entrada, funcionando como um alpendre/ canteiro/ banco. A cobertura como é inclinada, vista da fachada principal, dá a sensação de que o volume da casa é muito mais reduzido do que na verdade é. A fachada principal é formada por uma parede autoportante em alvenaria de pedra pintada de branco em conjunto com janelas de vários tamanhos, estas são dispostas de forma informal e emolduradas em argamassa espessa, o que cria diferentes alinhamentos entre elas, conferindo um carácter mais fino à composição da fachada. Este projeto é visto como um ato de restauração da

cidade velha, respeitando o contexto (regulando a altura do edifício, as proporções das janelas, materiais e cor branca) mas ao mesmo tempo inovando, criando uma identidade renovada tanto para a rua estreita como para o amplo plano de fundo da baía. No interior, a casa está organizada em três pisos de 60m2 cada, com duas mezanines construídas em madeira no último piso. É a partir de duas salas de distribuição/ salas-hall que a planta interna é organizada: a primeira sala, no piso térreo, proporciona uma generosa área de chegada, com uma abertura para o espaço de duplo pé direito do piso inferior (a cave) e conduz-nos a dois quartos; já a segunda sala, no primeiro piso, funciona como sala de estar associada de um lado, com a cozinha, aberta ao pátio e do outro, a um terceiro quarto. É a partir desta sala por uma escada de madeira, que temos acesso a primeira mezanine e é através da cozinha, que temos acesso á segunda mezanine, onde nos deparamos com uma vista privilegiada sobre a baía, a igreja, o mar e a serra.

Associada a estas salas-hall temos uma escada “volta” que conecta os três pisos e estende-se até uma cave (com uma antiga adega em pedra, uma arrecadação e um espaço de planta quadrada de duplo pé-direito). Esta casa contém muitos quartos, alguns sem programa definido, uma vez que foi pensada para responder à utilização fllexível partilhada de duas famílias. É uma casa de férias que pretende participar nas ideias de regionalismo crítico exploradas pelo grupo de arquitetos que trabalharam em Cadaqués entre 1950 e 1960, Coderch, Correa-Milá e Harnden-Bombelli.



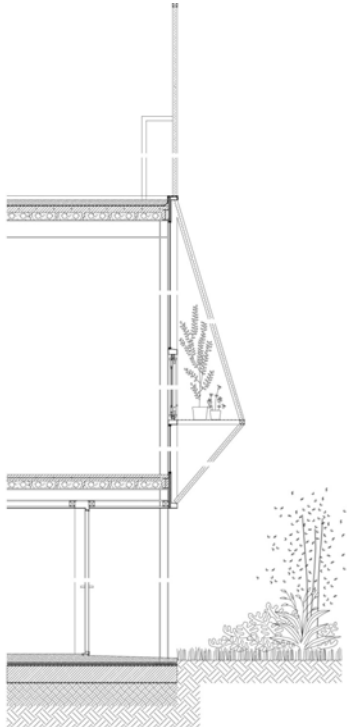
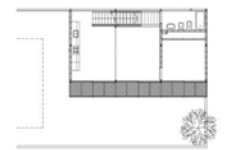
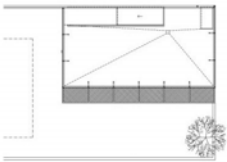
© El Croquis



© Adamo Faiden

Formando também uma esquina no meio do quarteirão a casa encontra-se implantada num terreno onde já existia uma casa pré-fabricada. As características e posição dos edifícios já existentes determinarão a posição e forma desta nova habitação, que de certo modo complementou o volume já existe. Sendo que neste lote já existia uma habitação, com a construção da nova residência o jardim tornou-se um elemento articulador entre estas duas habitações. De um lado, a habitação com 10 m de altura serviu de guia para estruturar longitudinalmente a casa, bem como orientar os espaços interiores direcionando-os para o jardim do terreno em frente e também combinar as proporções dos edifícios numa tentativa de unir tudo. A fachada da casa encontra-se orientada para sudoeste, o que permitiu a entrada de luz natural e evitou problemas com as janelas das outras duas habitações, garantindo ao mesmo tempo vistas amplas para a nova habitação. A estrutura metálica estende-se ao longo da fachada, servindo de suporte para a vegetação. O programa foi organizado em três níveis para que a altura do edifício ao lado seja atin-

gida. O posicionamento lateral evita assim bloquear a luz solar do edifício já existente, ao mesmo tempo que a nova residência, localizada majoritariamente no primeiro nível, encontra a sua expansão visual no jardim e a sua expansão física no terraço. Uma pequena divisão e garagem ocupam opiso térreo da casa, enquanto o quarto, instalações sanitárias, sala e cozinha estão localizados no primeiro andar.



© Adamo Faiden

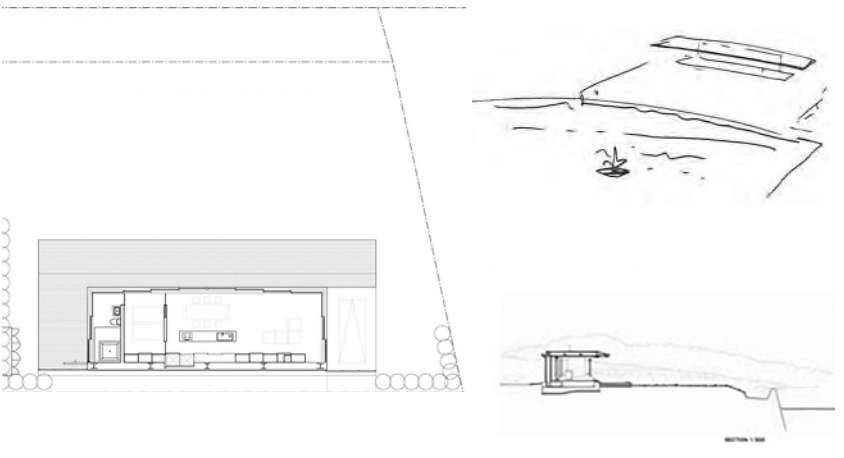
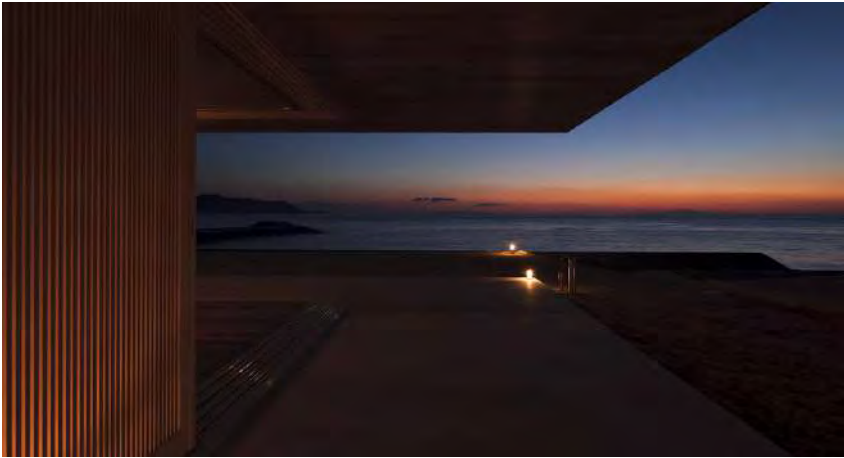
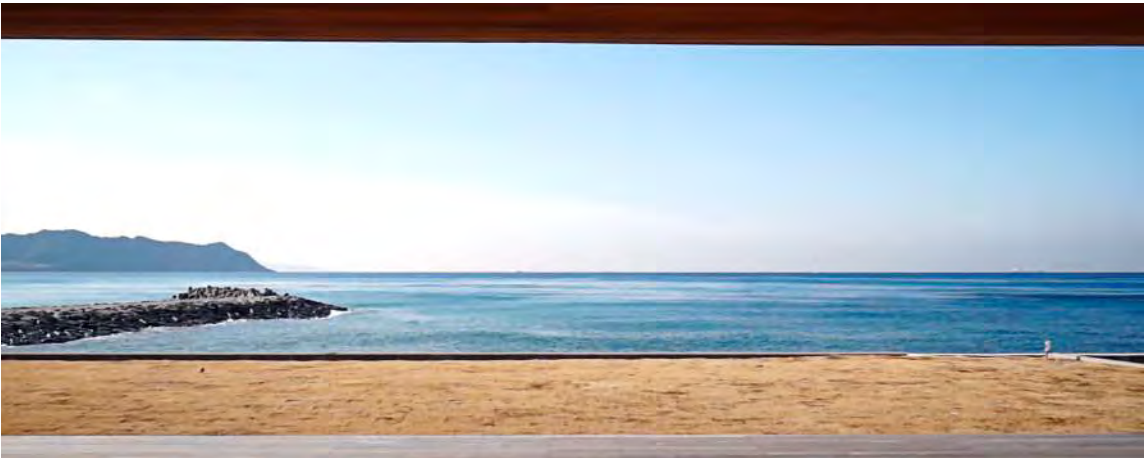
CASA HORIZONTE DE FRENTE PARA O OCEANO PACÍFICO
Tezuka Architects, Chiba, Japão, 2013



© Katsuhisa Kida

Uma casa à beira-mar com vista para o canto mais cênico da Baía de Tóquio, Japão, convida-nos a desfrutar das vistas sem interposição de recintos. Concebida em 2013 pelo atelier Tezuka Architect's, encontra-se de frente para o oceano pacífico. A casa horizontal é um reflexo do conjunto de ideias que moldaram a filosofia de design e arquitetura da Tezuka Architect's ao longo das suas trajetórias. A arquitetura é reduzida ao mínimo: uma cobertura em consola, e mobiliário estrategicamente dimensionado criam um espaço sem colunas com uma vista ininterrupta para o oceano. A vista de 180 graus faz da casa um espaço para contemplar o mar. A casa tem uma área total de 79,11 m2. Organizada numa planta retangular, as áreas sociais e íntimas são delimitadas por paredes divisórias, para que, num espaço fluido e contínuo, se fundam com o ambiente exterior. Para contrastar, o alçado da rua é completamente fechado, conferindo um pouco de privacidade à casa, a área íntima está aberta para o mar. No centro da área social da casa encontra-se uma cozinha com ilha, que

separa a sala de jantar da sala de estar. A estrutura, construída em metal, betão armado e madeira, proporciona uma sensação de leveza. A estrutura principal é constituída por perfis em aço H assentes sobre uma plataforma de betão armado, com revestimento de madeira ripada. A ideia de promover a vida ao ar livre e a fruição do ambiente faz-se presente neste projeto.



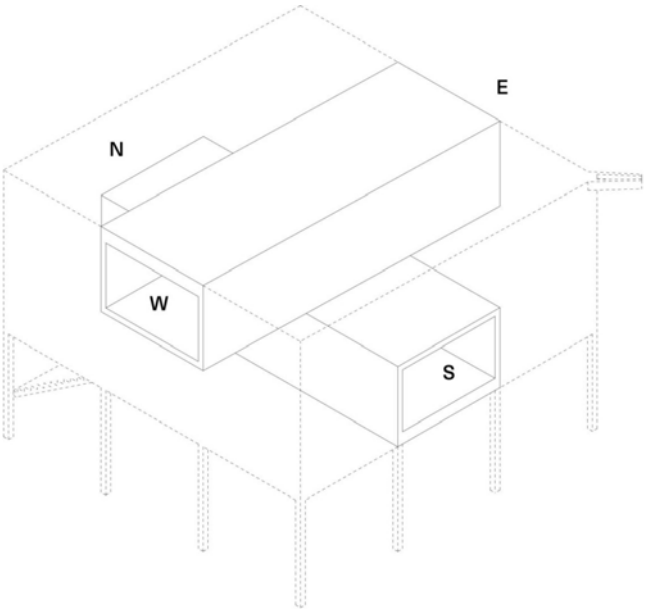
© Katsuhisa Kida | Tezuka Architects



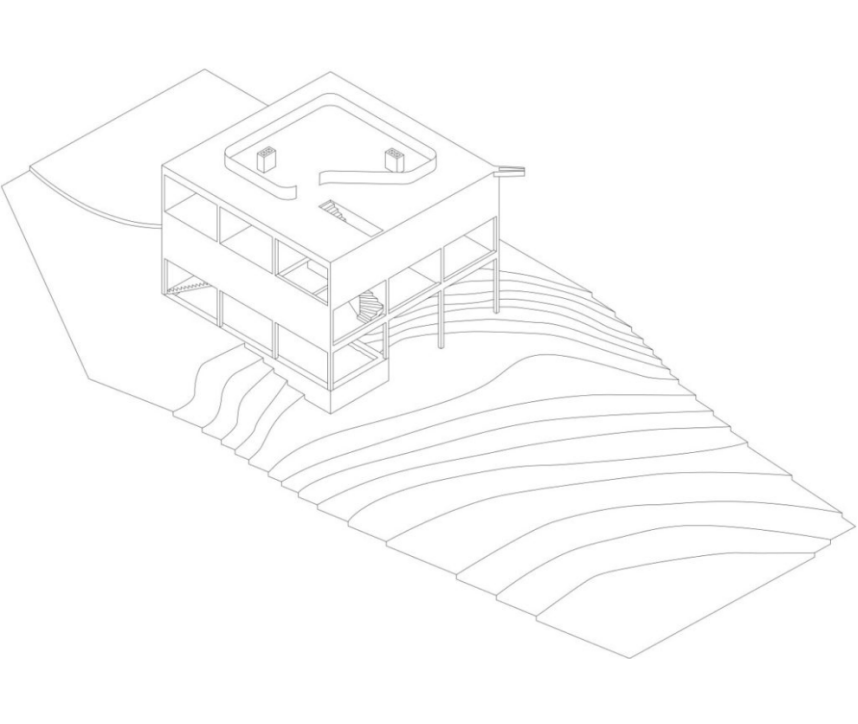
© PIN-UP 22,

A casa de férias, projetada pelo atelier Brandlhuber+, situa-se no meio de um pinhal à beira mar, em Santo Antônio da Rocha, no Uruguai. Concluído em 2015, o edifício de três pisos é o primeiro exemplo construído do Módulo Vier Richtungs (“módulo de quatro direções”), uma tipologia de obra viva que o atlier Brandlhuber tem vindo a desenvolver há mais de uma década. A tipologia baseia-se numa combinação de unidades duplex cujo primeiro e segundo níveis estão dispostos perpendicularmente entre si, pretendendo-se que a orientação norte-sul é preferível para áreas mais socias (sala de estar, cozinha), enquanto que a exposição nascente-poente seja ideal para áreas mais privadas (quartos). Abordado por clientes alemães, Brandlhuber foi solicitado para construir um edifício que pudesse funcionar como uma única moradia, mas que também pudesse ser subdividida em unidades mais pequenas para serem alugadas individualmente durante o resto do ano. Empoleirados em pilotis acima de uma piscina, emparelhados em três unidades de dois andares (área

social em baixo/ área privada em cima), todas partem da mesma condição espacial, mas cada unidade é projetada para ser utilizada de maneiras diferentes. Coletivamente, as unidades encontram um equilíbrio entre o desejo de minimizar a redundância e os requisitos de autossuficiência: uma tem uma cozinha relativamente grande, a outra tem apenas alguns fogões, enquanto a terceira tem apenas uma churrasqueira externa. É uma concepção alternativa de luxo, baseada numa visão igualitária da sociedade. “One of the biggest luxuries is to have a cheap home!(...) It allows for flexibility in your lifestyle and accommodates changing situations. But there should be basic qualities. It should be something you can celebrate — cheap but glorious!”



Estrutura da Casa. Esquema Espacial



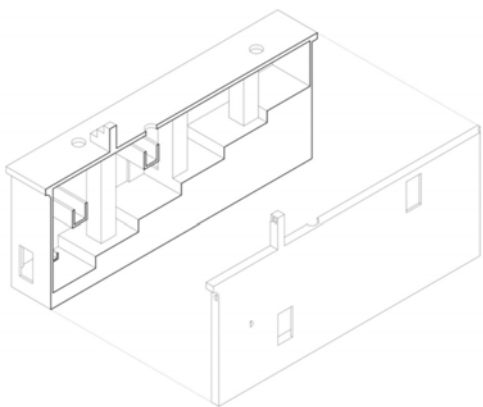
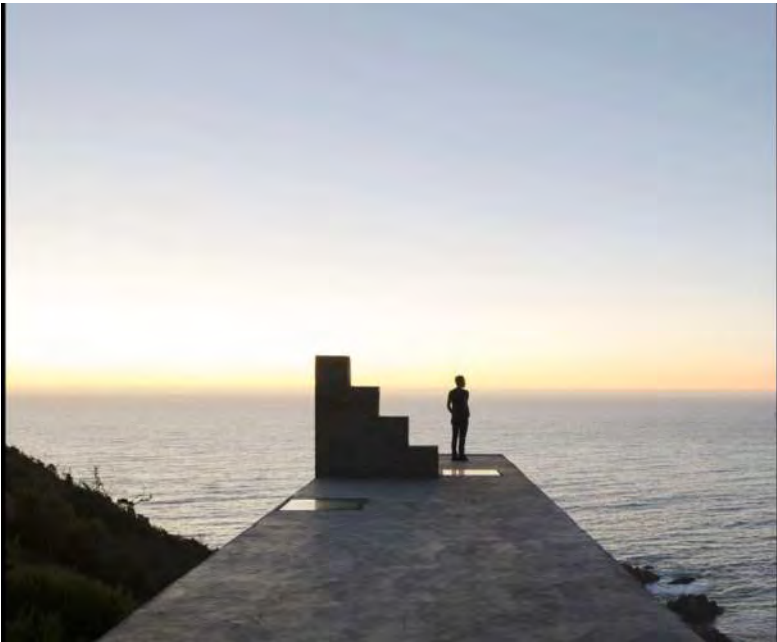
© PIN-UP 22,



© Adamo Faiden

A casa Loba localiza-se no Chile, na cidade de Tomé. Está situada a beira de um penhasco que fica de frente para uma reserva de leões marinhos no Oceano Pacífico. Foi construída em 2017, por encomenda Marcelo Sanchez e Janis Hananias. Casa Loba insere-se num cenário, selvagem e desabitado, sem quaisquer convenções ou interação com outros edifícios. A construção pode ser lida como um muro habitado. A habitação estenden-se perpendicularmente em direção à costa. O betão aparente lembra a rocha e a sua forma geométrica que se assemelha à de um bloco de pedra que é ancorado à beira de um penhasco. A referência da tipológica é de uma “escada”, pois a casa Lobo é como uma escadaria de seis degraus, com sequências de dois degraus para ajudar as pessoas a superar as diferenças de nível. A perspectiva que abrange toda a extensão da altura e comprimento do espaço é interrompida por três enormes pilares que contêm as instalações sanitárias, a cozinha e a lareira, bem como por duas pontes de

serviço acessíveis através de escadas. Da plataforma mais elevada da casa mais baixo, são implantados os três espaços principais da casa, dedicados ao descanso, refeições e ao descanso. Enquanto as camas estão dispostas nas plataformas superiores, com pe-direito mais baixos, pelo contrário, as mesas e sofás ocupam as plataformas inferiores, onde o volume ganha altura. O largo volume possui poucas aberturas em ambos os lados, com algumas claraboias pontuais, algumas perfurações meia lua que podem ser utilizadas como relógios do sol e somente uma janela de esquina interrompida por um pilar de secção circular Essa é a única janela com vidros sem moldura na fachada de Betão.



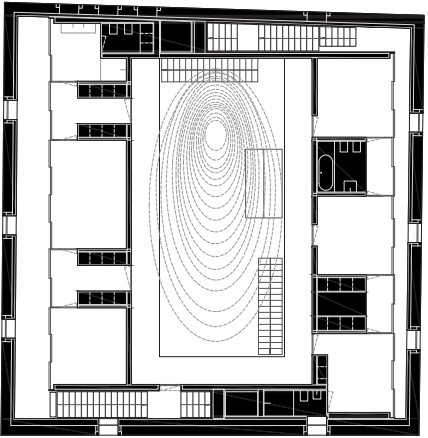
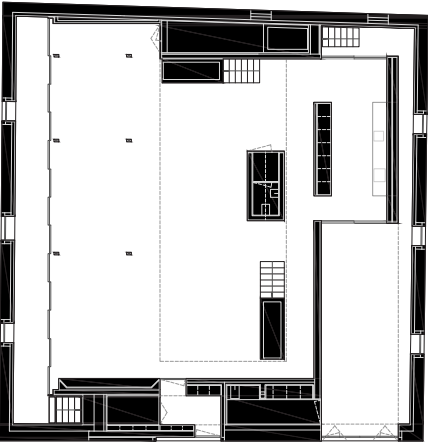
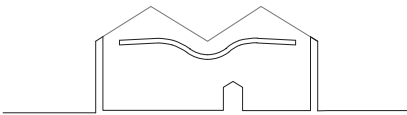
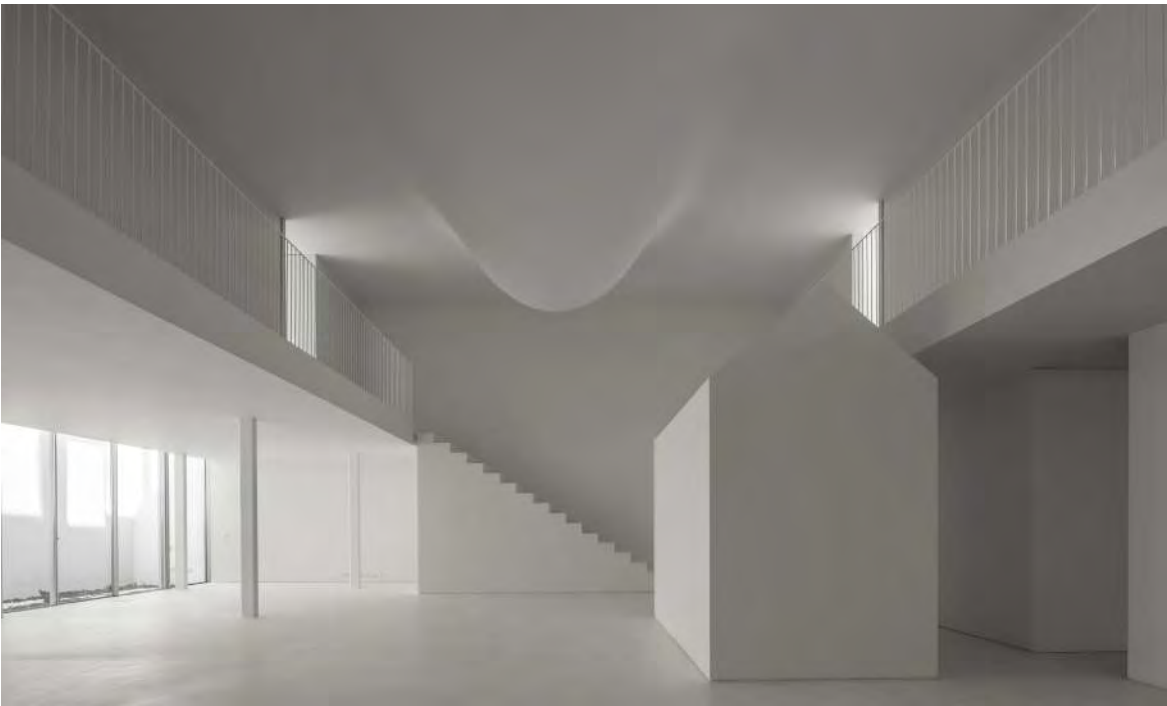
© Adamo Faiden



©João Guimarães

A “Casa no Barreiro” foi projetada pelo atelier Aires Mateus. Projetada entre 2012 e 2015 e construída entre 2018 e 2023. A casa está localizada no Barreiro, com vista para Lisboa, e foi criada a partir da transformação de dois antigos armazéns contíguos. O projeto preserva a estrutura externa original dos armazéns enquanto o interior é transformado em casa. Dois jardins e dois volumes de escadas conectam o interior e o exterior, assim como o piso térreo e a cobertura. Foram aplicadas duas formas de intervenção: conservação e recuperação das estruturas originais e uma nova intervenção para adaptar o edifício a um novo propósito. O exterior foi reforçado com argamassa, e posteriormente foi aplicado um sistema de isolamento térmico. No interior, a casa desenvolve-se em três pisos com um espaço marcado pelo contraste entre a piscina e a estrutura original dos armazéns. Duas escadas levam a áreas privadas, uma voltada para crianças e convidados e outra para os adultos. A circulação é fluida, tanto dentro quanto fora, e a presença dos jardins acrescenta continuidade aos espaços.

Passando para o exterior, e relativamente à cobertura do edifício, encontramos presente um elemento central, que resulta de uma depressão que origina uma piscina. Como complemento a esta piscina é criada uma parede curva que procura trazer um toque de privacidade com total abertura para o rio e para a cidade de Lisboa.



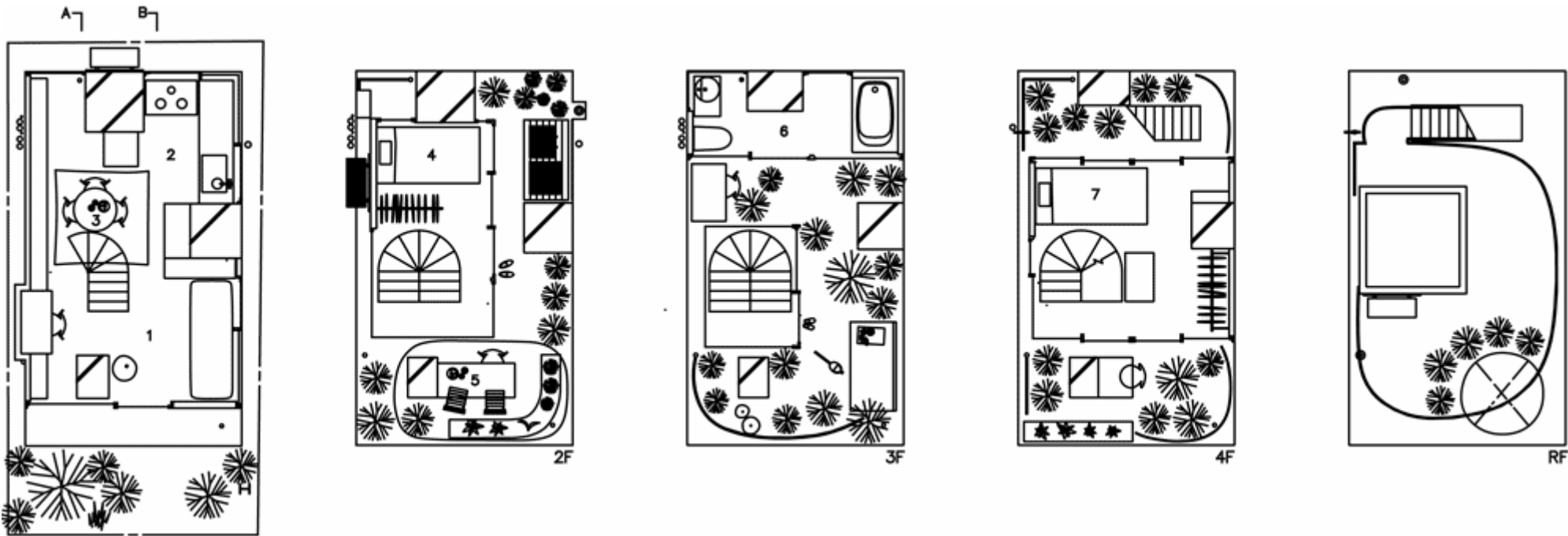
© Fernando Guerra; Aires Mateus



© Adamo Faiden

A casa e jardim é um projeto da autoria do arquiteto japonês Ryue Nishizawa, localizada num distrito comercial em Tóquio, Japão. O local era um espaço com apenas 4 metros de largura, e 8 metros de comprimento, entre dois prédios com mais de 30 metros de altura, tornando a rua num local com pouca iluminação natural. As duas escritoras, proprietárias da casa, apenas pediram especificamente um escritório, dois quartos individuais, uma sala de estar e uma instalação sanitária. Deste modo, Ryue Nishizawa propõe uma estrutura que consiste na sobreposição de 5 plataformas de betão com 4x8 metros, criando assim um edifício sem paredes. Cada plataforma tem um jardim exterior e uma das divisões pedidas, sendo estas mais pequenas do que o espaço das plataformas, dando assim liberdade para as diferentes ligações entre os espaços fechados e os jardins. O edifício contém umas escadas no centro das plataformas estando estas sempre rodeadas por paredes de vidro até ao topo, tal como os quartos e as outras salas. Estando algumas desconectadas das escadas obrigando

do os residentes a atravessar o jardim para entrar nas divisões. Os jardins em todas as plataformas oferecem não só uma grande privacidade para o exterior mas também um ambiente de vista para quem está no seu interior. Tudo isto torna o edifício um lugar com muita iluminação natural e com uma grande ligação com exterior, apesar das condições do local onde se encontra.



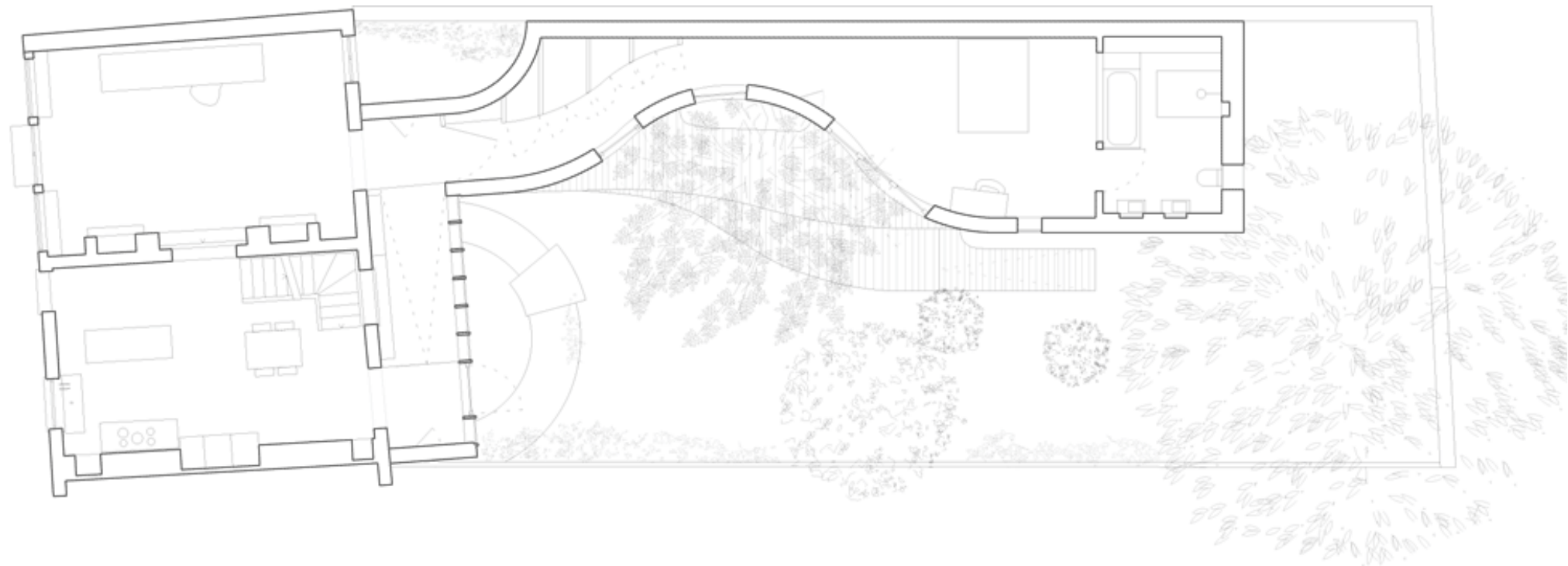
© Adamo Faiden



©Johan Dehlin

A Casa Árvore é um projeto da autoria da dupla 6A Architects, construída em 2013, e localiza-se na zona este de Londres, Inglaterra. Em 1970, duas casas construídas em 1830 foram unidas, formando uma só. A casa pertence a um crítico de arquitetura e a uma historiadora de arte, com escoliose múltipla, tendo vindo a ficar cada vez mais dependente de uma cadeira de rodas. Esta dependência criou a necessidade de criar a casa mais acessível, com um único pedido de não perder o jardim. Deste modo surge a Casa Árvore que se estende ao longo do jardim desviando-se da árvore já existente “Sumagre da Virginia”, criando assim a este formato da casa. Esta liga-se à cozinha da antiga casa, através de uma rampa na varanda pré-existente, e outra ao longo de um corredor que liga ao novo quarto. A casa é composta por um corredor curvilíneo em rampa com várias janelas com vista para a árvore pré-existente, um quarto com acesso a uma plataforma exterior e uma instalação sanitária com uma clarabóia que oferece luz natural.

A casa apresenta uma estrutura toda em madeira tanto no exterior como no seu interior, sendo que o interior é pintado de branco para criar um maior contraste com o verde do jardim. Todos estes detalhes da casa permitem uma grande ligação com o jardim e a natureza, e acima de tudo um grande conforto e mobilidade para os proprietários.



©Johan Dehlin

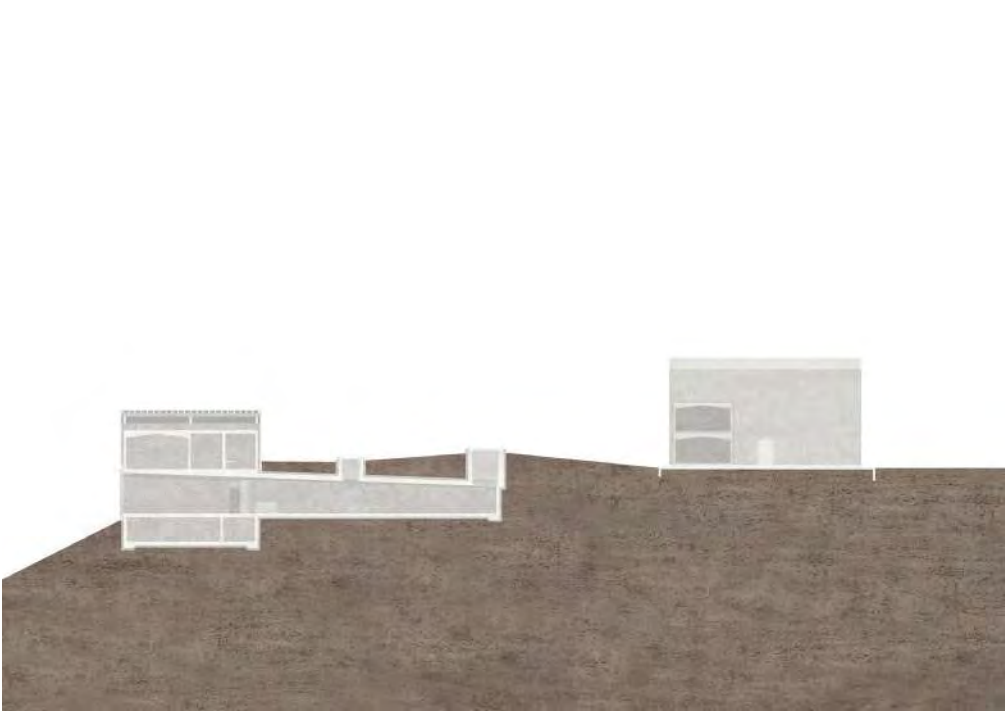


© ARCHIVE OLGATI

Implantada na aldeia de Laax, a casa é determindada pelo lote particular, caracterizado pela sua geometria alongada; com uma variação entre os 10-20m de largura e os 90m de comprimento, a parcela é, por isso, confinada por duas envolventes de naturezas diversas. O projeto teve como ponto de partida os constrangimentos relativos à legislação local; estes determinavam que apenas era permitida a construção de volumes acima do solo em extremos opostos da propriedade, impedindo qualquer alteração na área central do lote. A escala e heterogeneidade formal deveria também estar integrada com a dos edifícios vizinhos. São projetados dois volumes com configuração de arquétipo, aparentemente independentes, nos quais os arquitecto integra o programa de habitação.

As duas unidades estão ligadas por um acesso subterrâneo, que distribui e conecta os espaços e a vida quotidiana da família. Com um piso térreo aberto à rua, o primeiro volume é implantado na aldeia histórica; a "Casa da Aldeia" ergue-se em três pisos, e serve programaticamente uma sala de estar, os quartos das cri-

anças e escritórios. No outro lado da parcela, junto à zona agrícola, ergue-se a "Casa de Campo"; um volume mais baixo, de dois pisos, aberto à paisagem. Neste as zonas sociais da casa estão situadas no alinhamento do corredor no piso inferior, com ligação directa com a envolvente rural, enquanto as zonas privadas se situam no piso superior. Os dois edifícios em betão aparente são assim duas partes que formam um todo; volumes que, contactados por um esqueleto de secção em arquétipo, formam um conjunto que apenas pode ser reconhecido na memória, depois da experiência do indivíduo no lugar.



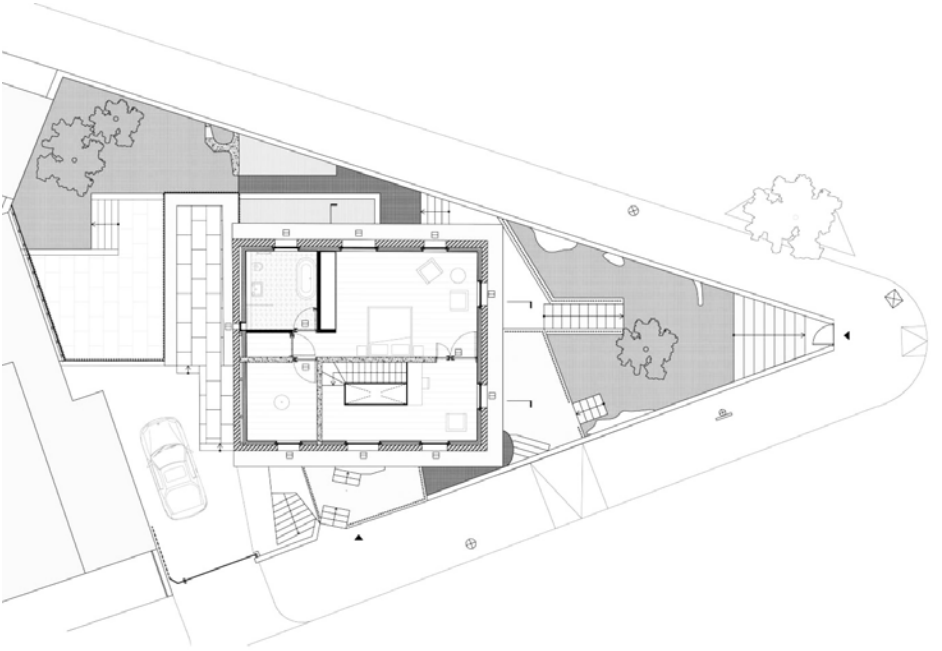
© ARCHIVE OLGATI



©Ed Reeve

A Mole House, em Hackney, Londres, é um projeto do arquiteto David Adjaye. Um dos seus projetos que testemunham o poder na transformação do ordinário em extraordinário. A casa-estúdio foi desenhada para a artista britânica Sue Webster, e combina história, arte e experimentação. Durante 40 anos o edifício sofreu escavações de túneis nas mãos do antigo proprietário, o engenheiro civil William Lyttle. Tendo o terreno e a casa sido deixados nas piores condições, anos mais tarde, David Adjaye deparou-se com o desafio e desejo da cliente de criar uma casa e um local de trabalho, fortemente ligados à história e ao tecido da construção original. As fachadas escuras e de aparência debilitada escondem subtilmente os espaços interiores, transparecendo mistério. No interior, a consideração sobre as escolhas de luz, espaço e materiais dá vida a um espaço que parece simultaneamente antigo e moderno. Enquanto que o exterior foi propositadamente reaproveitado e perservado, transmitindo um aspeto simultaneamente as-

sombrado e cheio de vida. No coração de Londres, a Mole House está posicionada numa esquina acentuada entre duas estradas de De Beauvoir Town, e os vizinhos demonstram o descontentamento de que apesar de cinco anos extensos de trabalhos de renovação ainda “parece um bunker bombardeado de Baçorá”. "Eu realmente não senti a necessidade de uniformizá-la e pintá-la de branco", explica a proprietária, Sue Webster, “Esta é a história deste edifício: porque negá-lo? Porque encobrir tudo?” Esta casa não é apenas uma estrutura, é uma obra de arte que nos convida a explorar as possibilidades ilimitadas da criatividade humana, e as revelações graduais do tempo.



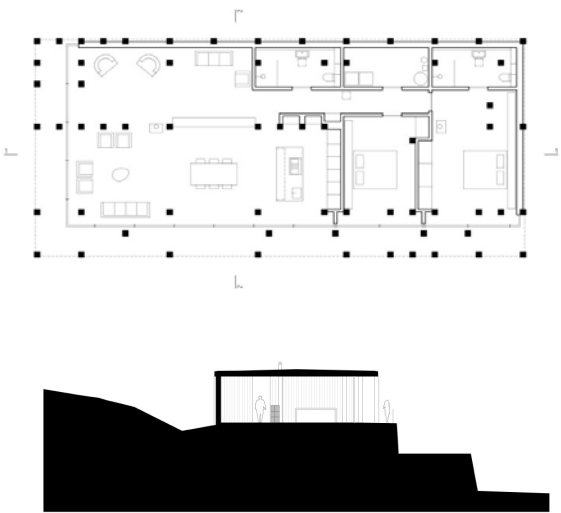
©Ed Reeve



© Miguel Marcelino

A Casa Hipostila, projetada pelo arquiteto Miguel Marcelino, encontra-se localizada na Aldeia de Freiras, uma zona rural em Pedrógão Grande, onde originalmente havia um terreno verdejante com umas construções em ruína. Os clientes compraram este terreno no início de 2017 e em junho desse mesmo ano um incêndio de proporções devastadoras destruiu a flora do terreno e de toda a envolvente. Ocorreu uma alteração dramática da paisagem, o que revelou uma nova leitura da topografia domesticada por um sistema de socalcos. Este projeto tem como intuito recuperar e apoiar-se nesses terraços. É a sensação de que a topografia não demandava uma residência convencional, mas algo mais indefinido. A abordagem adotada foi uma construção abstrata, para contrastar com a horizontalidade dos muros de contenção de pedra existentes no terreno. O arquiteto decidiu utilizar 65 pilares de betão, de malha irregular de densidades variáveis como elemento estrutural principal da casa, idêntico a uma estrutura hipóstila. Hipostilo é

uma palavra grega que significa “teto sustentado por colunas”. A estrutura está exposta e cria um pórtico em torno de uma caixa de vidro interior que contém os espaços habitacionais. A casa possui dois quartos, duas instalações sanitárias, uma cozinha e duas salas de estar, uma delas com sala de jantar. O objetivo era criar simultaneamente fluidez espacial e uma filtragem tridimensional entre os espaços privados e a paisagem. Seis anos depois, o entorno está novamente exuberante de vegetação, e a nova estrutura passa a ser parte integrante desse sistema de paisagem. A casa revela-se como uma arquitetura autónoma, aberta ao exterior, mas independente, onde a natureza e a intervenção humana, harmoniosamente, convergem. A casa celebra a beleza que emerge a partir das cinzas da devastação, simbolizando a resiliência e o renascimento.

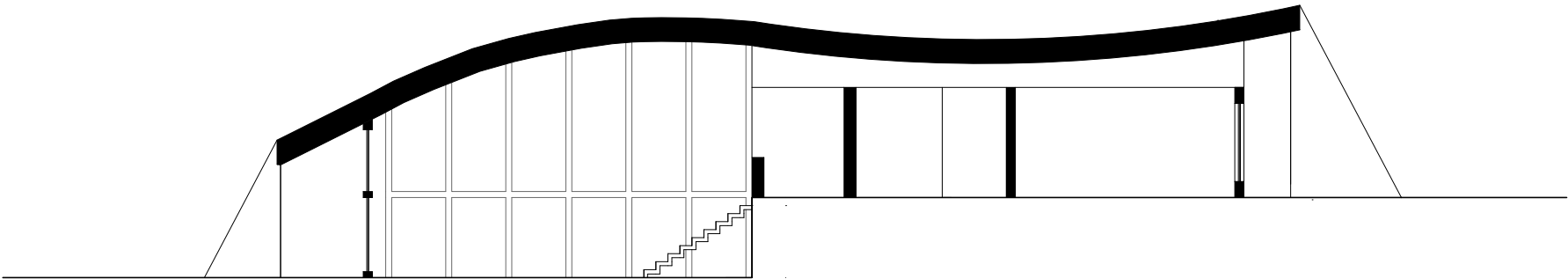
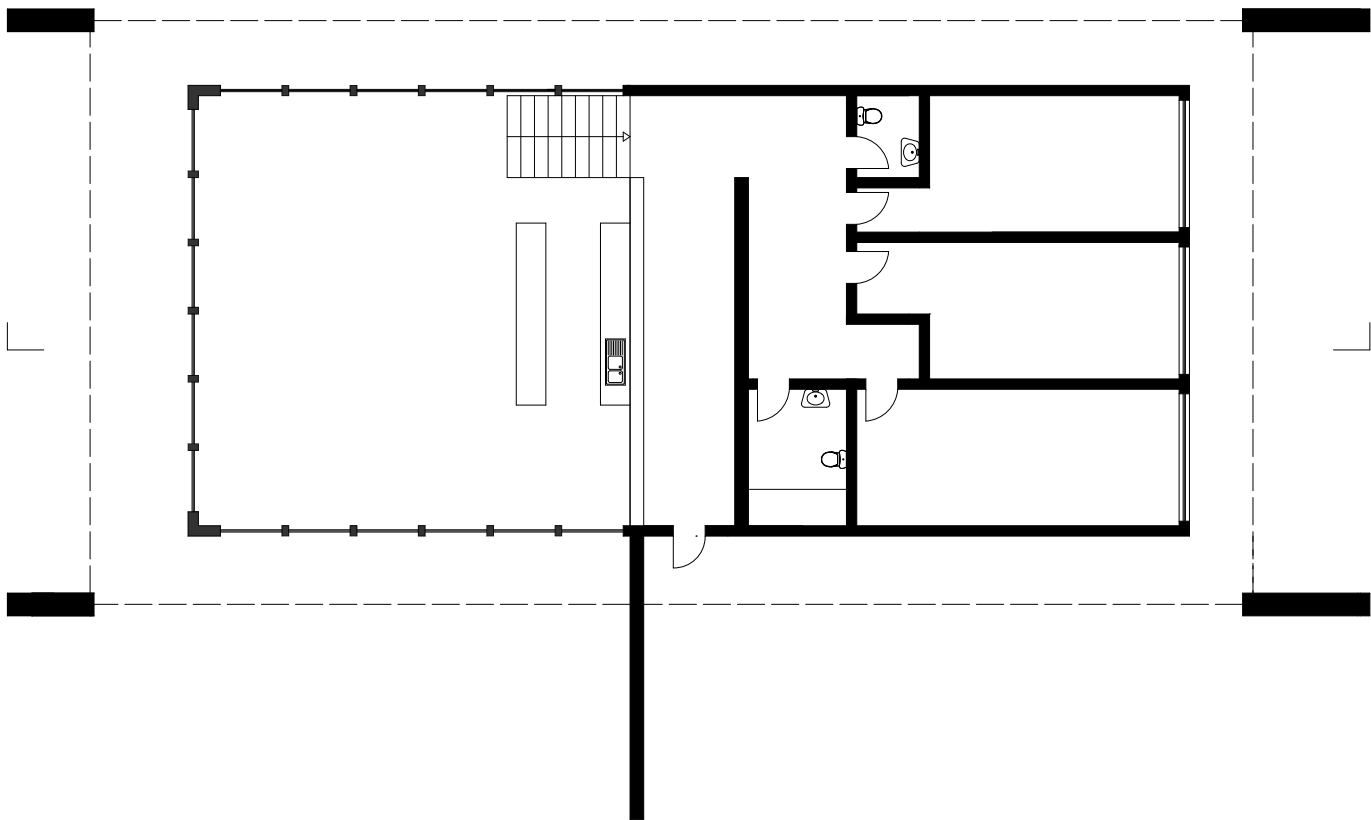


© Miguel Marcelino

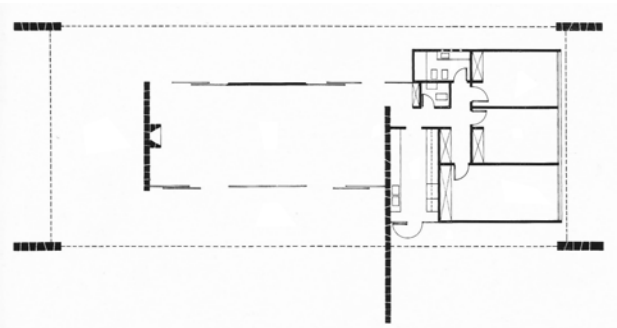
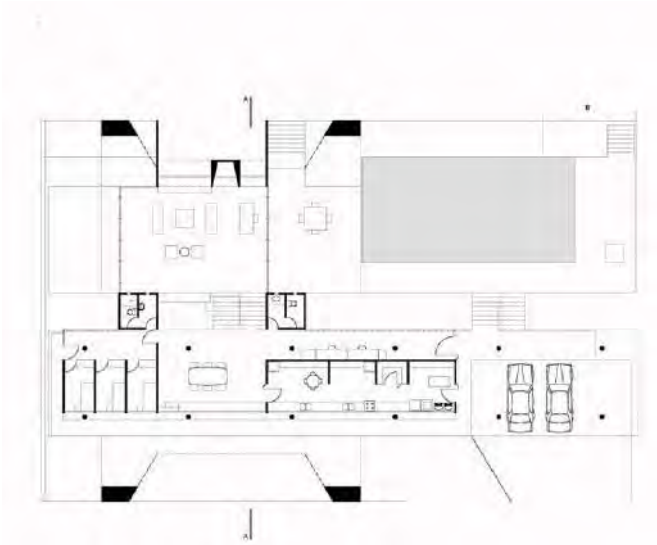
**CASA
HÍBRIDA**

PENSAR A HABITAÇÃO

Casa Híbrida

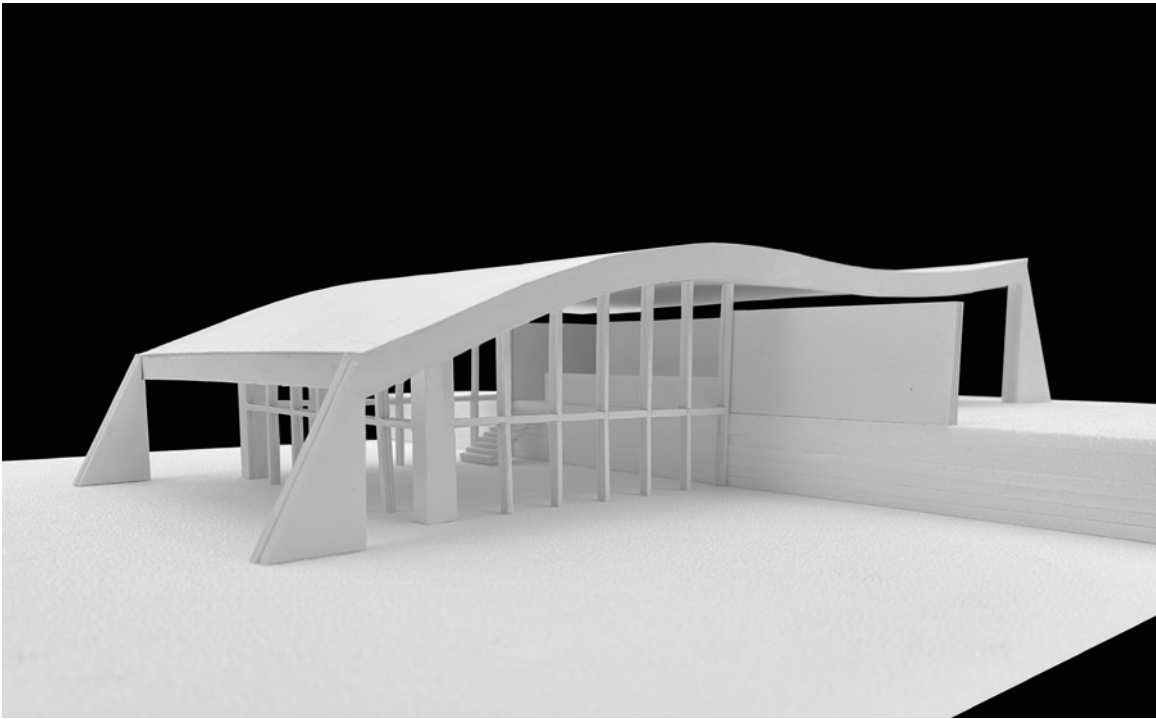
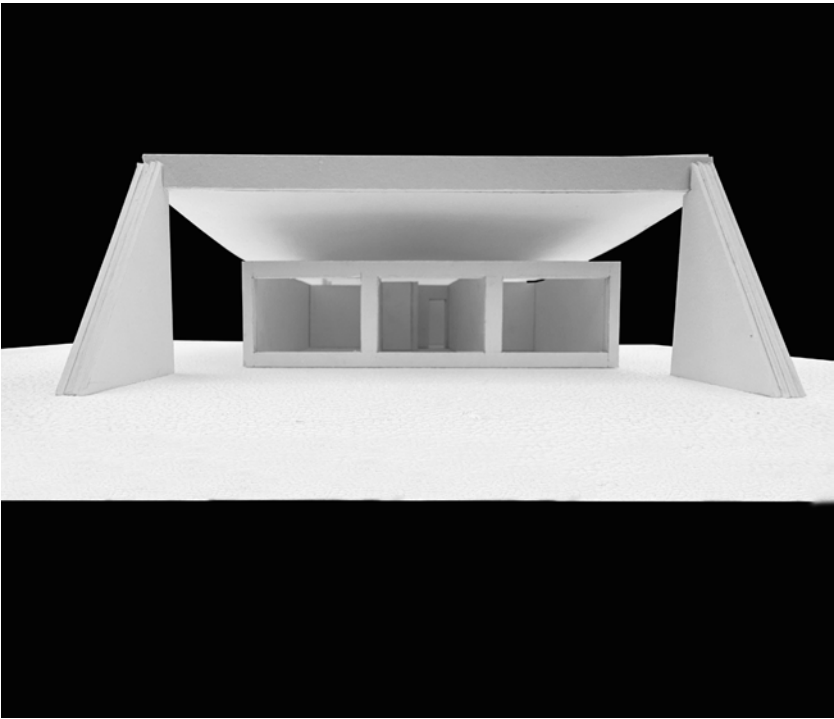
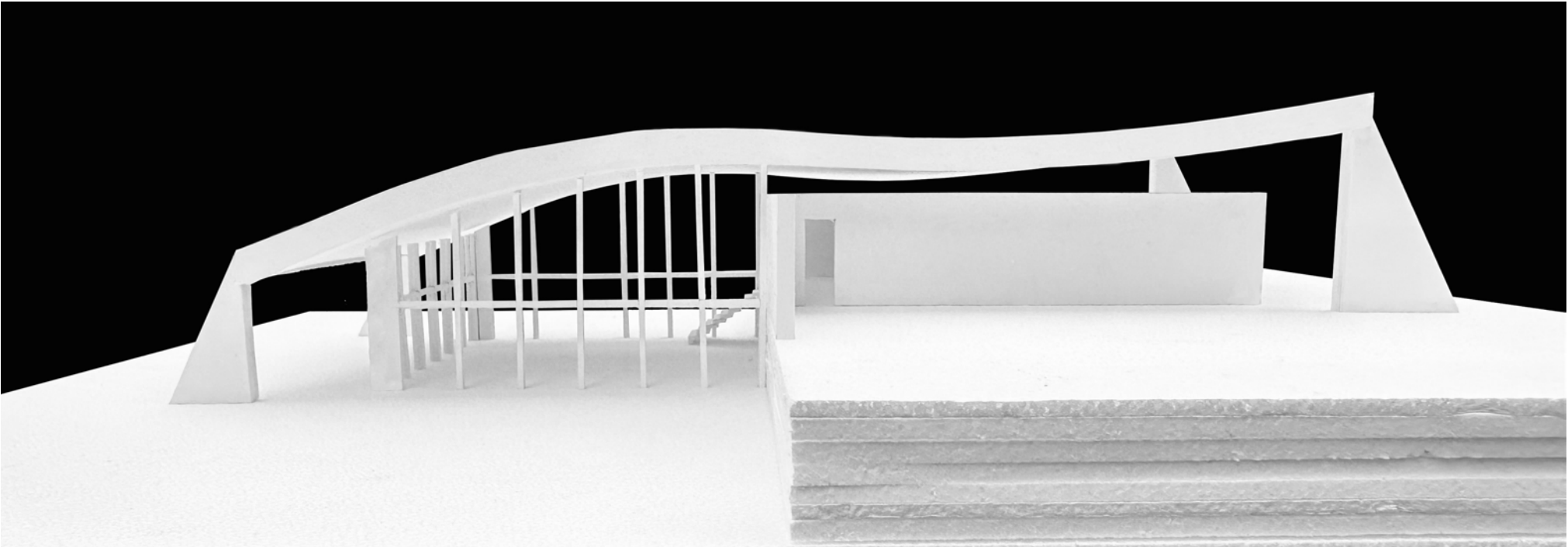


A proposta para o projeto Casa Híbrida tem como base a Casa Milan, do arquiteto Marcos Acayaba e Casa Cavanelas, do arquiteto Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx. A Casa Milan tem uma cobertura convexa, uma laje transversal que organiza todo o programa interno, preservando o maior pé direito na zona social da casa que está em constrante diálogo com a natureza. A Casa Cavanelas, apresenta-se com uma cobertura cônica, assente em quatro pilares de pedra. Com uma plantatêrrea liberta o máximo de espaço para a zona social, organizando toda a parte privada num lado da casa. Esta casa está muito relacionada com os jardins desenhados por Roberto Burle Marx, estando em contacto direto com os mesmos. Estas casa apresentam algumas semelhanças como utilização de espaços mínimos e uma maior relação interior/ exterior. Como tema principal para a Casa Híbrida, a ideia foi juntar as formas das duas coberturas num movimento contínuo, preservando o maior pé direito na zona social e conferindo mais privacidade à zona privada da casa.

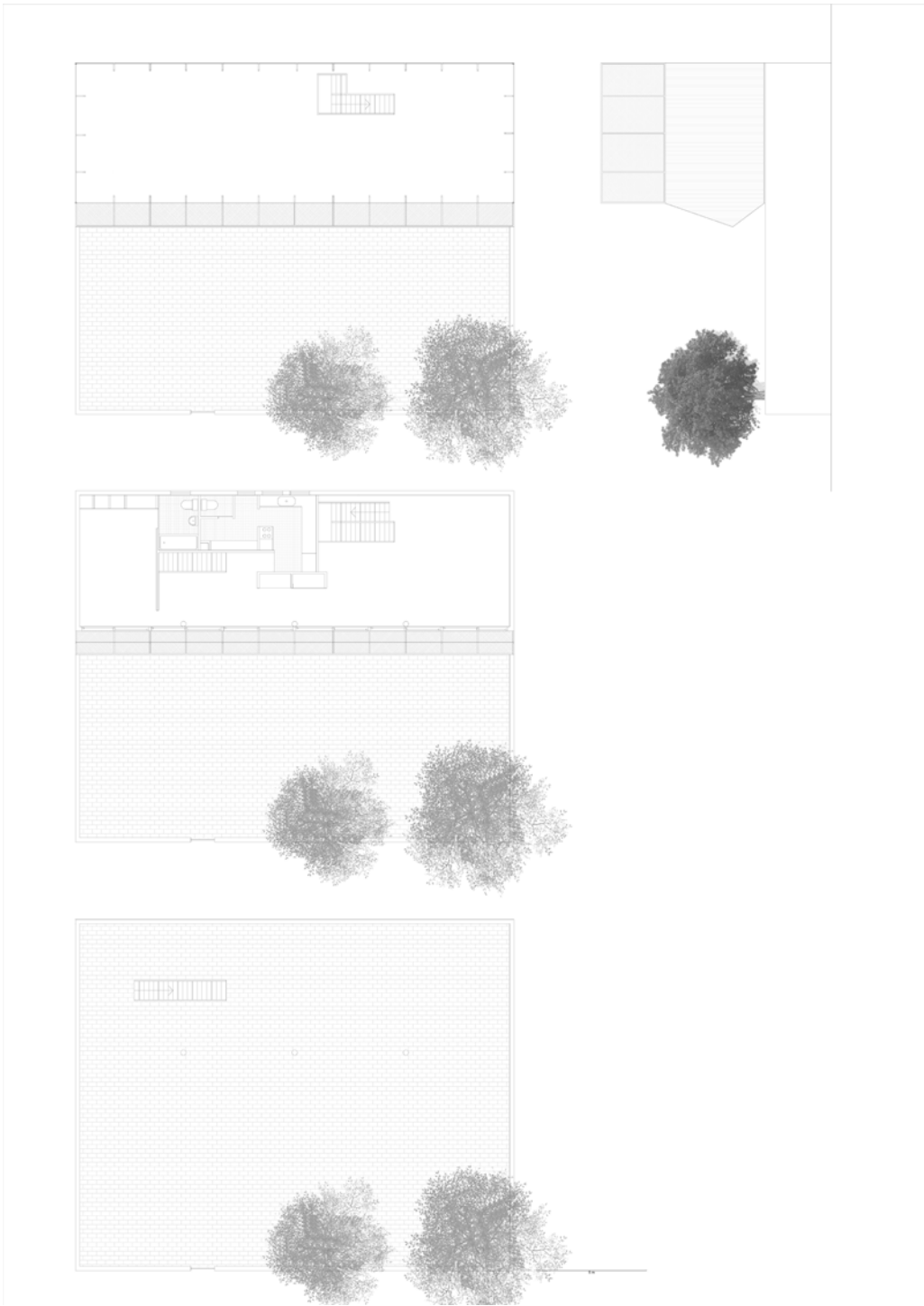


Casa Milan, Marcos Acayaba, 1972

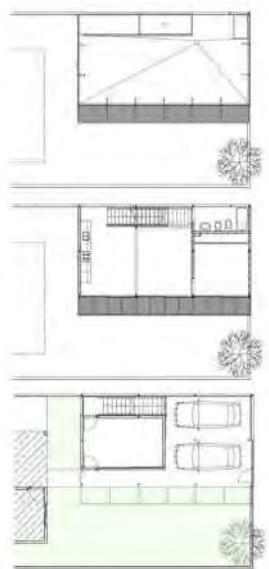
Casa Cavanelas, Oscar Niemeyer e Roberto Burle Marx, 1954



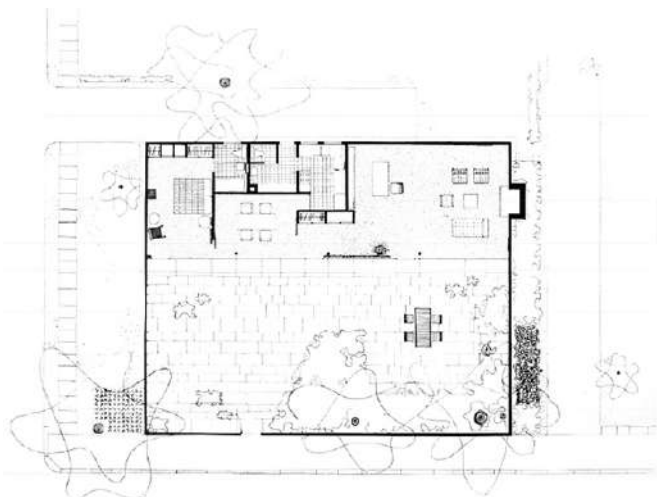
© Afonso Penetra



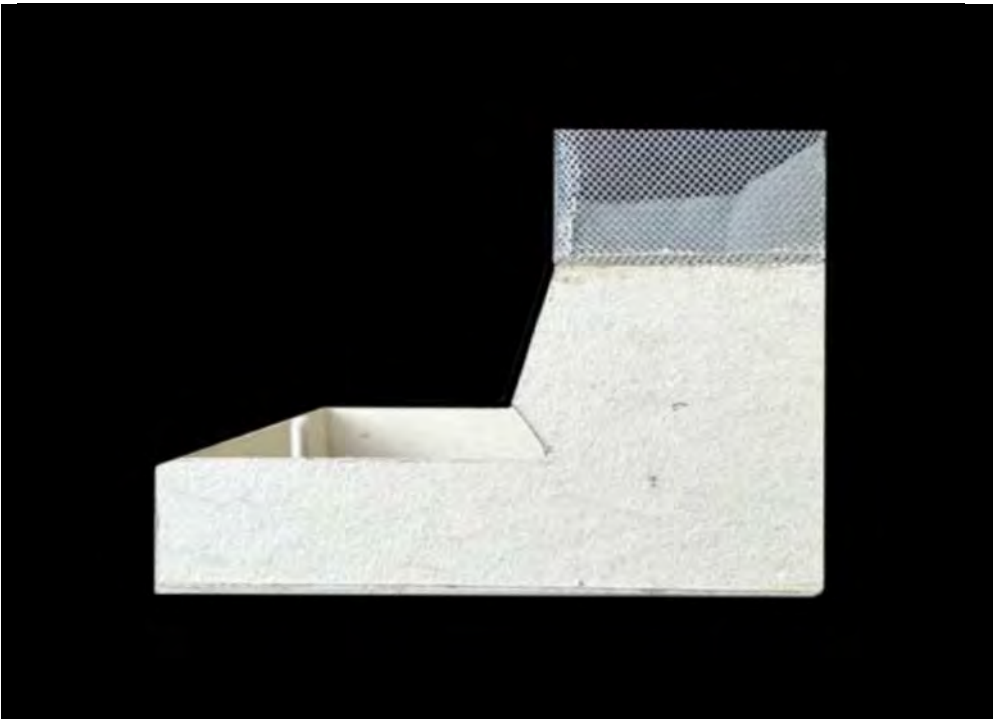
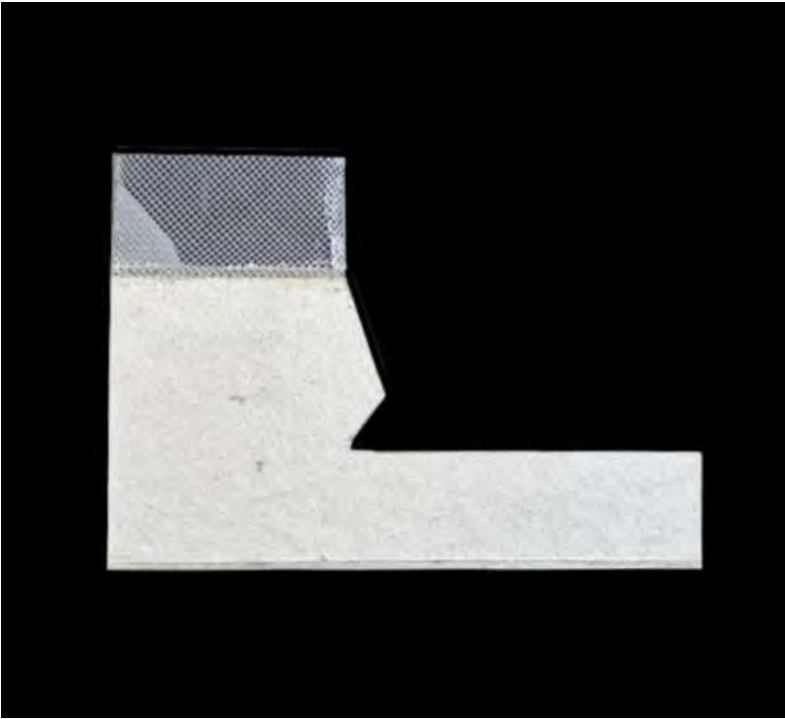
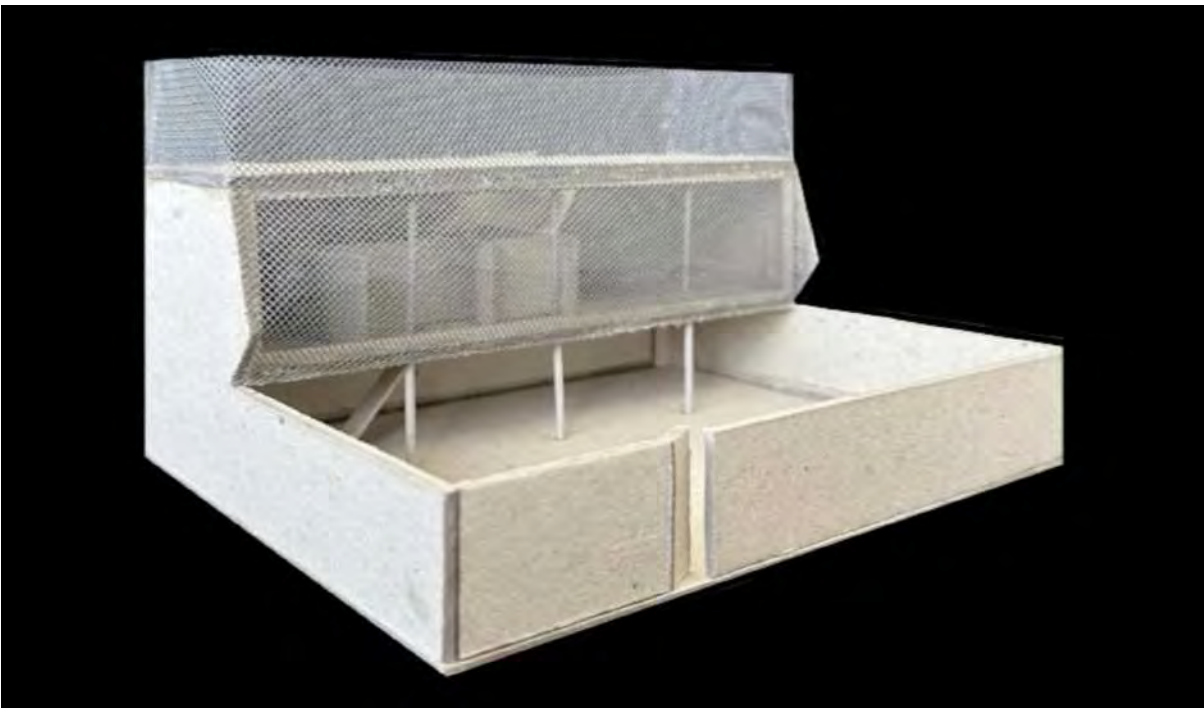
A Casa Híbrida é um projeto cujo objetivo é juntar os principais conceitos de dois casos de estudo, a proposta para este projeto tem como base a Casa Martos, em Buenos Aires, do atelier Adamo Faiden e a Casa Johnson, em Cambridge, do arquiteto Philip Johnson. Esta proposta para o projeto Casa Híbrida teve origem na planta em hortus conclusus da Casa Johnson, mantendo a sua cerca perimetral de três metros e adaptando a sua área residencial às características mais marcantes da Casa Martos, nomeadamente a sua fachada cega e a rede incorporada no terraço e na fachada lateral. Assim a planta da Casa Johnson foi elevada, deixando o pátio mais amplo e a prolongar-se abaixo da área residencial. Nesta área residencial foi-lhe acrescentada a saliência em rede, presente na Casa Martos, bem como o terraço todo ele envolvido em rede. Formando assim uma casa de três pisos, o piso térreo sendo o pátio, o primeiro piso como área residencial, e o terceiro piso sendo o terraço que por sua vez é um hortus conclusus mais pequeno. Este acréscimo da rede com a cerca



Casa Martos, Adamo Faiden, 2012

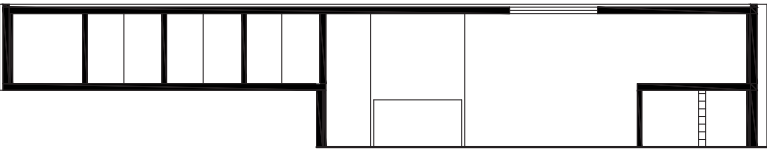
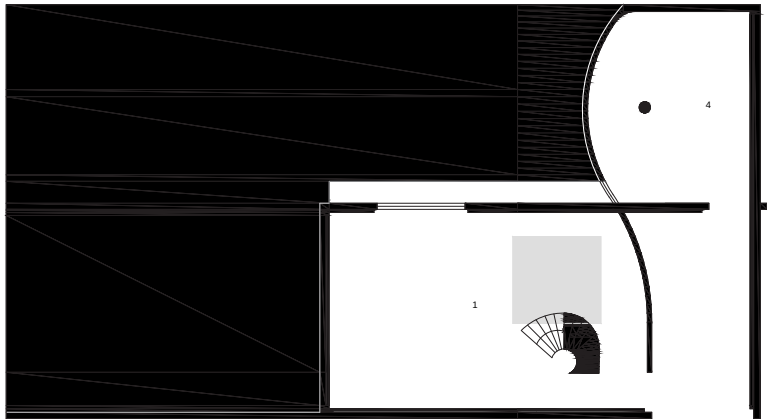


Casa Johnson, Philip Johnson, 1942



©Ana Palma ©Ana Silva

perimetral já existente na casa Johnson originou três tipos de fachada, uma opaca devido à cerca perimetral, uma translúcida devido à rede e ao vidro por detrás dela na área residencial e a uma fachada transparente pela rede que cerca o terraço.

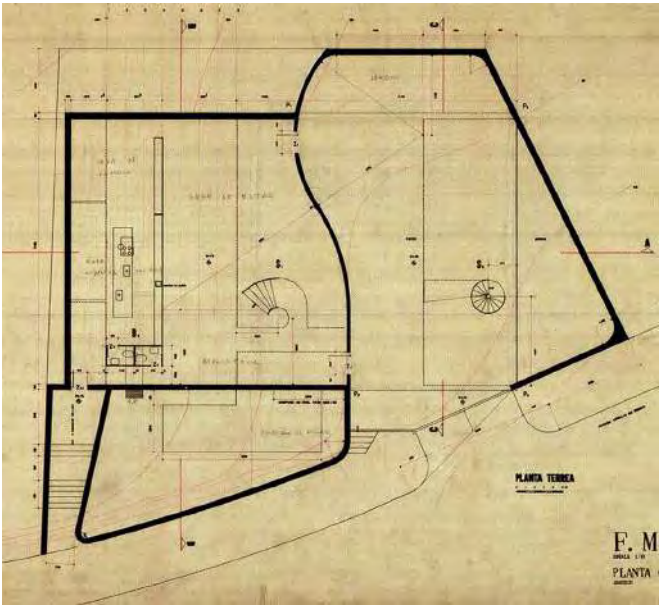


A Casa Híbrida procura fundir ambos os casos de estudo, a Casa Millán do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, e a Casa 2 em Nevogilde do arquiteto Eduardo Souto de Moura. Para esta fusão procurou-se preservar os elementos curvilíneos da Casa Millán como a parede curva. Para além de manter o corte de 2 pisos com piso térreo enterrado, manteve-se as características da fachada frontal e a sala.

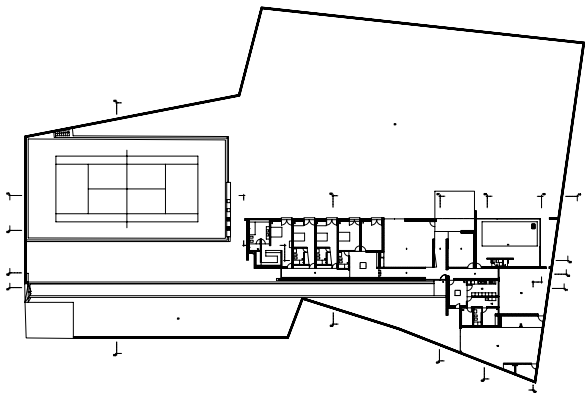
Já na Casa 2 em Nevogilde procurou-se manter a planta do espaço privado, a relação horizontal com a natureza e o método construtivo.

Desta forma a Casa Híbrida desenvolve-se em 2 pisos, contendo o espaço social no piso térreo com sala, garagem e cozinha. A sala tem duplo pé direito e a claraboia ilumina o espaço, mantendo assim a sensação de verticalidade da Casa Millán.

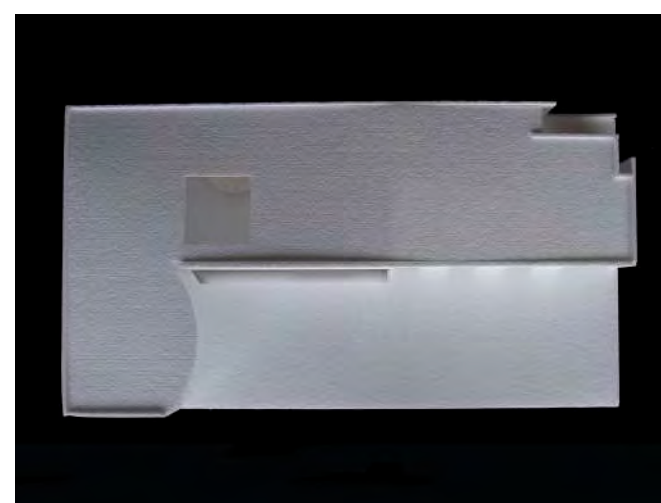
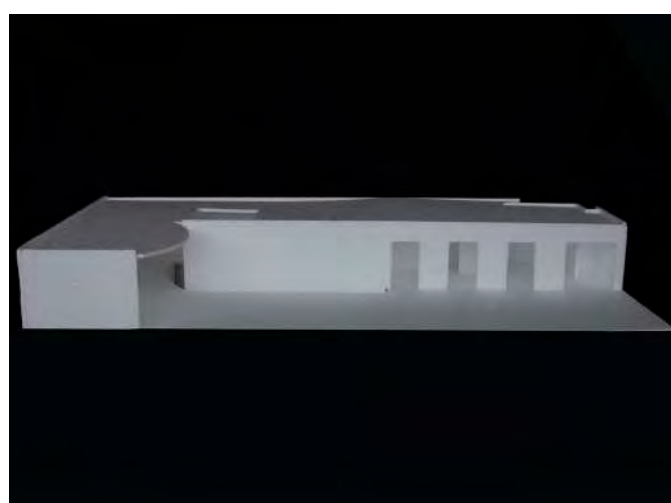
O vão inserido na sala procura relacionar o espaço interior com a rocha, remetendo desta forma para uma característica da arquitetura do Eduardo Souto de Moura. A escada helicoidal leva-nos para o segundo piso que



Casa Millán, Paulo Mendes da Rocha, 1970-1974

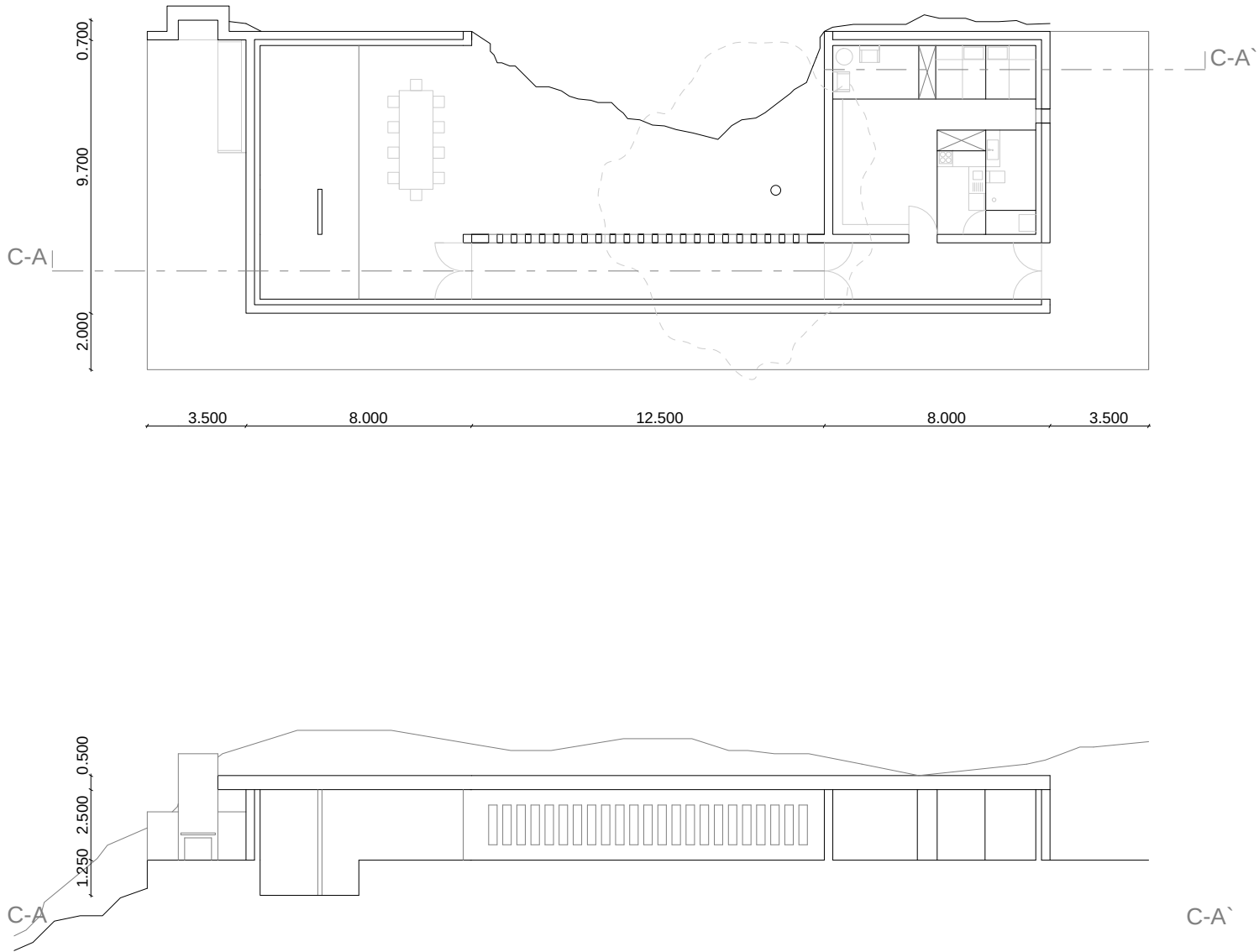


Casa 2 em Nevogilde, Eduardo Souto de Moura, 1983-1988



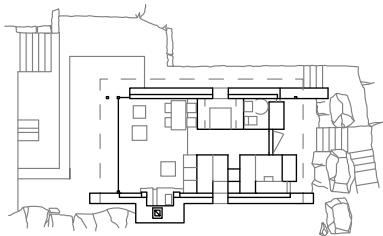
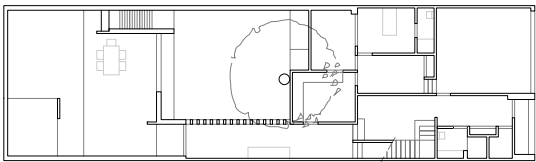
possui o programa de quartos que se relaciona horizontalmente com o jardim.

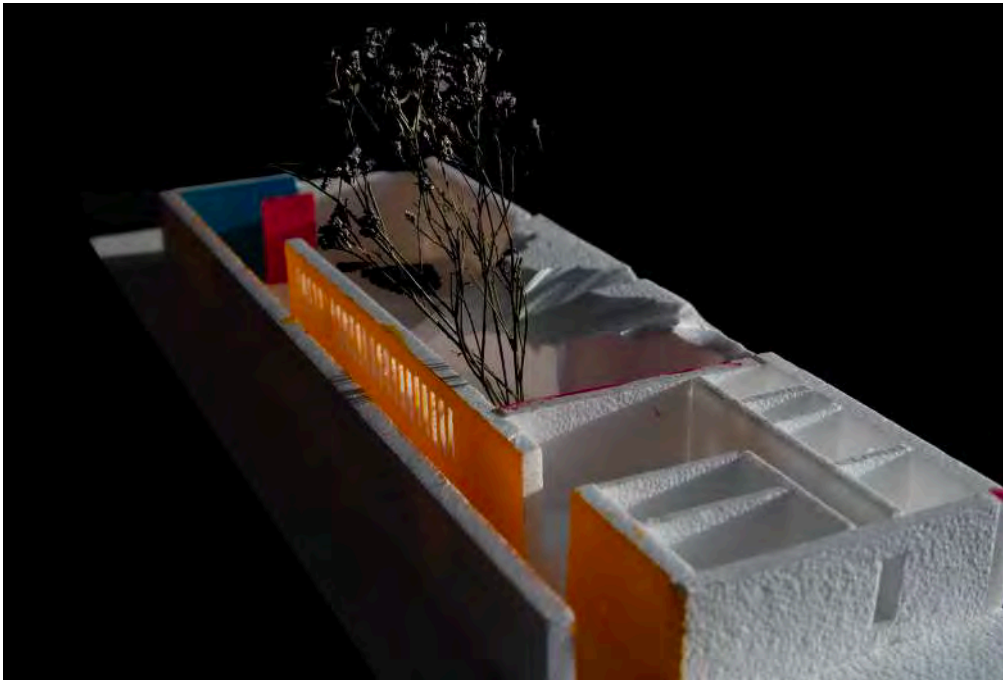
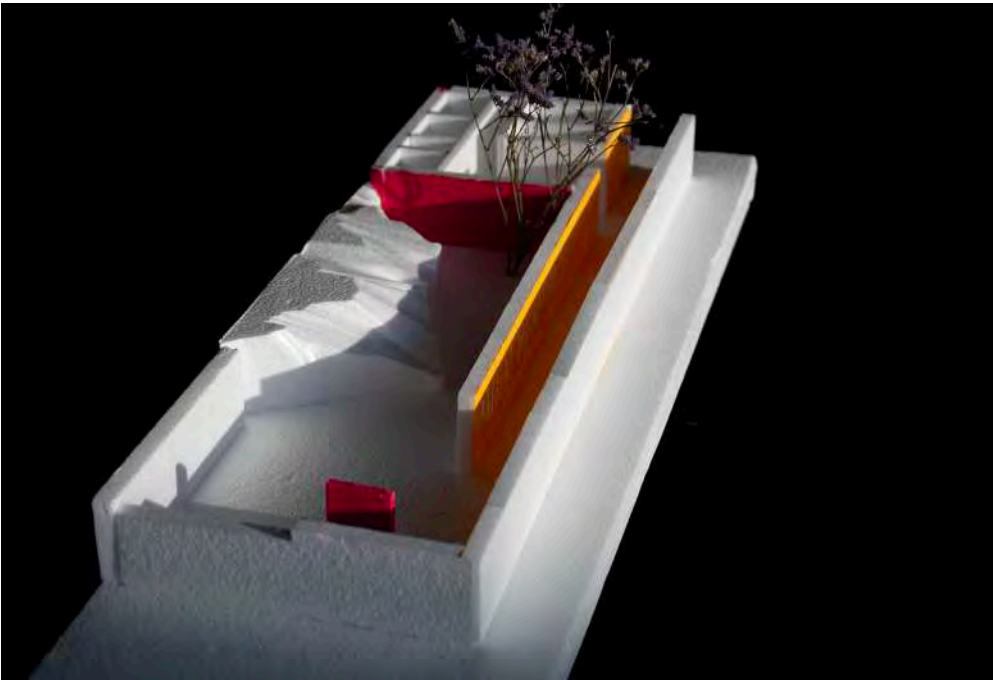
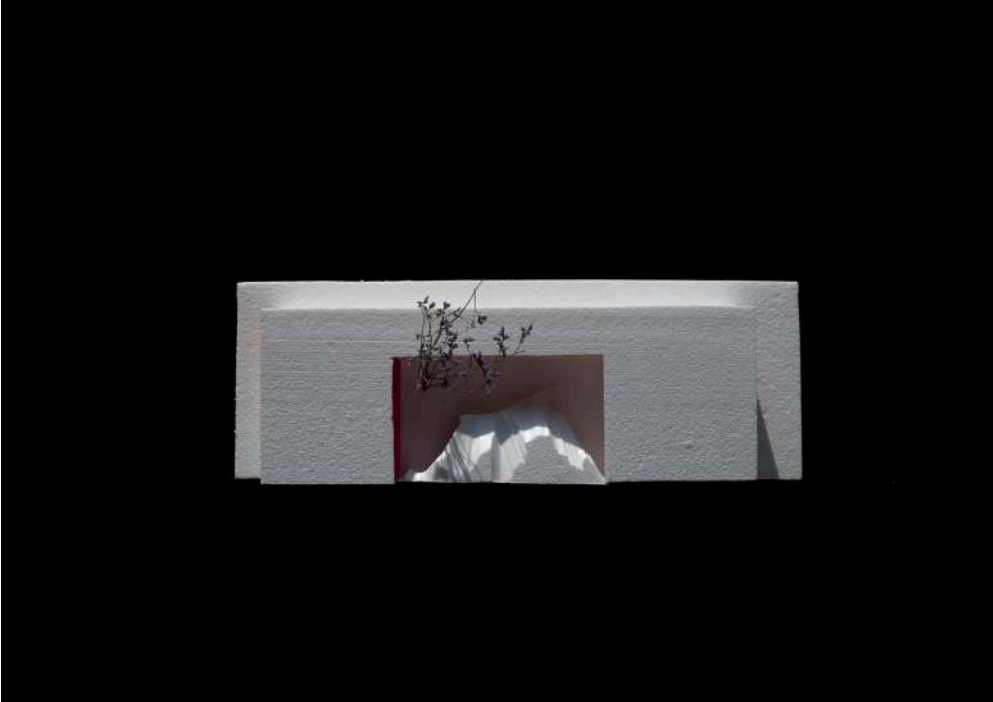
As paredes exteriores são de pedra, forradas nos espaços interiores com tijolo vermelho com uma caixa de ar a separar, funcionando assim como uma solução térmica.



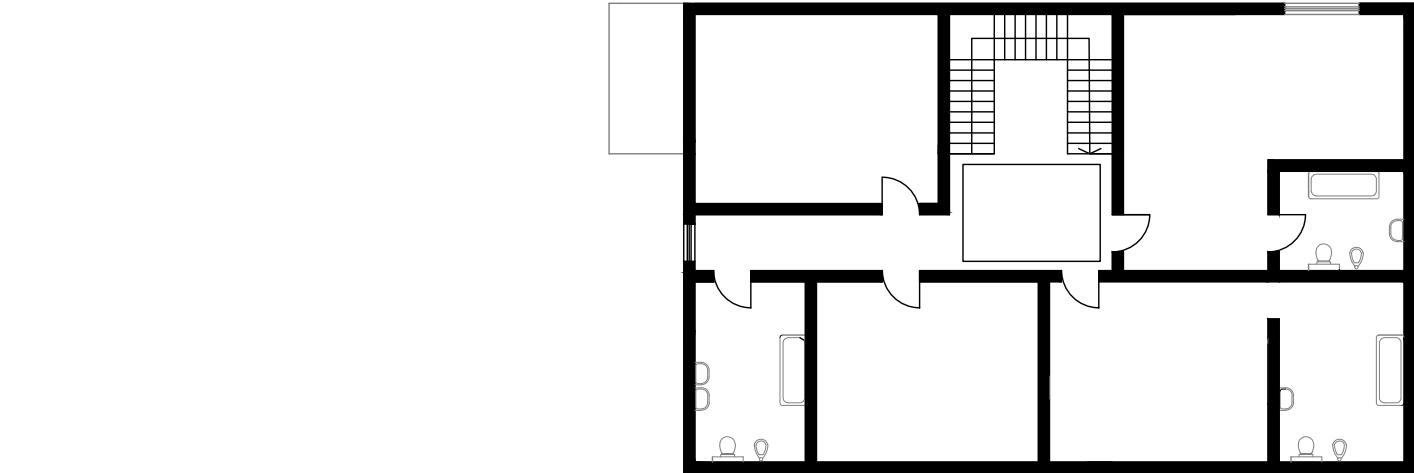
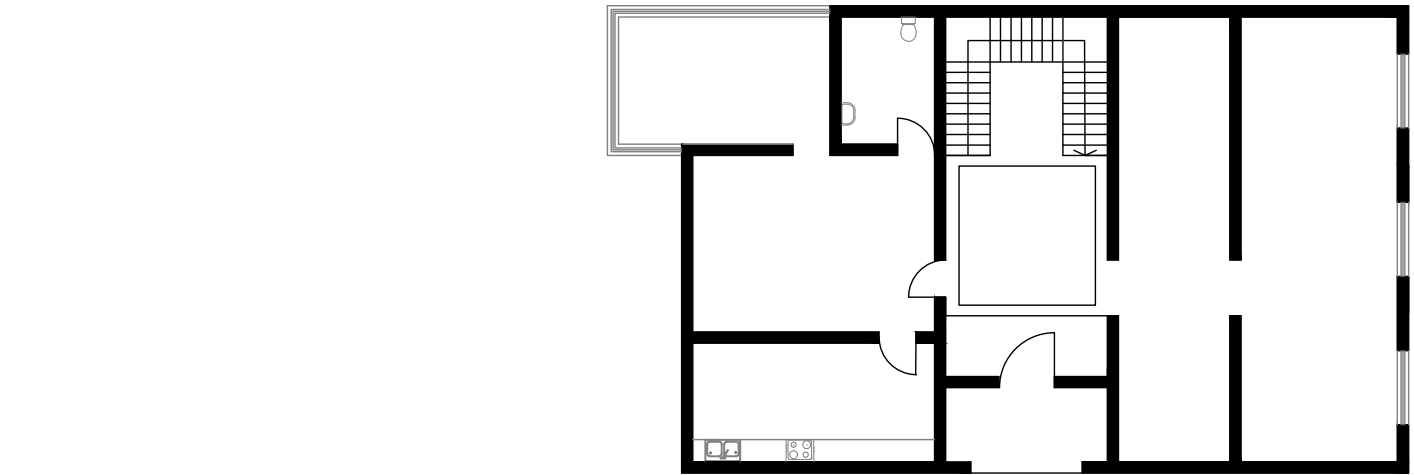
Escala 1:200

A partir dos casos de estudo da Casa Gilardi e da Casa para um Violinista e sua Mãe, após a análise, foram selecionadas as seguintes características de cada casa: Na Casa Gilardi, destacam-se o eixo de circulação linear e a experimentação da luz, cor e ambientes, enquanto que na Casa para um Violinista e sua Mãe, vemos a presença de pedra nas paredes e plataforma, além da utilização da arquitetura modelar em madeira. A casa híbrida resulta da incorporação da tipologia da Casa Gilardi na topografia da Casa para um Violinista e sua Mãe, estabelecendo uma relação entre o exterior e o interior. O exterior é composto por materiais integrados na paisagem, enquanto o interior explora a experimentação de cores e ambientes. A casa desenvolve-se em dois volumes: um primeiro volume residencial, cujos espaços são organizados pela arquitetura modelar de madeira, e um segundo volume onde está presente a piscina e a sala de jantar adjacente. Esses volumes são conectados por um eixo de circulação linear, a partir de uma galeria. A junção dessas peças cria um pátio onde uma rocha invade o espaço, e onde se destaca a presença do jacarandá.





© Tomás Leitão

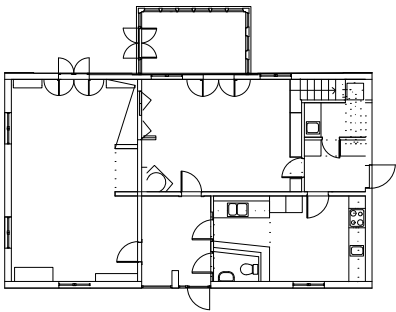


A casa Híbrida apoia-se a partir da Villa Klockberga, de Peter Celsing, e da Villa Necchi Campiglio de Piero Portalupi.

A Villa Klockberga destaca-se pela sua cor e pelos seus óculos, que se destacam nas suas fachadas e pela sua cobertura assimétrica, acrescentando o jardim de inverno, que se projeta no centro da planta para o exterior ajardinado envolvente.

Já na Villa Necchi Campiglio esta destaca-se por um momento muito peculiar: O jardim de inverno desta vez apresenta-se a rematar um dos cantos da planta da casa, salientando também a forma de organização e de diversidade das salas no seu interior, tornando-a numa casa palácio.

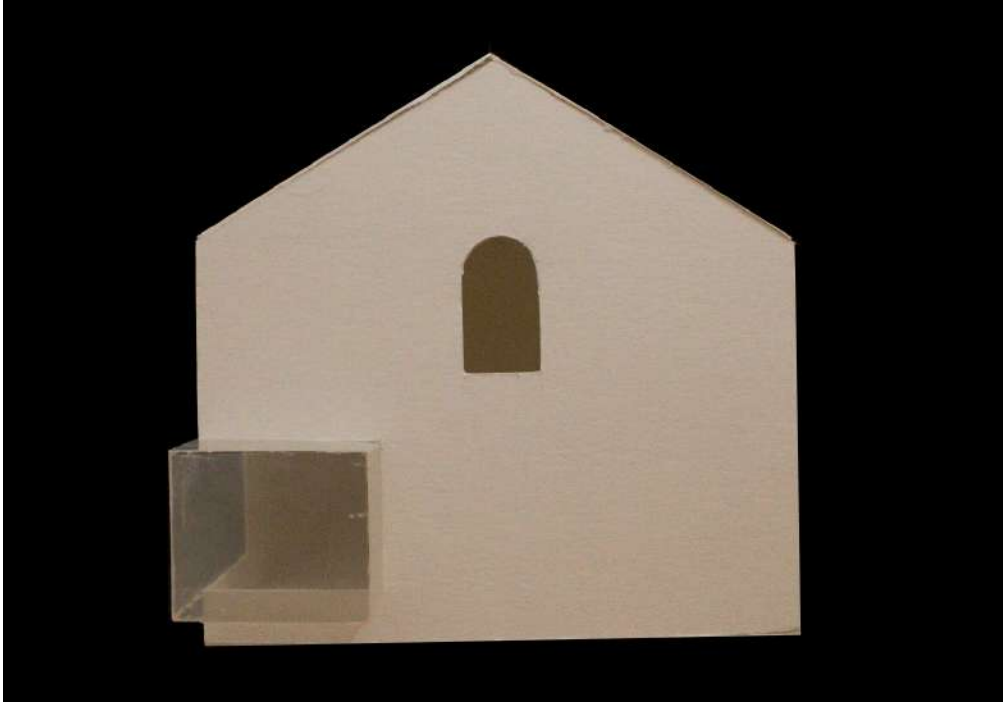
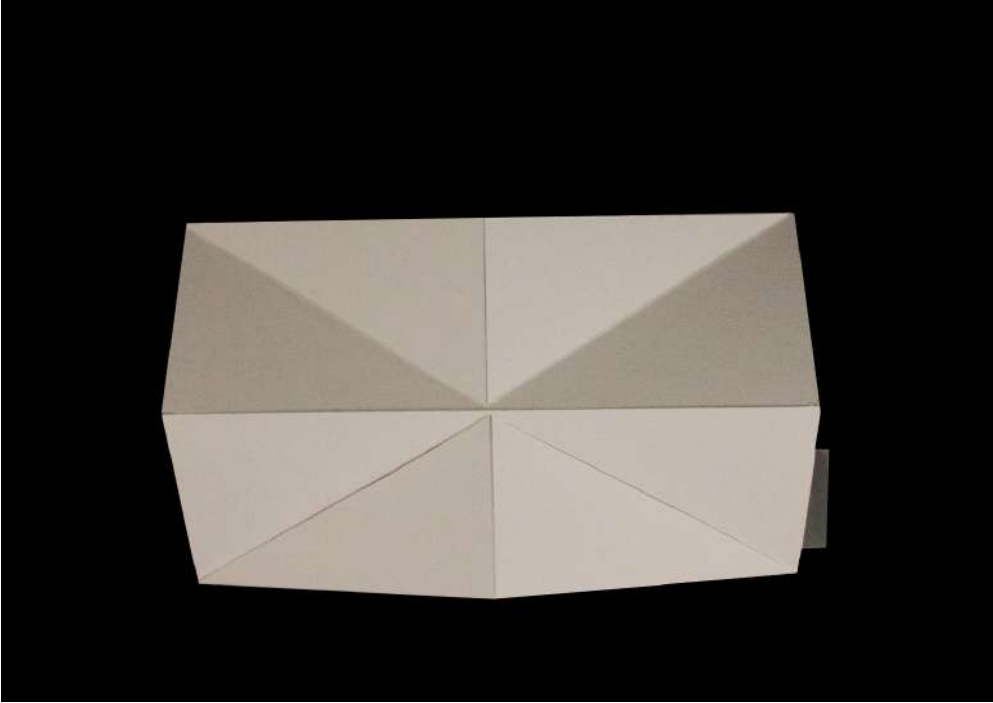
A casa híbrida consiste em manter a forma da cobertura da Villa Klockberga acompanhada pelos vãos diversificados e óculos nas fachadas da casa, mantendo o jardim de inverno da Villa Necchi Campiglio a projetar-se para o exterior, assim como a organização espacial do interior da casa, mantendo características como o pé direito alto ou a galeria que se distribui para os quartos.

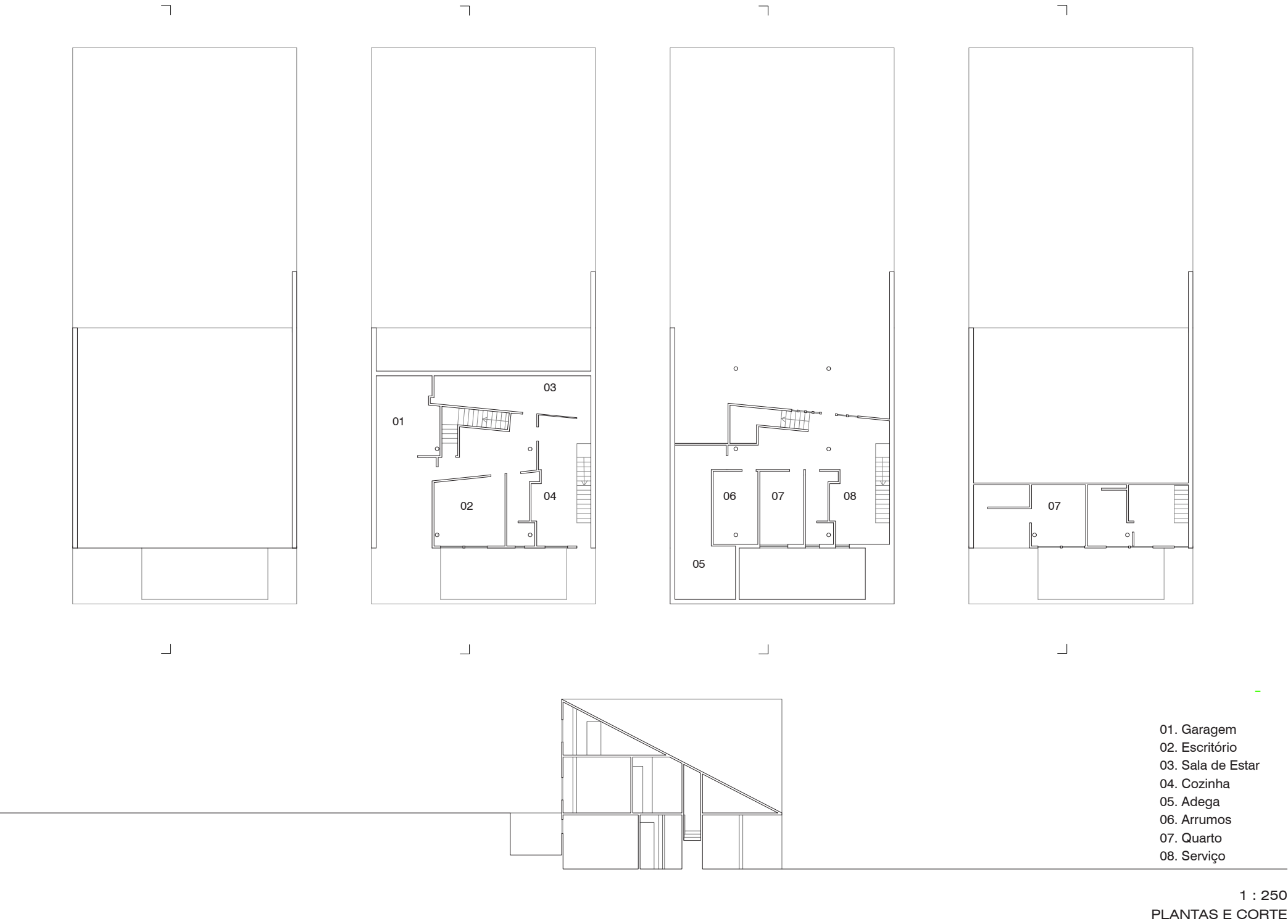


Villa Klockberga, Peter Celsing,1966-1969

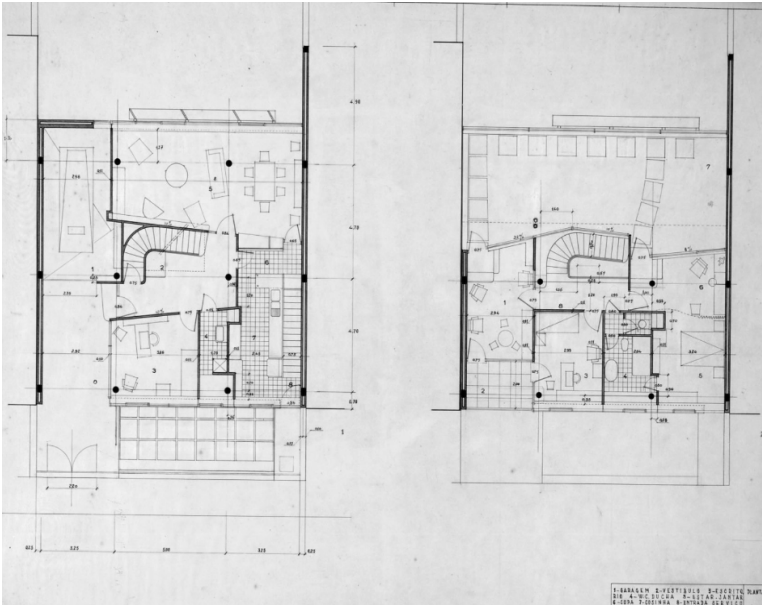


Villa Necchi Campiglio, Piero Portalupi, 1932-1935

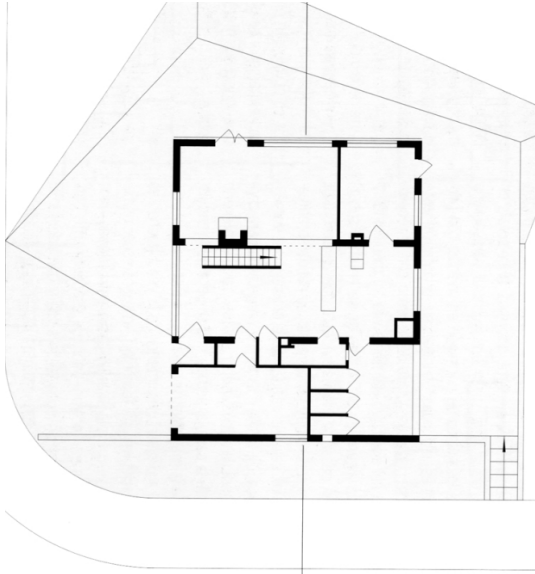




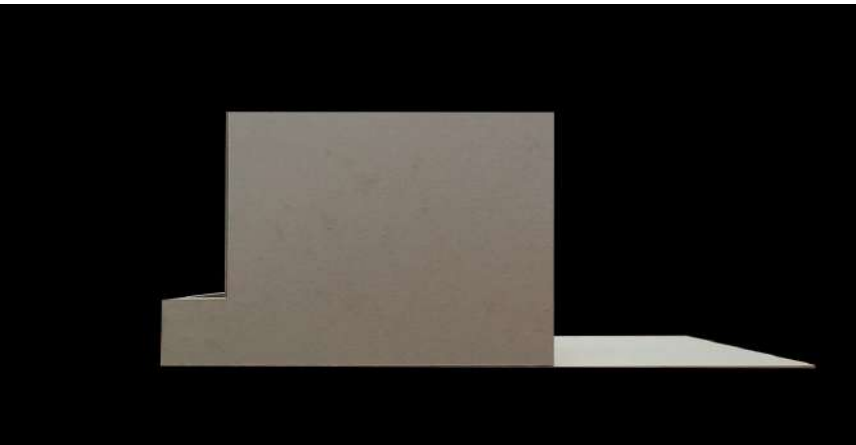
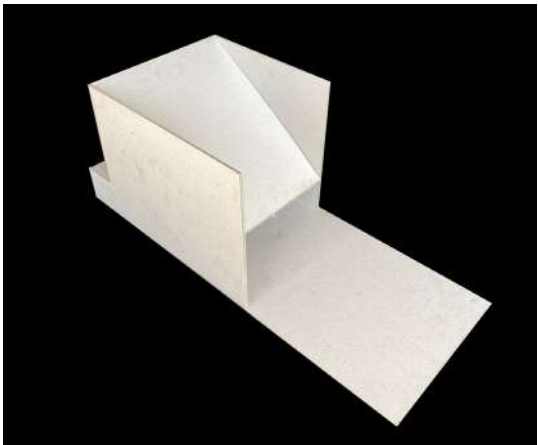
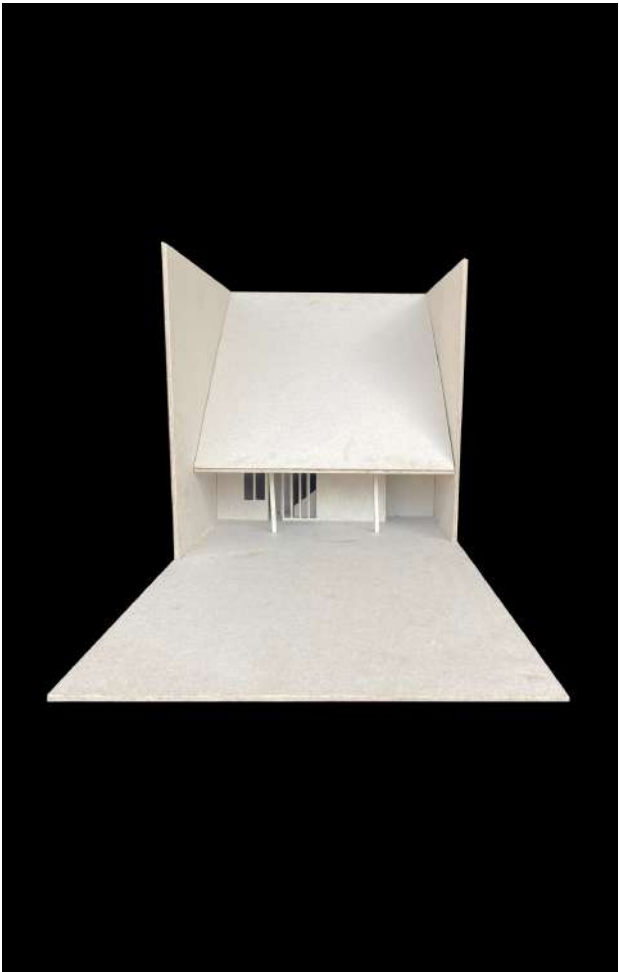
A proposta para o projeto Casa Híbrida tem como base a Casa Sugden, dos arquitetos Alison e Peter Smithson e a Casa José Braga, do arquiteto Celestino de Castro. As casas tem um tema muito forte em comum, que é esta relação harmoniosa com a natureza, na Casa Sugden tem os diversos vãos, dispersos ao redor da casa, de maneira a interagir com o terreno e criar uma sensação de continuidade entre o interior e o exterior e na Casa José Braga, a integração com a natureza foi uma prioridade devido às características específicas do terreno, o desnível de 3 metros até ao logradouro. A Casa Híbrida mantém o volume da Casa José Braga, criando uma experiência habitacional mais específica para os moradores, e manteu-se a planta original com a ideia dos espaços flexíveis. A Casa Híbrida incorpora a cobertura inclinada e os vãos da Casa Sugden que procuram fortalecer a conexão visual entre os espaços internos e externos.

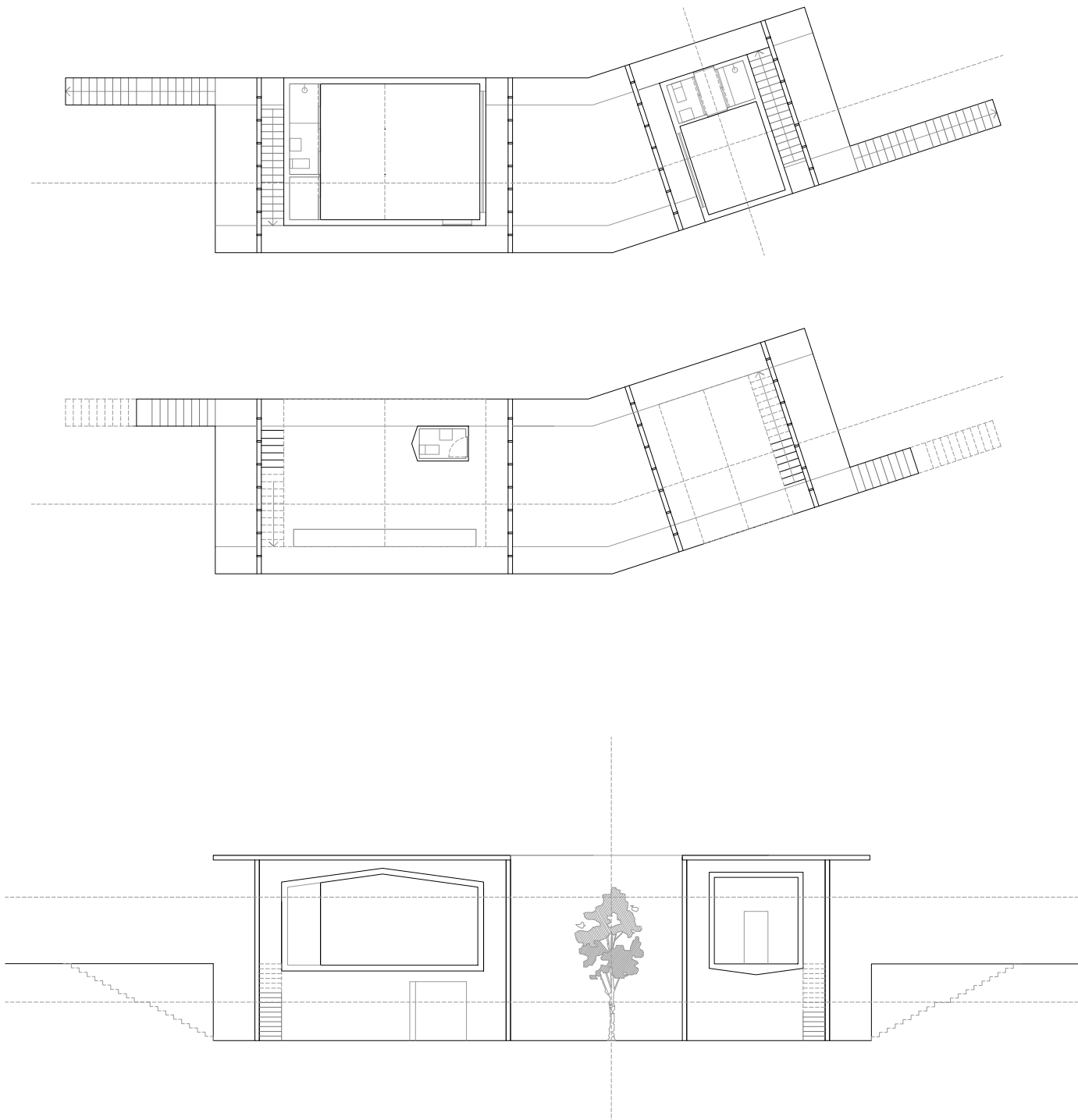


Casa José Braga, Celestino de Castro, 1951

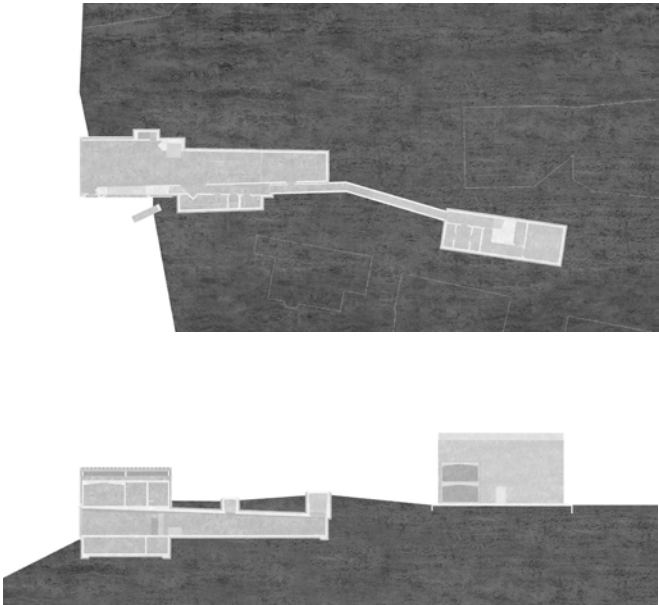
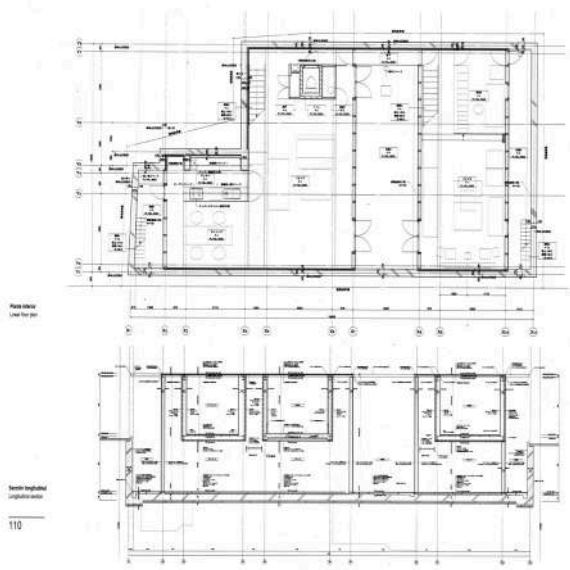


Casa Sugden, Alison e Peter Smithson, 1955



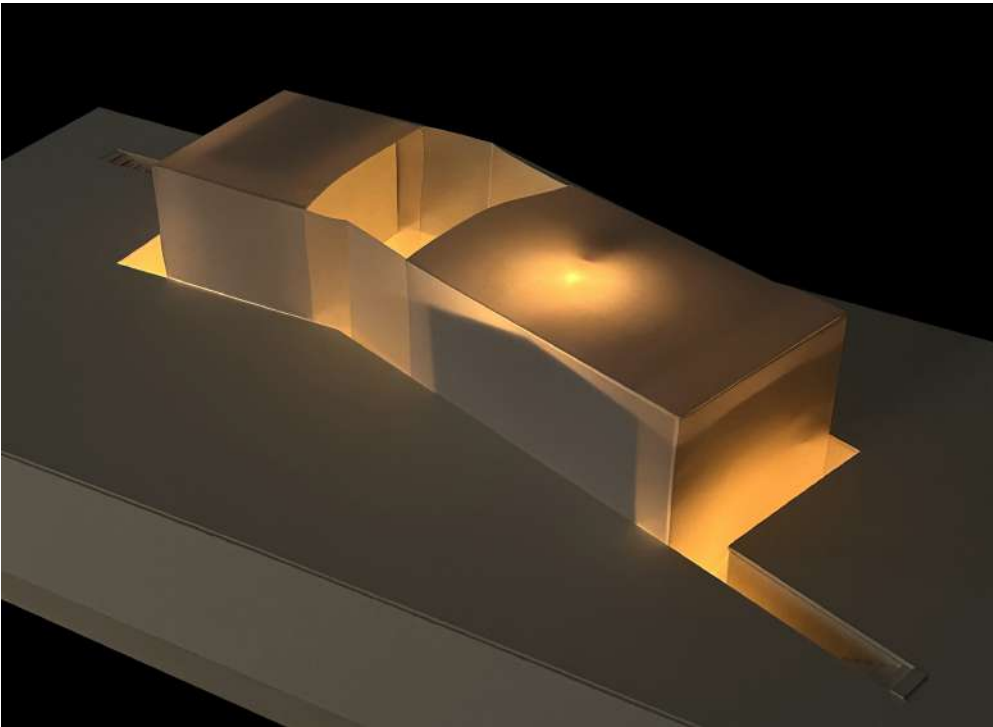
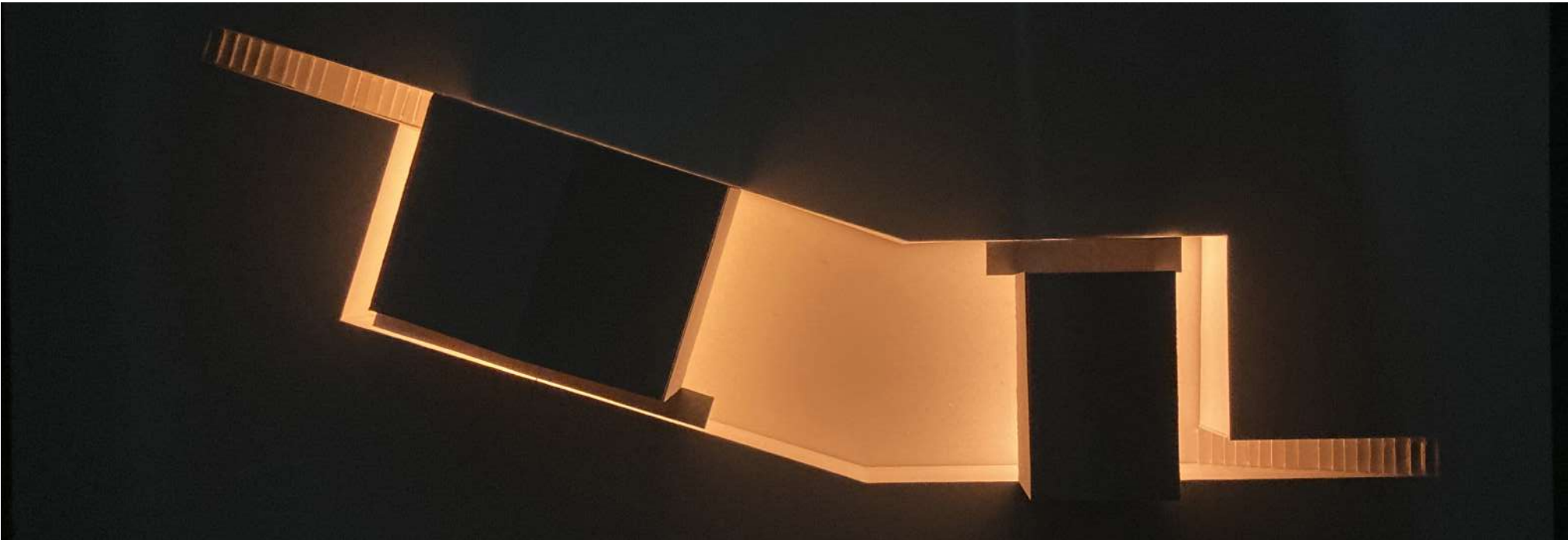


A Casa Híbrida é, em primeiro lugar, definida pela estratégia espacial da Casa M, na qual o piso escavado é vivido como um espaço único, e o piso superior flutua a partir de uma estrutura em ponte. O desenho tem como ponto de partida o corredor, que confere à casa a experiência longitudinal, vivida na Casa Laax. A utilização da forma em arquétipo determina os volumes programáticos, e liberta o piso inferior; contribuindo para a ideia do espaço contínuo e permitindo a liberdade de apropriação.



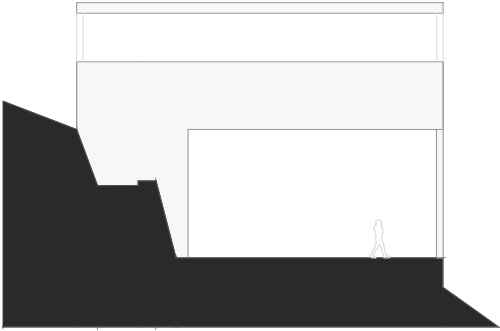
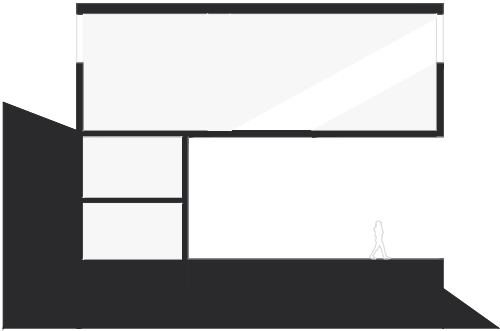
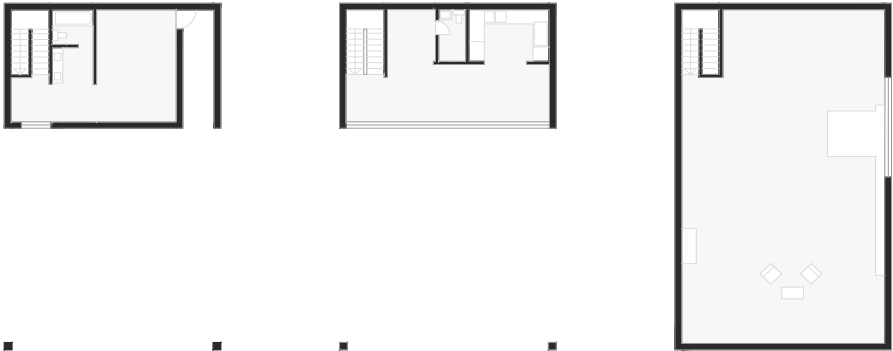
Casa M, SANAA, 1997

Casa Laax, Valerio Olgiati, 2011-2014



PENSAR A HABITAÇÃO

Casa Híbrida



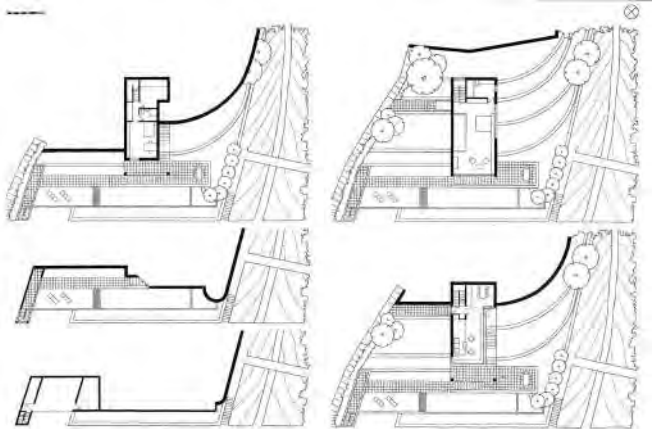
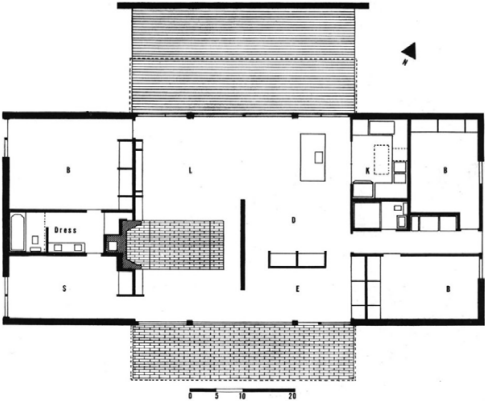
A proposta para o projeto Casa Híbrida tem como base a Casa Beattie, do arquiteto Ulrich Franzen concluída em 1958 e a casa Diener, do arquiteto Luigi Snozzi concluída em 1989.

A Casa Diener está inserida num terreno com mais de 300 metros de altitude e está sustentada por muros de pedra. O edifício é definido pelo terreno, ficando perfeitamente integrado na paisagem.

A Casa Beattie a cobertura é o elemento surpresa, está apenas apoiada por 4 pilares de aço e flutua livremente por cima das paredes e, no topo destas, está um friso em constante mudança de céu e copas de árvores.

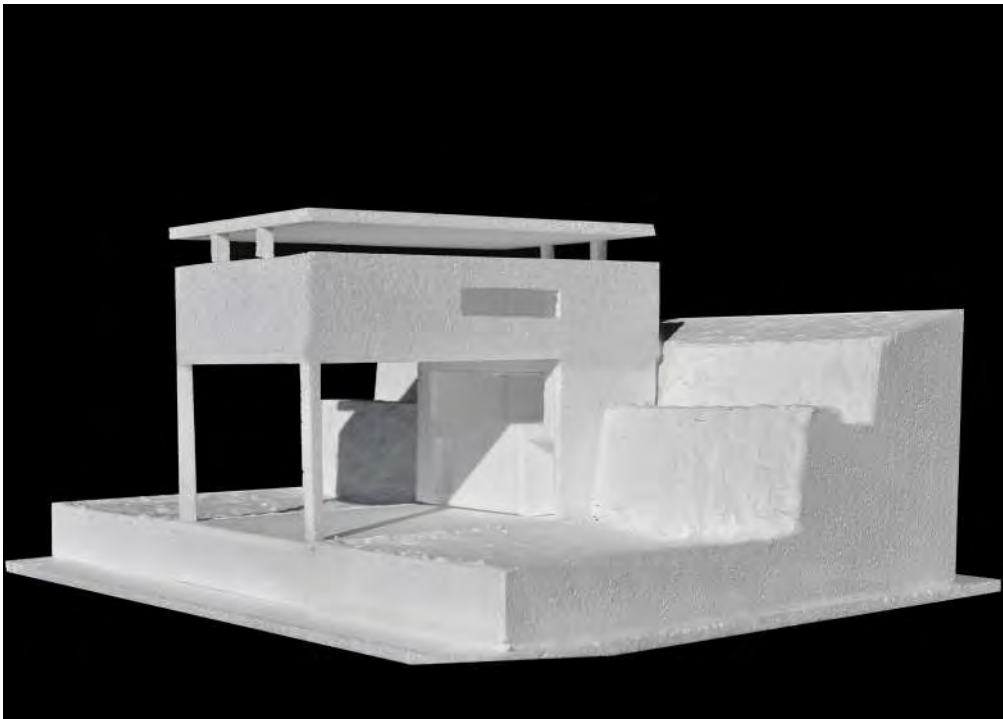
A Casa Híbrida é a junção destas duas casas onde esta, contém a topografia, estrutura e envolvente da Casa Diener e os limites e cobertura flutuante da Casa Beattie

A planta é feita pela desconstrução dos dois volumes privados da Casa Beattie em 2 pisos e no último piso, o quarto principal como na Casa Diener.



Casa Beattie, Ulrich Franzen, 1958

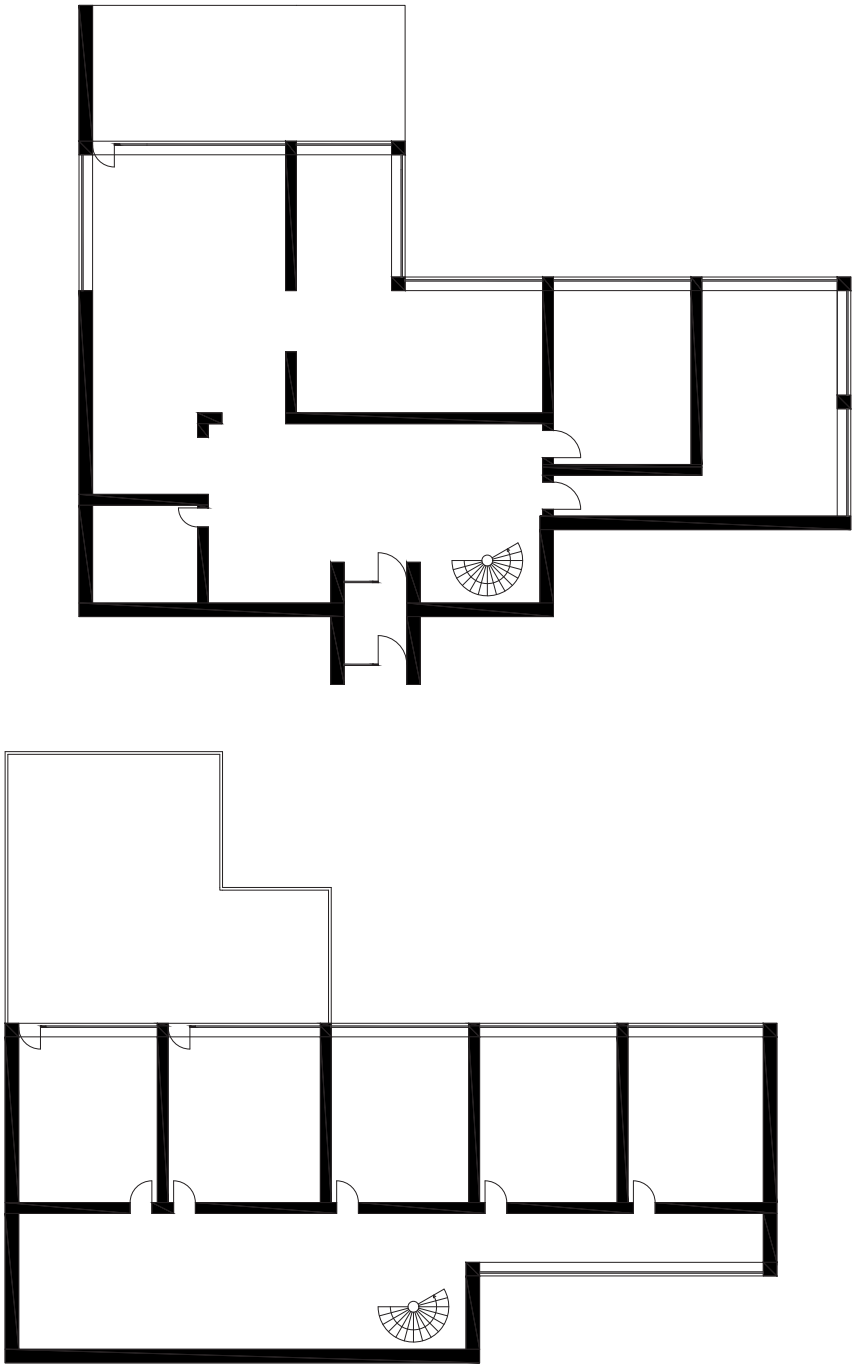
Villa Diener, Luigi Snozzi, 1989



© Tomás Leitão

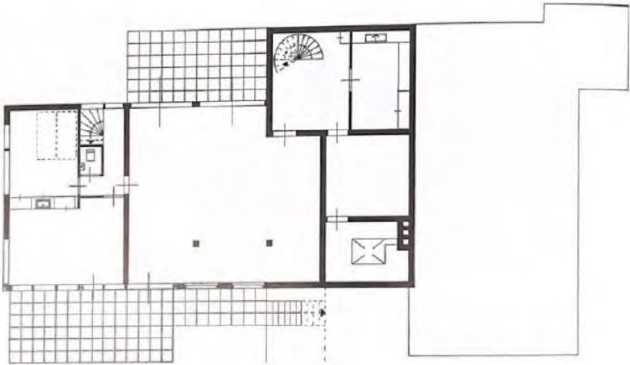
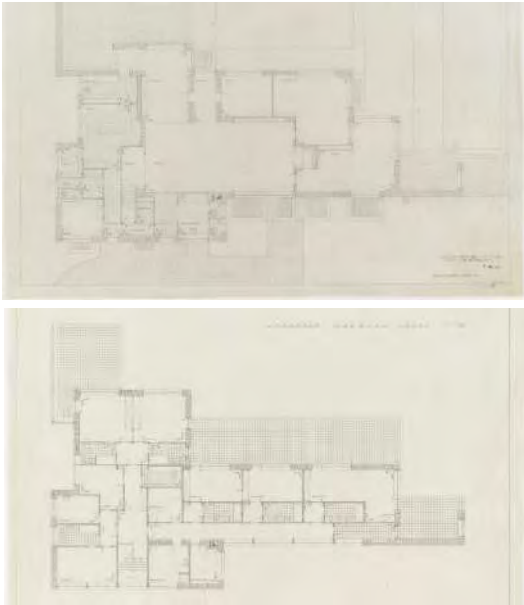
PENSAR A HABITAÇÃO

Casa Híbrida



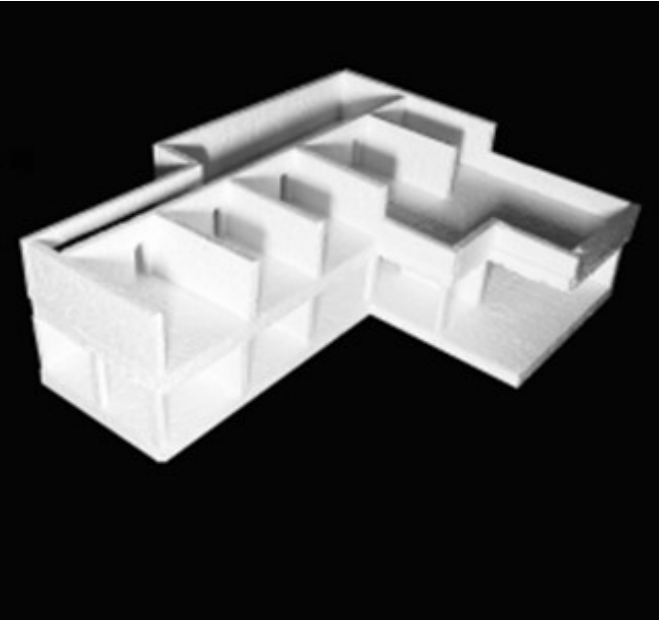
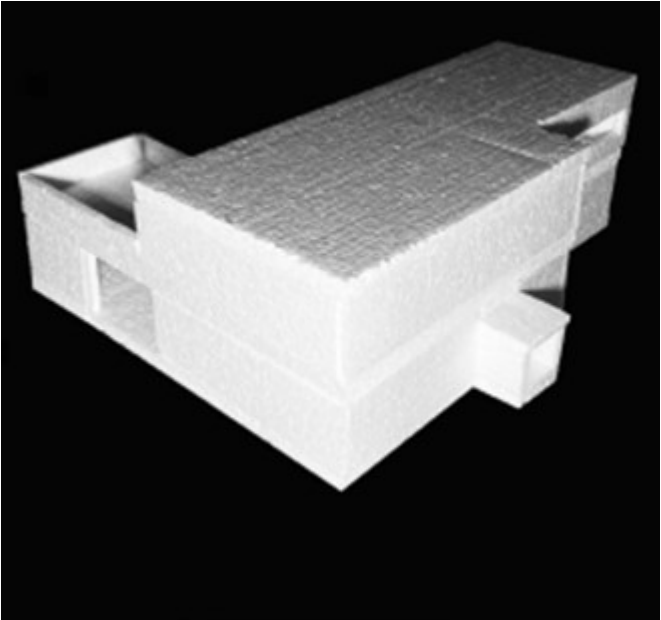
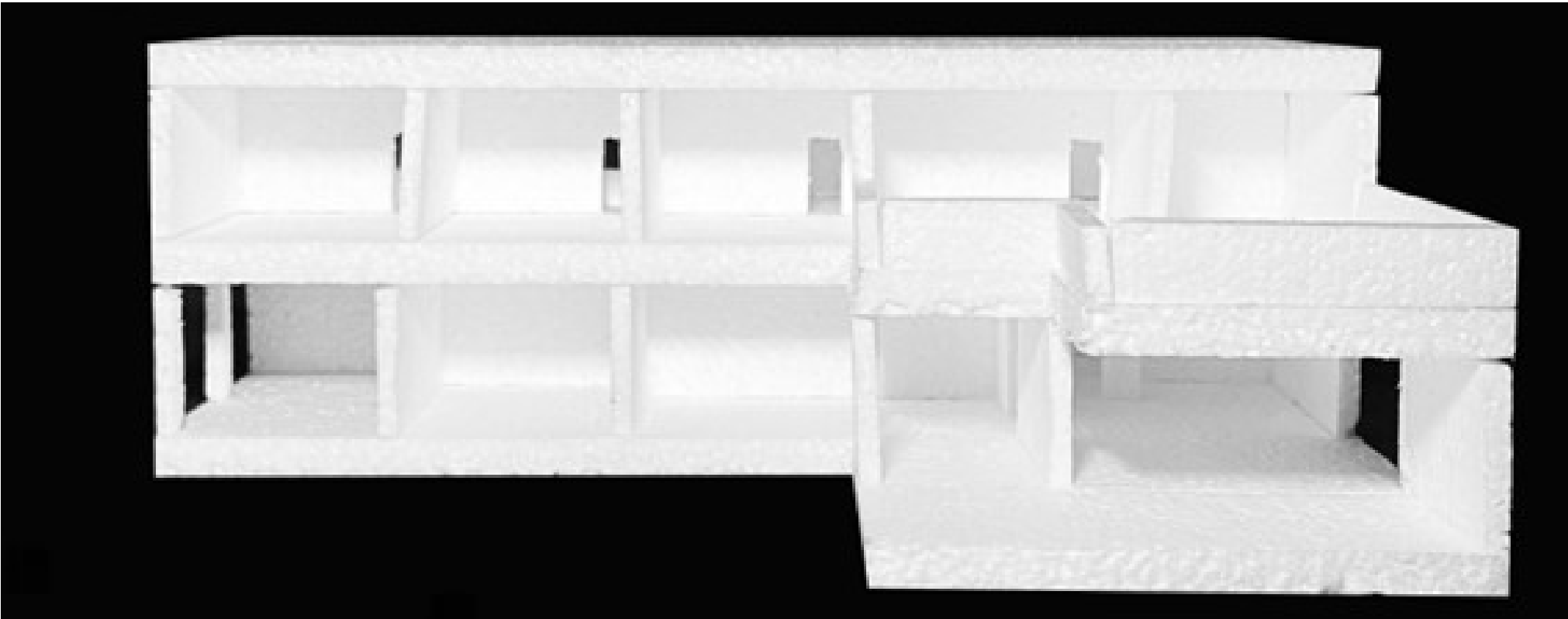
A Casa Híbrida busca as principais características e conceitos dos dois casos de estudo, da Casa Lange/ Casa Esters (Ludwig Mies van de Rohe, Krefeld, Alemanha, 1927-1928) buscou-se preservar a organização dos pisos, a ideia da plataforma com blocos em cima. Já da Casa Van Dantzig (Gerrit Rietveld, Santpoort, Países Baixos, 1959-1960) as principais características foram a planta em forma de L, a estrutura em forma de esqueleto, a entrada em forma de túnel numa fachada fechada e os grandes vãos do chão à cobertura que criavam uma grande ligação com o exterior.

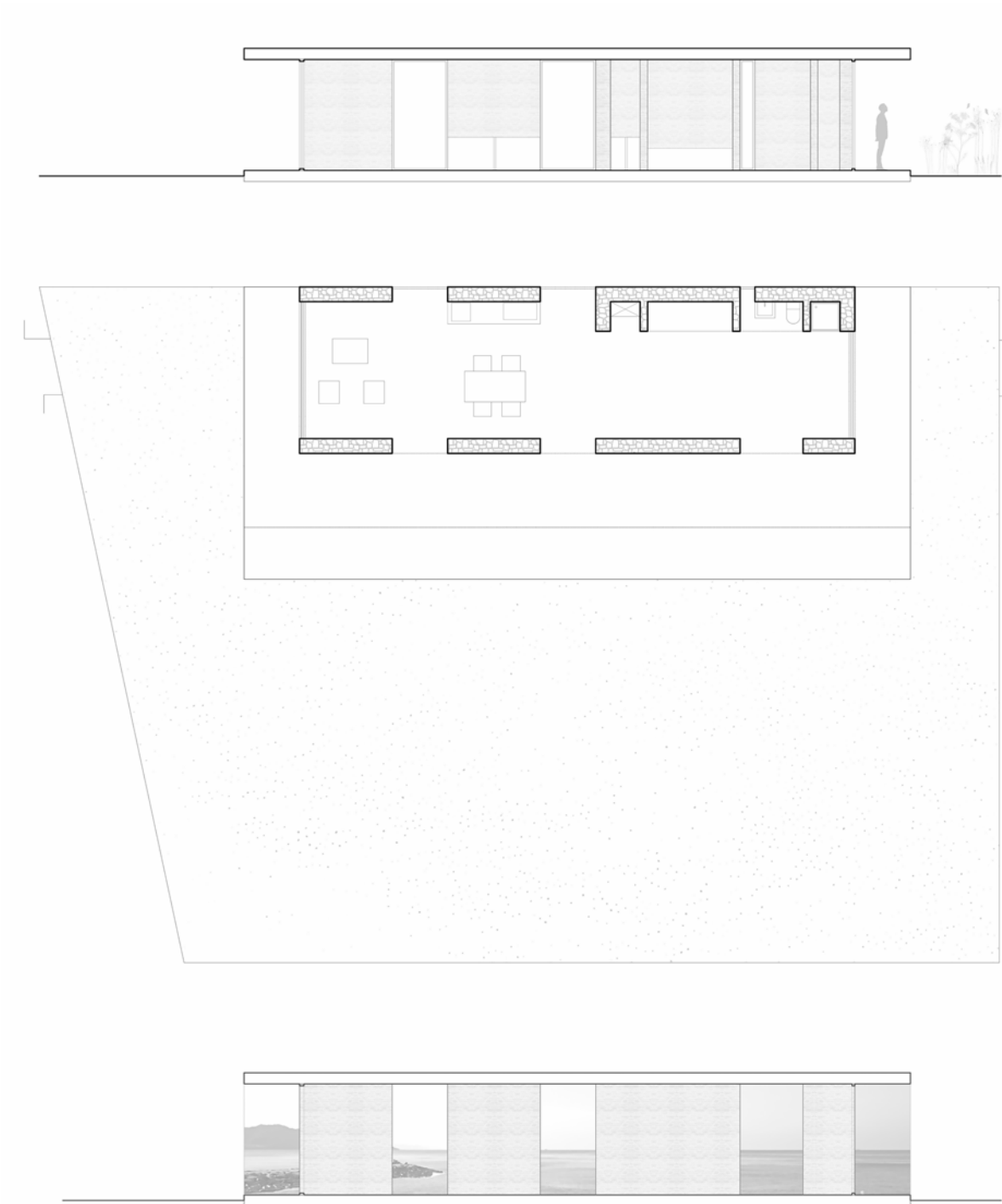
A Casa Híbrida é composta por dois pisos, no piso térreo, quando entramos temos logo acesso a uma sala grande que nos leva a todas as outras divisões da casa, já no primeiro piso, temos um corredor que nos dá acesso a todos os quartos, ambos os pisos estão organizados como os da Casa Lange e ainda têm os grandes vãos virados para sul como existe na Casa Van Dantzig.



Casa Lange, Ludwig Mies Van de Rohe , 1927-1928

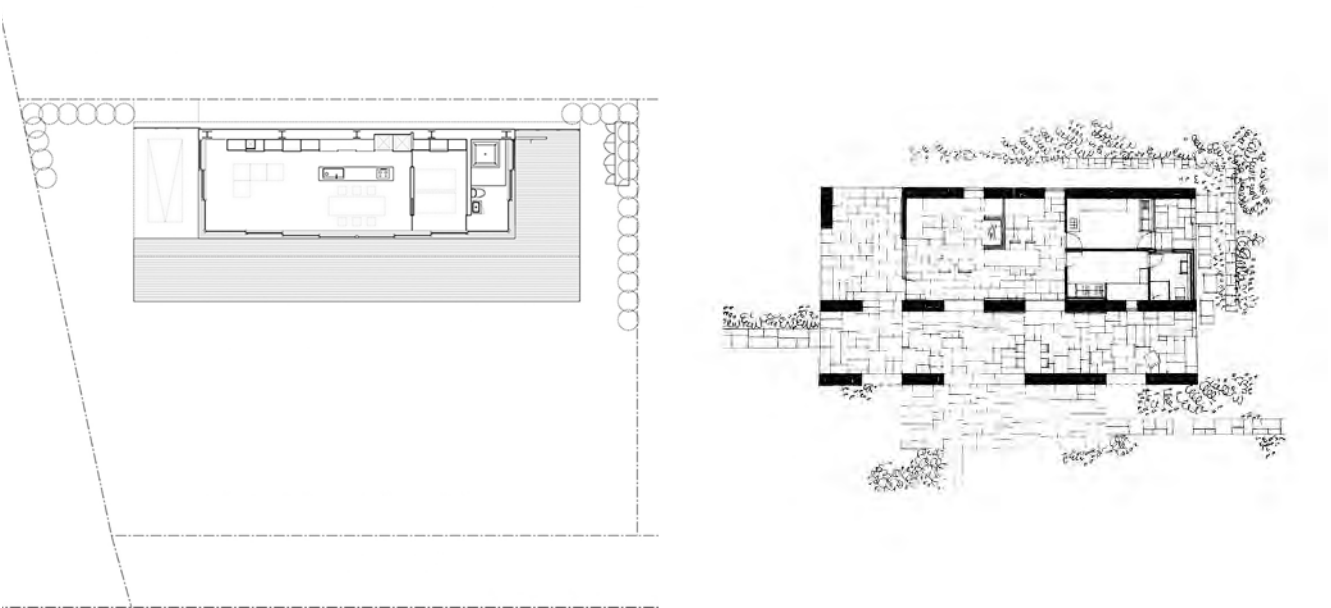
Casa Van Dantzig, Gerrit Rietveld, 1959-1960





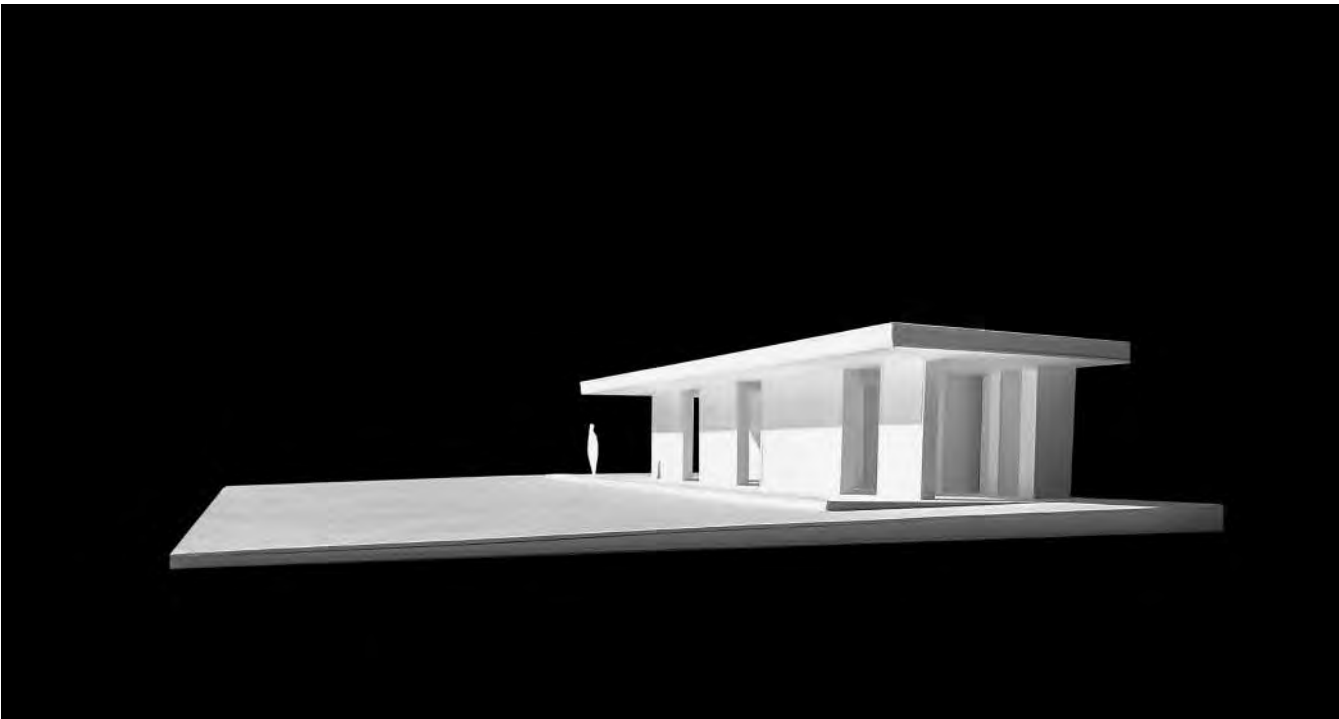
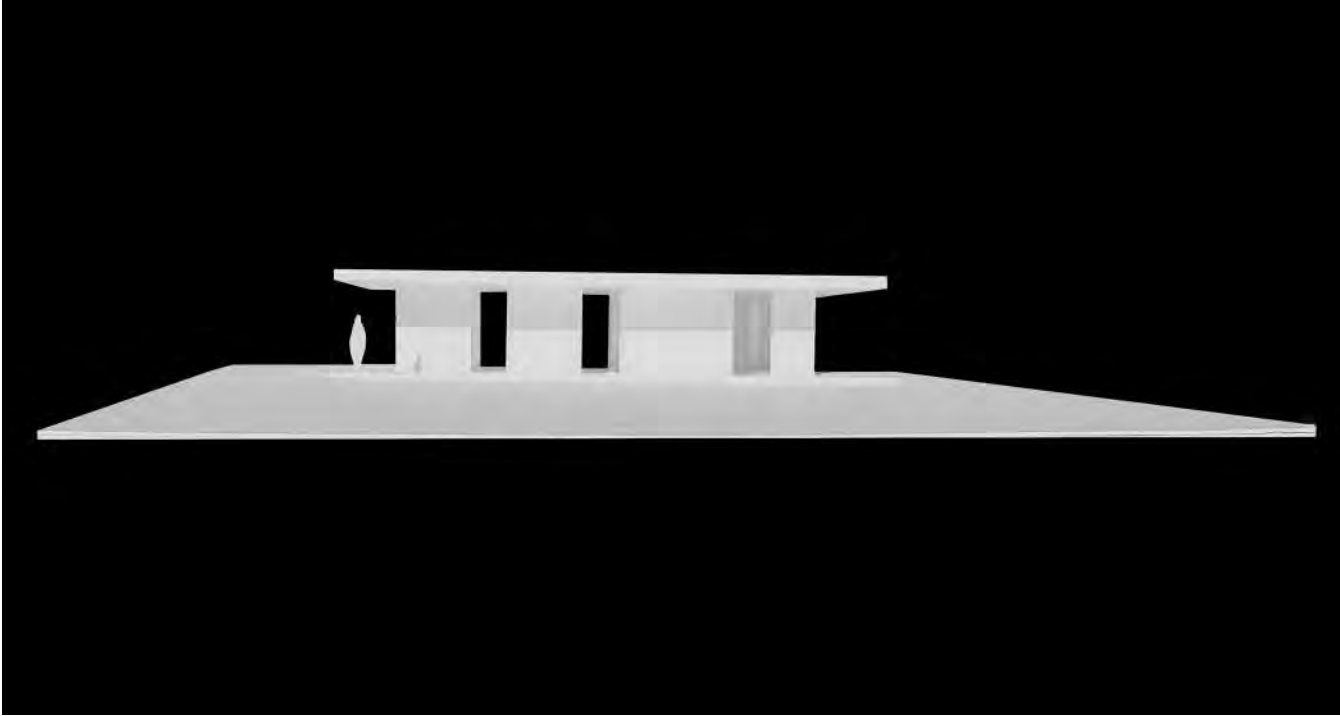
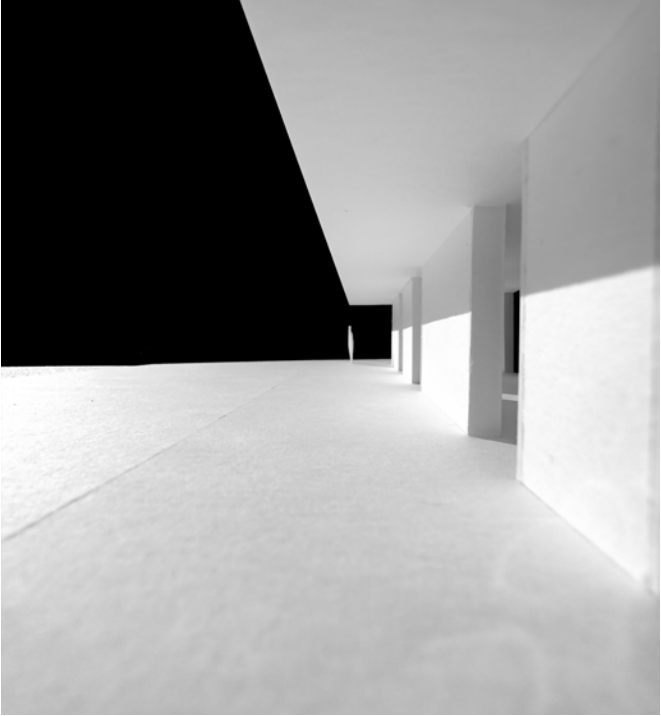
Escala 1:100

A casa híbrida é resultado da combinação entre a Casa Horizonte de frente para o Oceano Pacífico de Tezuka Architects e a Casa Fim de Semana de Aris Konstantinidis. As casas são semelhantes desde a simplicidade dos desenhos como no seu conceito. Ambas caracterizam-se pela relação com a paisagem, numa destaca-se a presença de uma cobertura em consola, espaços diluídos e sem privacidade, noutra a planta é marcada por pórticos e colunas que envolvem e protegem a casa, gerando espaços semi-abertos mais recolhidos. O híbrido procura manter as ideias mais fortes das duas. Procurou-se criar uma casa em que os espaços são independentes, diluídos e sem grandes fronteiras. O pórtico é representado como elemento portante onde paredes robustas abraçam os programas. A cobertura saliente permite soltar a fachada, o que representa a sutileza da Casa Horizonte. A combinação destes elementos permite com que a casa tenha uma forte relação com o exterior.

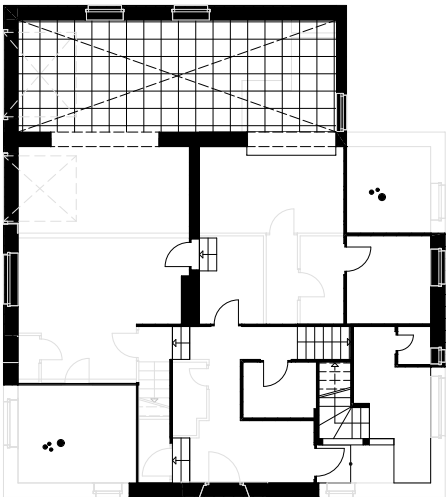


Casa Horizonte de frente para o Oceano Pacífico, Tezuka Architects, 2013

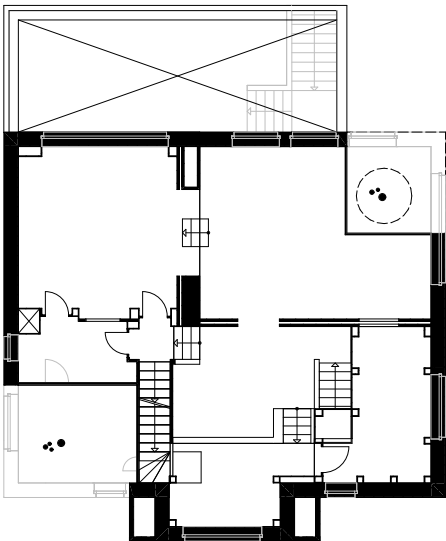
Casa Fim de Semana, Aris Konstantinidis, 1962



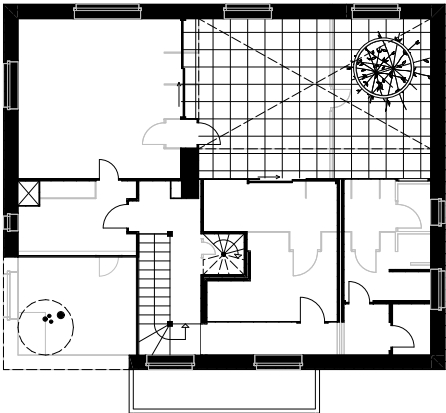
Groundfloor



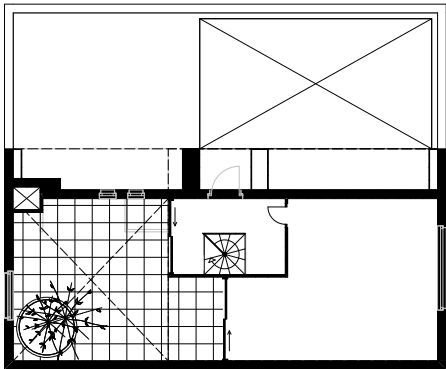
1. Floor



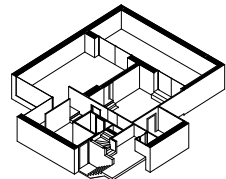
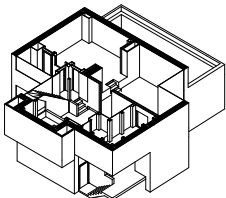
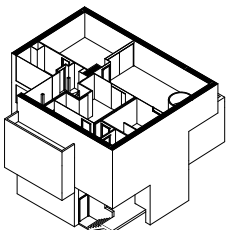
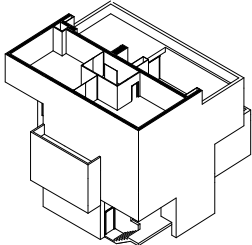
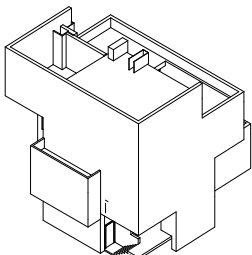
2. Floor



3. Floor



Plans 1:200



Axonometry

Escala 1:100

I would describe my working method for the hybrid house as a design experiment of opening and closing, in which I was inspired both by the works of Gordon Matter Clark and by the house of Jean Pierre Raynaud.

In the first step, I closed all the existing openings in the Moller house in order to sever all connections between the private and public spaces. In the next step, I analysed how Mayumi Miyawaki finds very intimate ways to bring light into the Hayasaki House through the cut-out corner on the ground floor and the courtyard on the first floor, as well as the Raumplan inside.

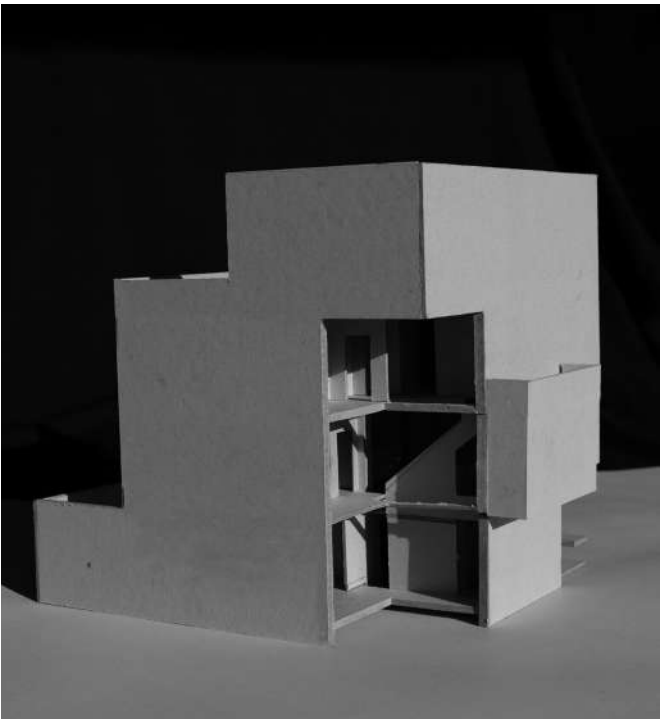
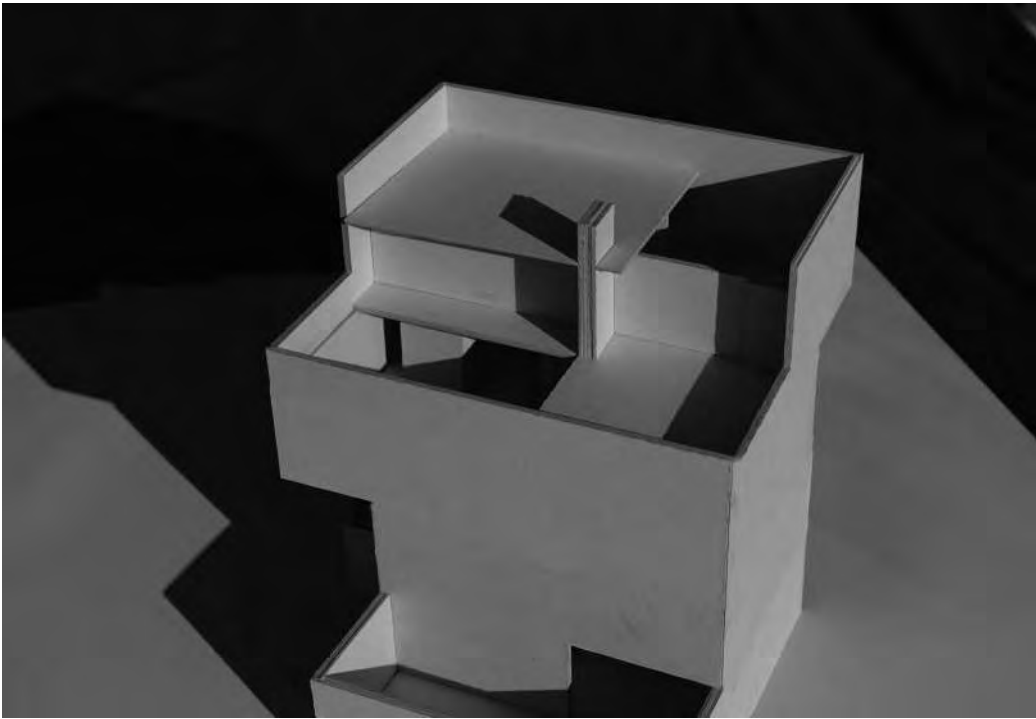
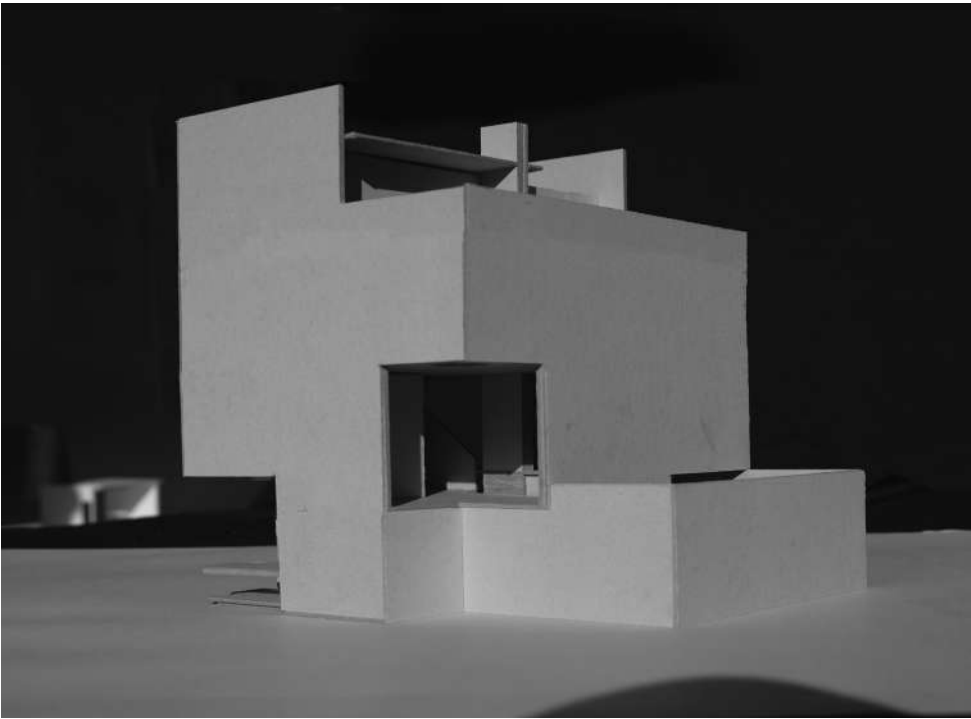
In the final step, I reopened the Moller house, which I had completely closed off, with Mayumi Miyawaki's ideas. The complex pathways and the very precisely planned levels in the interior of Adolf Loos Haus Moller are retained, and the new openings create a new introverted building with an intimate atmosphere, which takes over many spatial experiences from Hayasaki House and thus creates a unique atmosphere in the interior.

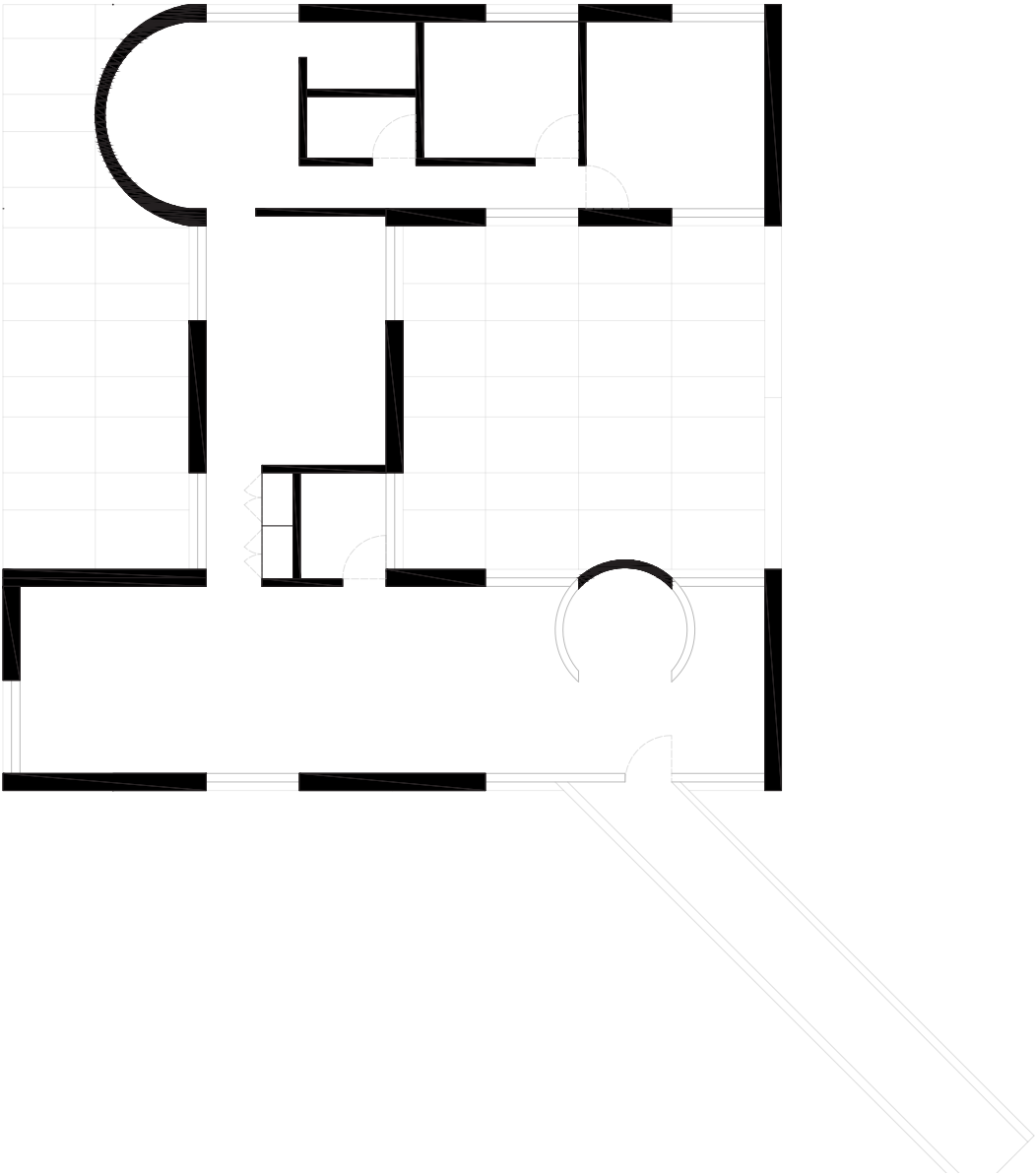


Casa Moller, Adolf Loos, 1927



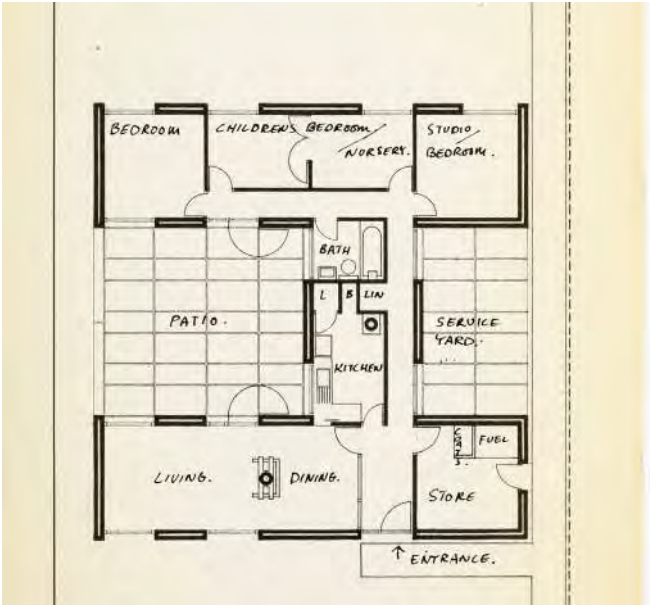
Hayasaki House , Mayumi Miyawaki, 1971



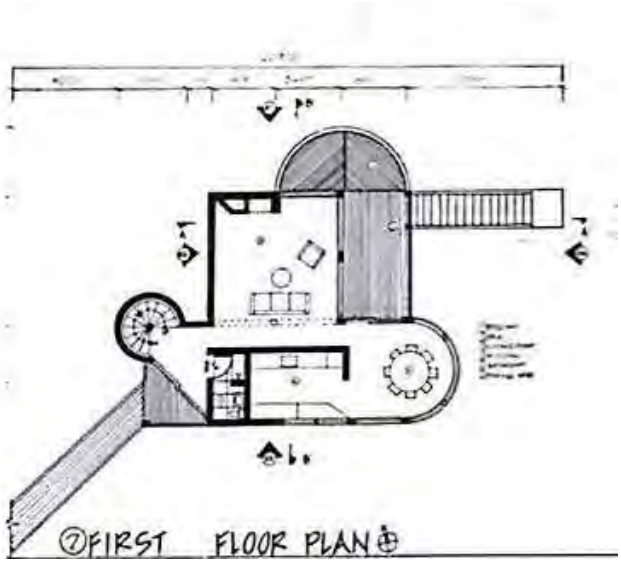


Escala 1:100

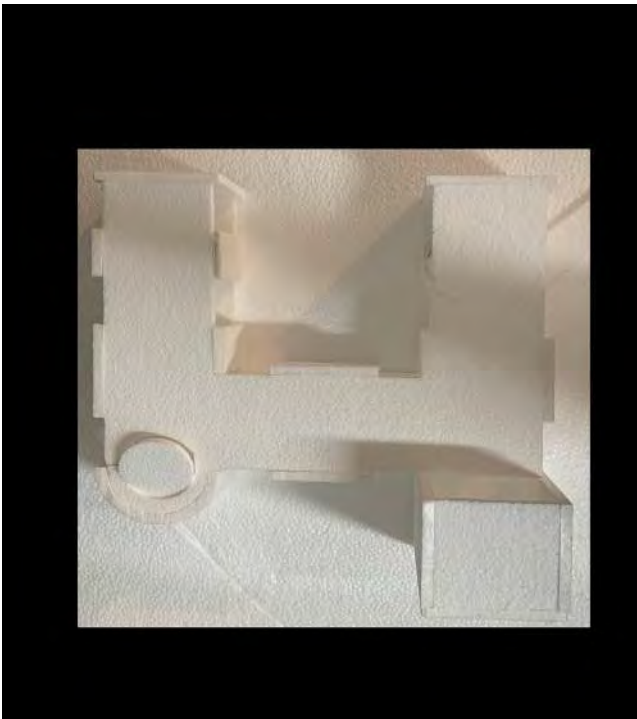
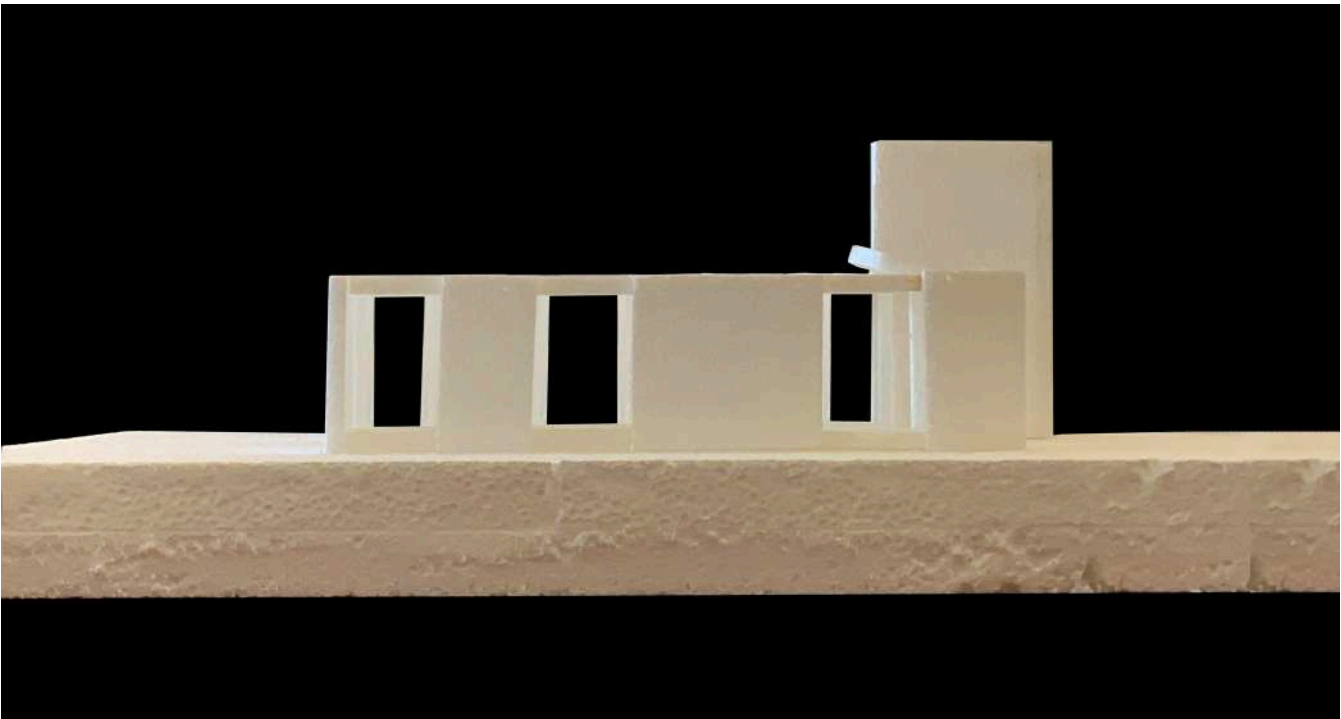
Esta proposta de casa híbrida pretende juntar a planta em formato de H da casa Cowes (James Stirling e James Gowan, 1956) preservando o alinhamento das janelas que dá profundidade e circulação de luz pela casa e a ideia de percurso pela arquitetura muito característica da arquitetura dos “New York Five”, da casa Cooper (Gwathmey Siegel, 1968). Começando na grelha da casa Cowes de doze metros por doze e de seguida decompondo a casa Cooper nos seus volumes constituintes também bastante geométricos, podemos manter a essência das duas casas. A importância da luz e a experimentação de vãos pontuais criam momentos de vista, a travessia inicial fora da casa bem como por dentro, a passagem no corredor de ligação que divide a casa numa ala social e uma ala privada, a claraboia do estúdio, o duplo pé direito da sala, o volume singular que se eleva do resto da casa, estes aspetos todos são conjugados na casa híbrida.



Casa Cowes, James Stirling e James Gowan, 1956

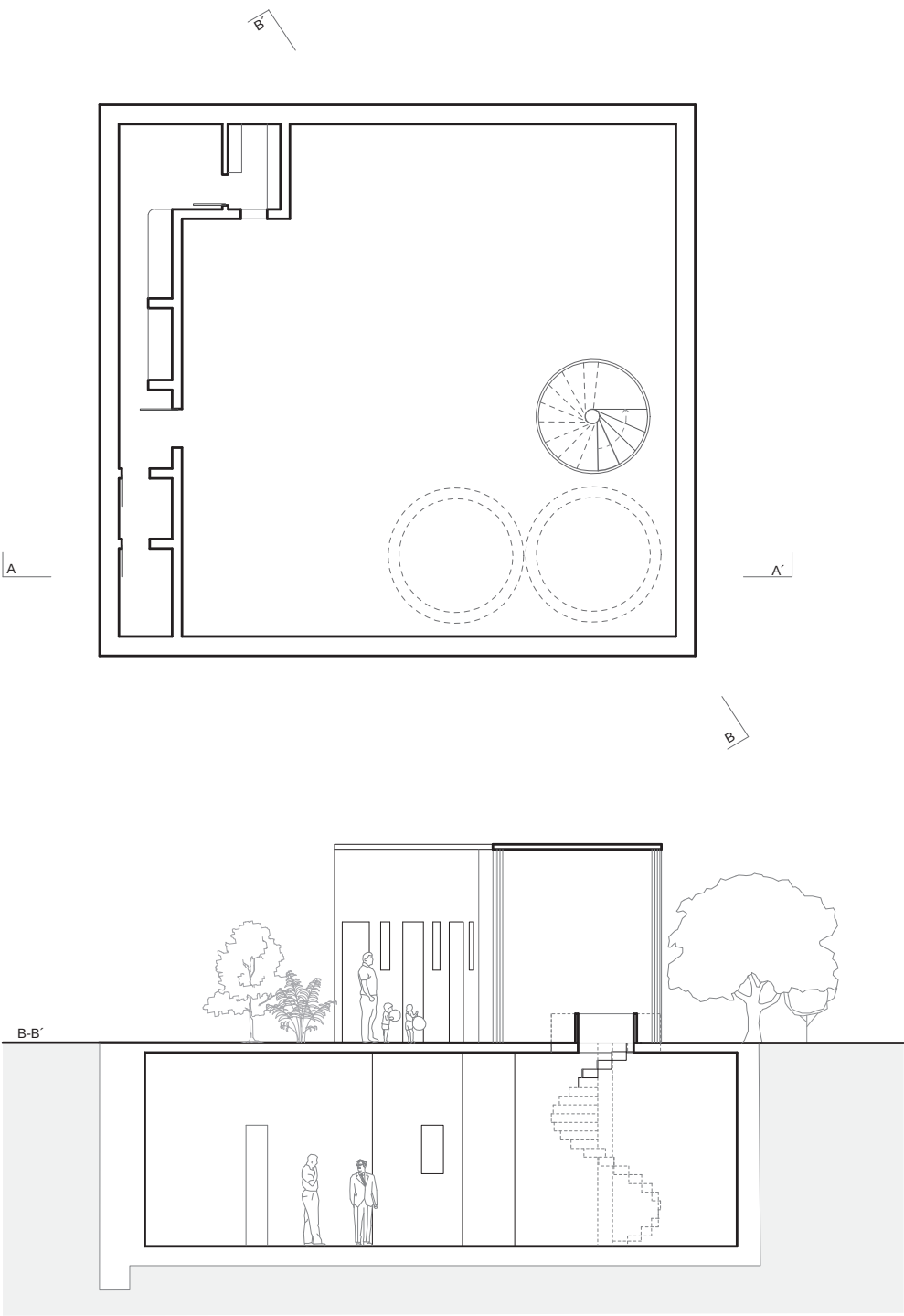
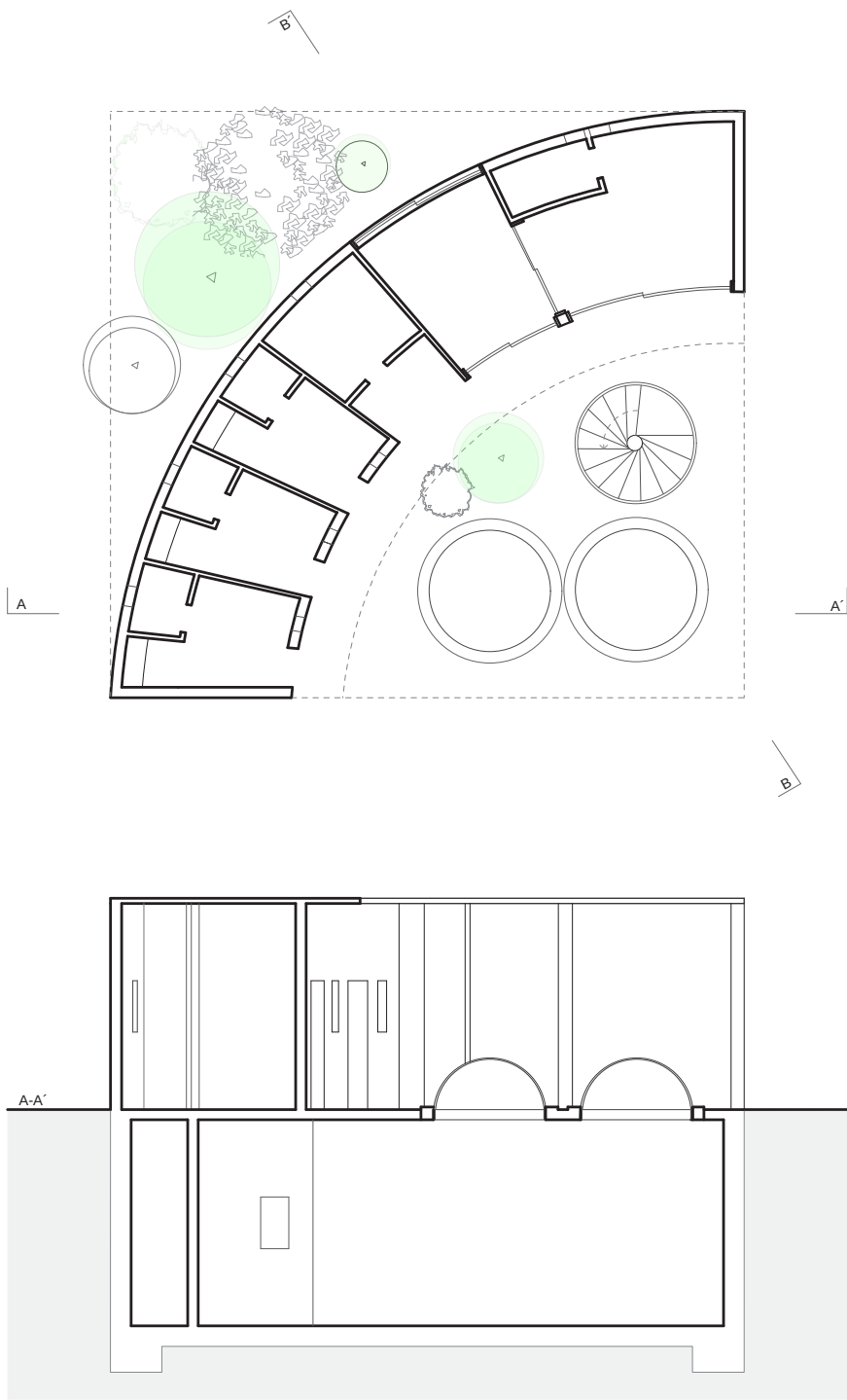


Casa Cooper, Gwathmey Siegel, 1968



PENSAR A HABITAÇÃO

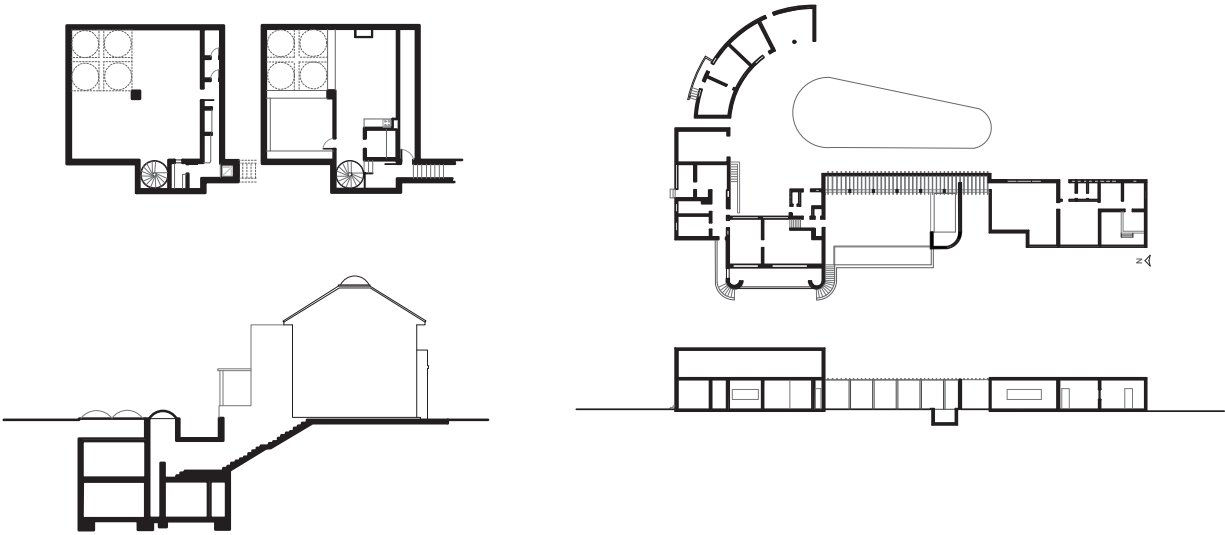
Casa Híbrida



A Casa Híbrida é resultado da combinação entre a casa arranha-inferno do arquiteto Fernando Higuera. E a casa e atelier do arquiteto Ernst May. A intenção foi criar a casa híbrida à partir da tipologia que as duas casas apresentam, sendo casas ateliêres.

A casa arranha-inferno tem características mais introspectivas e mostra claramente o que é espaço casa do que é espaço trabalho. Essa distinção também acontece na casa Ernst May, sendo que a delimitação de cada espaço é marcado pela presença do jardim.

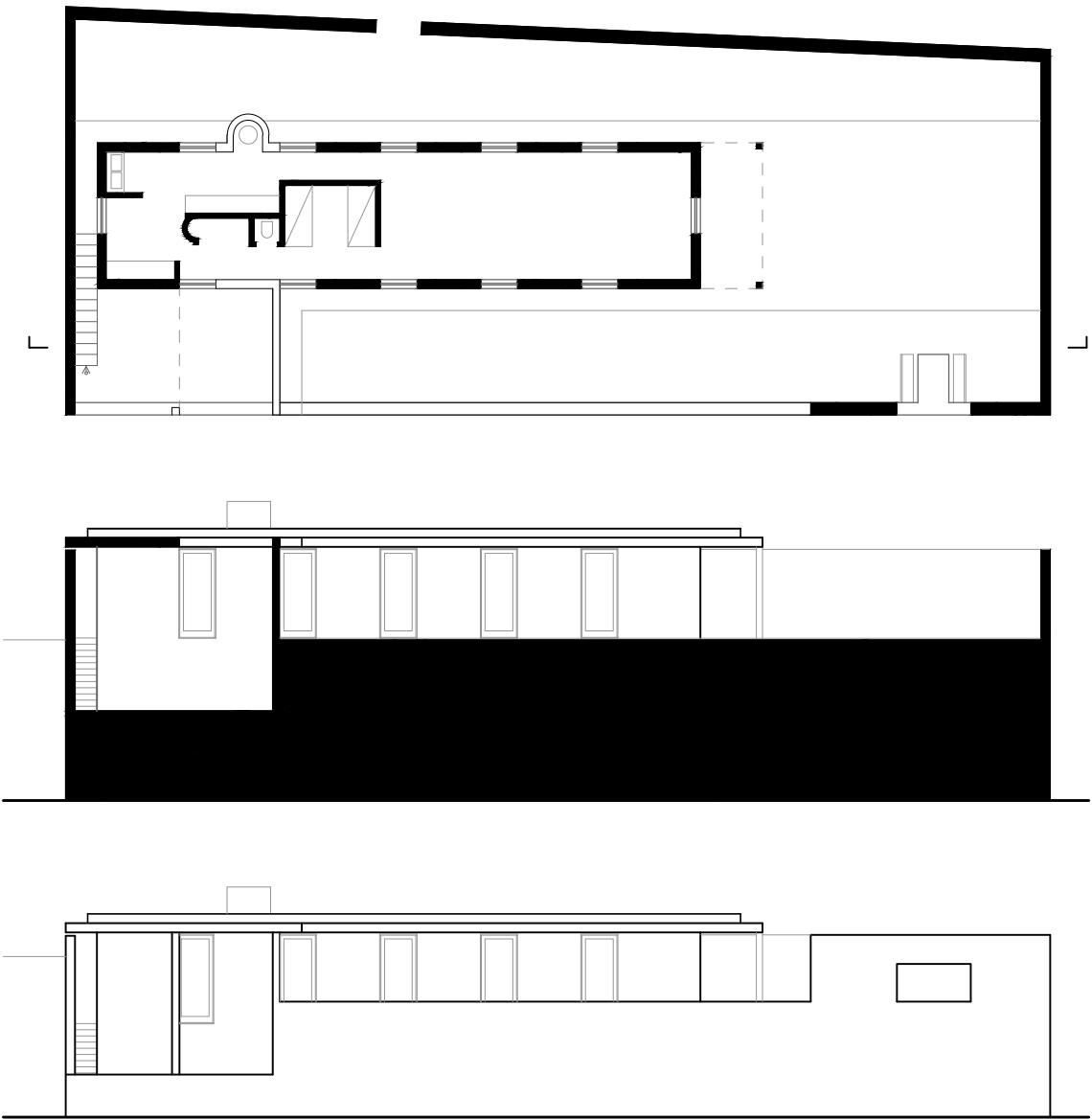
A casa híbrida mantém essa intenção de limite e estabelece o que é espaço casa, e o que é espaço trabalho. O piso térreo é a casa, mais extrovertida e com a forma curva que tem na casa do arquiteto Erns May e o subterrâneo é o espaço de trabalho, mais introvertido que transmite a sensação de um ambiente calmo e sossegado.



Arranha-inferno, Fernando Higuera, 1972

Casa e Atelier, Ernst May, 1937





O projeto, é resultado do híbrido entre a Villa Le Lac, localizado a margem do Lago Genebra, (Suíça), projetada pelo arquiteto Le Corbusier, em 1923. E a Casa em Saraiva Lima II, localizada em Álcácer do Sal, (Portugal), projetada pelo arquiteto João Pedro Falcão de Campos em 1998-2001.

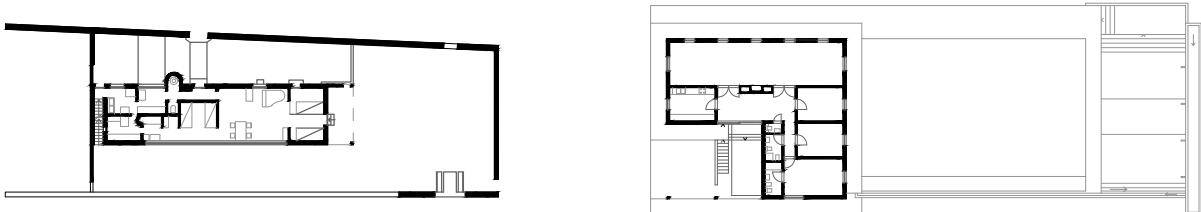
A casa Villa Le Lac passou a ser o elemento central do programa.

Para a conceção do projeto, procurou-se simplificar o programa de ambas as casas, preservando-se o lote da Villa Le Lac.

Ambas as casas procuram uma forte relação como exterior a partir dos vãos, e devido essa característica, manteve-se a regularidade dos vãos da Casa Saraiva Lima II, dando assim a possibilidade de visualizar a paisagem em diferentes ângulos.

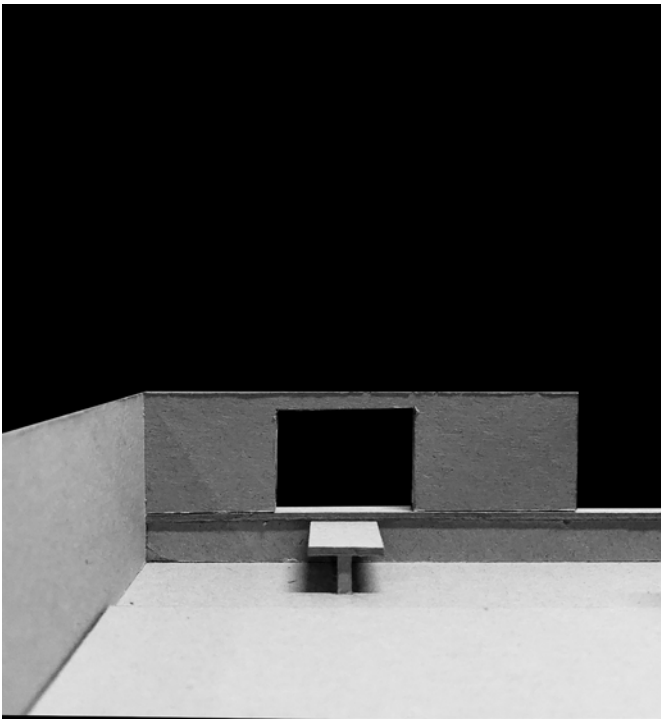
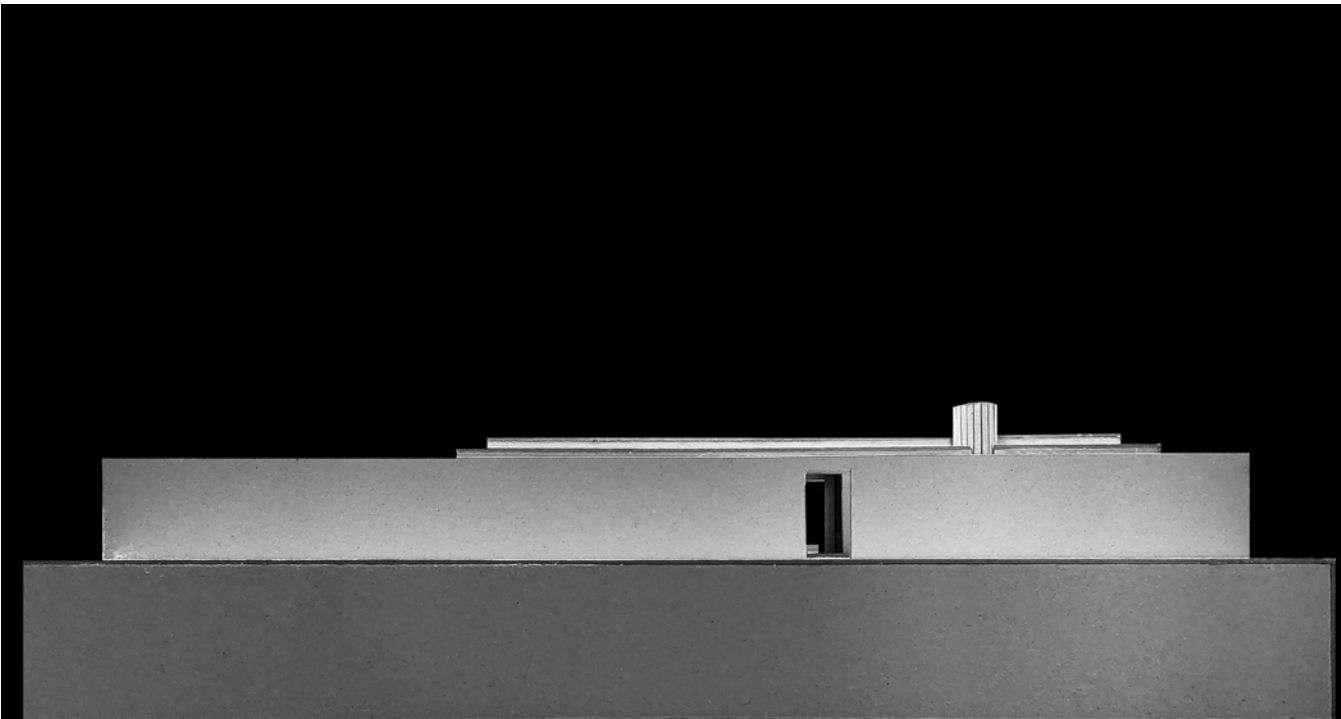
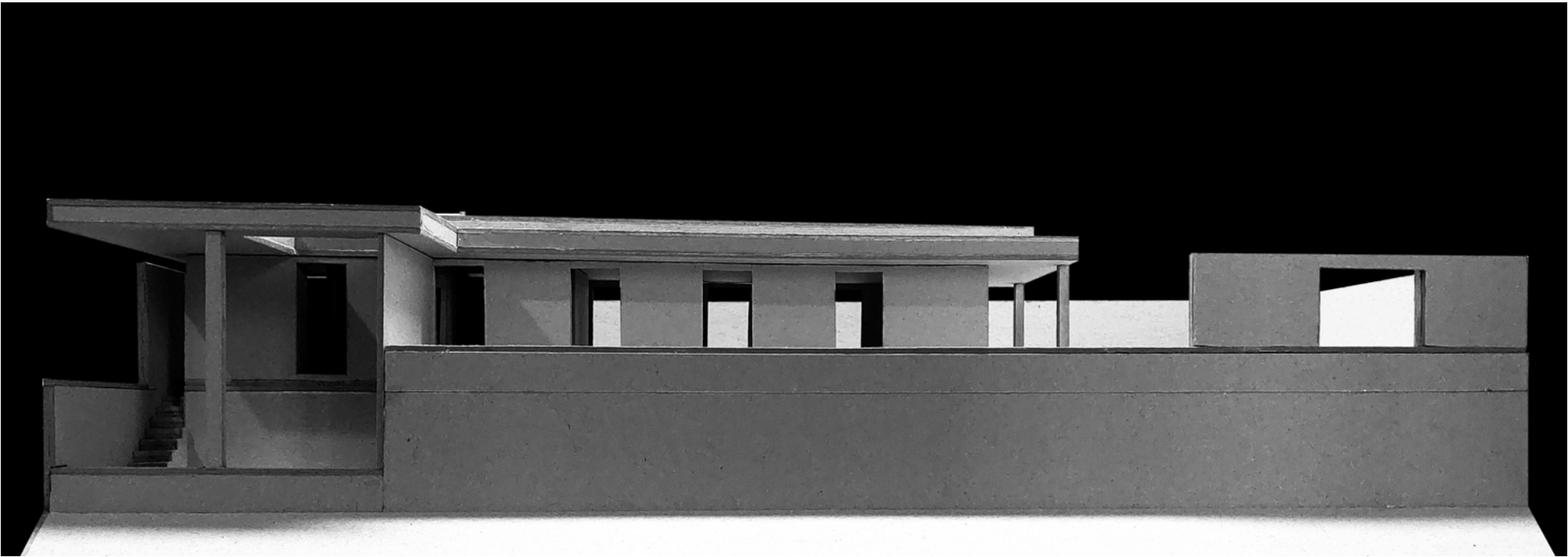
Uma plataforma é estabelecida no exterior tal como na Casa Saraiva Lima II.

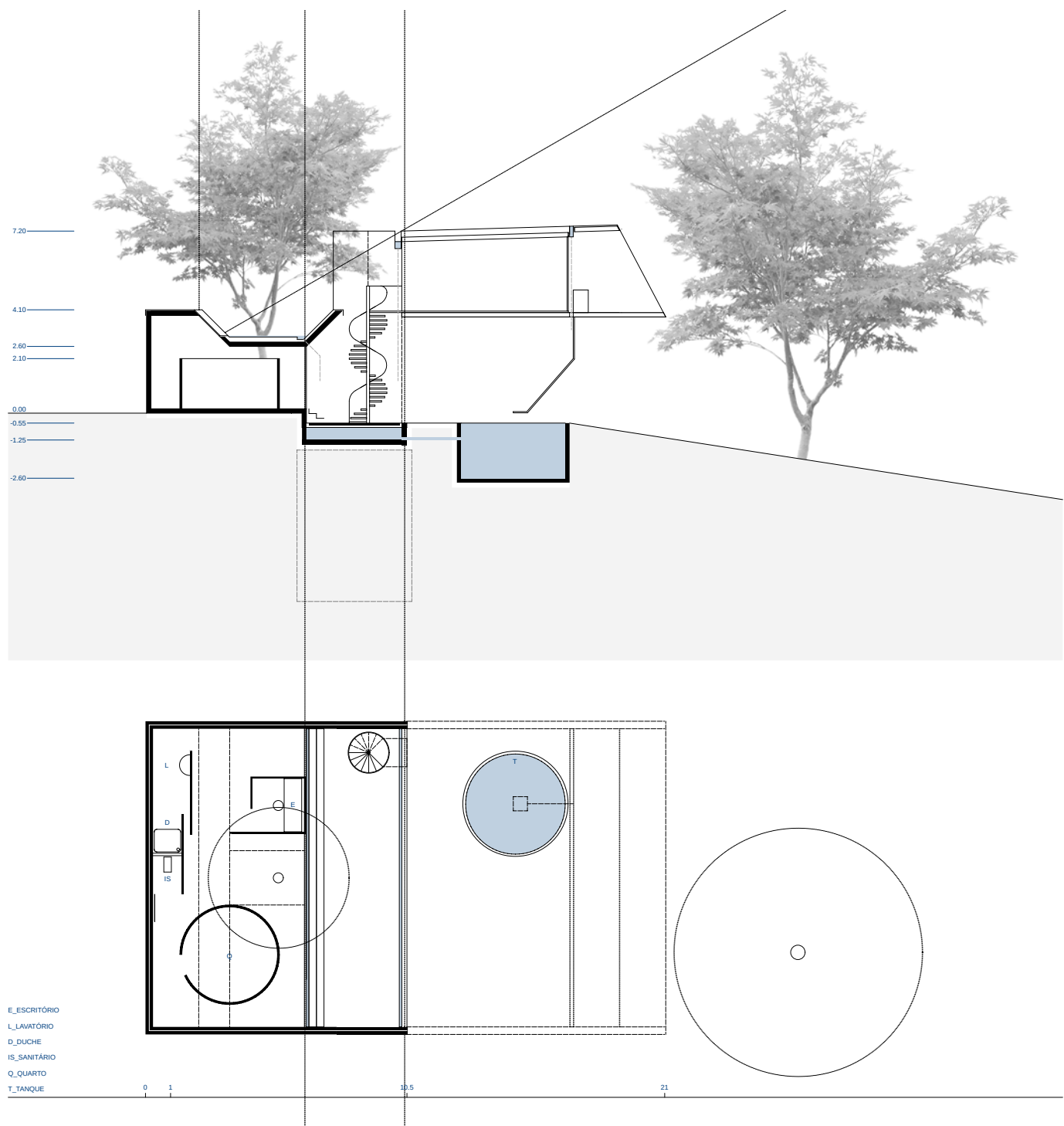
A Norte localiza-se o acesso principal.



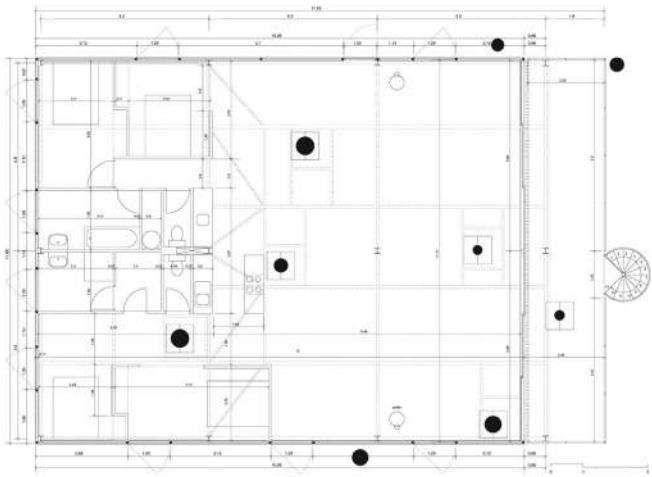
Villa Le Lac, Le Corbusier, 1923.

Saraiva Lima II, João Pedro Falcão de Campos, 1998-2001

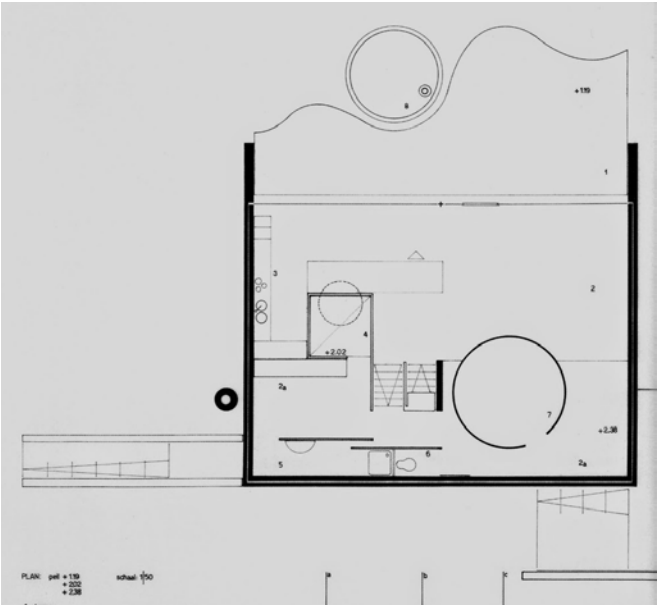




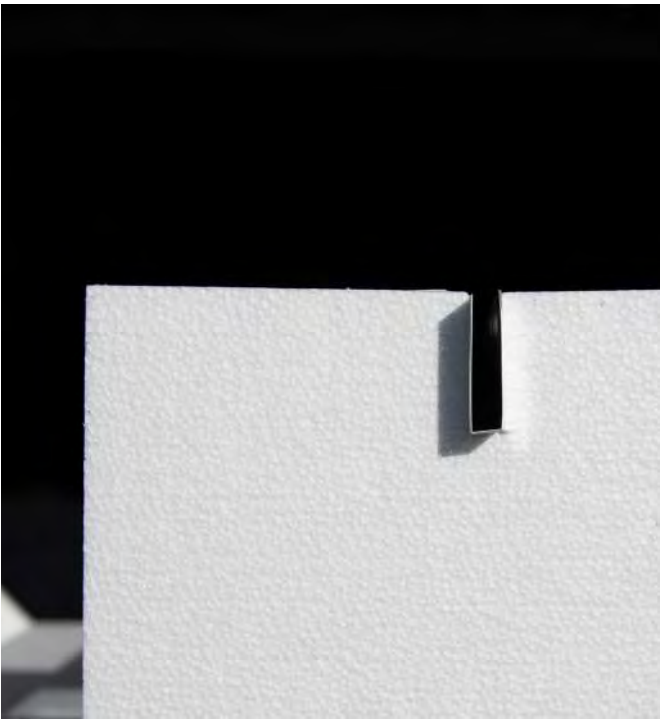
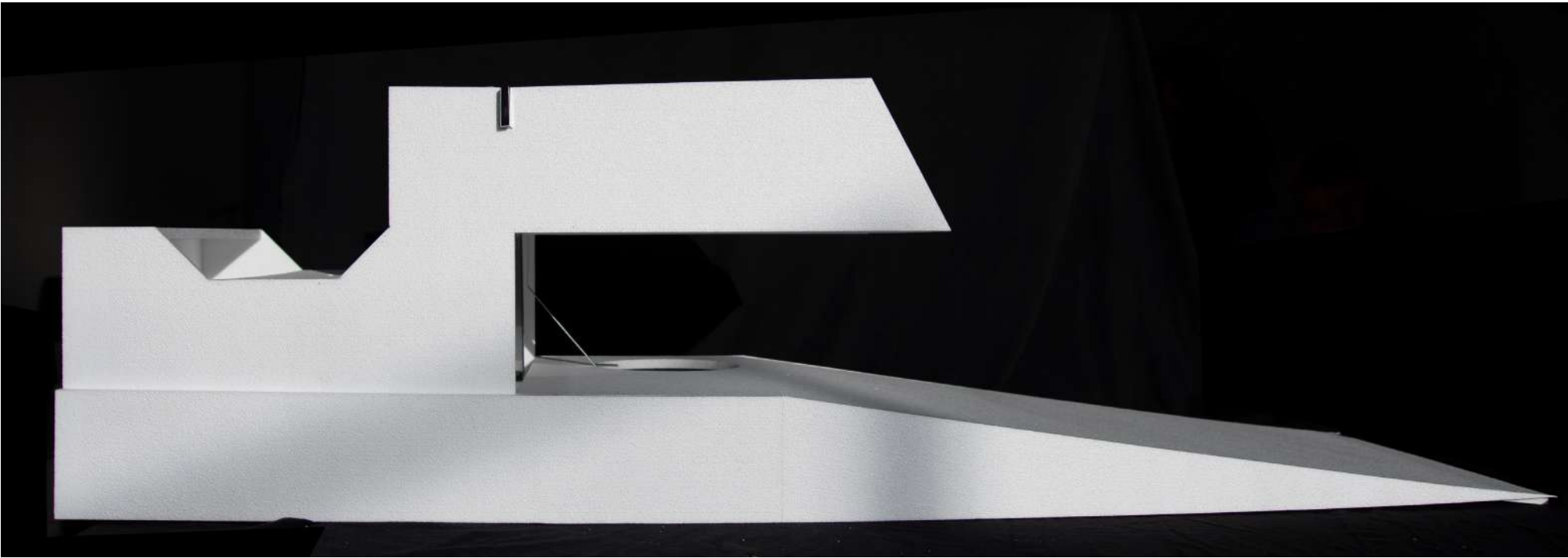
Para a leveza existir o peso tem de estar presente, a luz trás com ela a sombra, o vazio vive entre cheios e o silêncio evidência o ruído, estes são pilares da arquitetura refletidos nos meus dois casos de estudo, a casa Villa Van Wassenhove do arquiteto Juliaan Lampens e a casa D, Lège-Cap-Ferret dos arquitetos Lacaton & Vassal. A casa Híbrida procura, a partir de fragmentos das casas de estudo, confrontar as características antónimas e evidenciar que estas coexistem sempre apesar de nem sempre estarem à vista como é o caso das estacas na casa dos arquitetos Lacaton & Vassal. A casa está dividida em dois momentos, uma grande sala que voa penetrada pela vista e pousado no chão está o espaço que abriga a zona de dormir de trabalhar e a casa de banho. A água é conduzida até um tanque redondo. Esta é uma casa com duas posições distintas divididas por um vazio.

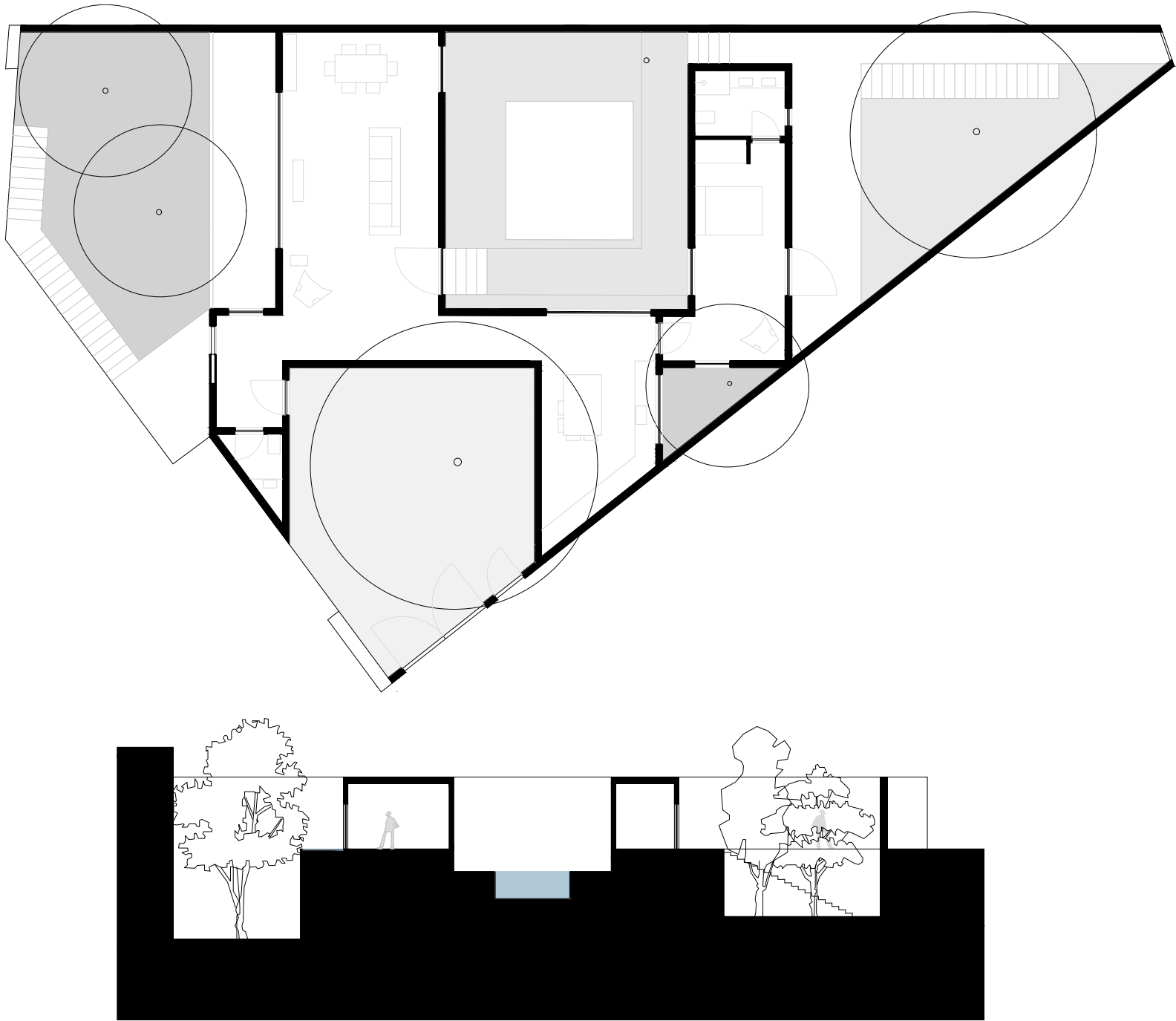


Casa Villa Van Wassenhove, Juliaan Lampens, 1972

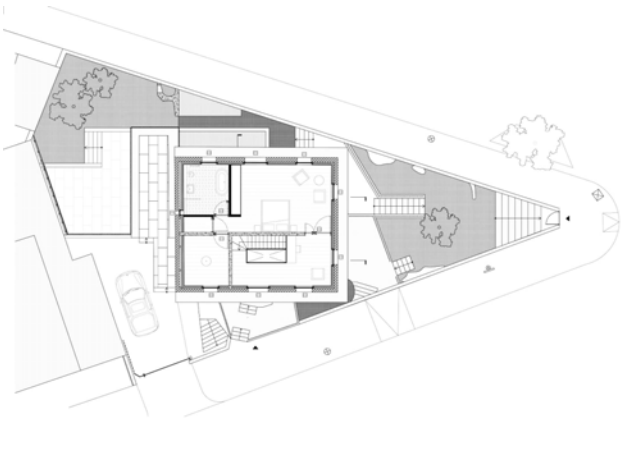


Casa D, Lège-Cap-Ferret, Lacaton & Vassal, 1998



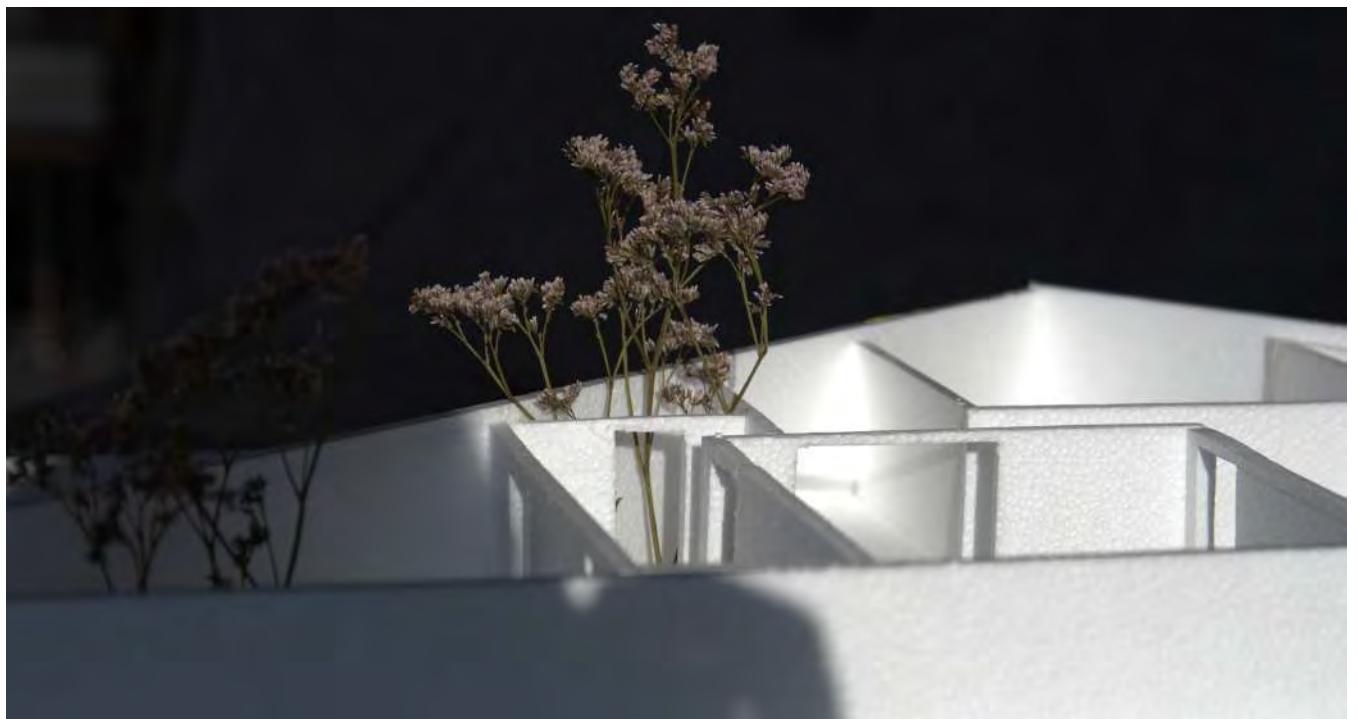
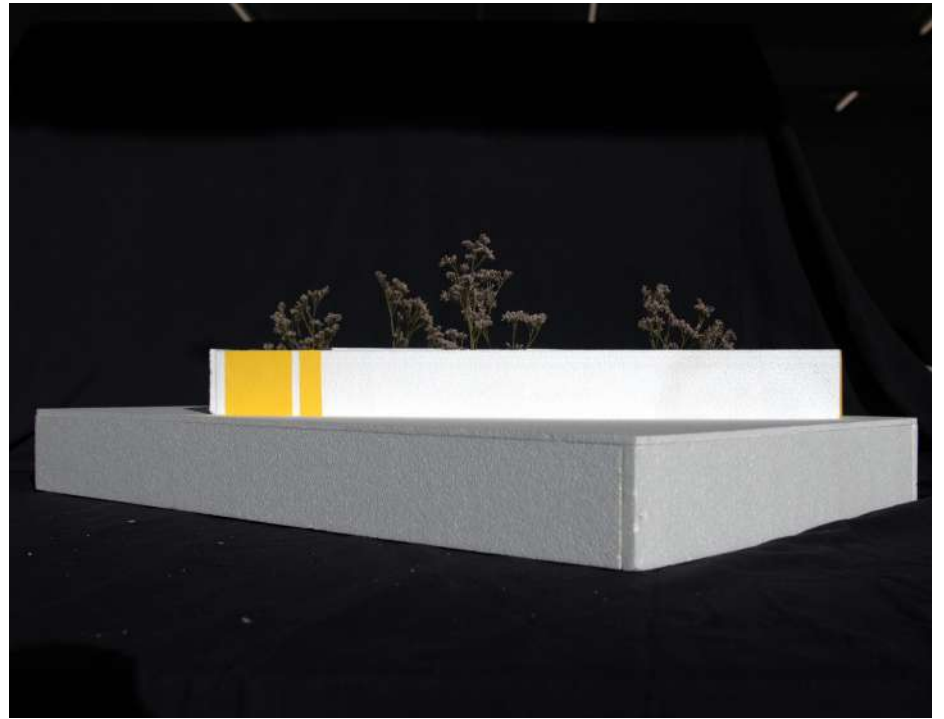


A Casa Híbrida é desenhada a partir do projeto Casas em Santa Isabel, do arquiteto Ricardo Bak Gordon e, do projeto Mole House de David Adjaye. O desenho da casa resulta da junção das características mais fortes de cada caso de estudo. Nas casas de Ricardo Bak Gordon, sobressai a construção horizontal, à volta de vários pátios a céu aberto com diferentes geometrias, áreas e propósitos. A Mole House está posicionada numa esquina acentuada entre duas ruas, e acontece numa grande escavação. A casa é igualmenete rodeada por espaços verdes, no entanto, estes foram desenhados a diferentes cotas. Ambas as casas localizam-se em terrenos afundados e escondidos, e procuram um diálogo constante entre o exterior e o interior, entre o cheio e o vazio. A casa híbrida junta o terreno da casa em londres, e a planta das casas em lisboa, e desenha vários pátios abertos, com diferentes profundidades e formas. O acesso é feito através de duas entradas marcadas pela cor amarela, enfatizando mais uma vez,características das duas primeiras casas.

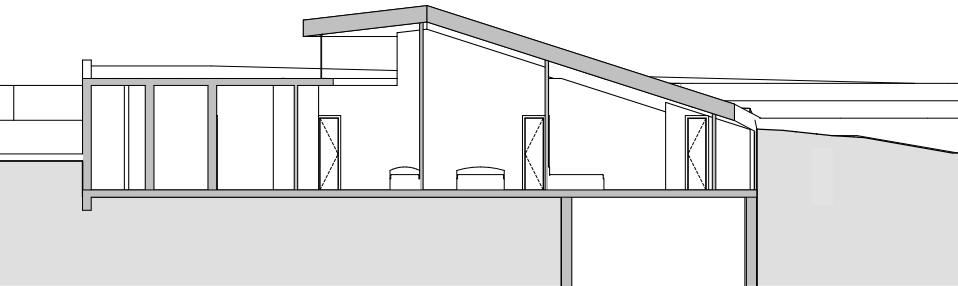
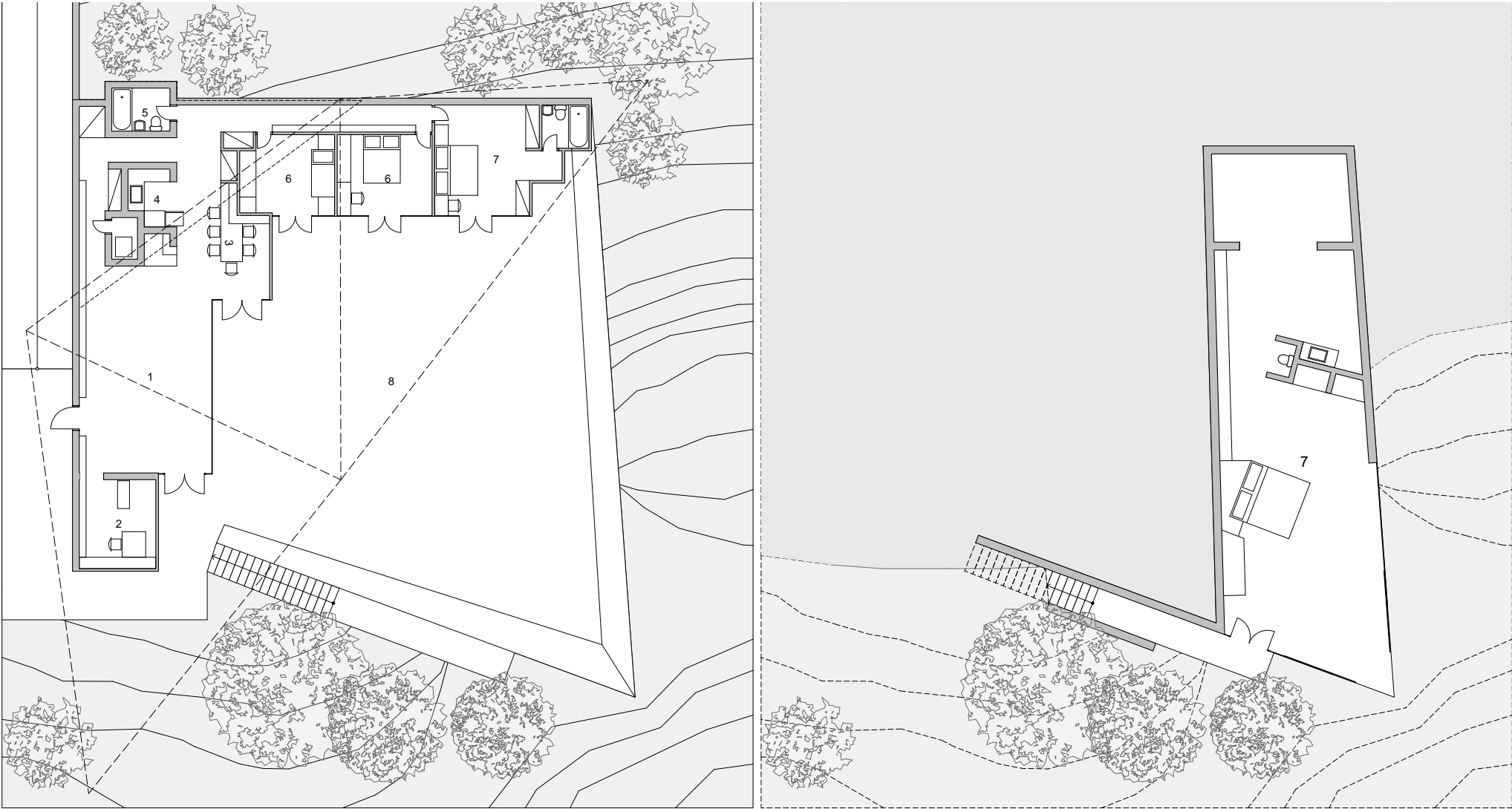


Casas em Santa Isabel, Ricardo Bak Gordon, 2010

Mole House, David Adjaye,2019



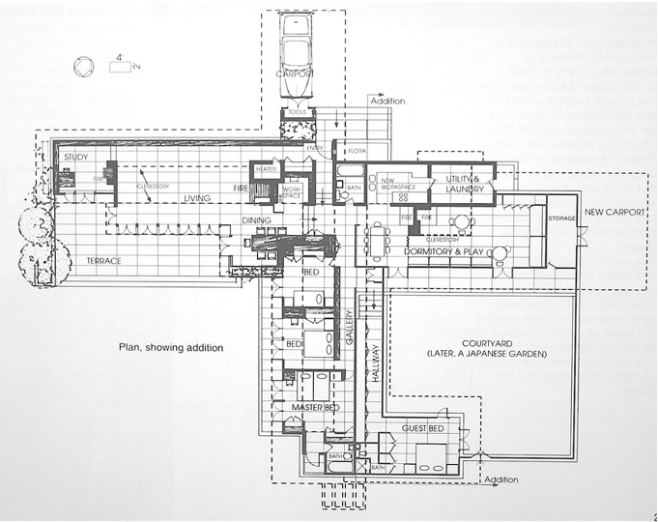
© Tomás Leitão



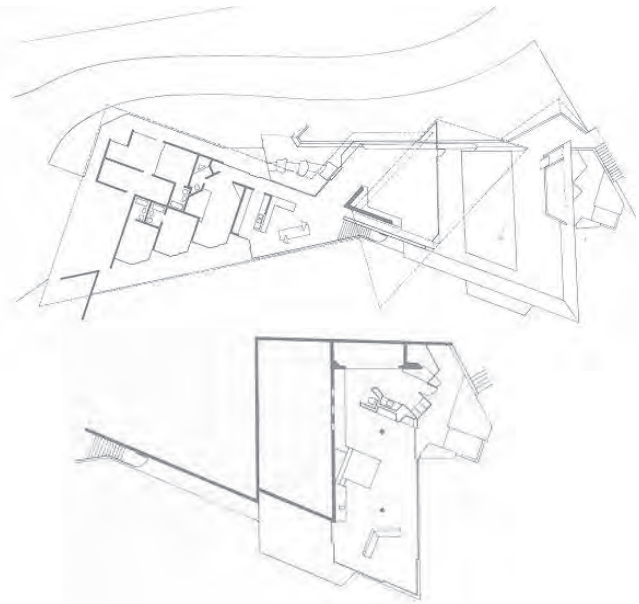
- 01 - Sala de estar
- 02 - Escritório
- 03 - Sala de Jantar
- 04 - Cozinha
- 05 - Banheiro
- 06 - Dormitórios
- 07 - Suítes
- 08 - Terraço

1:200
PLANTAS E CORTE

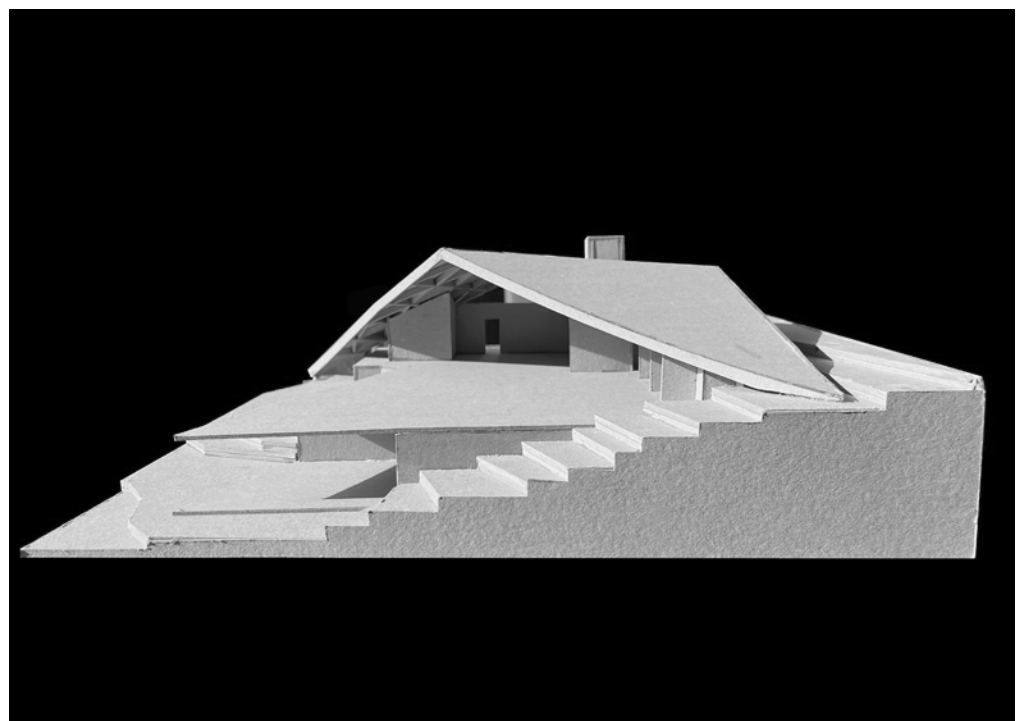
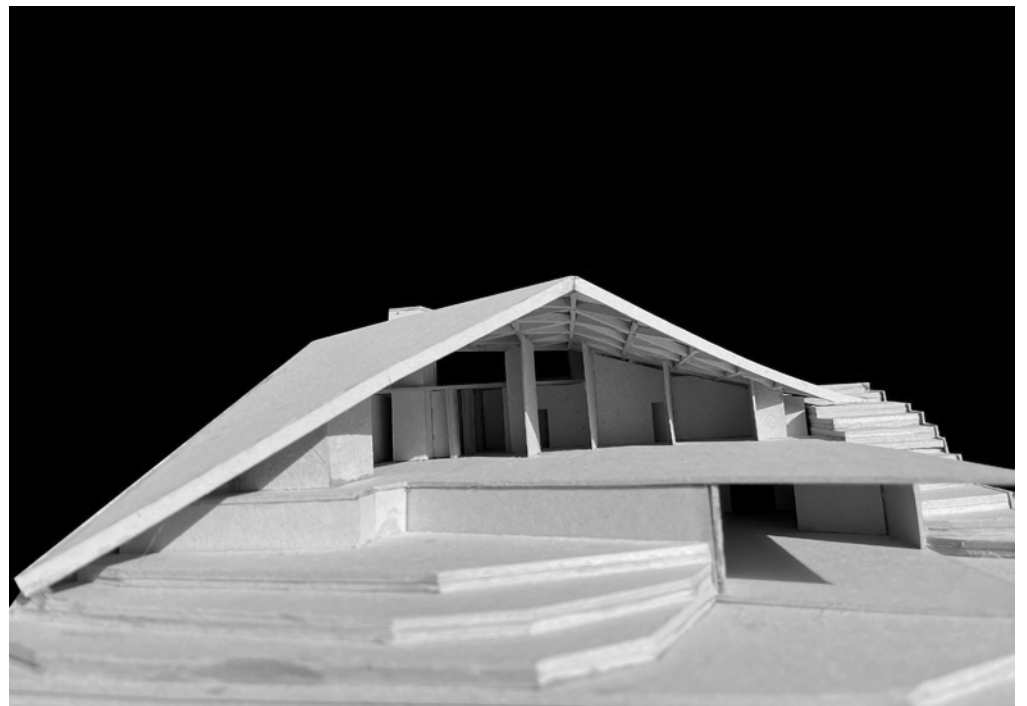
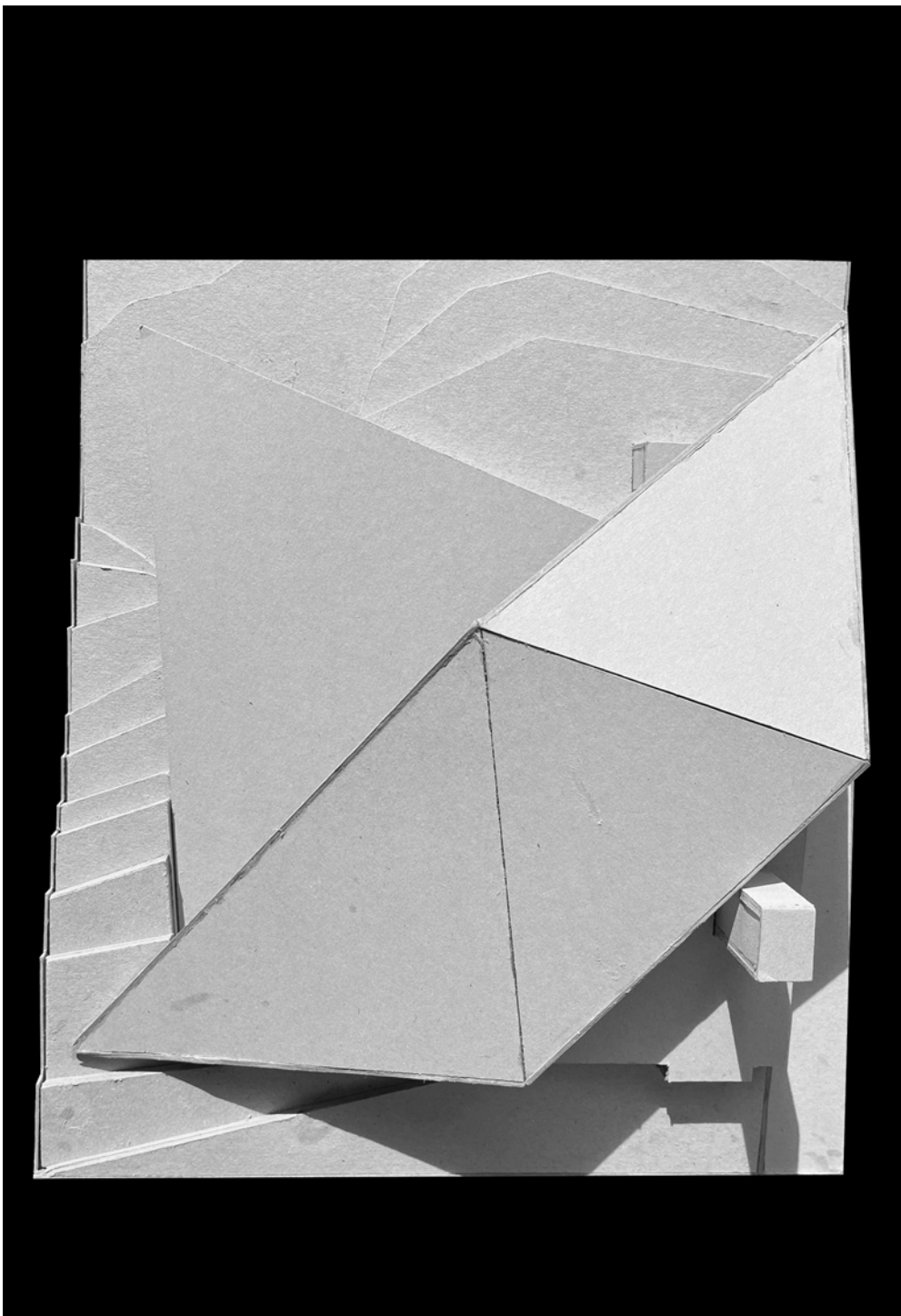
A Casa Híbrida é o resultado da fusão de dois estudos de caso: a Casa Rosenbaum, projetada por Frank Lloyd Wright em Alabama, EUA, e a Casa Sheats-Goldstein, concebida por John Lautner em Los Angeles, EUA. No caso da primeira, optou-se por preservar a planta baixa em forma de "L" da versão inicial de 1939, excluindo as expansões posteriores. No entanto, deixou-se aberta a possibilidade de ampliação da residência, conforme refletido na planta final de 1948. Da outra, foram mantidos os princípios de integração com a paisagem, preservando o terreno e as características topográficas do local. A cobertura nervurada de concreto, que se estende por toda a residência e se abre para a vista da cidade de Los Angeles, também foi preservada, assim como o acesso externo e o pavimento inferior da casa. O projeto Híbrido se desenvolve em dois pavimentos, ambos parcialmente enterrados de um lado, mas completamente abertos do lado voltado para a cidade. No térreo, encontra-se a maioria do programa residencial, abrangendo áreas sociais e íntimas, já o pavimento inferior temos uma suíte privativa.



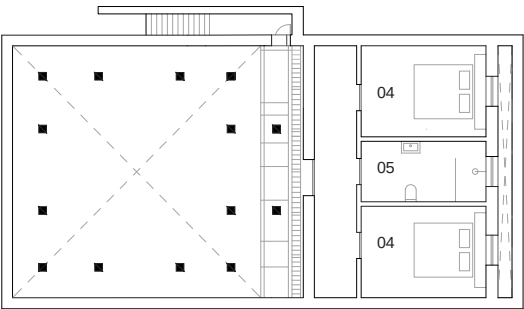
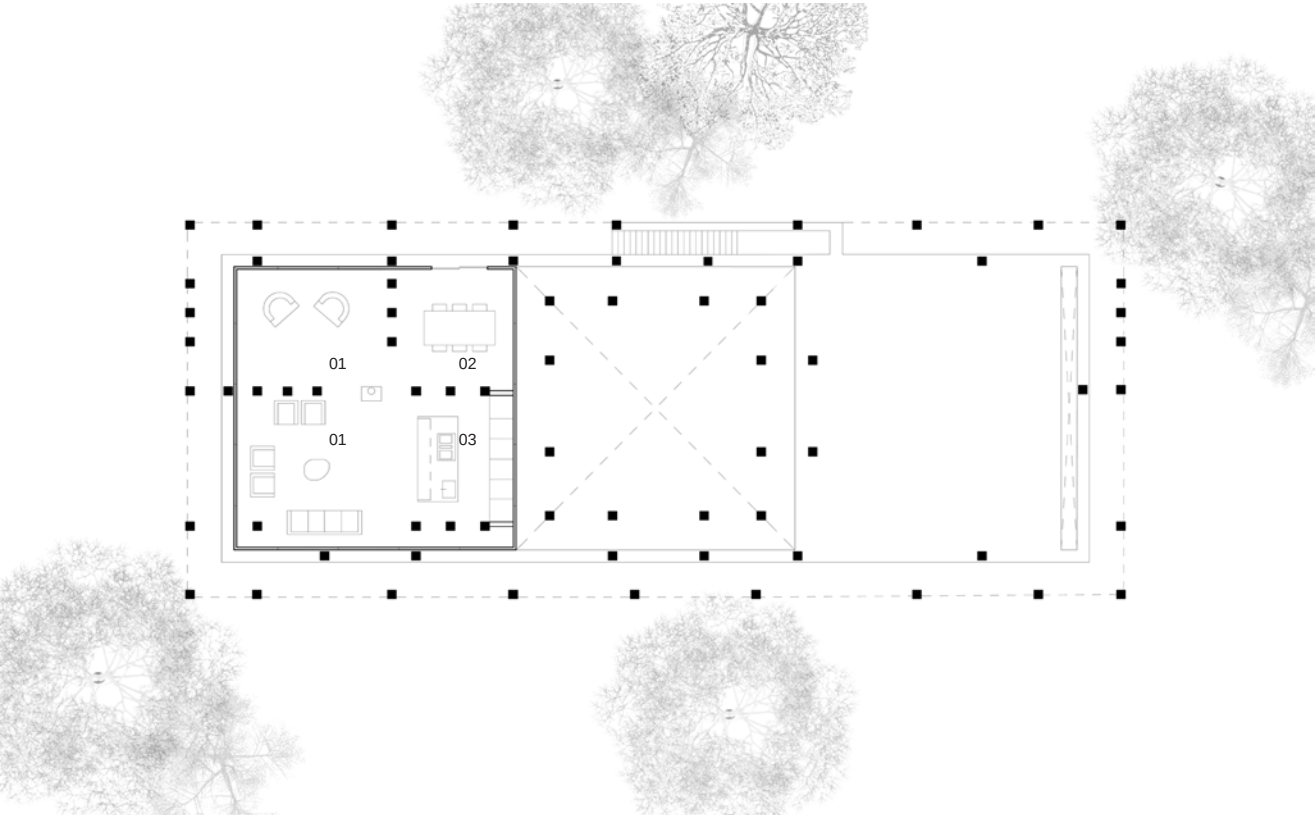
Casa Rosenbaum, Frank Lloyd Wright, 1939-1948



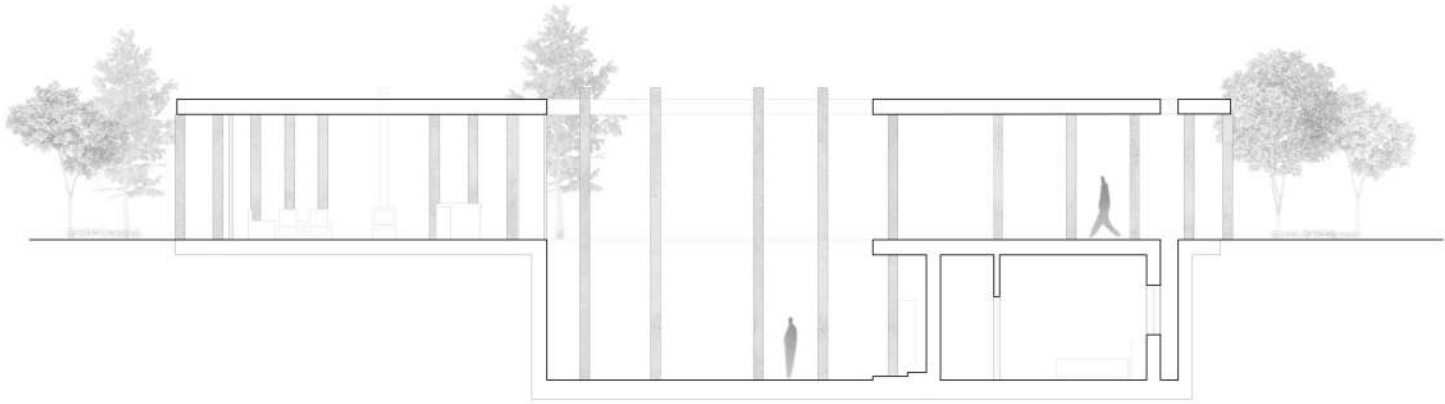
Casa Sheats-Goldstein, John Lautner, 1963, 1980-1994



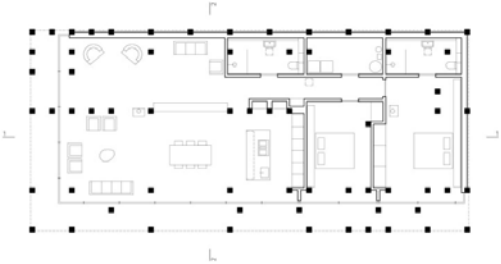
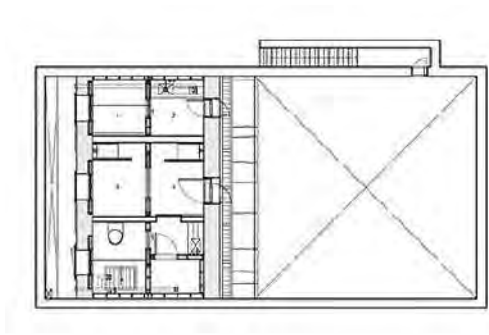
© Marina Dornelles

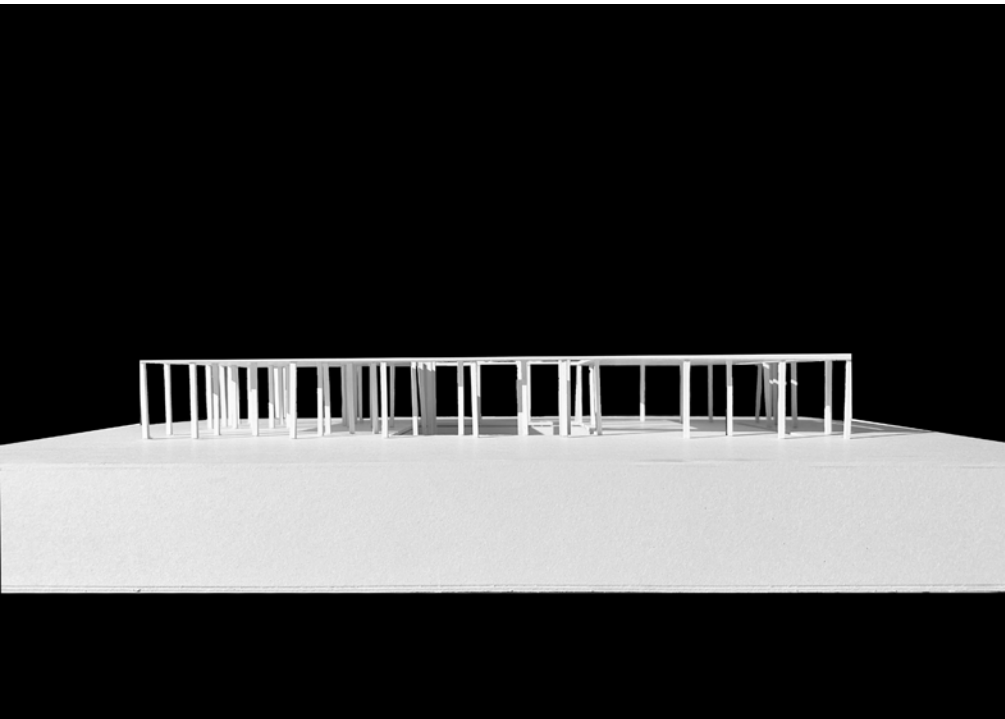
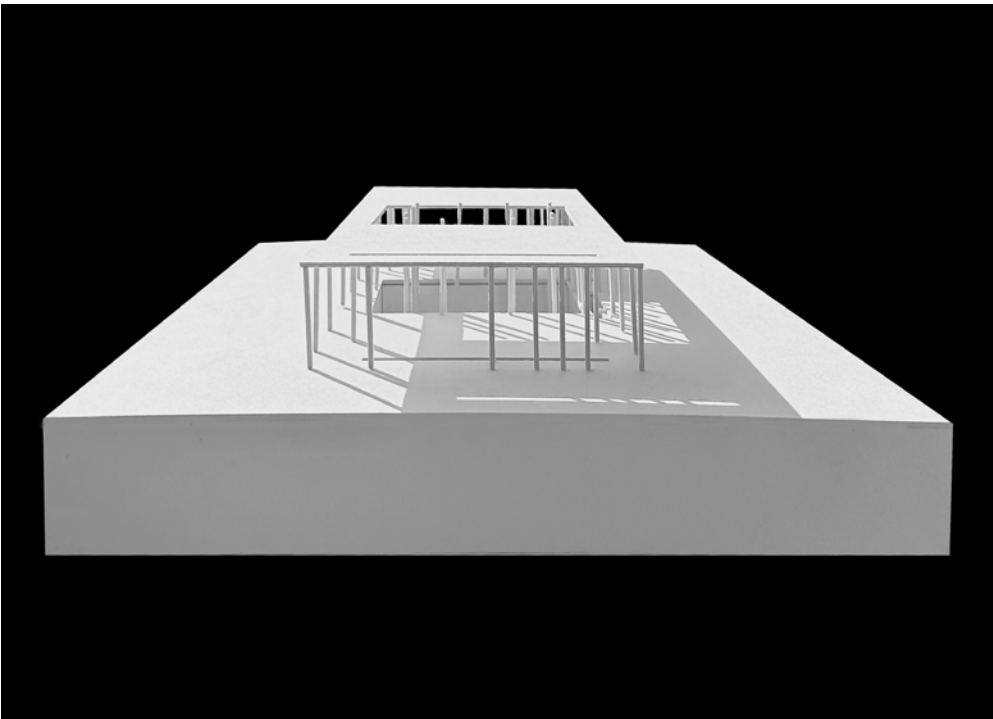
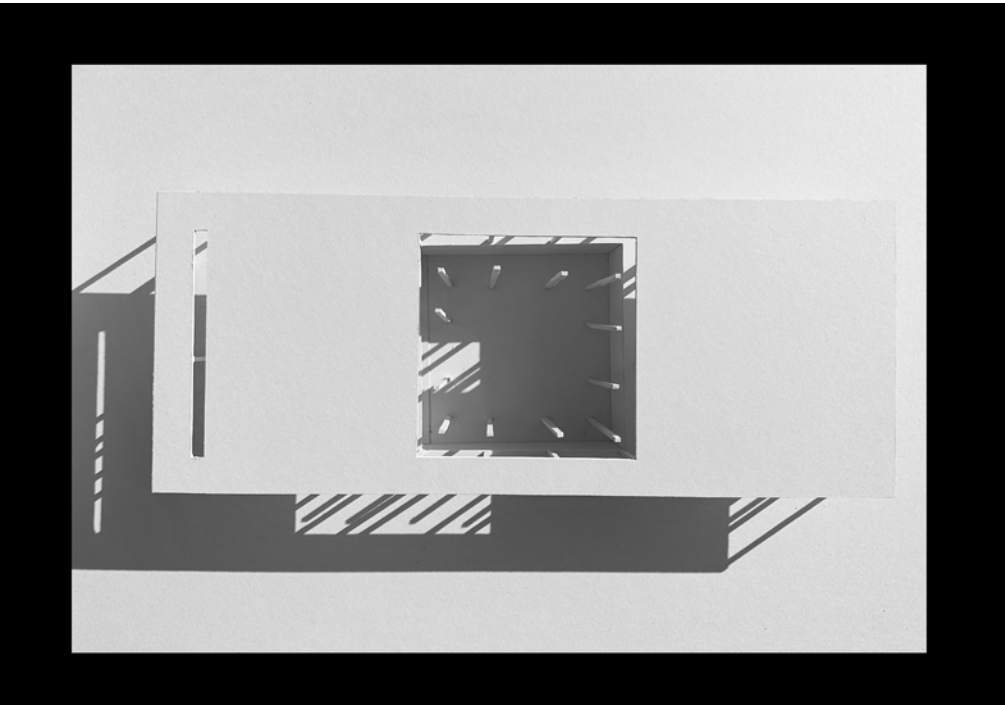
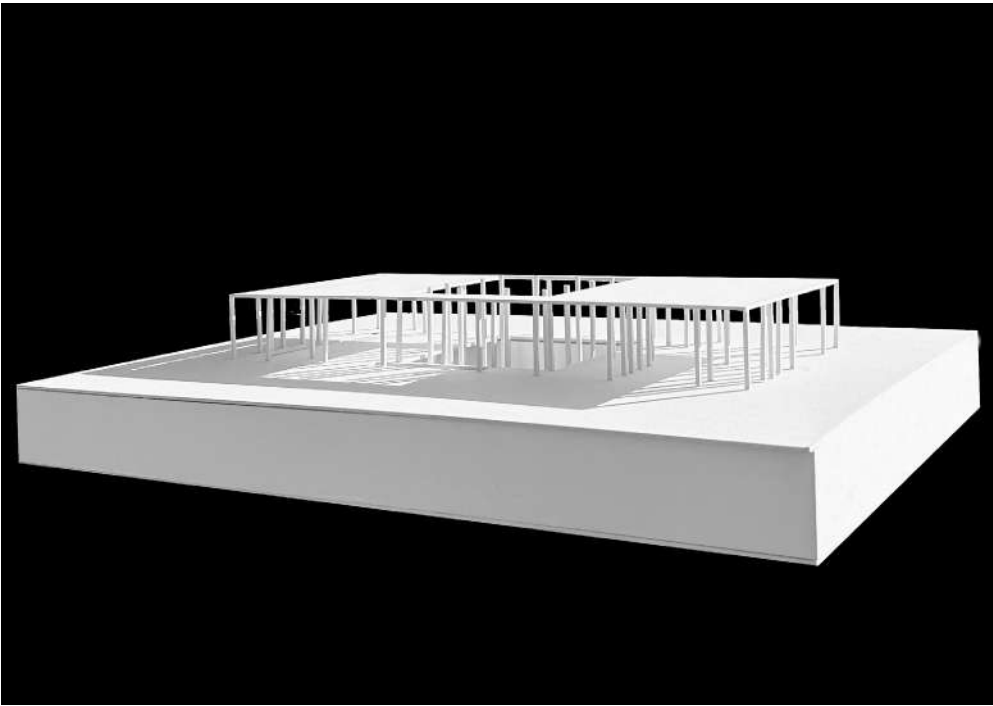


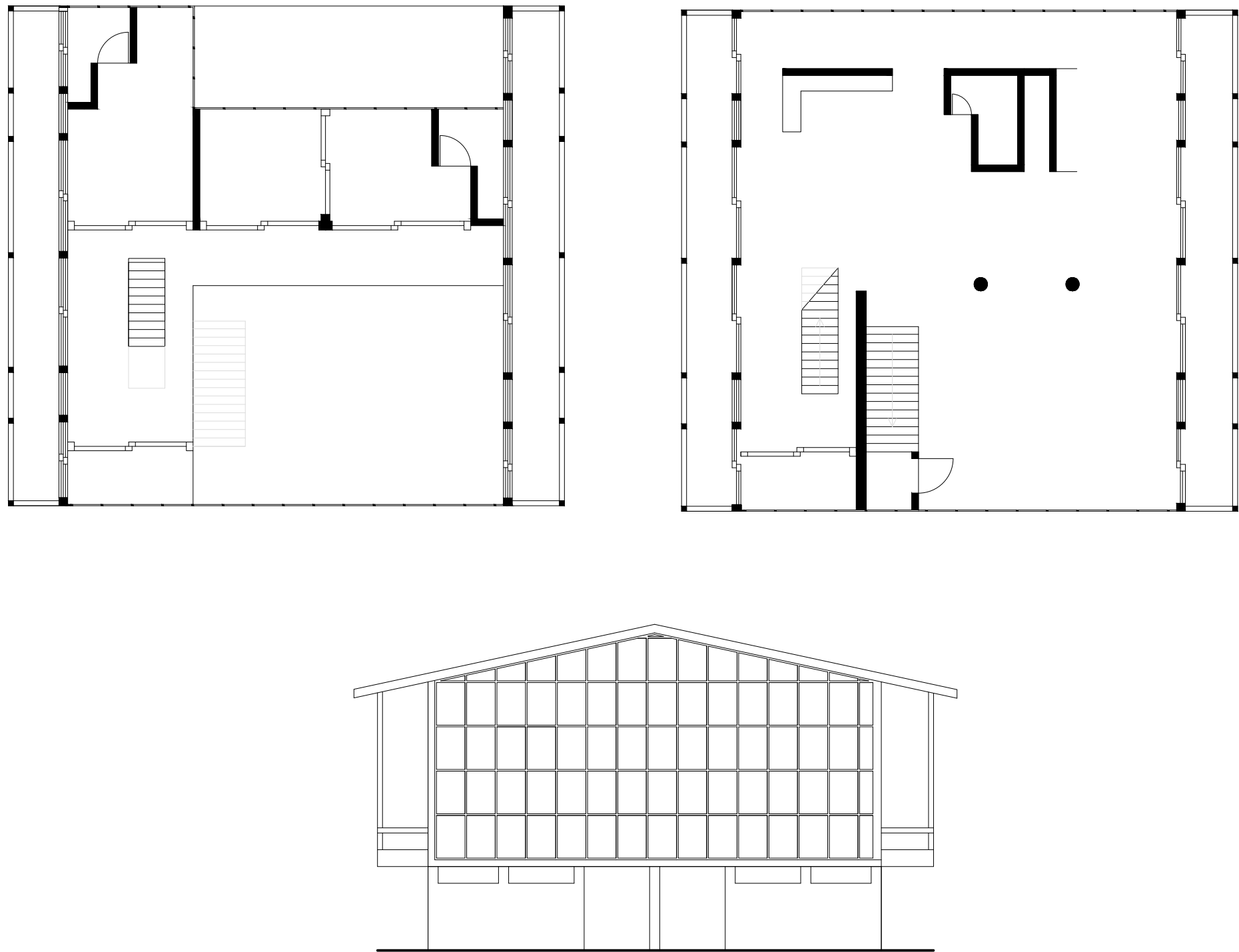
Legenda:
01- Sala de Estar
02- Sala de Jantar
03- Cozinha
04- Quarto
05- Instalação Sanitária



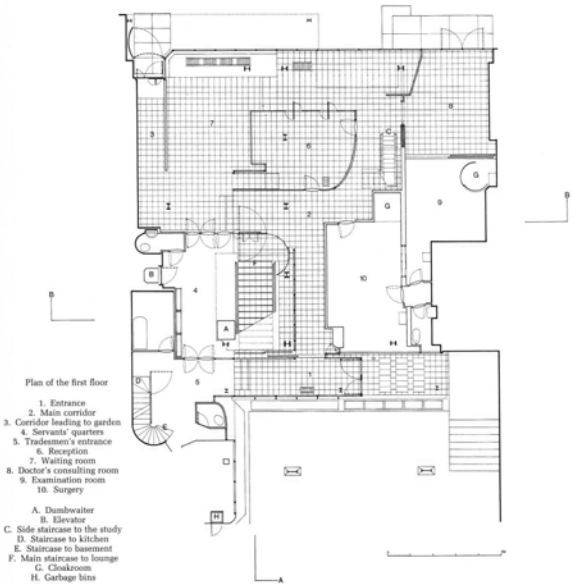
O projeto para a casa híbrida toma como principal premissa a junção da Casa Terra, do arquiteto Byoungsoo Cho, e a Casa hipostila, do arquiteto Miguel Marcelino. As casas possuem características distintas, no entanto o intuito na integração com a natureza é comum em ambas as casas. Para a conceção do projeto, procurou-se analisar os elementos mais notáveis das casas. Na Casa Terra o pátio construído para o céu, a terra e as estrelas. Na casa Hipostila, a estrutura hipostila, marcada pelas colunas e a divisão entre o espaço social e o privado. Como resultado, o híbrido contém uma estrutura totalmente exposta e cria um pórtico em torno da área social interligado pelo pátio para a área privada subterrada. As colunas de betão, de malha irregular de densidades variáveis, tem como objetivo criar simultaneamente fluidez espacial e uma filtragem tridimensional entre os espaços e a paisagem externa.







The hybrid house is a combination of two projects: Maison de Verre by Pierre Chareau and Bernard Bijovet in Paris and Tange House by architect Kenzo Tange in Tokyo. The combination of the two projects is manifested in the characteristics of the hybrid house, which is raised one level above the ground and has free access to the open ground floor. The exterior of the house combines Maison de Verre glass blocks on the west and east facades of the house and glass walls with sliding doors from the Tange House project, which provide access to two balconies on the south and north facades. The interior of the house combines the double space of Kenzo Tange's house and the space of the Chareau project. Thus, the house has a tatami module division while maintaining the incredible living room space with double height and glass walls. The layout of the first floor is similar to that of a Japanese house, with a corridor running around the perimeter of the floor, keeping the kitchen, bathroom and study in the center. Climbing the stairs, we reach the second, more private floor, where there is a master bedroom with a

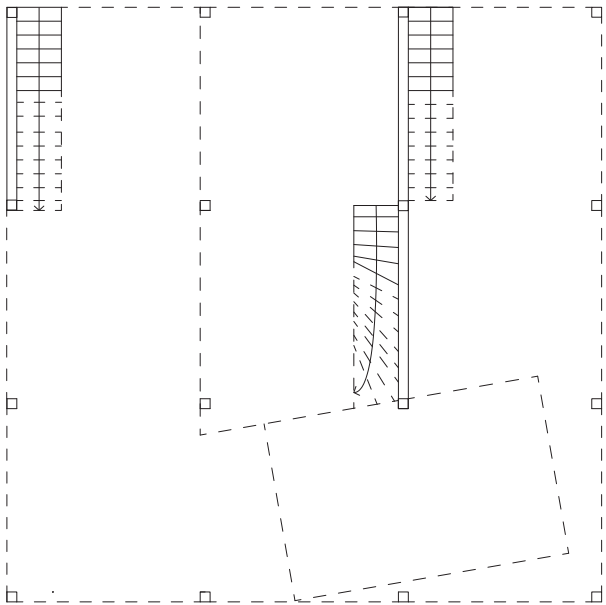


Maison de Verre, Pierre Chareu and Bernard Bijovet, Paris 1928-1932

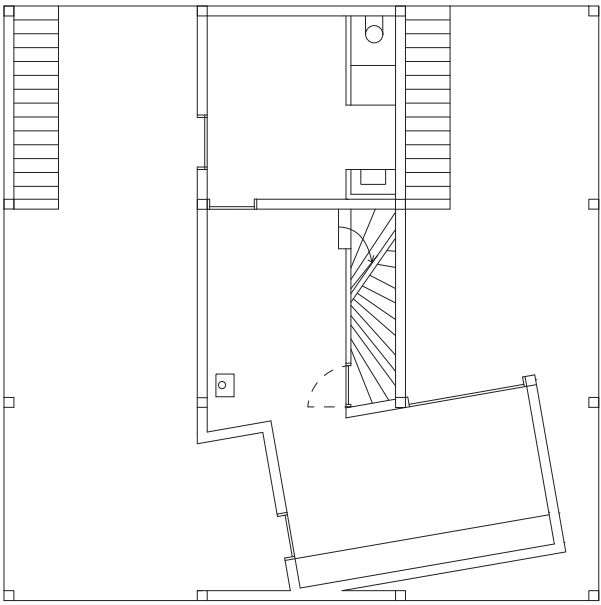
Tange House, Kenzo Tange, Tokio 1953



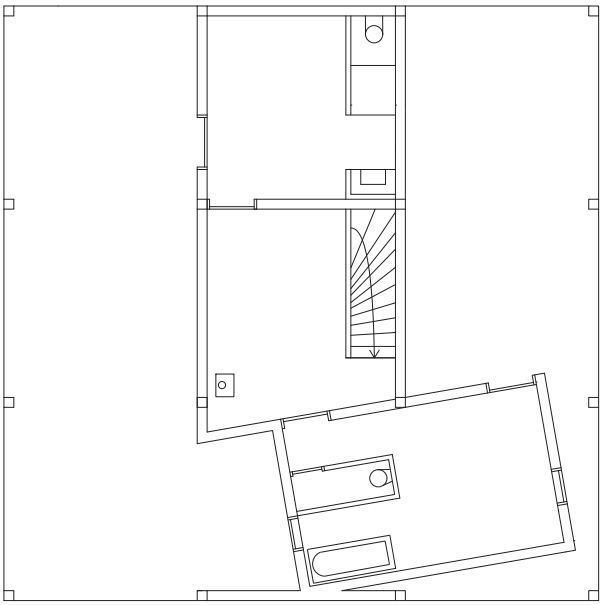
bathroom, a children's bedroom and a guest bedroom with a second bathroom. There is also a small terrace. Similarly to the original projects, the interior of the house is divided by sliding panels to modify the spaces according to the preferences and needs of the owner.



PISO TÉRREO

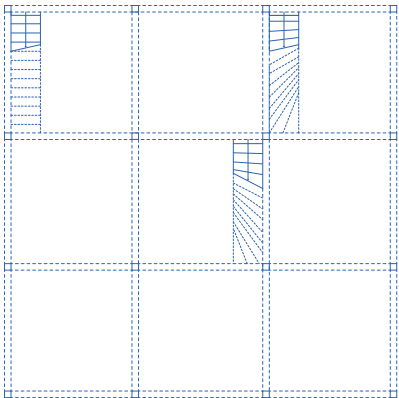
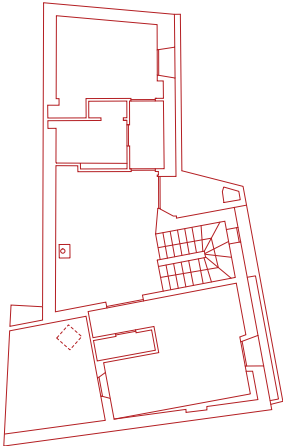


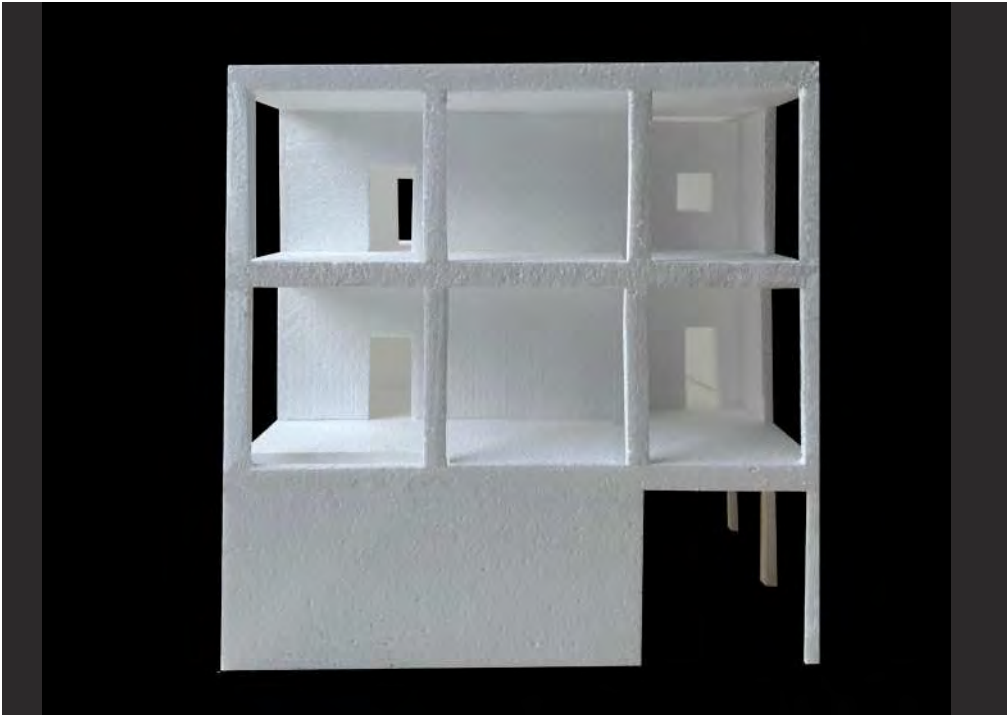
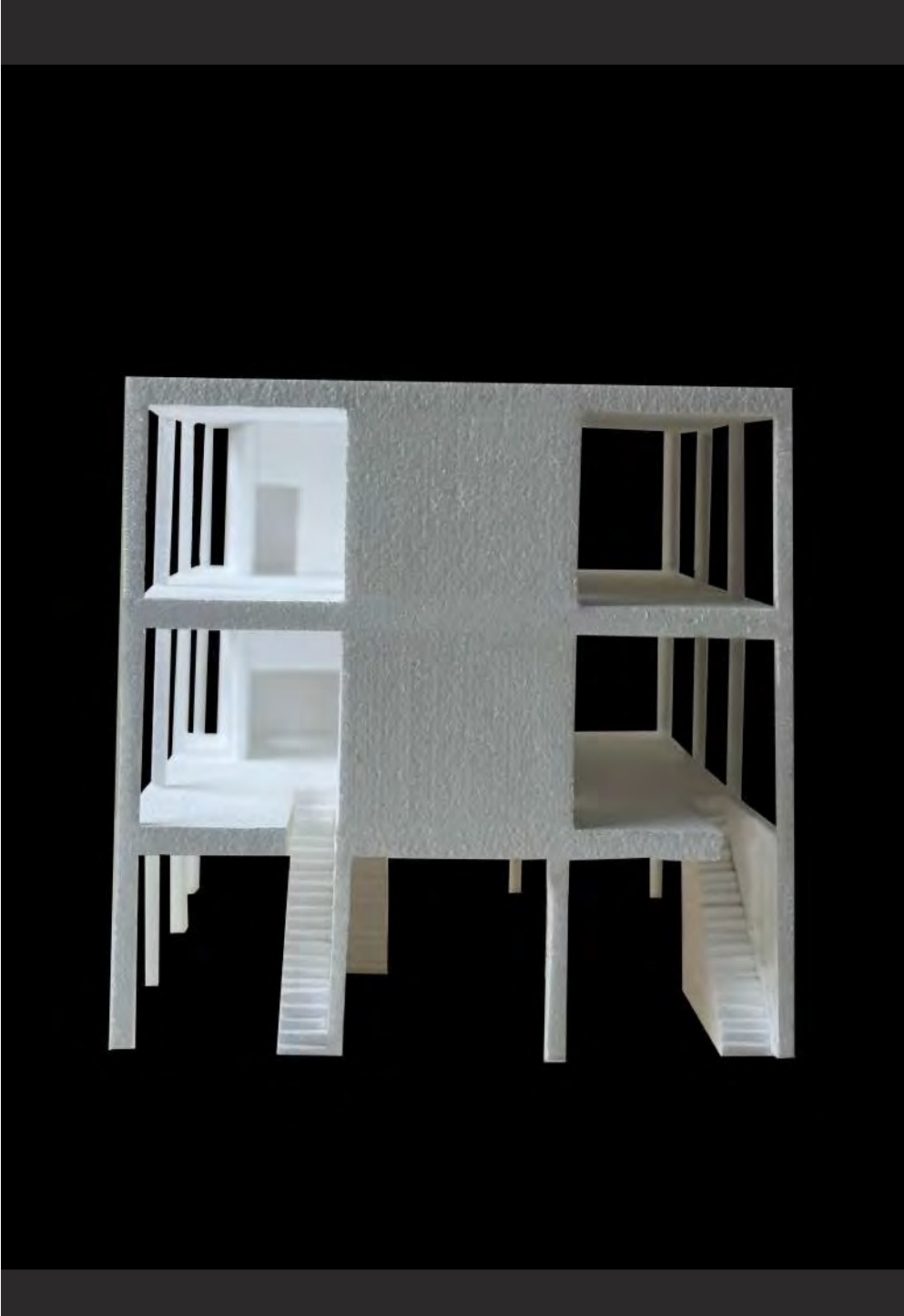
PRIMEIRO PISO

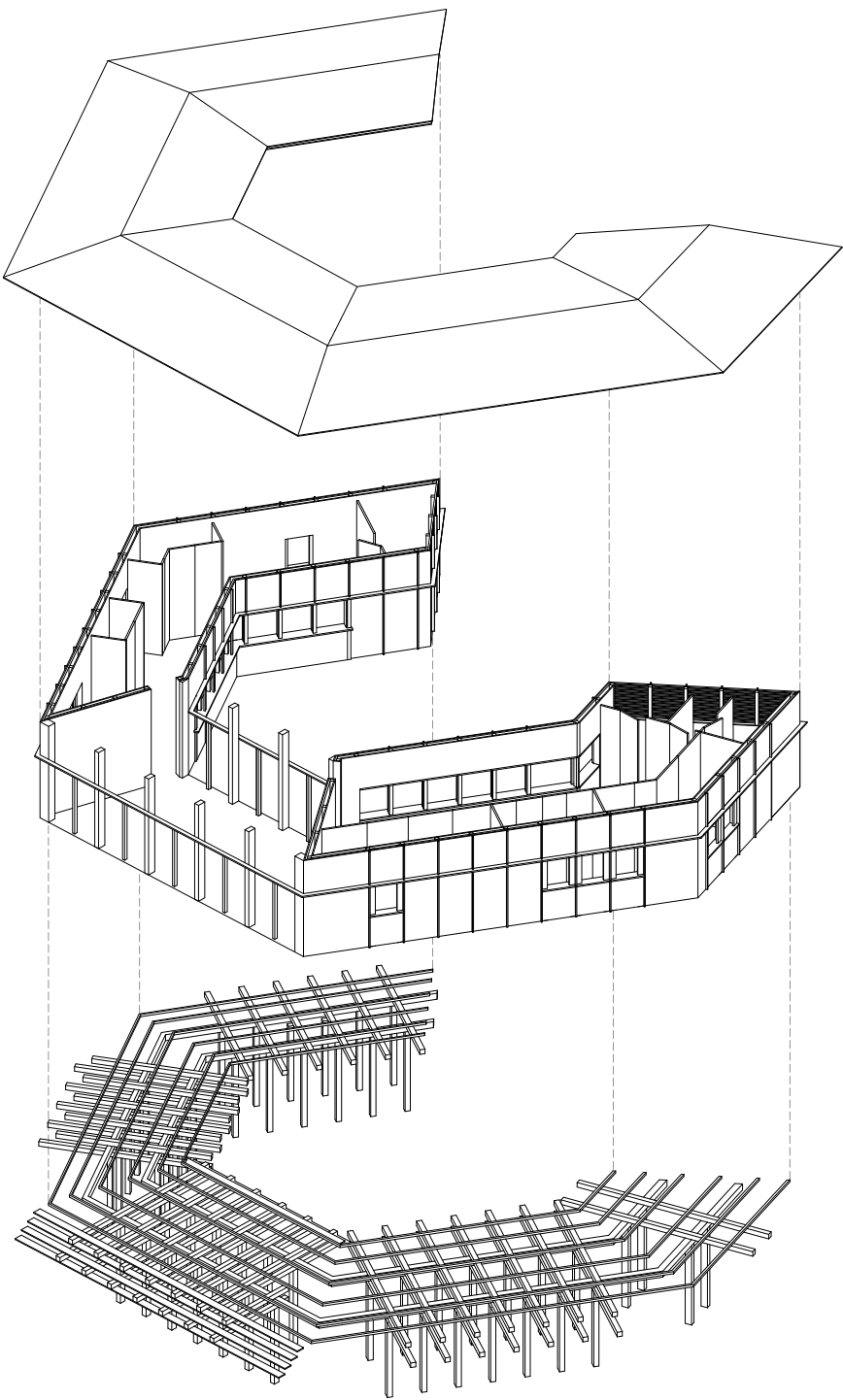
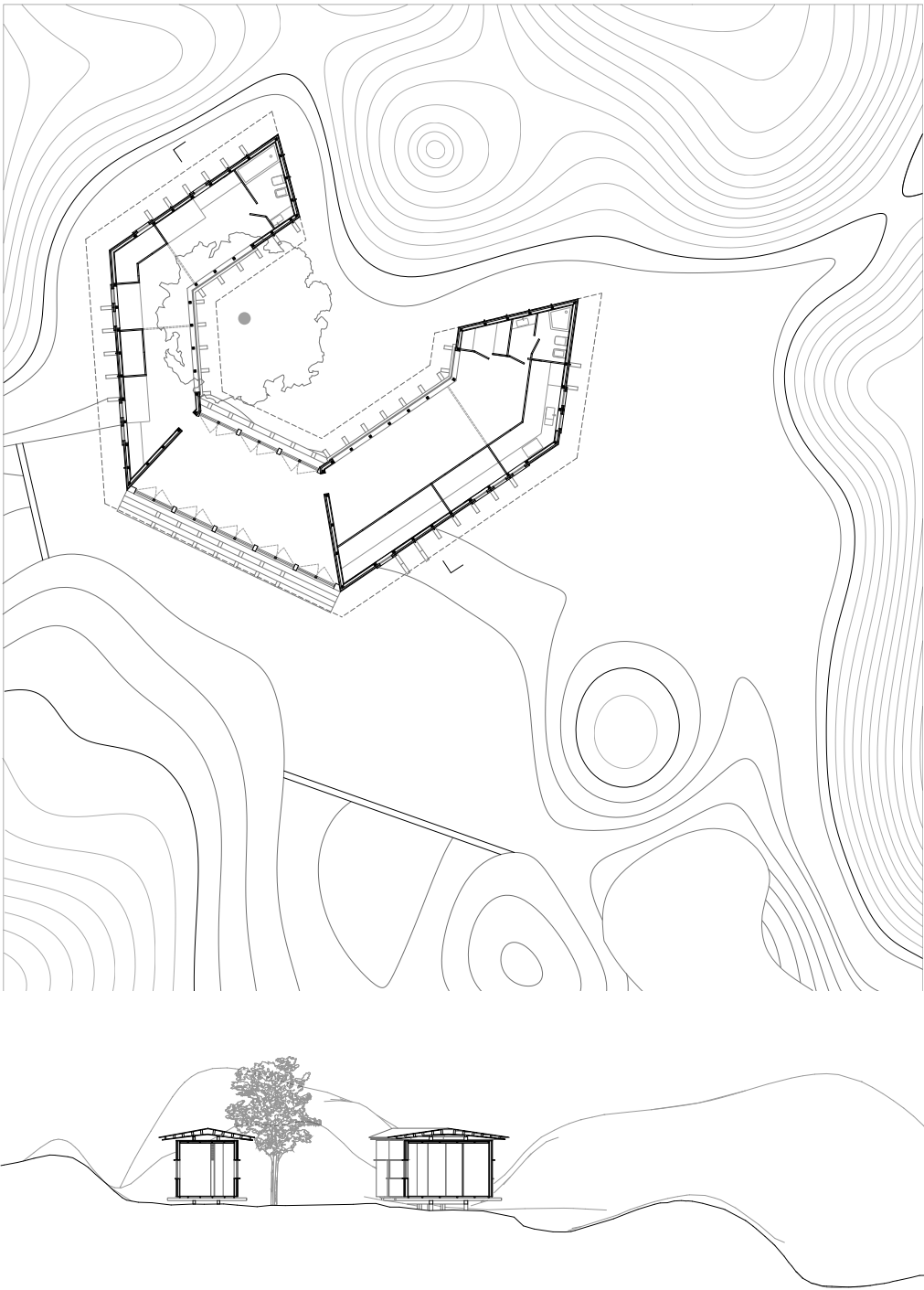


SEGUNDO PISO

A Casa Híbrida busca as principais características e conceitos dos dois casos de estudo previamente escolhidos Casa de férias no Uruguai do atelier Brandlhuber+ e a Casa em Cadaques, Espanha do atelier Sergison Bates. Do primeiro caso de estudo preservou-se a estrutura em betão, o piso térreo desobstruído, as escadas e o seu posicionamento. Já do segundo caso de estudo manteve-se a essência dos dois volumes interligados por uma sala de distribuição associada com uma escada única que conecta todos os pisos. Portanto, ao sobrepor as plantas térreas das duas casas, obteve-se uma primeira ideia do que viria a ser a casa híbrida. Com três escadas no piso térreo; duas delas externas que acedem as varandas laterais e uma interna principal que serve de entrada direta para o volume habitável, mais especificamente, entra dentro da sala de distribuição do primeiro piso que conduz a uma cozinha e a um quarto. Continuando a subir para a sala de distribuição do segundo piso temos acesso a mais dois quartos. Tanto os quartos como a cozinha têm acesso as varandas, tal como acontece na casa no Uruguai.

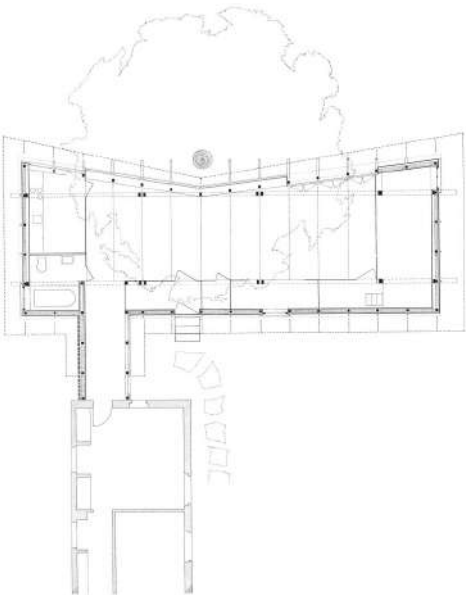




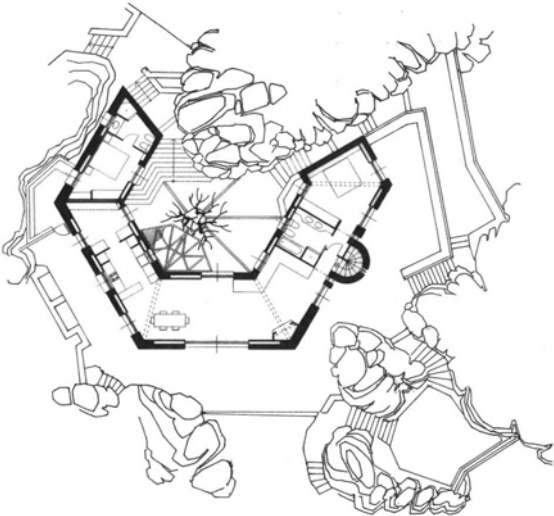


1:200
PLANTAS E CORTE

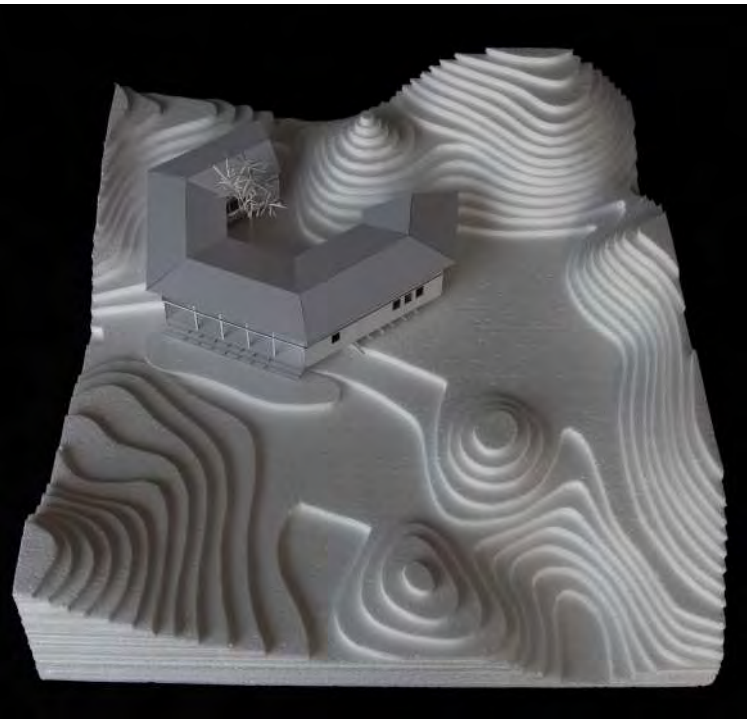
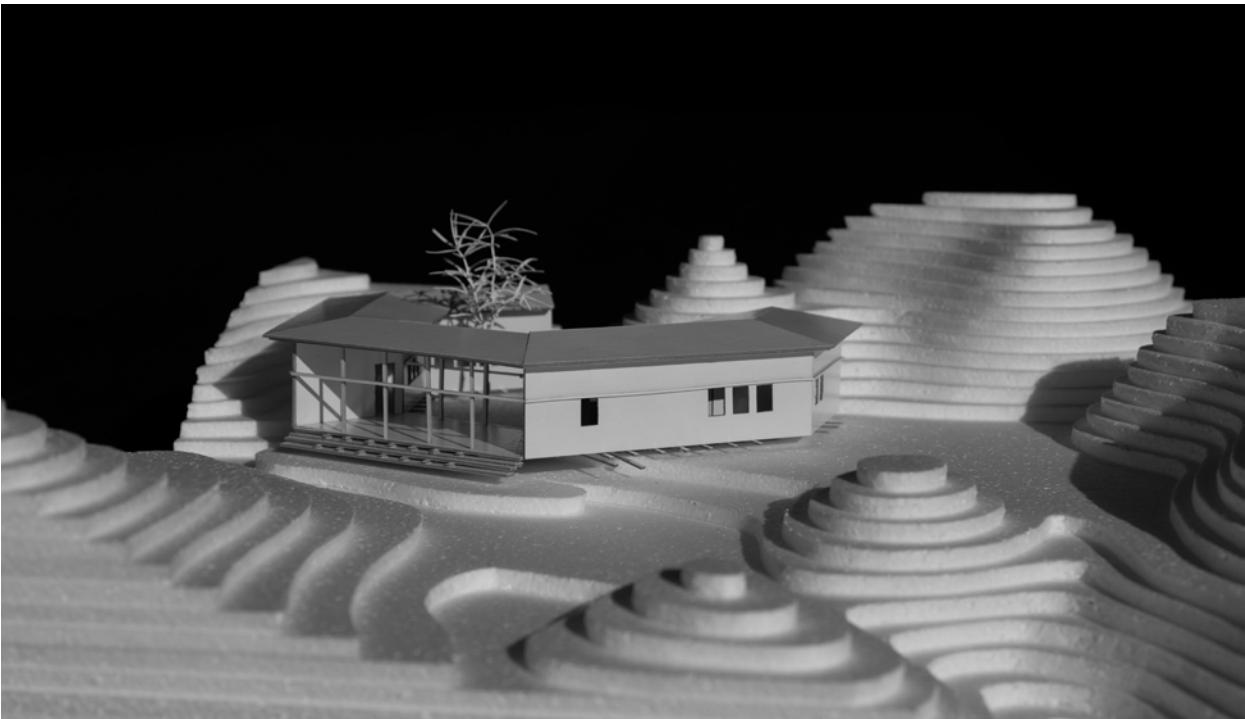
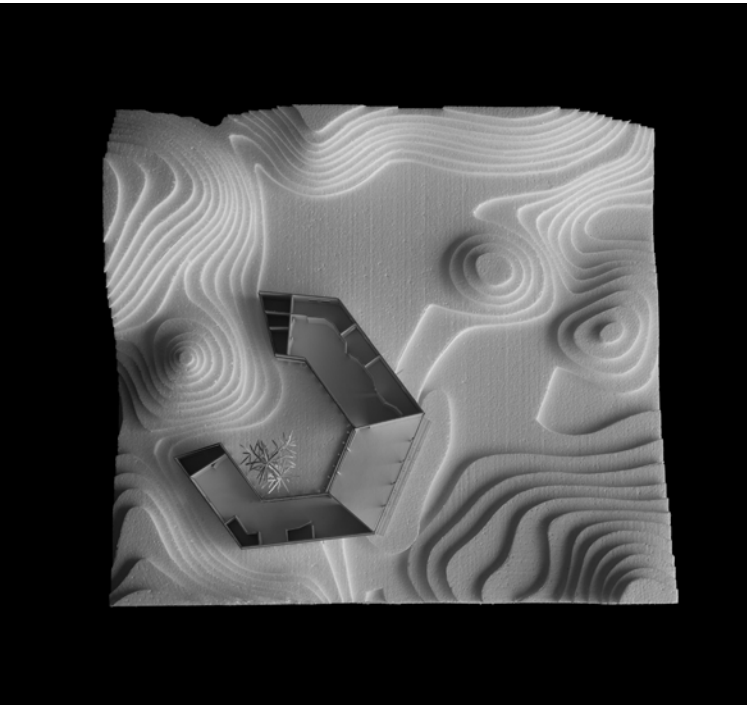
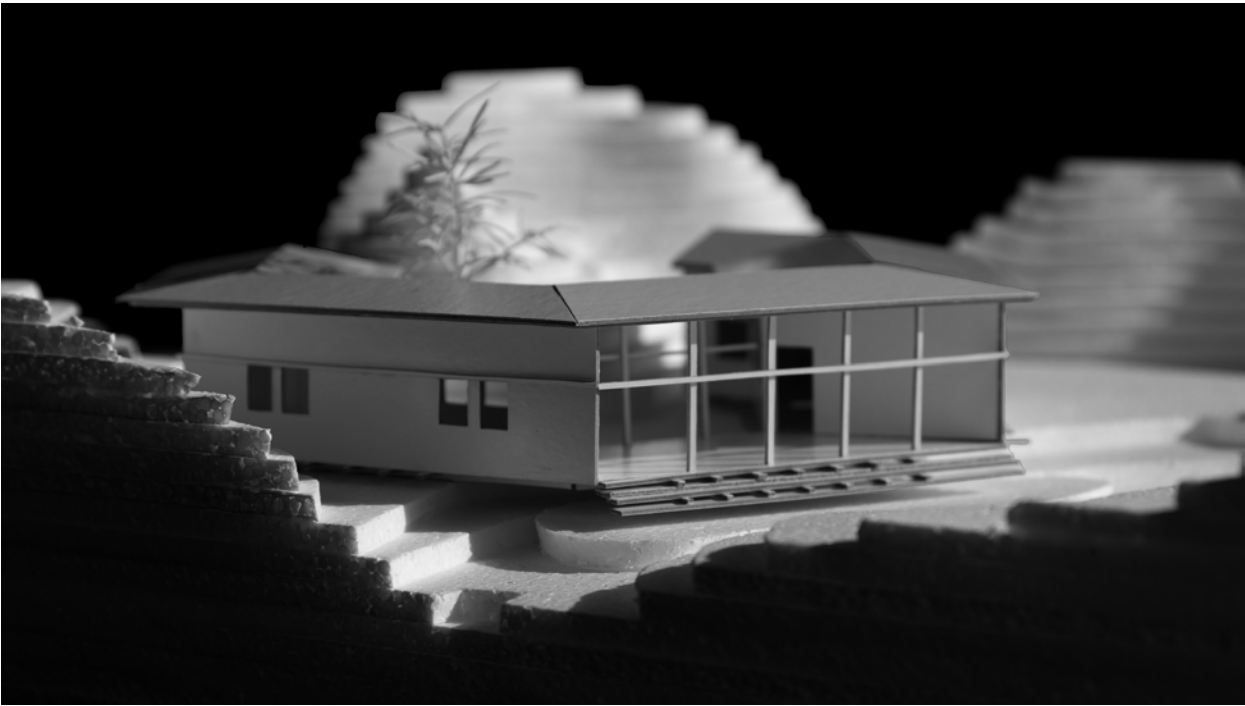
The Hybrid House mixes the fundamental concepts behind the projects of Herzog & De Meuron and Alberto Ponis. The first is a barack-like pavilion standing on projecting sleepers and made of plywood panels assembled in a baloon frame; the second appears as a concave irregular volume perfectly integrated in the rocky landscape of Sardinia. The result of the hybridization is a polygonal architecture whose asymmetry is dictated by the morphology of the site and the presence of a tree in the central courtyard, that seems to force a deformation of the whole volume, pushing it towards the rocks. Employing the Plywood House's constructive method, the house appears suspended above the ground, and never actually touches the rocks, recreating the same dialogue context/architecture sought by Ponis. The interiors are arranged in a continuous sequence of spaces where the services are contained in lateral alcoves defined by folding wallpanels. This design choice allows the customization of the social and sleeping area, where the panels that close the alcoves can eventually create three separate rooms.



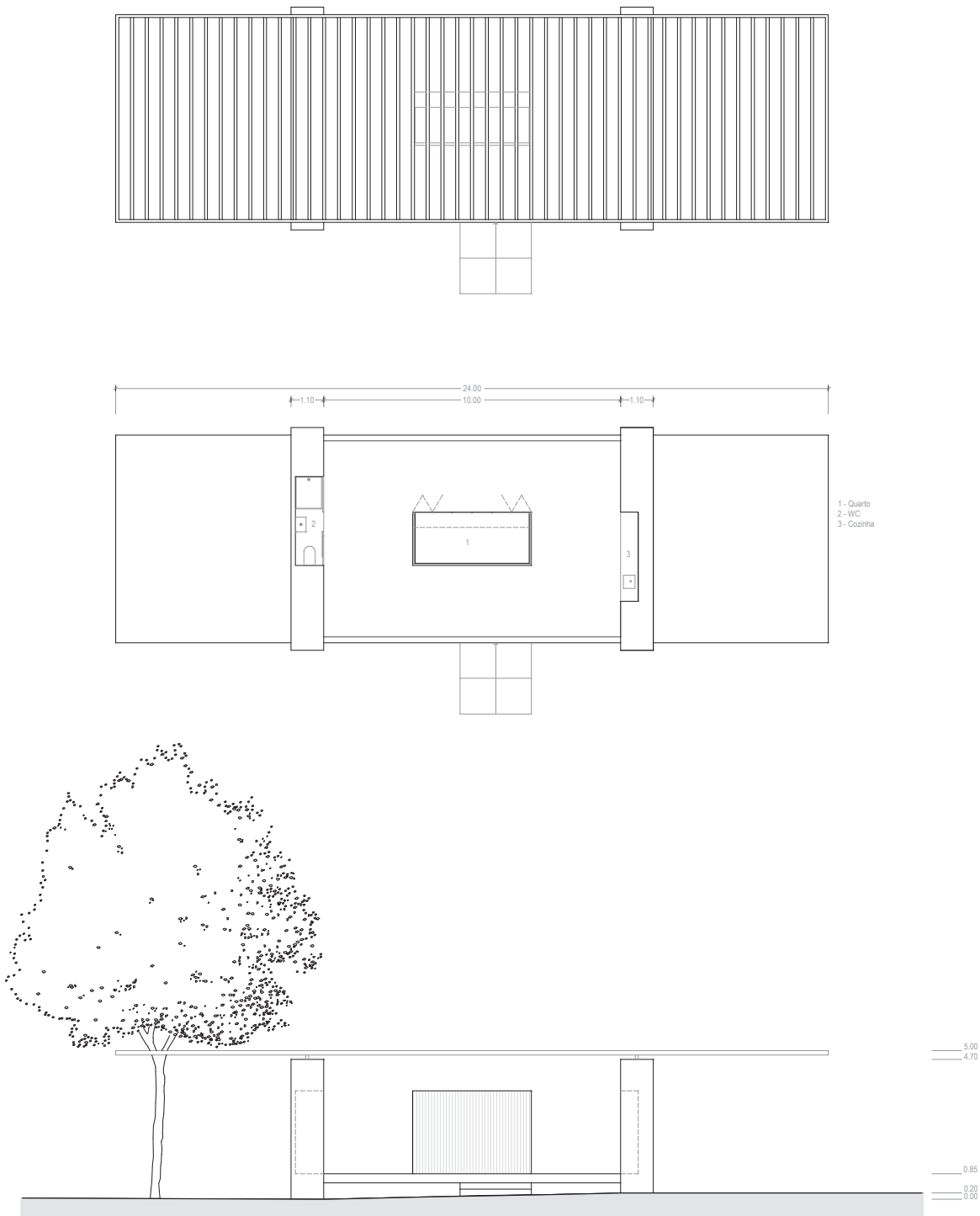
Plywood House, Herzog & De Meuron, 1985



Casa Gostner, Alberto Ponis, 1998

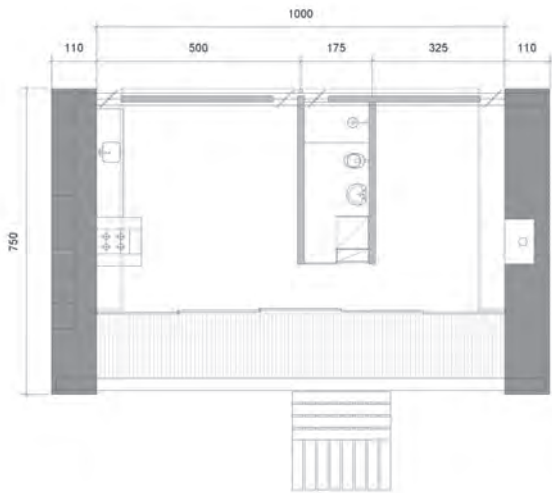


© Tomás Leitão

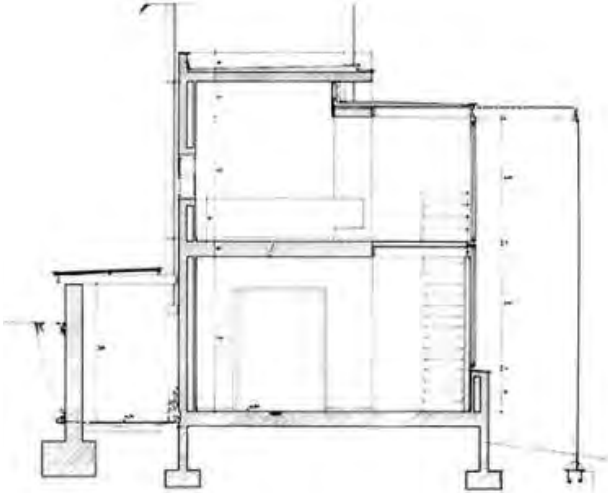


1:200
PLANTAS E CORTE

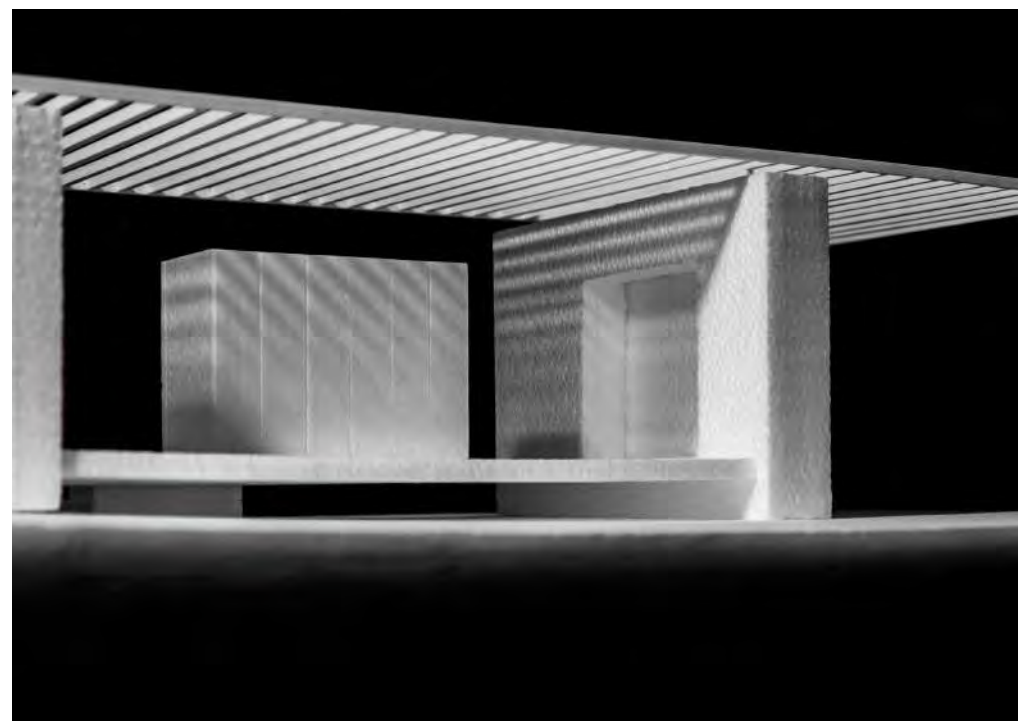
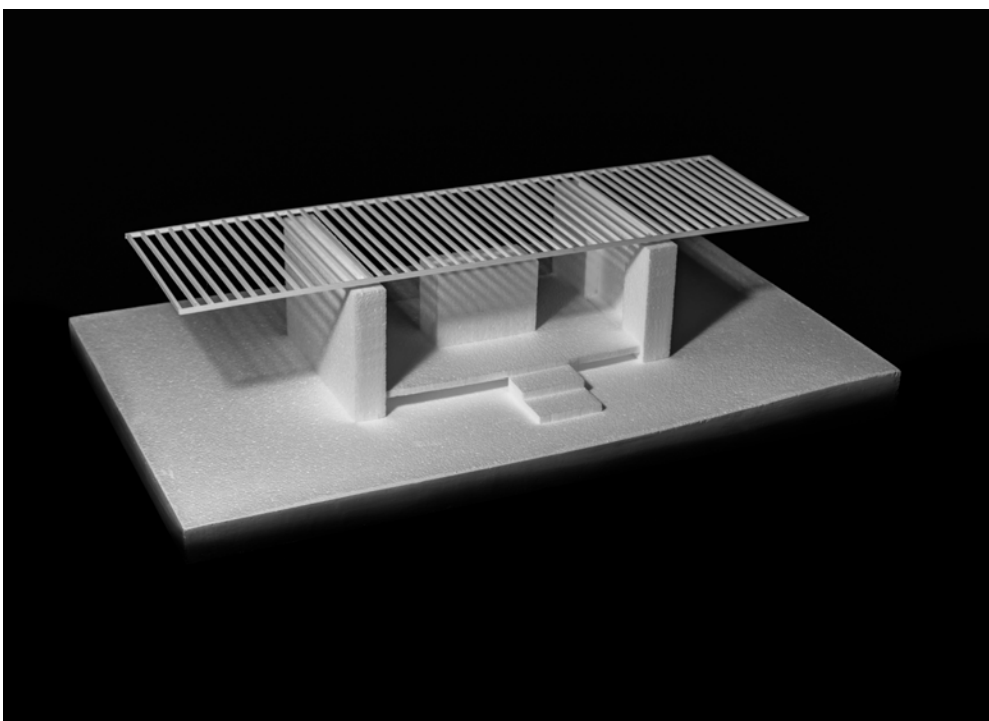
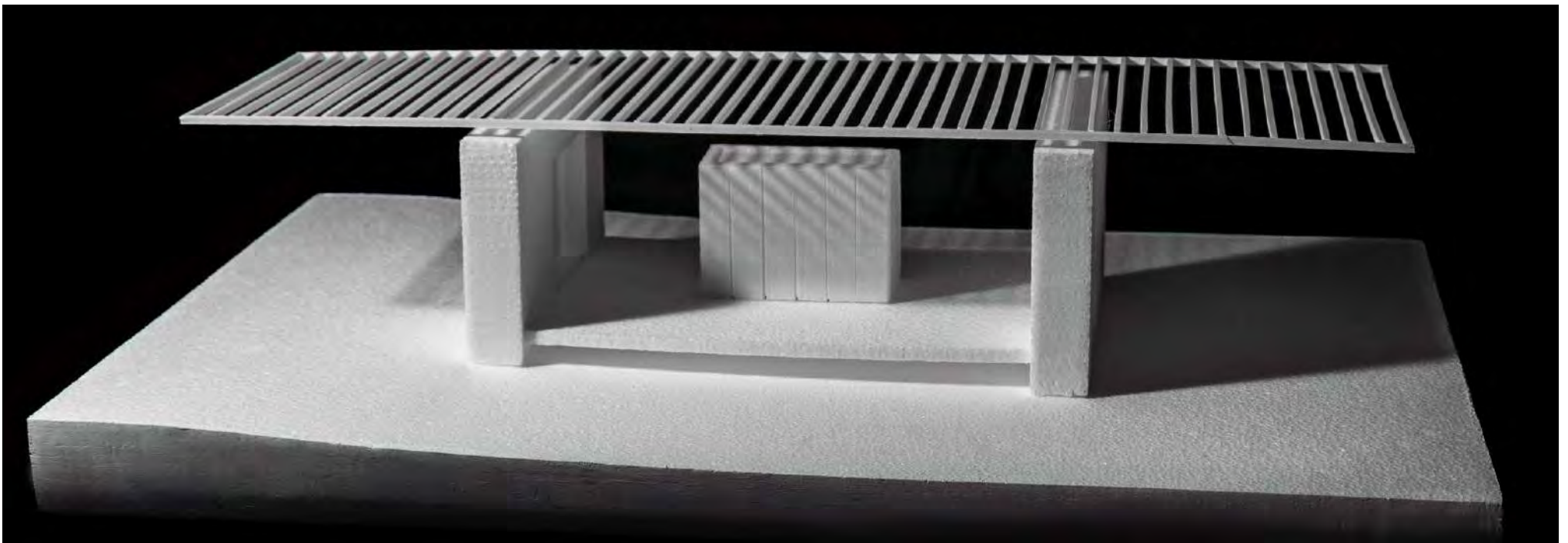
A casa híbrida surge da junção dos vários elementos da Casa Rio Bonito da arquiteta Carla Juaçaba e da Casa Llinàs Carmona do arquiteto Josep Llinàs. Na casa Rio Bonito vemos uma clara decomposição através da materialidade, nomeadamente a pedra e o aço, os quais são trabalhados com o mesmo grau de importância. Esta parte da articulação de duas empenas autoportantes laterais em pedra funcionando de sustentação de 4 vigas metálicas, nas quais se apoiam as lajes de piso e cobertura. Assim conseguimos perceber, que tanto a racionalidade estrutural como a materialização conseguem em conjunto criar diálogos como peso/leveza, industrial/tradicional ou transparência/opacidade. A casa Llinàs Carmona decompõe-se volumetricamente, num volume opaco e um transparente, existindo uma perceptível fronteira entre dois espaços distintos. Esta fronteira estabelece-se não só através da materialidade, mas também da luz, das cores, do o uso, da natureza e até mesmo do som. O volume opaco virado para a rua é onde se localiza o programa, enquanto que o volume transparente localizado a este é uma zona de liberdade



Casa Rio Bonito, Carla Juaçaba, 2005



Casa Llinàs Carmona, Josep Llinàs, 1978-1980

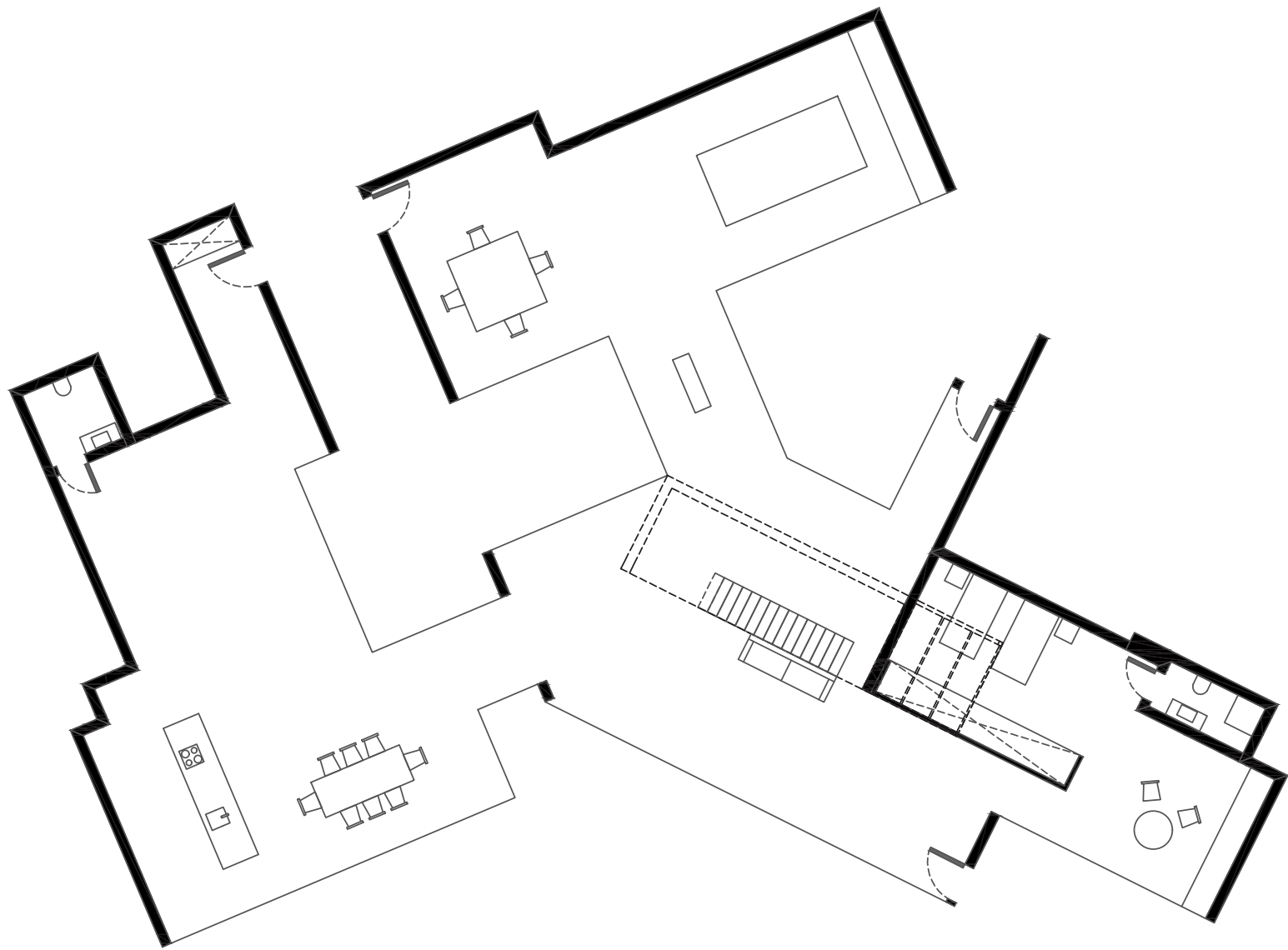


© Tomás Leitão

programática e espacial.

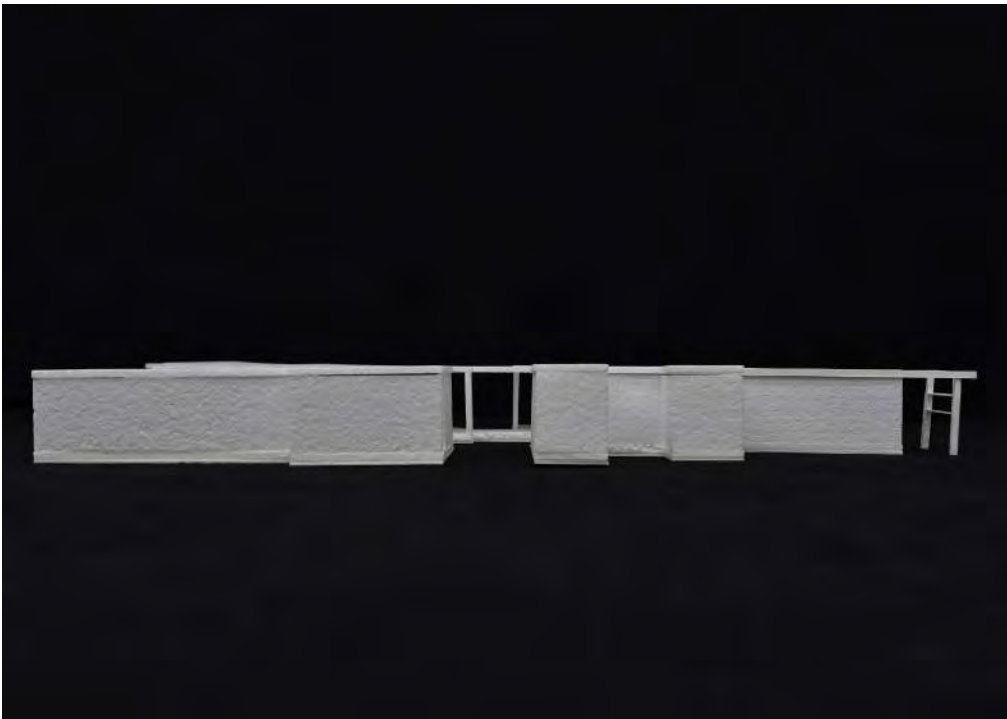
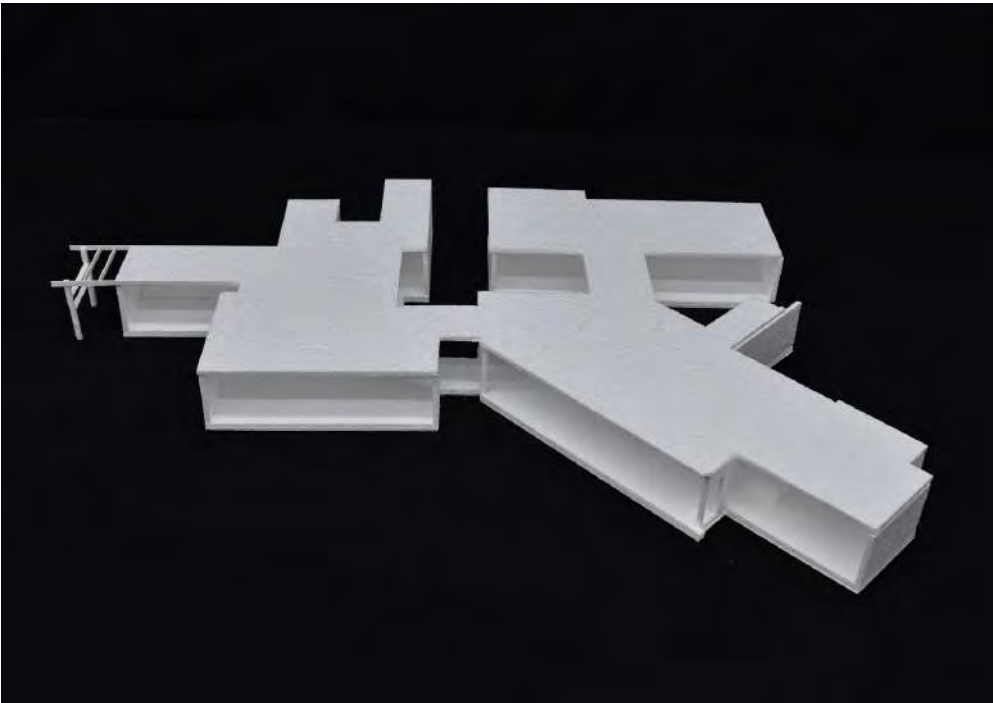
A casa híbrida propõe conservar a geometria da “Casa Entre Muros”, bem como as suas características materiais nomeando os muros de pedra como elemento principal juntando-lhe a leveza da pérgula metálica da “Casa Pér-gola”. Assim, através destas duas casas nomeiam-se três ideias principais: a junção dos materiais leves e pesados como o muro de pedra e a pérgula, a separação volumétrica de áreas que integram o programa e a liberdade espacial dada pela desintegração do volume da Carla Juaçaba dos muros de pedra. A junção da pérgula permite que se crie um espaço aberto conservando matéricamente esta ideia de liberdade espacial. Ao mesmo tempo, pretende-se que o volume programático exista tal como acontece na Casa Llinàs Carmona.

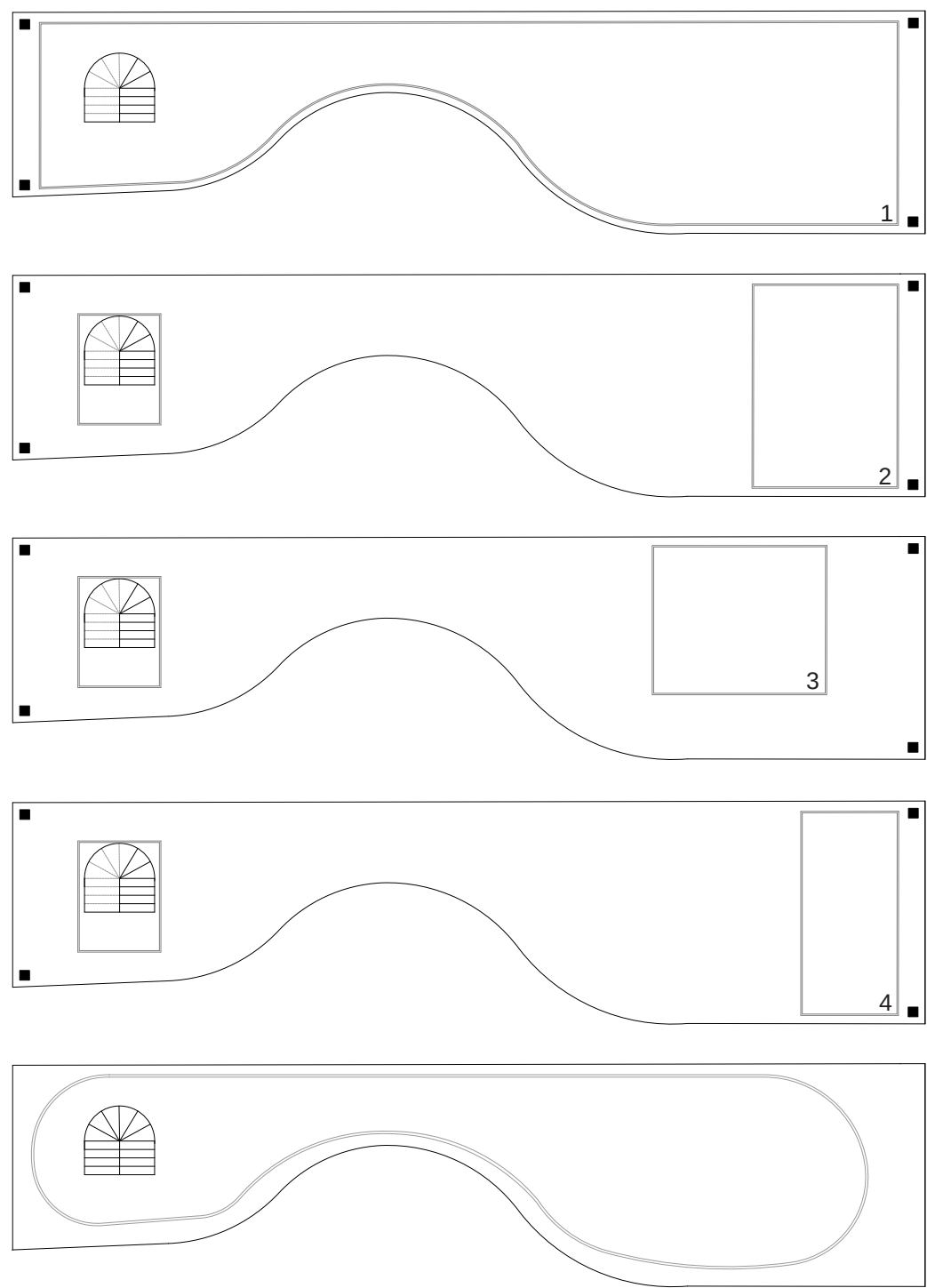
Assim o programa é resolvido em três volumes, dois muros de pedra habitáveis, que resolvem programa da cozinha e instalação sanitária e um volume centralizado



A Casa Híbrida resulta da junção da casa VDL (Richard Neutra, Los Angeles, Silver Lake, 1933-1965), da qual se destaca a geometria bastante definida, a ausência de ornamentação e o intenso contacto com a Natureza. A Casa O (Sou Fujimoto, Chiba, Japão, 2007), de onde foi retirada a ideia de percurso, a alta relação com o Oceano que se sente por toda a casa e a planta totalmente livre e irregular. A Casa Híbrida aqui proposta resulta precisamente da junção destes conceitos, procurando utilizar os cinco pisos da casa VDL, como módulos independentes que formam uma planta livre e irregular, não perdendo o importante contacto com a Natureza, da casa VDL, através da utilização de dois pátios interiores, e com o Oceano, como a casa O através de toda a frente totalmente aberta para o mesmo. No seu interior, a sua estrutura organiza-se com funções bastante semelhantes às existentes na casa O, porém aproveita o espaço que sobra para um atelier, como observado na casa VDL.







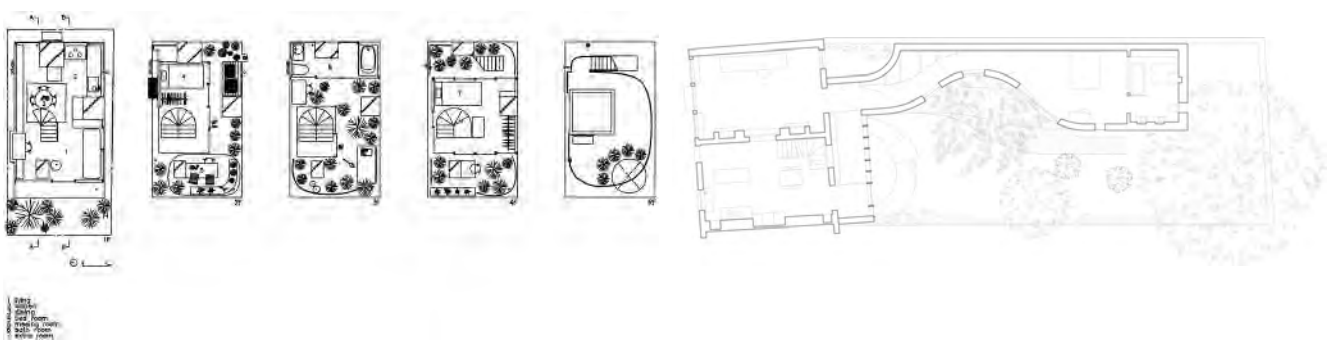
- 1. Sala de estar/ Cozinha
- 2. Casa de Banho
- 3. Quarto
- 4. Escritório

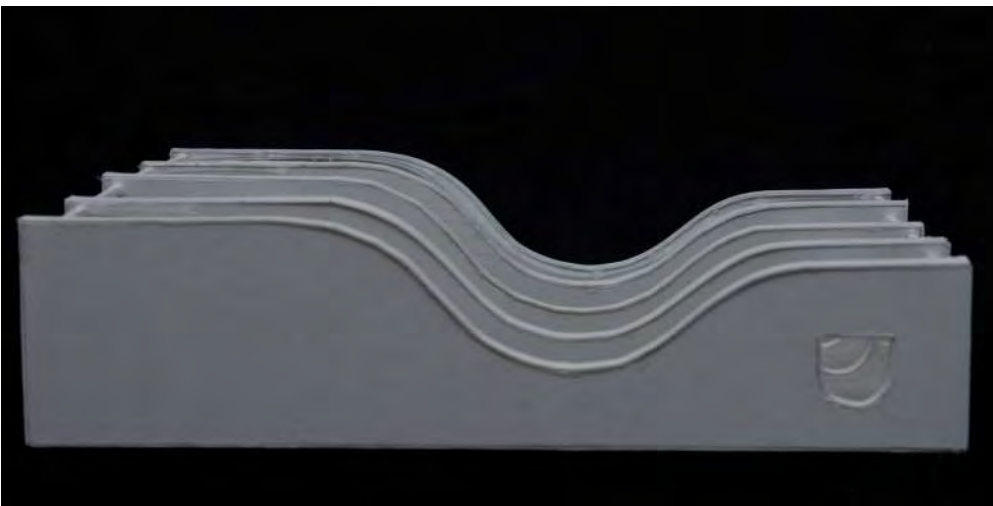
A Casa Híbrida procura utilizar as principais características e conceitos dos casos de estudo, Casa Jardim do arquiteto Ryue Nishizawa, e a Casa Árvore dos 6A architects.

Na obra do arquiteto Ryue Nishizawa observa-mos um conjunto de cinco plataformas, sobrepostas criando um edifício sem paredes e apenas com espaços cobertos por painéis de vidro. O que cria uma grande ligação com os jardins existentes em todas as plataformas e com o exterior.

Na Casa Árvore é notório a sua geometria única criada devido do contorno de uma árvore pré-existente e um grande corredor em rampa que conecta a casa original com o quarto na Casa Árvore.

Ambas as casa têm uma grande conexão com o exterior e um grande uso da luz natural dentro dos espaços. A Casa Híbrida propõe conservar a geometria da planta da Casa Árvore reproduzindo-a em cinco plataformas de betão. mantendo o sistema de acessos da Casa Jardim interligando-se com o o corredor da Casa Árvore criando





© Tomás Leitão

**CASA
DUPLA**

CASA PÁTIO

Muro
Céu

Afonso Penetra





1:500 N
PLANTA DE IMPLATAÇÃO

A Casa Amarela, localiza-se na Serra da Arrábida. Este projeto situa-se num terreno singular e com uma vista privilegiada sobre a serra da Arrábida. O arquiteto, Francisco Silva Dias, desenhou esta casa sendo uma casa de férias, um refúgio para fugir da cidade. A casa relaciona-se com a envolvente e evidência a ideia de interior-exterior. Feita para ser vivida num clima de emoção e alegria. É um único espaço interior com uma cozinha, instalação sanitária, quarto e uma sala. Tem um mezanino e uma plataforma que serve de terraço. A plataforma comunica com o interior da casa através do seu pavimento único e pelo vão de canto que abre na sua totalidade, fornecendo uma vista desafogada para quem se encontra dentro de casa. Só existem duas portas no seu interior: a da instalação sanitária e a do quarto, quarto este, que está ligado à sala através de um vão. Tudo isto cabe num cubo, com sete metros de aresta, cortado pelo plano oblíquo de uma cobertura de uma só água. Os vãos da casa criam uma ligação extremamente forte com o espaço exterior.

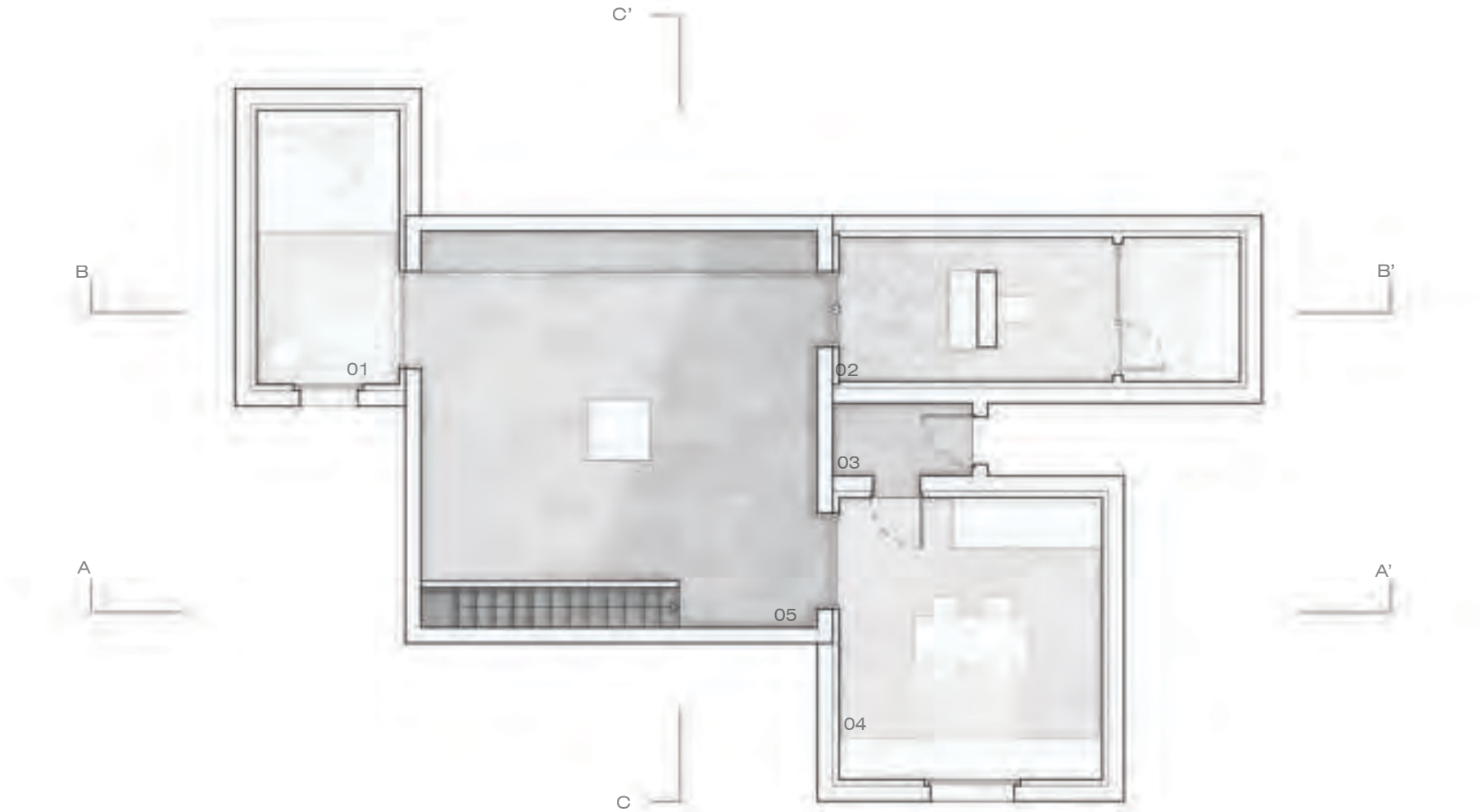
.



Vista da Casa Amarela



Vista da Casa Dupla



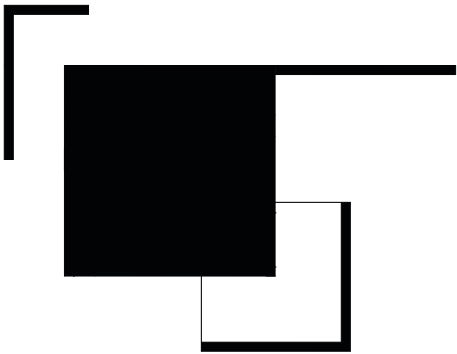
PLANTA PISO TÉRREO



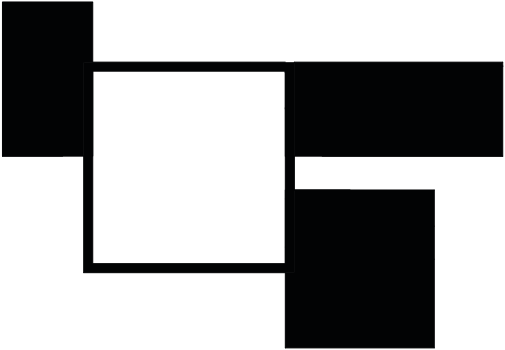
- 01. Quarto
- 02. Instalação Sanitária
- 03. Hall
- 04. Cozinha e Zona de Refeições
- 05. Pátio
- 06. Cisterna

1:50
PLANTA -1 CISTERNA

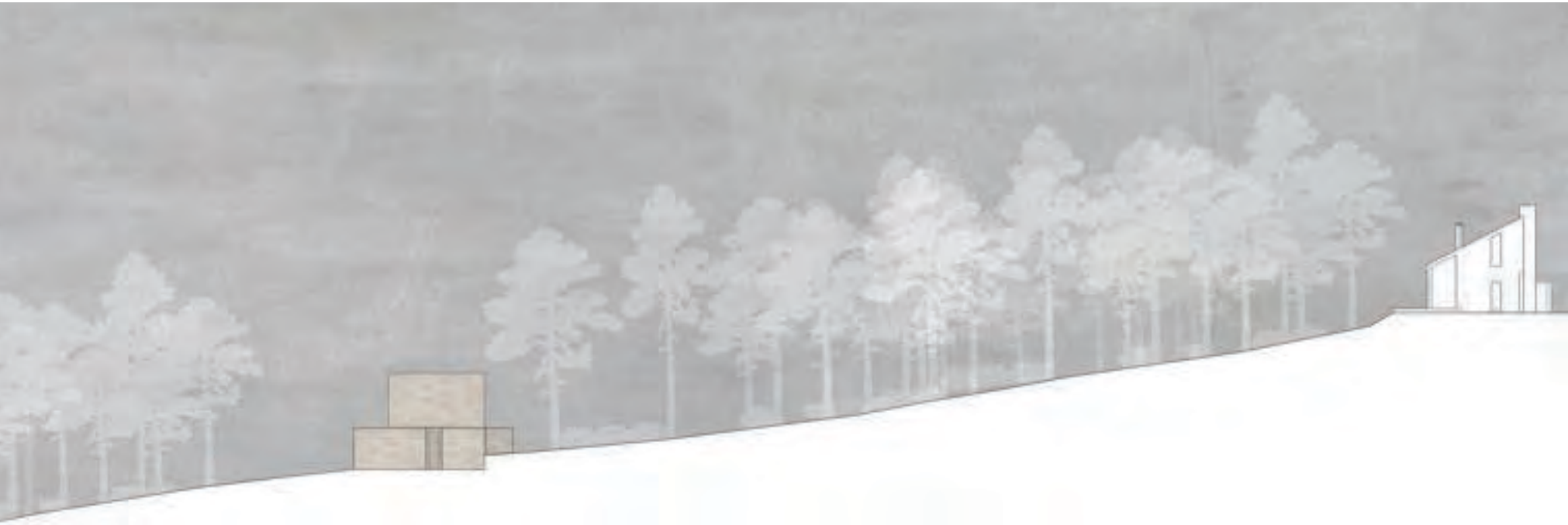
A Casa Dupla é uma interpretação da geometria original da Casa Amarela, transformando o volume da Casa Amarela num vazio e conferindo aos espaços exteriores delineados pelos muros, a função de espaços interiores. Desta inversão, surge então um pátio que se ergue 7 metros, interligando os três volumes autónomos da Casa Dupla. A cada um dos volumes é atribuído um programa diferente, ou seja, um primeiro volume acomoda um quarto, o segundo integra uma instalação sanitária, enquanto que o último volume está destinado à área mais social da casa, contendo uma cozinha, uma zona de refeições e um lugar de estadia. A ideia chave da Casa Dupla é a vivência do pátio, sendo este o ponto principal do trabalho adquirindo um valor de área de estar principal. A Casa Amarela apresenta-se com o seu ponto de vista direcionado para a Serra da Arrábida e em contraponto, a Casa Dupla projeta a vista para o céu, tentando procurar uma verticalidade que eleva a experiência no habitar. Por fim, o projeto conta ainda com a presença de uma cisterna a uma cota inferior, integrando os limites do pátio para fazer o seu de senho, esta cisterna será principalmente alimentada pelas águas pluviais e pelos fluxos subterrâneos, sendo posteriormente tratada podendo então ser utilizada por quem habitar este espaço.



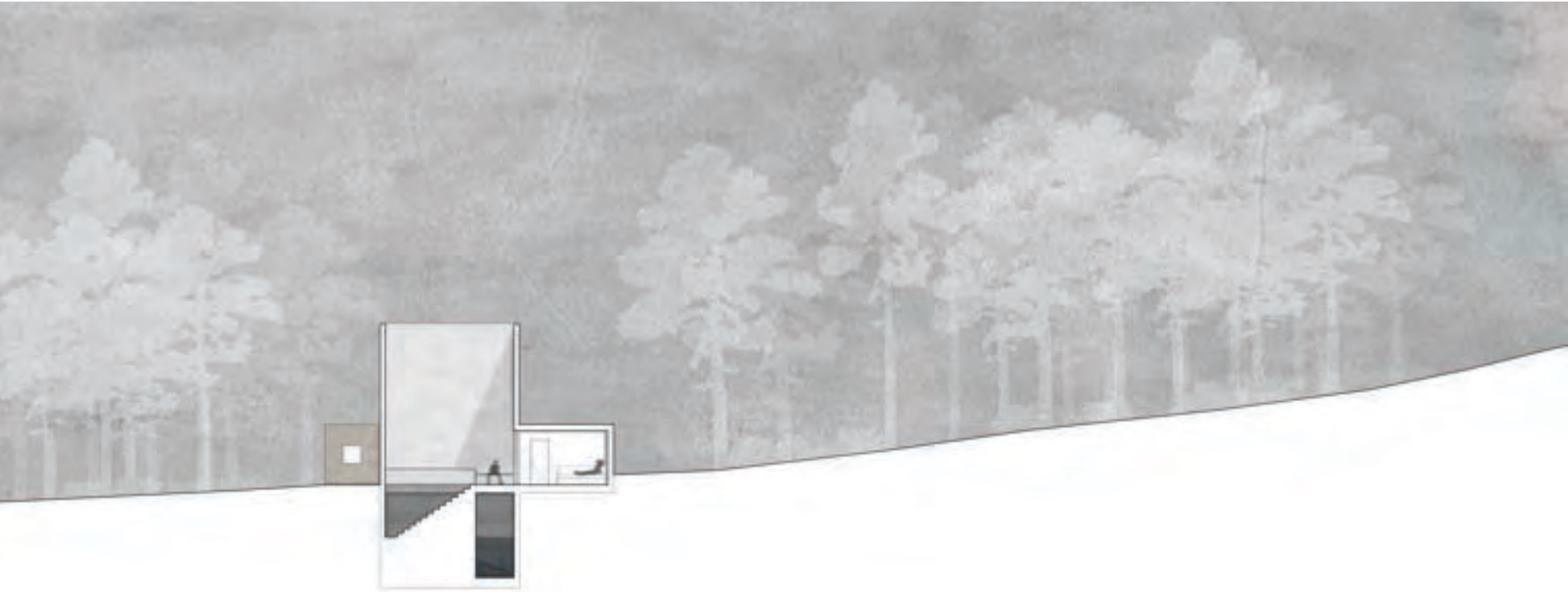
Esquema Casa Amarela



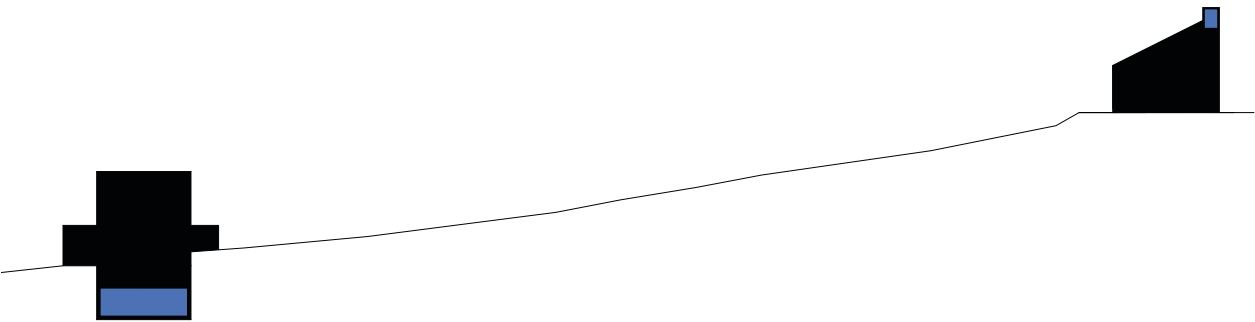
Esquema Casa Dupla



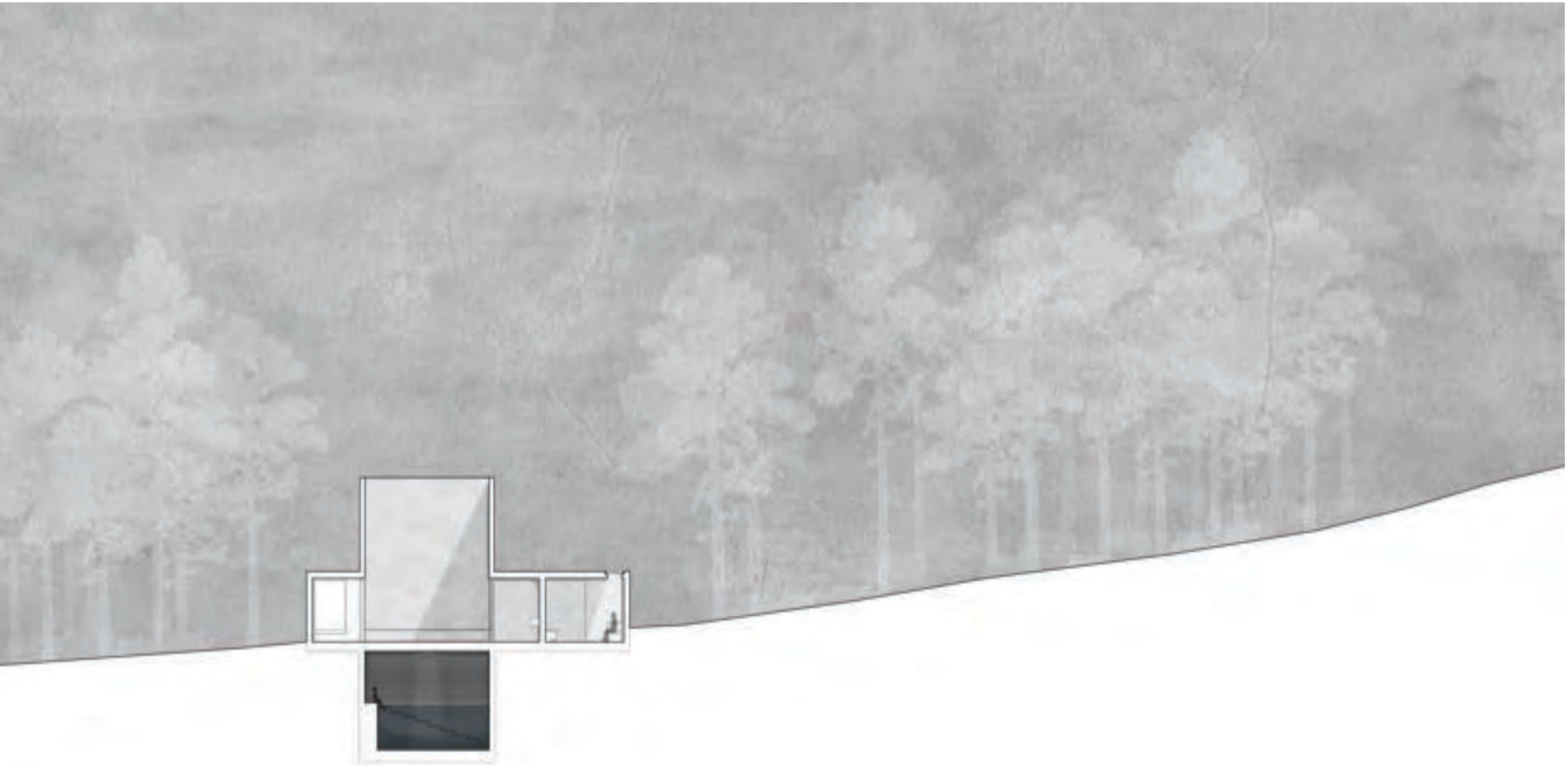
1:200
ALÇADO LATERAL



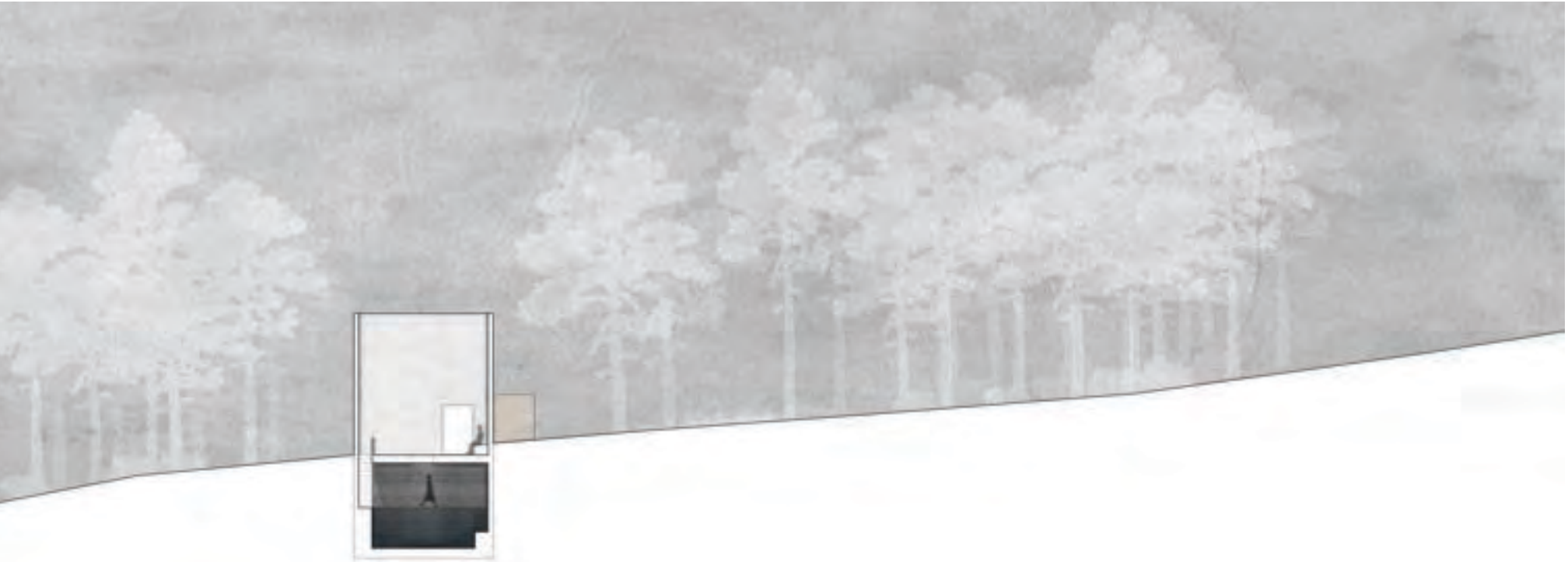
1:100
CORTE AA'



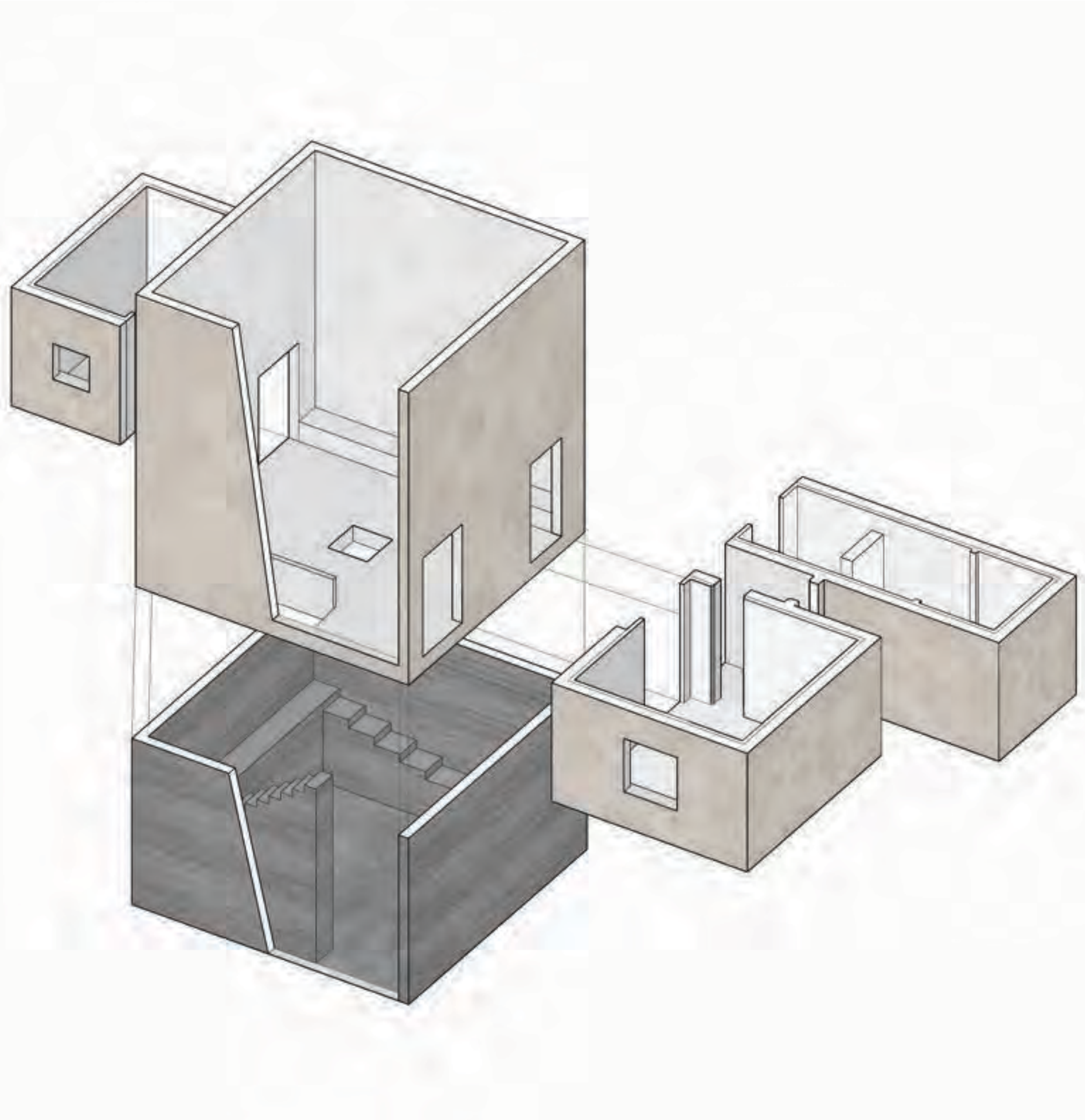
Inversão do reservatório de água



1:100
CORTE BB'

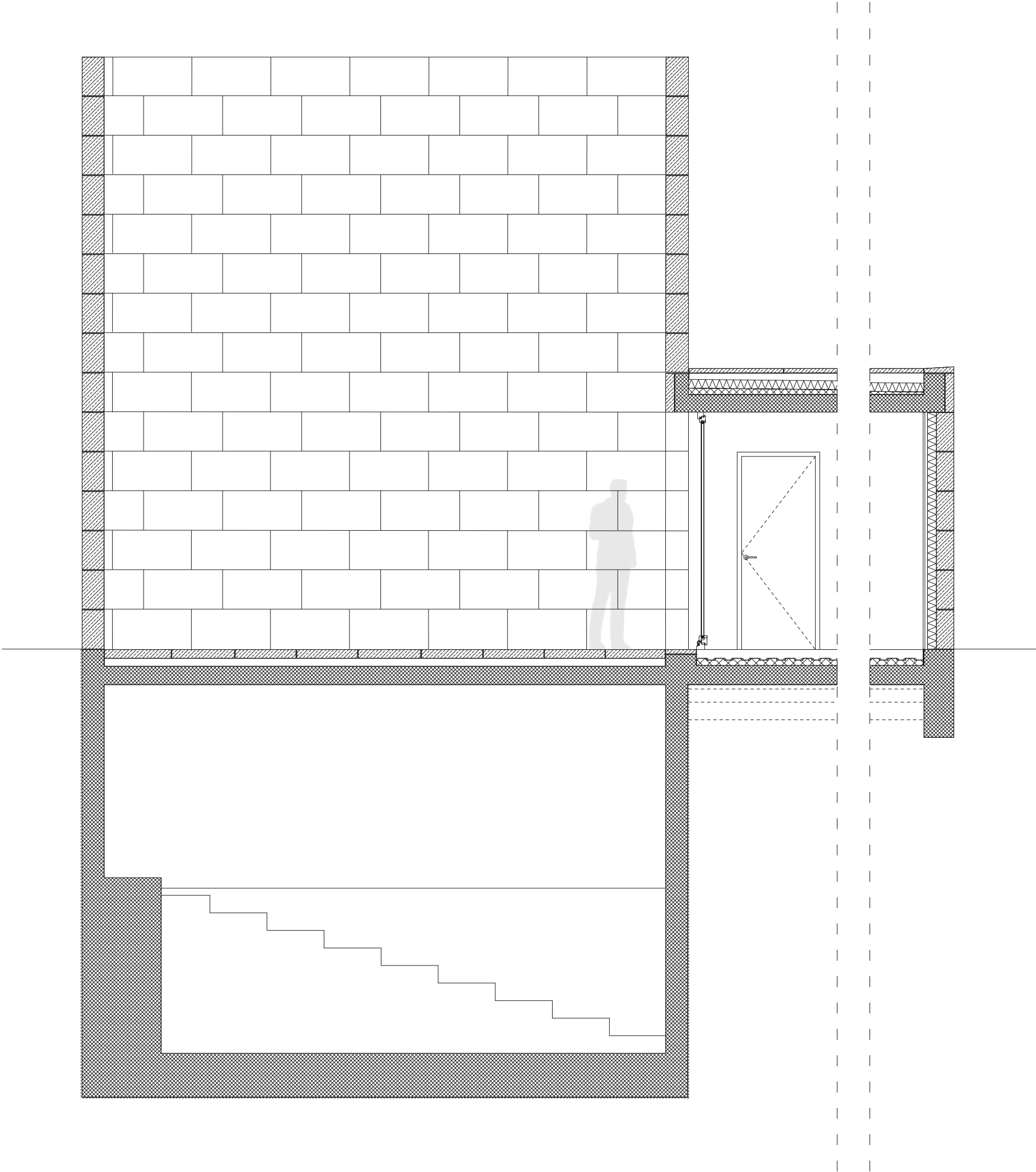


1:100
CORTE CC'



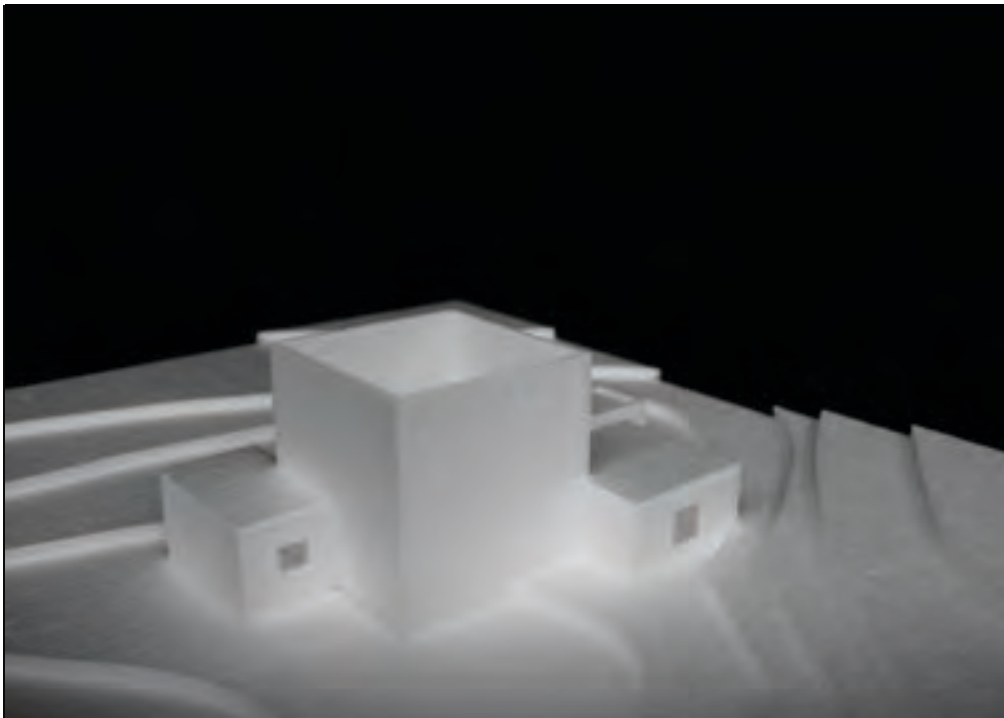
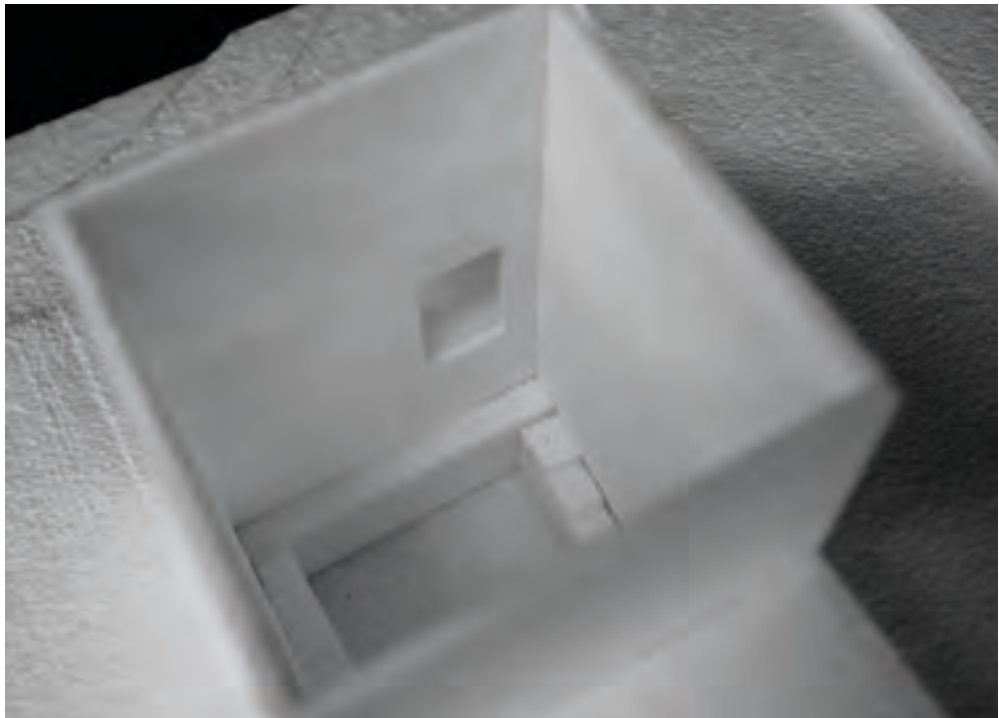
AXONOMETRIA EXPLODIDA

A abordagem construtiva para este projeto baseia-se primariamente na utilização de pedra calcária como material estrutural principal. Para a utilização deste material, recorre-se ao uso do recurso já previamente explorado pela pedreira que se encontra perto do local de intervenção de projeto. Inspirada na solução construtiva adotada por Jorn Utzon na Casa Can Lis, a Casa Dupla será erguida como um maciço de pedra. Vigas de betão armado serão empregadas para aliviar a carga das paredes do pátio. Na fachada externa da casa, o material será mantido na sua expressão original, enquanto que no interior do pátio será revestido com cal, permitindo a reflexão da luz e, consequentemente, iluminando os demais espaços. Os espaços internos contarão com pavimento em betão pigmentado de branco e placas de pladur na mesma tonalidade, proporcionando um ambiente luminoso. Para a construção da cisterna, o betão aparente será utilizado sem tratamento pós-cofragem e com uma pigmentação mais escura, criando uma atmosfera mais húmida e introspectiva. O projeto também contempla a implementação de um sistema de captação de água pluvial e de fluxos subterrâneos, canalizando-a para a cisterna de betão, reforçando a abordagem eco-eficiente da construção. Essa prática não apenas contribui para a gestão sustentável dos recursos hídricos, mas também alinha-se com a procura de soluções ambientais mais responsáveis.



A abordagem construtiva para este projeto baseia-se primariamente na utilização de pedra calcária como material estrutural principal. Para a utilização deste material, recorre-se ao uso do recurso já previamente explorado pela pedreira que se encontra perto do local de intervenção de projeto. Inspirada na solução construtiva adotada por Jorn Utzon na Casa Can Lis, a Casa Dupla será erguida como um maciço de pedra. Vigas de betão armado serão empregadas para aliviar a carga das paredes do pátio. Na fachada externa da casa, o material será mantido na sua expressão original, enquanto que no interior do pátio será revestido com cal, permitindo a reflexão da luz e, consequentemente, iluminando os demais espaços. Os espaços internos contarão com pavimento em betão pigmentado de branco e placas de pladur na mesma tonalidade, proporcionando um ambiente luminoso. Para a construção da cisterna, o betão aparente será utilizado sem tratamento pós-cofragem e com uma pigmentação mais escura, criando uma atmosfera mais húmida e introspectiva. O projeto também contempla a implementação de um sistema de captação de água pluvial e de fluxos subterâneos, canalizando-a para a cisterna de betão, reforçando a abordagem eco-eficiente da construção. Essa prática não apenas contribui para a gestão sustentável dos recursos hídricos, mas também alinha-se com a procura de soluções

1 : 20
CORTE CONSTRUTIVO



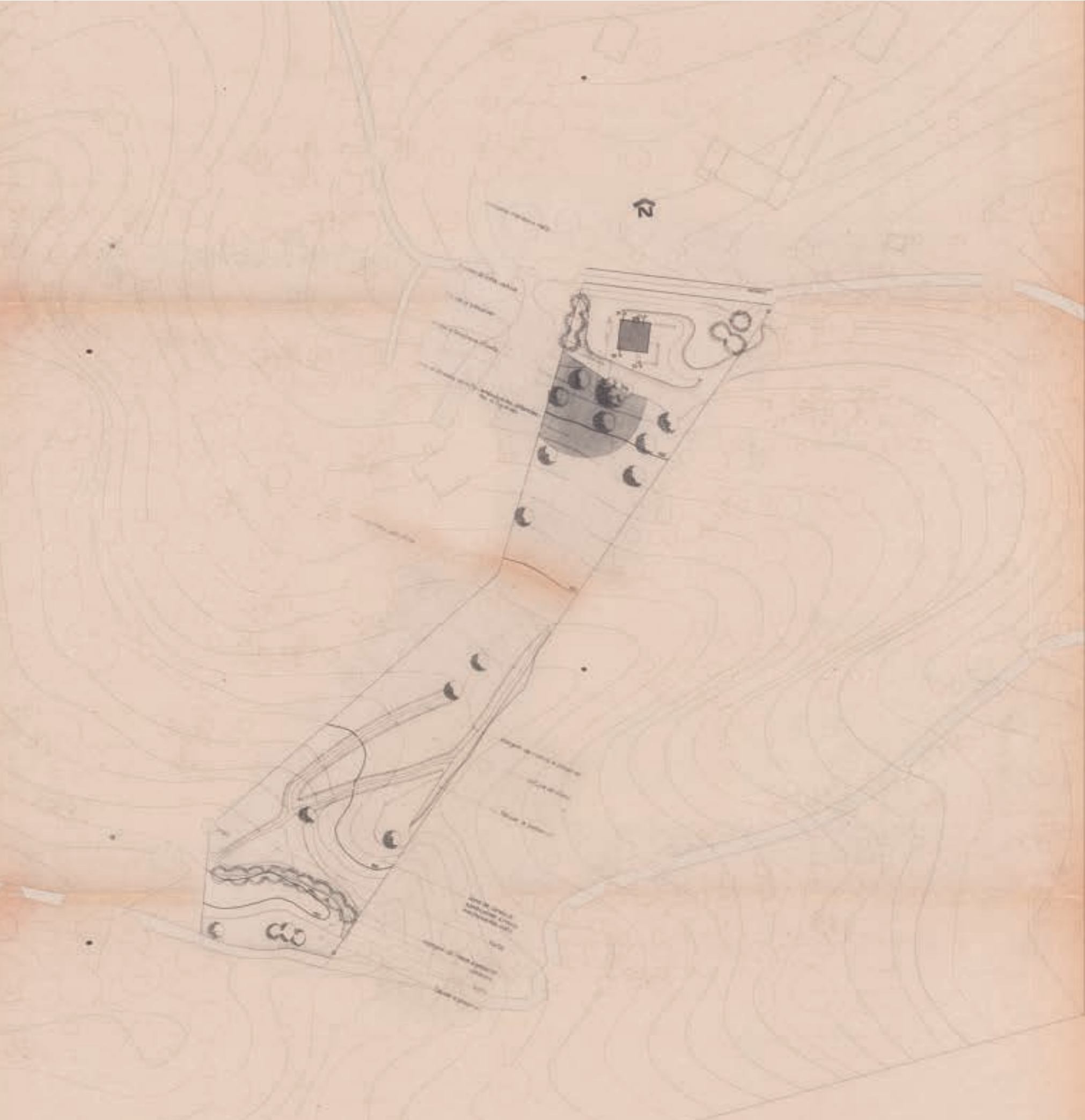
CASA

CADASTRO

Intenção primária
Preservação

Ana Palma





1:500 N

IMPLATAÇÃO ESBOÇO DE ARRANJO DO TERRENO DO ARQUITETO FRANCISCO SILVA DIAS

A Casa Amarela, projetada pelo arquiteto Francisco Silva Dias, situa-se entre a paisagem da Arrábida. Concebida, como, um refúgio e casa de férias para a família do arquiteto, incorporando uma essência e conexão entre o interior e o exterior. A marcante relação entre o interior e o exterior é evidenciada pelo pátio e pelos muros que rodeiam a casa. O pavimento que reveste o pátio estende-se para o interior, criando uma continuidade entre os espaços. As janelas e portadas desempenham um papel crucial na materialização da ligação com a paisagem da Serra da Arrábida. Ao criar molduras que destacam a paisagem, permitindo que a mesma se integre no cenário doméstico. A forma geométrica da Casa Amarela, um cubo de sete metros por sete, cortado por um plano oblíquo da cobertura, reflete simplicidade e funcionalidade. Assim, a Casa Amarela torna-se uma manifestação clara de simplicidade, funcionalidade e integração na paisagem. Ao estudar a planta, evidencia-se que o arquiteto não se limitou a projetar apenas uma casa, mas também a sua envolvente. Nesse contexto, o projeto não é apenas uma casa isolada, mas um conjunto composto pela casa e a paisagem.



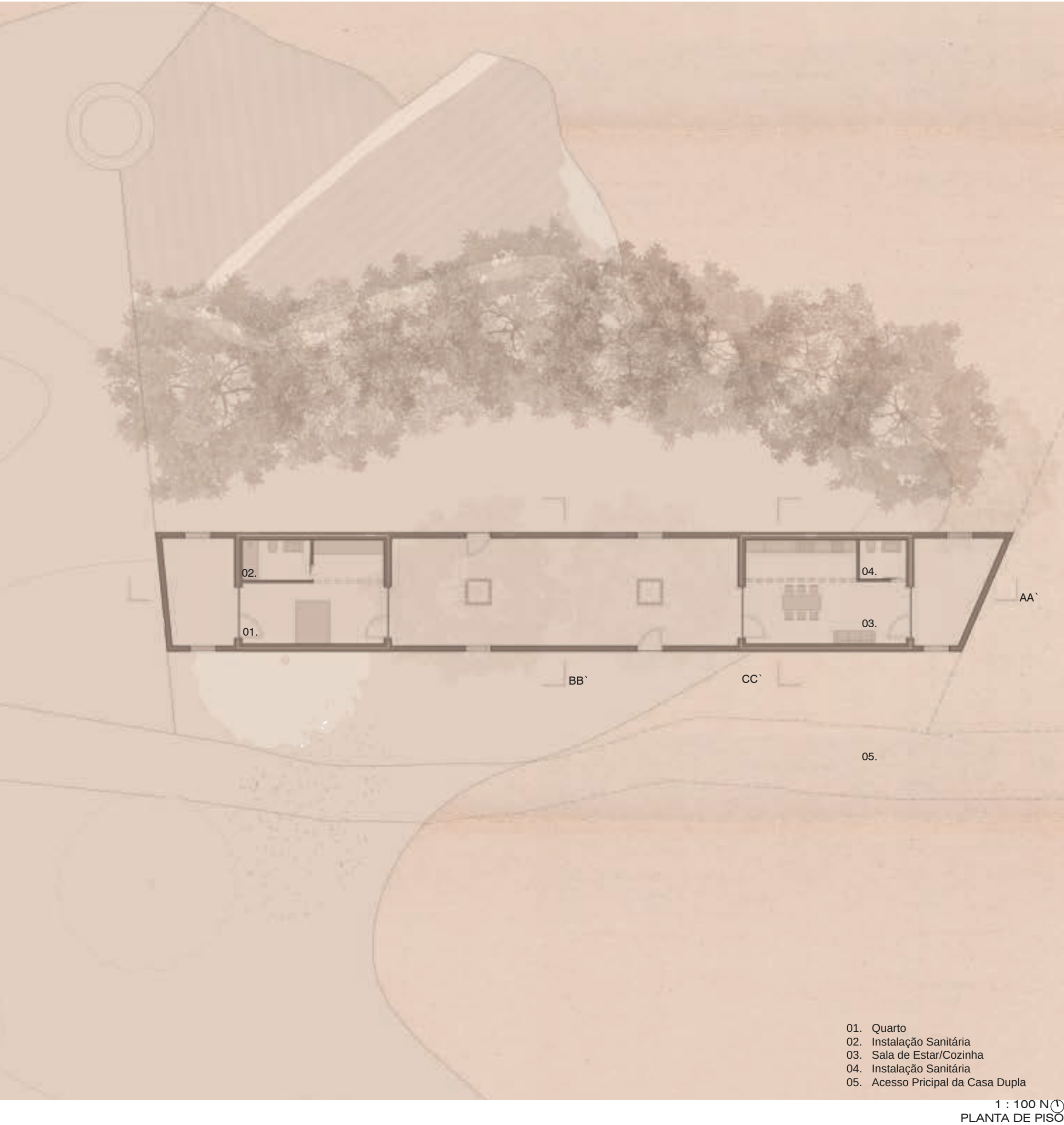
Fotografia do local de implantação



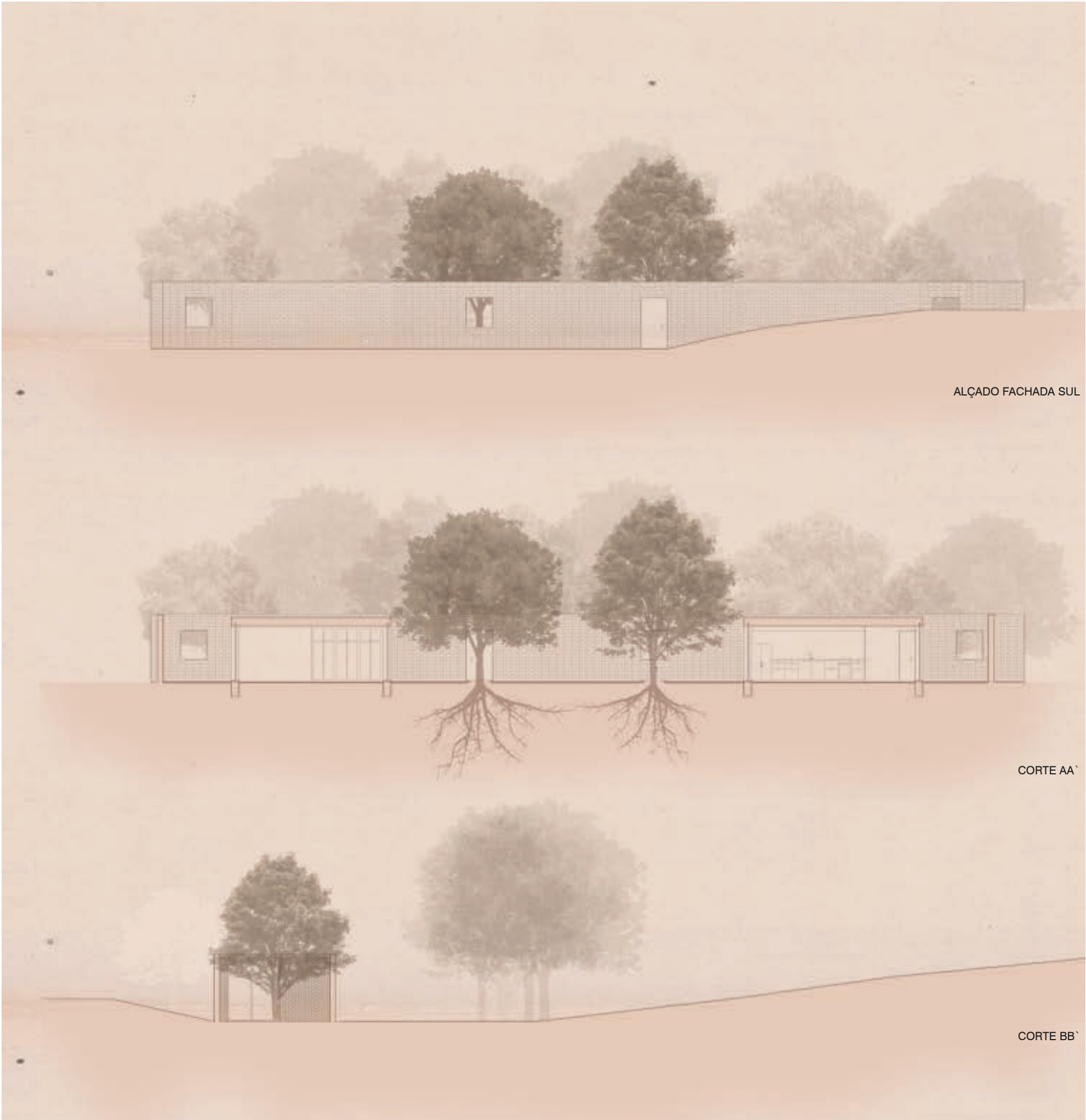
Na planta, entende-se que o arquiteto posicionou estrategicamente a Casa Amarela a norte do terreno, e que para o mesmo fez uma análise e proposta. Ao considerar essa análise e ao compreender que o projeto não se limita apenas à construção de uma casa, mas sim a um pensamento que abrange todo o terreno, a Casa Dupla é posicionada a sul, desenhando no terreno um novo cadastro. Dessa forma é possível preservar elementos naturais específicos, como o talude identificado pelo arquiteto e manter a integridade da proposta inicial feita para o terreno. A Casa Dupla pretende manter a coesão e a integridade do projeto inicial, preservando a visão original do arquiteto e garantindo a continuidade da relação com a envolvente ao mesmo tempo que origina um novo cadastro, a Casa Dupla desenvolve-se então entre muros.

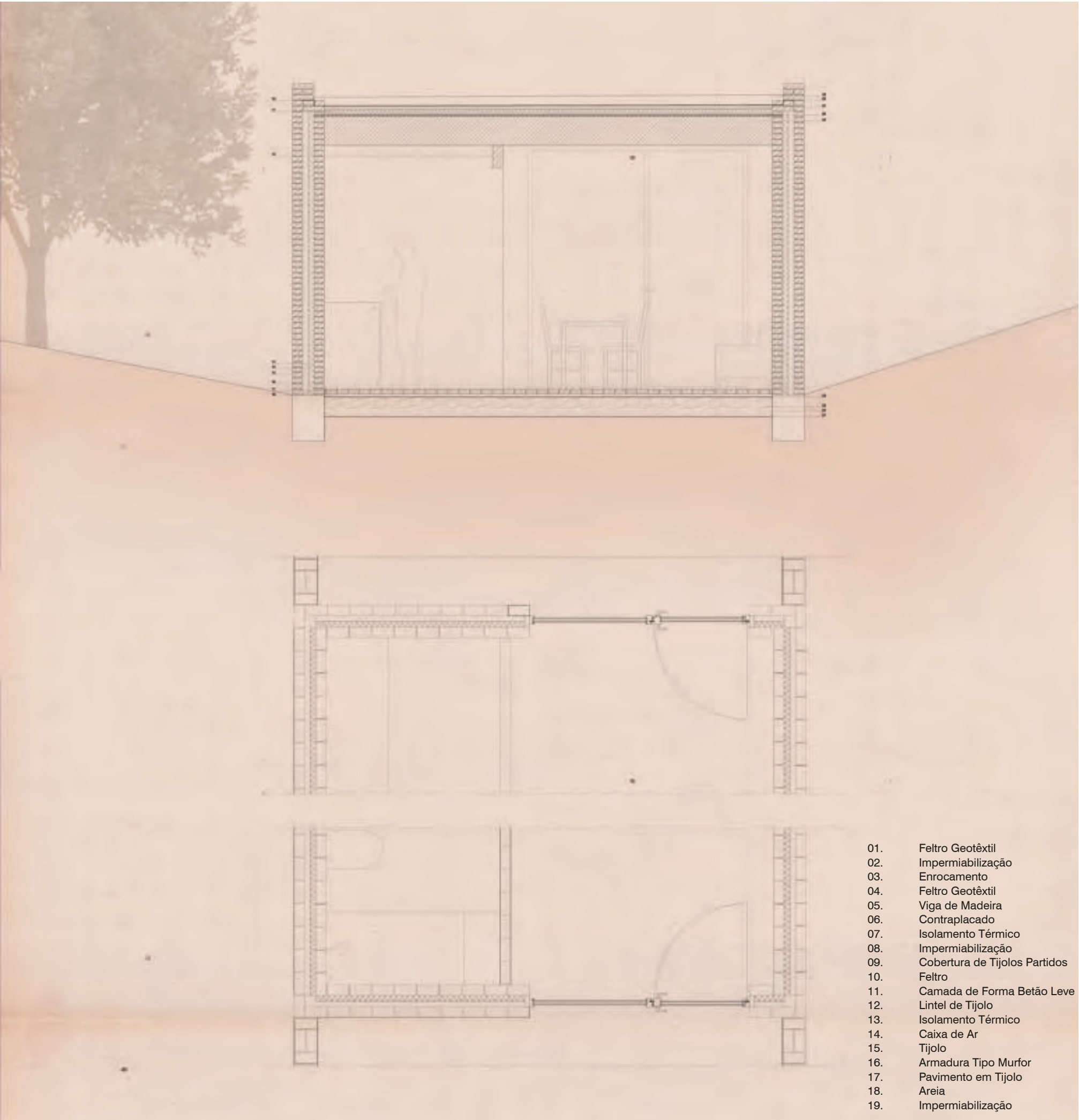


Novo Original do Terreno Novo Cadastro do Terreno



A Casa Dupla posiciona-se a sul do terreno, preservando a visão inicial do Arquiteto Francisco Silva Dias. Essa abordagem visa manter a coesão e a integridade do projeto, a sua simplicidade arquitetónica é notável pela forma linear da casa, e a planta que se desenvolve entre muros, que assim como a Casa Amarela, possui apenas o essencial para ser habitada, possuindo um quarto, sala de estar, cozinha e instalação sanitária. A transição na casa é feita pelo pátio entre os espaço doméstico. A Casa Dupla fecha-se para a paisagem à excessão de alguns vãos na fachada norte e sul.Com a Casa Dupla surge um novo cadastro no terreno desenhado não só pela casa em si mas também pelos muros que dela proveem.





1 : 20

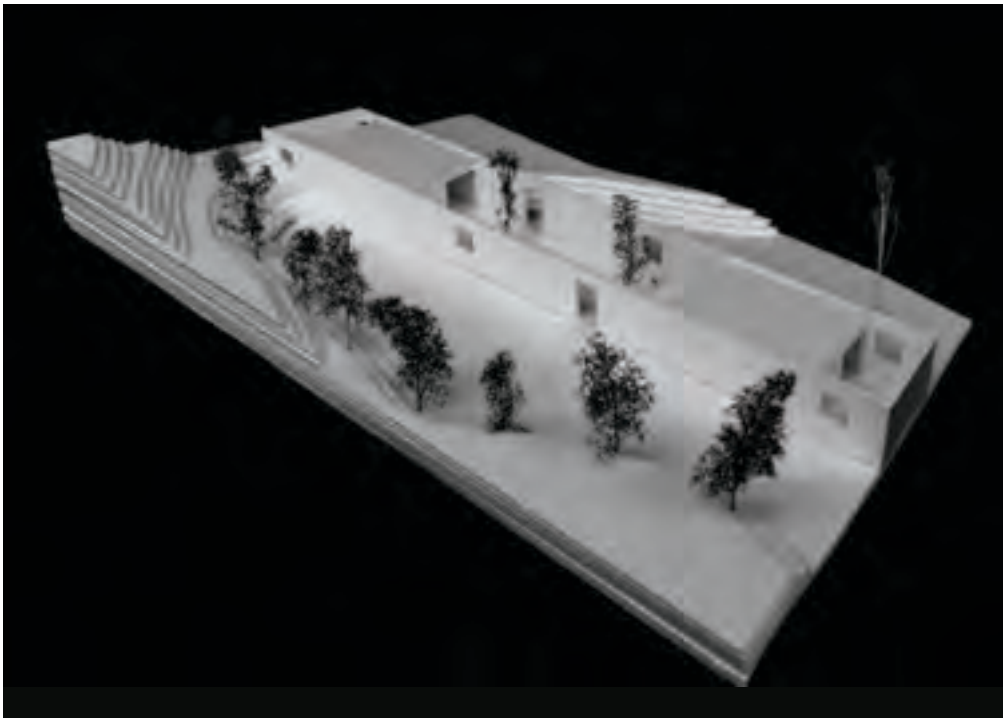
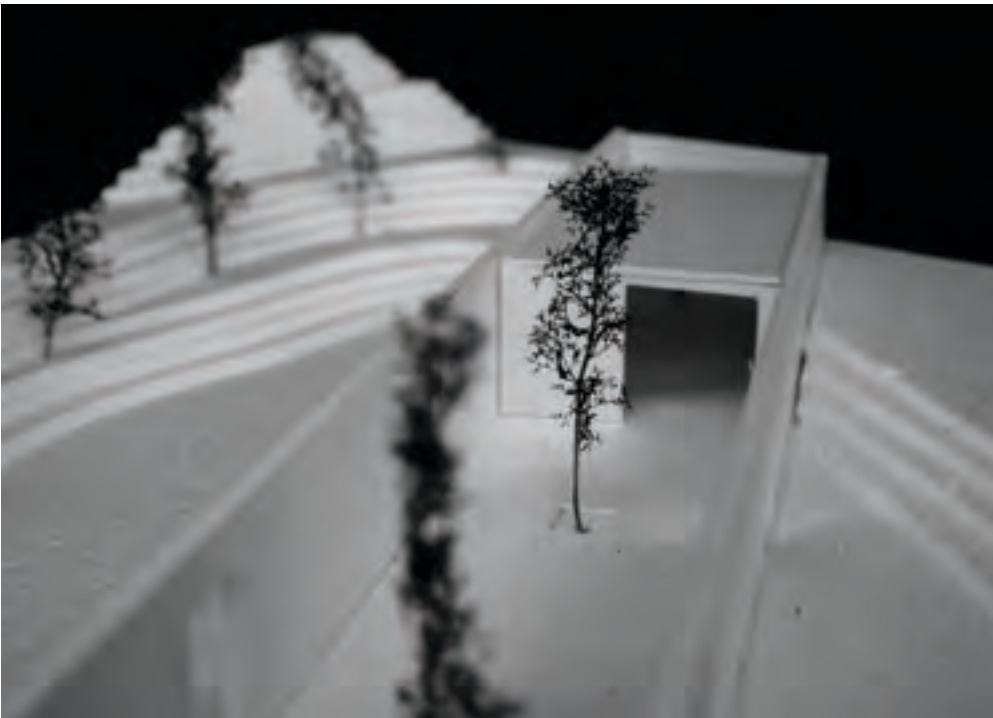
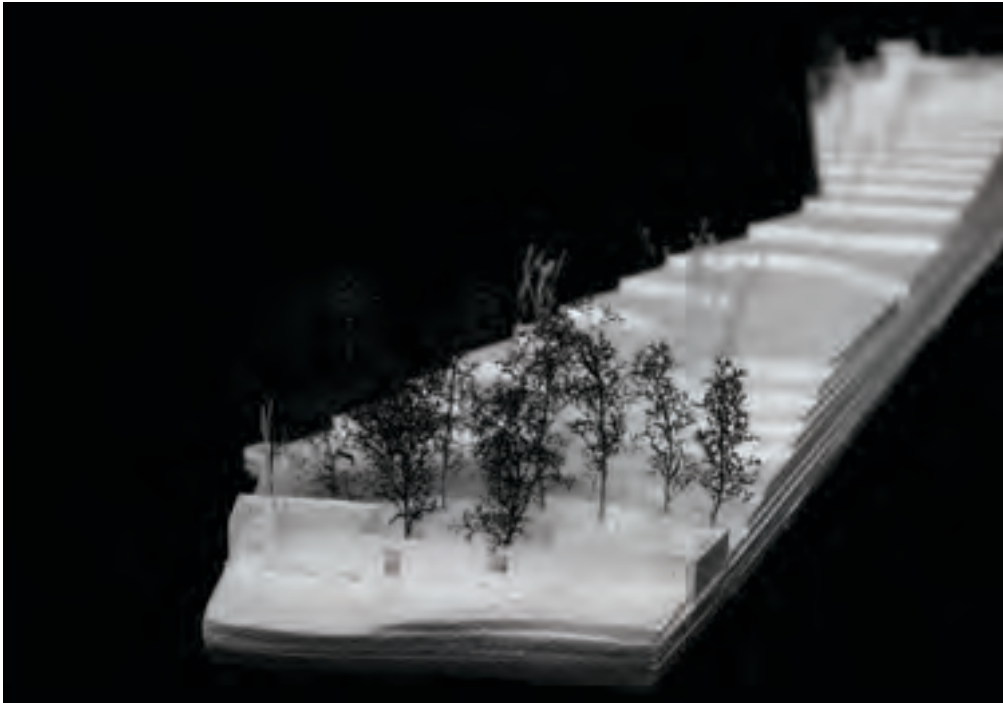
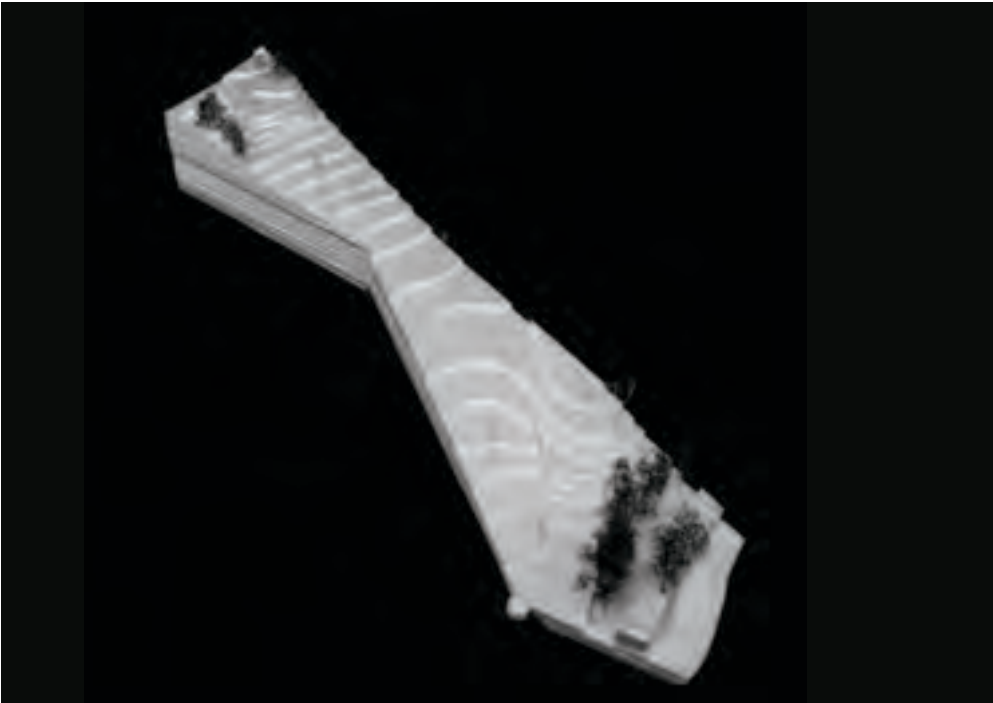
CORTE CONSTRUTIVO

A abordagem construtiva para este projeto baseia-se primariamente na utilização de pedra calcária como material estrutural principal. Para a utilização deste material, recorre-se ao uso do recurso já previamente explorado pela pedreira que se econtra perto do local de intervenção de projeto.

Inspirada na solução construtiva adotada por Jorn Utzon na Casa Can Lis, a Casa Dupla será erguida como um maciço de pedra. Vigas de betão armado serão empregadas para aliviar a carga das paredes do pátio.

Na fachada externa da casa, o material será mantido na sua expressão original, enquanto que no interior do pátio será revestido com cal, permitindo a reflexão da luz e, consequentemente, iluminando os demais espaços. Os espaços internos contarão com pavimento em betão pigmentado de branco e placas de pladur na mesma tonalidade, proporcionando um ambiente luminoso.

Para a construção da cisterna, o betão aparente será utilizado sem tratamento pós-cofragem e com uma pigmentação mais escura, criando uma atmosfera mais húmida e introspectiva. O projeto também contempla a implementação de um sistema de captação de água pluvial e de fluxos subterrâneos, canalizando-a para a cisterna de betão, reforçando a abordagem eco-eficiente da construção. Essa prática não apenas contribui para a gestão sustentável dos recursos hídricos, mas também alinha-se com a procura de soluções ambientais mais responsáveis.



CASA VISTAS

Dispositivo óptico
Geometria

André Matias





PLANTA DE IMPLANTAÇÃO E CORTE

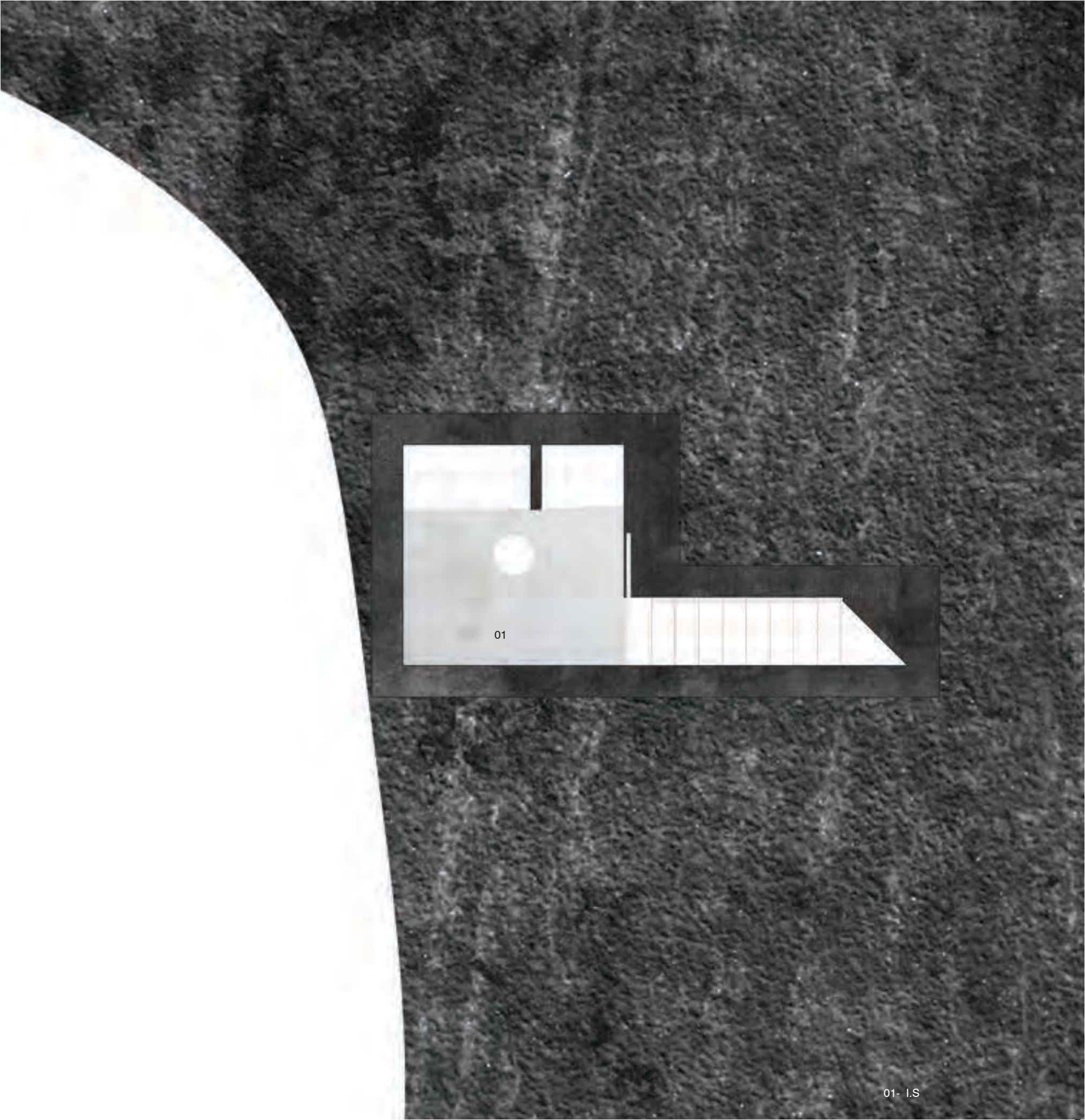
O projeto Casa Dupla baseia-se no conceito de trabalhar sobre as vistas, tomando como 2 pontos a paisagem natural definida pela serra e a paisagem construída definida pelas árvores plantadas e a Casa Amarela projetada pelo arquiteto Francisco Silva Dias, procurando estabelecer um ponto de ligação da relação entre a Casa Amarela e a serra. Para tal, o lugar foi escolhido pela necessidade de estar localizado num espaço sem densidade florestal de forma a que as vistas não sejam bloqueadas. O edifício tem como base a ideia de um periscópio, criando assim momentos de observação das vistas em diferentes espaços que se desenvolvem e organizam em torno delas.



Fotografia da Casa Amarela



Fotografia da Serra da Arrábida



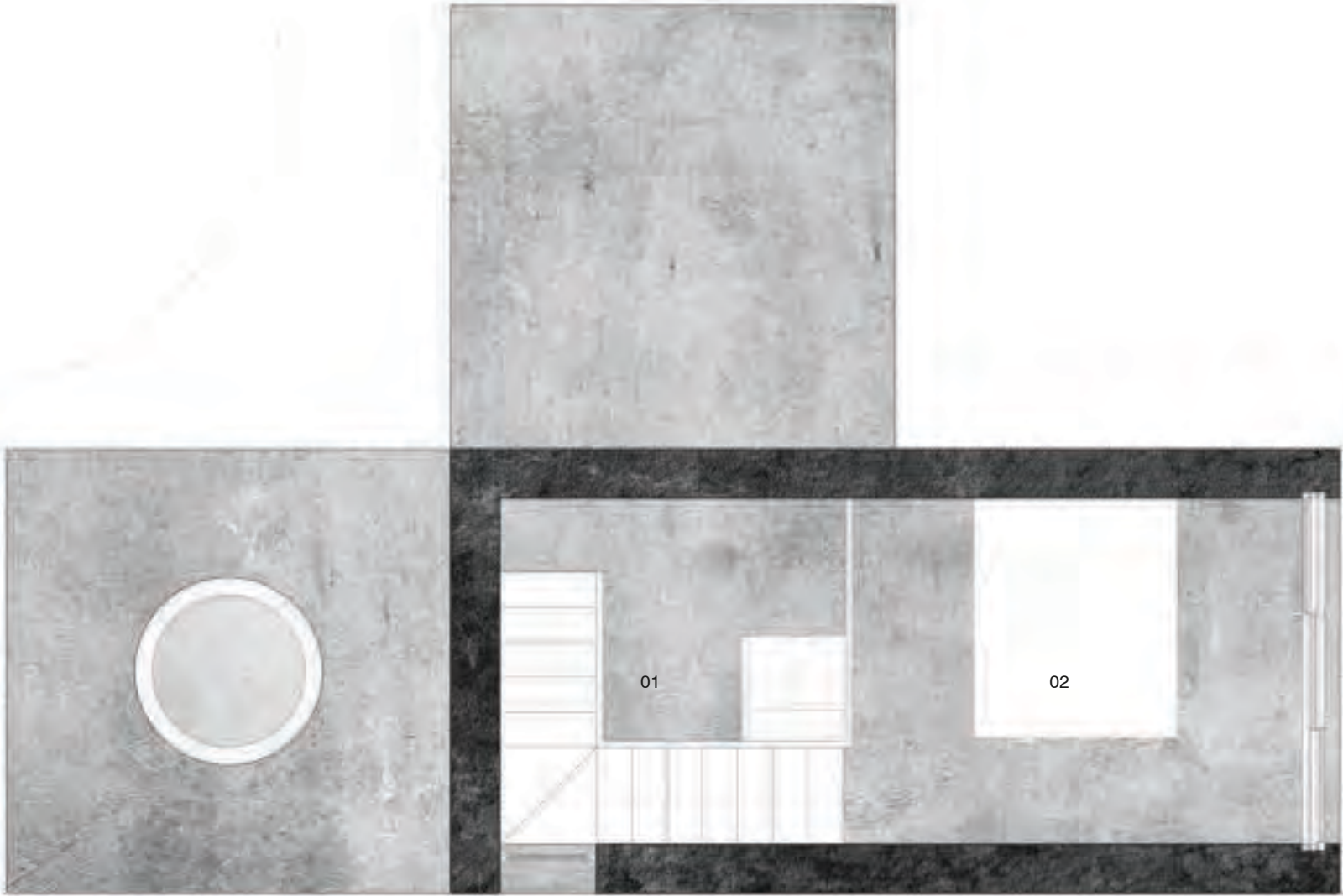
O piso soterrado é o espaço da casa de banho. O grande espaço da casa de banho é organizado de forma simples com apenas lavatório, sanita e um chuveiro central. O lavatório e a sanita desenvolvem-se numa só peça procurando ao máximo a simplicidade no espaço. Acima do chuveiro há uma claraboia, estabelecendo um momento de relação com o céu fazendo com que o espaço seja iluminado mantendo o forte carácter privado, e promovendo um momento de relaxamento, introspeção e contemplação..



01- Acesso Principal
02-Sala e Cozinha
03-Escadas

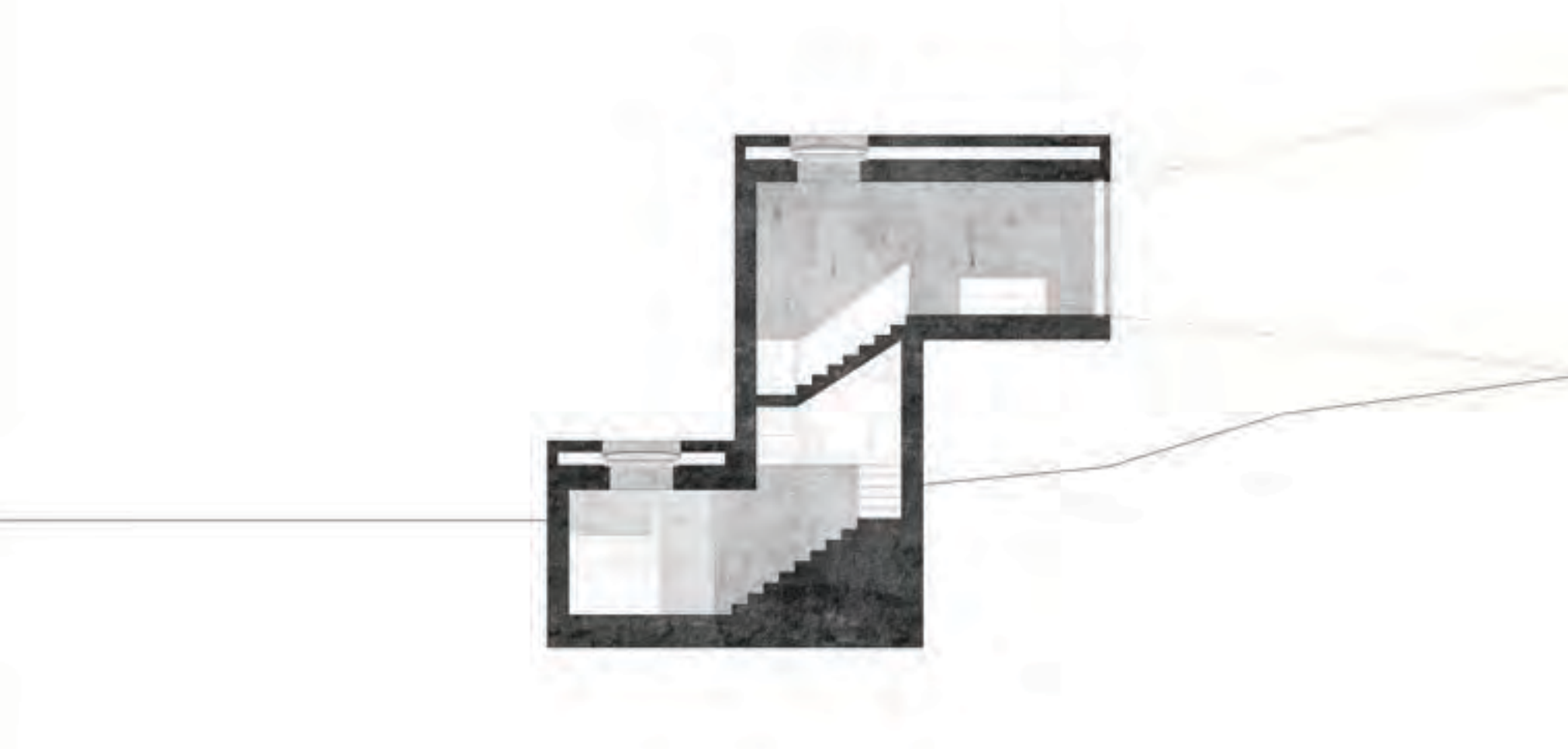
1 : 50 N ①
PLANTA RÉS DO CHÃO

O projeto Casa Dupla baseia-se no conceito de trabalhar sobre as vistas, tomando como 2 pontos a paisagem natural definida pela serra e a paisagem construída definida pelas árvores plantadas e a Casa Amarela projetada pelo arquiteto Francisco Silva Dias, procurando estabelecer um ponto de ligação da relação entre a Casa Amarela e a serra. Para tal, o lugar foi escolhido pela necessidade de estar localizado num espaço sem densidade florestal de forma a que as vistas não sejam bloqueadas. O edifício tem como base a ideia de um periscópio, criando assim momentos de observação das vistas em diferentes espaços que se desenvolvem e organizam em torno delas.

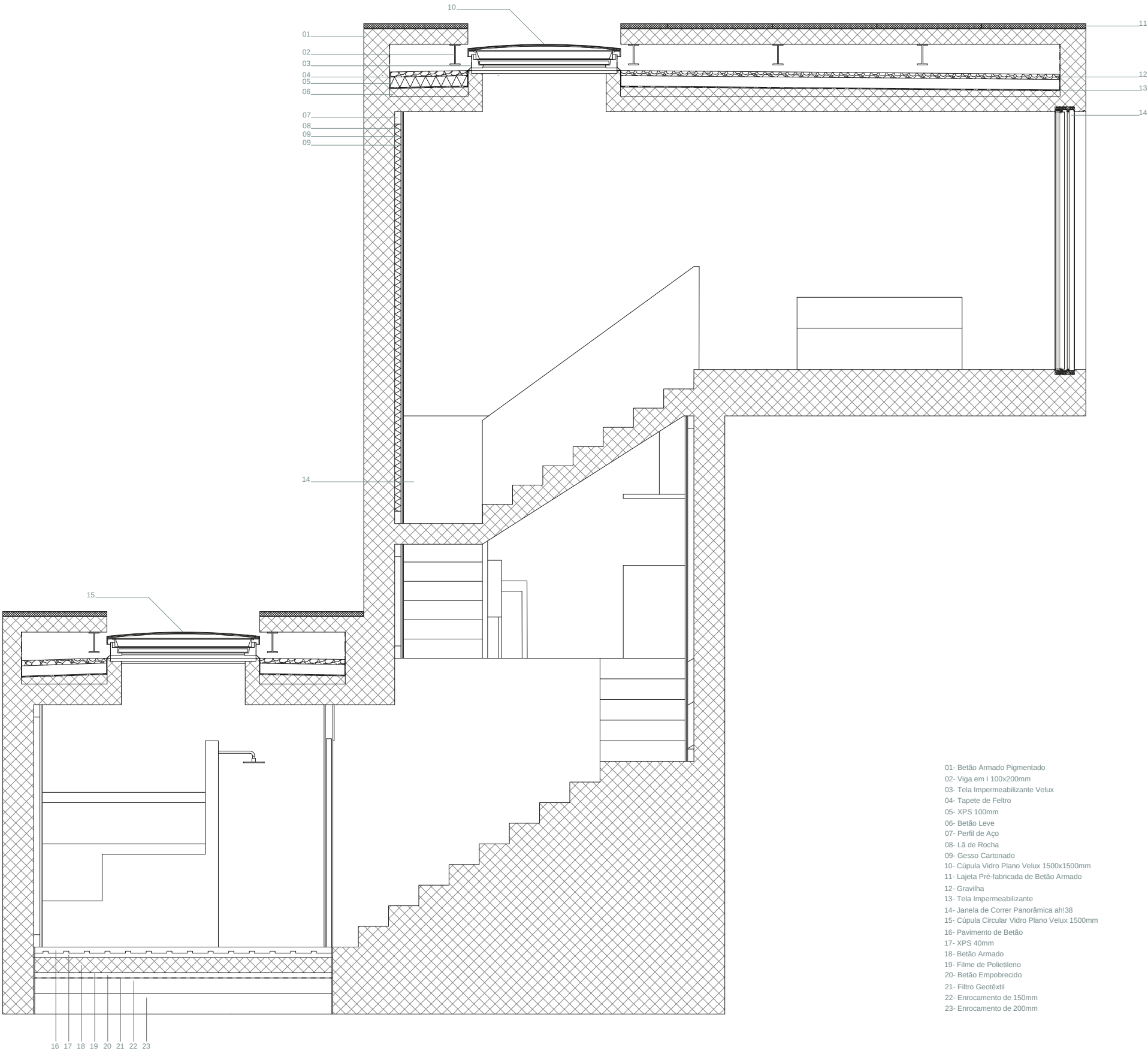


01- Escadas
02- Quarto
1 : 50 N ⌚
PLANTA DO PRIMEIRO PISO

O projeto Casa Dupla baseia-se no conceito de trabalhar sobre as vistas, tomando como 2 pontos a paisagem natural definida pela serra e a paisagem construída definida pelas árvores plantadas e a Casa Amarela projetada pelo arquiteto Francisco Silva Dias, procurando estabelecer um ponto de ligação da relação entre a Casa Amarela e a serra. Para tal, o lugar foi escolhido pela necessidade de estar localizado num espaço sem densidade florestal de forma a que as vistas não sejam bloqueadas. O edifício tem como base a ideia de um periscópio, criando assim momentos de observação das vistas em diferentes espaços que se desenvolvem e organizam em torno delas..

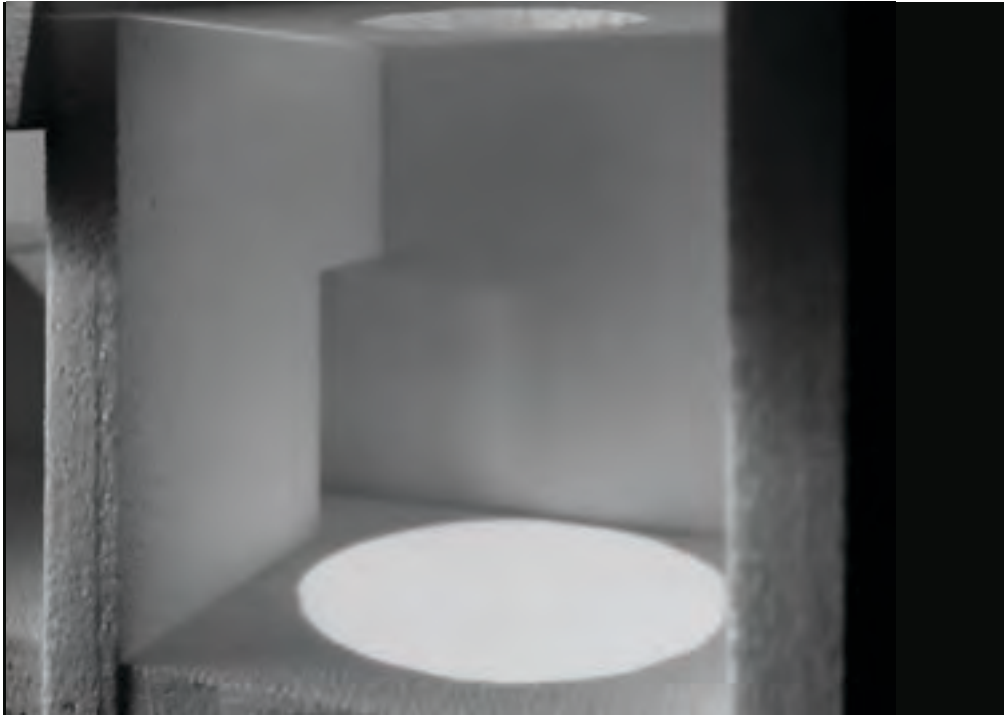


1 : 300
CORTES



1 : 300
CORTES

O material principal usado é o betão armado, estando aparente no exterior. A escolha deste material deve-se ao facto de ser um material resistente, duradouro, que permite criar estruturas como no caso deste projeto. Para além disso é um material que por meio da cofragem é capaz de conter a textura como na arquitetura do Paulo Mendes da Rocha, e de ser utilizado pigmento de forma a ter uma coloração diferente ao seu original. Desta forma os pigmentos utilizados no betão são os pigmentos orgânicos brancos da Bayferrok. Este material permite não apenas ter volumes suspensos como também possibilita a existência de duas claraboias planas Velux com 1500mm, uma quadrada no volume das escadas e outra circular no volume da instalação sanitária, trazendo desta forma luz natural para o interior destes espaços. De forma a manter a unidade volumétrica optou-se por elevar uma parte da cobertura suportada por vigas em I, escondendo os volumes singulares das claraboias, inspirado no Museu TEA do atelier Herzog & de Meuron. O interior do edifício é revestido por duplo gesso cartonado Knauf de 12mm pintado de branco, suportado por uma estrutura em aço e isolamento térmico de lã de rocha, permitindo estabilidade térmica no interior face às variações do exterior. No espaço da instalação sanitária é utilizado a mesma estrutura e isolamento, porém com uma camada de gesso cartonado hidrófugo seguido por uma camada de azulejo a imitar mármore branco. De forma atirar o melhor proveito das vistas são usadas janelas de correr panorâmicas ah!38



CASA

ECOSSISTEMAS

**Espaço fenda
Vistas**

António Ribeiro





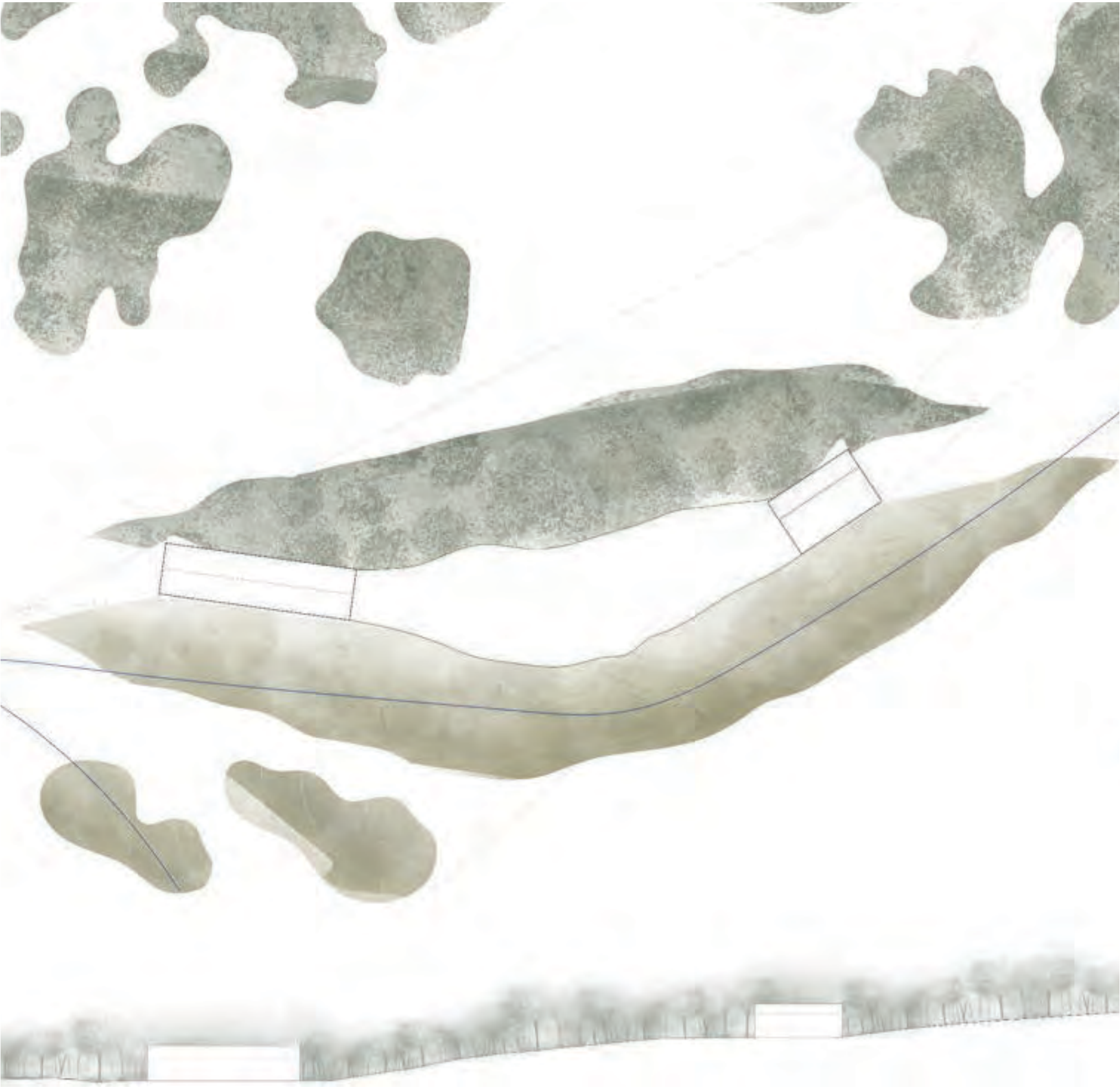
A Casa Amarela pelo arquiteto Francisco Silva Dias 1976, situa-se na cota mais alta de uma parcela de terreno existente no Parque Natural da Serra da Arrábida. A casa de fim de semana é delimitada por muros amarelos que possibilitam a tipologia evolutiva do projeto. Esta caracteriza-se pela sua cobertura inclinada e orientação definida, com a intenção de olhar para a serra. A casa foi construída num terreno sem vegetação, tendo sido, ao mesmo tempo, construída a paisagem envolvente, parecendo por isso, pertencente à natureza do local. Com o objetivo de unificar a paisagem o gesto projetual por detrás da Casa Dupla é, evidenciar a diversidade de vegetação presente no território. Após esta análise territorial, a Casa Dupla localiza-se num ponto estratégico escolhido pela escassez de vegetação, o que possibilita e contribui para a plantação de novas espécies, criando um novo marco no território.



Estudo da linha de água



Escassez vegetacional no local escolhido



1 : 200
PLANTA E ALÇADO

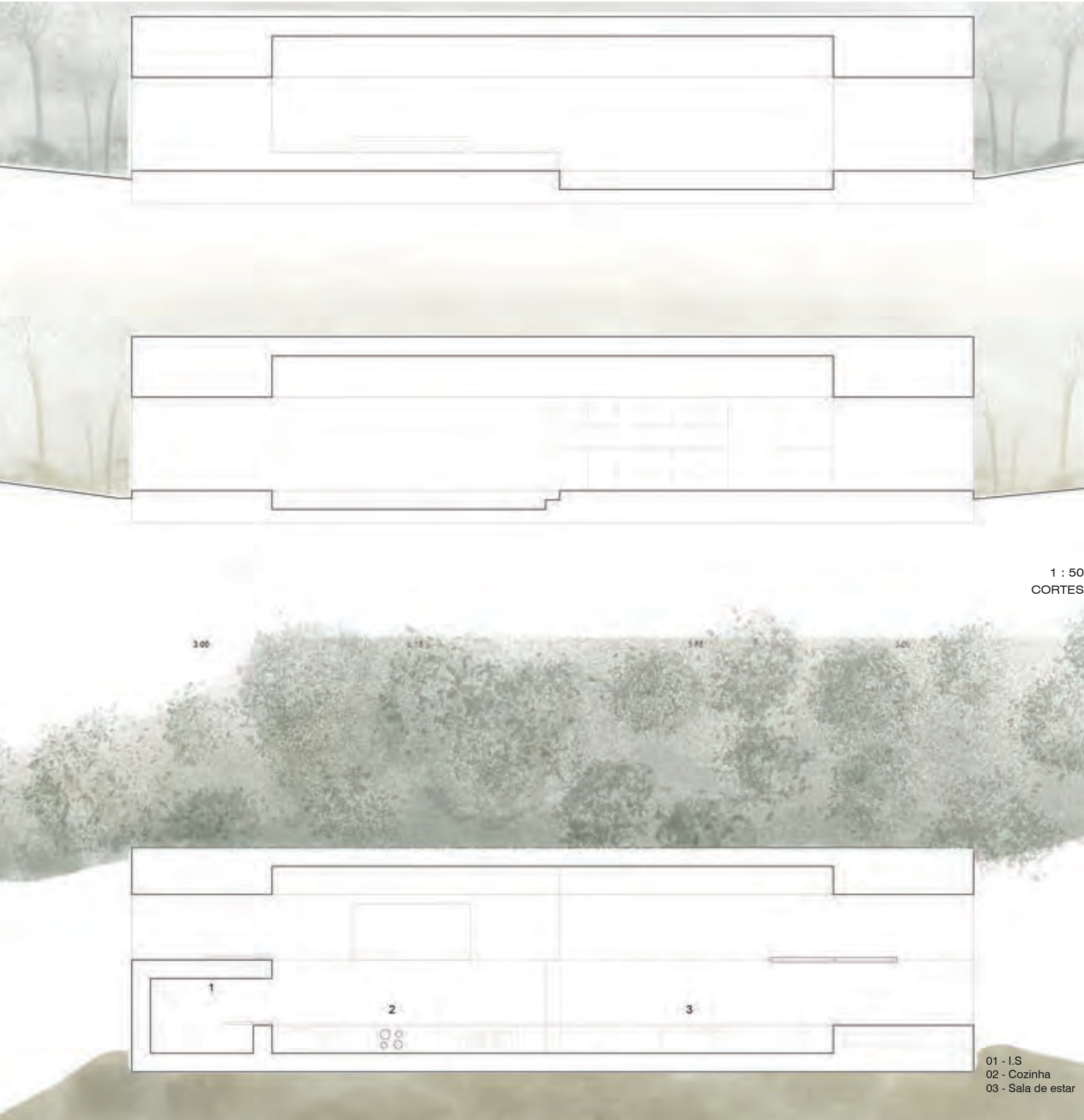
A Casa Dupla divide-se em dois volumes Independentes; um volume social, com sala de estar, lareira, cozinha e zona de refeição, e um volume residencial. Os dois volumes construídos pretendem fechar a paisagem desenhada, estes são construídos nos dois extremos do espaço fenda criado. Cada volume está propositadamente posicionado em relação as vistas. Um olha para os choupos o outro para os pinheiros que envolvem a casa amarela. Ao entrar na casa dupla, existe um degrau que simboliza a chegada, as vistas são acentuadas pela espessura das paredes e a circulação linear é evidenciada a partir da cobertura. Estas paredes são recortadas de modo a desenhar nichos onde está organizado todo o programa.



Choupos



Ciprestes à volta da Casa Amarela



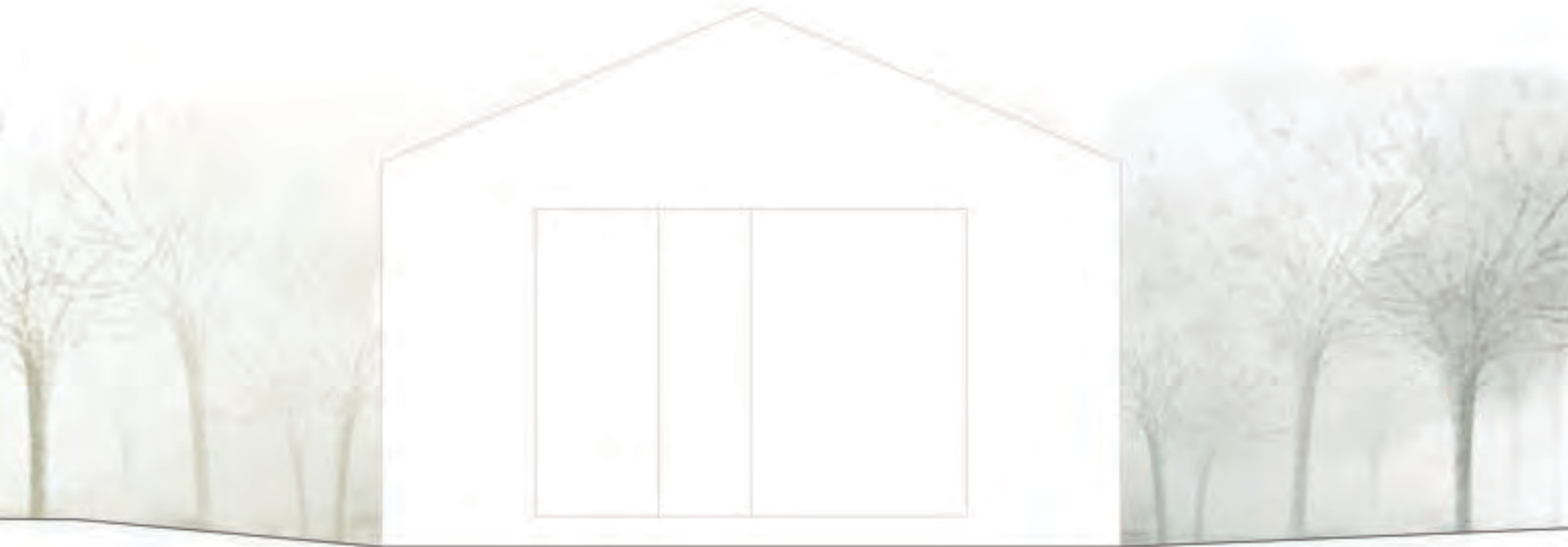


1 : 50
CORTES



04 - I.S
05 - Quarto

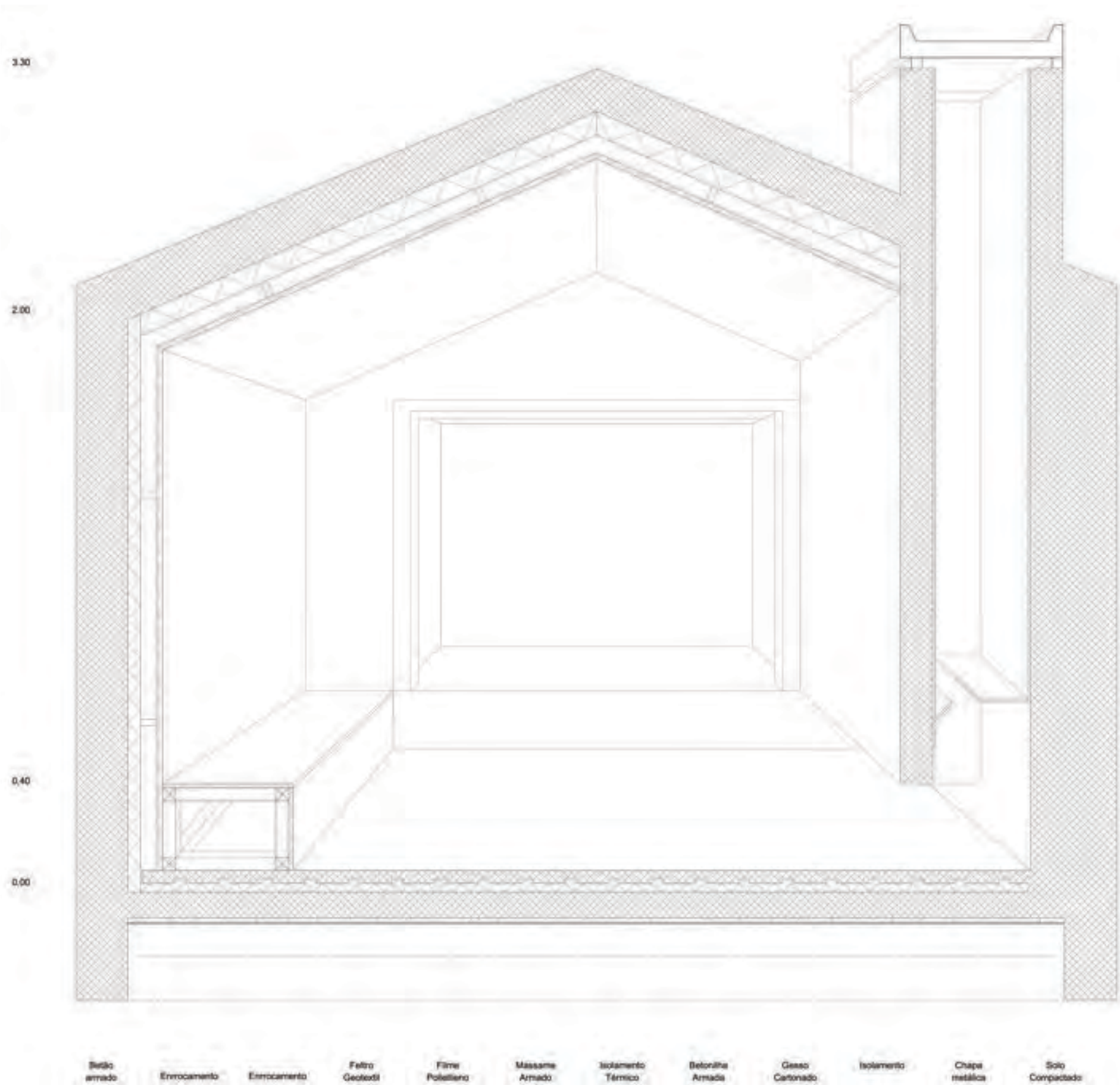
1 : 50
PLANTA



1 : 20
ALÇADO

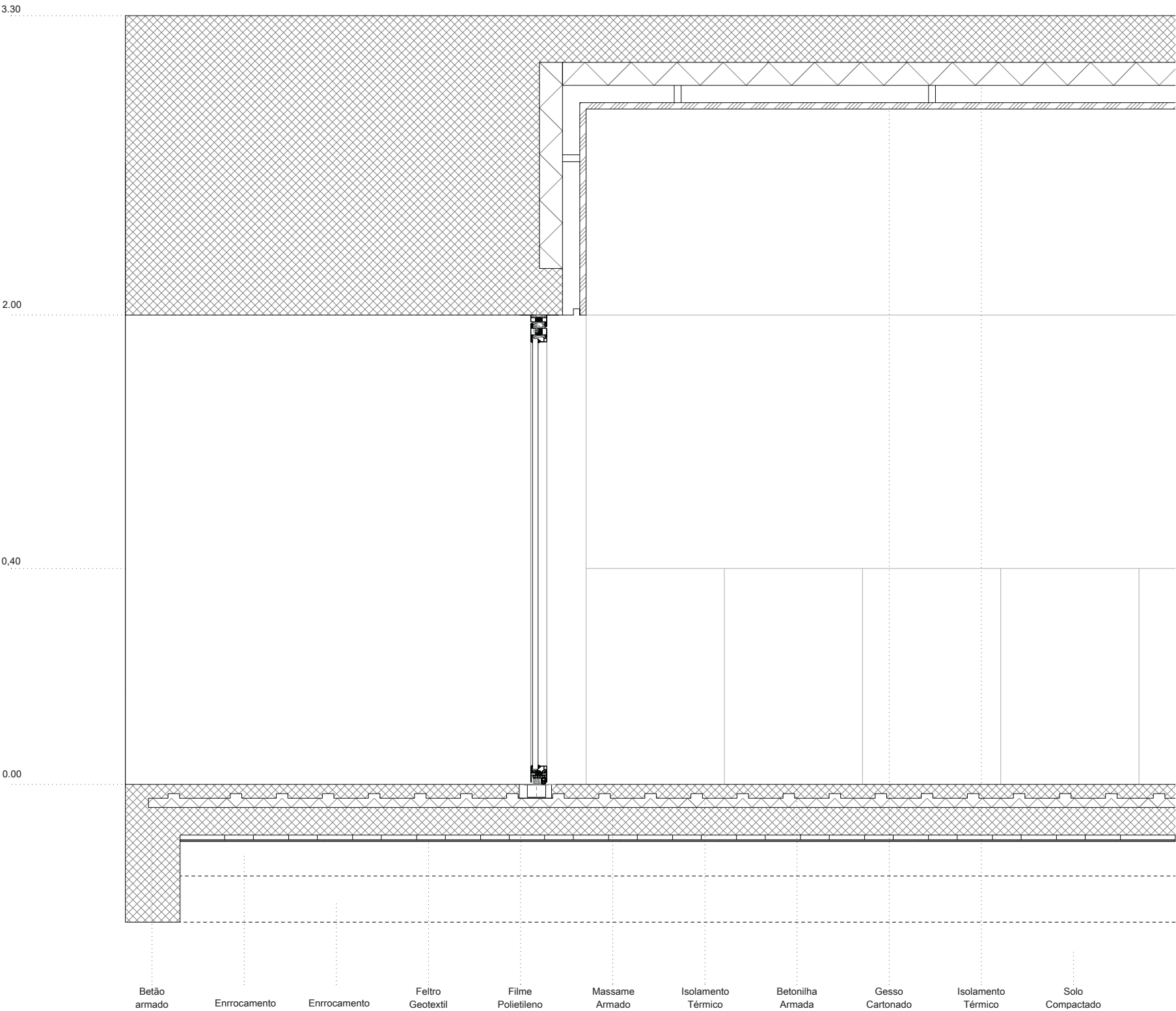


1 : 20
ALÇADO

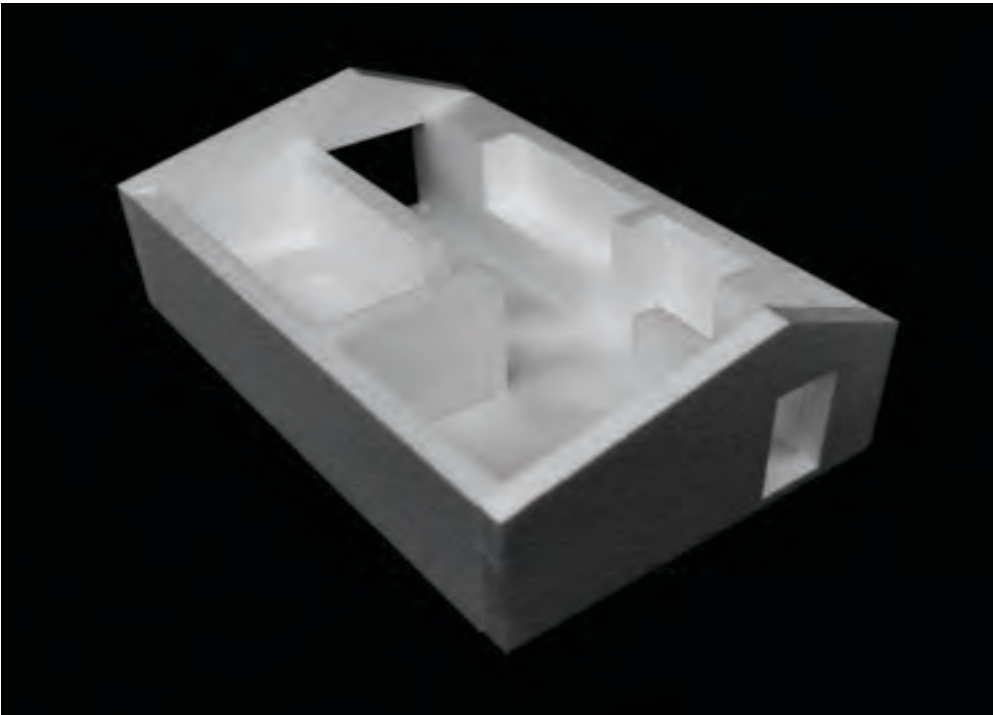
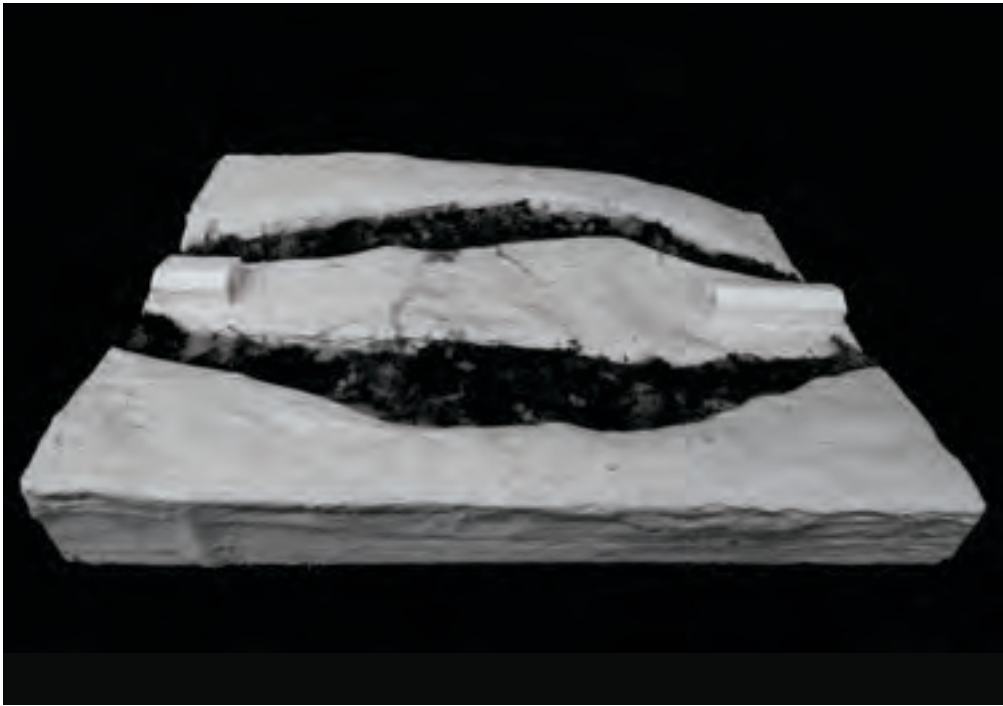
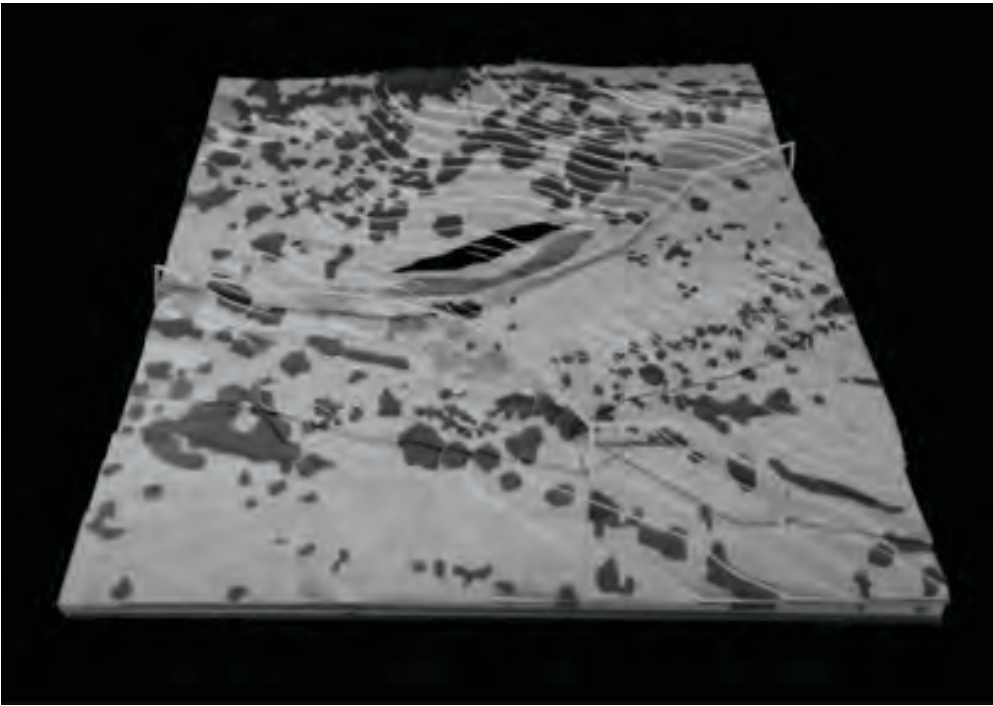


1 : 10
CORTE PERSPÉTIVADO

A Casa Dupla é composta por dois principais materiais: O Betão Cru e Painéis de Madeira Tricapa. O Betão é exposto a um processo de cura que começa imediatamente após a cofragem que consiste em molhar o betão a partir de panos e rega a gota a gota. Os Painéis de Madeira Tricapa consiste em em três painéis de madeira onde veios são colocados em direções diferentes isto não só melhora a resistência da madeira como permite com que não empene.



1 : 10
CORTE



CASA FOGO

Beatriz Lopes





1 : 500 N

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

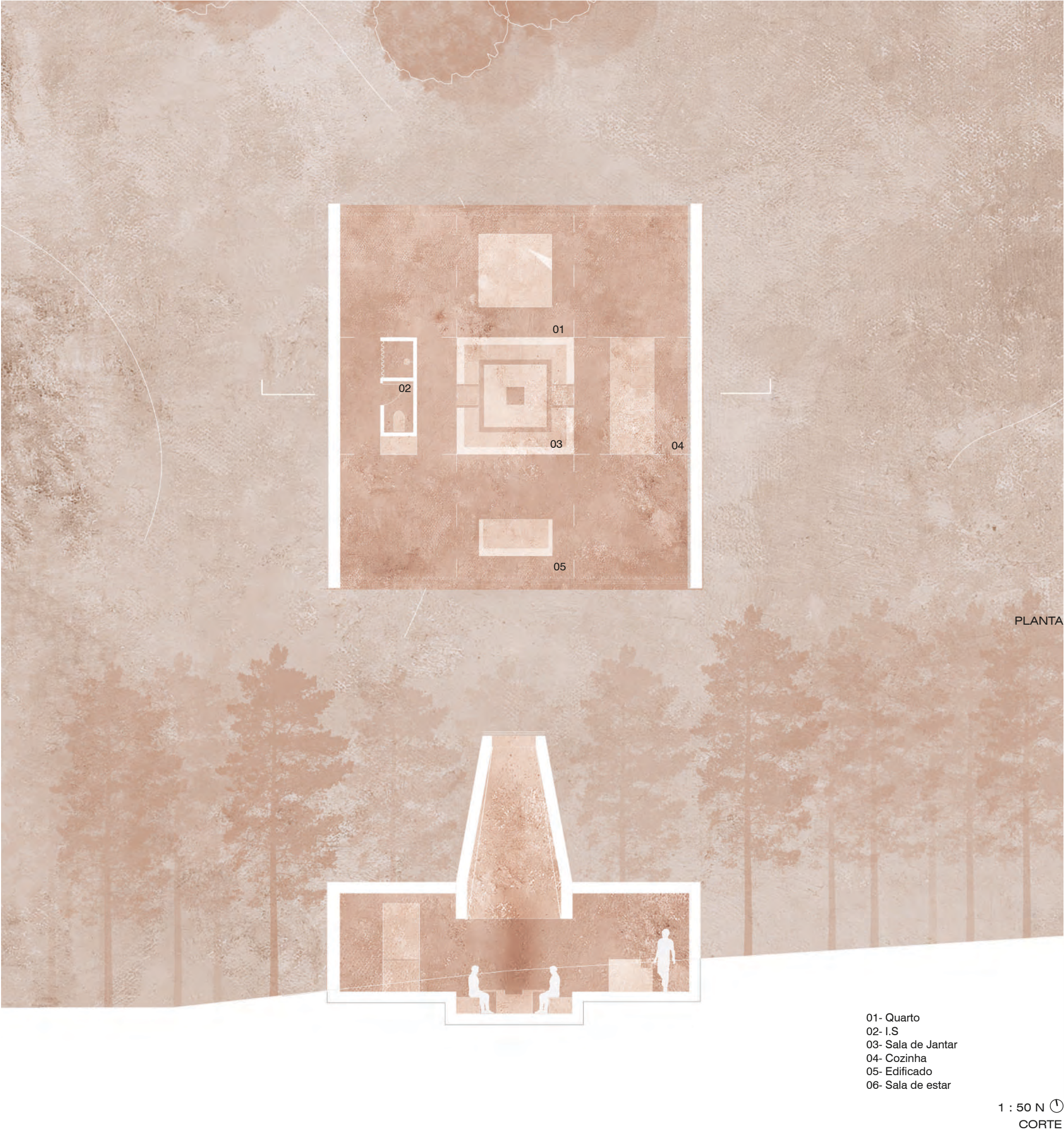
Casa Amarela, localiza-se na Serra da Arrábida, em Setúbal. A casa situa-se num lote que se estende horizontalmente, onde a presença de vegetação é predominante, mais intensamente ao redor da Casa Amarela, a sua orientação, pretende ver a Serra, relacionando-se com a envolvente. Caminhando pelo caminho que nos leva á entrada da casa, somos conduzidos através de um muro que acompanha a fachada da casa, fechada, que não tende a comunicar com o interior, projetando-nos para um terraço que procura relacionar-se com a envolvente, enfatizando a relação interior-exterior, através de uma janela de canto que nos direciona para a observação da Serra. A casa é desenhada, a partir de um cubo, seccionado por um plano oblíquo que faz sentir-se no desenho das janelas, que tendem a acompanhar a inclinação da cobertura da casa. O desenho interior da casa vem a confirmar o propósito de a casa ser uma casa abrigo, fazendo se sentir pelas dimensões da casa, assim como pelos vários momentos que sentimos pressão, fazendo-se sentir nos espaços com menos pé direito, como, por baixo do mezanino, na cozinha, e o espaço da lareira, por ser um lugar a uma cota que desce, no primeiro piso encontra mos os dois quartos que comunicam diretamente para o resto da casa, um através do mezanino, e outro através de um vão que se abre diretamente para o resto do interior da casa.



Fotografia do espaço de fogo da Casa Amarela



Fotografia do local de intervenção



Casa Dupla, desenvolve-se através da ideia do espaço de fogo da Casa Amarela, um espaço desenhado a um canto, a uma cota mais baixa do resto da casa. Através do fogo, o homem pôde organizar-se á volta da fogueira, estabelecendo relações de reunião e sociedade entre homens, também aqui nasce a noção de casa em que a partir do fogo central, desenha-se um banco, um encosto, uma casa. A Casa Dupla propõe dar protagonismo a este espaço, desenvolvendo-se através de um espaço central, o espaço do fogo. A casa quer ser vivida para o fogo, mas também pode ser vivida para a paisagem, a casa fecha -se, ou abre-se de forma a criar liberdade a este lugar. O desenho da casa segue uma logica de uma grelha imaginária existindo apenas 5 momentos, um momento de estar (sala de estar), o momento do descanso (quarto), momento da refeição (sala de jantar), momento de preparação (cozinha) e casa de banho, todo o restante espaço é único e fluido e a sua apropriação fica ao critério dos que habitam.



1:200
CORTE

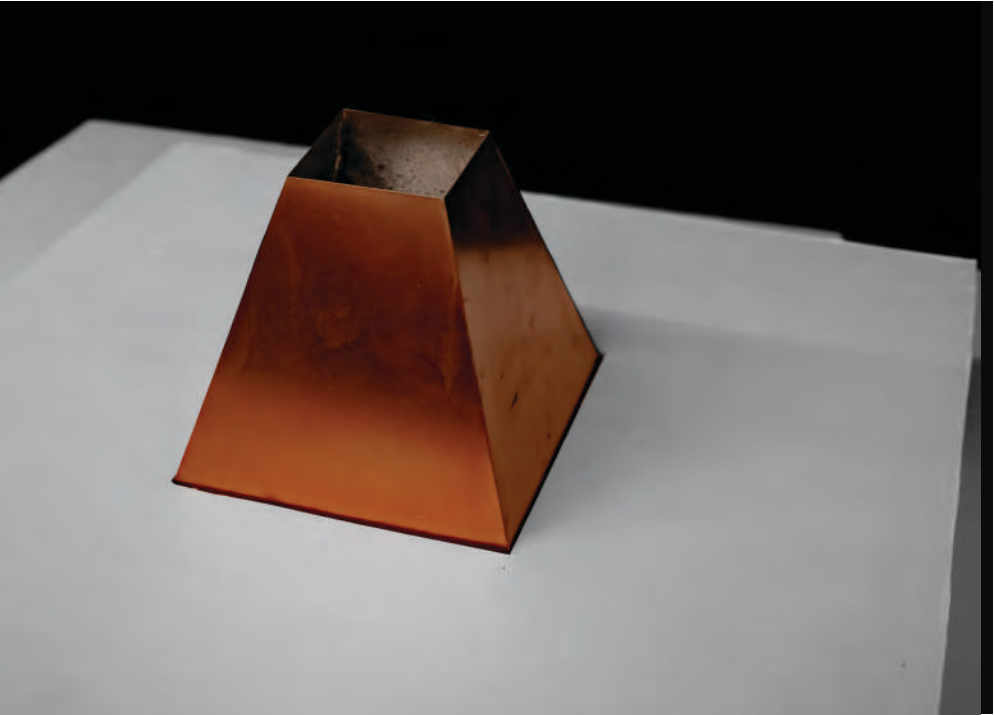
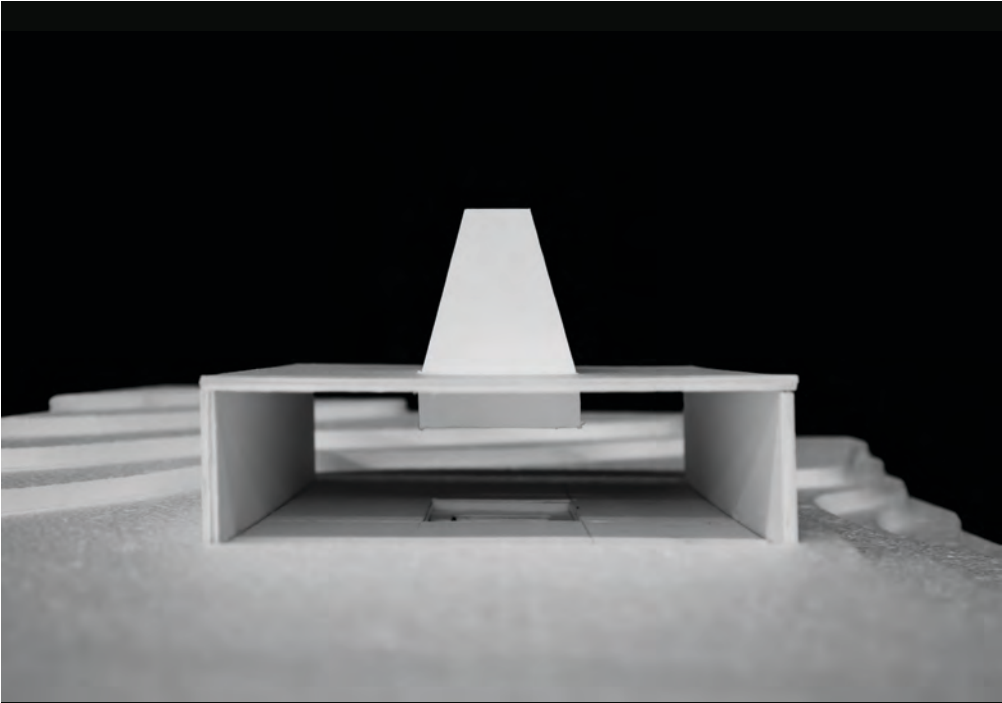
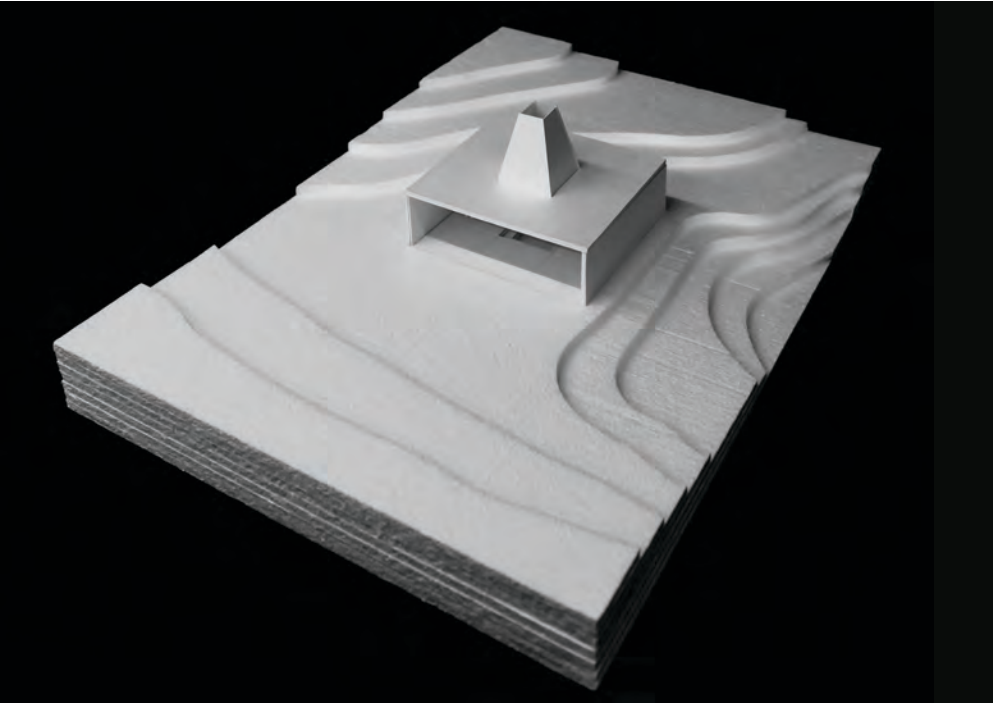


1:50
CORTE



- 01- Chapa de cobre 4mm
 - 02 - Betão armado 300mm
 - 03 - Madeira maciça 50mm
 - 04 - Isolamento térmico
 - 05 - Betão armado aligeirado
 - 06 - Caixelharia
 - 07 - Vidro duplo
- 1 : 15 N ⌚
CORTE CONSTRUTIVO

Percebendo as características da casa, e como a casa queria funcionar, decide se usar um material que pudes- se oferecer um lado de empoderamento no território mas que fosse monocromático e não tirasse o protagonismo da peça do espaço de fogo, mas que de certo modo, trouxesse algumas vantagens para o projeto, usa-se o betão armado O interior da casa faz se da mesma forma, e cria se quase que uma descoberta á entrada do espaço do fogo, por se ver o recorte em betão e só quando se entra dentro do espaço de fogo, é que se vê realmente o desenho da chaminé e do material que a reveste. Uma vez o cobre escolhido como material da peça central do projeto, marca-se o território e faz pertencer ao mesmo, uma vez que o cobre, na sua cor de origem, aproxima-se e dá mais empoderamento ao tema de tese deste traba- lho, uma vez que esta peça possa ser revestida tanto por fora como por dentro, o cobre oxidado faz com que fique um cobre verdete, o que faz com que exista uma respos- ta ao significado de pertença no território, quase como se a chaminé ao longo do tempo comece a pertencer a esta Serra da Arrábida e tenha um significado crucial para aqueles que a veem..



CASA TORRE

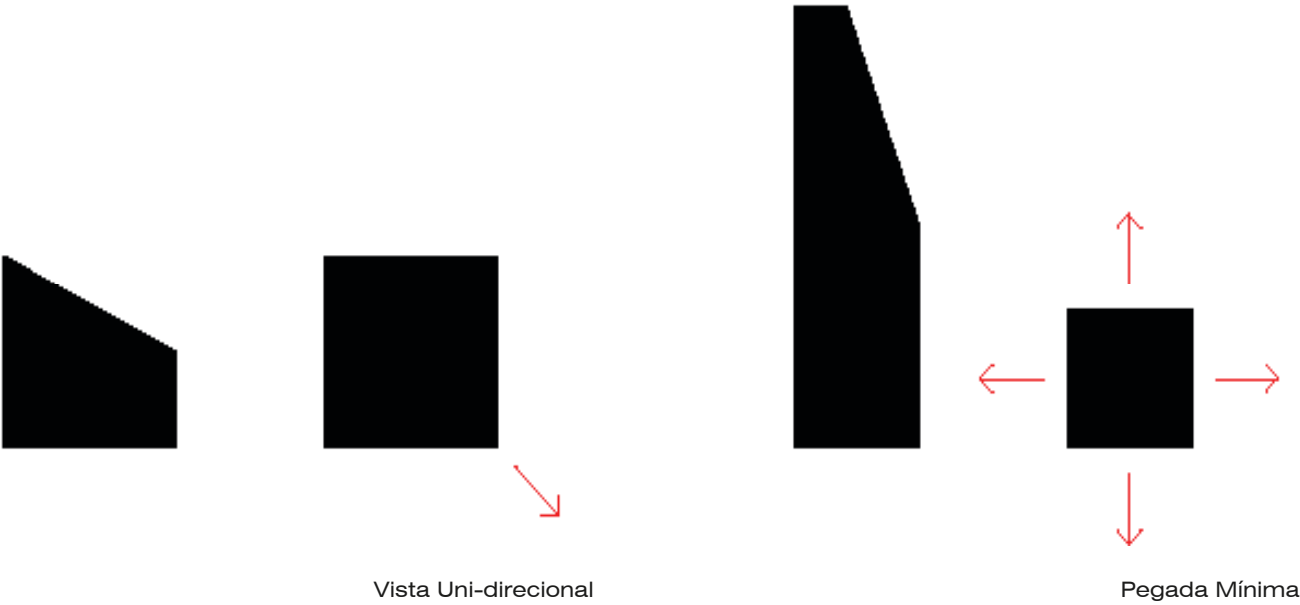
Múltiplos pontos de vista
Pegada mínima

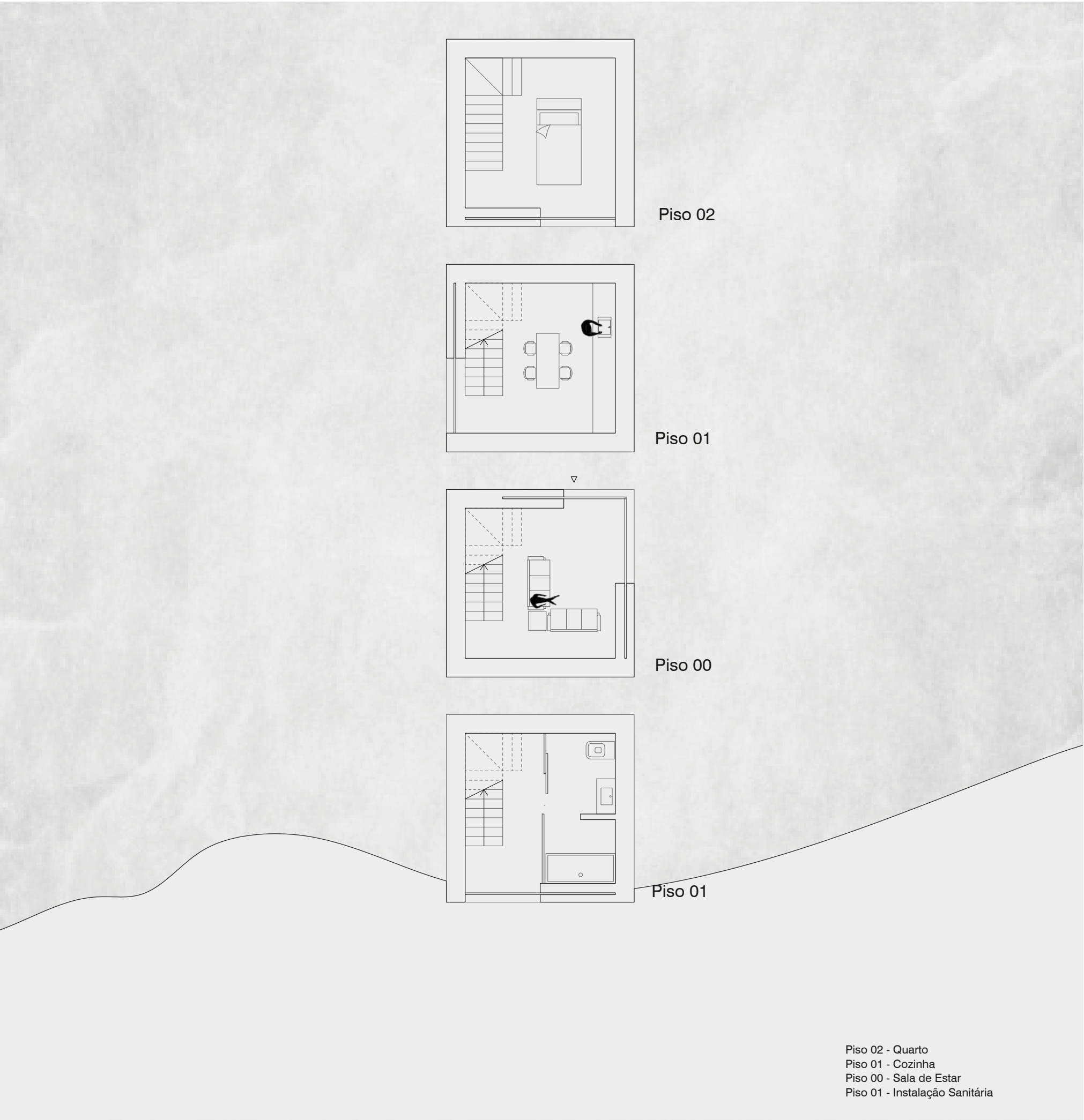
Bruna Neto





A Casa Amarela, projetada pelo Arquiteto Francisco Silva Dias, está localizada na Arrábida, em Setúbal, estabelece uma profunda ligação com o seu entorno. A casa recolhe-se em relação à rua e às demais habitações. Realça a interação entre os espaços interiores e exteriores. O projeto consiste num volume cúbico, com sete metros, dividido por dois pisos. No piso inferior, a casa inclui uma cozinha, uma sala de estar e uma instalação sanitária. E no piso superior, encontramos um quarto e um mezanino. A inclinação da cobertura e de alguns vãos segue a topografia do terreno, permitindo vistas diferenciadas para a Serra da Arrábida. Esta abordagem não só dá um carácter único à casa, como também destaca a paisagem.





Piso 02 - Quarto
Piso 01 - Cozinha
Piso 00 - Sala de Estar
Piso 01 - Instalação Sanitária

1 : 50 N
PLANTAS

A proposta para a Casa Dupla destaca-se pela sua abordagem inovadora e distintiva, especialmente quando comparada com a Casa Amarela. Enquanto esta última possui uma relação predominantemente unidirecional, com um claro destaque para um vão de canto como protagonista, a Casa Dupla visa expandir e estabelecer conexões com múltiplos pontos de vista. Assim, a opção de elevar a casa pretende criar uma ligação mais abrangente com o território, não apenas o entorno, mas também ao céu, os elementos protagonistas.

O principal objetivo da Casa Dupla é deixar uma pegada mínima. Com dimensões compactas de 5x5 metros, a habitação organiza-se em quatro pisos distintos. O acesso é estrategicamente concebido através da sala, seguindo para a cozinha até o quarto que se assemelha a um observatório, graças aos vãos presentes. No piso inferior, encontra-se a instalação sanitária.

Os vãos obedecem a uma estrutura meticulosamente planejada, exibindo dimensões generosas com o intuito de facilitar a entrada abundante de luz. De forma marcante, cada fachada é distintiva pela presença de apenas um vão, conferindo singularidade e equilíbrio ao edifício.



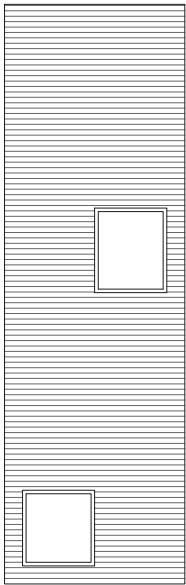
Ortofoto com intervenção e caminho



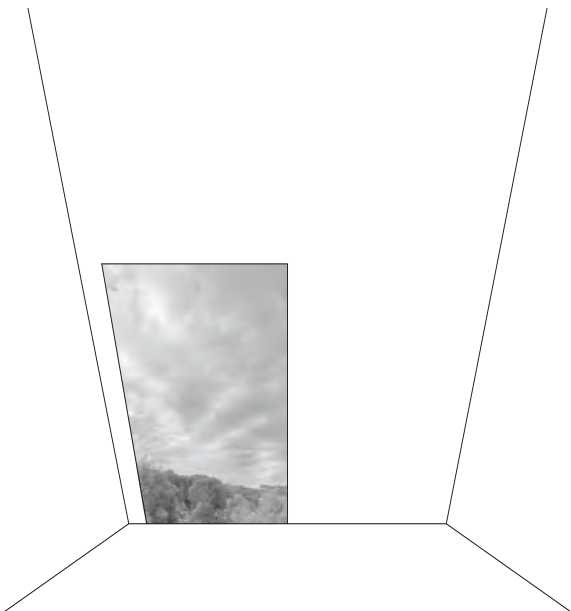
Fotografia do local de intervenção



A escolha do local para a construção foi cuidadosamente planeada, tendo em conta a inexistência de vegetação. Este planeamento estratégico visa, acima de tudo, a preservação ambiental, ao mesmo tempo que procura otimizar a entrada de luz natural, intensificada pela ausência de árvores na área.



Alçado Sul 1:100

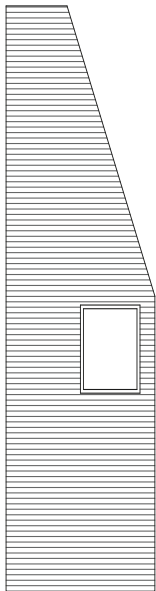


Vista do quarto 1:10

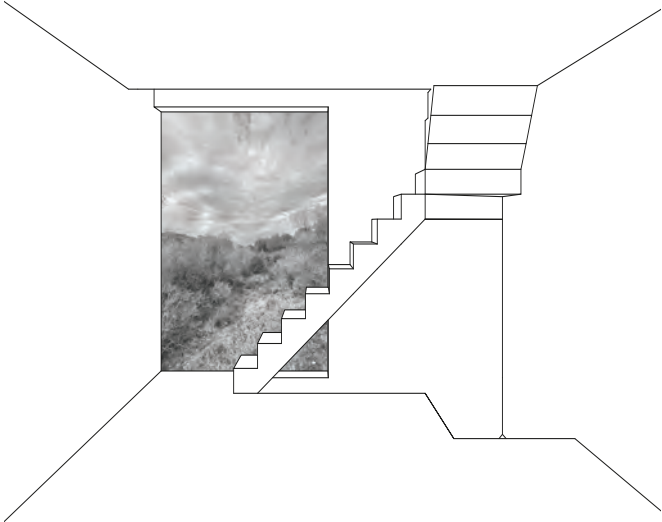
1 : 50
CORTE



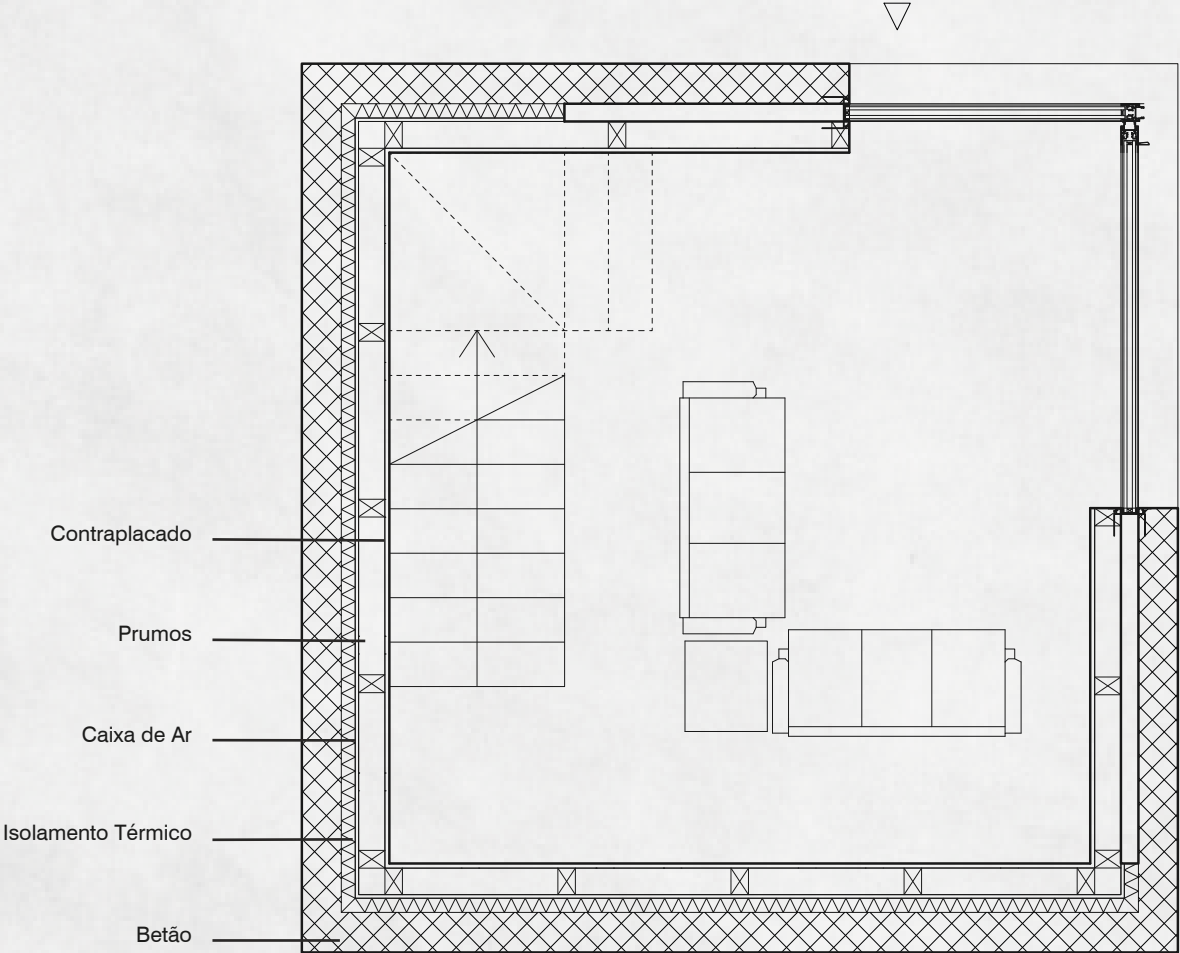
1 : 50
CORTE



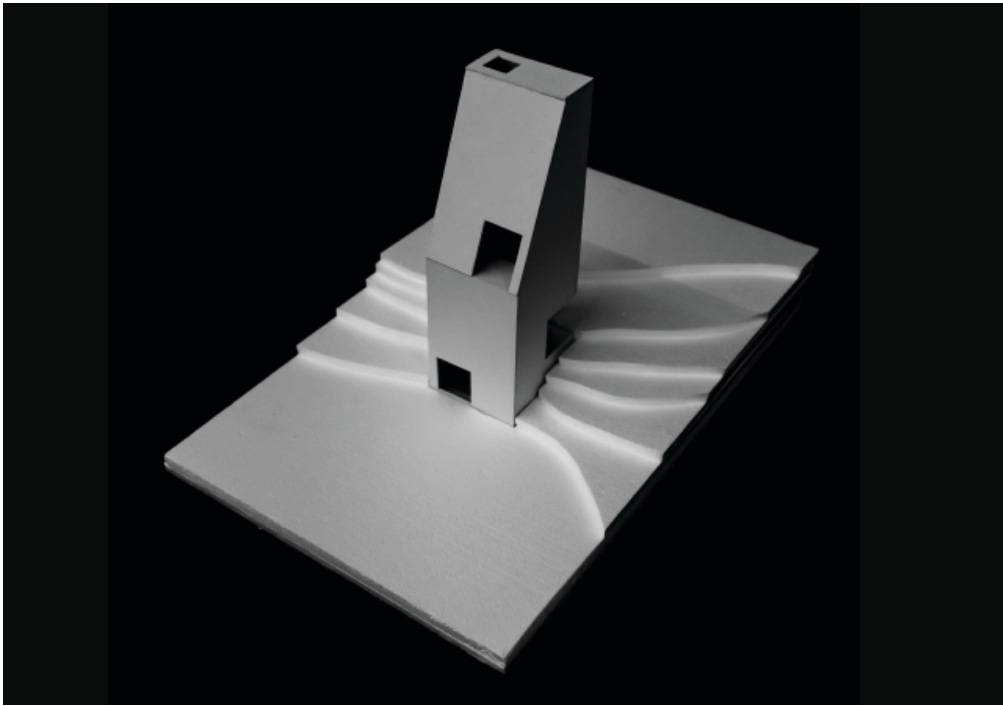
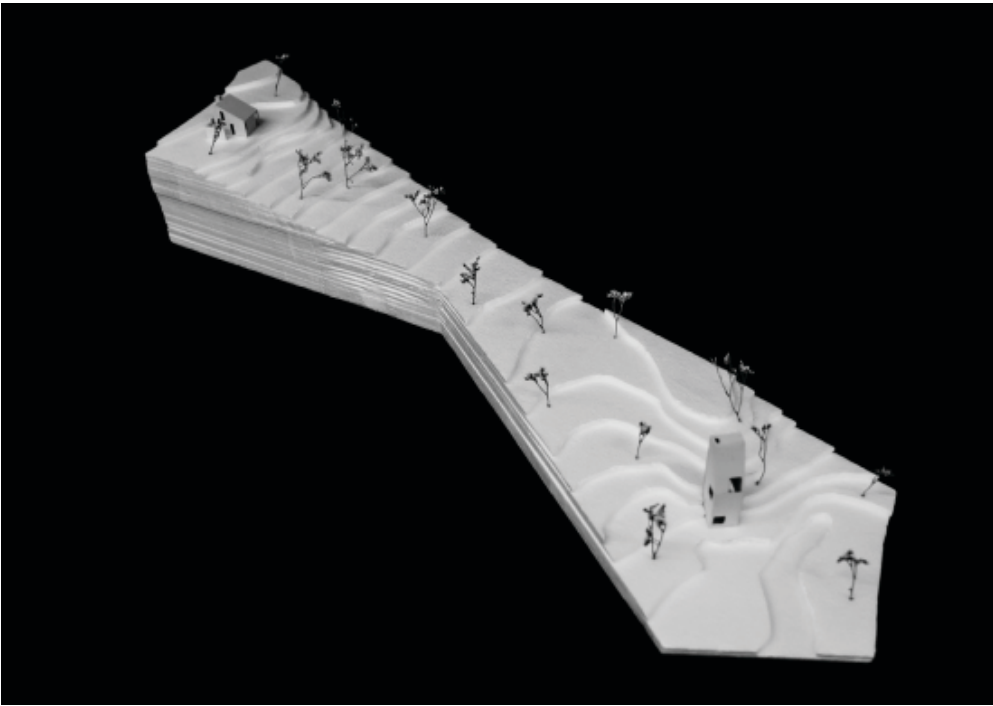
Alçado Poente 1:100



Vista da cozinha 1:10



1 : 20
PLANTA CONSTRUTIVA

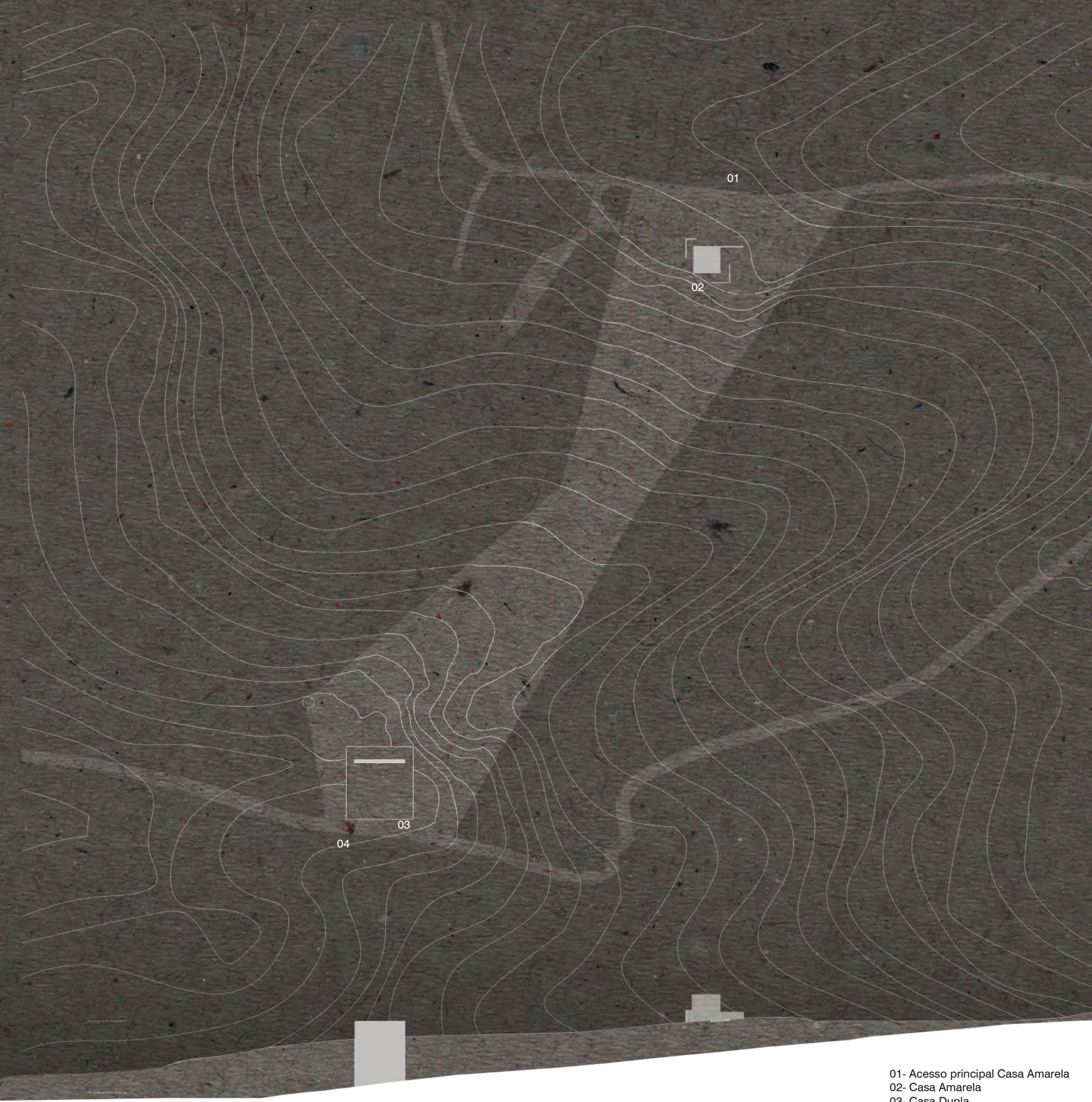


CASA MURO

Marco territorial

Caetana Thomaz



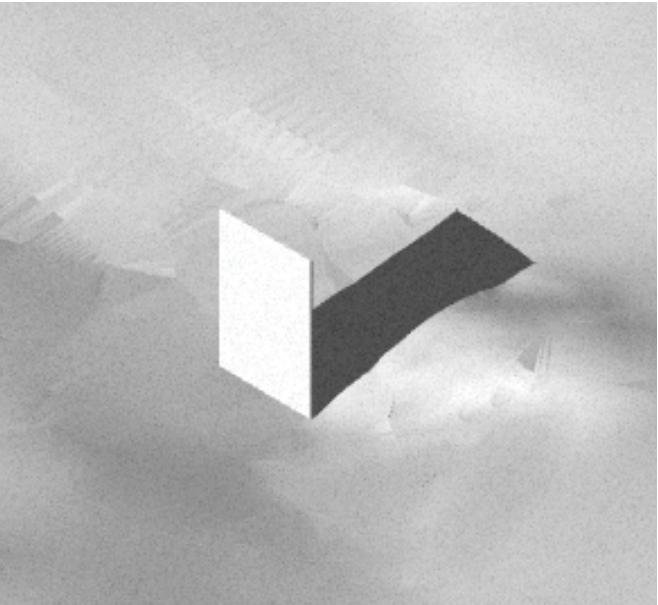


- 01- Acesso principal Casa Amarela
- 02- Casa Amarela
- 03- Casa Dupla
- 04- Acesso secundário Casa Amarela

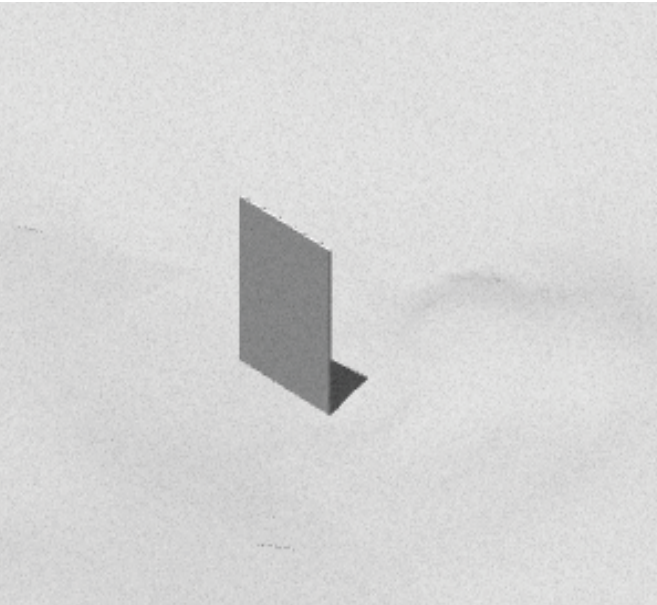
1 : 500 N

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

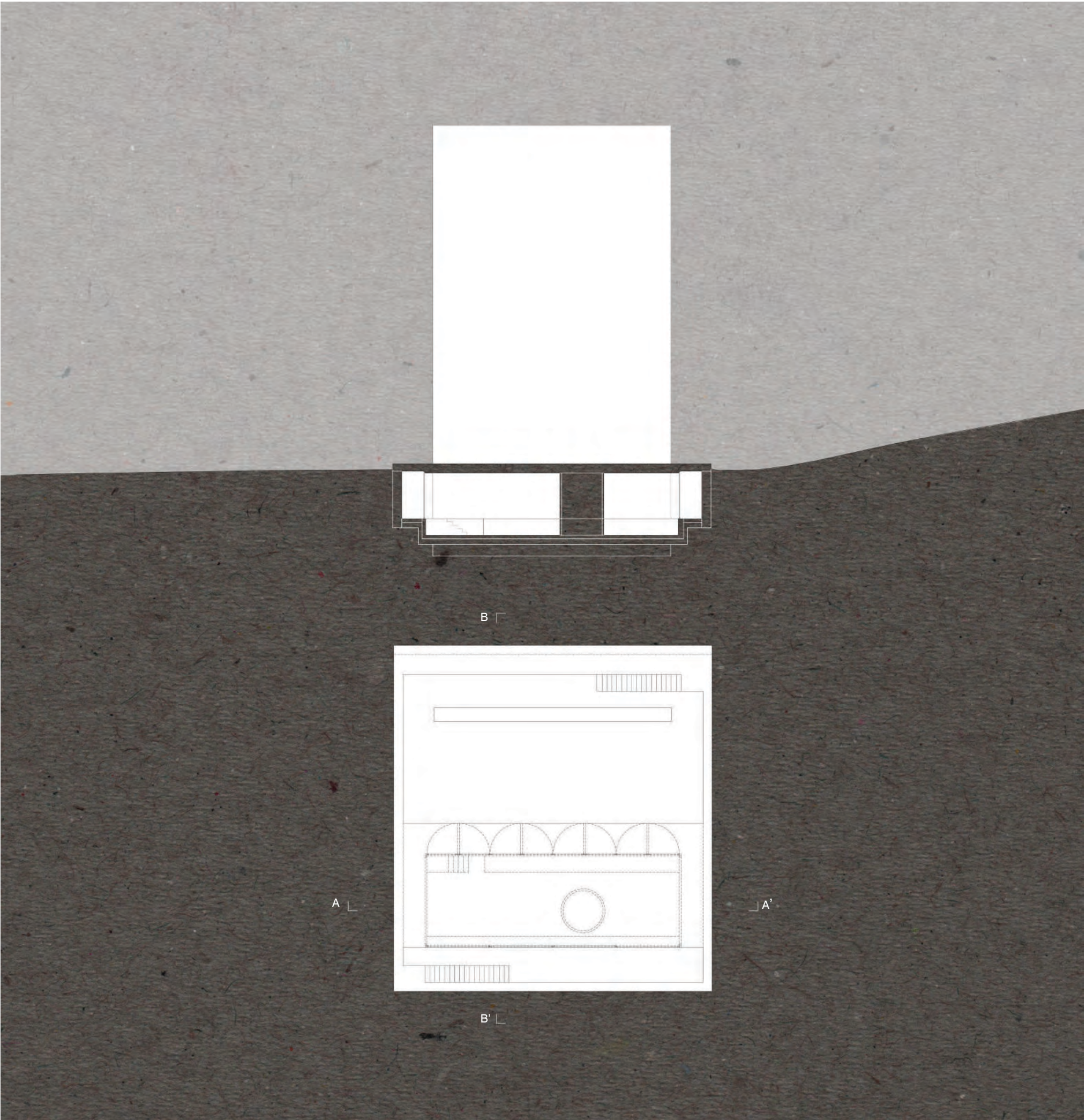
Localizada numa área de reserva, no Parque Natural da Serra da Arrábida, a Casa Amarela tem como entorno um lugar singular, que podemos distinguir pela paisagem desenhada, pela pendente do vale, e pela falta de elementos físicos que definam o limite e geometria da parcela. No ponto mais alto do lote, o abrigo estabelece uma relação diagonal com a Serra da Arrábida; este vínculo define toda a experiência da casa, tanto no interior, como no exterior. Os espaços exteriores da casa são definidos a partir da tensão entre os planos e o volume habitacional; estes vazios, geram espaços que divergem quanto à tipologia e experiência, dependendo do tamanho dos muros e da distância em relação à casa. A possibilidade de acesso aos pátios, sem uma necessária ocupação ou vinculação à casa, permite-nos reconhecer, de imediato, o valor de uma construção que, no seu contexto, permite uma condição de disponibilidade e amabilidade com o Parque Natural e os seus visitantes. A proposta para a estratégia espacial da Casa Dupla é definida pela radicalização desta abertura e pela nova leitura sob um território; é ambicionada a construção de um novo espaço comum, uma casa privada aberta ao vale.



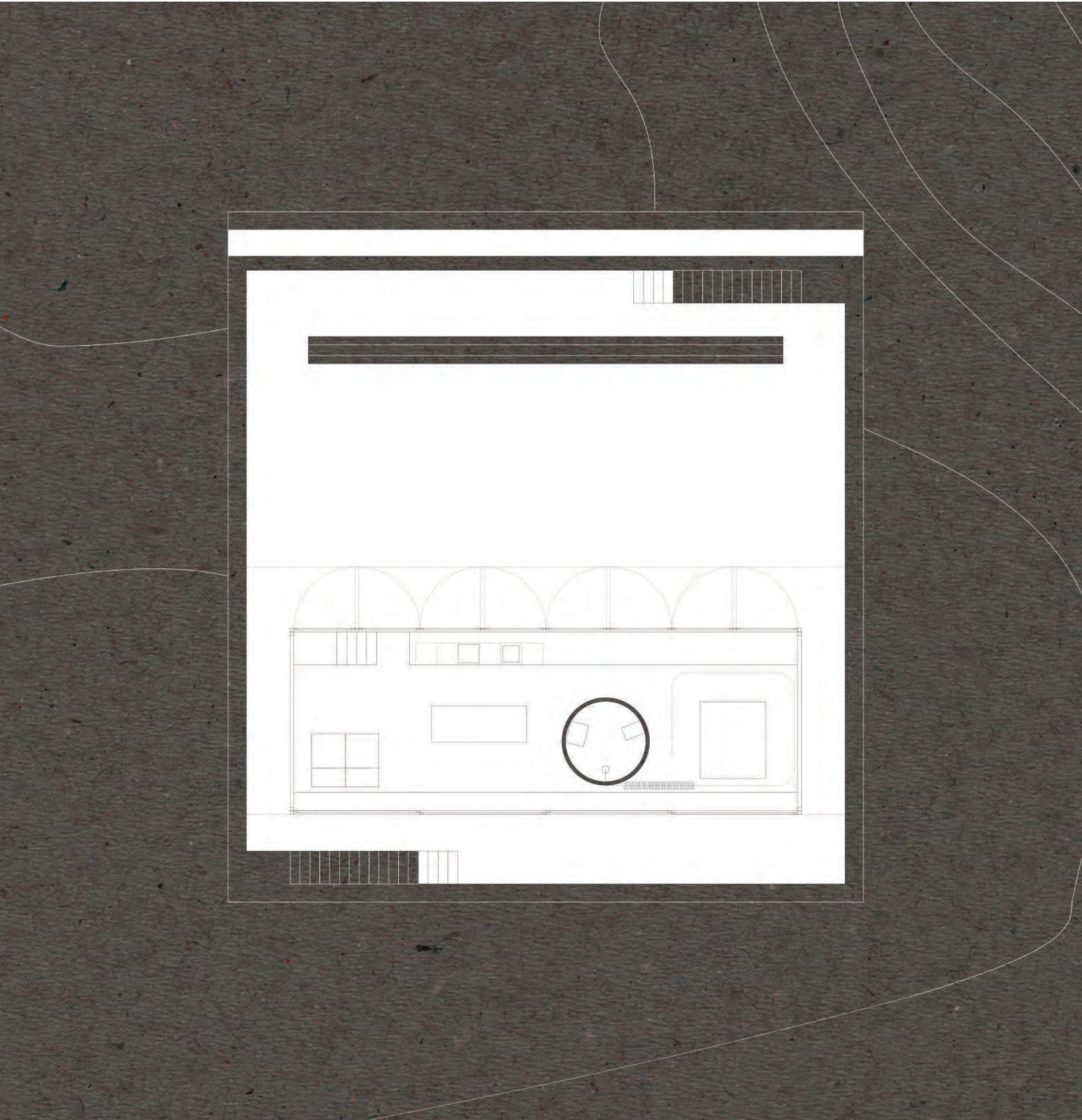
A sombra em Dezembro



A sombra em Junho

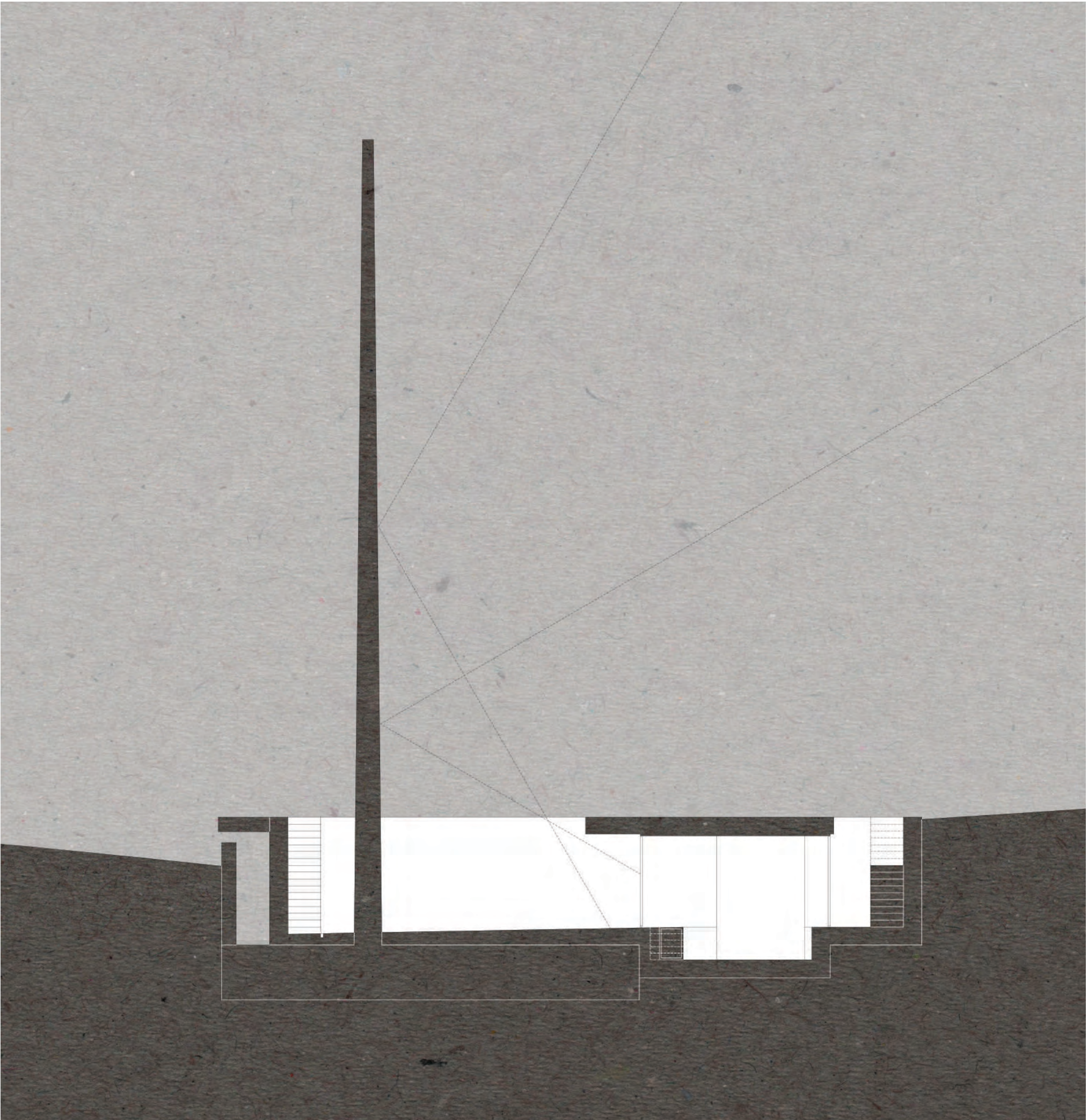


1 : 100 N
CORTE AA' E PLANTA DE COBERTURA

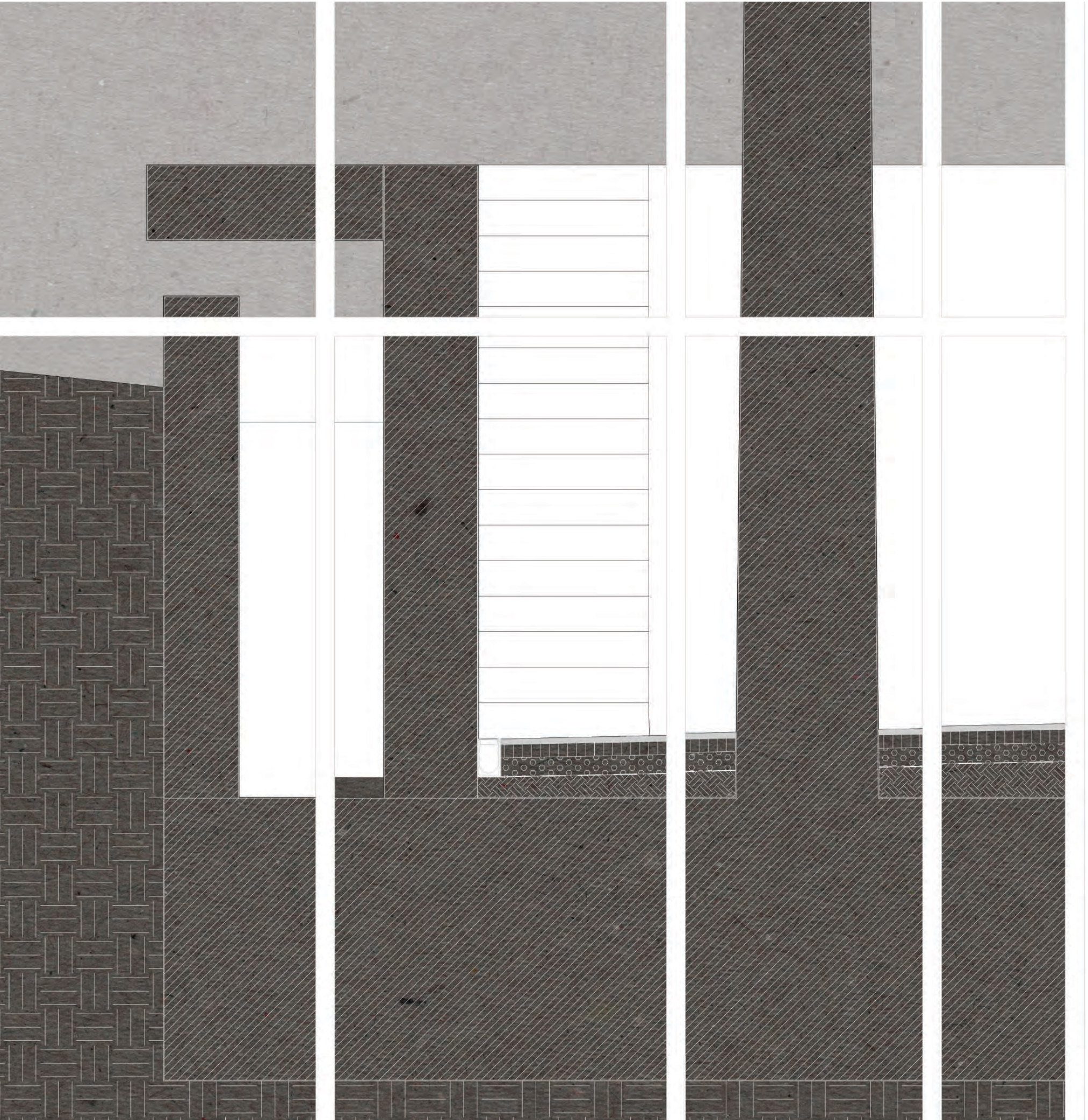


1 : 50 N
PLANTA

Partindo da implantação de um dos muros da Casa Amarela, a casa é definida tanto na sua dimensão pública como doméstica; o plano reminescente mantém a altimetria do plateau no qual está implantada a primeira casa, estabelecendo uma relação e um novo sistema de pátios. Para além de medir a pendente do vale a partir de um percurso, o plano testemunha a passagem do tempo sobre a paisagem; como um grande relógio solar, a lâmina não se distingue apenas pela sua altura e volumetria mas também pela variação de sombras, próprias e projetadas, que imprime no território. Influenciando também a escala doméstica da intervenção, o muro gera um novo pátio a uma cota escavada; acessível a qualquer visitante, este recinto configura um espaço exterior público ambicionado e recebe a implantação da segunda casa da parcela. Numa posição paralela relativamente ao plano, a casa dupla abre-se totalmente ao pátio, funcionando, assim, como uma sala única, parcialmente coberta. O espaço coberto é caracterizado pela mesma liberdade de apropriação pretendida para o todo o projeto, contendo apenas uma divisão; o volume cilíndrico encerrado, que serve a casa de banho, contribui também para a solução estrutural escolhida.

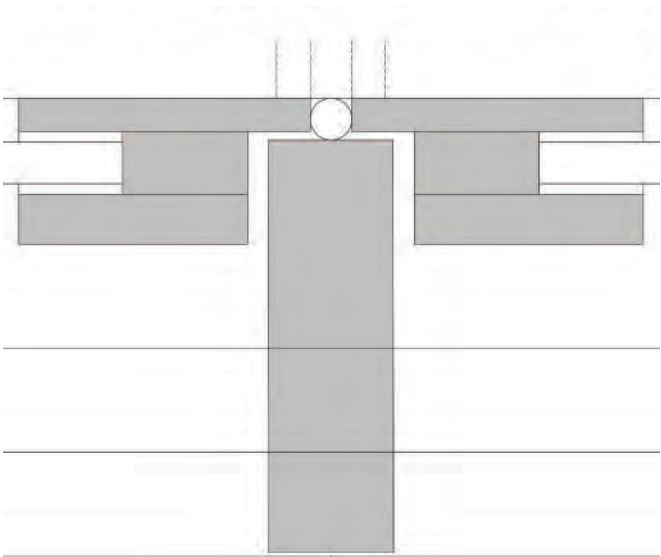


1 : 500 N 
CORTE BB'

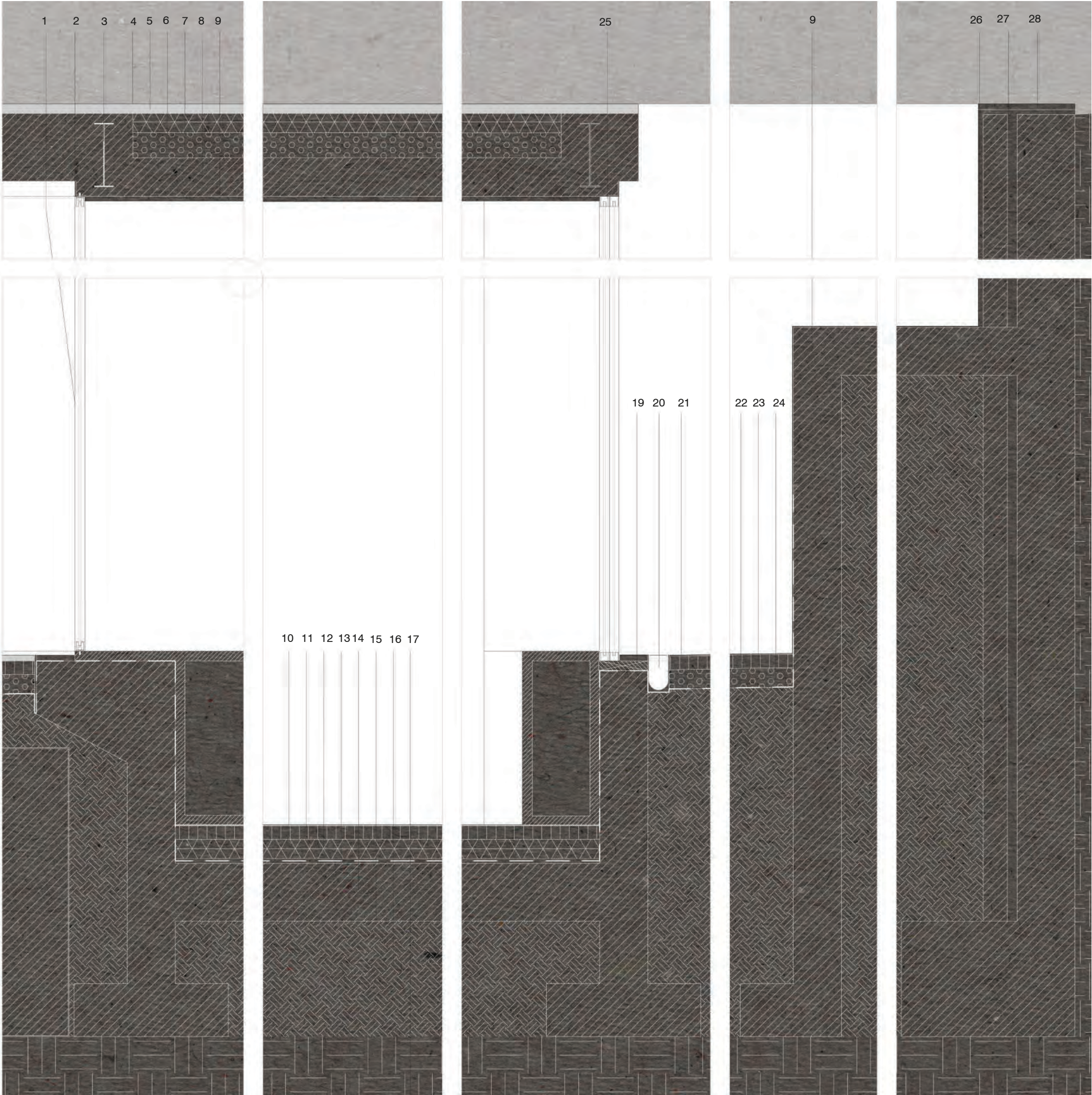


1 : 10
DETALHE CONSTRUTIVO CASA DUPLA

Em relação à matéria, a casa e o muro apresentam-se como um volume monolítico, sem variações aparentes, contribuindo para a leitura de um objecto total interferente na paisagem. Esta solução estrutural em betão armado difere nos revestimentos; o piso exterior caracteriza-se pelo seu acabamento impermeabilizante em poliureia, uma membrana elástica impermeável para pavimento exterior transitável. O piso do interior da habitação é revestido a microcimento contínuo, enquanto o volume interior e os muros perimetrais são revestidos com um acabamento em reboco armado, pintados na cor branca. Para além do volume cilíndrico, foi também desenvolvido um sistema de caixilhos em todo o perímetro do abrigo; estes dois elementos compõem o sistema de suporte da laje em betão armado.

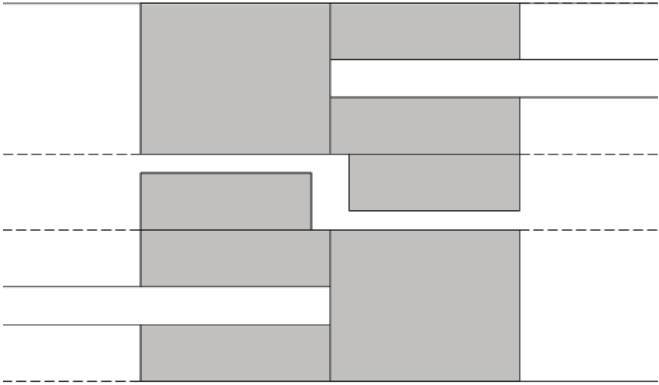


Detalhe porta de abrir 1:2

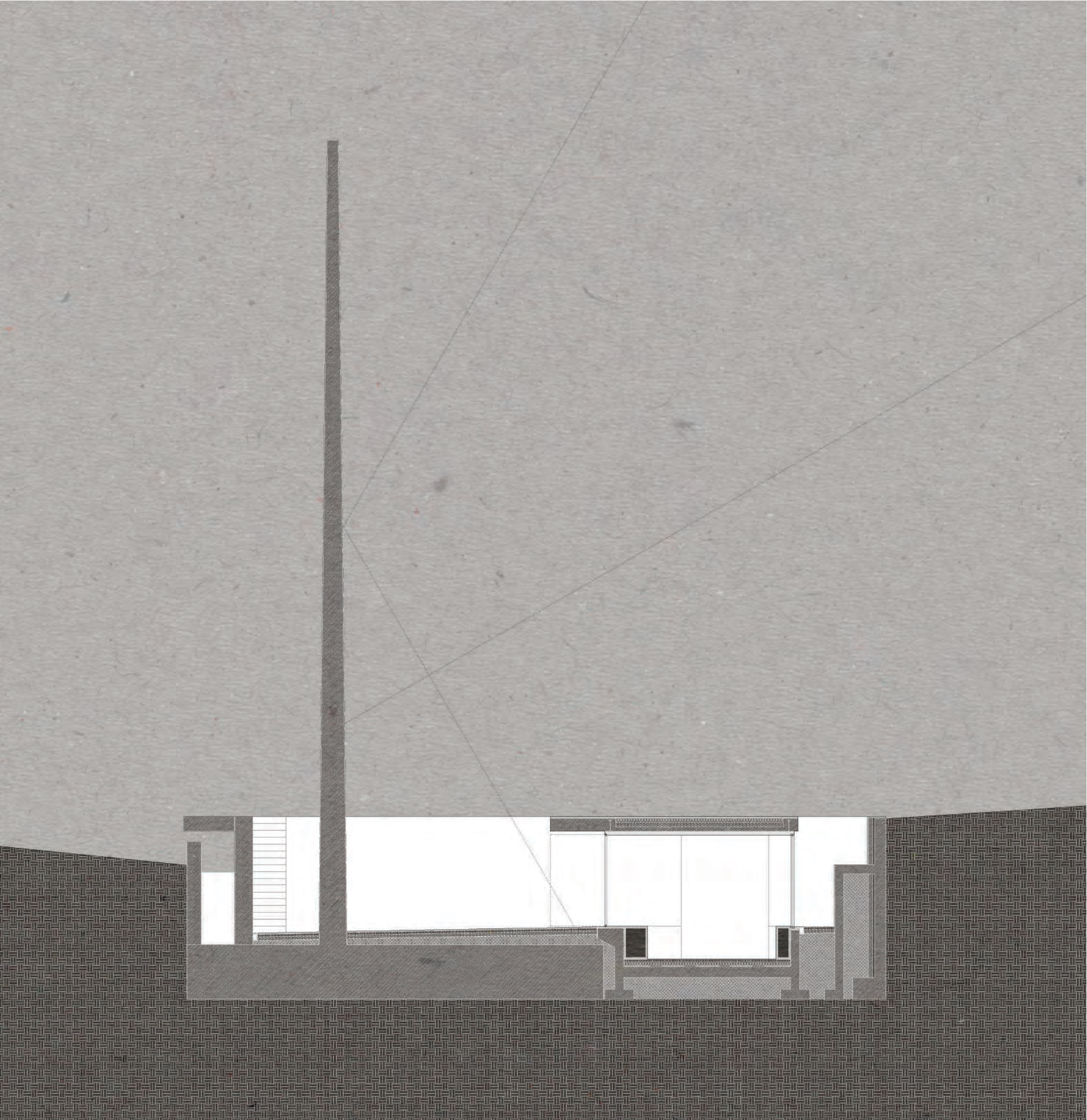


- 01 - Vãos exteriores de abrir;
- 02 -Cantoneira em aço maciço
- 03 - Viga estrutural em aço maciço;
- 04 - Pintura branca de base poliureia
- 05 - Revestimento contínuo em microcimento, esp. 3mm
- 06 - Isolamento térmico XPS de alta densidade, esp. 30mm
- 07 - Argamassa leve de enchimento, para passagem de infraestruturas, esp.10mm ;
- 08 - Laje estrutural em betão armado
- 09 - Estuque projetado pintado com tinta branca
- 10 - Revestimento contínuo em microcimento, esp. 3mm
- 11 - Isolamento térmico XPS de alta densidade, esp. 30mm
- 12 - Argamassa leve de enchimento, para passagem de infraestruturas, esp.10mm;
- 13 - Pintura de duas demãos cruzadas de emulsão betuminosa para impermeabilização;
- 14 - Laje estrutural em betão armado;
- 15 - Separador geotêxtil;
- 16 - Camada de terra vegetal compactada;
- 17 - Solo
- 18 - Vãos exteriores de correr de folha dupla
- 19 - Soleira exterior em chapa de alumínio anodizado
- 20 - Caleira para drenagem de águas pluviais revestida a microcimento
- 21 - Pintura branca de base poliureia
- 22 - Revestimento contínuo em microcimento, esp. 3mm
- 23 - Argamassa leve de enchimento
- 24 - Camada cimentícia para formação de pendente 2%
- 25 - Muro em betão de estrutura da escada
- 26 - Reboco armado pintado na cor branca
- 27 - Estrutura de muro para contenção e suporte em betão armado
- 28 - Capeamento em chapa de alumínio

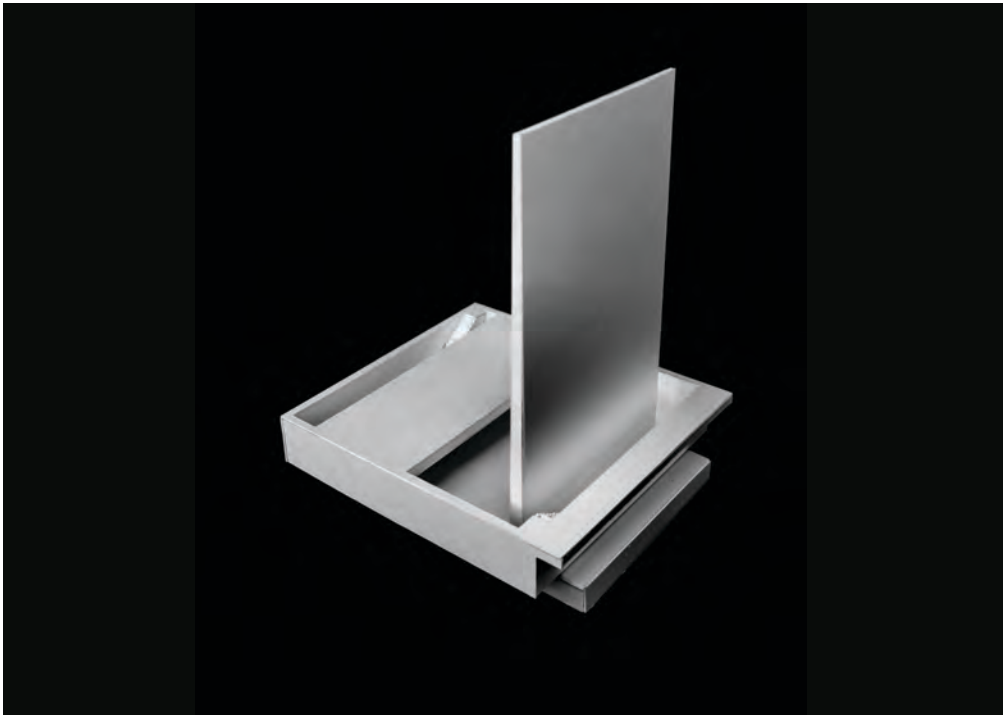
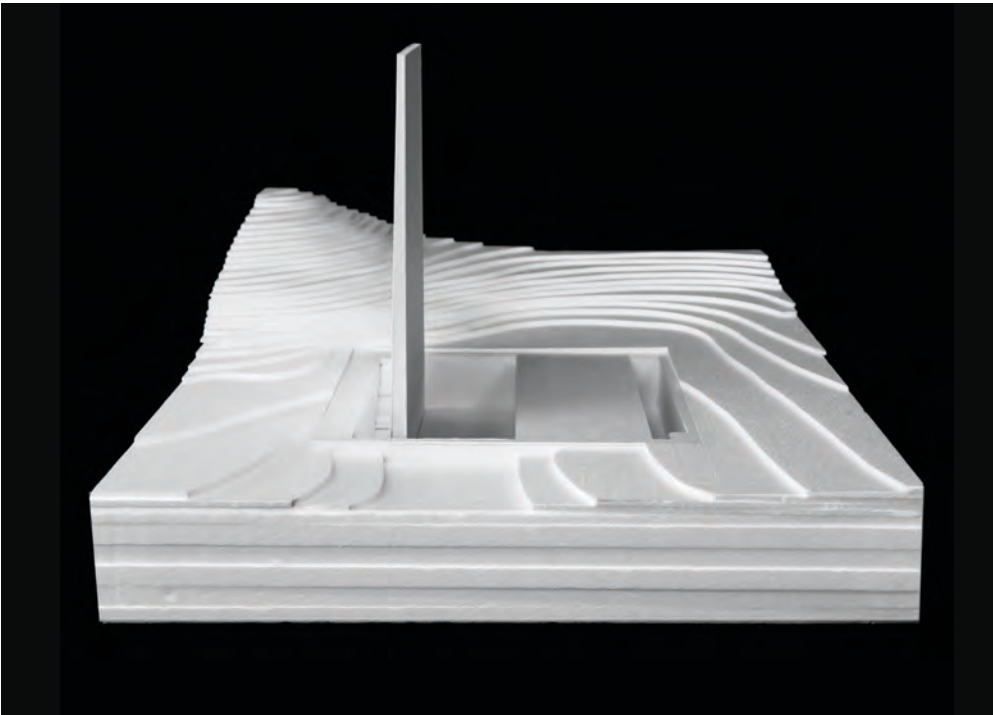
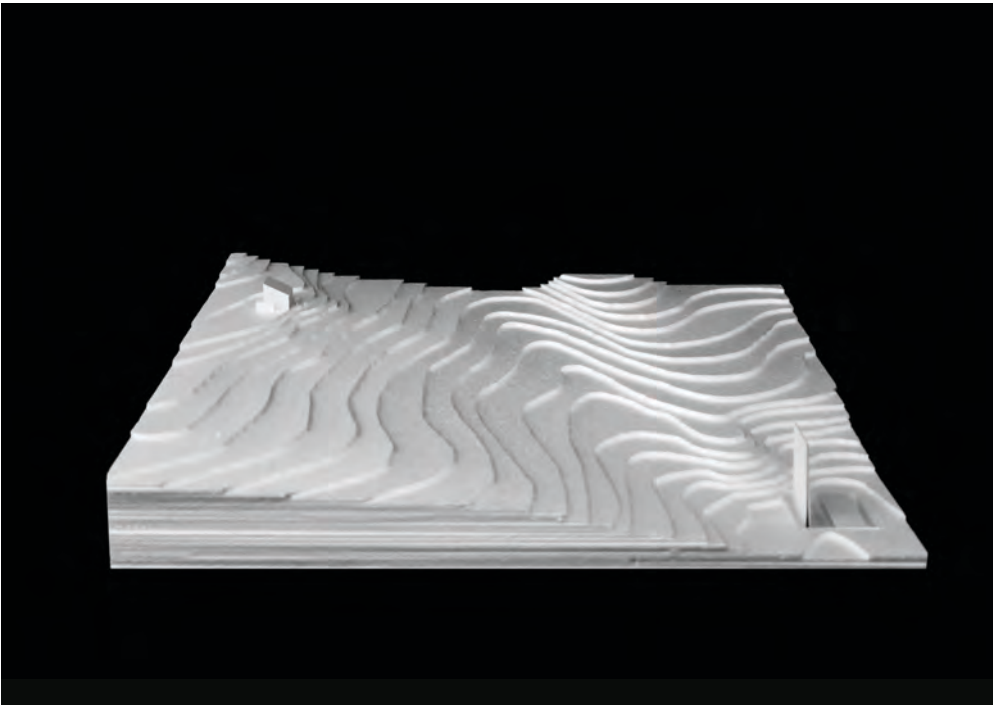
1 : 10
DETALHE CONSTRUTIVO CASA DUPLA



Detalhe porta de correr 1:2



1 : 50
CORTE BB'

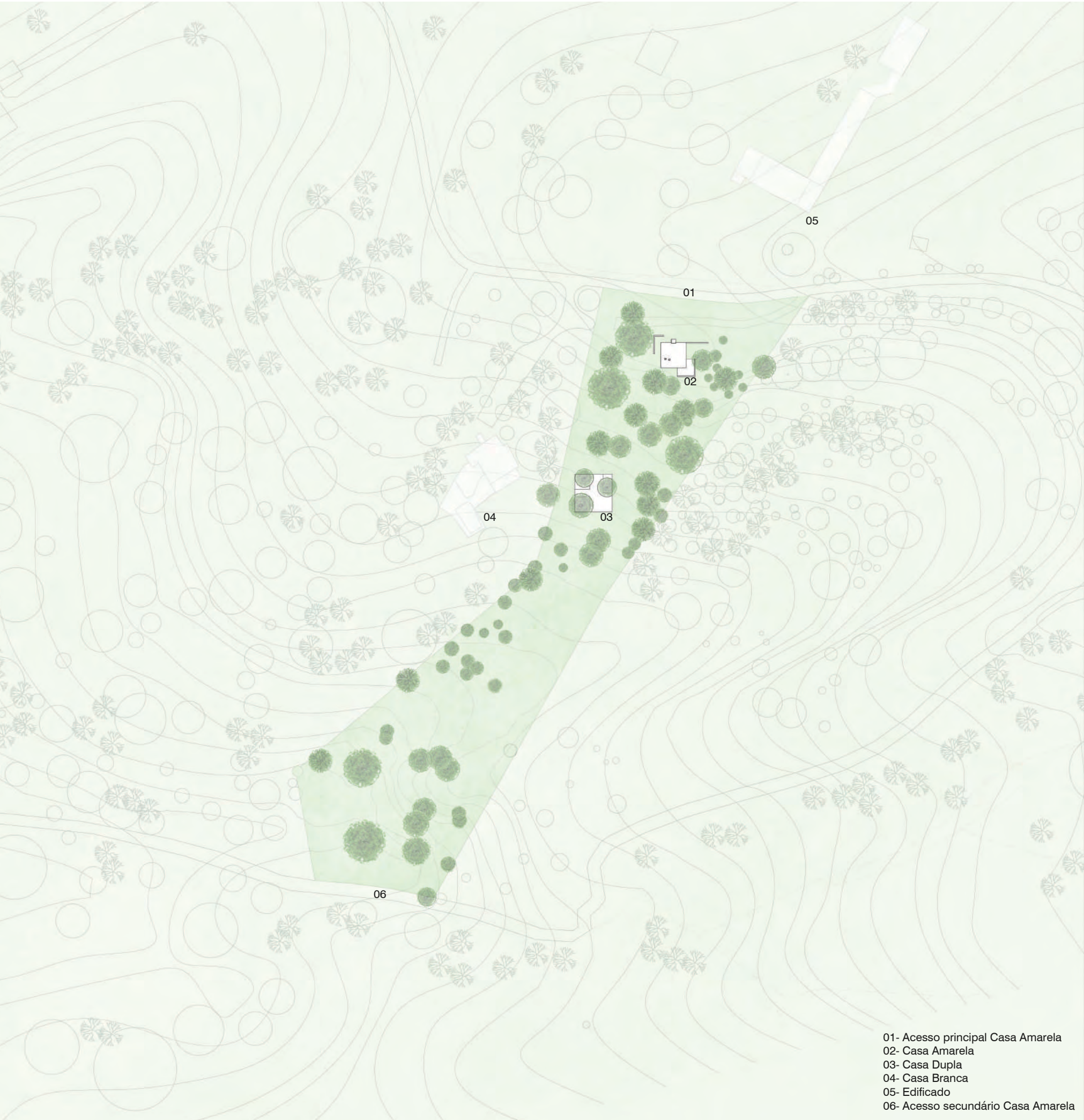


CASA ÁRVORE

Plataforma
Palafítica

Catarina Figueiredo





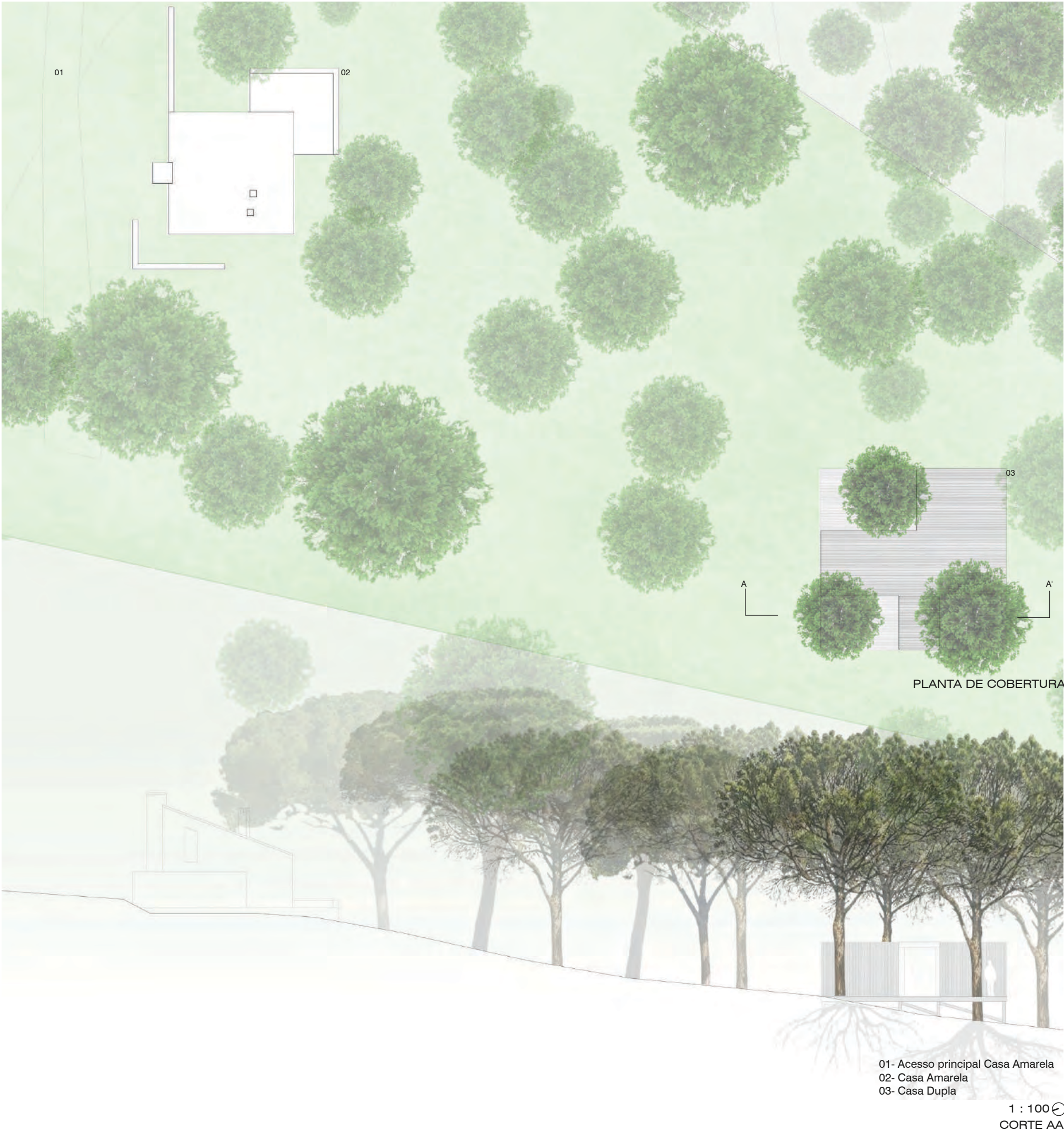
A Casa Amarela, localiza-se na Serra da Arrábida. Este projeto situa-se num terreno singular e com uma vista privilegiada sobre a serra da Arrábida. O arquiteto, Francisco Silva Dias, desenhou esta casa sendo uma casa de férias, um refúgio para fugir da cidade. A casa relaciona-se com a envolvente e evidência a ideia de interior-exterior. Feita para ser vivida num clima de emoção e alegria. É um único espaço interior com uma cozinha, instalação sanitária, quarto e uma sala. Tem um mezanino e uma plataforma que serve de terraço. A plataforma comunica com o interior da casa através do seu pavimento único e pelo vão de canto que abre na sua totalidade, fornecendo uma vista desafogada para quem se encontra dentro de casa. Só existem duas portas no seu interior: a da instalação sanitária e a do quarto, quarto este, que está ligado à sala através de um vão. Tudo isto cabe num cubo, com sete metros de aresta, cortado pelo plano oblíquo de uma cobertura de uma só água.



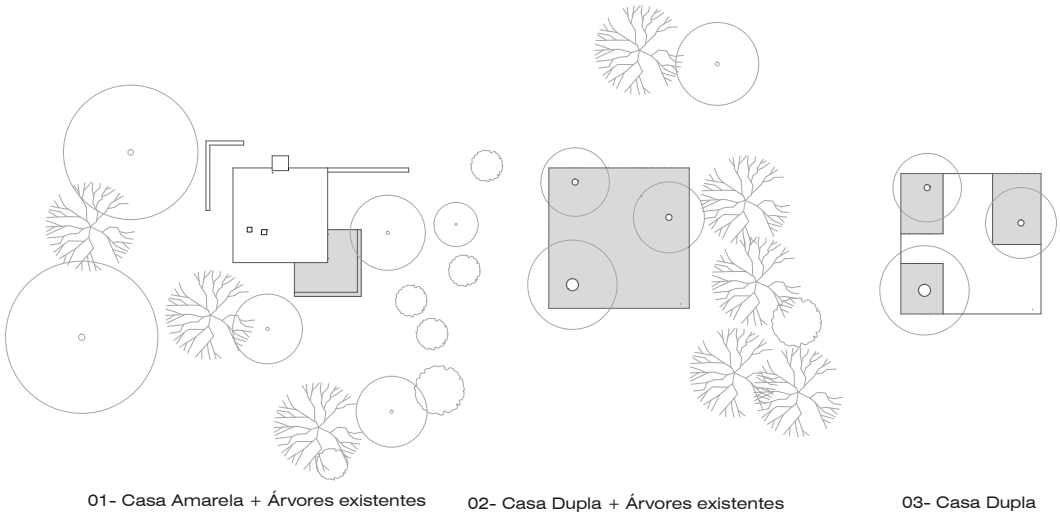
Fotografia da plataforma da Casa Amarela

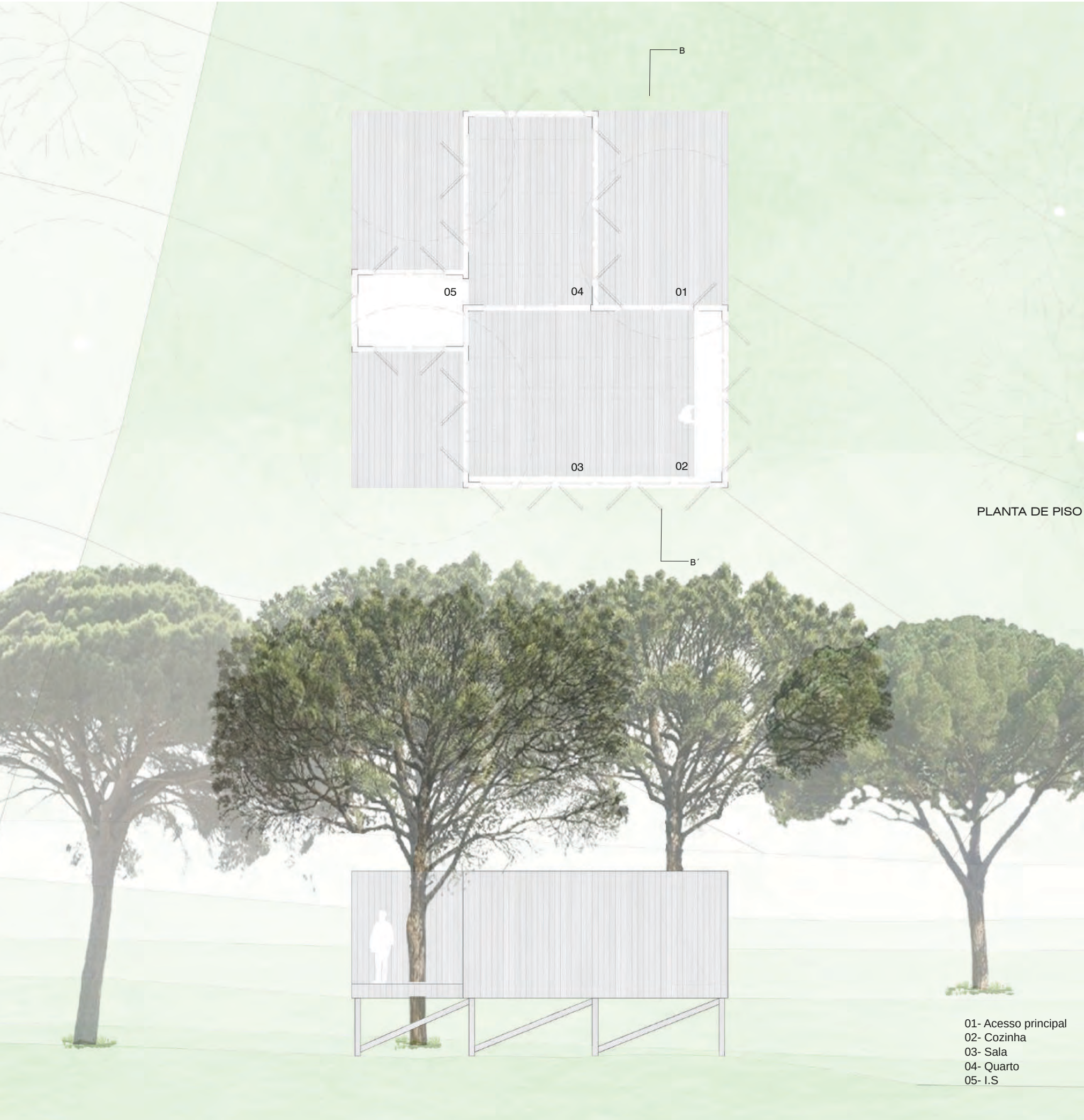


Fotografia do local de intervenção



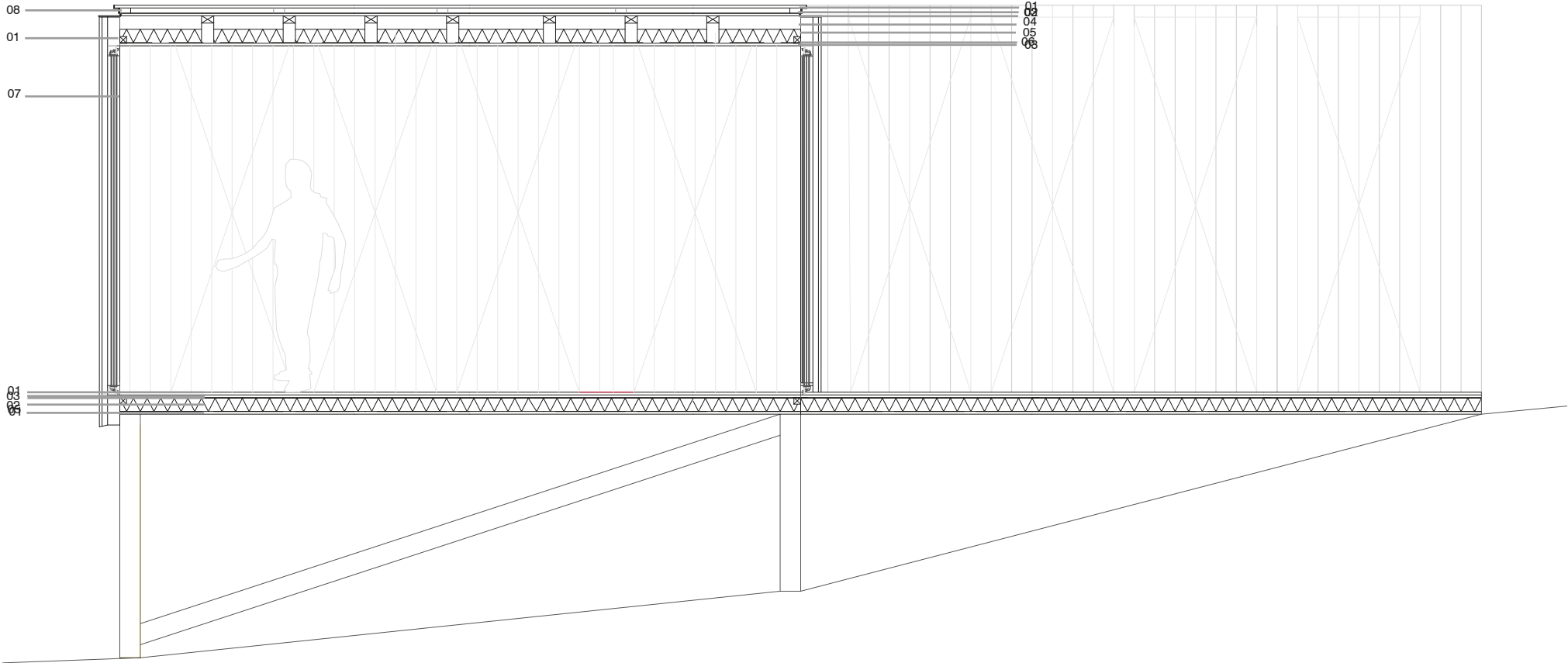
A casa dupla encontra-se a sudoeste da casa amarela. A sua planta é um quadrado de 10m por 10m que corresponde ao dobro da dimensão da plataforma exterior da casa amarela. A casa dupla está elevada do solo, sustentada por pilares, tornado-a numa construção palafítica que integra as árvores para o seu interior. As árvores definem a sua planta, recortando o pavimento. A casa é resultado de uma simbiose entre o cheio e o vazio, o natural e o artificial.





A planta é definida por três espaços. Cada espaço tem uma relação particular com os pinheiros que a circundam, desde o quarto que olha para os dois pinheiros, desde a sala que partilha o mesmo espaço com a cozinha e que, quando os vãos se abrem, dá-nos a sensação da paisagem a entrar para dentro de casa. Mas, se quisermos estar sem a presença dos pinheiros, podemos fechar os vãos e ficamos apenas com o som das árvores, dos pássaros e do vento.

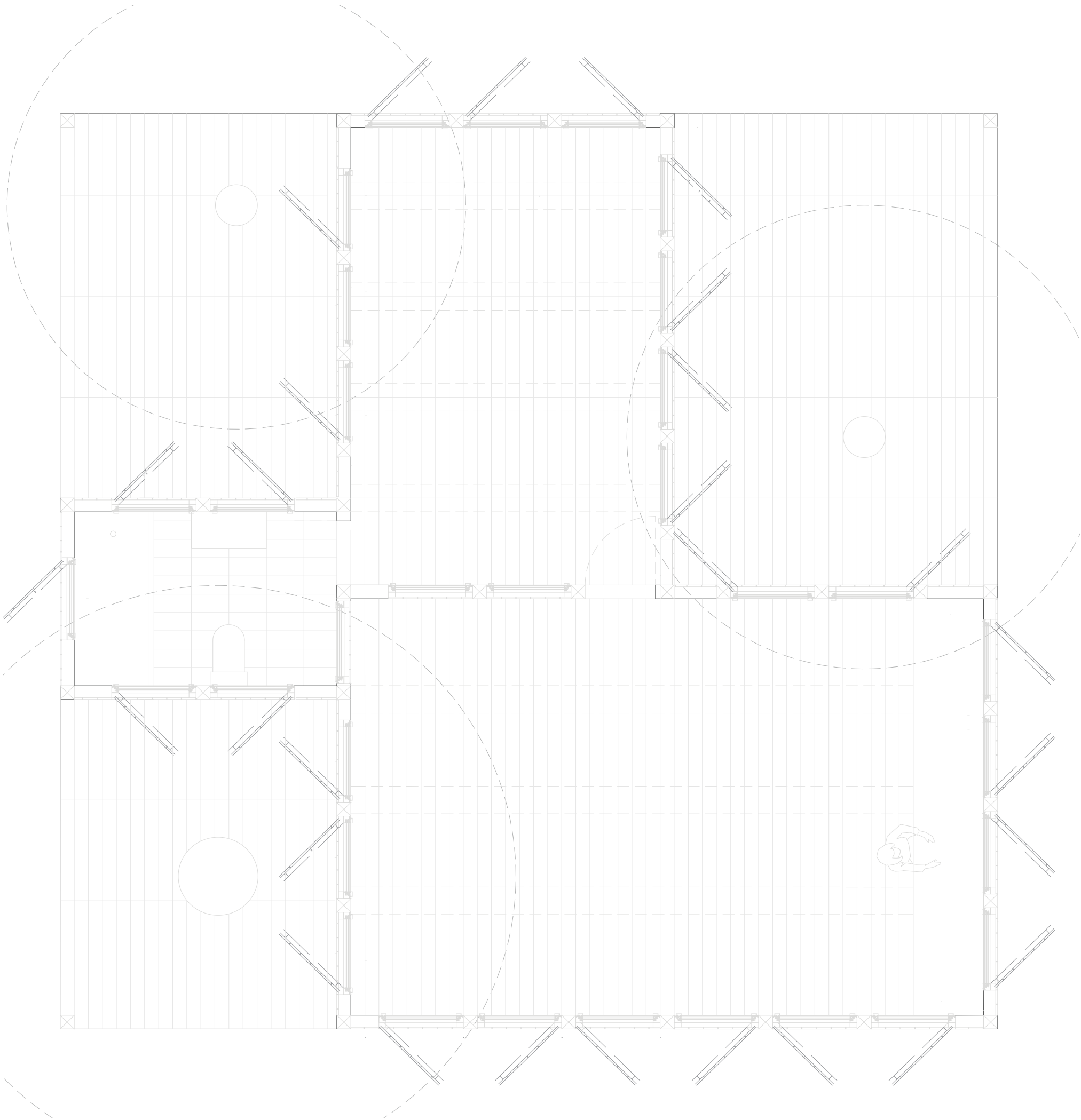
A casa dupla relaciona-se com a natureza a partir dos pinheiros, criando assim uma casa única num espaço único. Um espaço concebido em torno de elementos existentes.



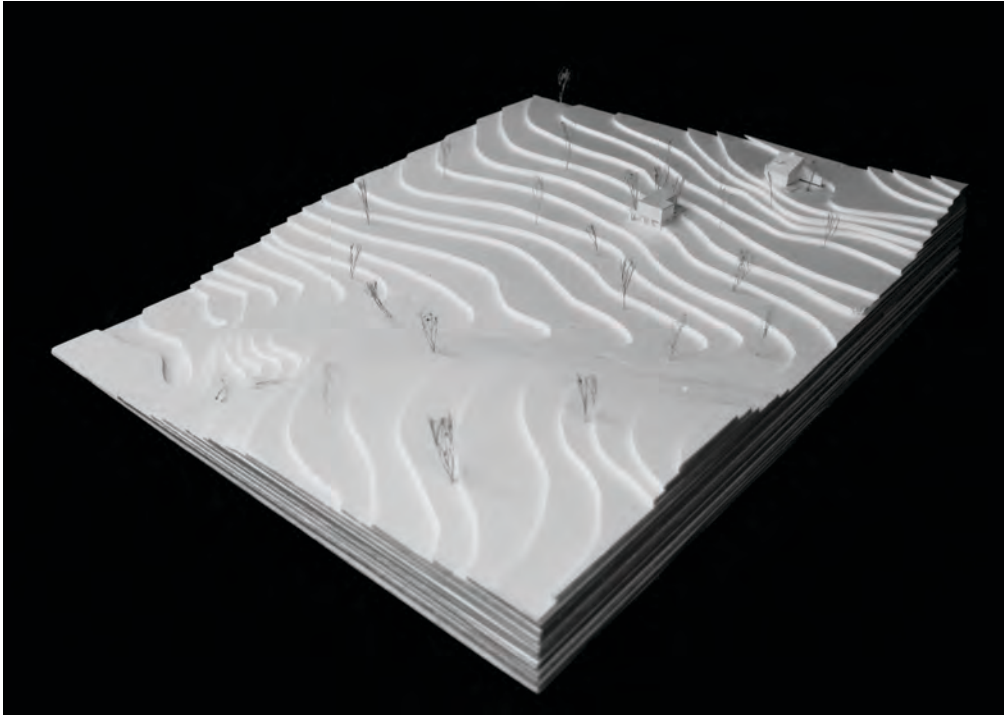
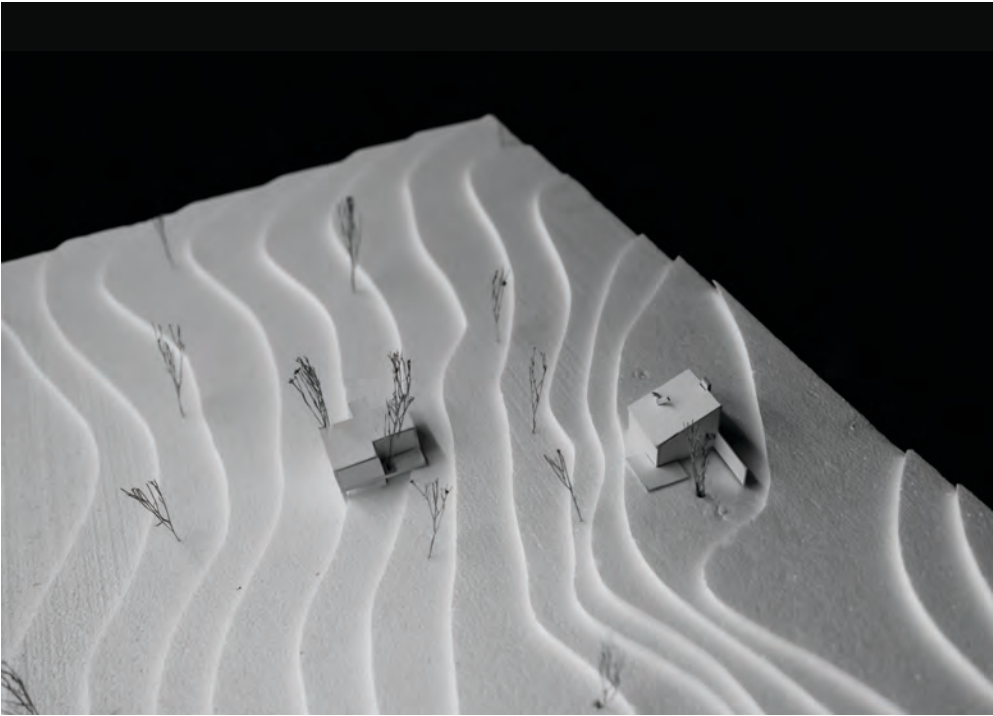
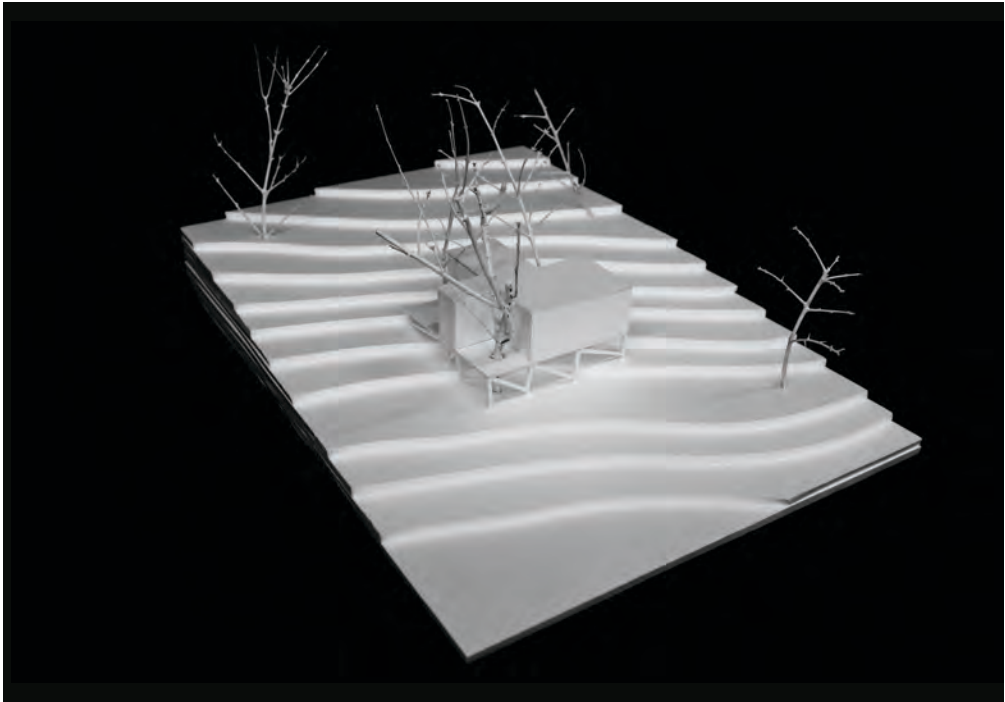
- 01- Réguas de madeira
- 02- Tela impermeável PVC
- 03- Contraplacado
- 04- Ar
- 05- Isolamento Térmico
- 06- Barreira de Vapor
- 07- Vidro
- 08- Aço
- 09- Soldevila Maxlight 92

1 : 20
CORTE BB'

A casa é toda ela feita de madeira, tanto no seu interior como no seu exterior com vãos, portadas e caixilhos também de madeira. A madeira é um material versátil e variável, com características mecânicas adequadas para várias aplicações. A madeira é um recurso renovável e a sua utilização pode ser considerada mais ambiental em comparação com materiais não renováveis, também é um material mais leve o que facilita o transporte e a montagem. A madeira oferece um ambiente acolhedor à casa e também um sentimento de pertença por estar rodeado de árvores que a circundam. A sua grelha é uma grelha de 1,05 metros a eixo dos pilares entre os vãos com portadas de 90cm. Os caixilhos são os Soldevila Maxlight 92.



1 : 20
PLANTA CONSTRUTIVA



CASA MUROS

Limites
Expandir

Duarte Pires





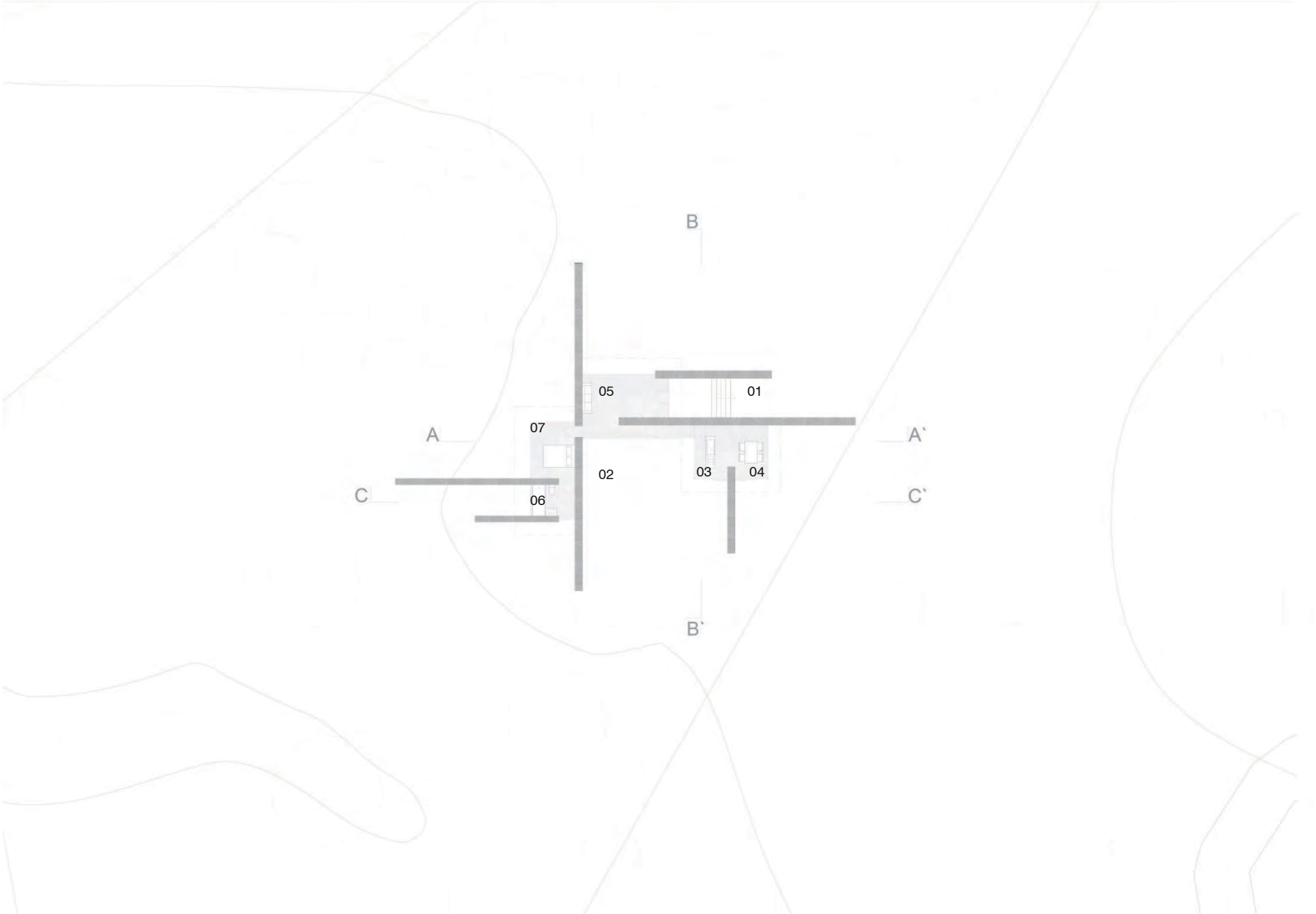
A Casa Amarela, projetada pelo arquiteto Francisco Silva Dias em 1976, está situada na região da Arrábida, abrindo-se para a paisagem verde e integrando-se harmoniosamente com a natureza. Originalmente projetada como um refúgio familiar longe da agitação da cidade, a casa representa um exemplo de habitação mínima. No projeto do “cubo”, o arquiteto incorporou vegetação não predominante na época, como pinheiros mansos, aroeiras, carrascos, medronheiros e dois ciprestes, símbolos mediterrânicos de verticalidade e persistência. A casa foi desenhada como uma residência de férias, sendo caracterizada pelo termo “casa oca”, constituindo um único espaço interior com áreas designadas para cozinhar, comer, dormir, estar junto à lareira e conviver. Apresenta uma varanda interna e um pátio externo, destacando-se pela presença de apenas duas portas: uma para o banheiro e outra para o quarto, este último conectando-se à sala por meio de uma janela.



Fotografia do local de intervenção



Fotografia do local de intervenção



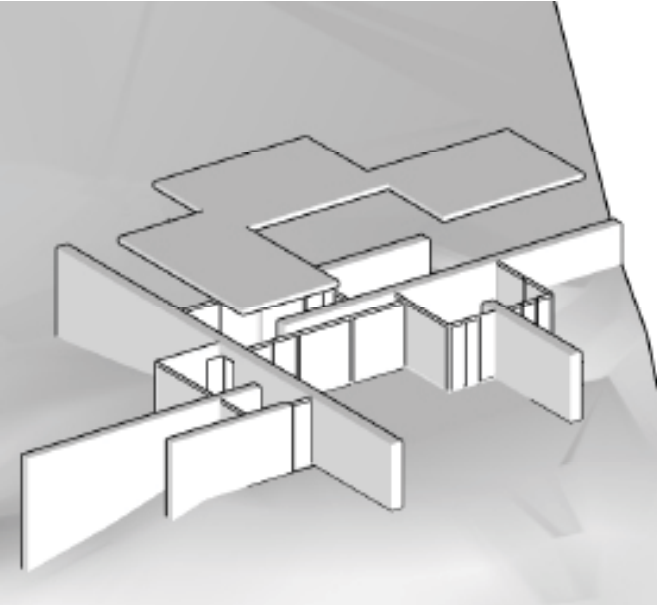
- 01- Acesso lado norte Casa Dupla
- 02- Acesso lado sul Casa Dupla
- 03- Cozinha
- 04- Sala de jantar
- 05- Sala de estar
- 06- IS
- 07- Quarto

1 : 100 N

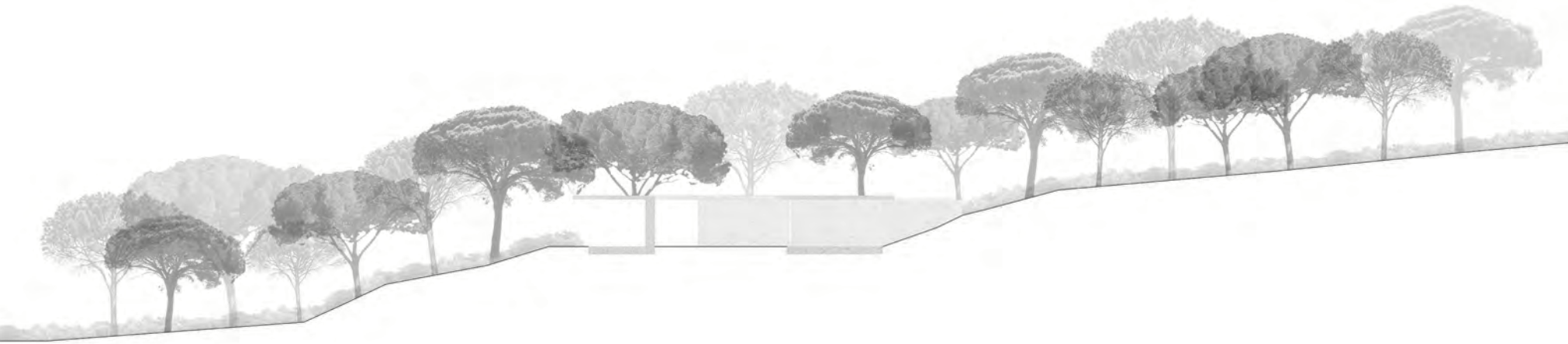
PLANTA

A Cada Dupla surge dos muros já existentes da Casa Amarela, criando assim uma casa entre muros, esses mesmos desempenham um papel duplo ao não apenas direcionar, mas também delimitar a amplitude da visão.

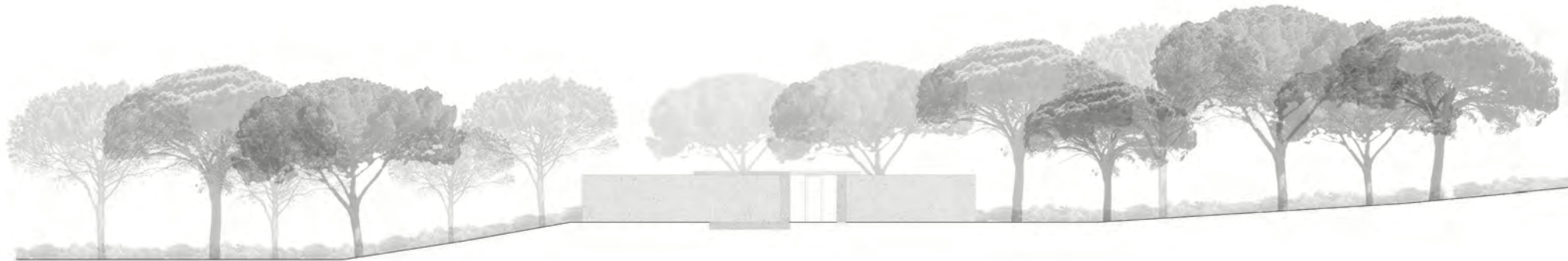
A Casa Amarela, ao abrir-se para a paisagem, estabelece uma conexão com a natureza que a envolve. Esta integração harmoniosa com o ambiente é replicada de maneira notável na Casa Dupla. Quando ouvimos a palavra “muros” evocamos automaticamente a ideia de algo pesado e imponente. No entanto, ao explorarmos esta residência única, somos convidados a desafiar essa associação convencional. O que se destaca não é a imponentia, mas sim a leveza que a casa incorpora. A cobertura em madeira desempenha um papel fundamental ao realçar e acentuar essa característica. Neste contexto, os muros não são barreiras, mas elementos que coexistem em perfeita harmonia com a delicadeza que permeia cada espaço desta habitação, transformando-a em um refúgio acolhedor. A luz, ao atravessar os vãos, ilumina os espaços internos, criando uma atmosfera acolhedora e luminosa. A localização da casa localiza-se na parte sul do lote. O acesso à Casa Dupla é concebido de duas maneiras, permitindo entrada tanto pelo lado sul quanto pelo lado norte. Na entrada norte, é feita entre dois muros que nos direcionam para entrada. Já a entrada sul, é o oposto da entrada norte, é efetuada por um vão de correr que proporciona uma transição fluida entre o exterior e o interior.



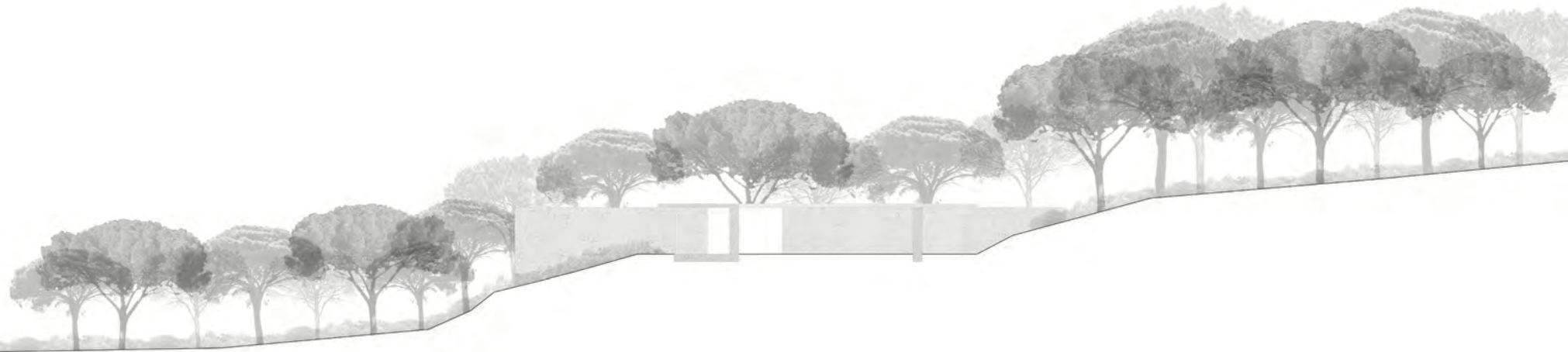
Isometria



1 : 100
CORTE AA'



1 : 100
CORTE BB'



1 : 100
CORTE CC'

Dessa forma, a Casa Dupla não apenas compartilha uma ascendência arquitetónica com a Casa Amarela, mas também redefine e amplifica a relação entre arquitetura e paisagem, criando uma casa única que se destaca pela sua integração cuidadosa com a natureza ao redor.



RENDER 1



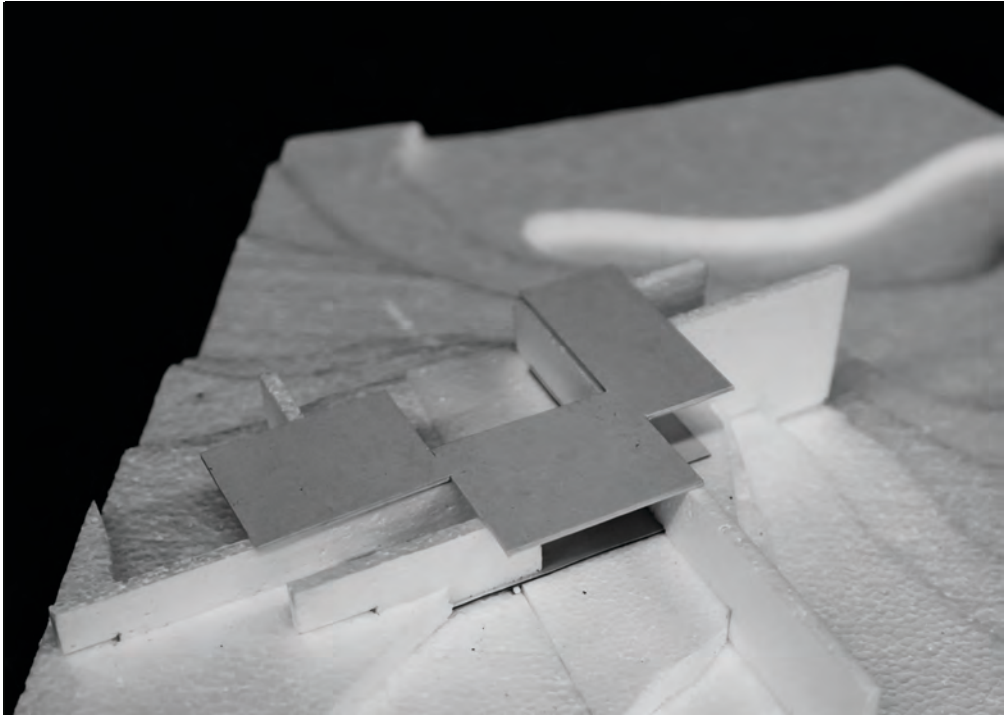
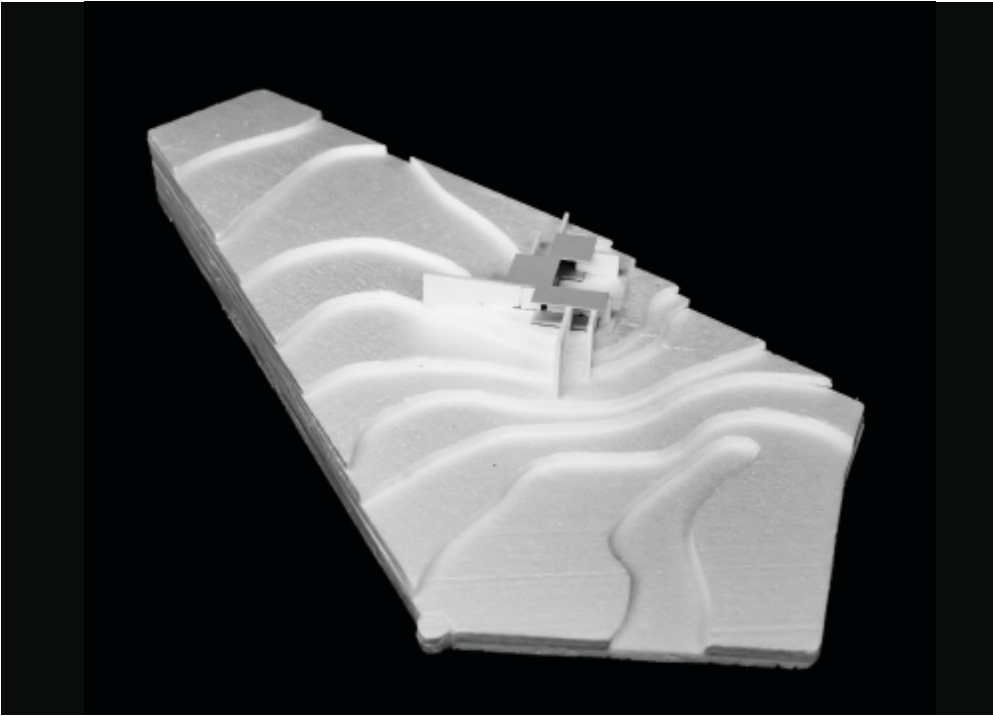
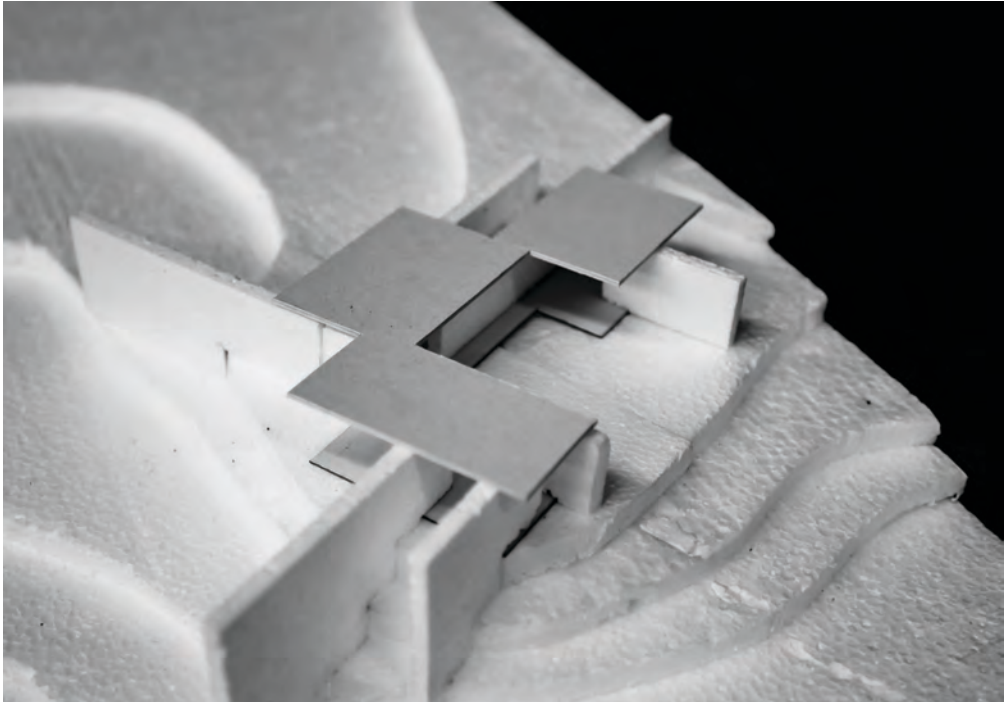
RENDER 2



RENDER 3



RENDER 4



CASA PLATAFORMA

União
Paisagem

Hugo Charrua





1 : 500 N
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

A Casa Amarela esta localizada na Arrábida e foi projetada em 1976 pelo arquiteto Francisco Silva Dias com o objetivo de ser um refúgio, um lugar que inspirasse vida e pura conexão com a natureza. Entre vales e montes, a casa revela-se ao longo da paisagem, mantendo uma forte ligação com o meio envolvente. Situa-se sob a colina e com a vegetação que a protege e a envolve devido à densidade do verde presente entre os vales, dando a sensação de estar entre o bosque. A casa é fechada a norte e abre-se para a serra a sul, procurando assim, criar atmosferas diferentes nos demais recintos da casa, onde espaços mais introspetivos que recusam a relação direta com a paisagem da Arrábida são gerados, estes espaços focam-se mais na relação do corpo e alma através da materialidade presente no interior da casa, onde o cheiro a lenha queimada, a frescura da tijoleira do chão, e luz natural refletida através das paredes brancas da casa são mais presentes. Assim como, espaços cujo o foco consiste em captar a essência do lugar através dos vãos e do único espaço de estadia da casa (o terraço), de modo a permitir que a arquitetura e o lugar sejam um só.



Fotografia do local de intervenção



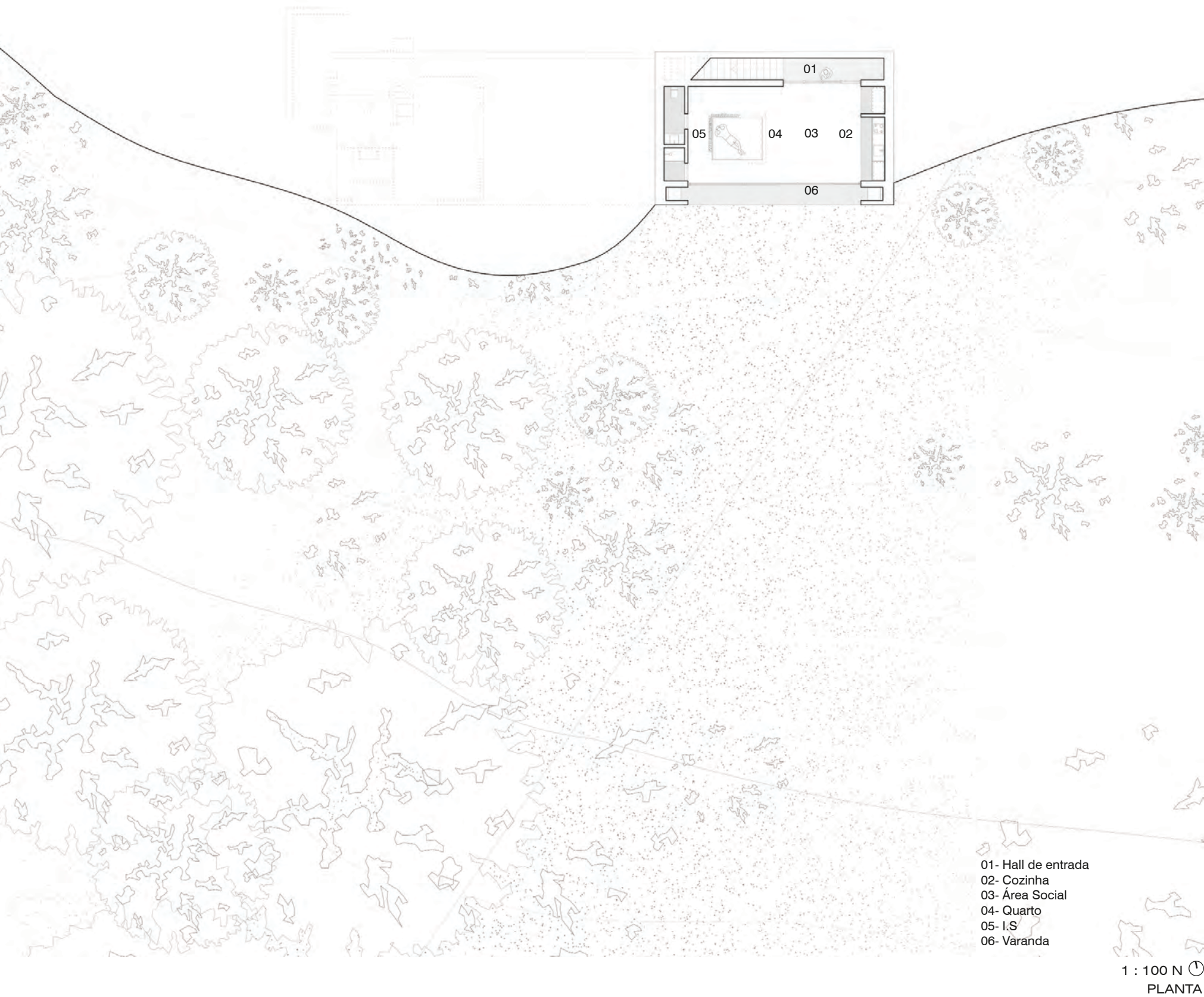
“A plataforma de uma das casas é a cobertura da outra”.

A Casa Dupla situa-se na parte sul da Casa Amarela. Este projeto é definido por dois atos. O primeiro, procura re-desenhar e prolongar o terraço da casa amarela, criando um único espaço de estadia partilhado pelas duas casas. Este espaço permite criar momentos de contemplação, observação da paisagem e momentos de reencontro entre as famílias. O segundo, como consequência, dá origem à casa dupla, enterrada e por baixo da plataforma (o terraço da casa amarela). A Casa Dupla não está em evidência e revela-se ao andar da paisagem a partir do único vão que capta a paisagem e a relação visual entre a casa e a serra da Arrábida.



Esquema

Vista da Casa Dupla

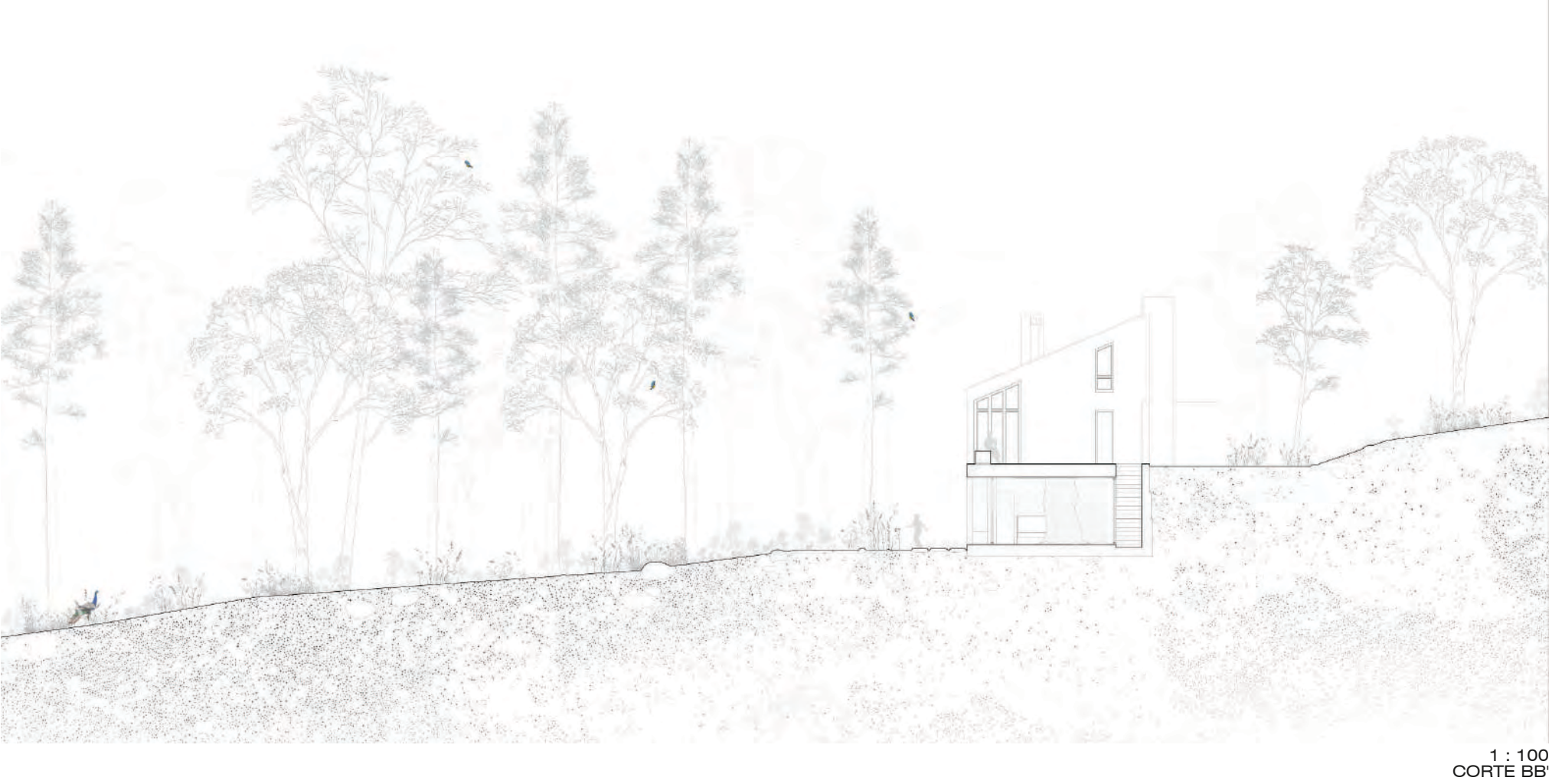
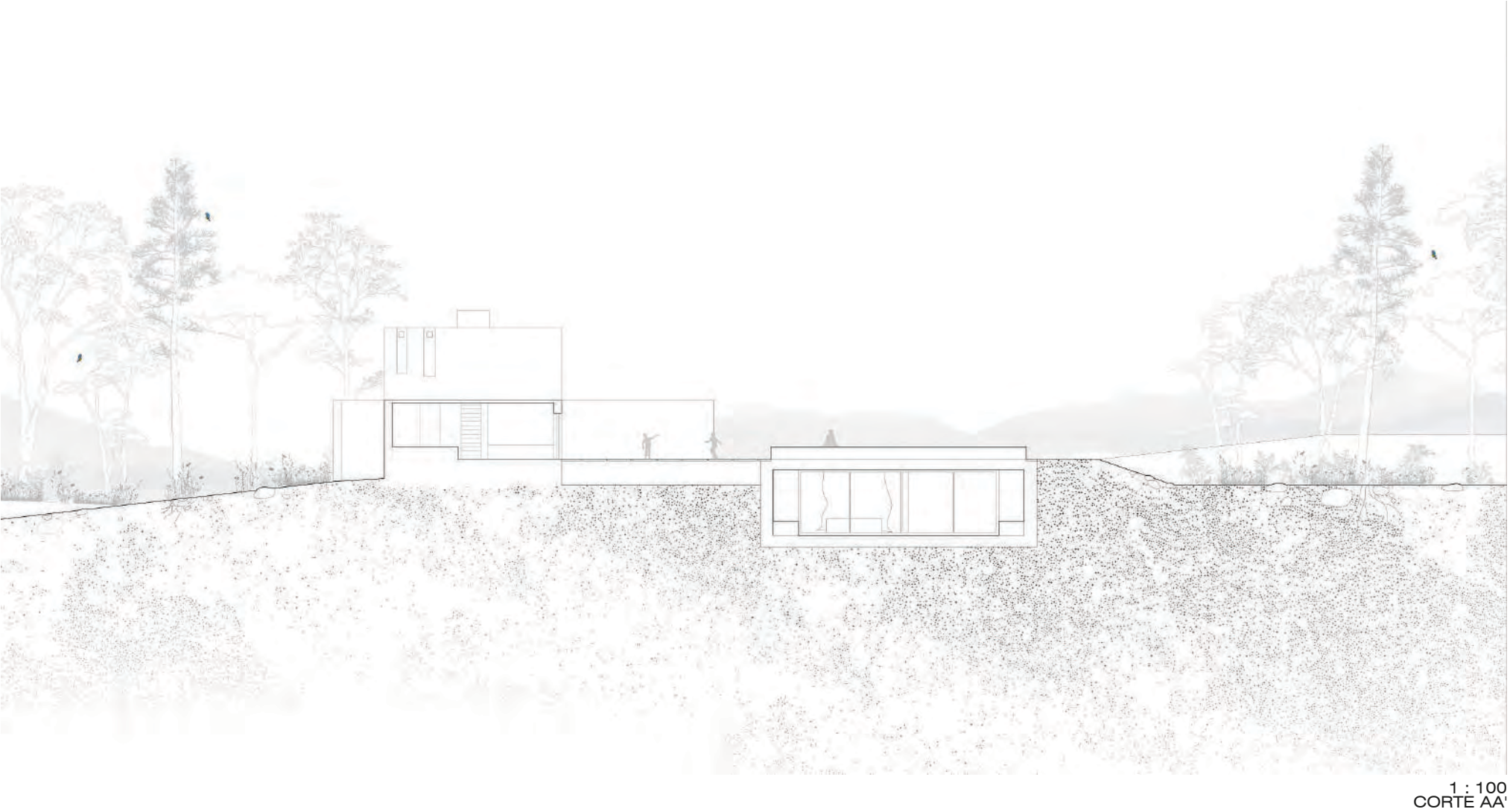


“Uma janela é um dispositivo que permite relacionar o aqui e o além, é através de uma janela que a luz se transforma em poesia.” Francisco Silva Dias

A Casa Dupla procura manter o carácter elementar (a ideia de abrigo) da Casa Amarela.
O limite do edificado desenha os espaços interiores, albergando espaços de estar, contemplar, cozinhar, dormir e banho.
As paredes robustas ditam o ritmo dos espaços, gerando espaços independentes no interior da casa.
O acesso à casa faz-se através de um rasgo na plataforma (escada linear) que nos conduz ao interior da casa. Este pequeno percurso permite-nos contemplar a paisagem a cada dergrau vencido.
No final do percurso (escada) somos recebidos por um espaço completamente independente, coberto e diretamente iluminado pela luz natural que atravessa o único vão da casa. Este espaço de recepção, é na verdade o cerne da casa, sendo a área social, um grande vazio, que nos permite compreender a liberdade que o espaço doméstico pode proporcionar.
Nos bons tempos, este vão é completamente aberto e funciona como um elo de ligação entre o interior da casa e o exterior, tornando-os num único espaço.

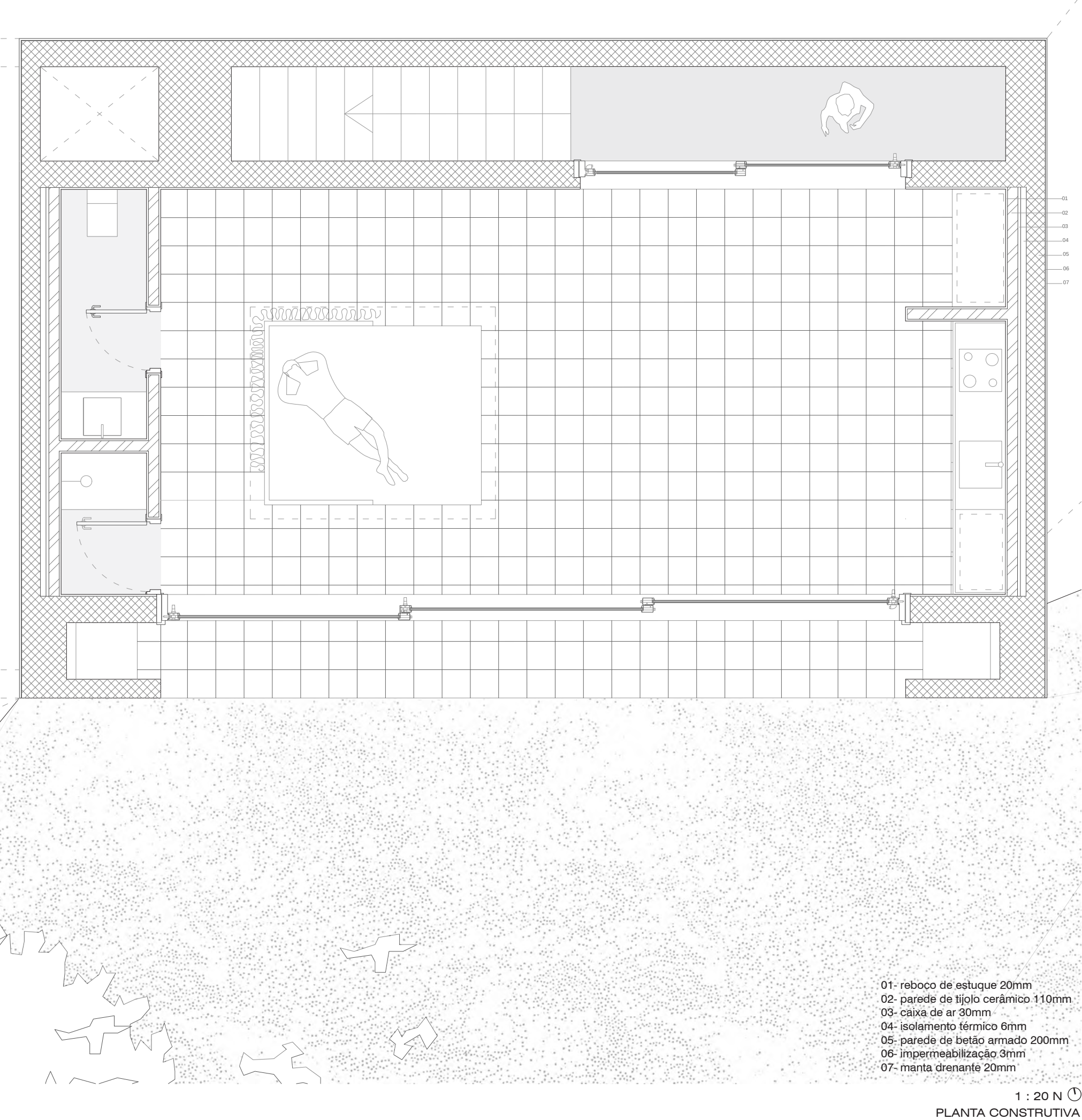


Vista Casa Dupla



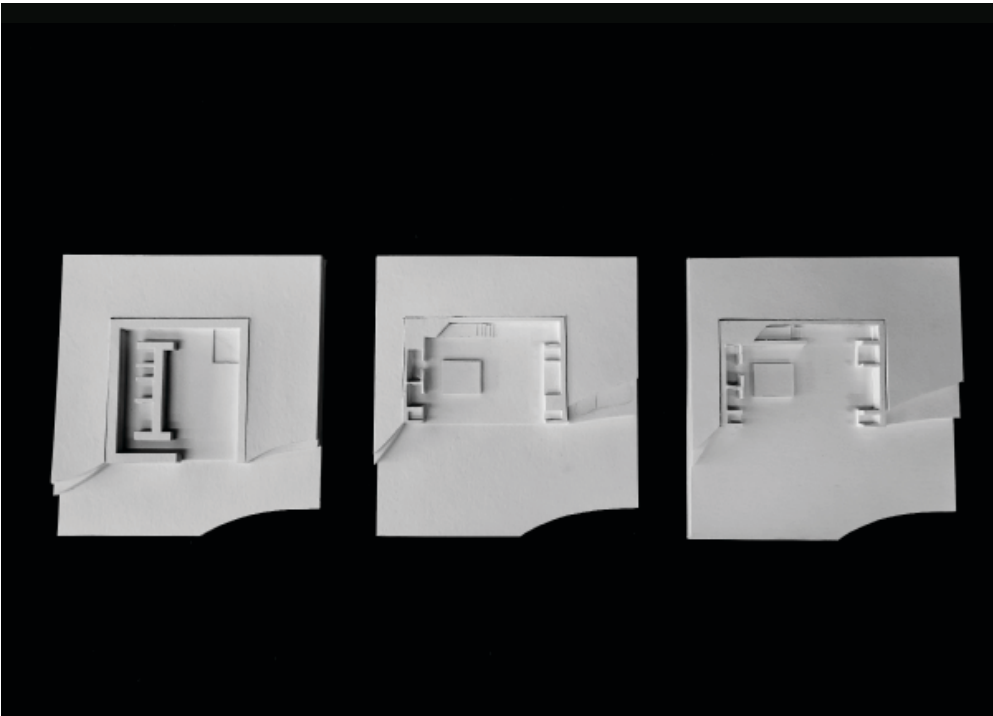
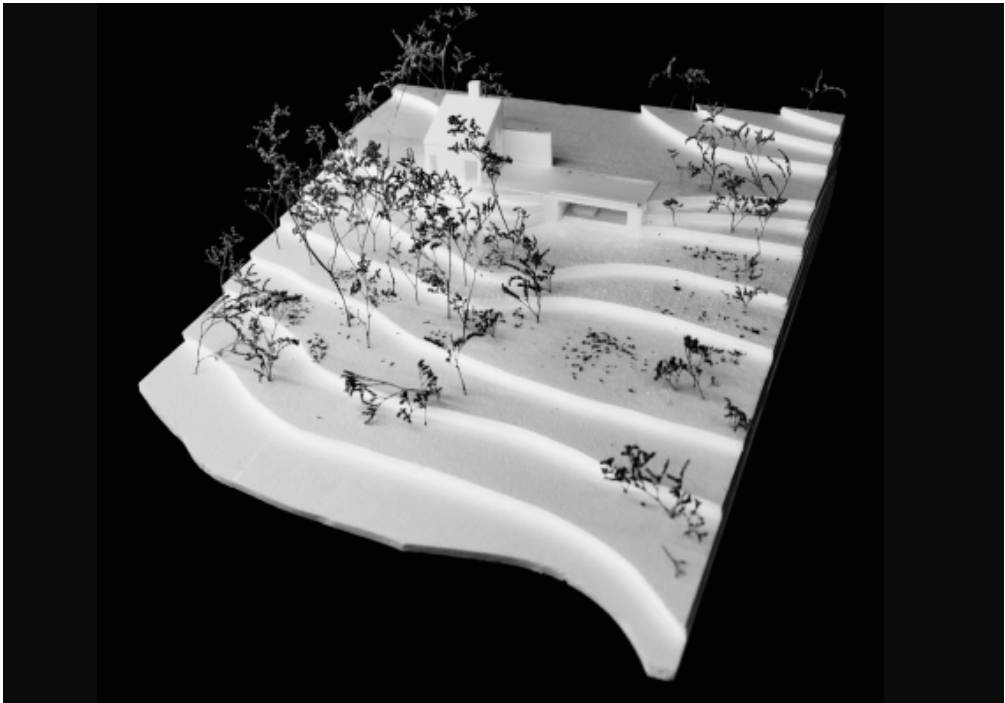
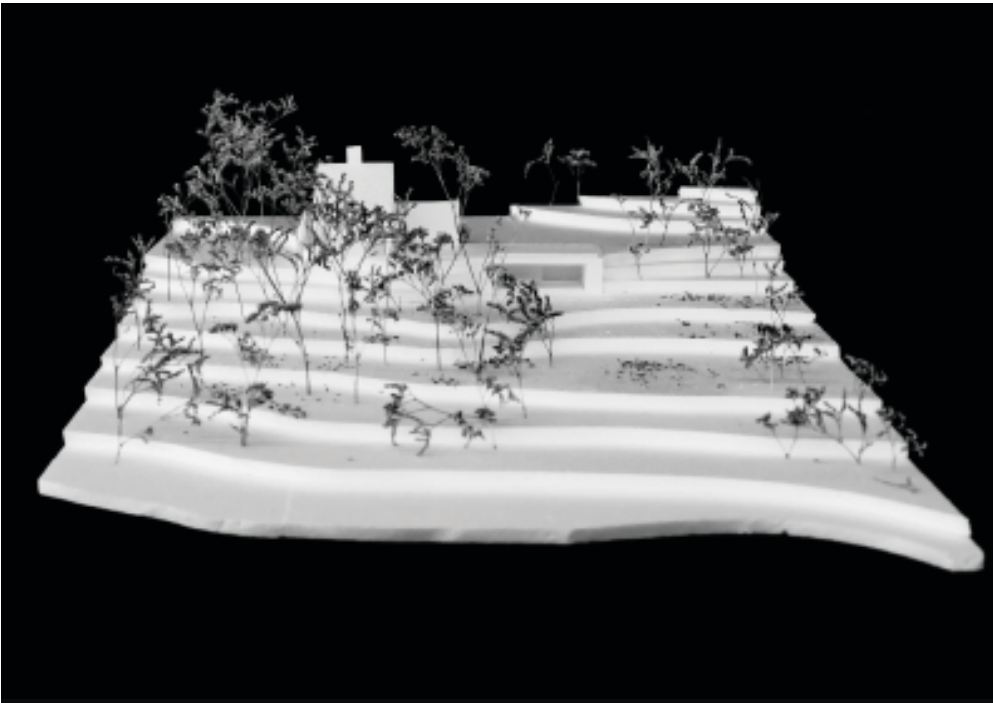


1 : 100 N 
CORTE ALÇADO SUL



A Casa Dupla é enterrada, com a sua estrutura fundida sob a plataforma que liga à Casa Amarela. Nesta disposição, a plataforma não só serve de ligação entre as duas casas, como também serve de cobertura a uma delas. Estendendo-se cerca de 19 metros a sul da Casa Amarela, esta cobertura enquadra-se harmoniosamente nos limites da escavação. É suportada por paredes robustas de betão armado, esta estrutura em betão armado desempenha não só uma função estrutural primária, mas também separando nitidamente os espaços de serviço e os servidos da casa. A presença da estrutura de betão armado é evidente na fachada sul da casa, harmonizando-se com a envolvente através de uma textura em tons terra, obtida através da pigmentação do próprio betão. Essa escolha estética busca estabelecer uma conexão visual com o pavimento cerâmico em terracota encontrada no interior da Casa Amarela e na plataforma que liga as duas casas. No interior da casa, o ambiente é permeado pelos mesmos tons terrosos que caracterizam o piso, enquanto a luz natural, refletida pelas paredes revestidas de estuque branco, inunda os espaços, ressaltando as nuances de terra e madeira presentes na decoração. As portas e janelas de madeira revelam esses detalhes com delicadeza, realçados pela presença da luz.



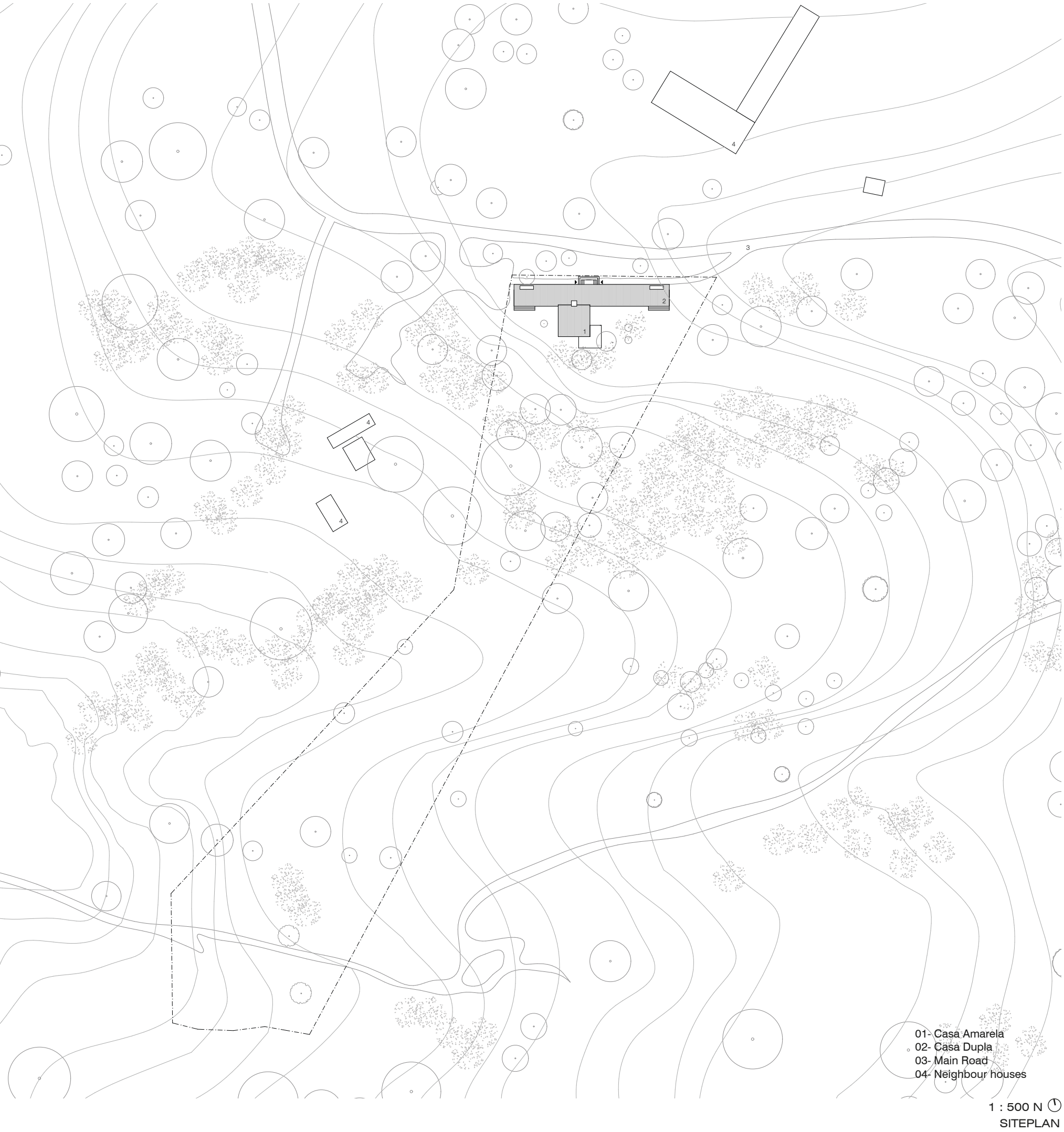


COMMUNITY HOUSE

Docking
Flexibility

Jasper Krebs





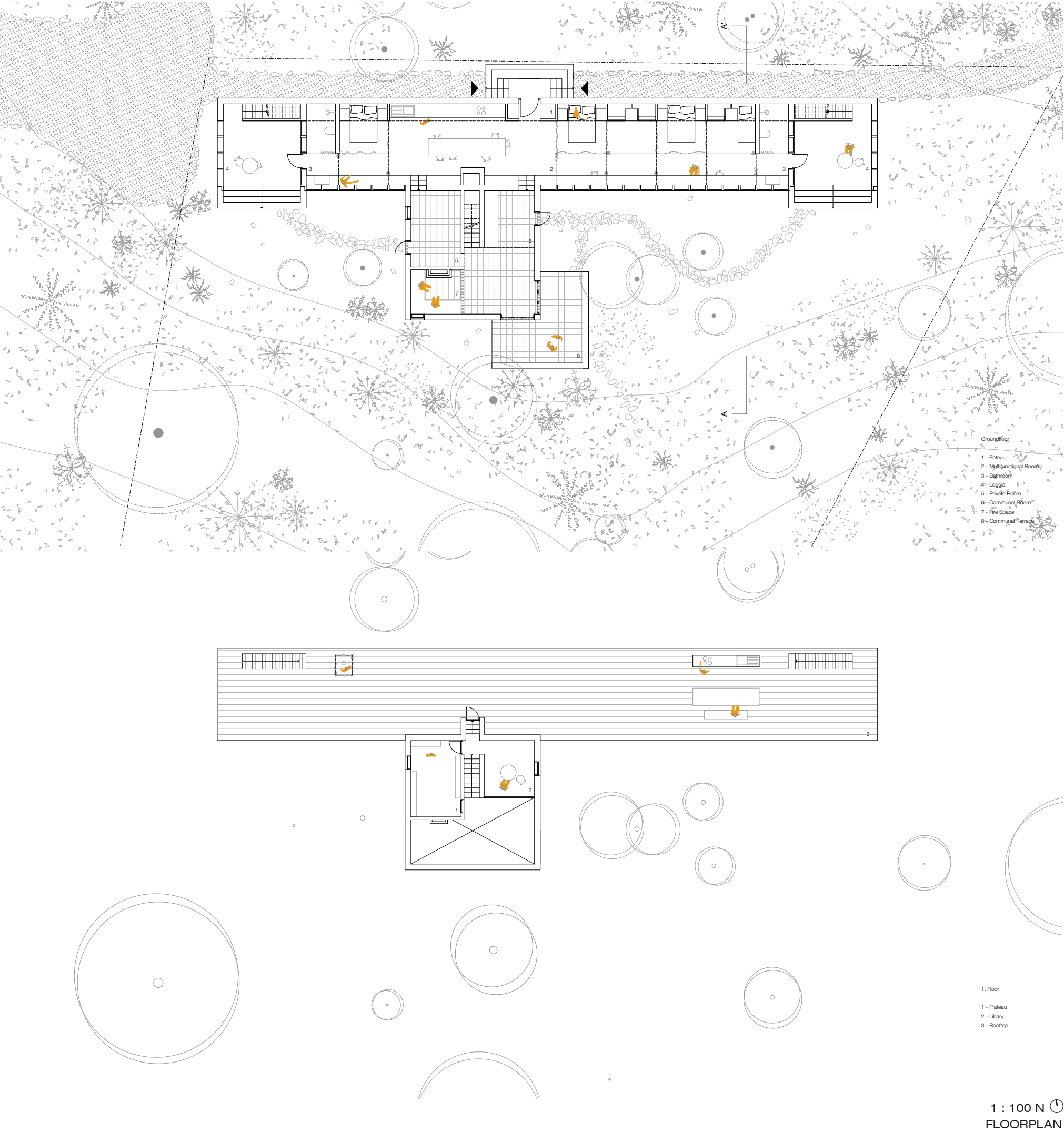
Casa Amarela is a project from Francisco Silva Dias realised 1976 in the protected area of the Arrábida national park. The undulating landscape is characterised by a limestone ground and a low vegetation with pine and cork oak trees. The house is developed on a 7 meter square at the top of a long plot stretching out over a valley. It consists of a mezzanin living room with access to the kitchen in the groundfloor and the bathroom in the back. An additional room for sleeping is situated in the first floor. The house opens to the south through the living room via a terrace exclusively into the valley and is seperated from the driveway behind the house with two free standing walls. Sitting on the terrace enabels a limitless and undisturbed view into the landscape of the Arrabida National Park. Because people always leave traces and to preserve the poetical athmosphere of the limitless view we dock a extention at the back of the existing house. Like a boat is docking at a peer. Extending the existing house gives us the possibility to transform it into a flexibil and multifunctional space that adapts itself regard ing the needs of the inhabitants.



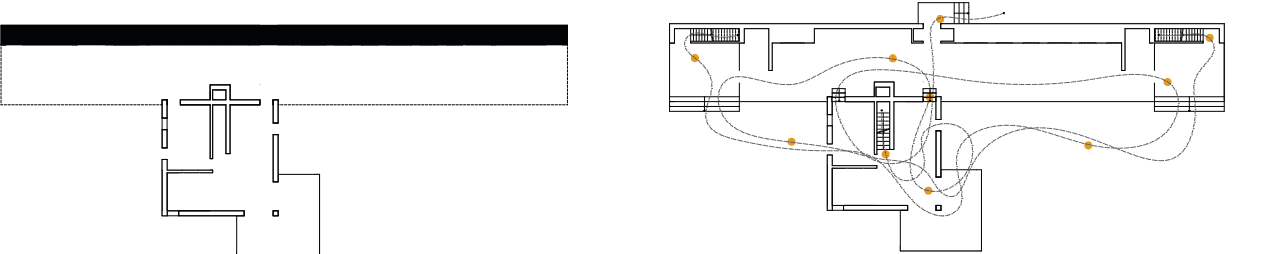
View into the limitless landscape



Back of casa Amarela



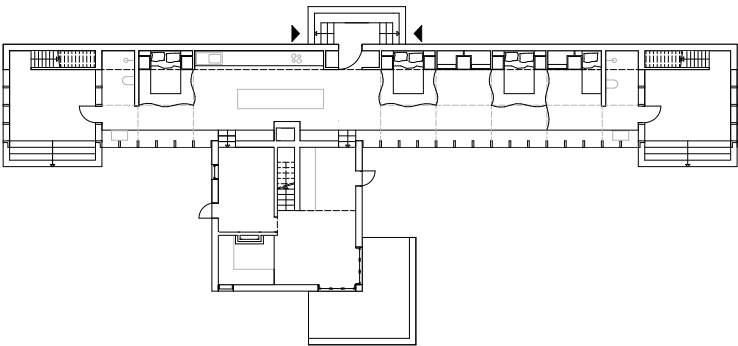
To create a space that can be shared by different individuals as a community the existing part of casa Amarela is transformed into a common living area around the fire place. Structural it remains untouched. Only the bathroom and the kitchen are connected to one bigger room that can be used for different purposes. The existing part is extended with a elongated structure in the back of casa Amarela to preserve the relation between the landscape and the existing house. It is structured by a wall that contains the kitchen and the bathrooms as well as the beds that can be folded up when not needed. The Space in front of the wall can be divided by curtains to create a flexible room that the inhabitants can organise in the way they need. Two loggias are situated at the two ends of the wall and create a protected outside place with the view into the valley. The new roof is reachable from the loggias and the first floor of the existing part. It provides a outside kitchen and a shower. Together the new house contains multiple spaces with different qualities that are all connected through the common areas in the inside and the outside. But if the individuals want to share less its possible to use casa Amarela and the extended part as to independent hosues still connected by a common room to meet.



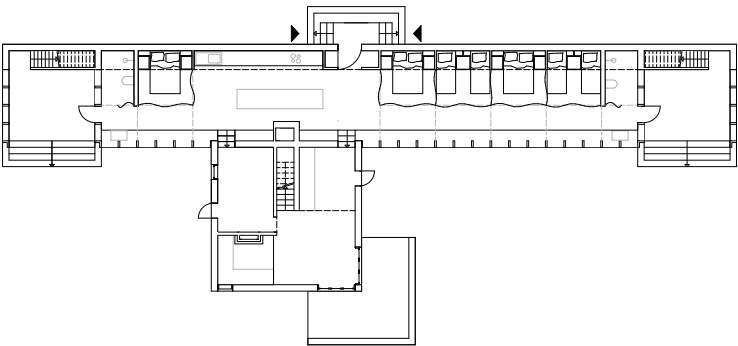
A wall for dwelling

Connections

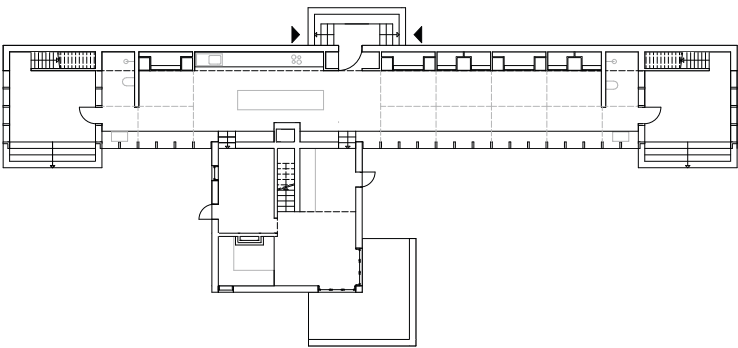
Day



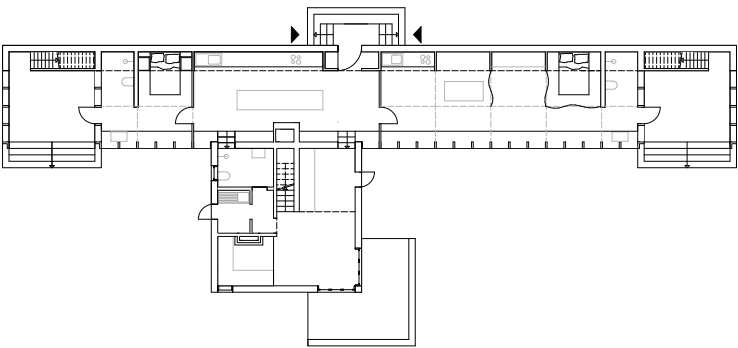
Night



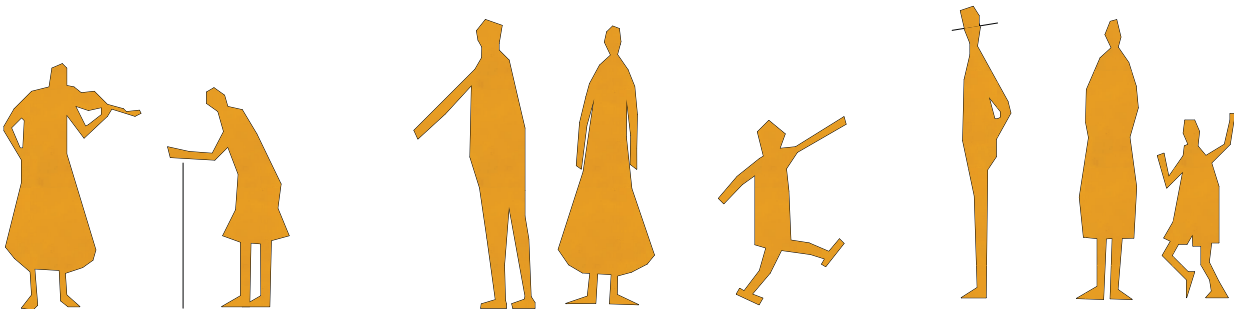
Gathering

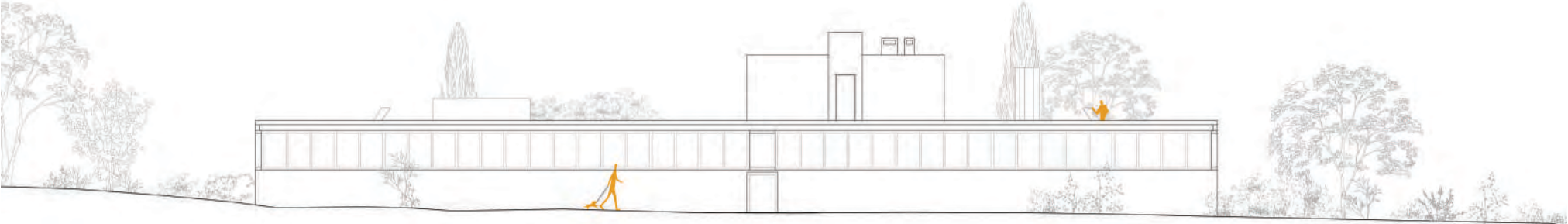
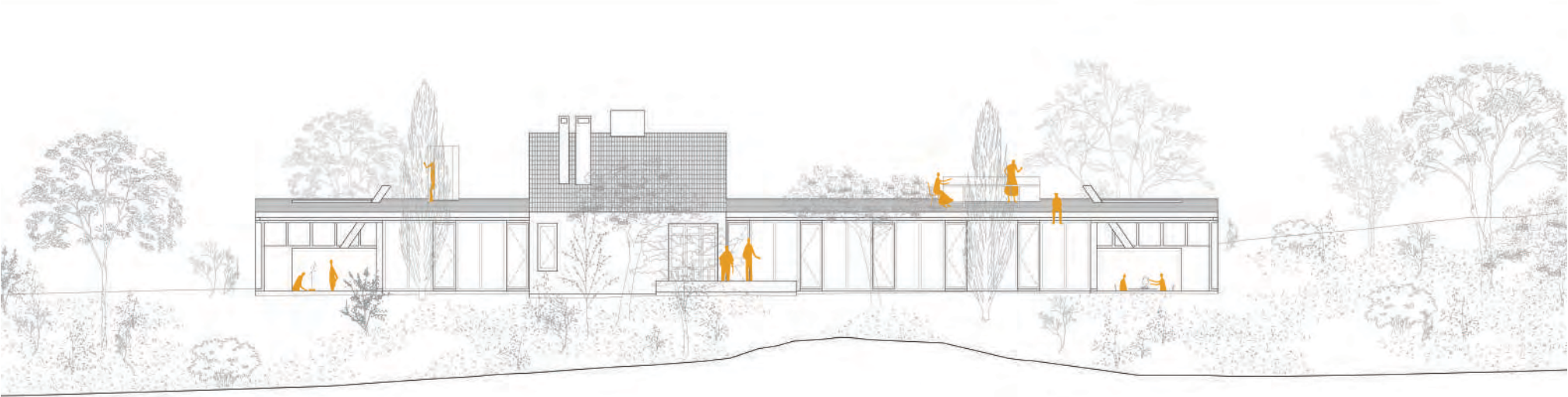


Independent Units



1 : 200 N ⓘ
VARIATIONS FOR COMMUNITY NEEDS





1 : 100 N
VIEWS



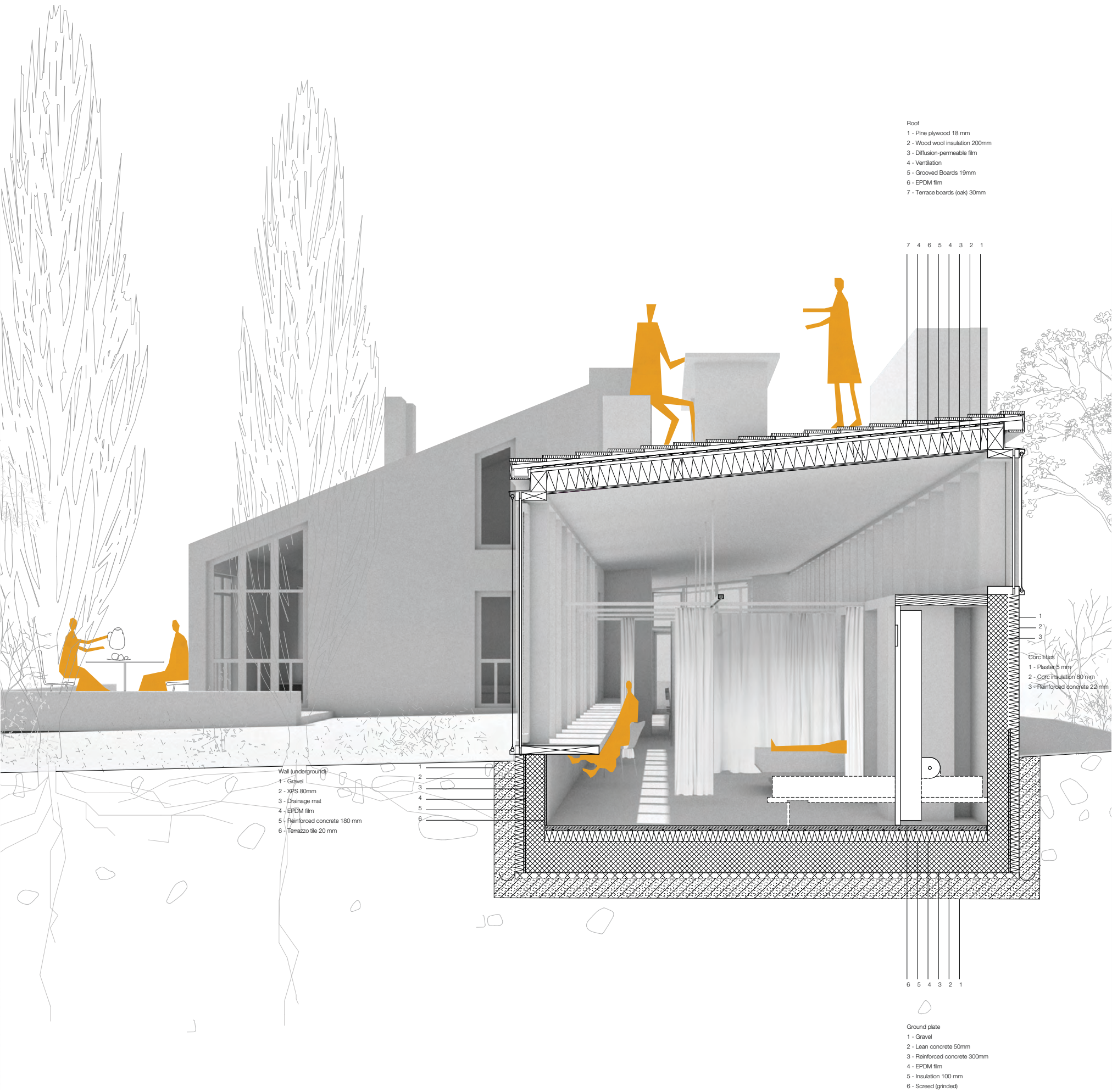
South View



North East View



1 : 100 N ①
VIEWS



1 : 100 N
VIEWS

To create a new relationship between the interior and the Landscape the extension is embedded 70 centimeter into the ground. This base as well as the 2,2 meter backwall are constructed in concrete. The backwall is insulated with a cork etics and painted in the same color as Casa Amarela to create a stronger relation with the existing house. The floor is provided with a underfloor heating and is covered with a terrazzo as well as the 70 centimeter wall in the ground to provide a durable floor for high strains. On top of the concrete base, a lantern with wood columns in a raster by 86 centimeter, is constructed. The interfaces are filled with a glass facade covered by a semitransparent textile to create a bright interior space that provides precise views into the nature. The roof has a 5.5 degree incline and is also build in a wooden structure. From the inside the ceiling is covered by a pine plywood and to make it walkable the outside is covered with oak terrace boards



Render 1



Render 2



CASA RUÍNA

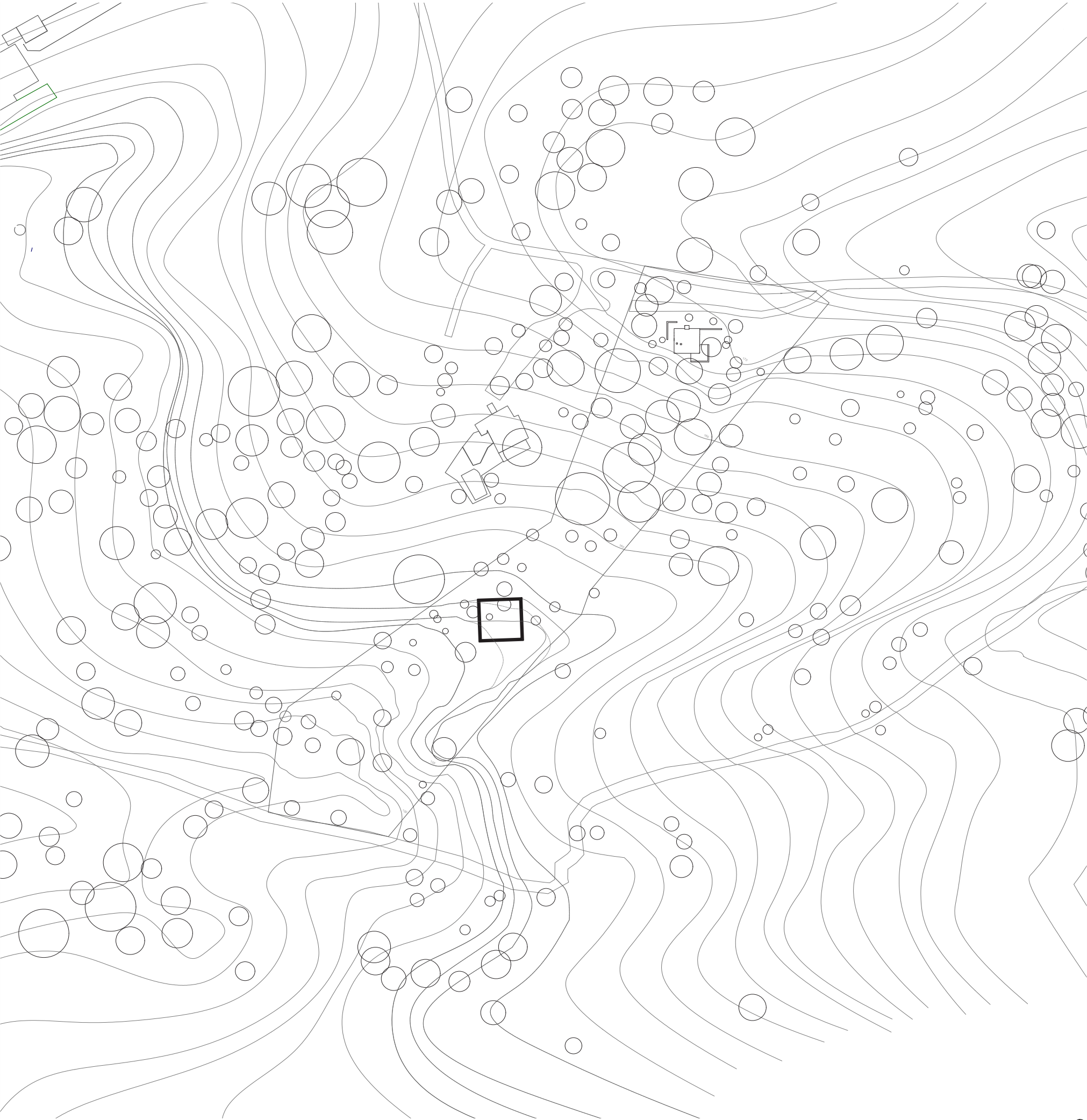
Unidade

Terra

Pátio

João Santos

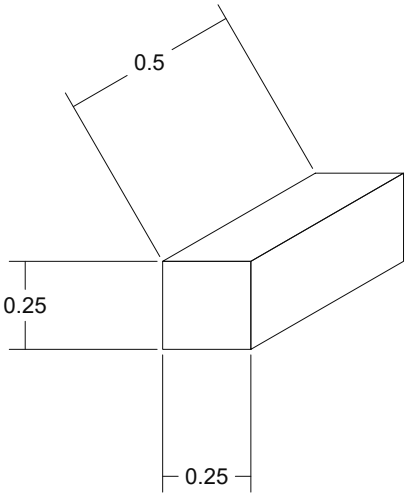




1:500 N ①
PLANTA DE IMPLATAÇÃO

A escolha deste lugar pelo arquiteto foi o culminar de querer dar uma terra aos seus filhos e de ter um abrigo, bem como o ter participado do Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal e na criação do parque da península de Setúbal e o gosto por espaços mediterrâneos; Após a compra de um terreno careca em Azeitão, o arquiteto estudou o terreno para definir o local onde a casa deveria assentar. Escolhido o local de assentamento, a ideia de abrigo foi reforçada por Francisco Silva Dias com a decisão de arborização e plantação em torno da casa para abrigar a casa. Esta arborização foi difícil uma vez que os solos são bastante básicos e com uma argila que expande bastante com água e encolhe com a seca. Esta terra do terreno é um dos pontos de partida para o projeto, um material natural que é aproveitado como resultado da escavação. Com este material são feitos tijolos de adobe de cal, com 25x25x50cm, que são usados como a unidade de construção, uma métrica que vai dar origem a uma casa-pátio, um espaço introspético que se encosta a um talude do terreno.

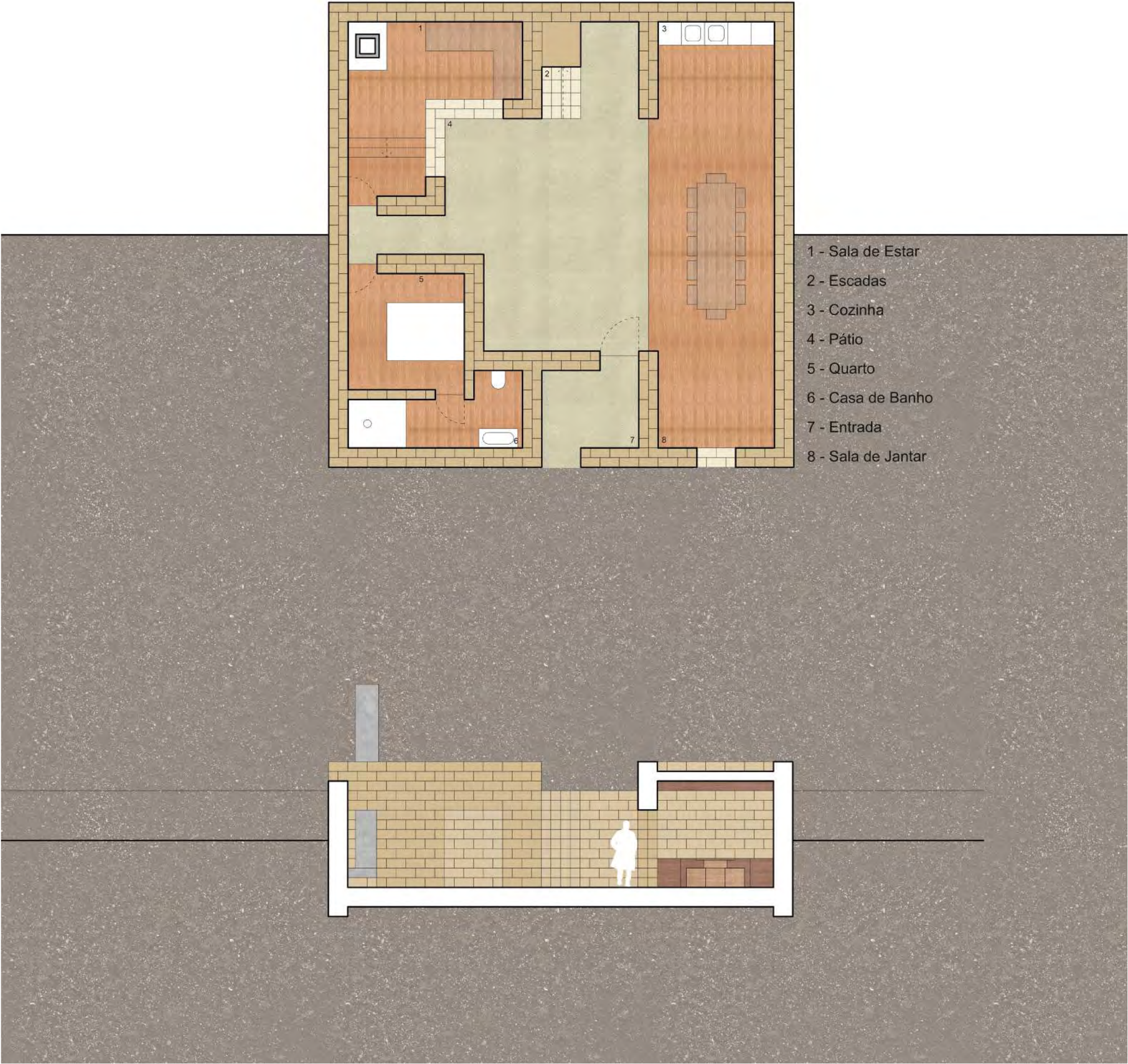
.
.



Bloco de adobe



Tipo de te Arrábida

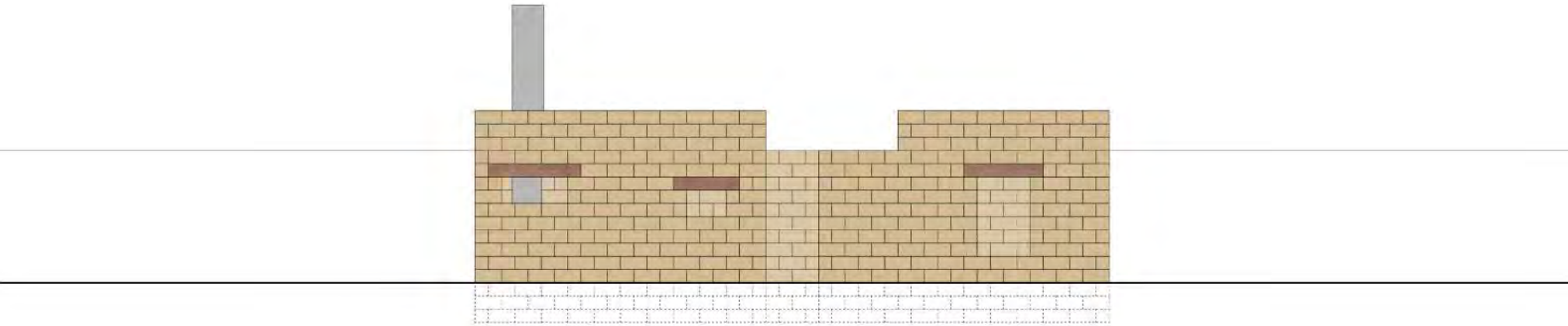
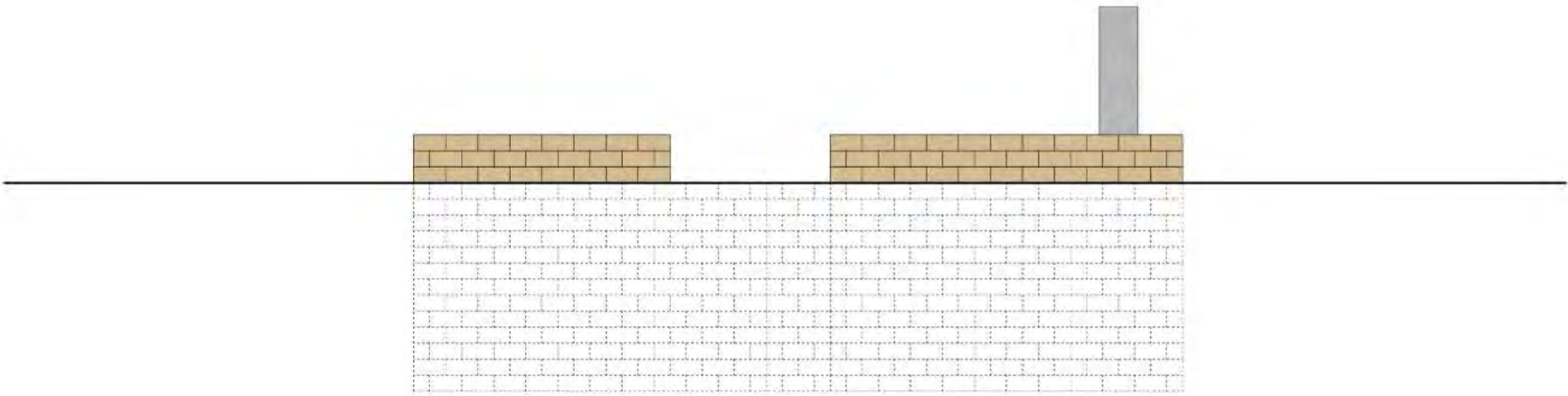


1:50
PLANTA

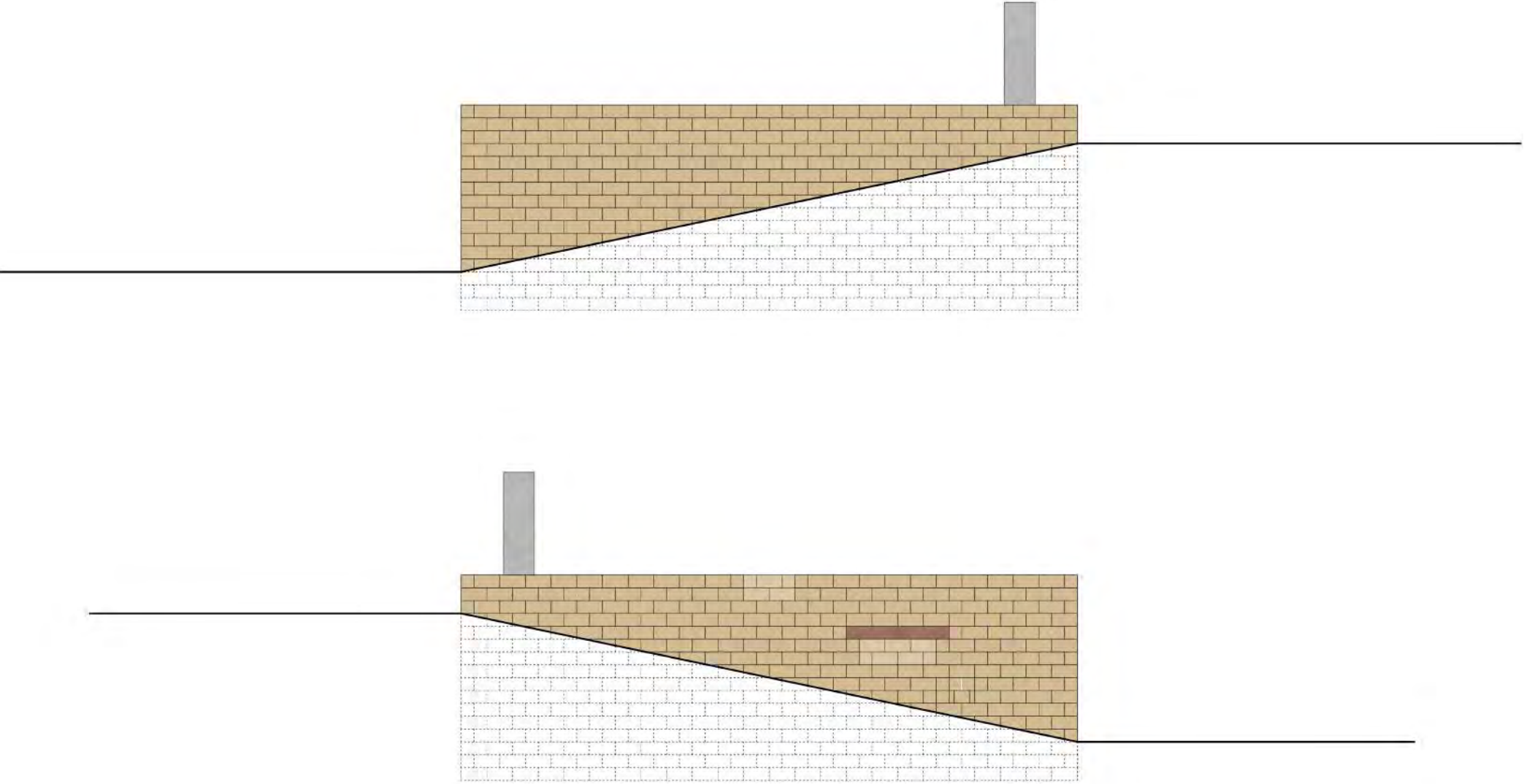
Vindo da estrada de baixo deste terreno, encontra-se a entrada principal, em que o primeiro espaço que visualizamos é o pátio. Uma vez que é o espaço central da casa, foi tornado num espaço de convívio e de ligação, servindo como transição entre cada divisão da casa. É possível obter um outro acesso à casa através de uma segunda entrada pelas escadas, que seguem o caminho da casa branca. À direita da entrada principal, observa-se uma grande sala de jantar ligada à cozinha com um grande vão para o pátio, que nos dá continuidade aumentando ambos os espaços numa grande área de convívio. Do outro lado da casa, observase uma sala de estar orientada para a lareira, uma divisão mais recolhida da casa. Esta sala, em comparação com a sala de jantar, que é muito mais ventilada a pensar nas estações mais quentes do ano, foi pensada com destaque para as estações mais frias, em contraste. Por último, para que haja uma sensação de conforto e bem-estar pessoal, a casa acompanha-se de um quarto e uma casa de banho.



Sala da casa amarela

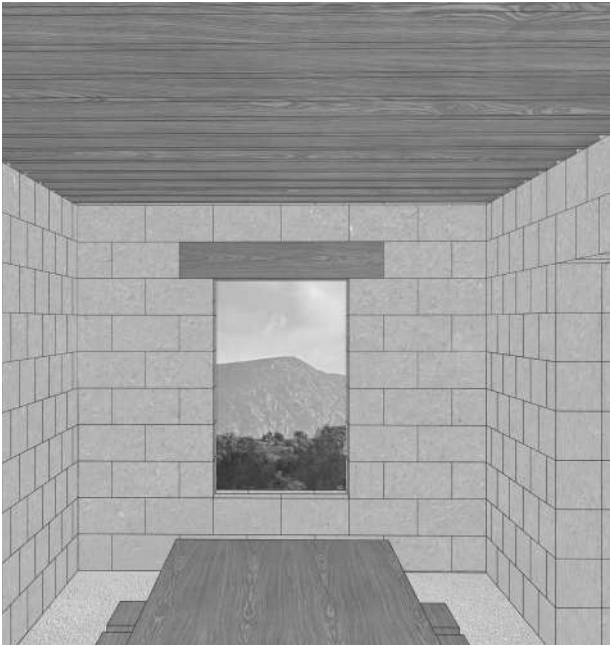


1:50
ALÇADOS'





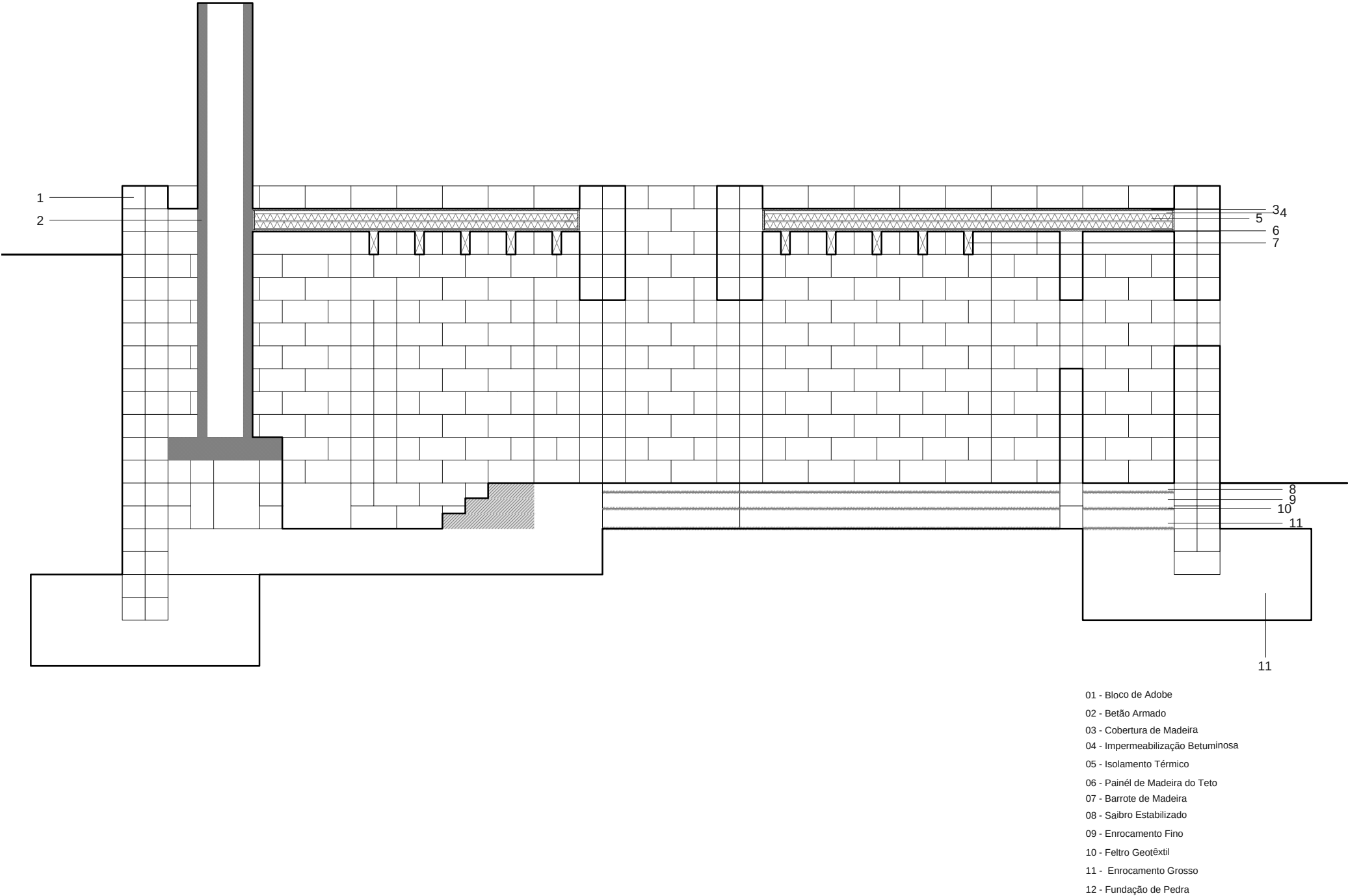
1:50
ISOMETRIA



Vista da sala de jantar

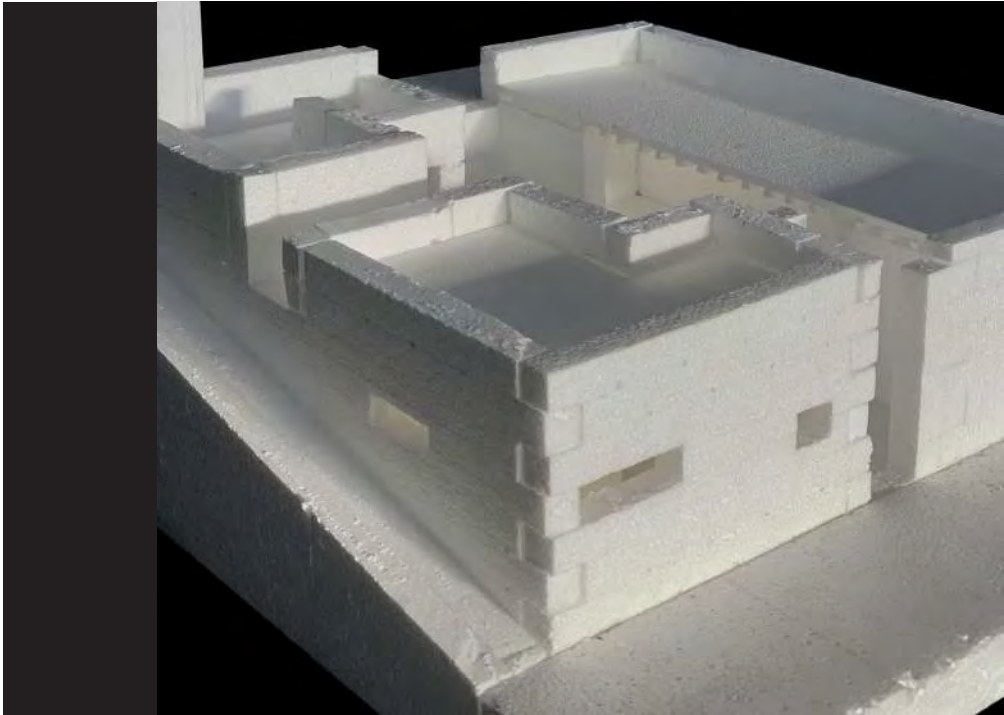
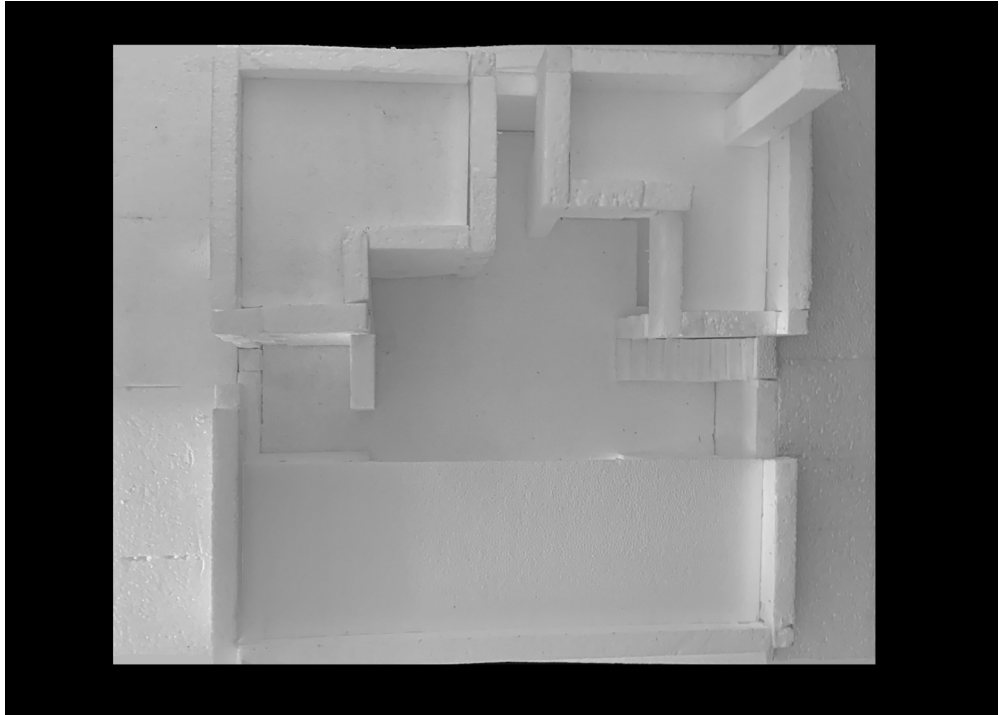
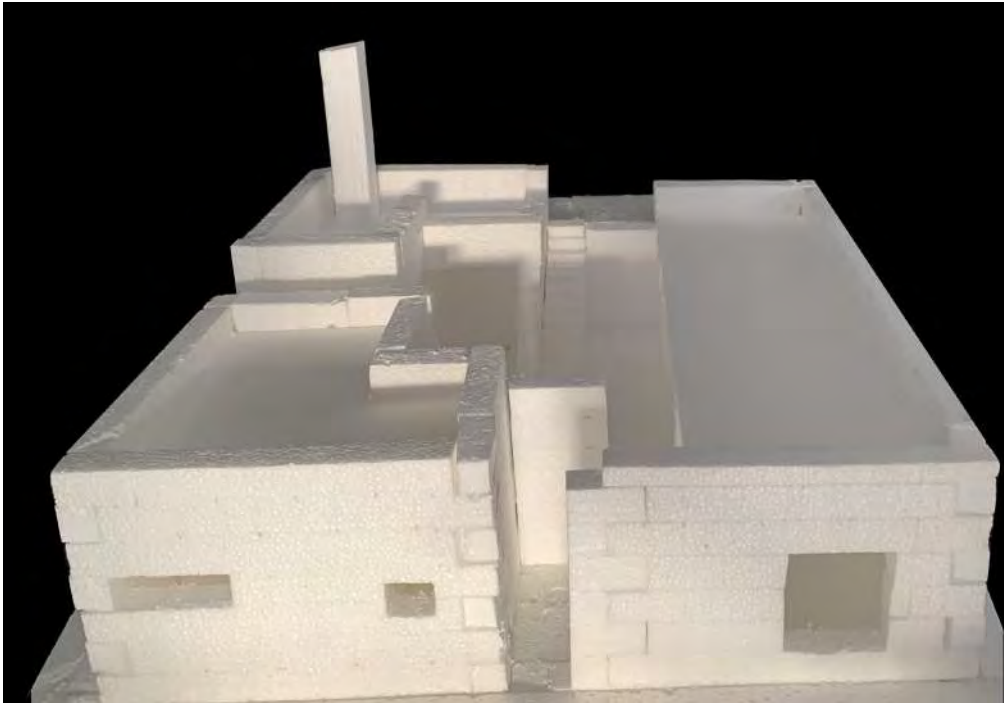
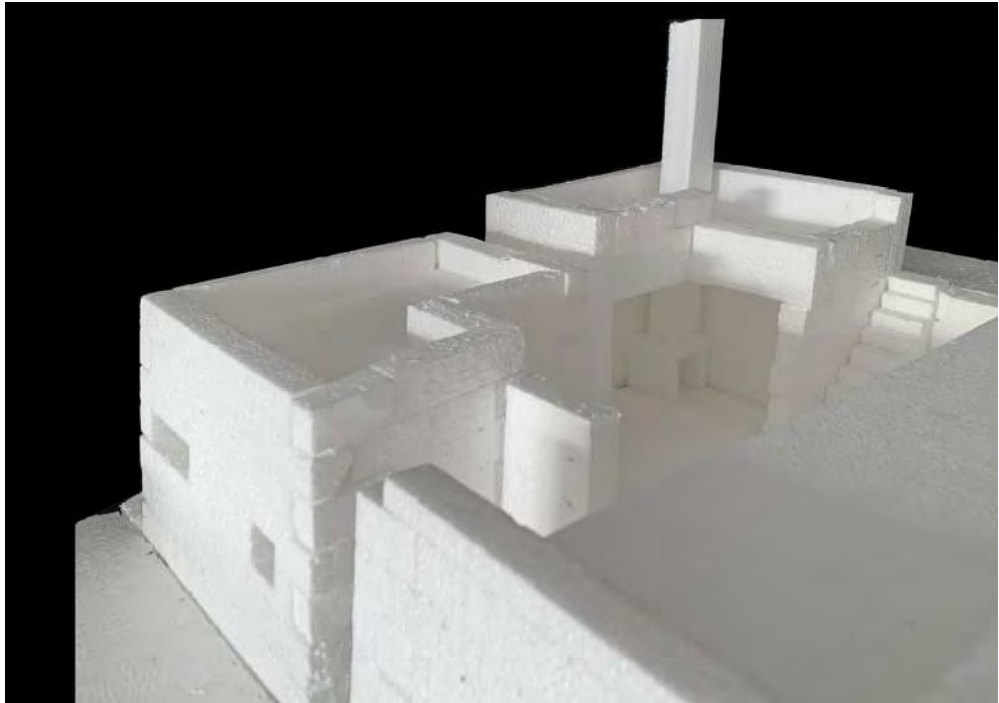


Textura do adobe



A construção será feita de adobe de cal, aproveitando o material proveniente da escavação. É usado como base um módulo de 0.5x0.25x0.25m, onde é repetido 4345 vezes, e a sua metade 195, usando assim cerca de 140m³ de material. As coberturas da casa são suportadas por vigas de madeira, havendo apenas uma viga de betão para suportar o vão da sala de jantar e da cozinha, que dá para o pátio. O pavimento central do pátio é de saibro estabilizado, e os restantes pavimentos são de madeira. Não só no vão da sala de jantar/cozinha é usado betão, como também na chaminé da lareira

1 : 25
CORTE CONSTRUTIVO



CASA PALAFÍTICA

Clareira
Natureza

Liandra Valente





01_ Estradas
02_ Casa Amarela
03_ Acesso Casa Dupla
04_ Recinto | Clareira
05_ Delimitação

1:500 N ①
PLANTA DE INTERVENÇÃO

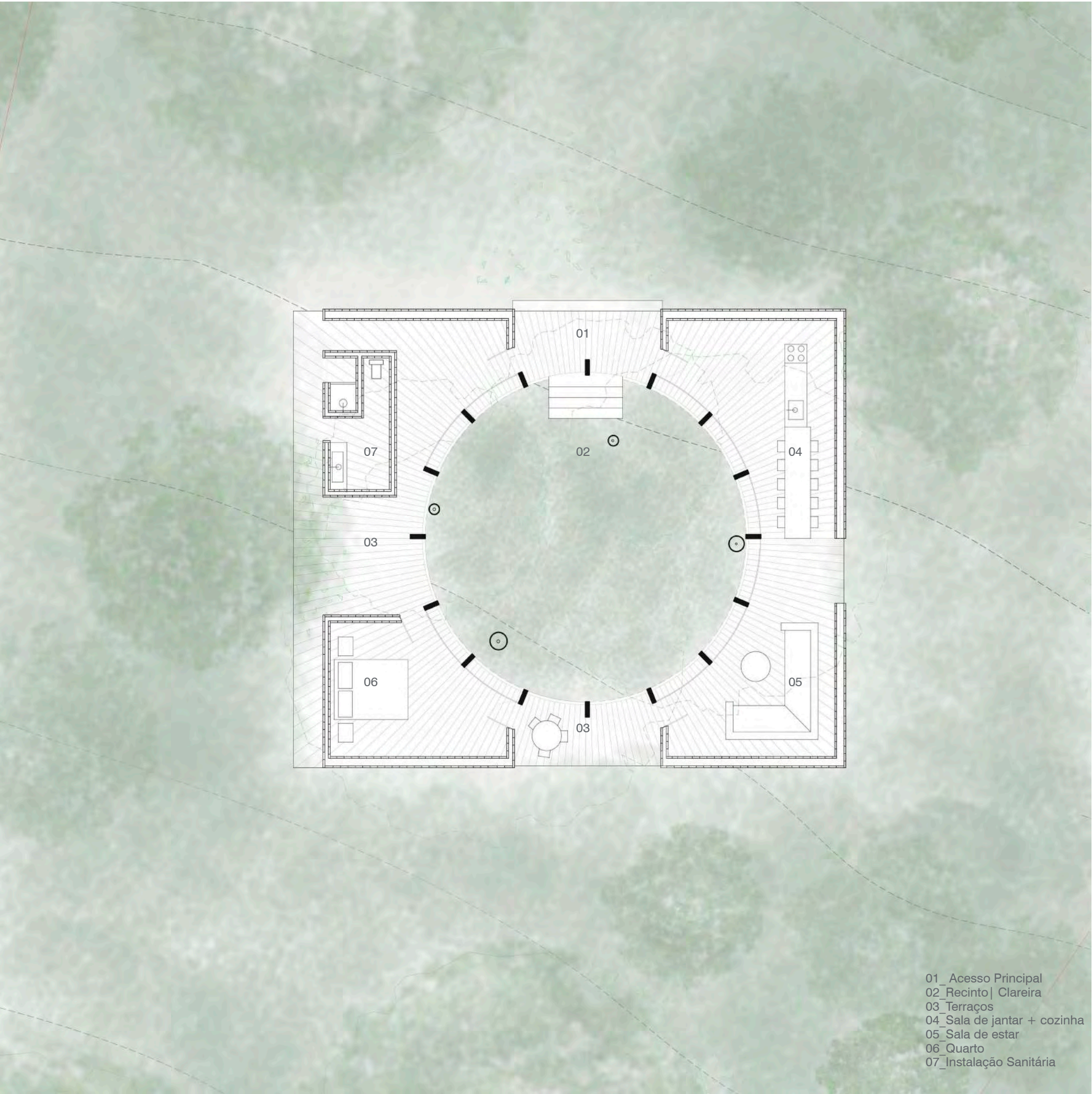
A proposta de intervenção é para a região de Azeitão, localizada no Parque Nacional Da Serra Da Arrábida, distrito de Setúbal.
A casa amarela, feita pelo arquiteto Francisco Silva Dias foi o início deste exercício de concepção, o lugar, é descoberto depois de uma trilha rústica, ladeada por imensa vegetação, o verde é predominante no lugar.
A proposta está localizada em frente à casa amarela, a 12m de distância, na clareira do pequeno bosque; ainda numa cota alta, envolvida por um ambiente arbóreo, vistoso, com luz e sombra, cheiros e um canto maravilhoso dos pássaros. Um lugar natural e desejável, tão desejável que a casa dupla deseja abraçá-lo; E dizer que, aqui, é um lugar de sentir, de paragem e de contemplação, e de igual modo partilhar esse momento lugar com qualquer indivíduo; A casa dupla se torna num marco naquele lugar e procura partilhar intencionalmente tudo o que aquele lugar tem a oferecer.



Fotografia Casa amarela_ relação com a natureza



Fotografia da clareira_ Lugar



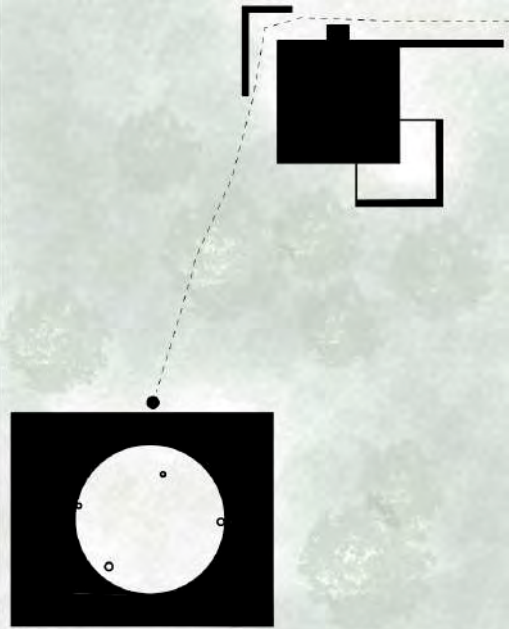
- 01_ Acesso Principal
 - 02_ Recinto| Clareira
 - 03_ Terraços
 - 04_ Sala de jantar + cozinha
 - 05_ Sala de estar
 - 06_ Quarto
 - 07_ Instalação Sanitária
- 1:50 ①
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A estratégia consiste em abraçar 4 espécies de árvores, como marco e revelação sobre essas espécies, isto através de um recinto circular no interior da estrutura, tornando a natureza como ponto chave na sua intervenção.

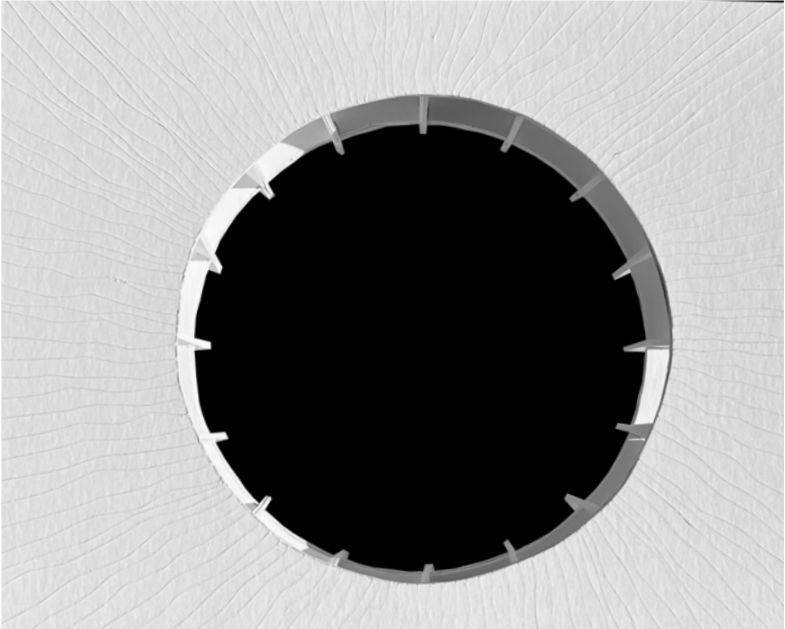
Com principal intenção de respeitar e valorizar o que se encontra, fazendo o mínimo de pegadas possível através de pilotis que traduzem a suspensão da casa e dando um toque de leveza na intervenção.

O programa da casa é disposto ao longo da estrutura retangular, incluindo desde o acesso principal que se faz pelo lado Norte do terreno, e fazendo um percurso entrando pelo compartimento da cozinha que tem ligação fluida com a sala de estar, ambos com um bom espaço de convívio; Posterior um quarto e depois uma instalação sanitária finalizando este percurso;

Ao longo do percurso tem-se terraços e vãos de janelas que permitem olhar para o interior do recinto e para o exterior da casa, para a Natureza.



Esquema



Estratégia



1 : 50
ACESSO PRINCIPAL_ALÇADO NORTE





Corte_Vista ESTE

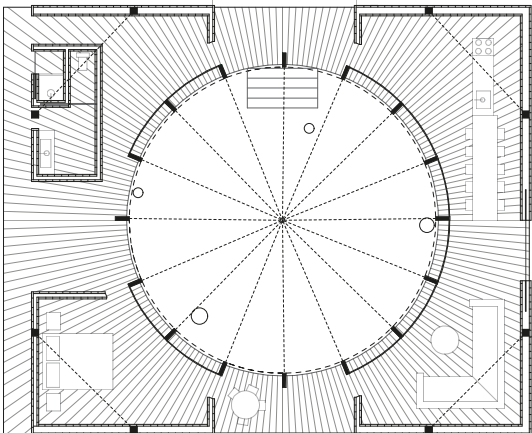
Corte_Vista NORTE

1 : 100 | 1:50
CORTES

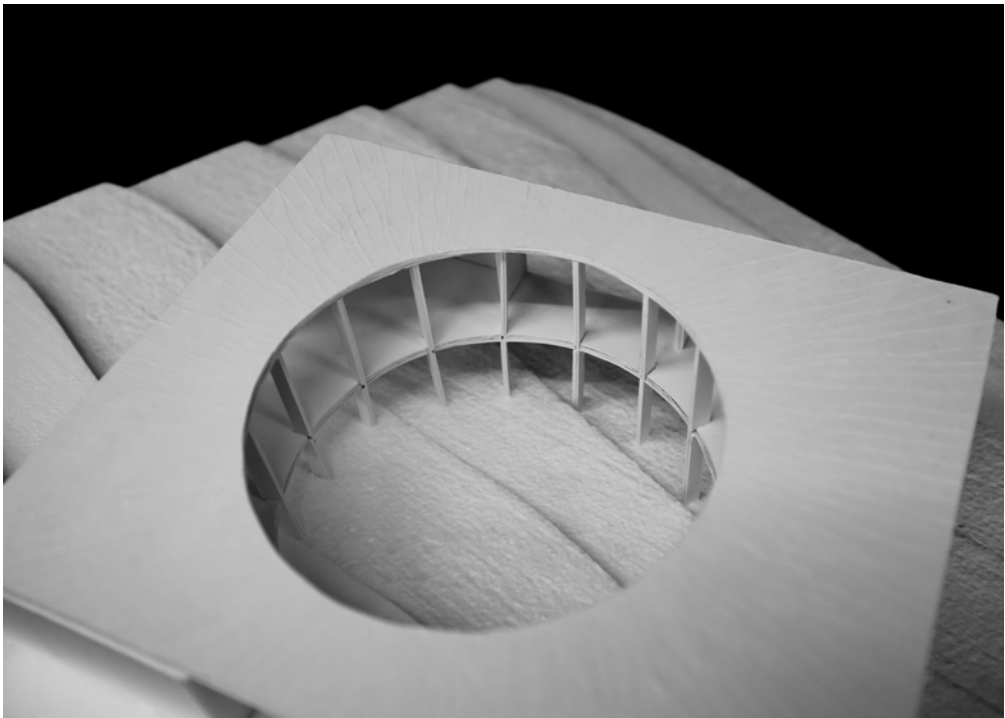
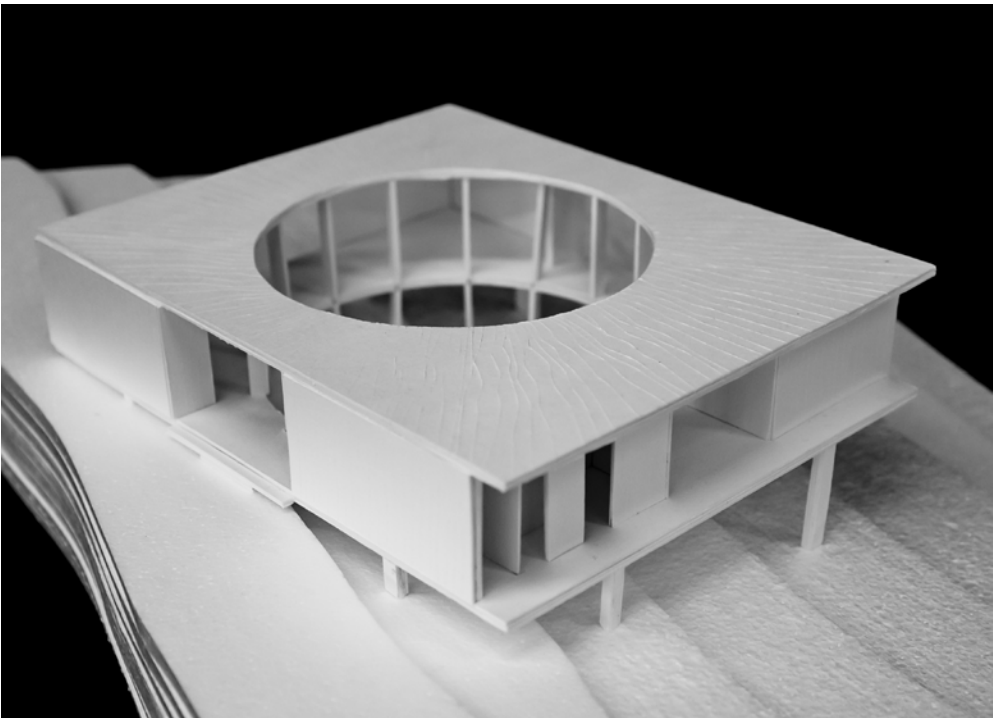


A casa dupla terá a sua materialidade em Madeira queimada em ripas, por ser um material que visualmente transmite a sensação de leveza e desta forma não se tornar um invasor mas sim um defensor e protetor da própria natureza. Essa passa por um processo chamado carbonização que cria uma camada protetora, que a torna resistente ao tempo e à insetos ; Além do fator da sua durabilidade e resistência oferece uma estética única que se assemelha aos tons dos troncos das árvores na zona de intervenção, criando a mesma atmosfera entre aquele espaço. O suporte da estrutura da casa dupla é feito por pilares de 20x 20cm dispostos de forma diagonal (8pilares) + pilotis de 40x 10cm(16pilotis) que deixam a cota abaixo da casa livre, permitindo o acesso pelacota abaixo também.

1 : 20
CORTE + CORTE_ALÇADO



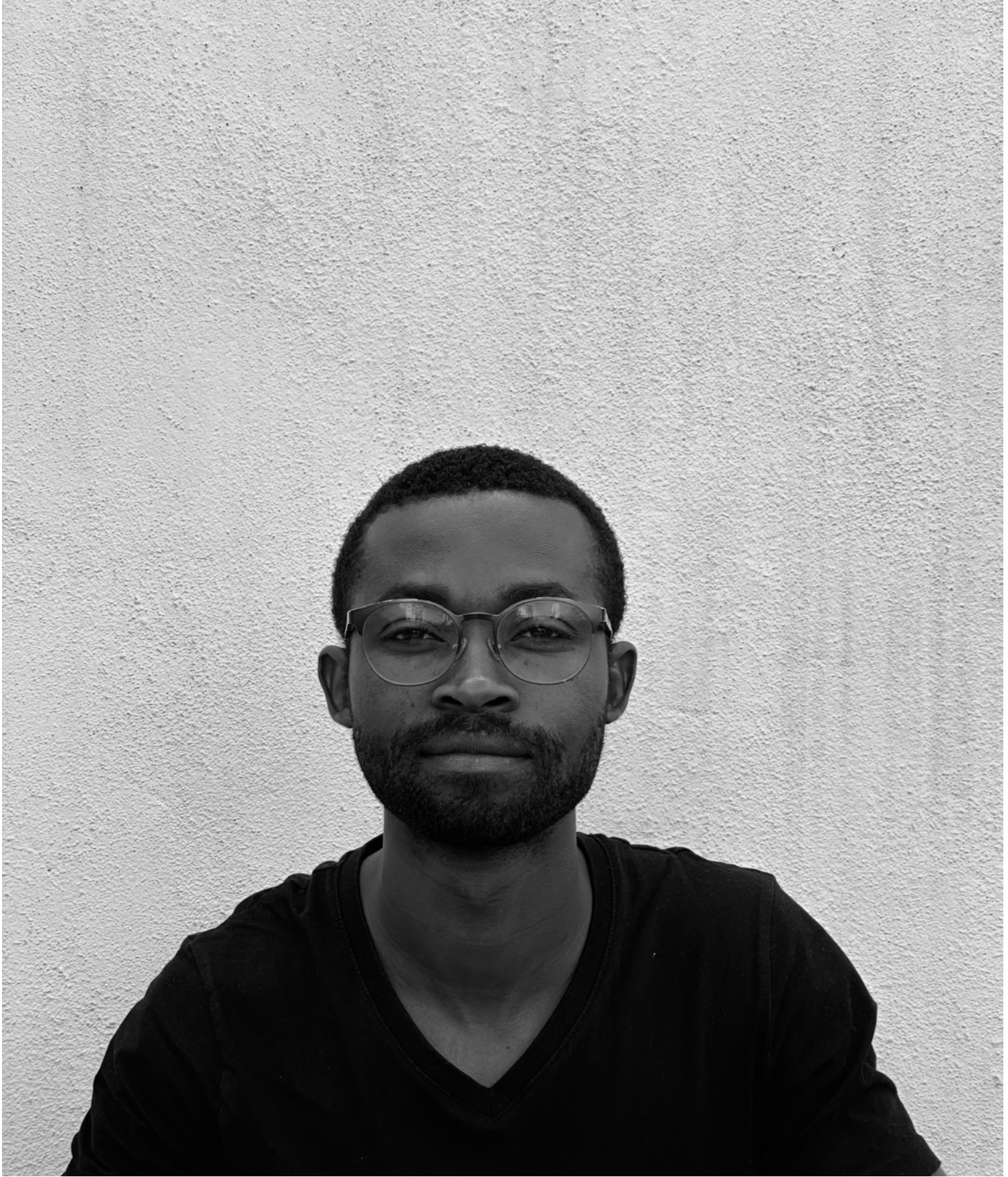
Localização das estruturas de suporte

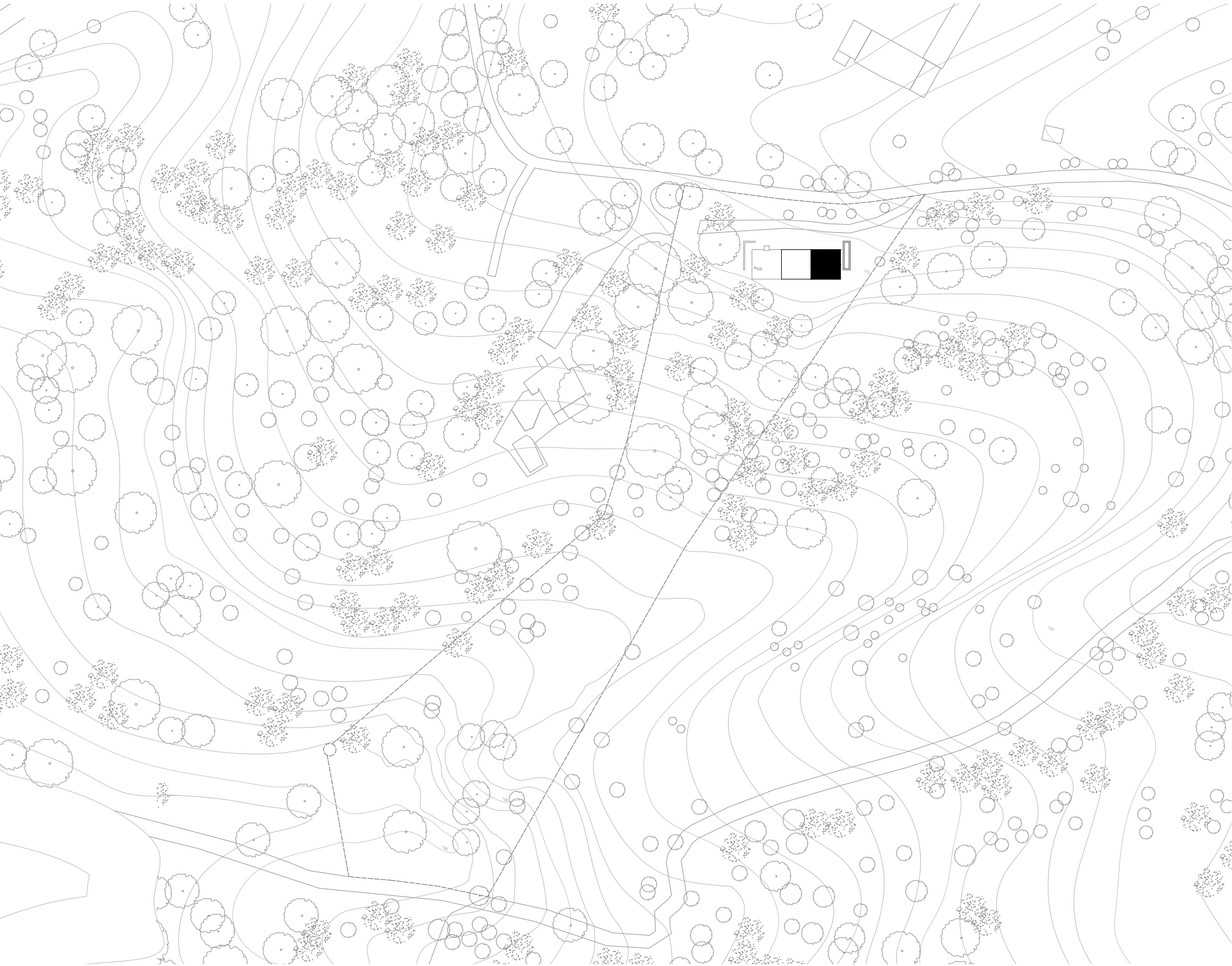


CASA RESSONÂNCIA

Duplicagem
Ressonância

Lino Walala





1 : 500| 1:200 ①
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO E CORTE

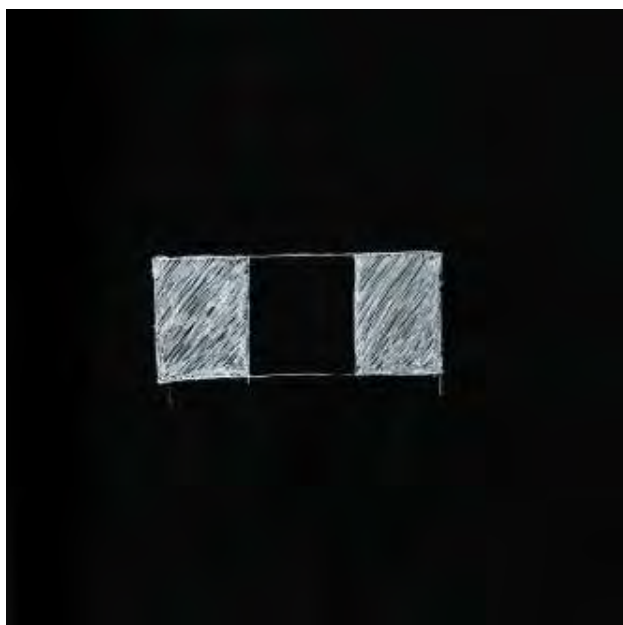
Arrábida integra o “Parque Natural da Arrábida” Uma paisagem rica em património geológico, ecológico e cultural. Lugar com nítida individualidade geográfica, contrastes, de mar e terra, de céu e serra, de obras conjugadas do homem e da natureza. É no meio dessa diversidade onde se encontra a Casa Amarela do Arquitecto Francisco Silva Dias, situado nos arredores de Picheleiros. A escolha do Lugar, localizado na cota mais alta do lote, paralelo a casa amarela. A Casa Dupla, consiste na duplicagem da casa amarela. Tem como premissa a permeabilidade e subtracção, assume um ambiente comunicativo com o exterior a partir de um único vão a sul, onde a serra é a protagonista



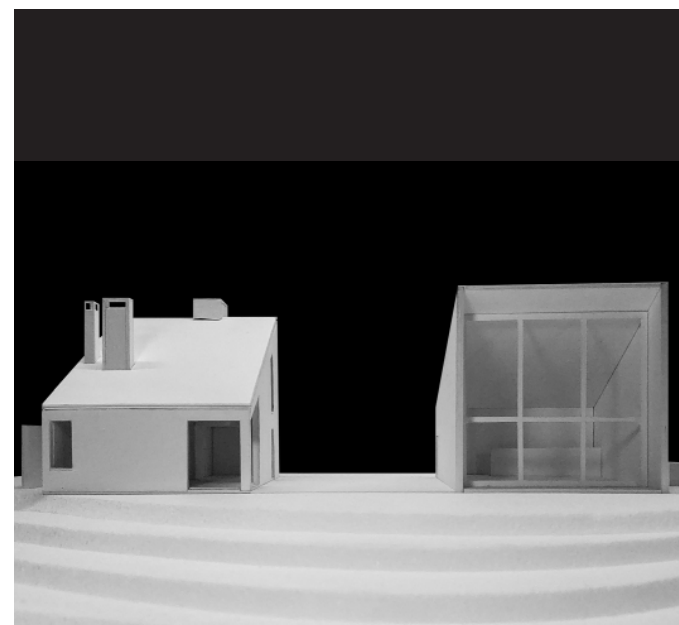
Vista para a serra



A estratégia surge da “duplicagem” da casa amarela, mantém-se a forma, ao contrário da casa amarela que sua cobertura segue a inclinação da topografia, a casa dupla inclina-se para o norte e abre-se para o sul, é a única abertura que estabelece a relação com o exterior. As duas casas estão conectadas através de uma plataforma, 7x7x7, cheio vazio cheio. O Espaço entre (plataforma), e o lugar de acontecimentos. É a partir deste espaço que se faz a distribuição de acesso de ambas as casas, é um espaço polivalente. A proposta procura proporcionar experiência única, funcionar como um tímpano que procura ouvir tudo a sua volta, ela também é como uma caixa-de-ressonância, quando as portas do Sul se encontram abertas, é possível ouvir os sons dos pássaros, o vento a bater sobre as árvores, por um lado podemos visualizar a serra de longe e através de outros sentidos podemos experimentar o que acontece a nossa volta.

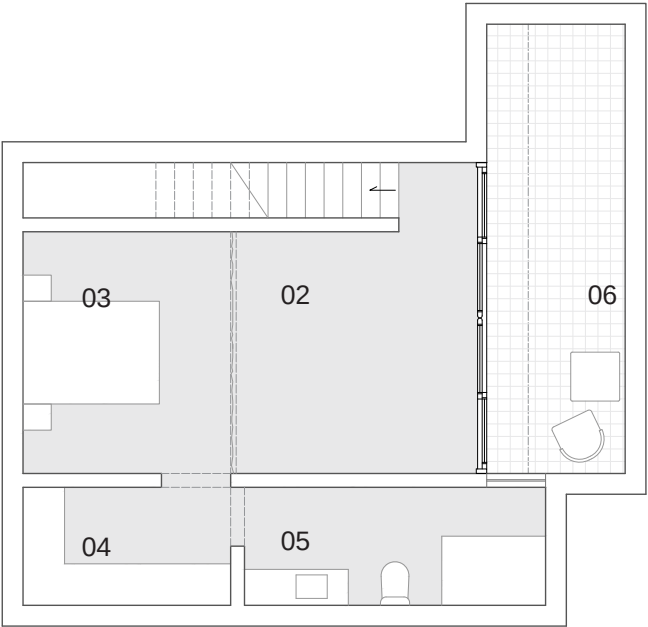
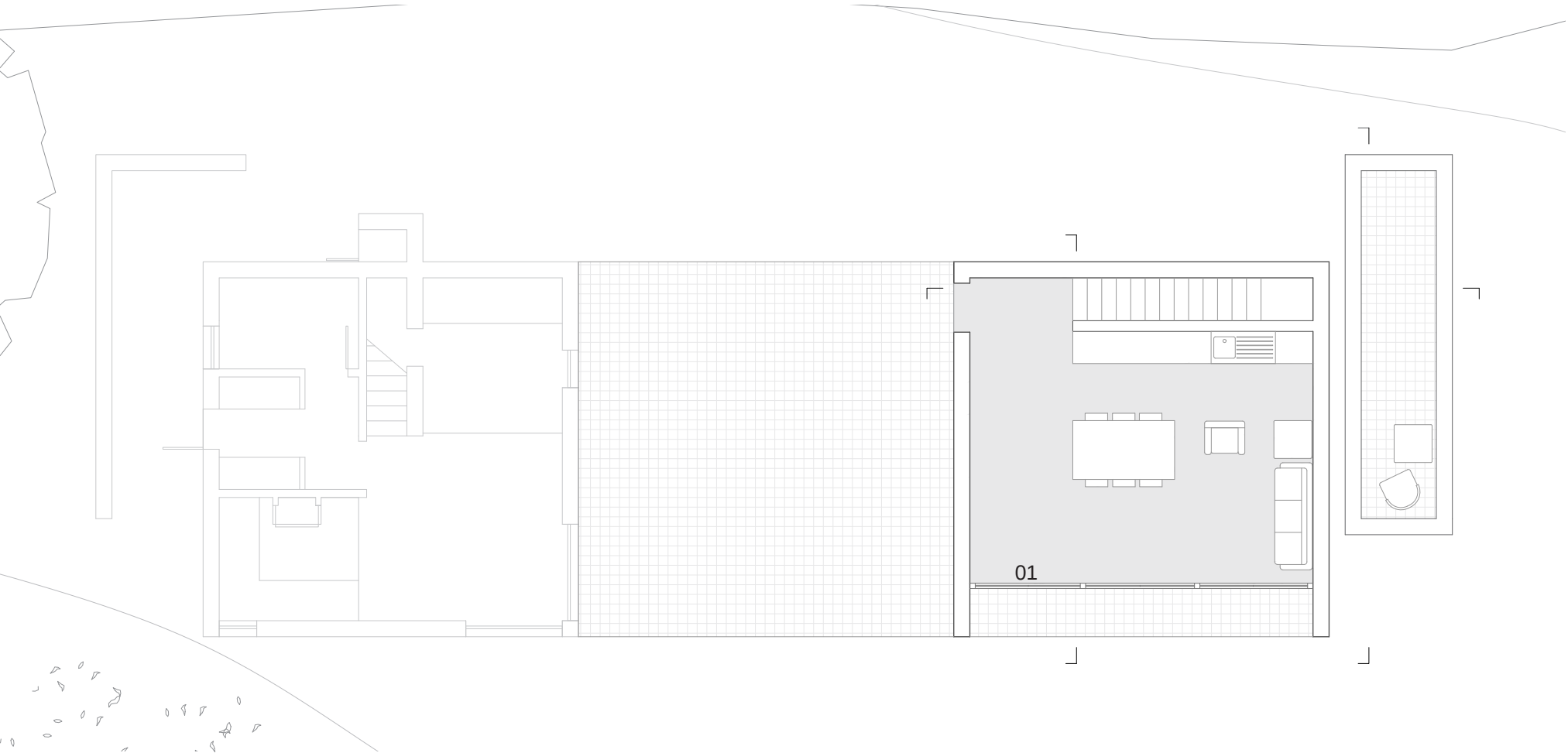


Estratégia



Maquete 1:50

ISOMETRIA



- 01- Social
- 02- Transição
- 03- Quarto
- 04- Arrumo
- 05- I.S
- 06- Pátio

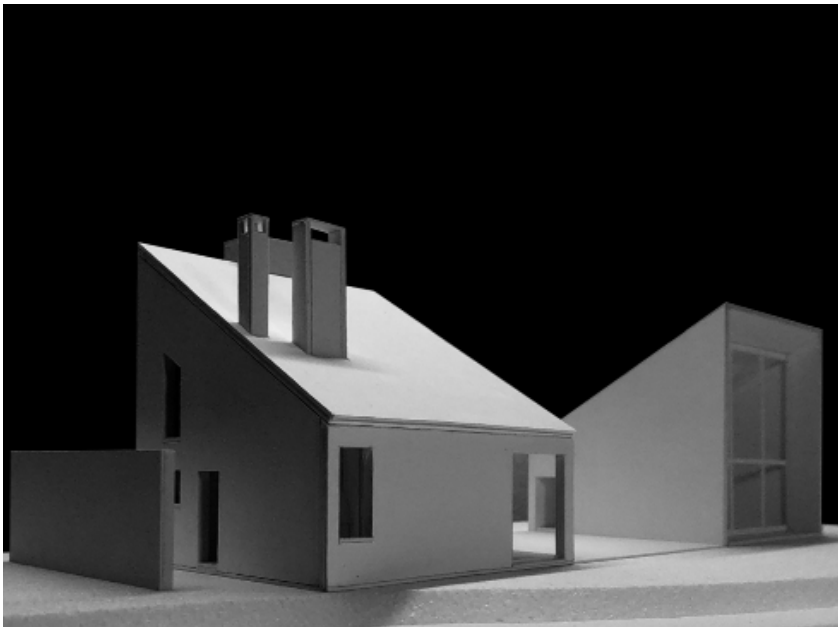
1 : 50 ⌚

PLANTA DO RÉS -DO-CHÃO E SUBTERRÂNEA

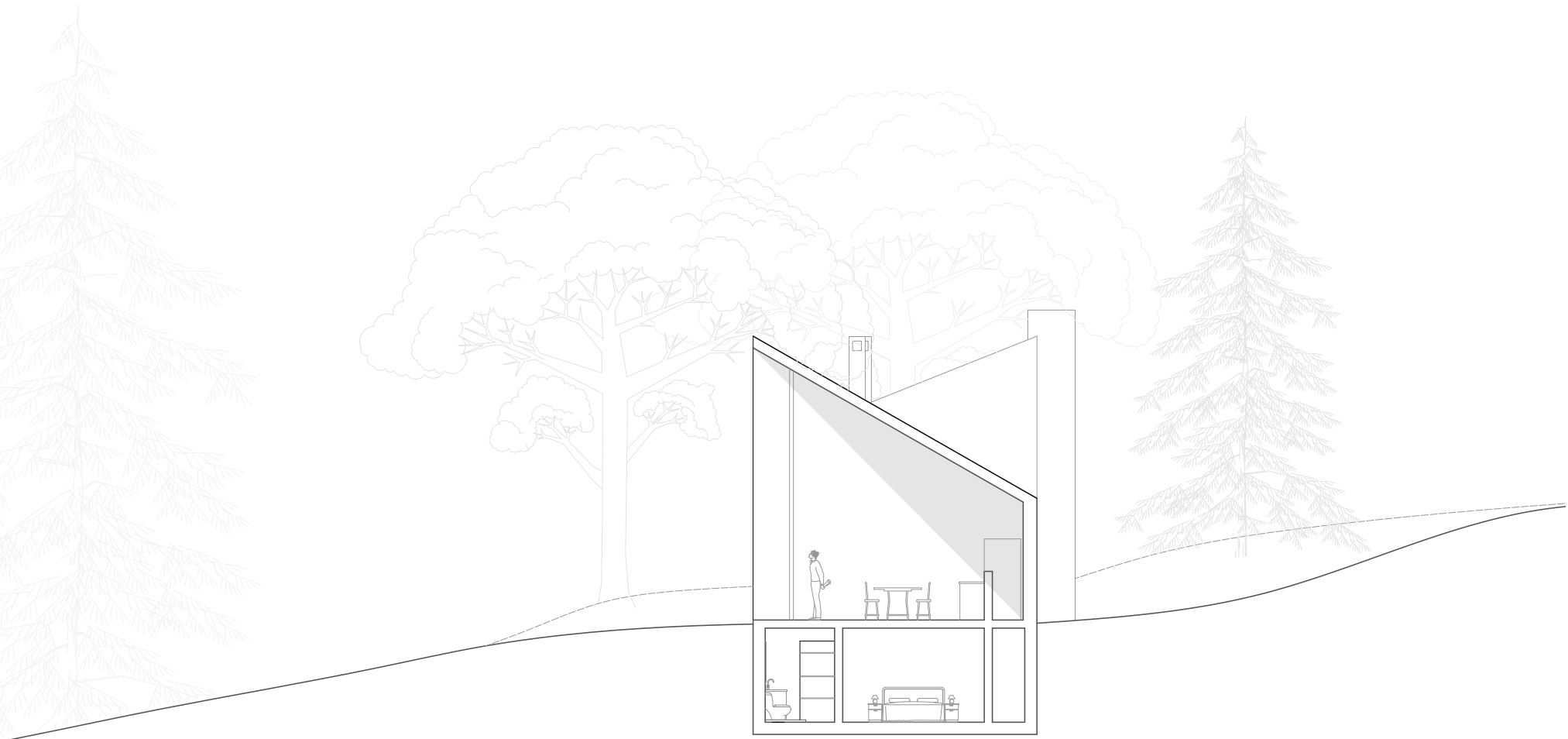
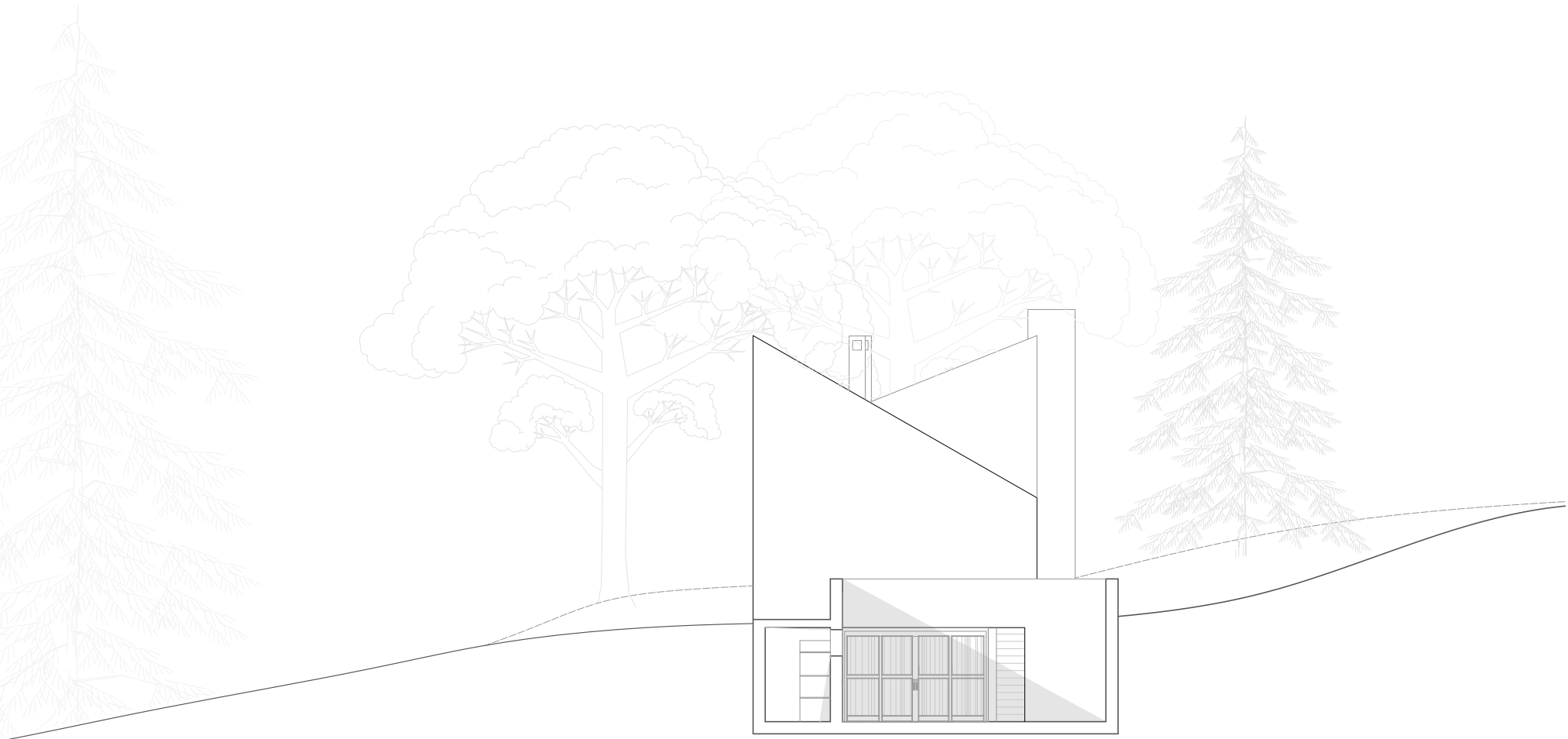
O programa está distribuído em dois níveis, o primeiro nível encontra-se o espaço comum, um espaço de partilha. O segundo nível encontra-se toda a zona íntima que é feito através um espaço de transição que faz a distribuição de todos os compartimento. O pátio tem a função de trazer toda luz para o interior.



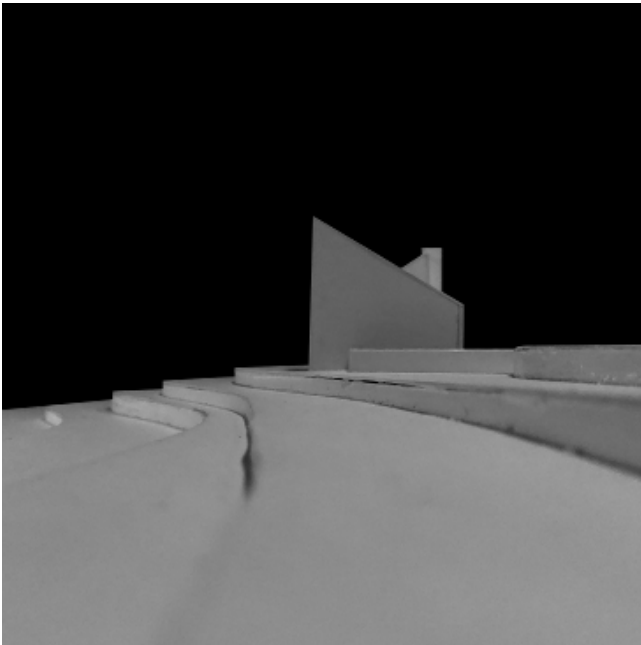
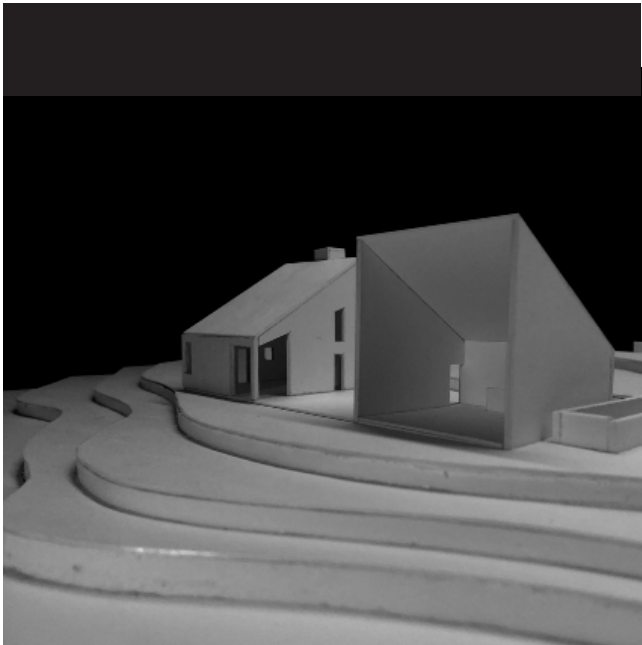
1 : 50 ⌚
ALÇADO SUL



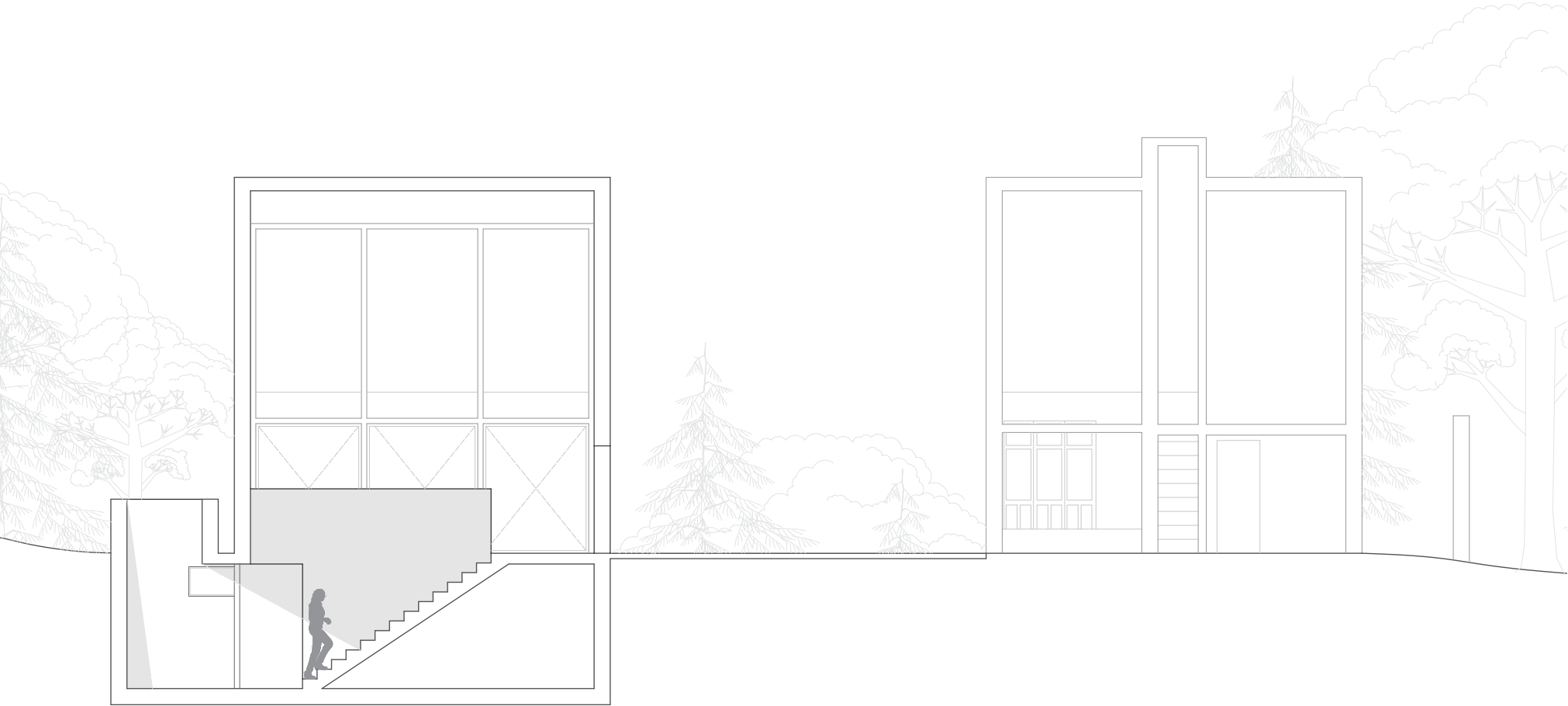
Maquete 1:50



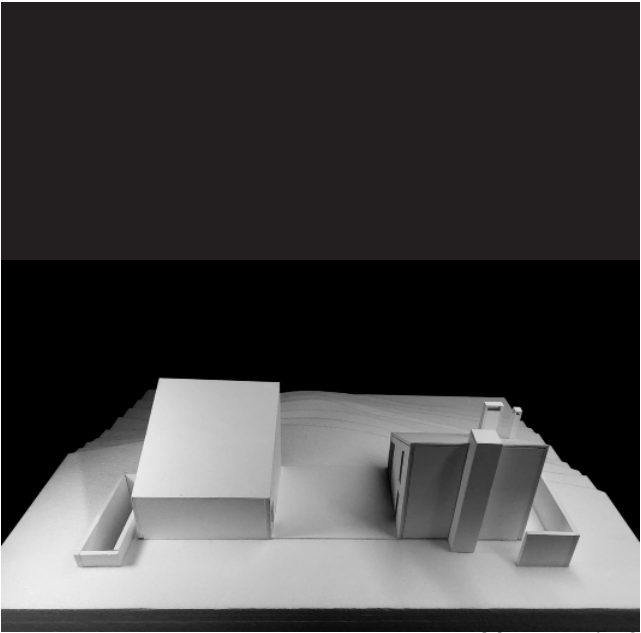
1 : 75
CORTES



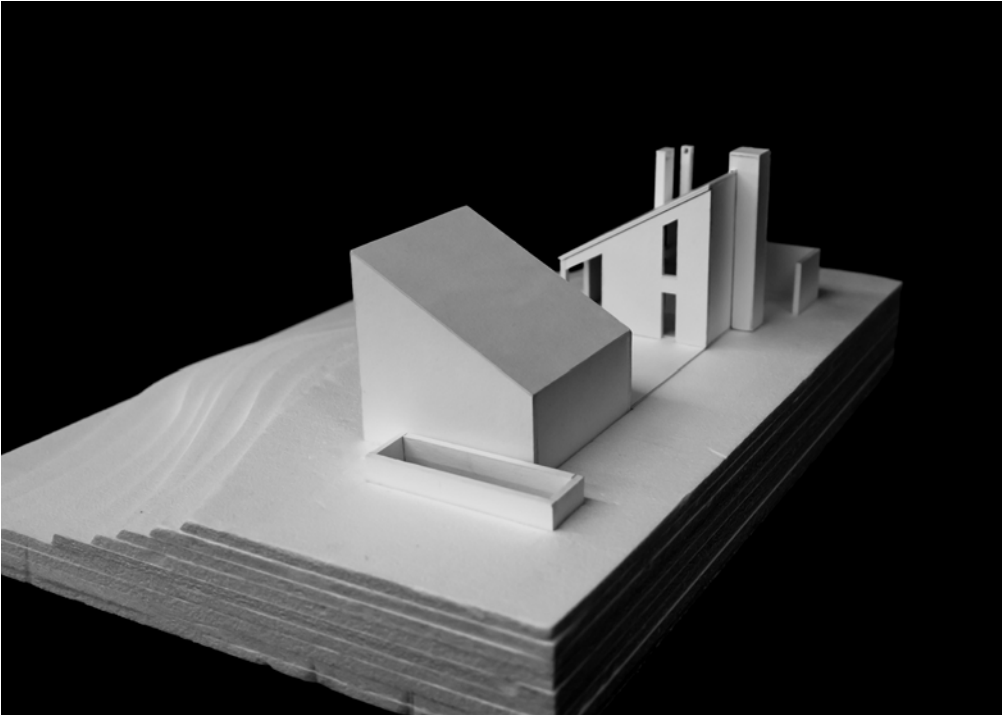
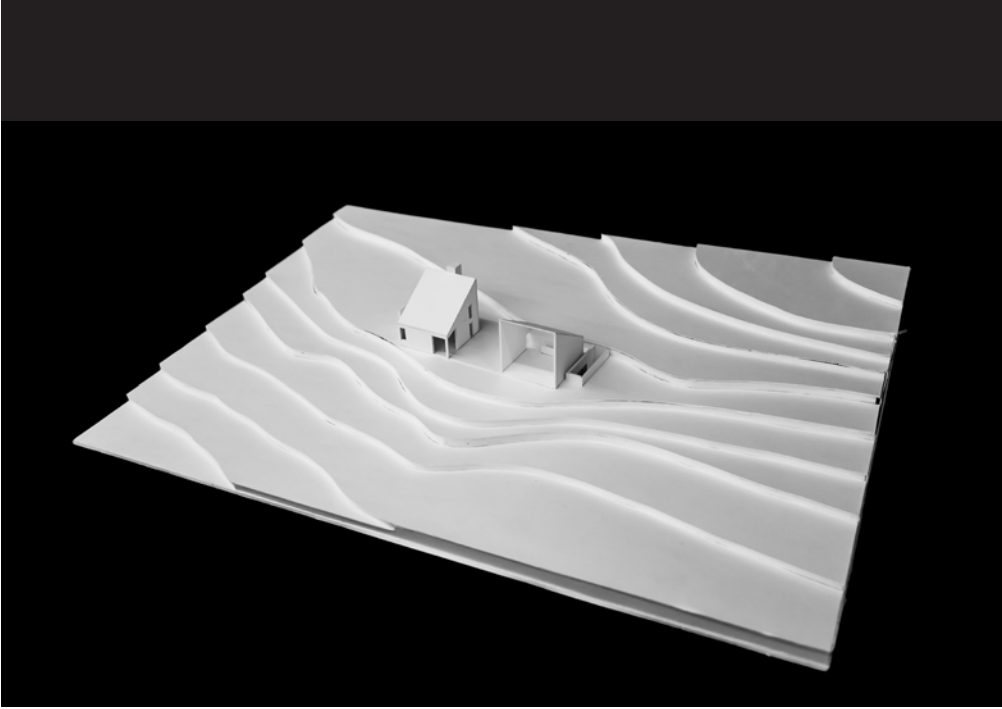
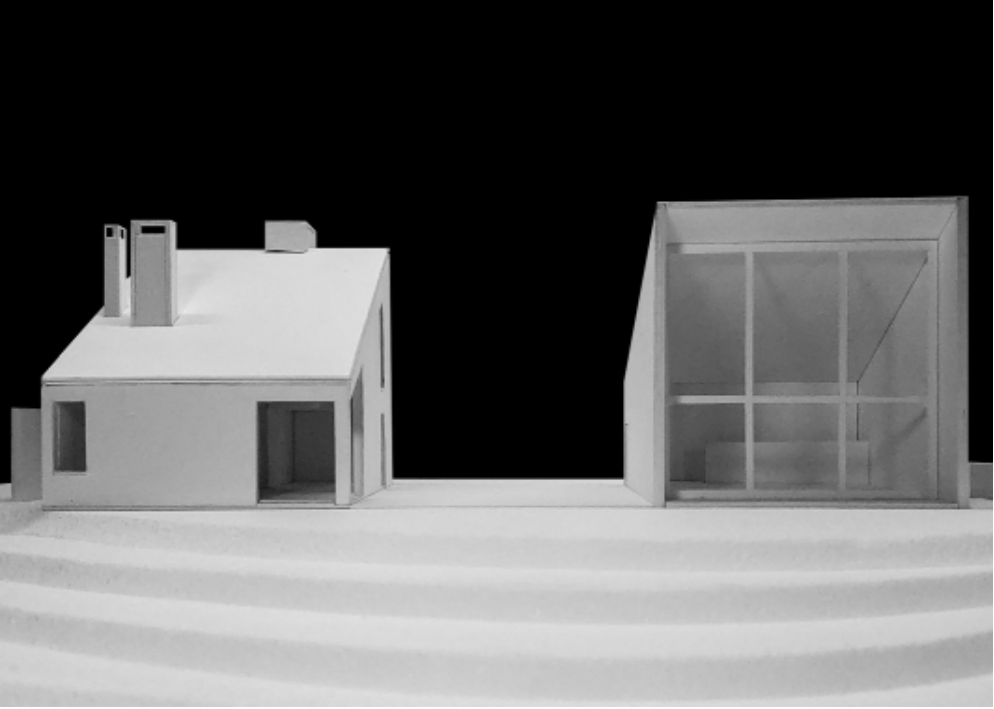
Maquete 1:100



1 : 50
CORTE ALÇADO



Maquete 1:50



CASA

ECOSSISTEMAS

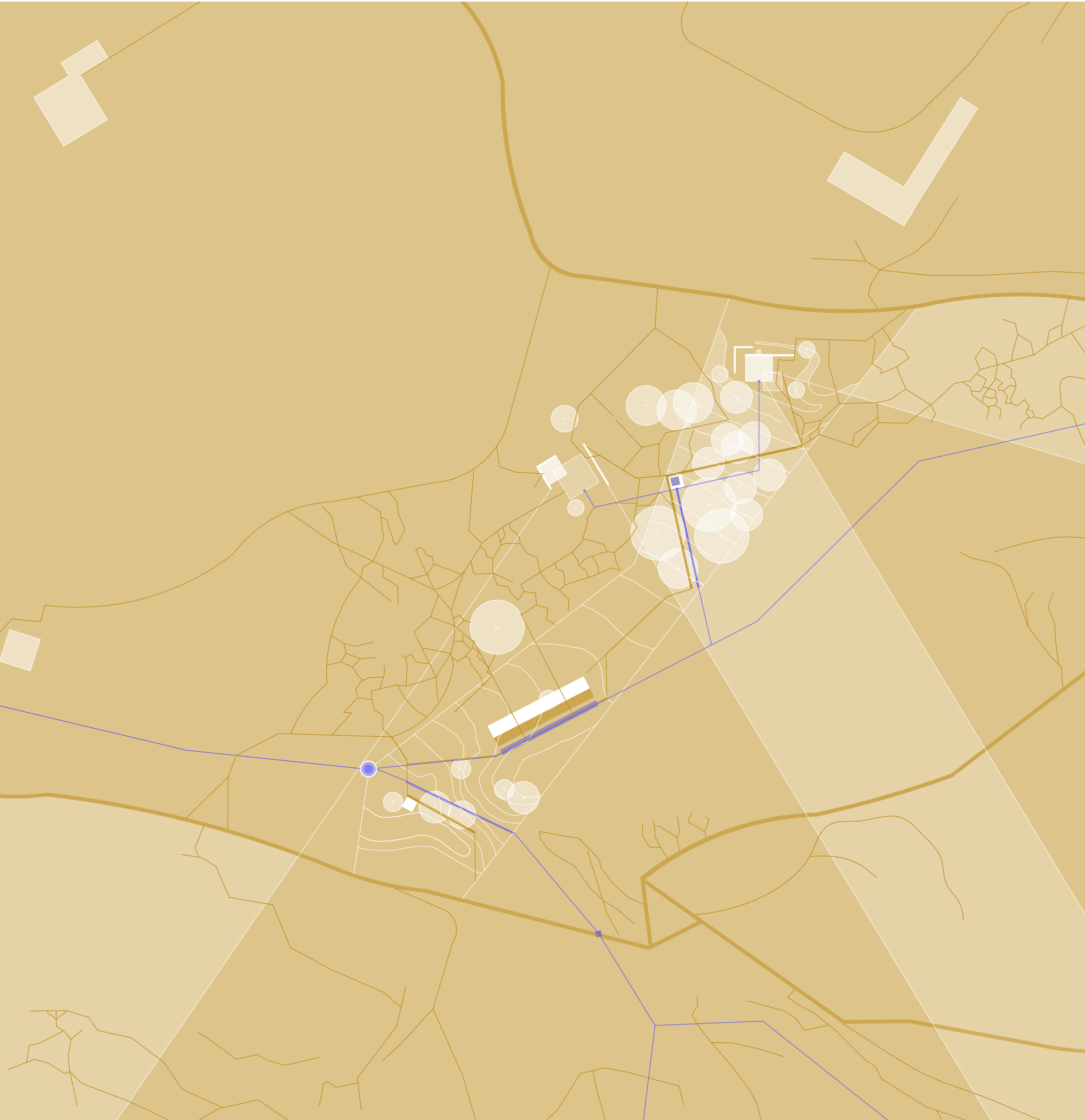
A Line made by Walking

_Water

_Dwell

Luís Maia





1 : 500 ⓘ

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

A LINE made by Walking_ A LINE made by Water
A LINE made by Dwell

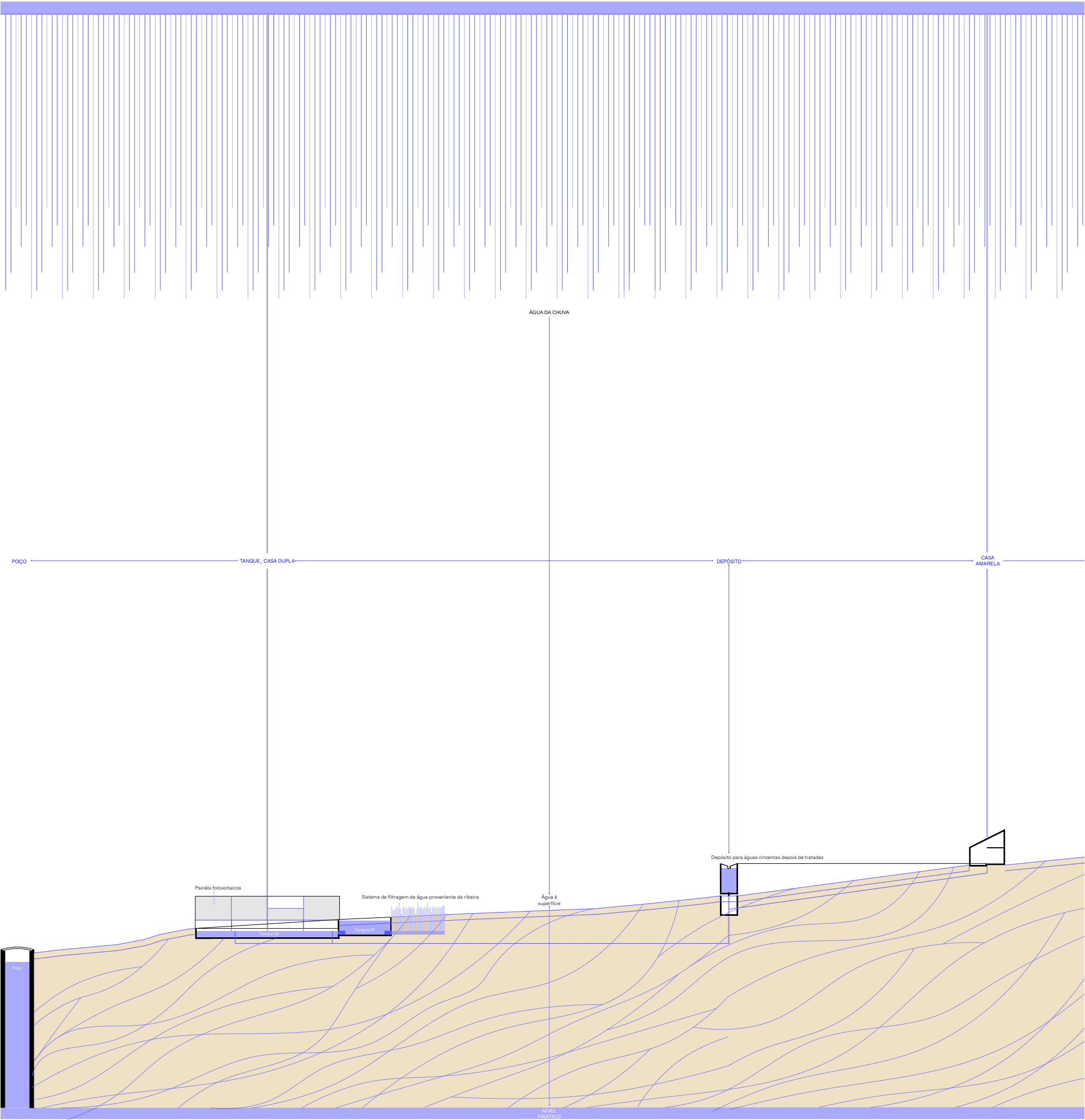
A linha desenhada por quem habita, não se impõe sobre a território, tem a responsabilidade de se deixar desenhar pelas linhas da paisagem. Uma rocha que define o terreno, uma planta diferente de todas as outras, um ruído áspero, a água e o caminho do Homem planeiam o lugar ideal. A Casa Amarela situada na Serra da Arrábida mais concretamente na serra do risco, pousa sobre a paisagem para a observar, a janela de canto encaminha o olhar para a Serra fugindo à presença do Homem. A Casa Dupla pretende desenhar um novo ponto de vista com o cuidado de não perturbar o olhar da casa amarela, tem dois momentos principais um delimitado pela linha de água e outro delimitado pela linha de caminho. A complexidade sinestésica da Casa Amarela continua na casa Dupla a definir os diferentes espaços do programa.



A LINE MADE BY WALKING



A LINE MADE BY WATER



1 : 500
CORTE DO SISTEMA HÍDRICO

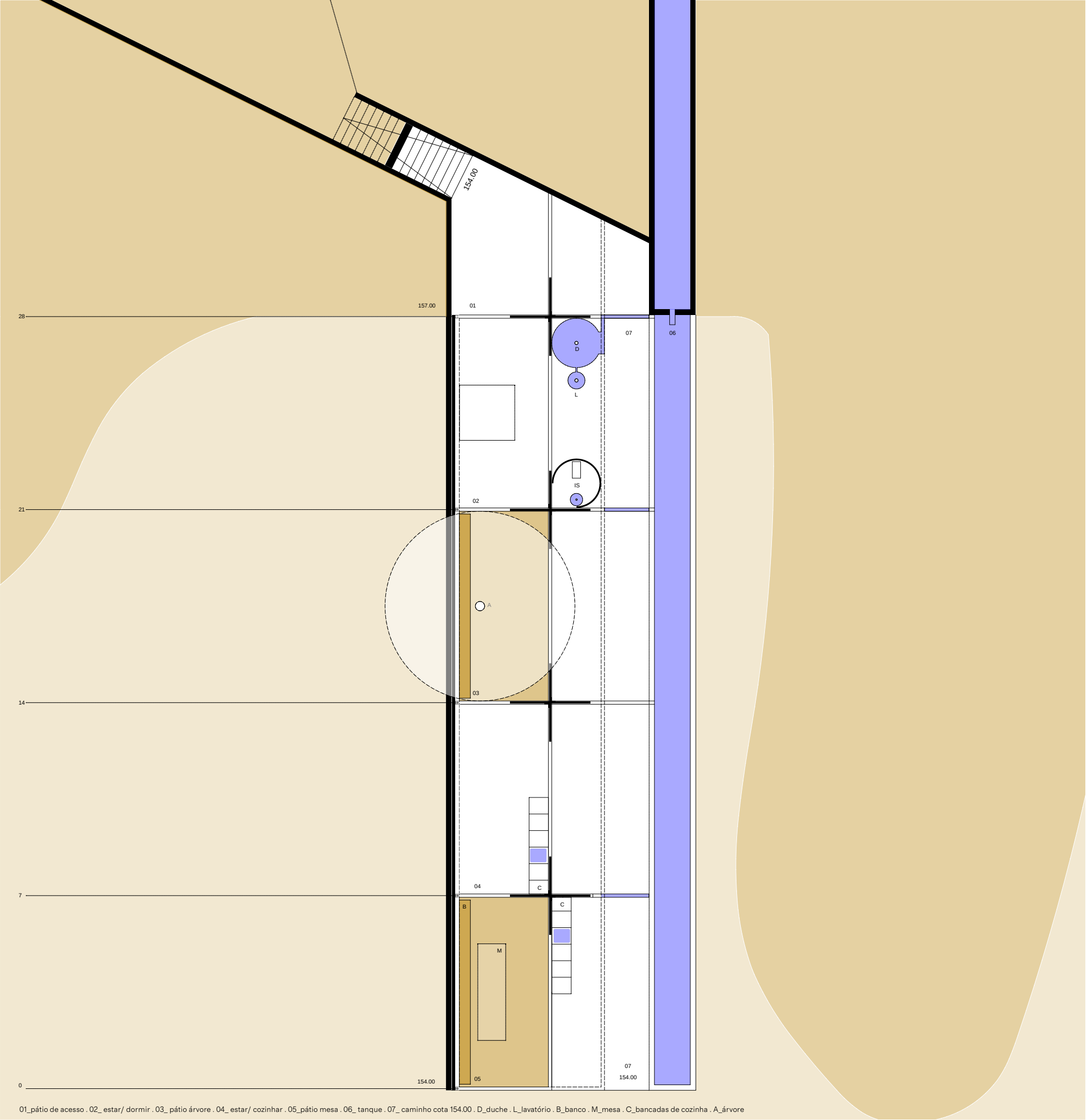
As linhas da paisagem participam ativamente no desenho de qualquer casa que pouse no território. Se, quando falamos da cidade nos devemos perguntar, qual deve ser o papel da natureza, no contexto deste enunciado parece-me que a pergunta primária é, QUAL O PAPEL DO HOMEM NA NATUREZA?;O novo sistema artificial de água integra-se no sistema natural da água à superfície desenhando um ciclo fechado que alimenta a casa dupla mas também a casa amarela evitando assim recorrer à água que corre nos lençóis friáticos. Esta nova infraestrutura de água composta por dois momentos de filtragem artificiais/naturais, um depósito que acumula a água cinzenta das varias casas que já foi filtrada, e um tanque que conduz a água da ribeira até à cozinha e casa de banho da casa dupla. Com isto é implementado um circuito fechado que permite a autosuficiência da casa amarela e da casa dupla. Um circuito fechado que participa e não interrompe o caminho contínuo da água na natureza.A leitura da infraestrutura hídrica é fundamental para a relação que o homem estabelece com a paisagem.



IRIS PSEUDACORUS

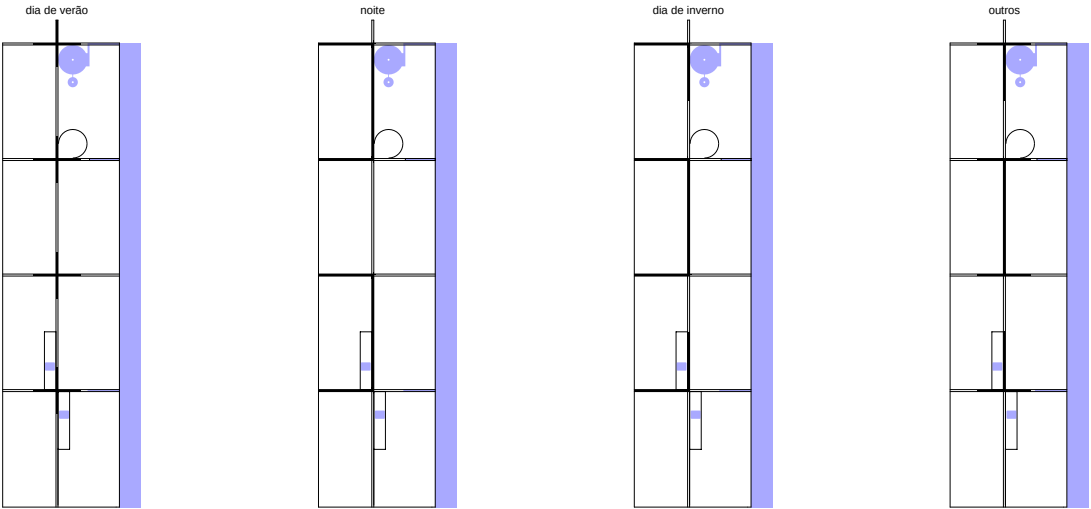


TYPHA FATIFOLIA

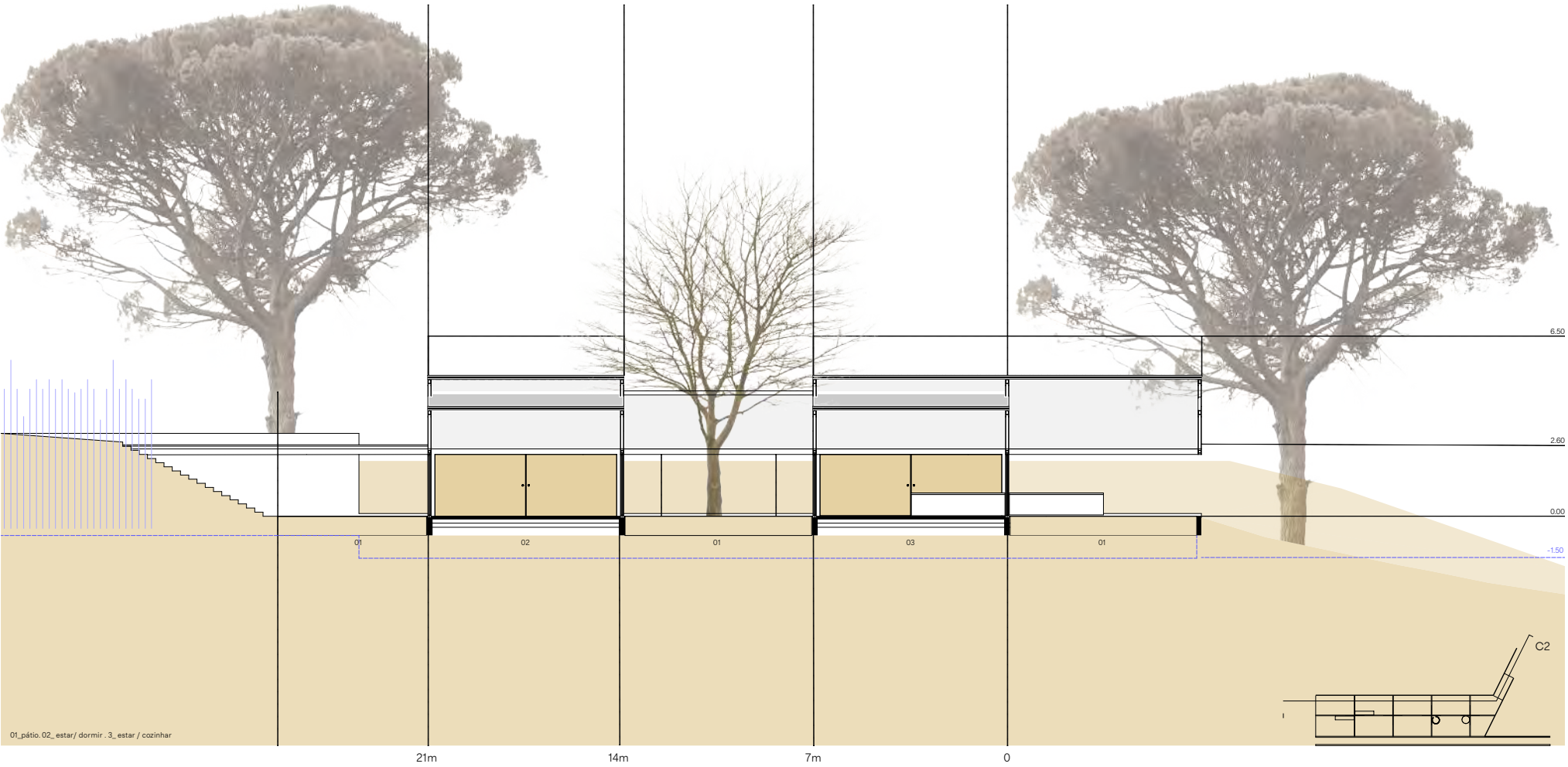


1 : 70
PLANTA PROGRAMA

A casa desenhada por duas linhas é uma terceira dividi-
da em quatro espaços iguais, dois pátios uma sala e um
quarto, os dois pátios são não só espaços de transição
do interior para o exterior como são também responsá-
veis por articular a sala e o quarto. A casa não tem pa-
redes a dividir o espaço mas sim portas de correr que
nas suas várias posições possíveis se responsabilizam
por encerrar a casa, dividida-la e organiza-la tendo em
conta as necessidades de quem a habita. Existem duas
entradas, uma mais protegida do lado do quarto e outra
exposta para a vista do lado da sala. A casa de banho é
pequena ou talvez como as restantes divisões da casa
tenha a liberdade de utilizar o espaço da forma que lhe
seja mais conveniente, a casa é isto mesmo uma linha
habitavel moldável a quem a habitar.



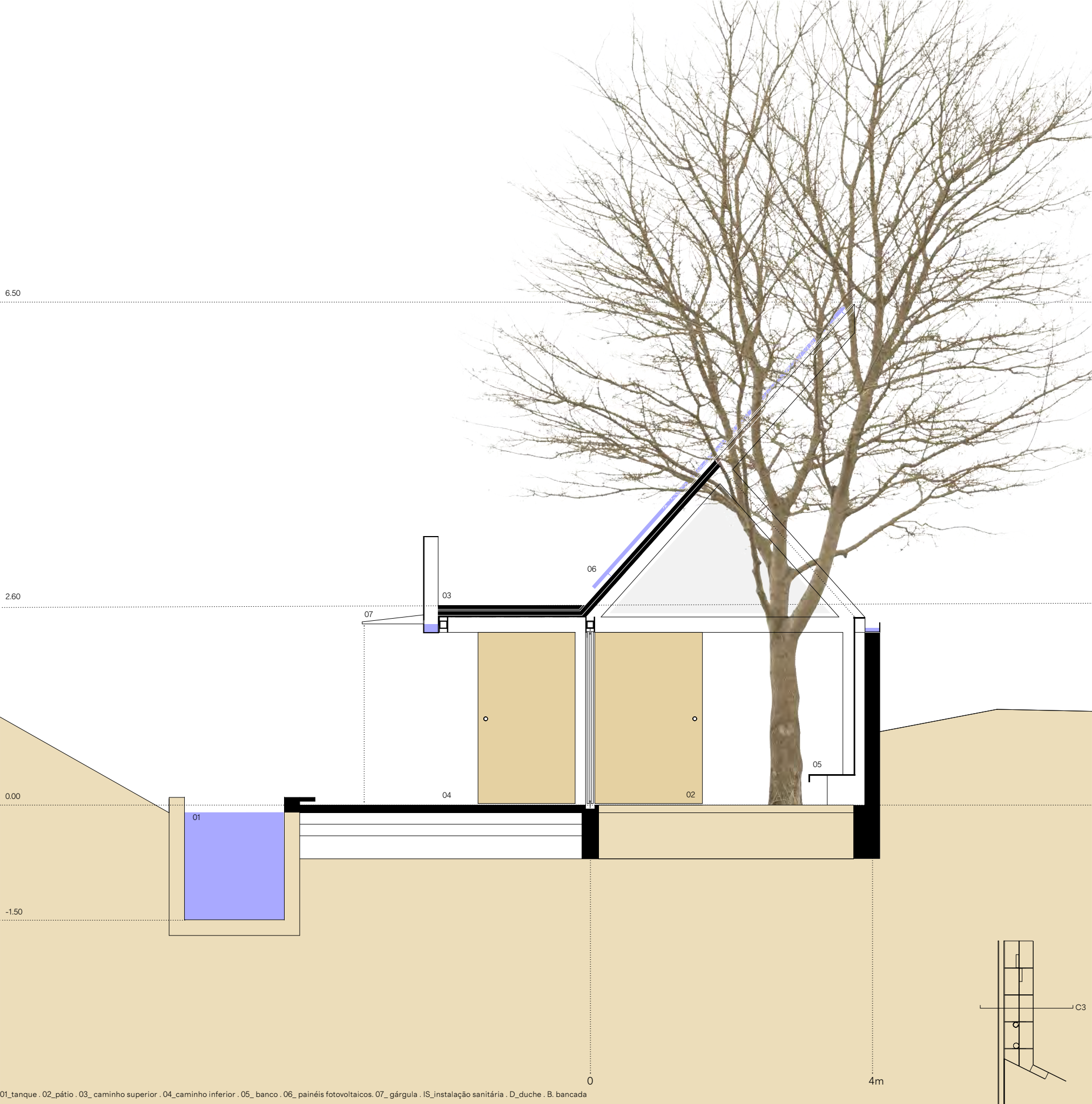
ESQUEMAS DE POSSIBILIDADES DAS PORTAS DE CORRER



1 : 100
CORTES LONGITUDINAIS



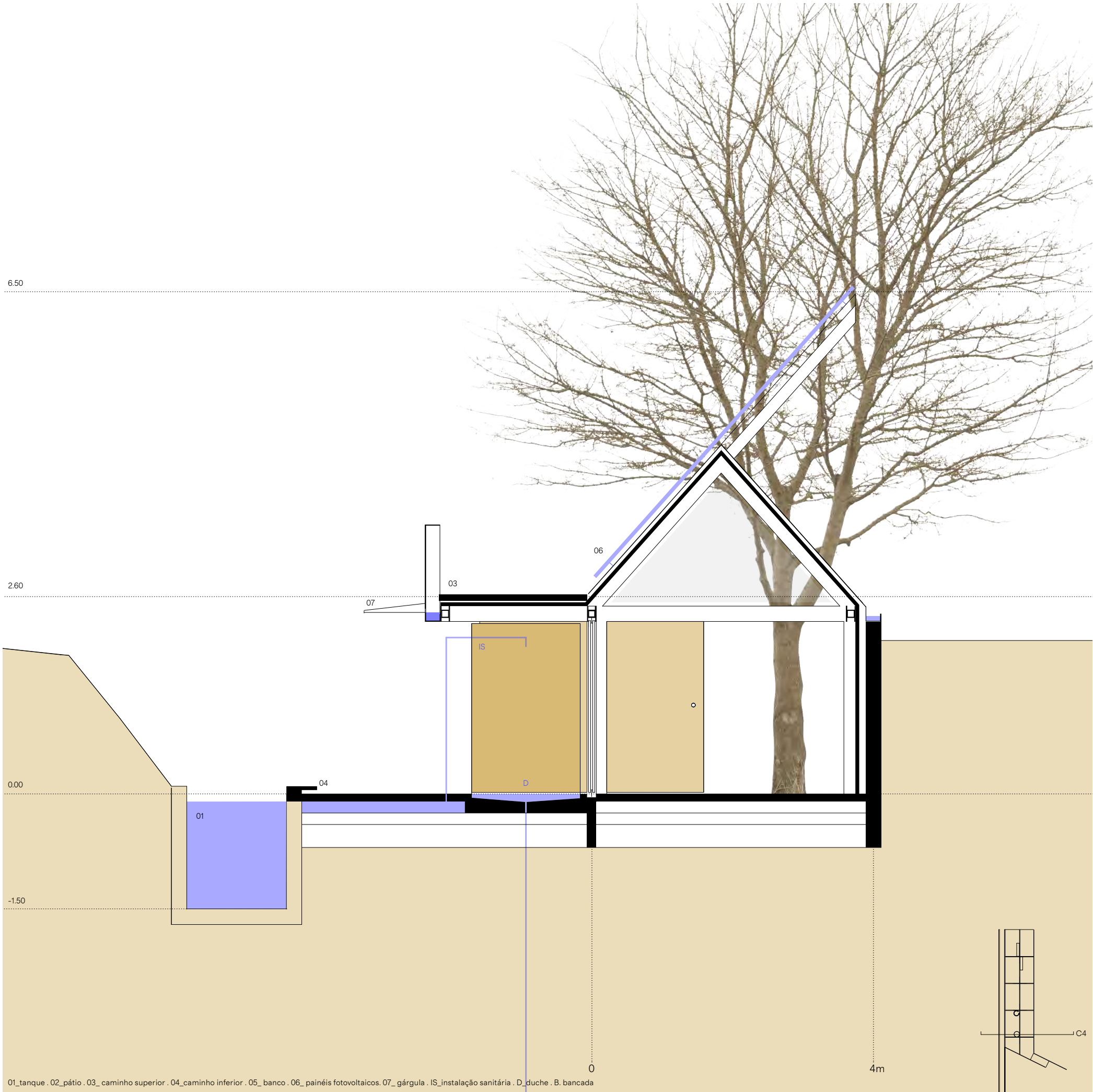
IMAGEM DO ALÇADO DA COZINHA



1 : 25
CORTE TRANSVERSAL PÁTIO



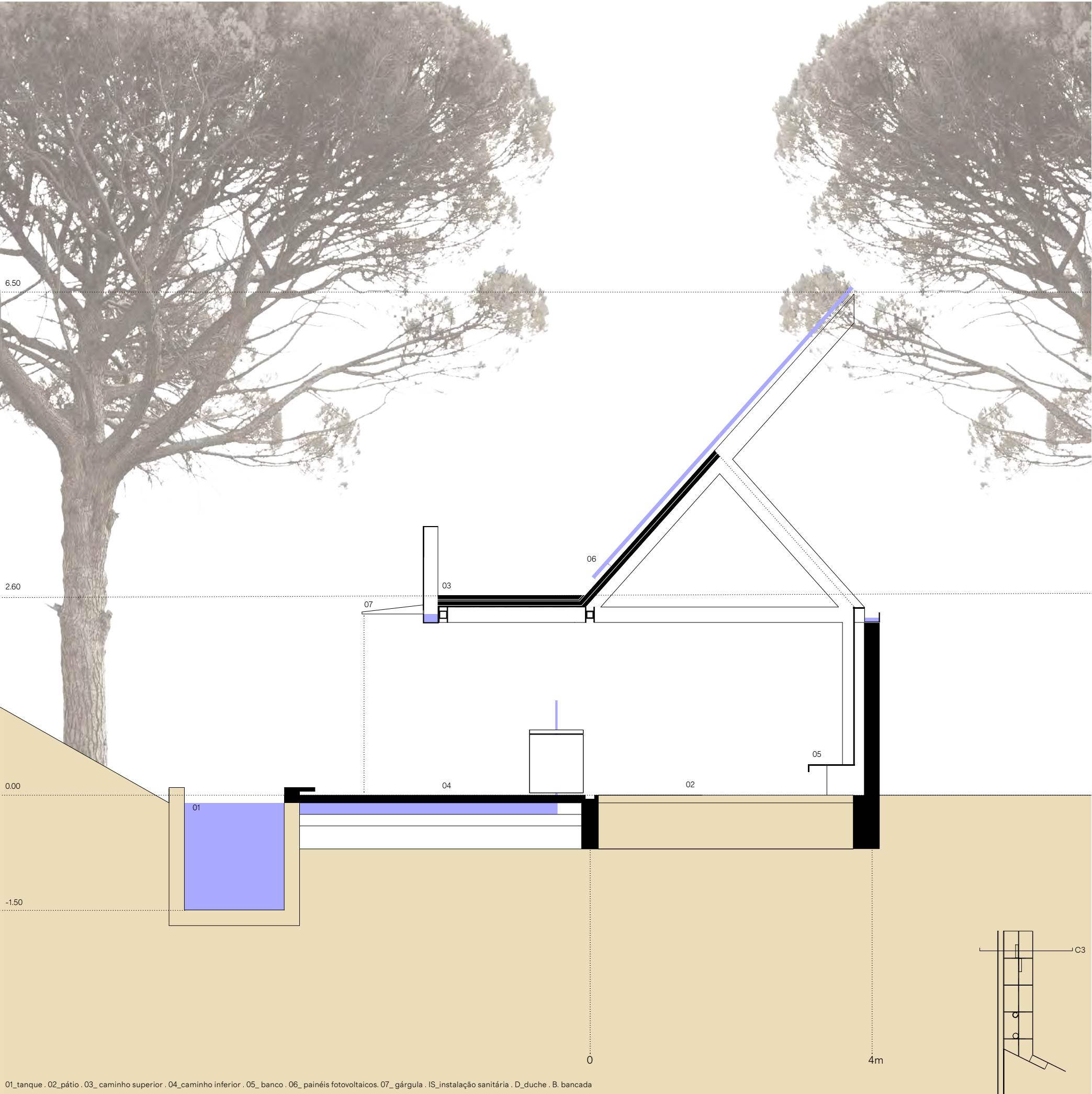
IMAGEM DO INTERIOR DA COZINHA



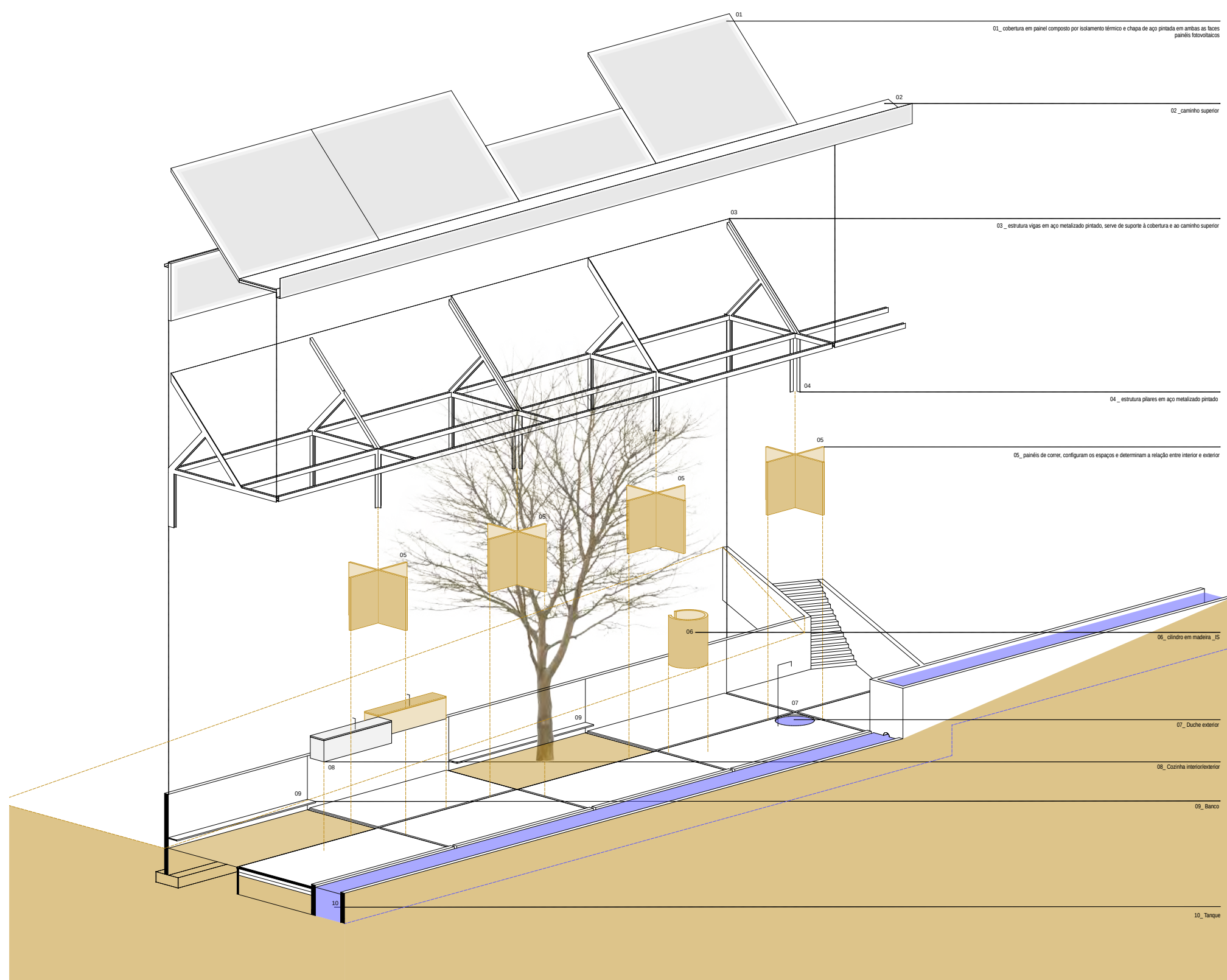
1 : 25
CORTE TRANSVERSAL QUARTO



IMAGEM DO ALÇADO DO QUARTO E DA CASA DE BANHO



1 : 25
CORTE TRANSVERSAL PÁTIO



1 : 100
AXONOMETRIA EXPLODIDA

O sistema construtivo da Casa Dupla é composto por três muros de betão que desenharam o limite da casa e sobre os quais pousa uma estrutura metálica que suporta painéis de aço com isolamento. Os perfis do aranhão são desenhados de modo a cumprirem também a função de calha das portas de correr em cruz de madeira que encerram os espaços. As lajes do chão têm alinhadas com os perfis metálicos calhas por onde correm as portas e a água que alimenta a cozinha e a casa de banho. Sobre os painéis metálicos pousam painéis fotovoltaicos que alimentam a casa dupla e a casa amarela de eletricidade, e que refletem a vista para a serra. Os materiais utilizados acentuam a linha ténue que divide o interior do exterior a cobertura metálica onde pousam os painéis fotovoltaicos refletem a paisagem e os muros de betão conduzem o homem e a água.



IMAGEM ALÇADOS

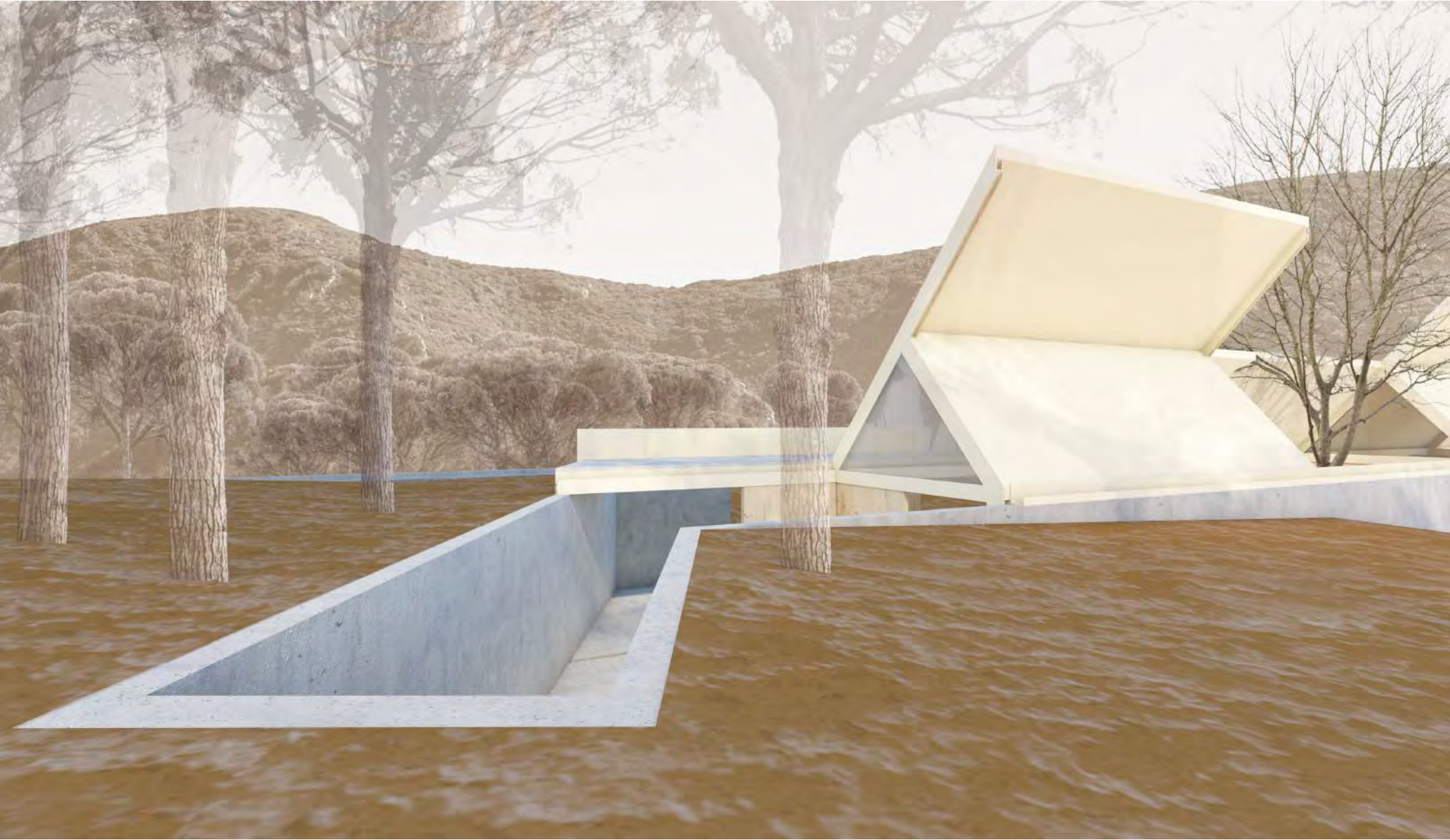
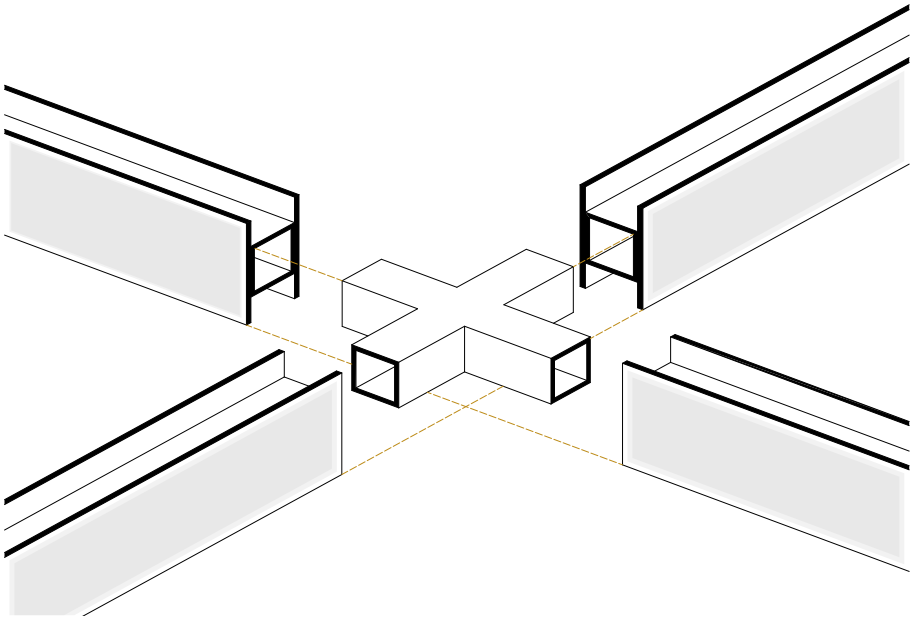
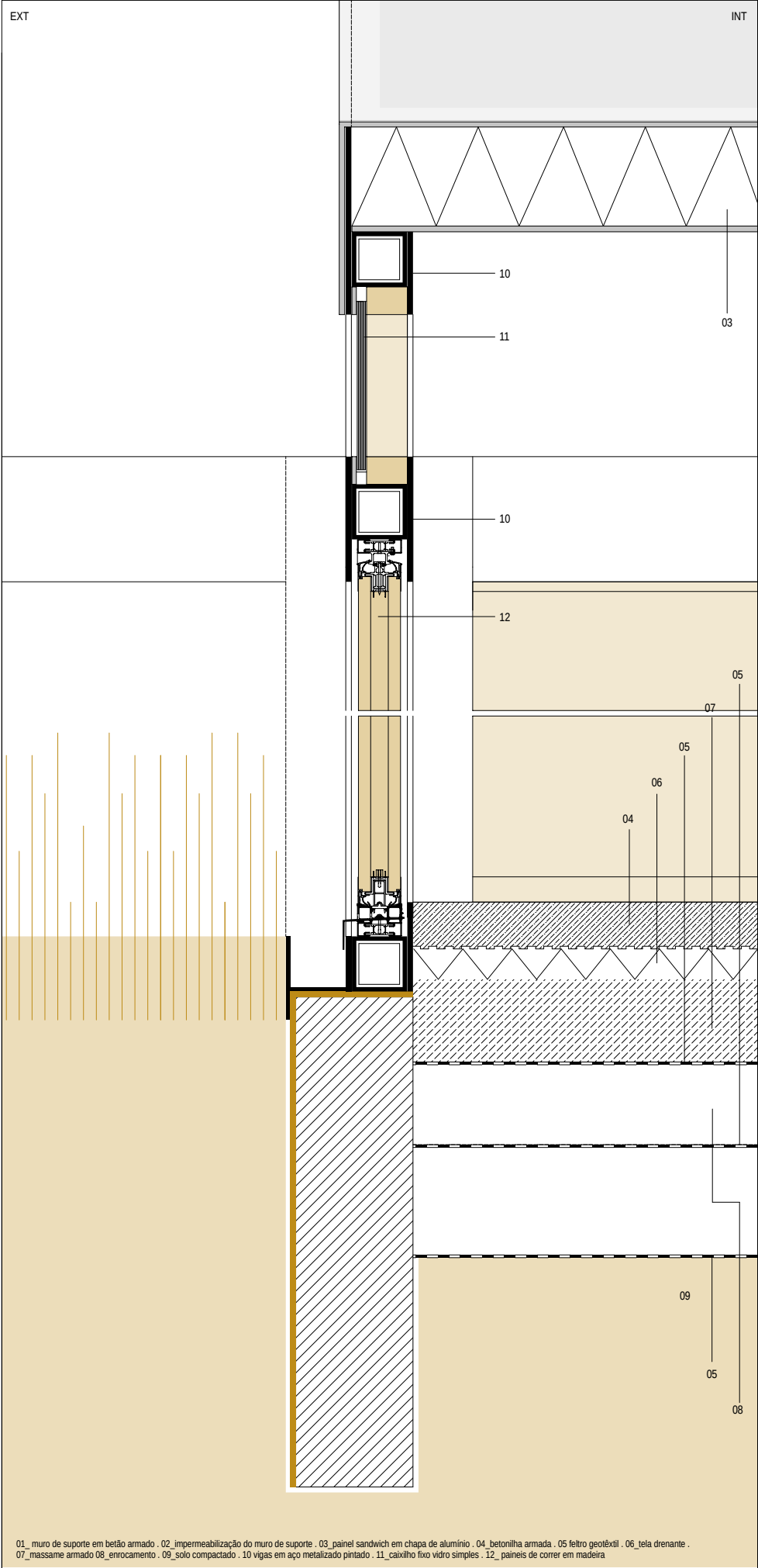
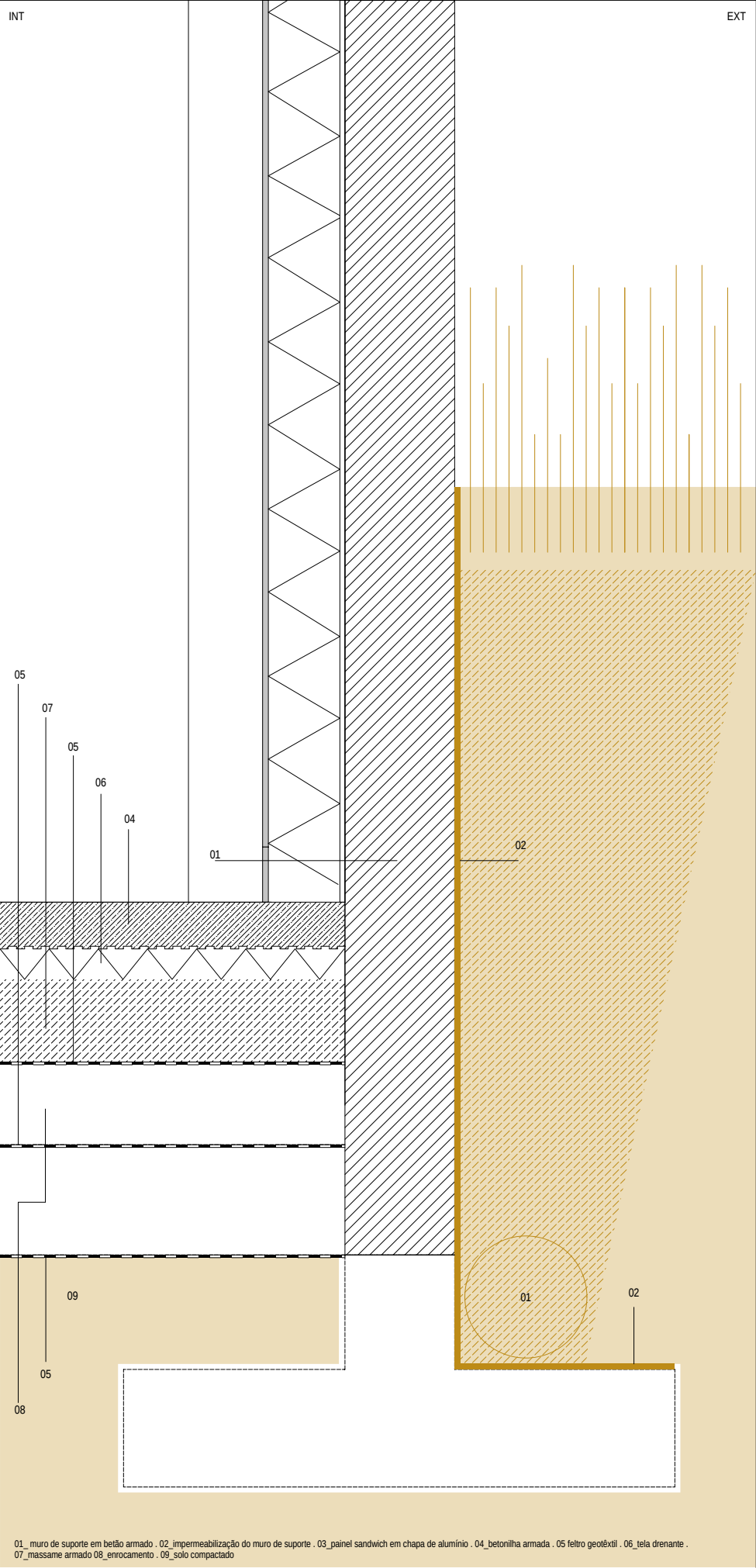
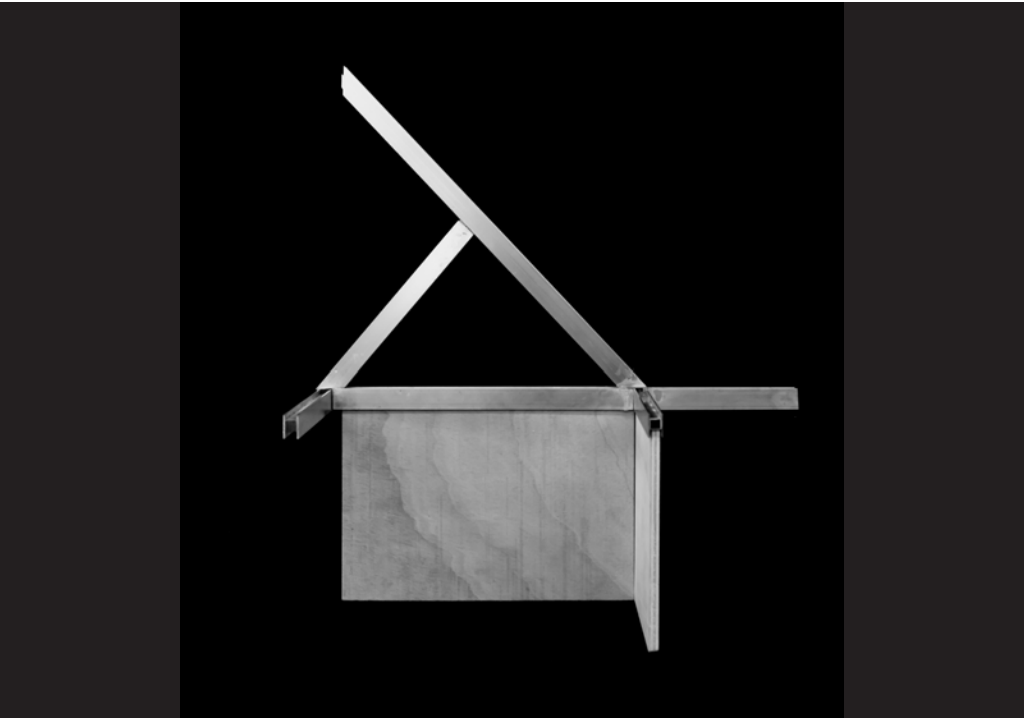
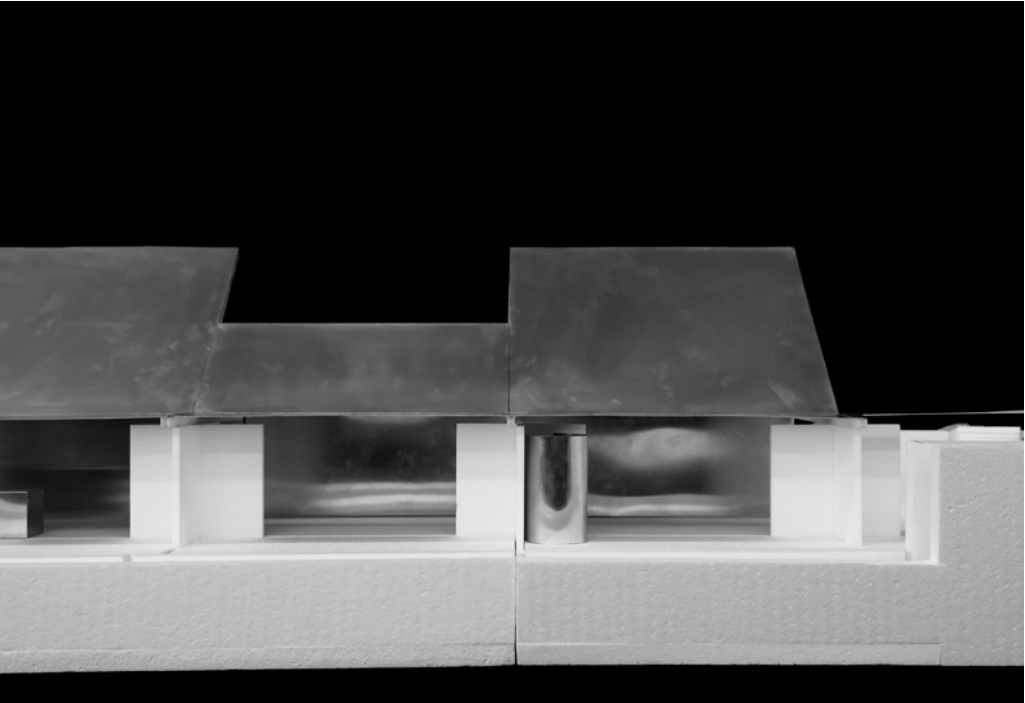
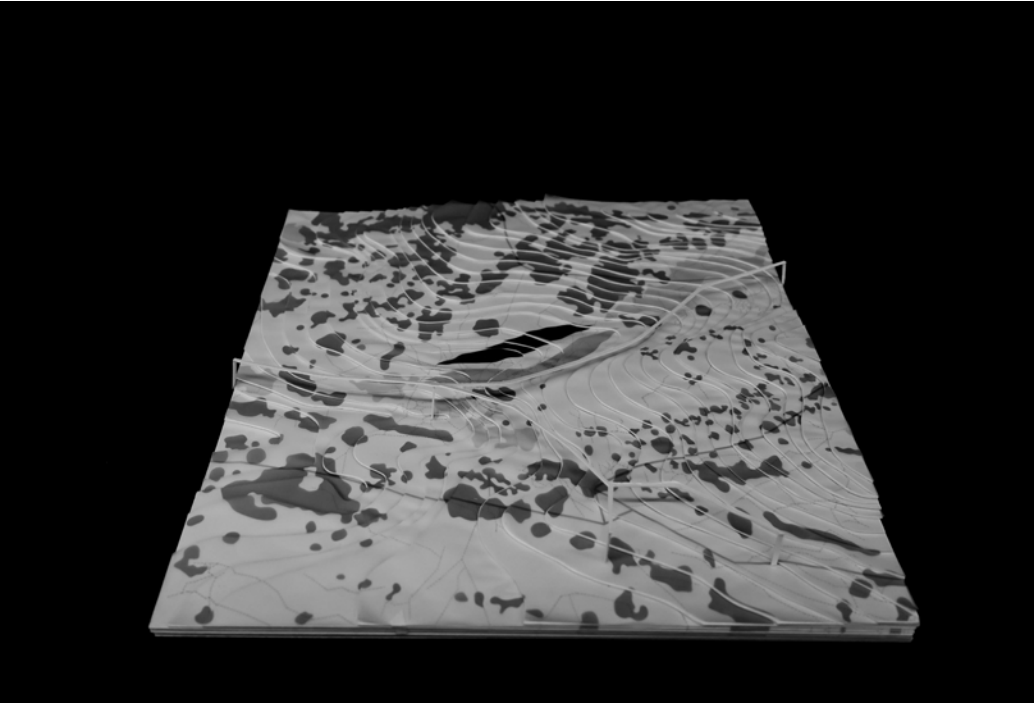


IMAGEM ENTRADA NORTE



IMAGEM ENTRADA NO QUARTO





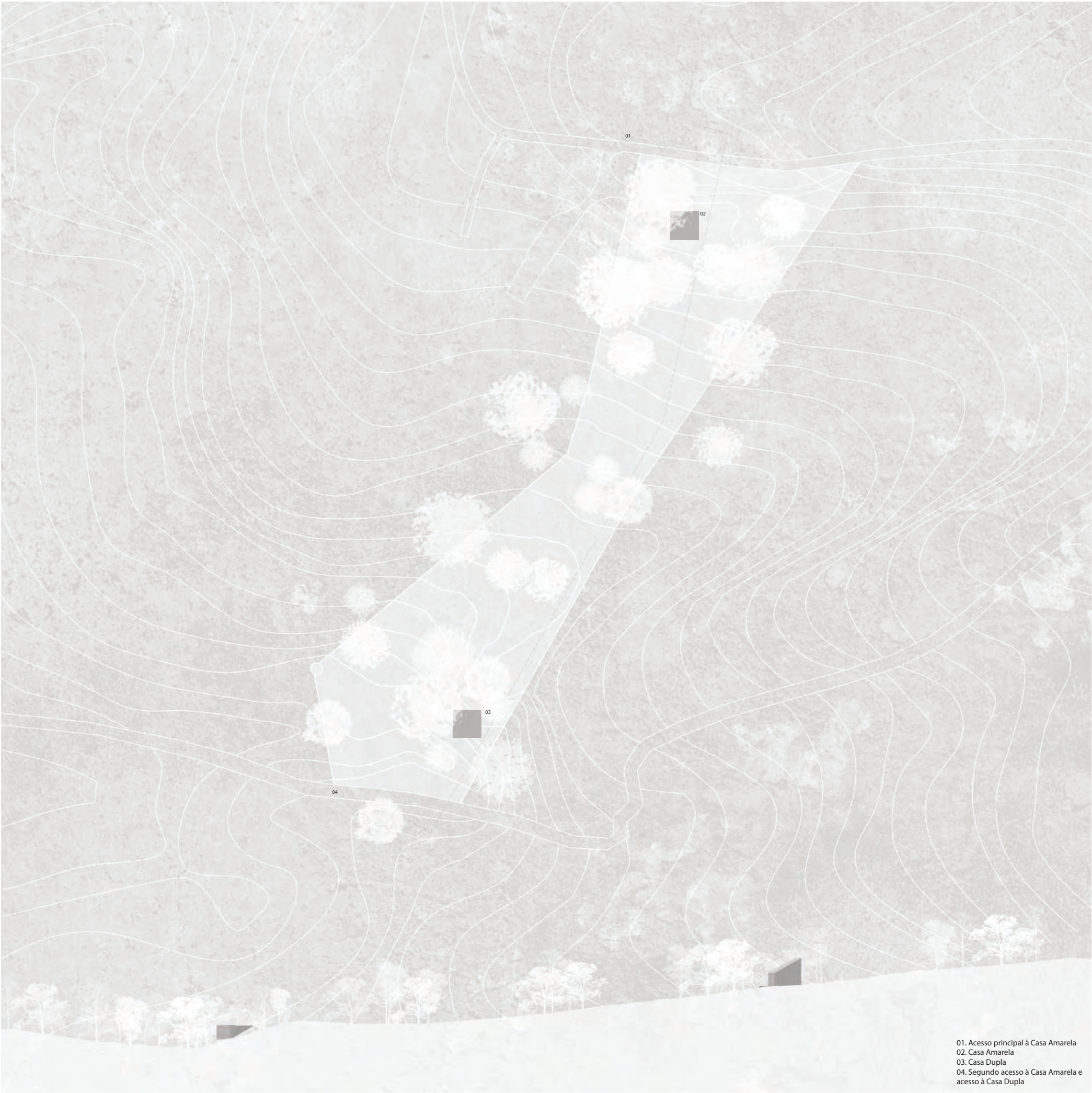
CASA

FORMA

Forma
Abrigo

Luz Cancela De Abreu





Desenhada pelo arquiteto Francisco Silva Dias, a Casa Amarela está localizada no Parque Natural da Serra da Arrábida, e situa-se no ponto mais alto de um longo vale entre estradas. A casa integra-se na paisagem, estando diagonalmente orientada com a serra. O refúgio consiste num cubo de 7x7 propositadamente cortado por um plano, conforme a direção do vale. Dividida em espaços comprimidos e amplos, a casa foi projetada com os mínimos necessários para poder ser habitada. Com a intenção de reentrepertar o significado de abrigo, contrariar a vista e trabalhar a relação exterior/interior, a Casa Dupla está especificamente localizada a uma cota mais baixa, no limite contrário do lote. Esta encontra-se encaixada no terreno. A circunstância de encaixe e total pertença ao território contribui para uma sensação de pressão e abraço da natureza. Por ser mais resguardado e escondido, o abrigo não é perceptível a partir da Casa Amarela, sendo as características da casa sentidas apenas à medida que nos aproximamos. Ao contrário da Casa do arquiteto Francisco Silva Dias, o novo abrigo fecha-se mais sobre si próprio e contraria a vista. No entanto oferece igualmente momentos de maior e menor pressão de espaço para espaço, e relaciona-se fortemente com a natureza que a rodeia.



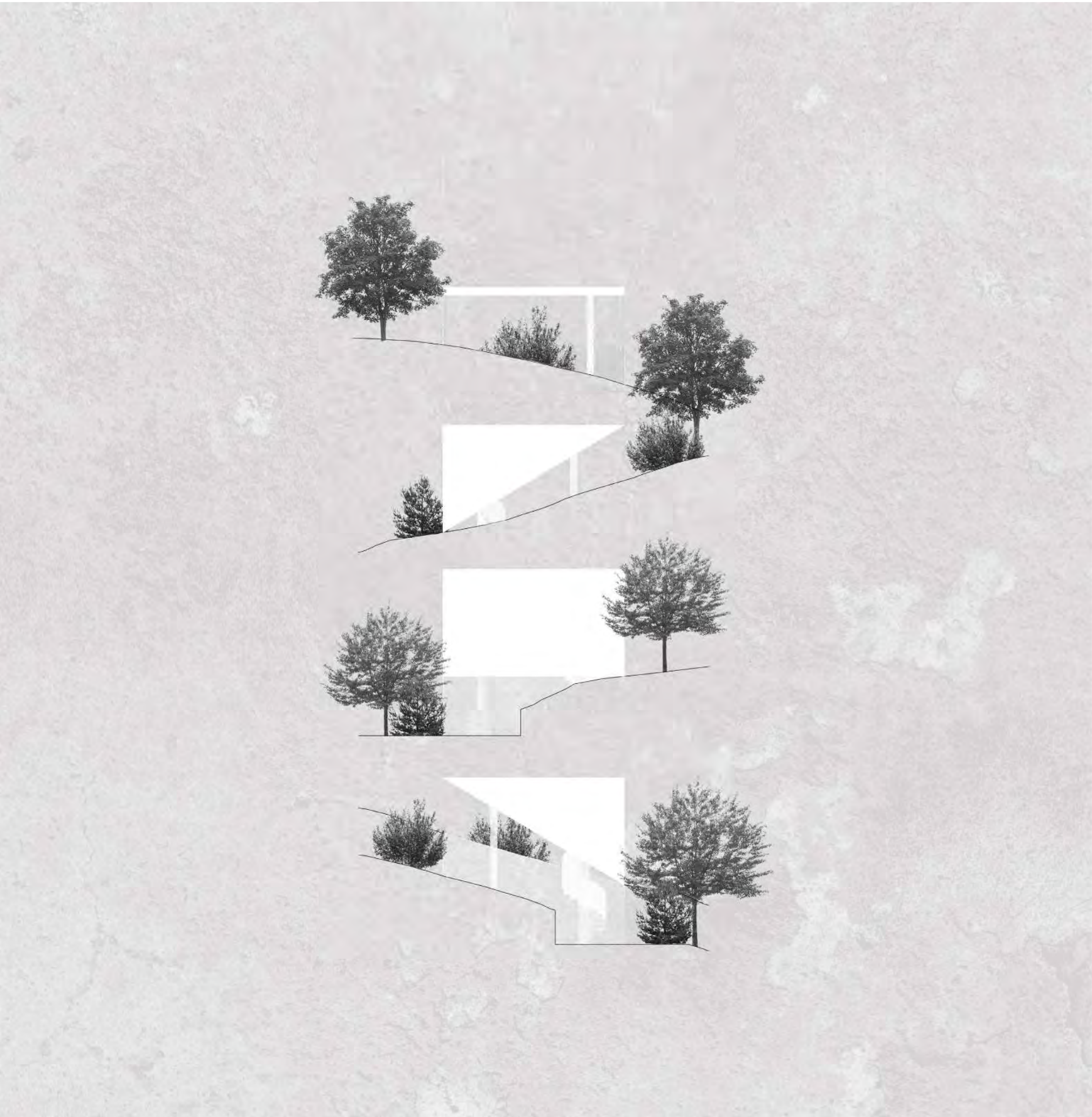
Visita à partir do local de intervenção



Casa Amarela

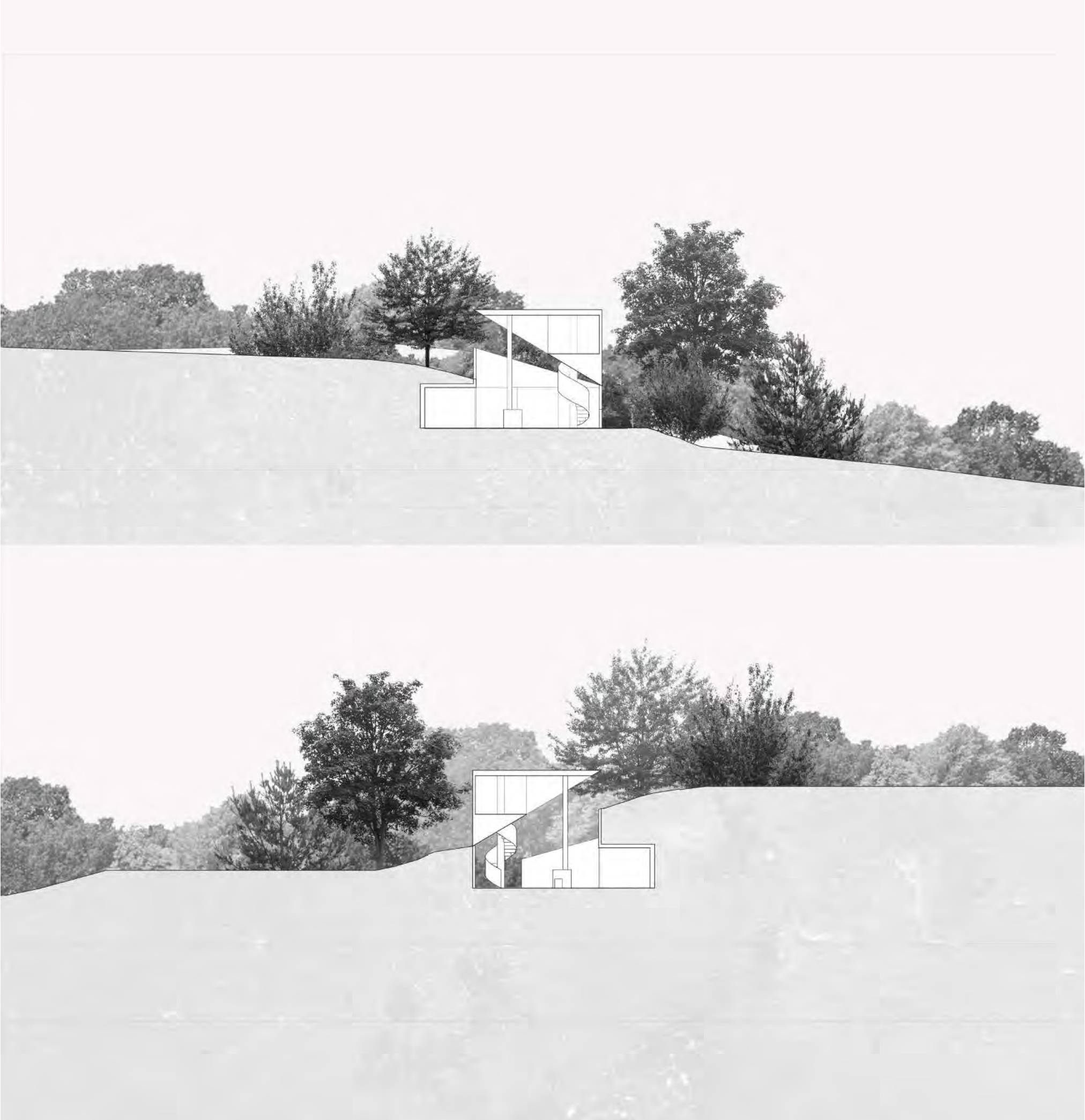


A Casa Dupla desenvolve-se em dois pisos, o segundo piso acontece no interior de um volume, cuja forma resulta da interseção da Casa Amarela com o plano cortante. Este, serve de cobertura ao primeiro piso, que, através de aberturas nas fachadas laterais deixa-se penetrar pela paisagem. Com a mesma pegada que a casa principal e com a intenção de fortalecer o diálogo entre o interior e o exterior, e priorizar o contacto direto com a natureza, à paisagem, a Casa Dupla propõe um quarto suspenso, com vista para norte, sendo este a cobertura do espaço semi-privado onde se desenvolve o resto da casa. O lugar escavado serve não só de espaço exterior coberto, como de sala de estar, e zona de ligação entre a cozinha e a casa-de-banho. Por consequência das aberturas nas laterais, e para tornar confortável e possível a vivência da casa nos meses de mais frio, existe uma lareira, que serve também de apoio ao volume, e remete para o momento de conforto existente na casa amarela, especificamente desenhado para o arquiteto.



1:75
ALÇADOS

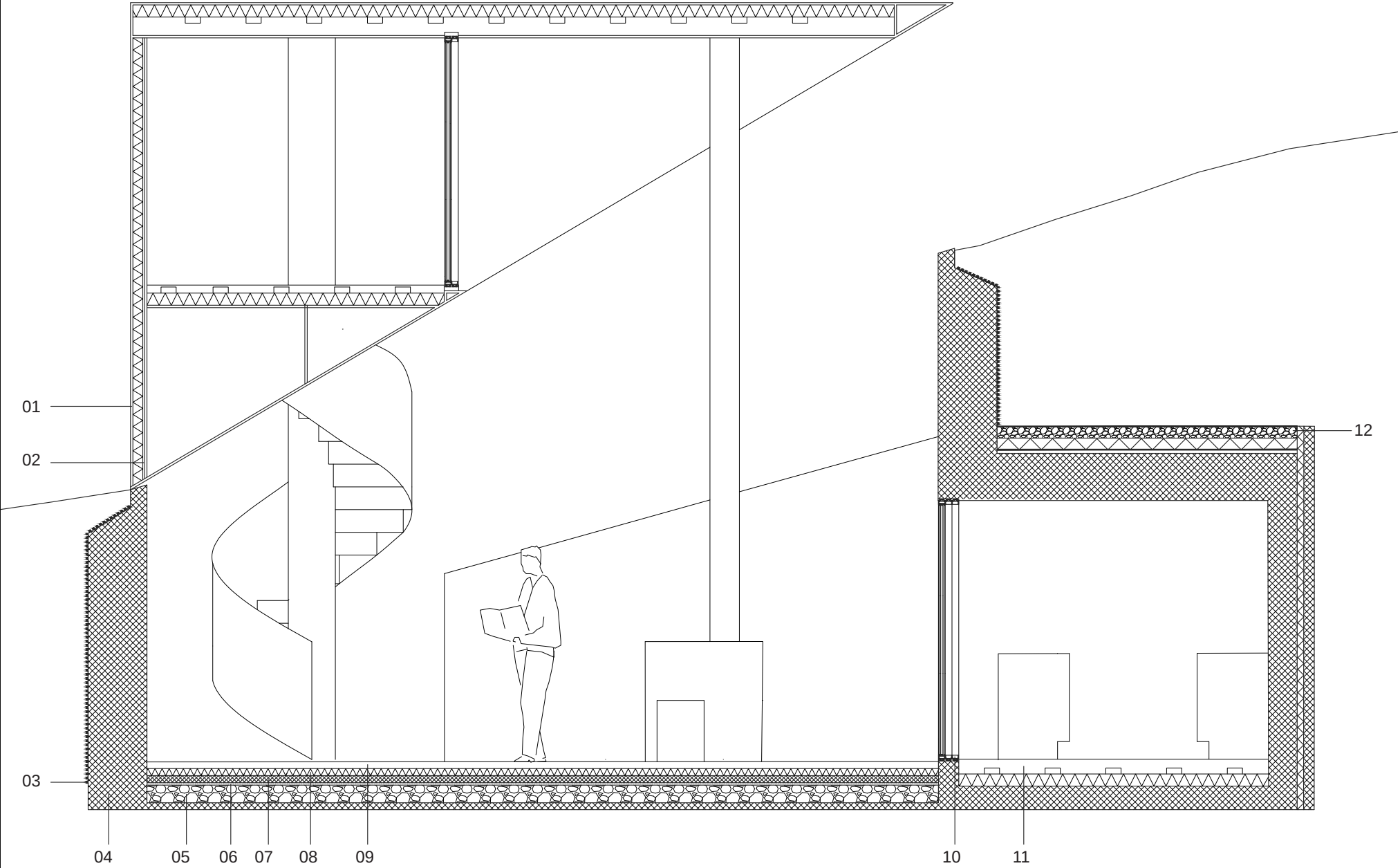
. A lareira, tal como as escadas helicoidais que dão acesso ao piso superior, estão estrategicamente posicionadas e desenhadas de forma a suportar o volume que parece estar no ar. O programa do abrigo é desenhado em resposta a condições impostas pela casa, não só estruturais como ambientais. Para que possam ser protegidas e confortáveis, a casa de banho e cozinha são encastradas no terreno. sons deles provenientes o foco da estadia



1 :100
CORTE



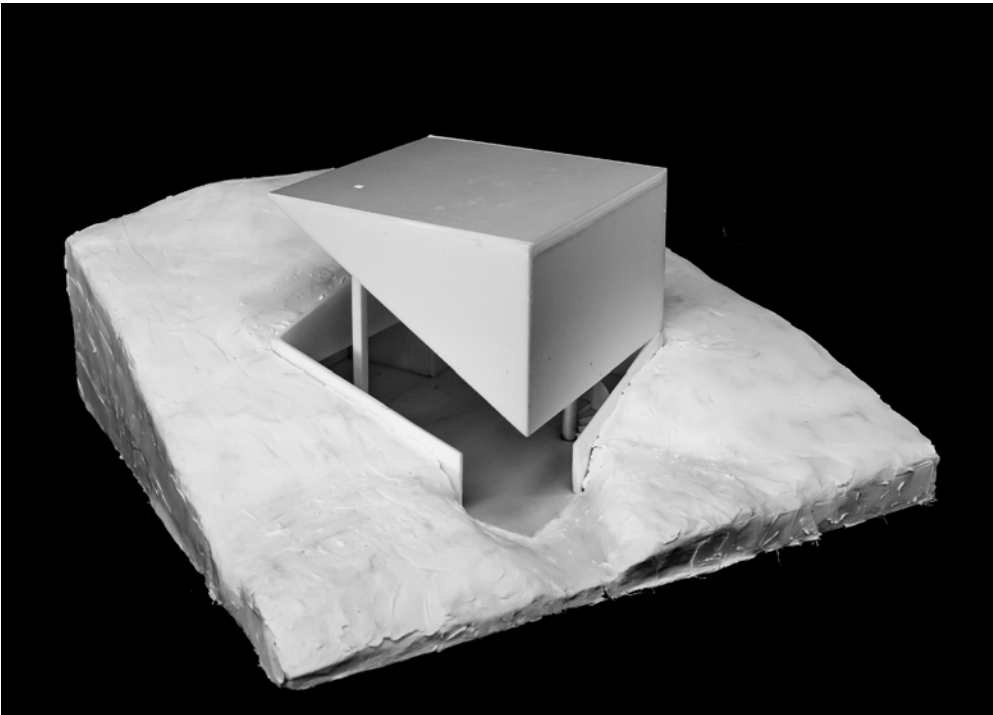
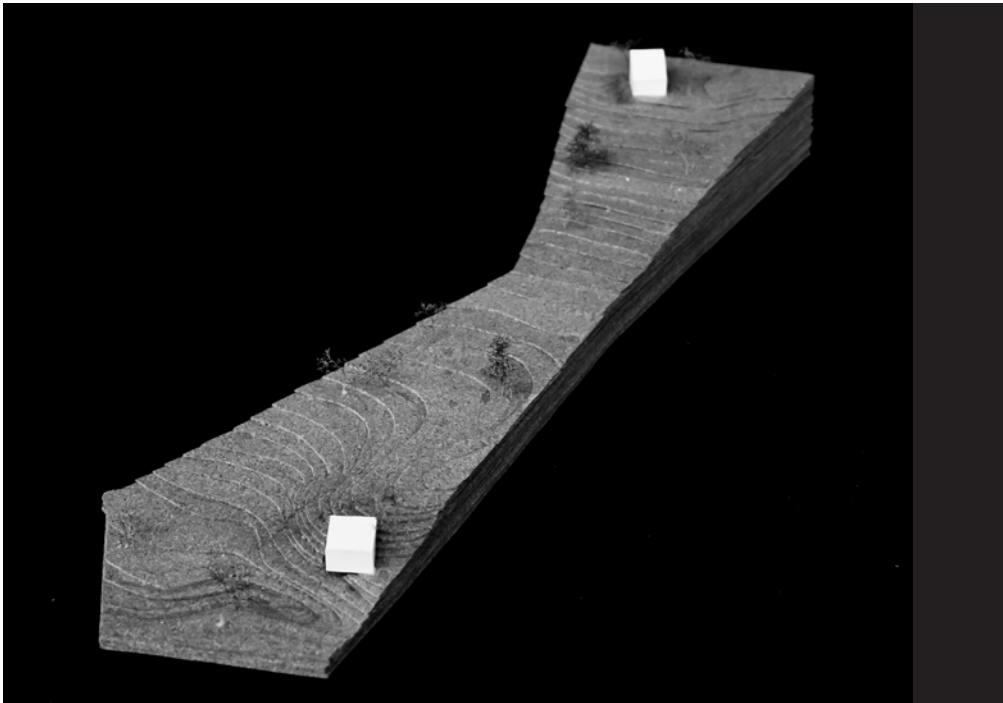
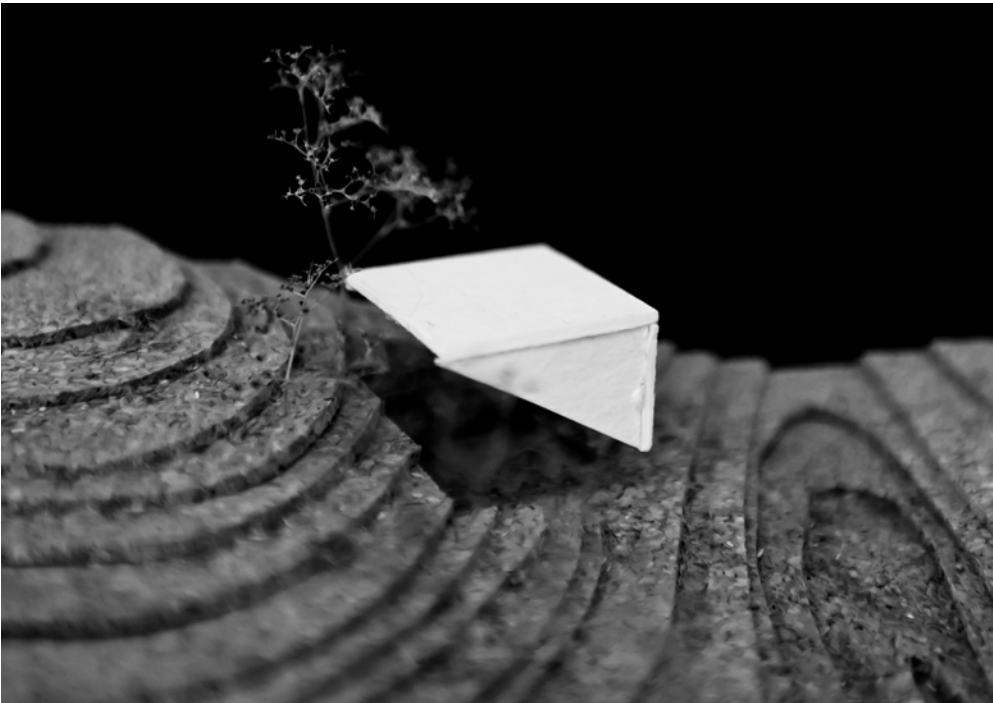
Natureza/ Muro, Casa Amarela



- 1. Chapa de aço c
- 02. Caixa de ar
- 03. Sistema de drenagem
- 04. Betão Armado
- 05. Enrocamento
- 06. Filtro geotêxtil
- 07. Massame Armado
- 08. Isolamento térmico
- 09. Lajeta de betão
- 10. Caixilho Panoramah 38
- 11. Pavimento revestido com Epoxi
- 12. Gravilhas

1:20
CORTE CONSTRUTIVO

A casa acontece no interior de quatro muros de betão branco, o volume está apoiado em três pontos de suporte estrategicamente posicionados e desenhados. A lareira, as escadas helicoidais e, no ligeiro toque de um dos evértices da peça no muro, num tubo/sapata de suporte. O sistema construtivo da Casa Dupla é composto por, chapas de aço de 12mm revestidas com pintura branca refletora de nano partículas cerâmicas, na peça suspensa, e betão envernizado com resina epoxi, a branco, nos pavimentos. Todos os espaços são brancos, com a intenção de contrastar com o verde da envolvente e criar um ambiente refletor e repleto de sombras. Nos dois pisos os vãos são em vidro; panoramah 38. Portas de correr, que permitem o arejamento, a entrada de luz e a sensação de planta livre e de um só espaço.



CASA TOPOGRÁFICA

Introspeção
Visibilidade
Plataforma
Marina Dornellas





LEGENDA
A. Casa Amarela
B. Casa Branca
C. Proposta

1 : 500 N
IMPLANTAÇÃO E CORTE GERAL

A Casa Amarela, de 1976, é um projeto do arquiteto Francisco Silva Dias que se localiza no meio da Serra da Arrábida. A Arrábida é um sítio natural formado numa extensa cordilheira, que se estende pelos territórios dos municípios de Palmela, Sesimbra e Setúbal. O local possui uma paisagem singular, com espaços de influência mediterrânica, elevada biodiversidade e um valor geológico de importância internacional. A Casa Amarela insere-se numa zona afastada da costa, na cota mais alta de um longo terreno com vegetação mais densa a norte e, conforme descemos, encontramos uma área mais limpa e vegetação mais baixa. A casa destaca-se como um elemento sólido nessa imensidão natural, proporcionando a experiência de instro- specção, de estar em conexão com a natureza. A proposta para a casa dupla foi localizada na zona sul do terreno, distante tanto da Casa Amarela, quanto da Casa Branca, garantindo a preservação das visuais dessas residências. O sítio escolhido possibilita a recriação da experiência de conexão com a paisagem para o novo projeto, não sendo visível edificação alguma neste ponto.



Envolvente da casa amarela



Ortofotomapa com rota de acesso



1 : 100 N
COBERTURA E CORTE LONGITUDINAL

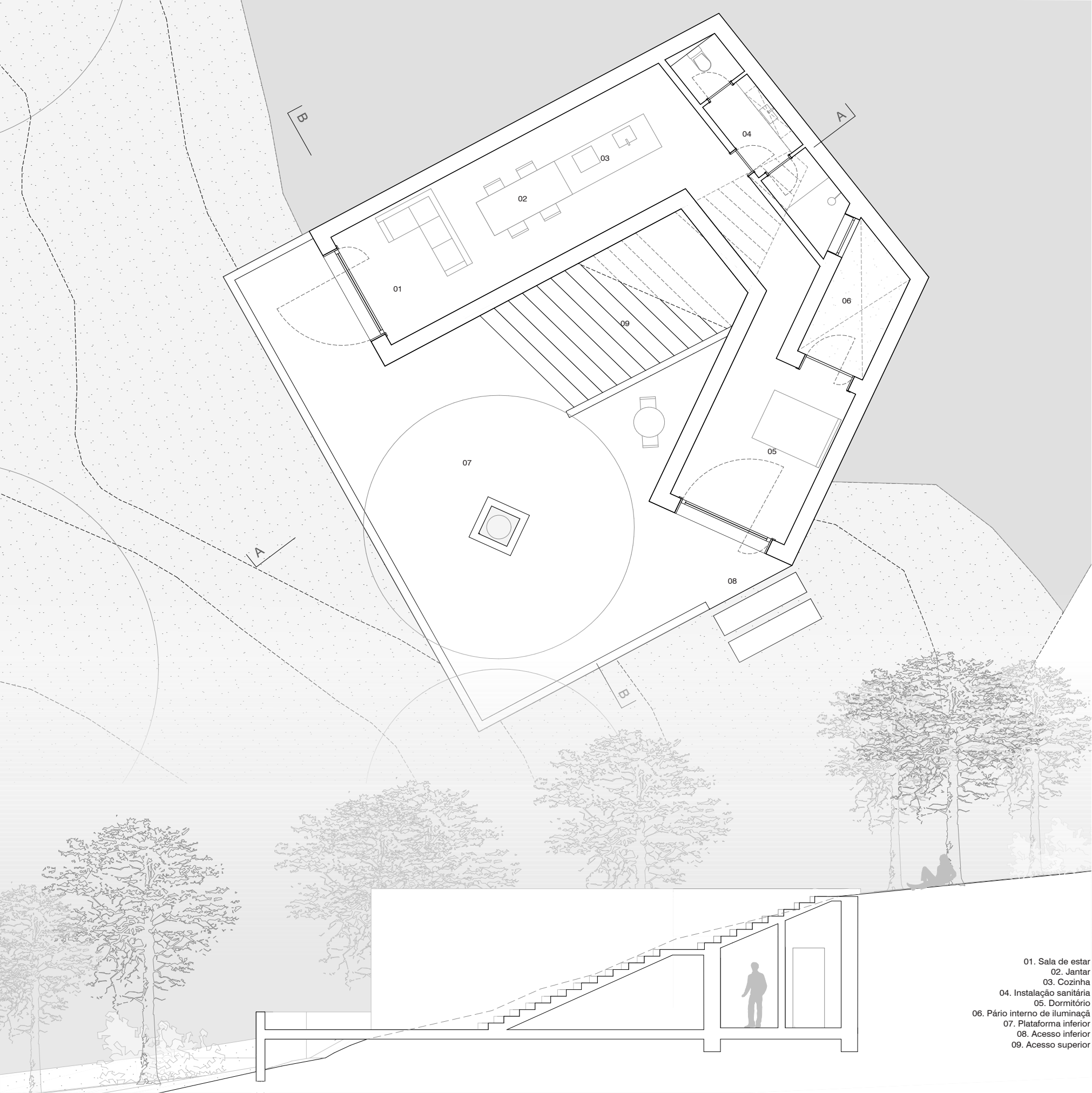
Para assegurar a completa invisibilidade da proposta, a casa foi encastrada na topografia, eliminando qualquer interferência nas visuais da residências existentes nas cotas mais altas do terreno. Essa estratégia também busca dar continuidade ao terreno. A geometria da casa segue a relação de continuidade da topografia, criando duas plataformas que se abrem para visuais distintas da serra, uma para Sul e a outra para Sudoeste. Dessa ação, cria-se um espaço central de acesso a cota inferior da residência, onde temos a plataforma com contato direto com a paisagem natural circundante.



Fotografia pela cobertura com vistas mais amplas



Vista da plataforma inferior, mais isolada



- 01. Sala de estar
- 02. Jantar
- 03. Cozinha
- 04. Instalação sanitária
- 05. Dormitório
- 06. Pário interno de iluminaçã
- 07. Plataforma inferior
- 08. Acesso inferior
- 09. Acesso superior

1 : 50 N
PLANTA BAIXA E CORTE A

A casa desenvolve-se por baixo das plataformas de cobertura, garantindo maior privacidade e uma atmosfera isolada. O acesso se faz por meio de um pátio central que se estende em direção à paisagem, formando uma plataforma de contemplação da natureza na cota inferior do projeto. Essa interação assemelha-se à plataforma da Casa Amarela, que também é o ponto principal de relação com a envolvente. A planta tem formato em “U”, com os acessos voltados para a envolvente, por meio de duas portas pivotantes nas extremidades dos blocos. Essas portas não apenas dão acesso à residência, mas também permitem a integração fluída entre o ambiente interno e a paisagem circundante. No bloco oeste, encontra-se a sala de estar e uma longa bancada em ilha para a cozinha e a mesa de jantar. Ao fundo, por baixo da escada, está o corredor de circulação, o banheiro, iluminado por uma zenital localizada em cima da bancada do lavatório, e o pátio de iluminação. Este último não apenas cria um espaço privativo para o dormitório, mas também possibilita a entrada de luz no espaço do chuveiro. Por último, temos no bloco leste o dormitório para o casal com conexão direta ao pátio interno e a plataforma de contemplação.

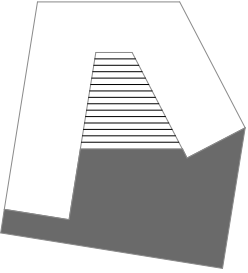
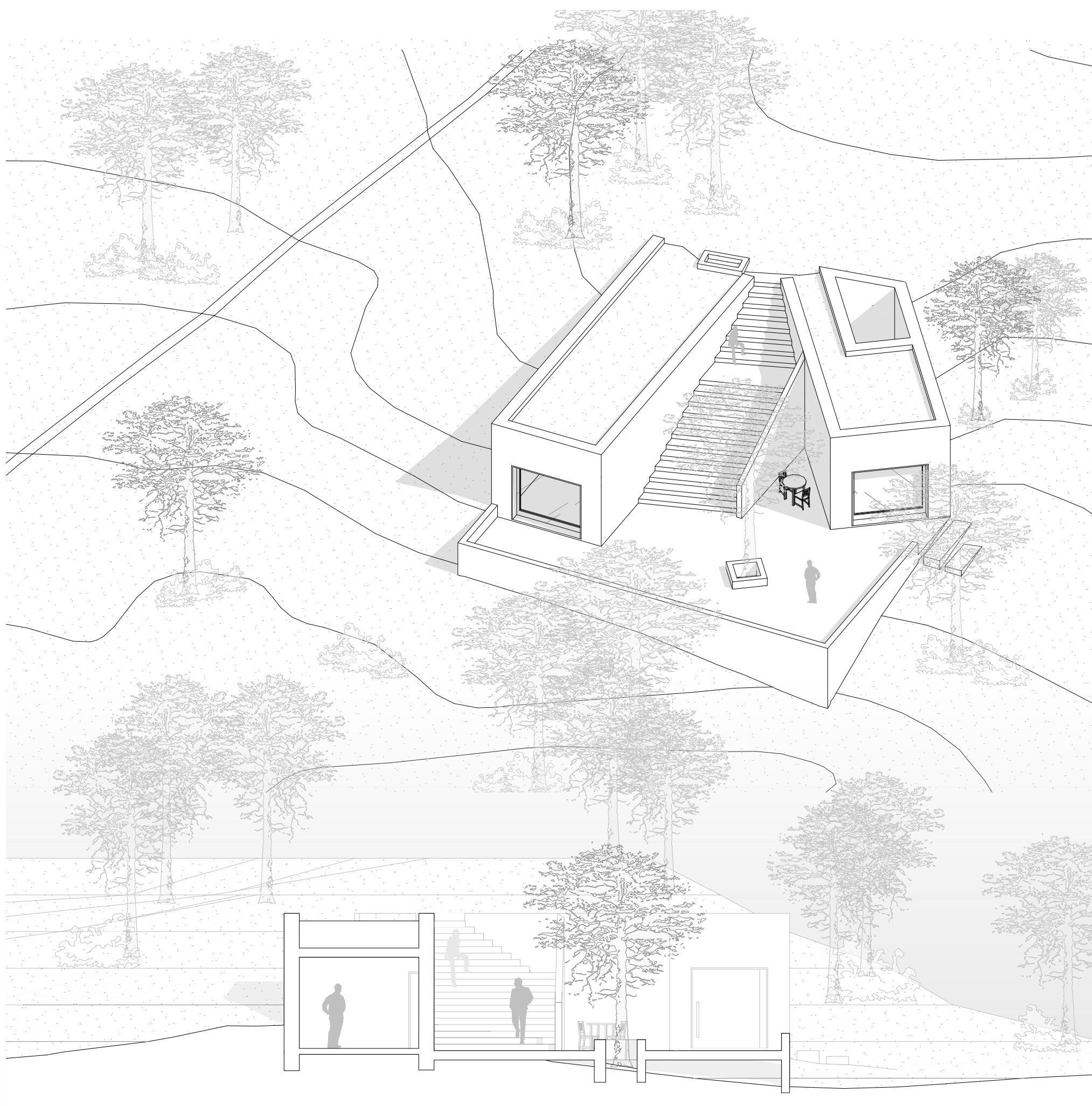


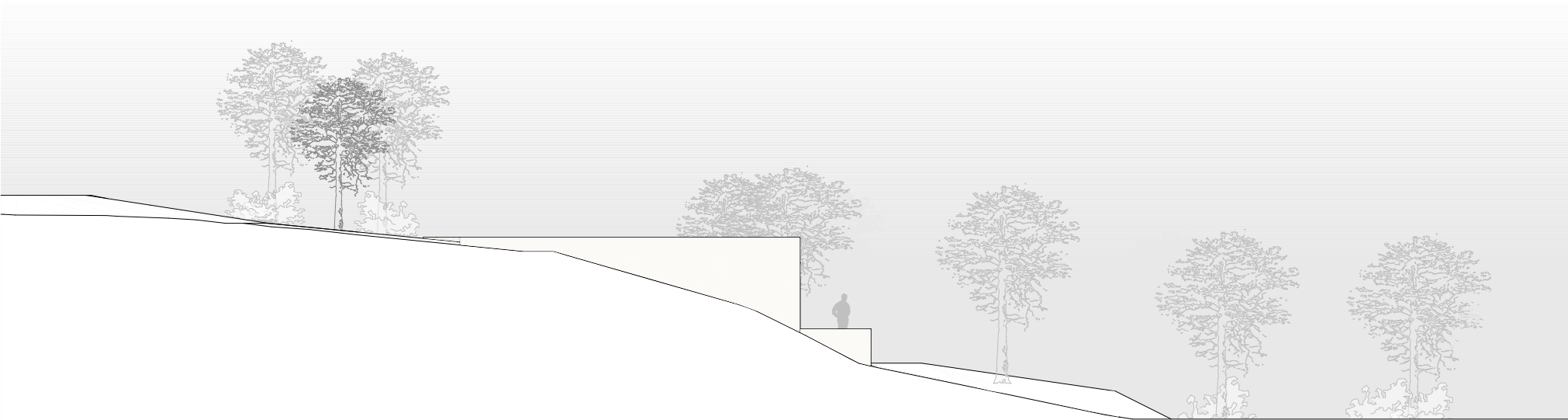
Diagrama de composição da plataforma 1:250



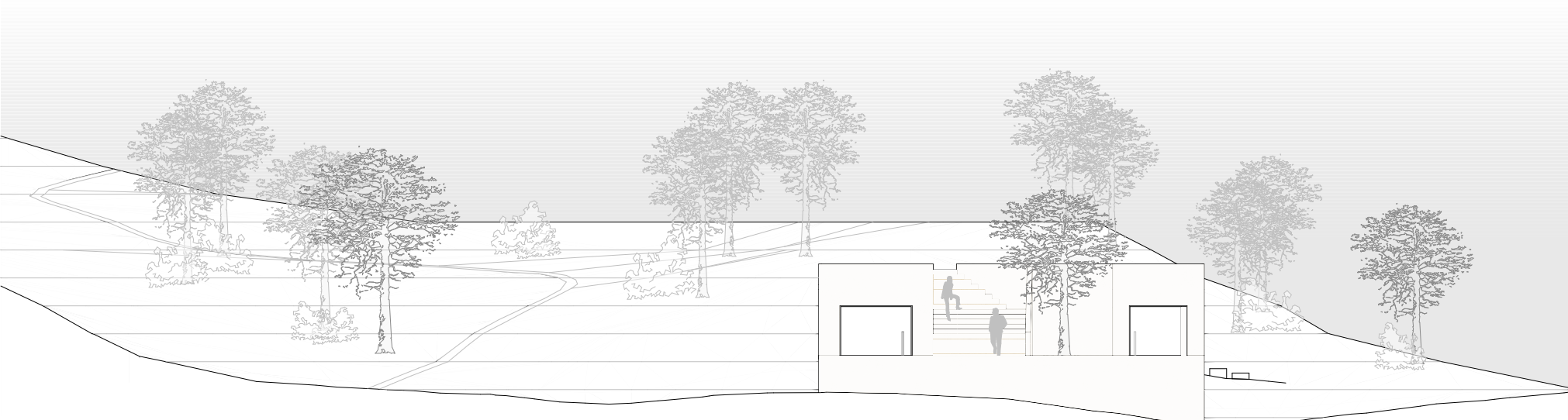
1 : 75 | 50

PERSPETIVA E CORTE B

O acesso à habitação é feito por cima, por meio de uma escadaria externa que leva ao nível da plataforma inferior do projeto. Essa escada, além de sua função prática, também se destaca como um local para contemplação da paisagem, possibilitando diferentes níveis de visão para a serra. As plataformas superiores, de continuidade da topografia, estabelecem conexões visuais mais distantes, além de trazerem uma sensação de vizinhança para a casa dupla, sendo o único ponto onde é possível ver a Casa Branca e a Casa Amarela. Por outro lado, a plataforma inferior proporciona uma atmosfera de isolamento, um local onde a visualização de outras residências é impossibilitada, permitindo apenas a apreciação ininterrupta da natureza circundante.

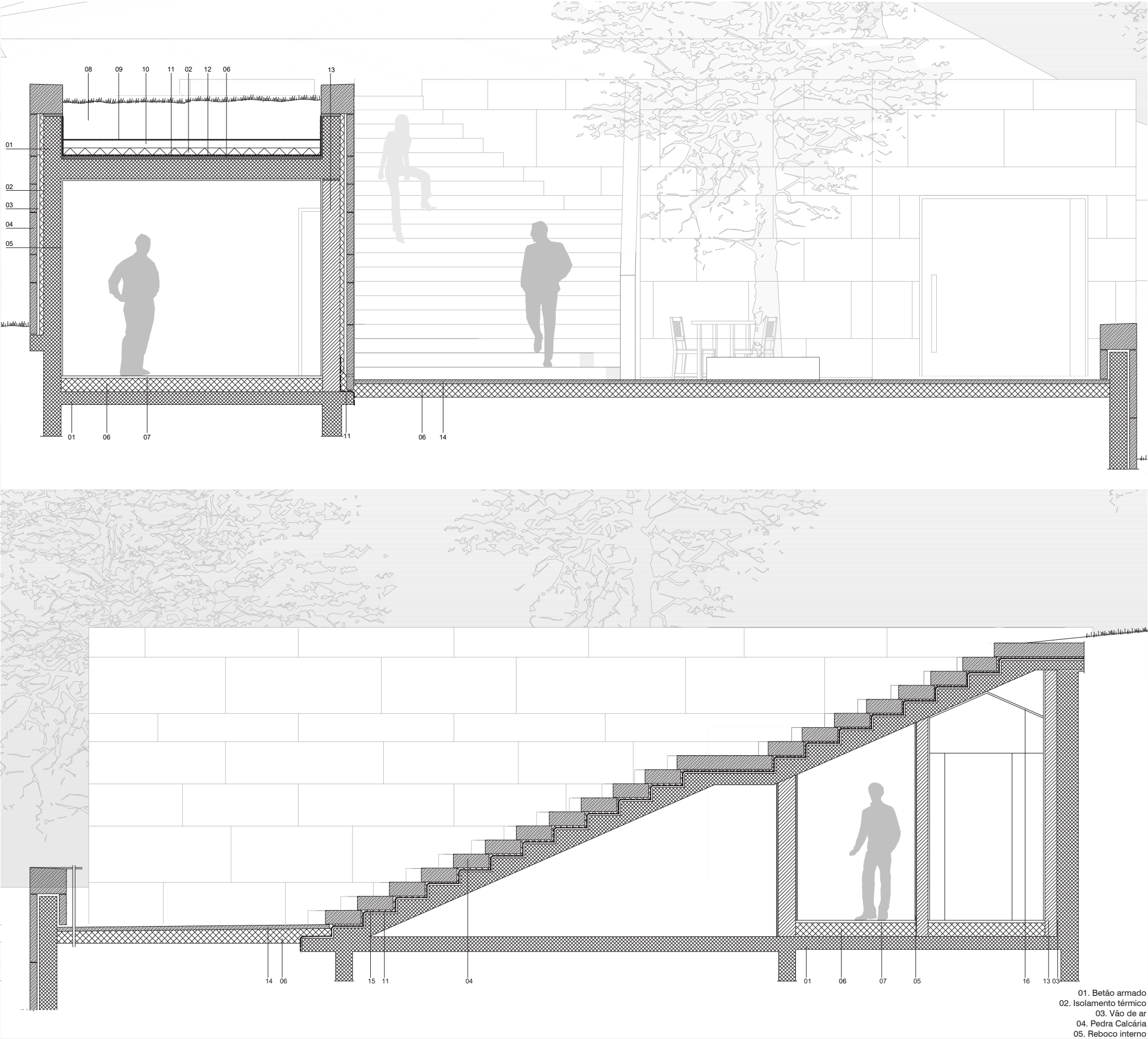


ALÇADO OESTE



ALÇADO LESTE

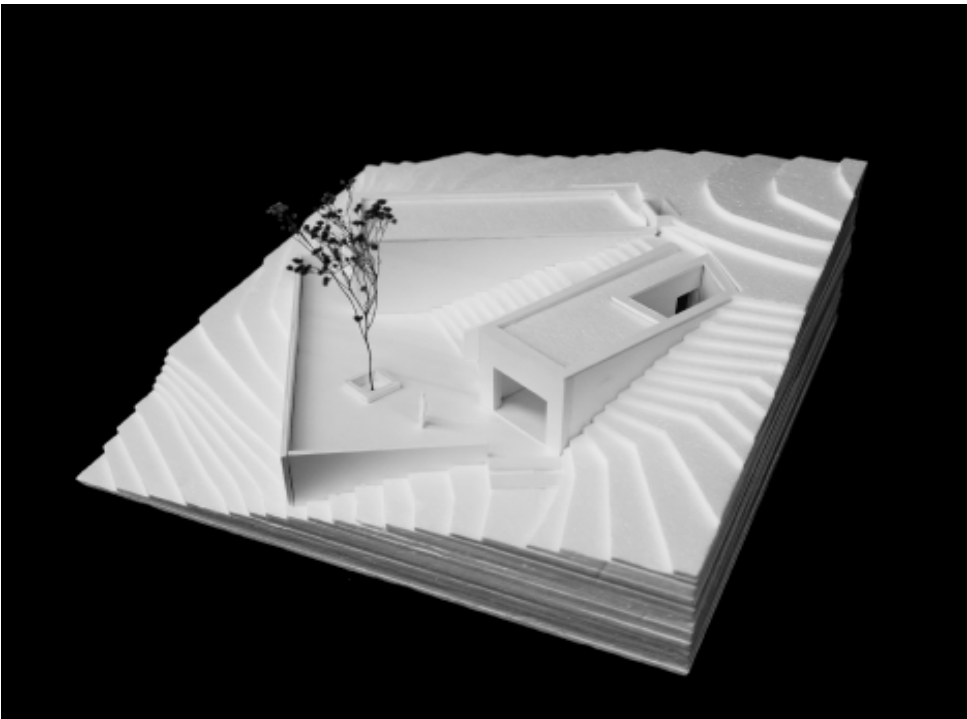
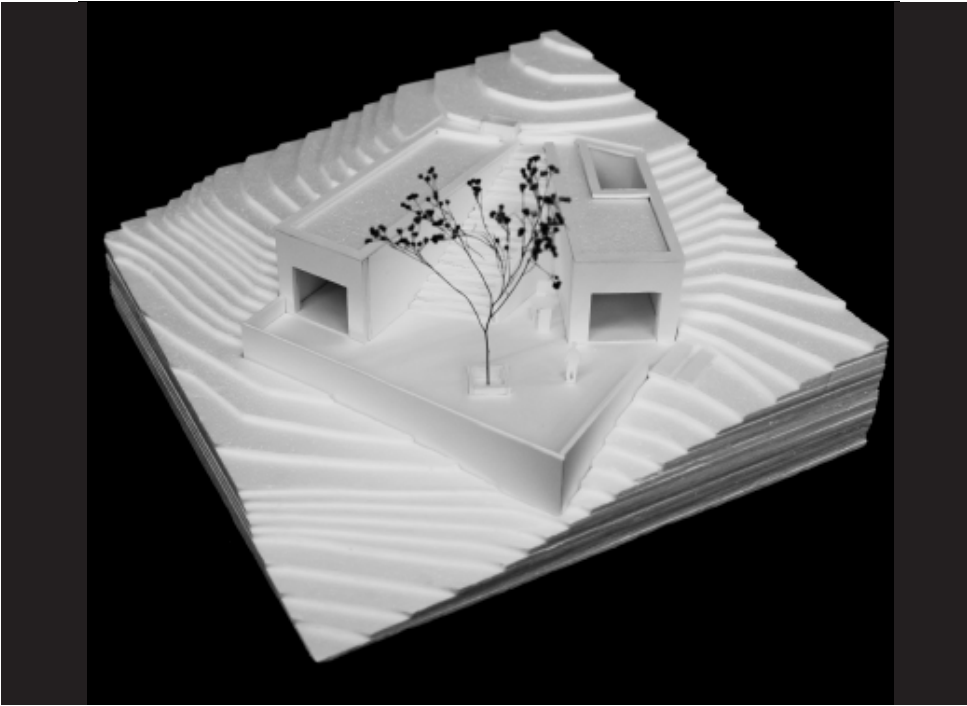
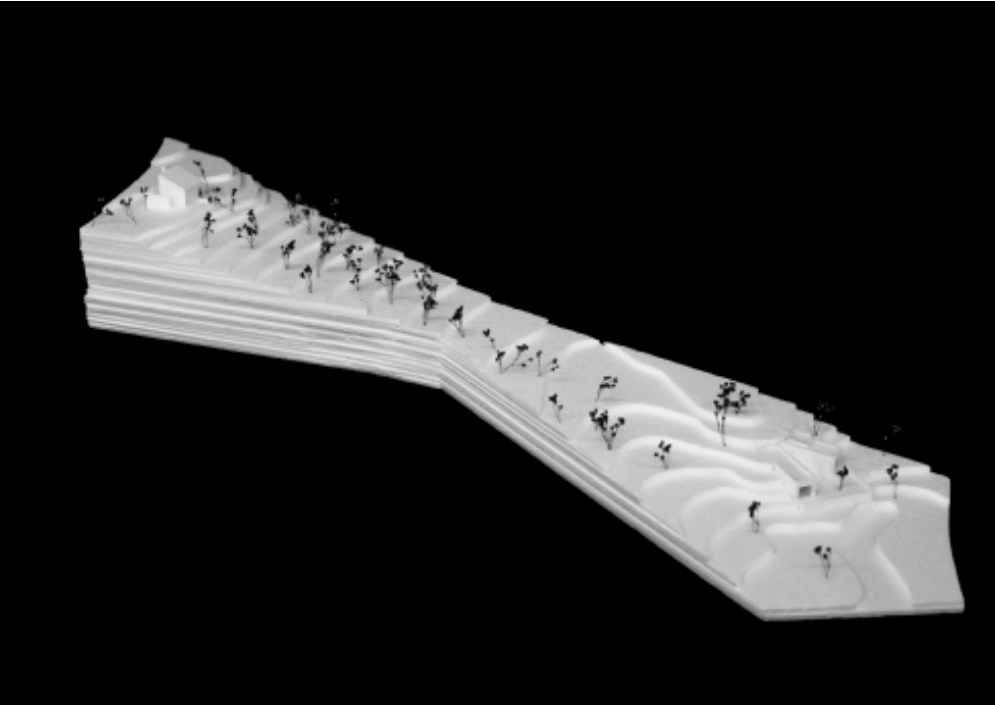
1 : 100
ALÇADOS



1: 50

PERSPETIVA E CORTE B

A Casa Dupla será constituída de paredes duplas com alvenaria de tijolo no pano interior e alvenaria de pedra no pano exterior, com exceção das paredes de contenção de terra, em que o pano interior será em concreto armado. A escolha da pedra decorreu da casa estar toda encastrada, para manter a ideia de um elemento natural emergindo da terra. A pedra escolhida foi o Calcário, por ser um material de extração nas pedreiras da região e presente na constituição geológica do solo da Serra da Arrábida, portanto, de fácil acesso ao local de execução do projeto. Para manter a ideia de continuidade da topografia, a cobertura será ajardinada e acessível, alongando os caminhos do terreno e criando um novo espaço de ocupação e apreciação da serra. Para isso, a solução adotada é do tipo cobertura invertida, onde temos a impermeabilização com a tela anti-raízes e posicionada.

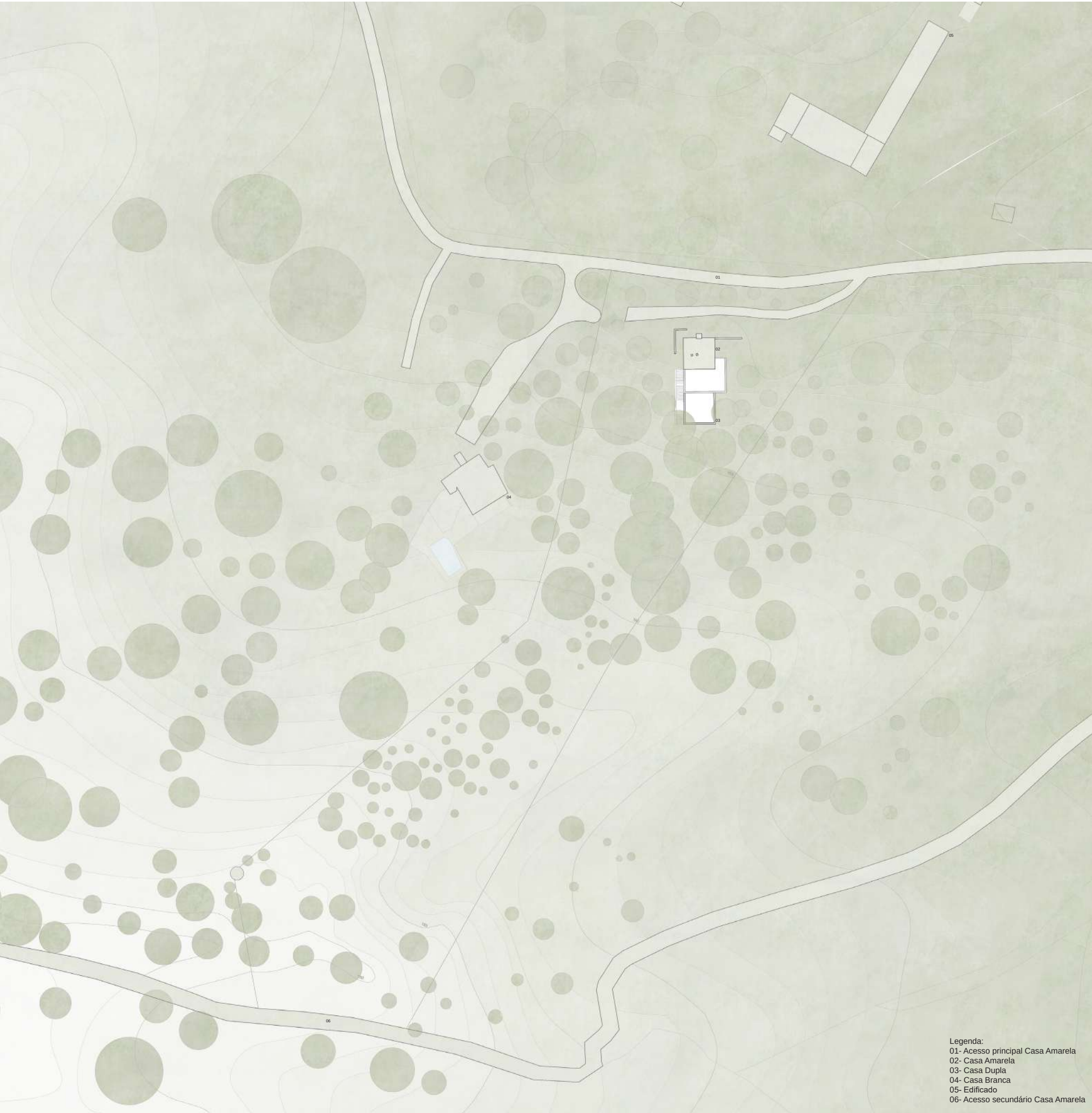


CASA CÉU

Pátio
Contemplanção

Margarida Silva



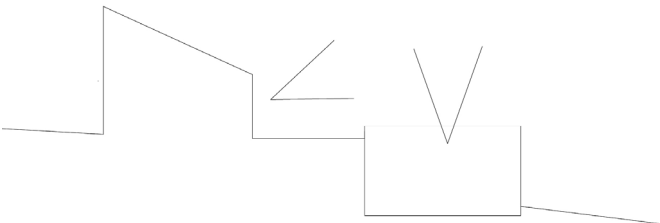


1 : 500 N ⓘ

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO GERAL

CÉU_PÁTIO_CONTEMPLAÇÃO

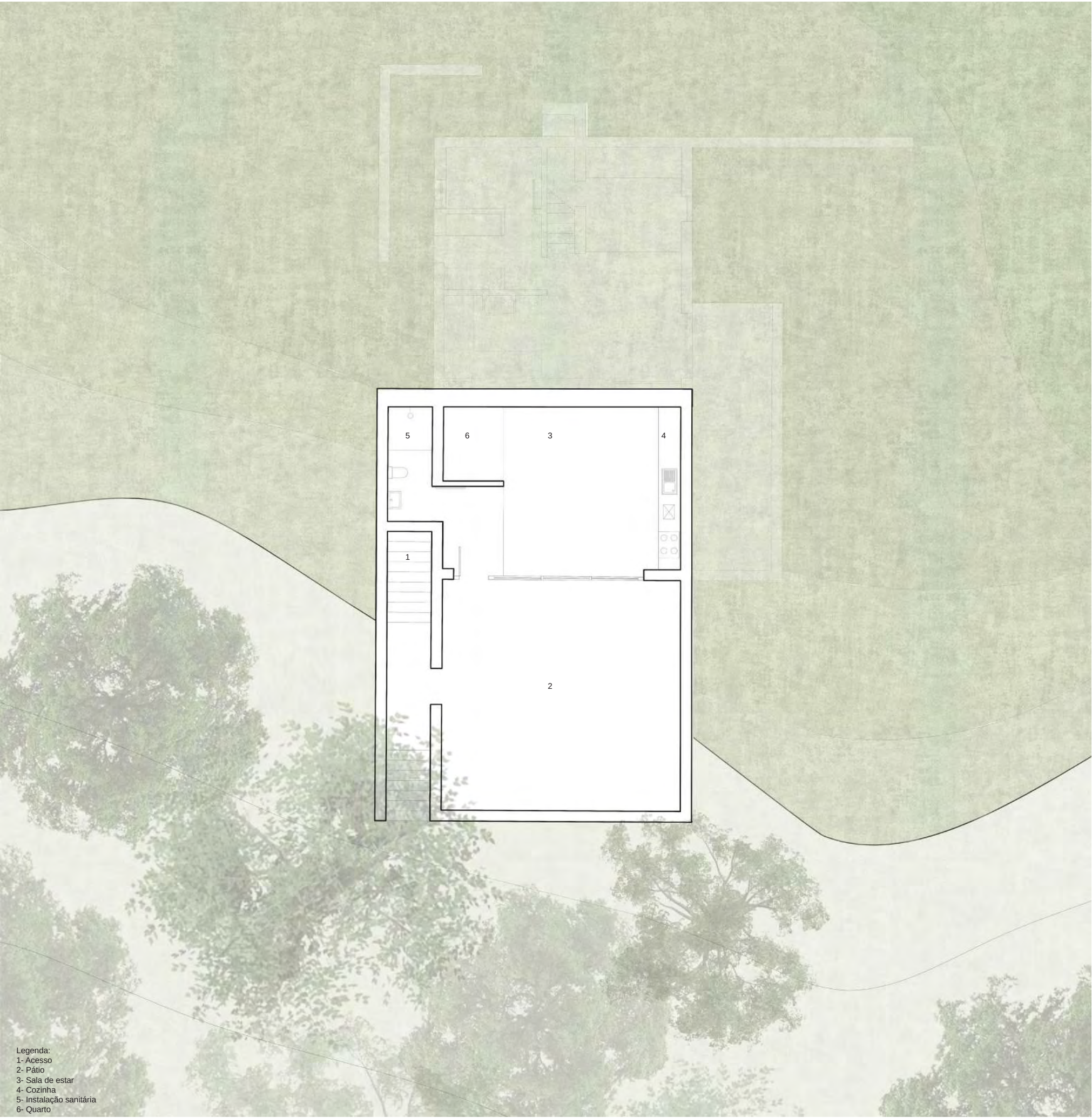
A Casa Amarela foi projetada pelo arquiteto Francisco Silva Dias em 1976. A casa encontra-se localizada na Arrábida, onde se abre para a paisagem passando a integrar-se na natureza. A casa servia como um refúgio da cidade para a família do arquiteto, sendo uma casa de habitação mínima. Na construção do “cubo” juntou-se a adição de vegetação que não era predominante na altura, como pinheiros mansos, aroeiras, carrascos, medronheiros e mais dois ciprestes. O arquiteto desenhou esta casa como uma casa de férias, designando-a como “uma casa oca”, sendo um único espaço interior com recantos para cozinhar, comer, dormir, estar junto ao fogo e conviver. A casa tem nela muito presente a relação do interior com o exterior onde o estar em casa seja também o estar lá fora. A Casa Amarela abre-se para a paisagem, relacionando-se diretamente com a envolvente. A Casa Dupla, em oposição à Casa Amarela, procura relacionar-se com a envolvente através de uma perspetiva vertical. É a partir do pátio que a casa se desenvolve, onde é possível observar o céu, integrando-se na natureza.



Esquema



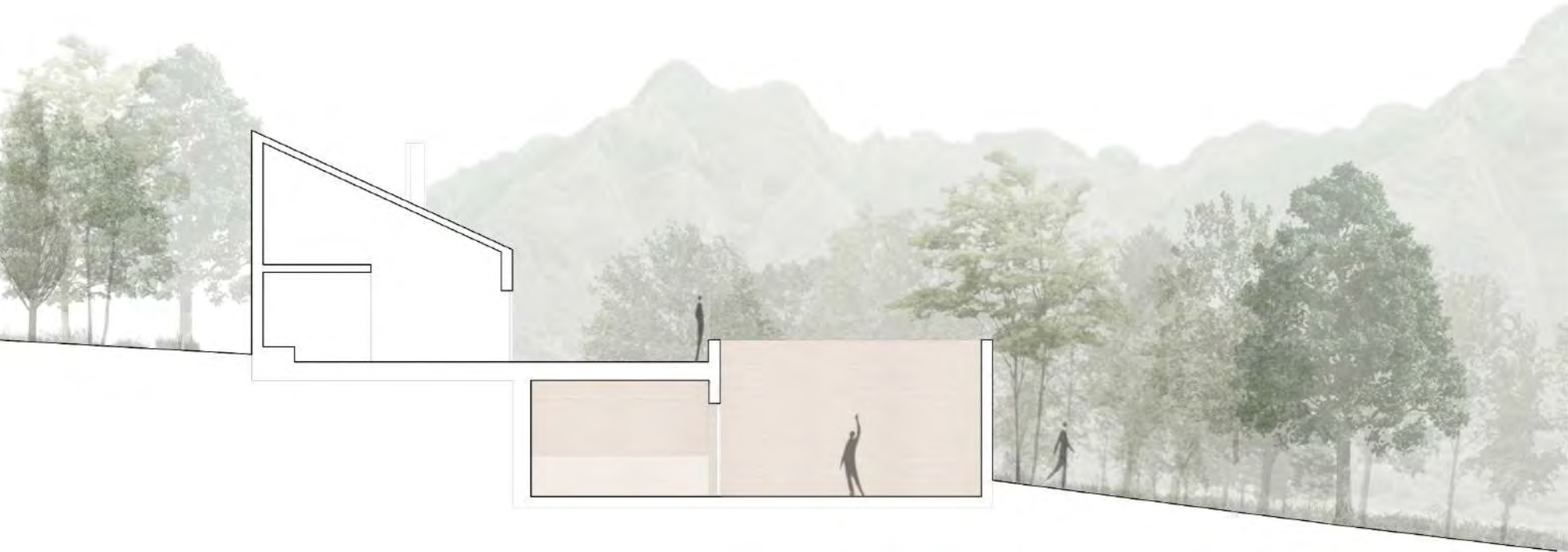
Intenção



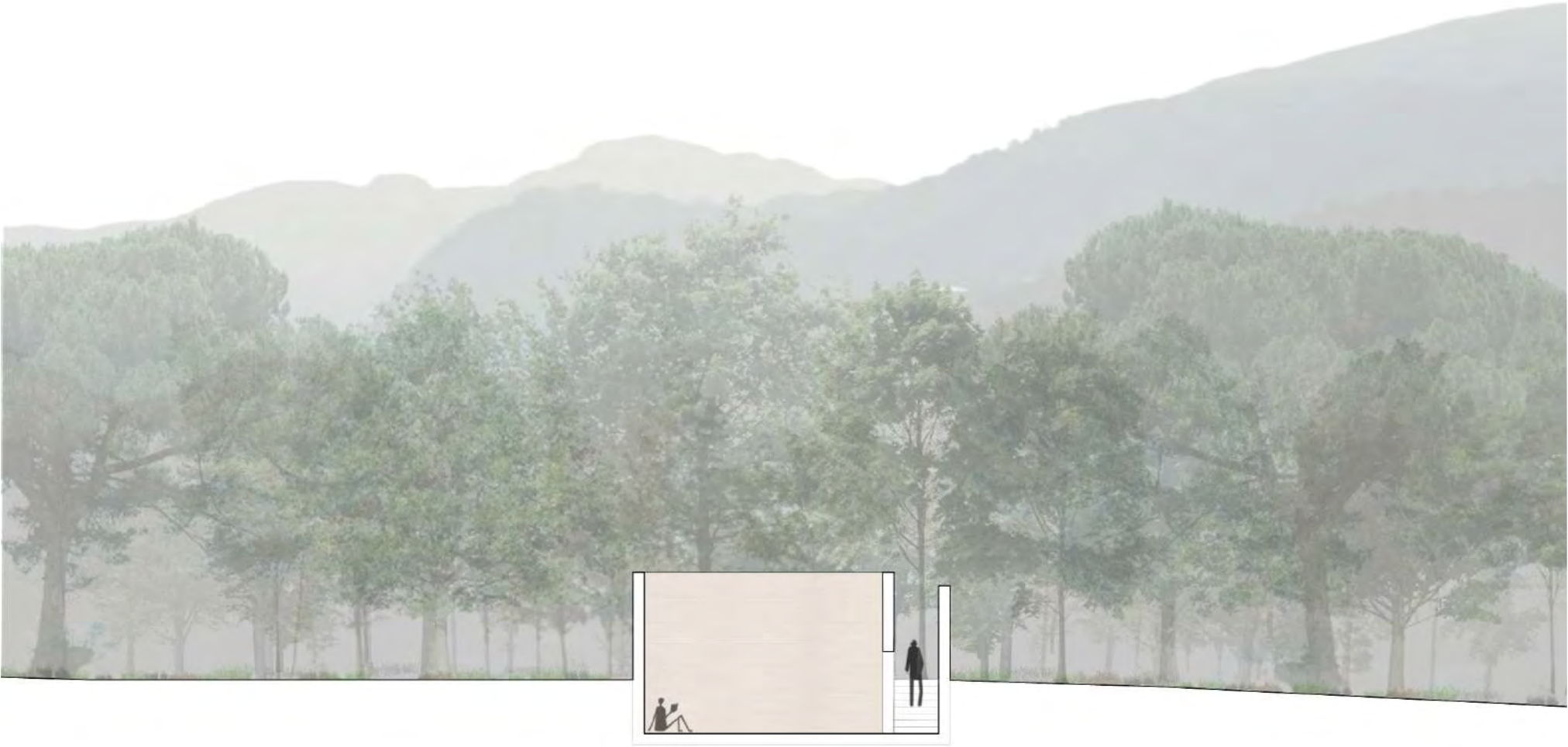
1: 50 N
PLANTA DE PISO

A Casa Dupla encontra-se alinhada a sul com a Casa Amarela, agregando-se a esta, havendo o prolongamento da plataforma. O acesso é realizado através de uma escada, que conduz ao pátio da Casa Dupla. A casa está implantada em baixo da plataforma, por esse motivo toda ela se desenvolve à volta do pátio. O espaço do pátio é um elemento essencial à estruturação da casa, este não é um espaço vazio descaracterizado, mas sim um vazio que dialoga com o cheio, casa e pátio complementam-se formando o todo. A casa é defenida por um pátio que permite “habitar entre limites”, enquanto espaço limitado, devido ao seu isolamento, proporciona aos seus habitantes segurança e privacidade. Segurança, em relação ao acesso ao exterior não tendo de sair da atmosfera do espaço habitacional. A casa é iluminada pela luz que atravessa o vão de vidro, podendo este abrir, prolongando o espaço exterior para o interior, tal como na Casa Amarela, onde o estar em casa seja também o estar lá fora, permitindo que o espaço funcione como um só. O pátio, aberto ao céu, cria um espaço íntimo sem teto, onde o céu, a luz, as sombras e a chuva se combinam para formar um ambiente de contemplação. A planta da Casa Dupla procura replicar a simplicidade dos espaços da Casa Amarela, enfatizando o elemento de refúgio explorado no projeto da Casa Amarela.



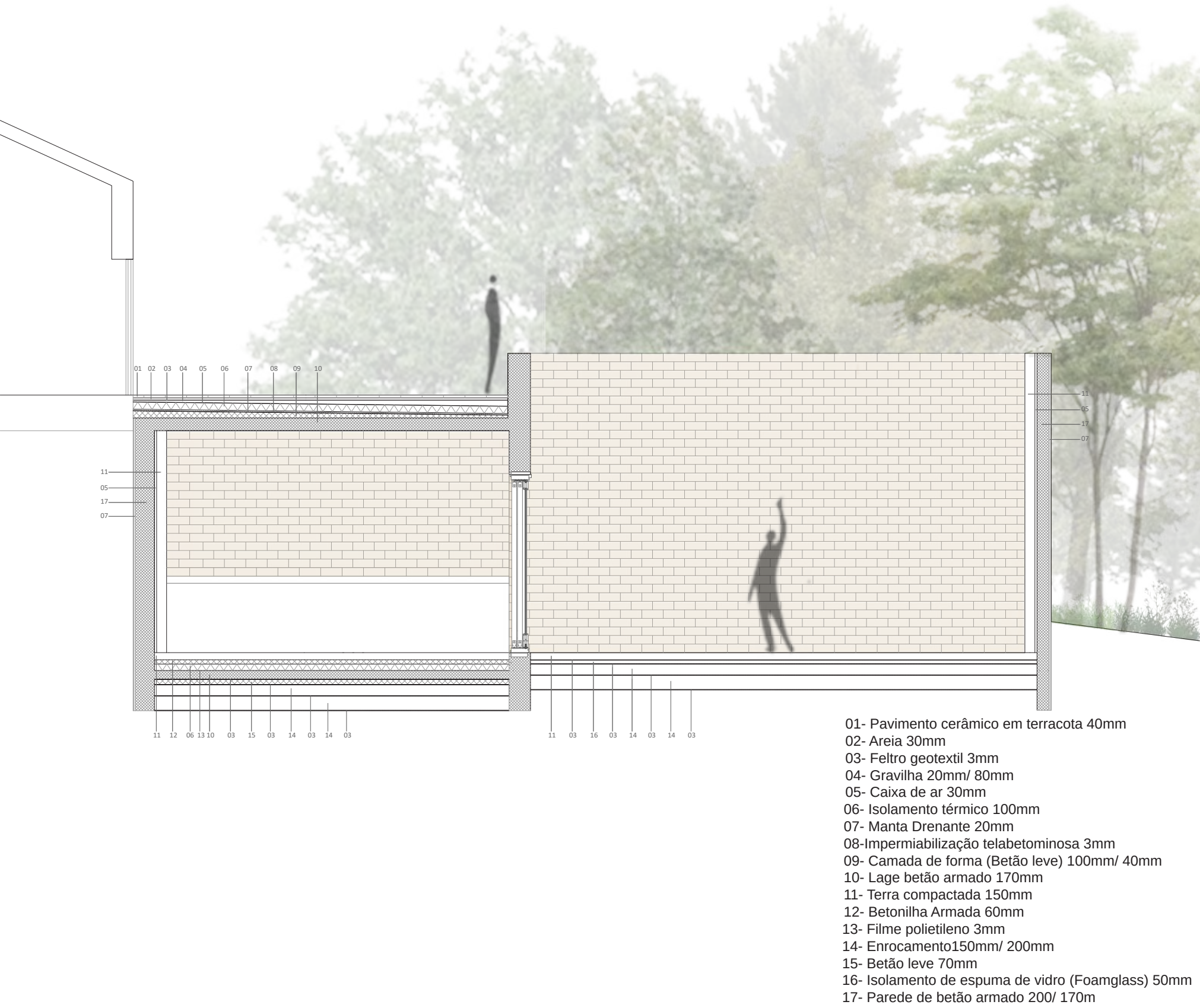


1 : 75
CORTES



1:75

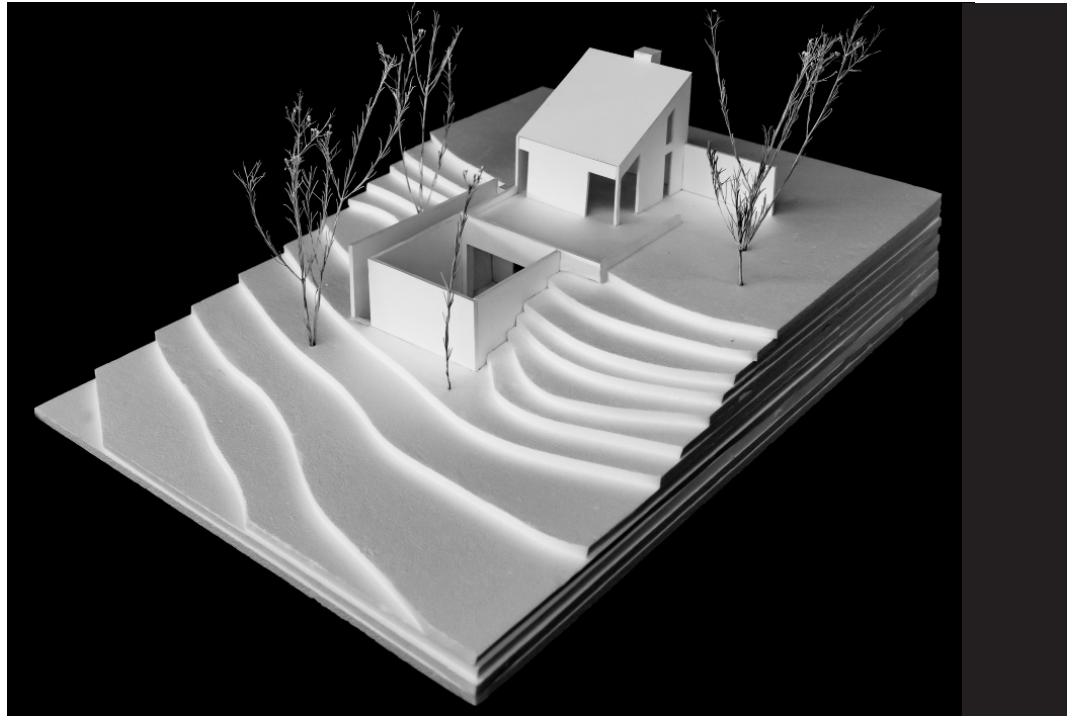
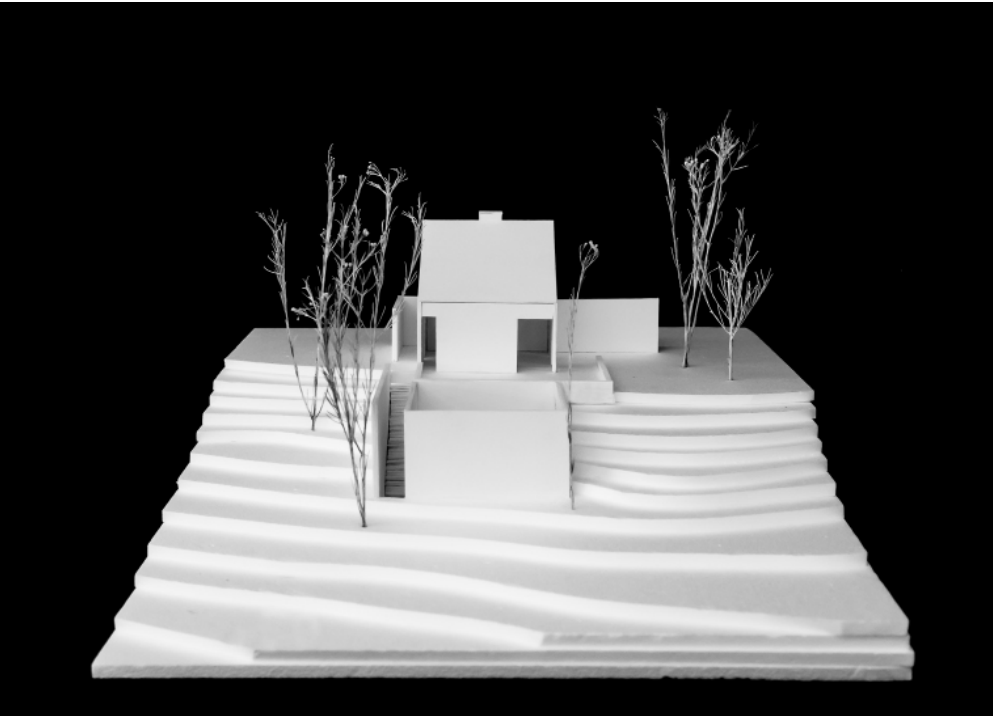
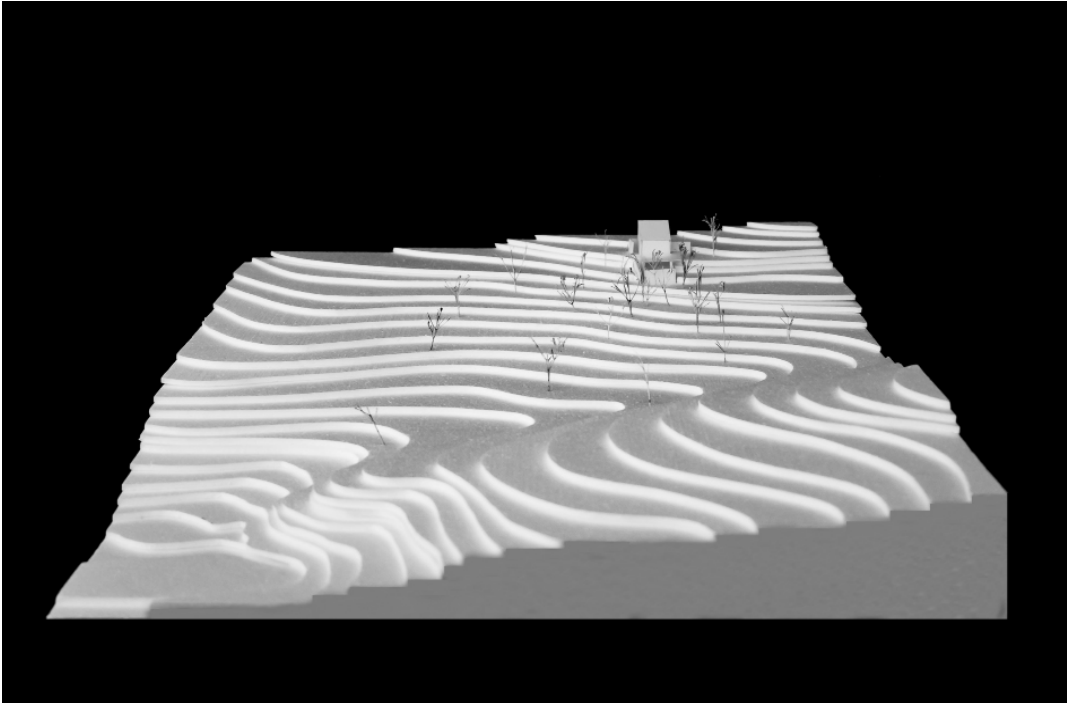
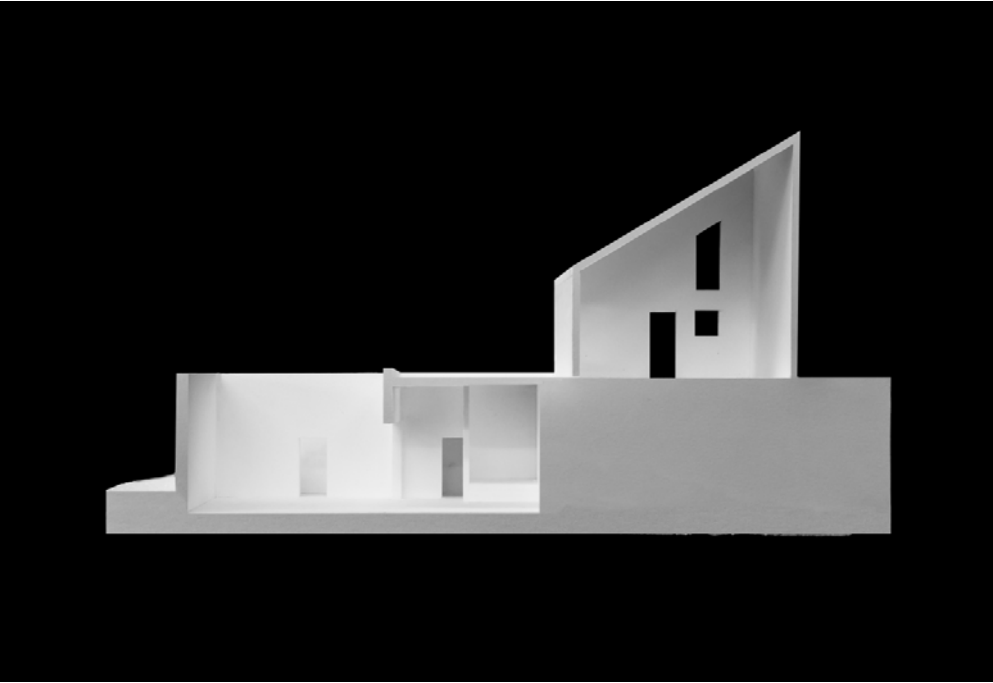
CORTE



1 : 20
CORTE CONSTRUTIVO

Toda a Casa é em betão armado revestida por blocos de terra compactada de 300 x 150 x120 mm. Uma das grandes vantagens do uso dos BTC, passa por poder utilizar a terra do local de construção, assim neste caso é reaproveitada a terra proveniente da escavação para a produção destes. Além disso, os BTCs funcionam como um isolante eficaz, regulam a humidade e possuem excelente capacidade térmica.Este material foi escolhido devido ao facto de ser um material que não é visualmente “dominante”, ou seja, não intervir de forma invasiva, o que não se pretende neste contexto, pretende-se um material despercebido que não sobrecarregue o espaço. O uso da terra compactada enfatiza a integração da casa no ambiente natural e esta encontrar-se enterrada.

A casa é iluminada pela luz que atravessa o vão de correr de vidro com caixilhos de madeira, podendo este abrir, prolongando o espaço exterior para o interior permitindo que o espaço funcione como um só. A escolha da mesma materialidade para o interior e exterior da casa reforça a ideia de um espaço único.



HIDDEN HOUSE

Fitting
Topograph

Oksana Lahno





01. Main access to the Casa Amarela
02. Casa Amarela
03. Casa Branca
04. Casa Dupla
05. Main access to the Casa Dupla

1 : 500 ⓘ
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

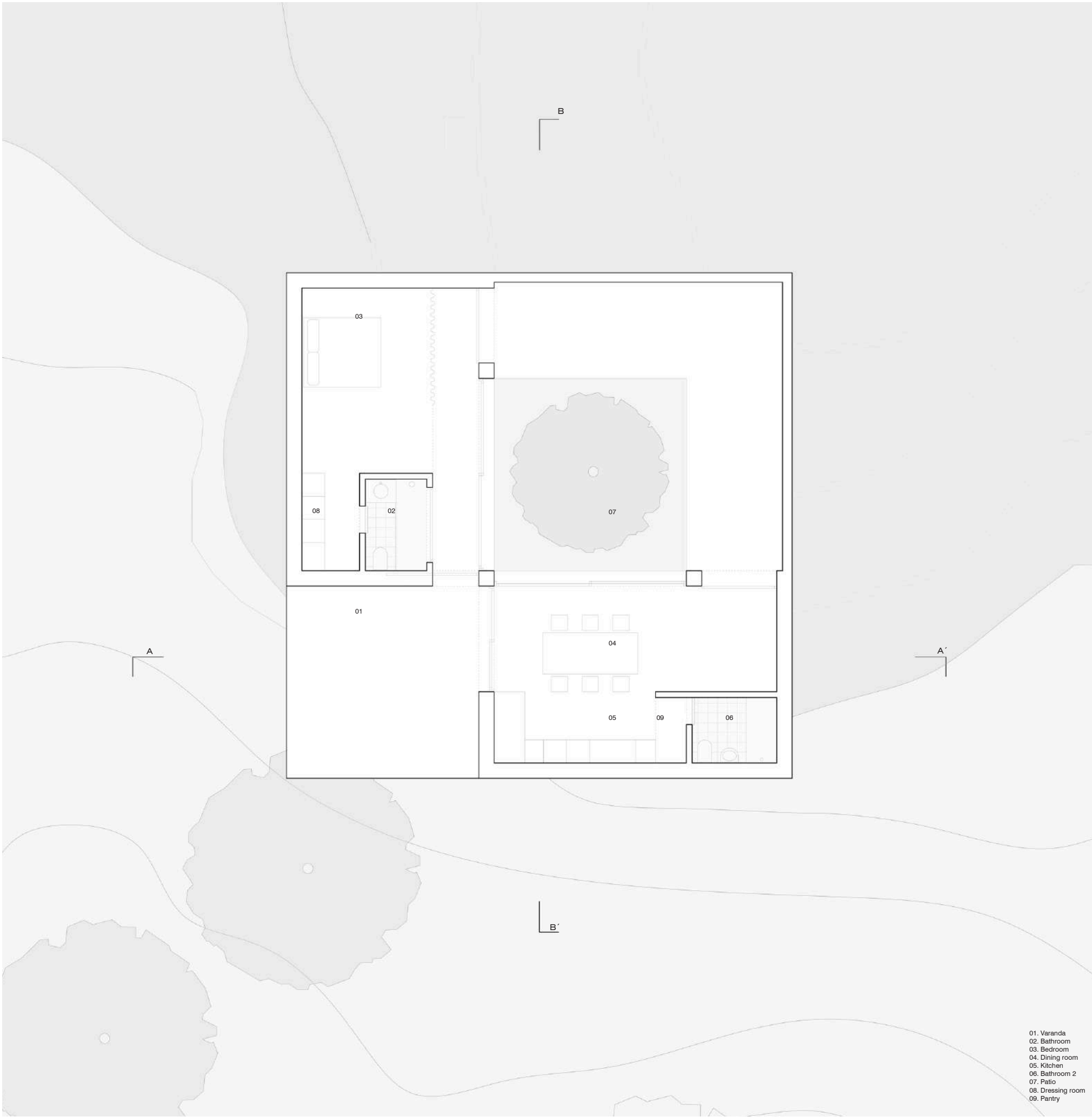
Casa Amarela is located in Serra da Arrábida, which is part of the Arrábida Natural Park. The house is built in an area with a variety of plant species and an almost no buildings around it. Due to the house's location on a hill and its bright yellow color, it is clearly visible among the green plants around it. The floor plan is a 7×7 meter square, while in section the house has a sloping roof with a height of 3 meters at the lowest point and 7 meters at the highest. Casa Amarela has a ground floor with a kitchen, bathroom, living room with a fireplace and a dining area, and a second floor with a mezzanine and a separate bedroom. The room has a window that looks inside the house into the common area. In this way, every corner of the house is connected to each other, drawing attention to the glass corner door in the southern part of the house, which opens up a view of the green area around. During visit to Casa Amarela, I noticed the feeling of vividness and openness. Because of the brightness of the yellow color that stands out against the green trees. Then, exploring the territory, I realized that the house is located on the top of the hill, which allows you to see it from anywhere in the territory. This feeling led to the idea of the project: hidden house.



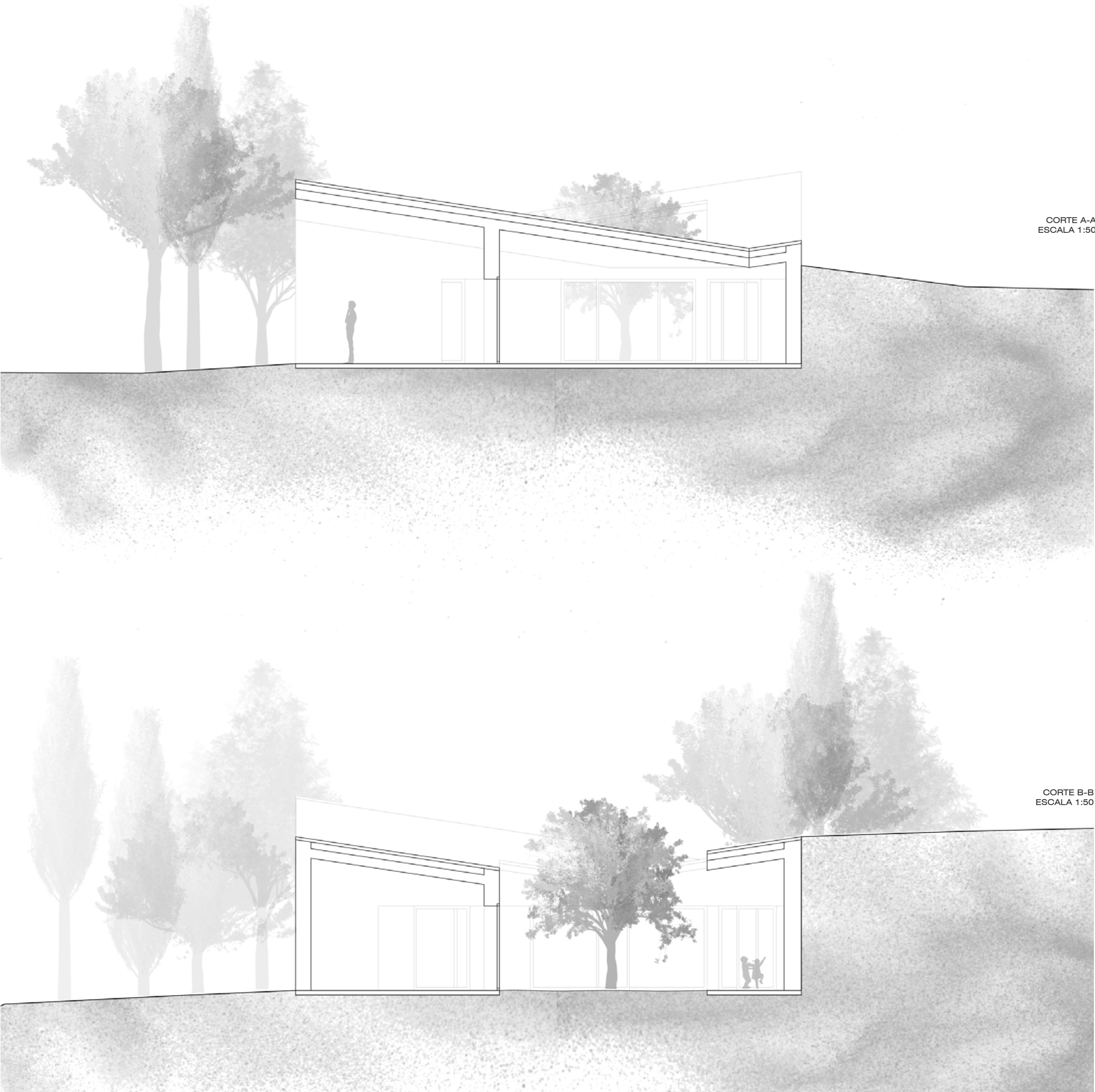
Fotografia Local

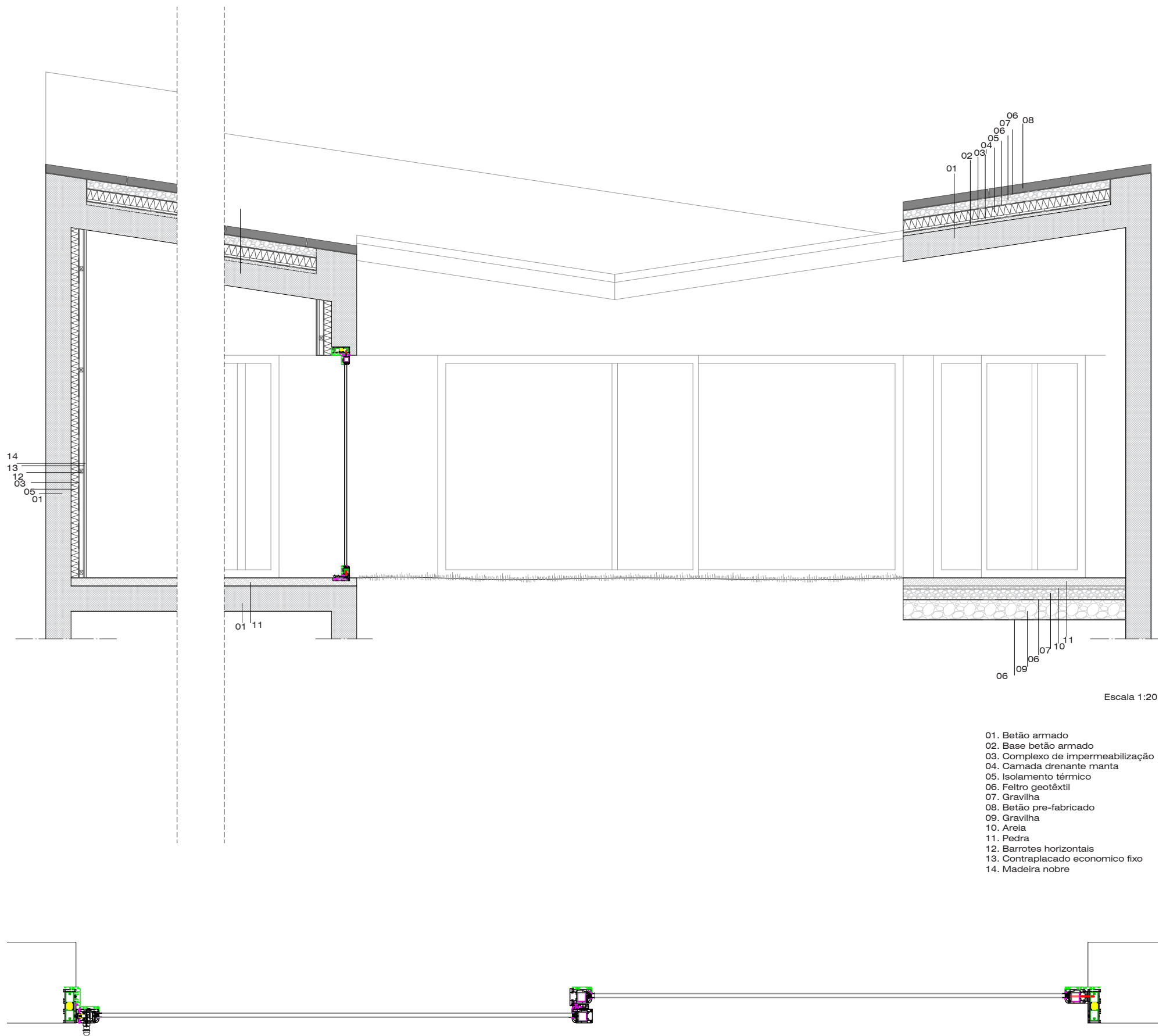


Fotografia local

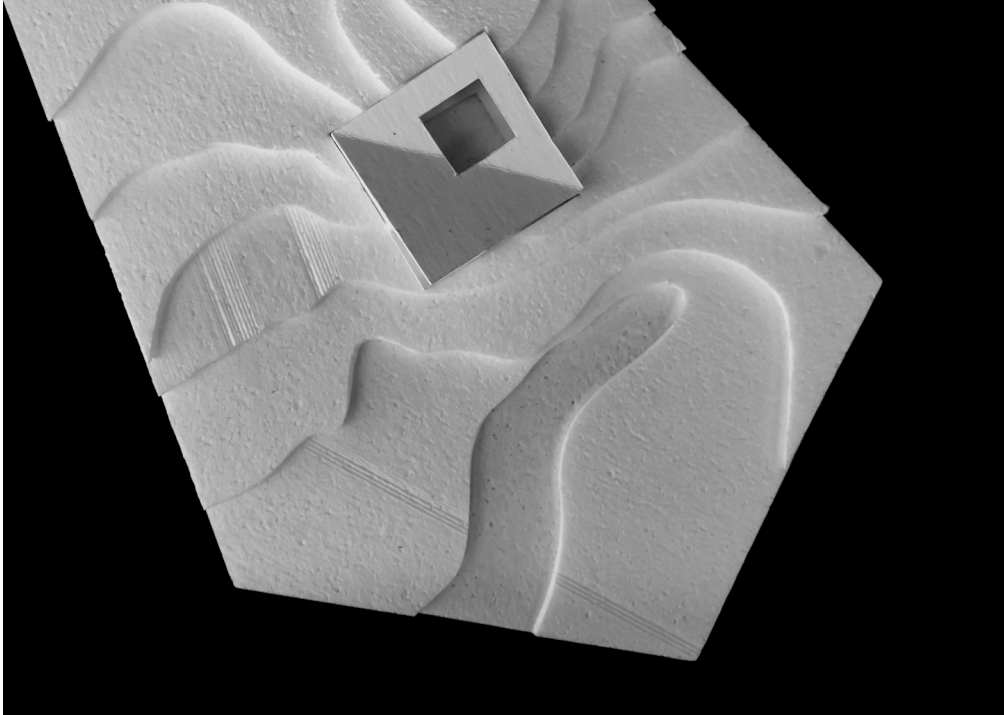
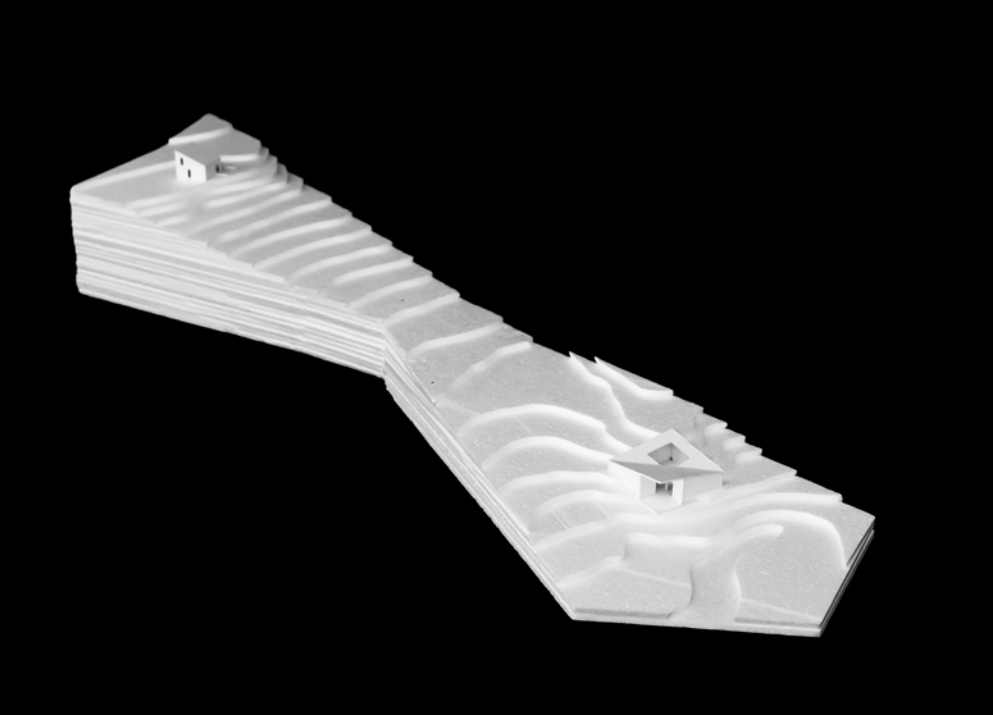
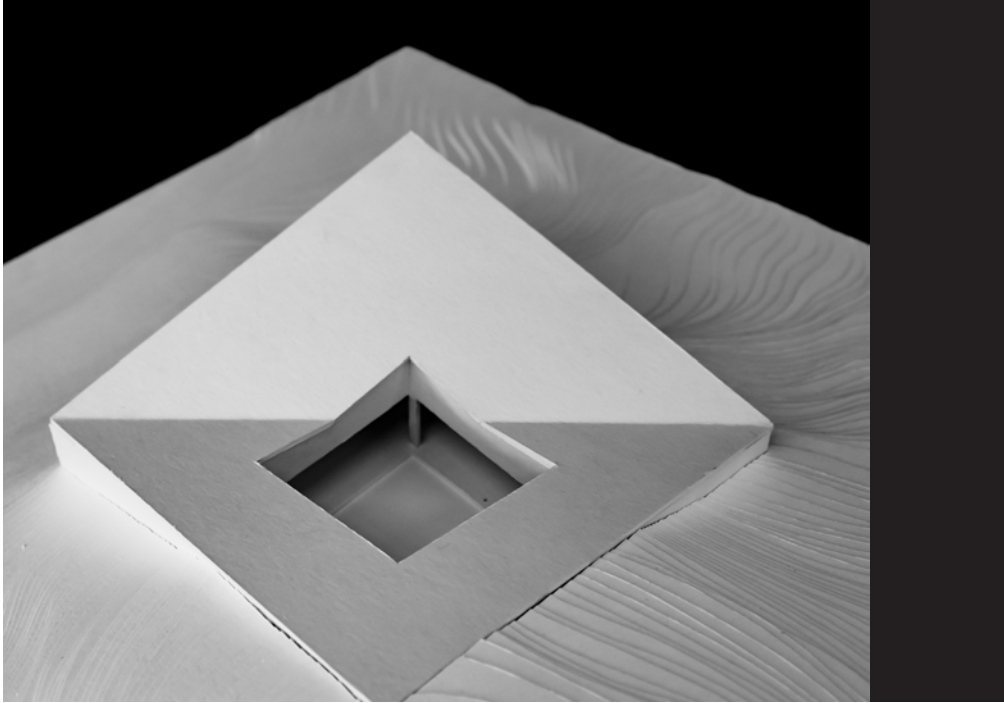
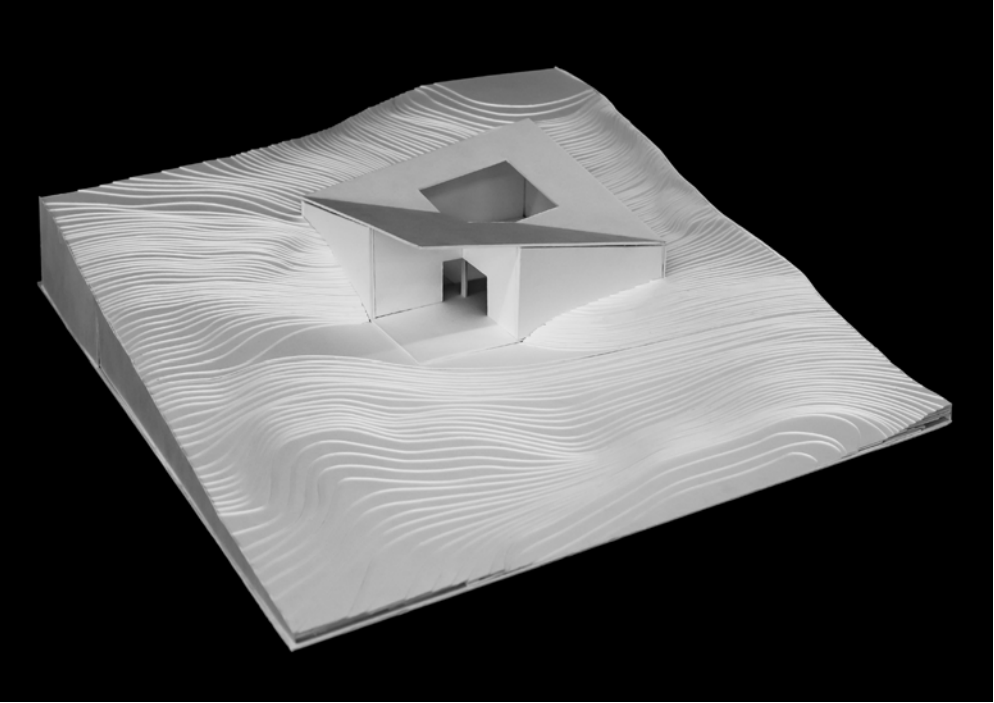


The entrance to the house is provided by a small veranda, square in plan. On both sides of which are living spaces. Facing north is the more private one, which includes a bathroom and a bedroom. Facing west is the social space. It is a combined kitchen and living room. The patio, accessed through glass sliding doors, connects these two parts of the house. In the center of the patio is a garden open to the sky. Through this opening and sliding doors, the sun enters the house in the morning. In the afternoon, it enters through the sliding doors leading to the veranda. The sloping roof in turn creates a feeling of more open space inside the house and creates a vision of continuing landscape on top. Which helps to keep the house intimate..





As for the project materials, the main material for the walls and ceiling is concrete. Inside the house, the ceilings remain unfinished, but the walls are covered with wooden panels. Meanwhile, the walls on the patio echo the ceiling and remain exposed concrete. The flooring is made of stone both inside the house and on the patio. The choice for the roof was pre-fabricated concrete slabs, which will become more and more like the ground over time and weather conditions, supporting the idea of creating a new topography.



CASA EVOLUTIVA

Paisagem
Partilha

Sara Afonso



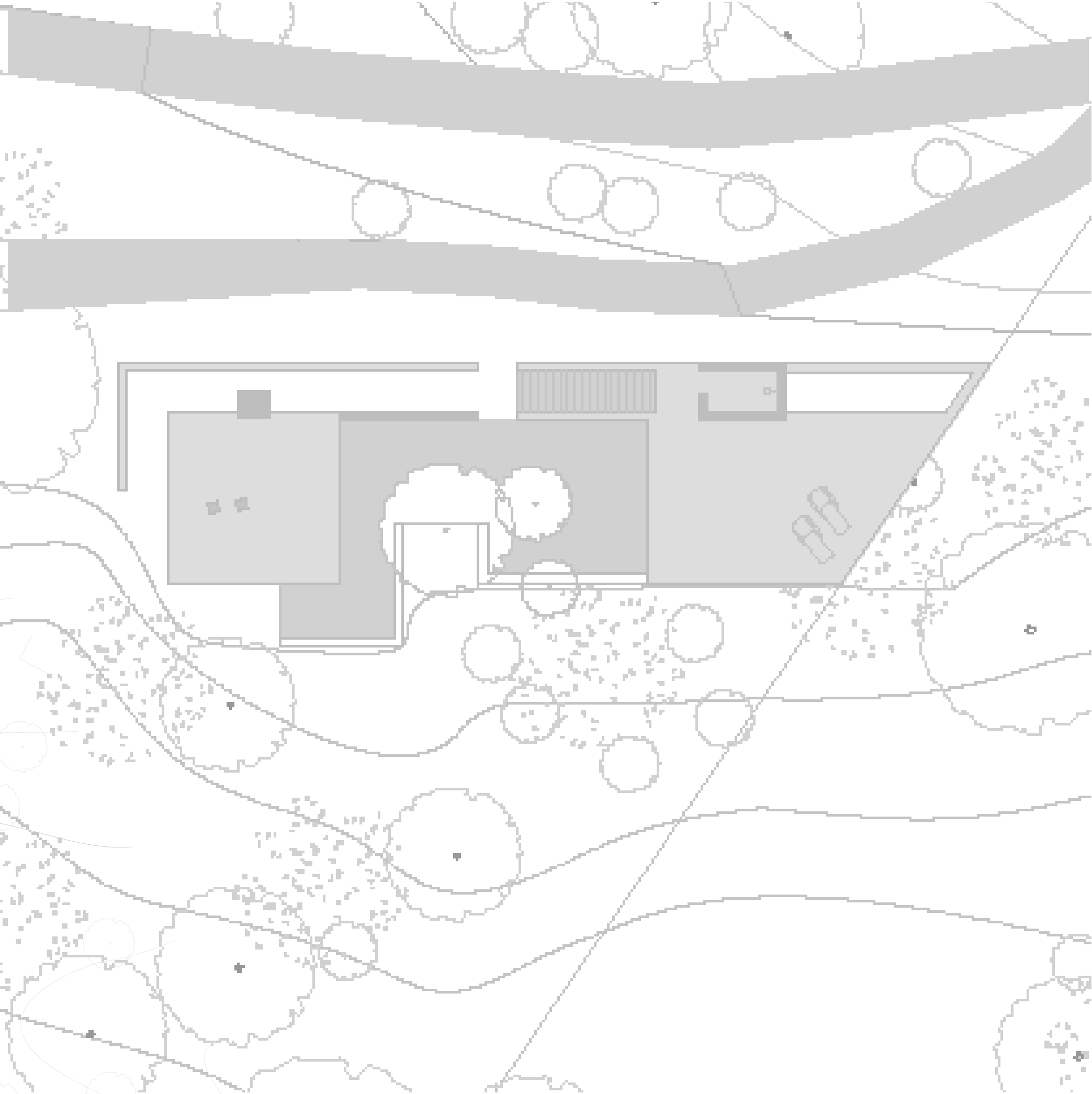
LUGAR

Uma Casa Dupla a partir da Casa Amarela, 1976

A intervenção que se propõe localiza-se dentro de um lote no Parque Natural da Arrábida, mais propriamente em Azeitão, freguesia Portuguesa do município de Setubal. É uma faixa estreita no sentido Nordeste-Sudoeste, que se insere num vale limitado por dois caminhos. O terreno começa a uma cota mais alta, com mais vegetação, onde se situa a Casa Amarela e vai descendo até à cota, onde o terreno é mais despidido. entre estas cotas existe um poço, que abastece a casa, juntamente com uma linha de água. Ao estudar a planta de implantação do Arquiteto Franciso Silva Dias para a casa amarela, evidencia-se que o arquiteto não se limitou a projetar apenas a casa num lote, mas também incorporou a vegetação na envolvente da casa. Logo, o objetivo era preservar o projeto paisagístico, posicionando estrategicamente a segunda casa. Numa conversa com o Arquiteto foi mencionado a ideia que a casa amarela é evolutiva, assim a proposta para a casa dupla é uma uma ampliação da Casa Amarela, que sirva a segunda geração da família Silva Dias. Além disso, ambas as casas situam-se no ponto mais alto do terreno, beneficiando da melhor vista para o vale e tendo como acesso principal a estrada proveniente do centro de Azeitão.

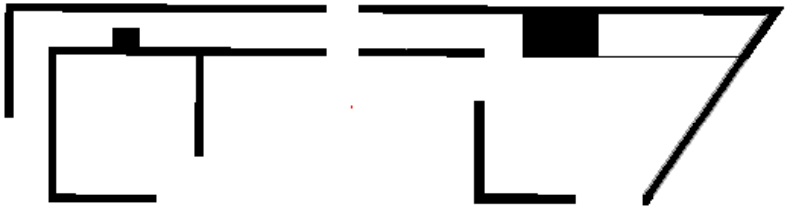


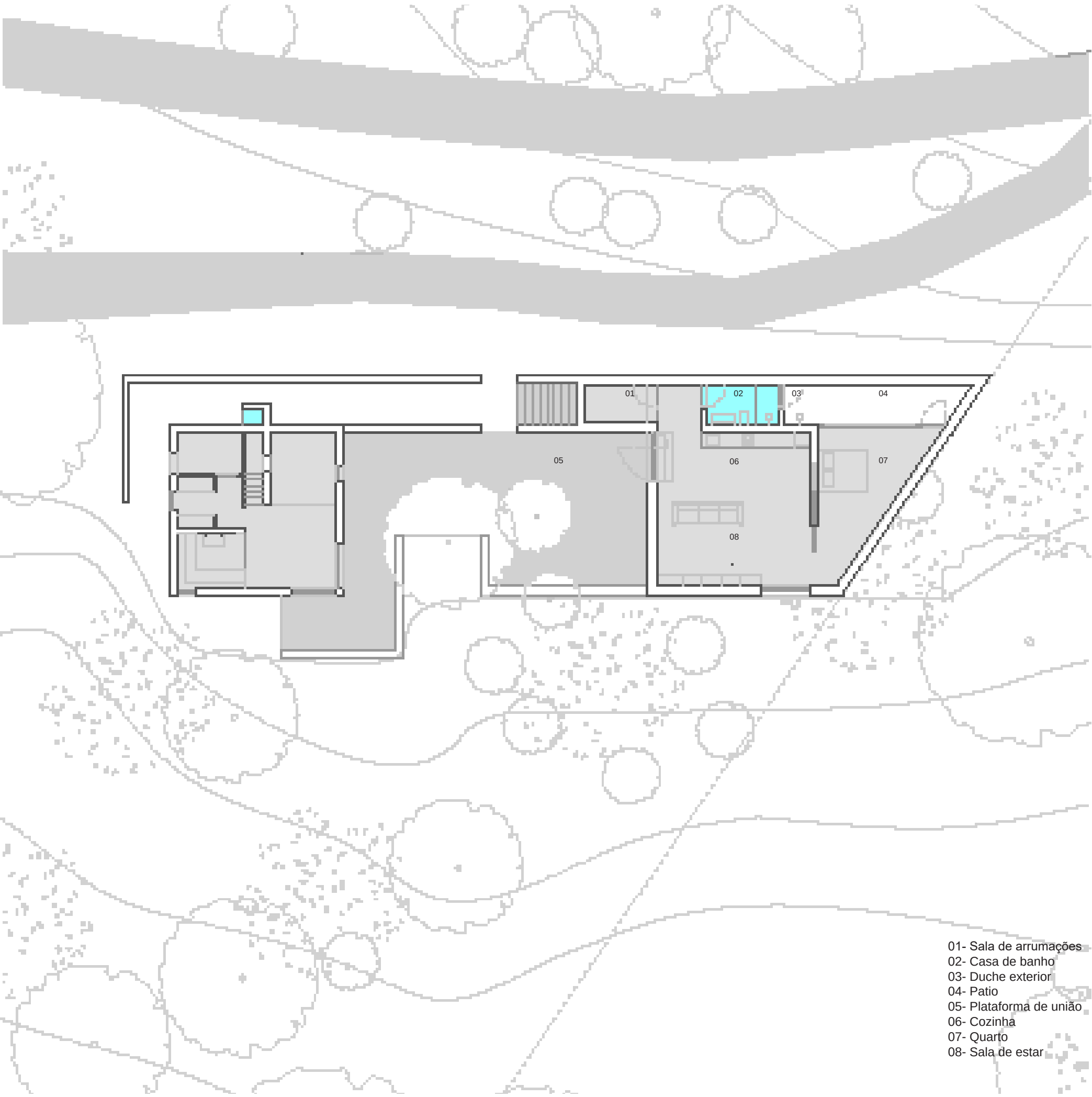
Fotografia da Casa Amarela



1 : 75
PLANTA DE COBERTURA

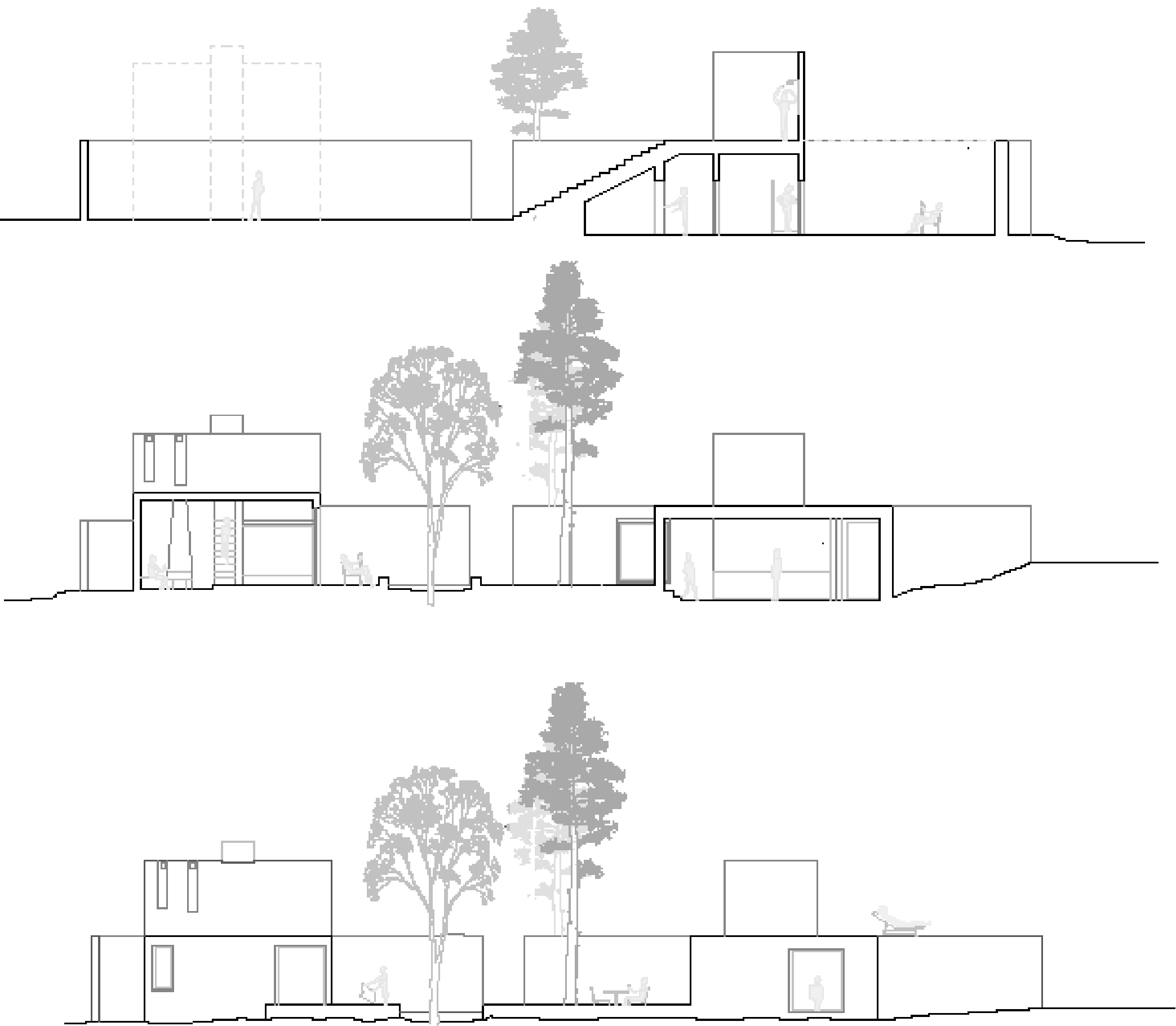
A casa dupla é definida por um sistema de muros que começa no prolongamento de dois já pre-existentes. Estes elementos estendem-se, no seu máximo, até ao limite do lote, definindo a casa dupla. Este novo alinhamento cria uma barreira para norte, separando a estrada e os carros com o que é habitação e natureza. É criada apenas uma interrupção centralizada nestes muros, de forma a que ambas as casas tenham uma entrada comum, evidenciando a ideia que estas fazem parte de um todo. A dupla tem 3 metros de altura, coincidindo com a altura dos muros, porém enterra 56 cm para obter um pé direito certo de 3 metros. A plataforma pré-existente da casa amarela também é expandida, delimitando o espaço entre as casa. Este espaço intermediário exterior é um elemento de união e partilha, onde a família se junta para estar e conviver e contemplar a serra. Esta plataforma estende-se até a cobertura da casa dupla, que é acessível, um miradouro virado a sul, podendo funcionar como solário, junto com um duche exterior, aberto ao céu. Tanto a proporção da casa dupla, a altura e forma dos vãos como a repetição do corpo vertical de água, nascem da procura de uma relação com a casa amarela, uma ligação.



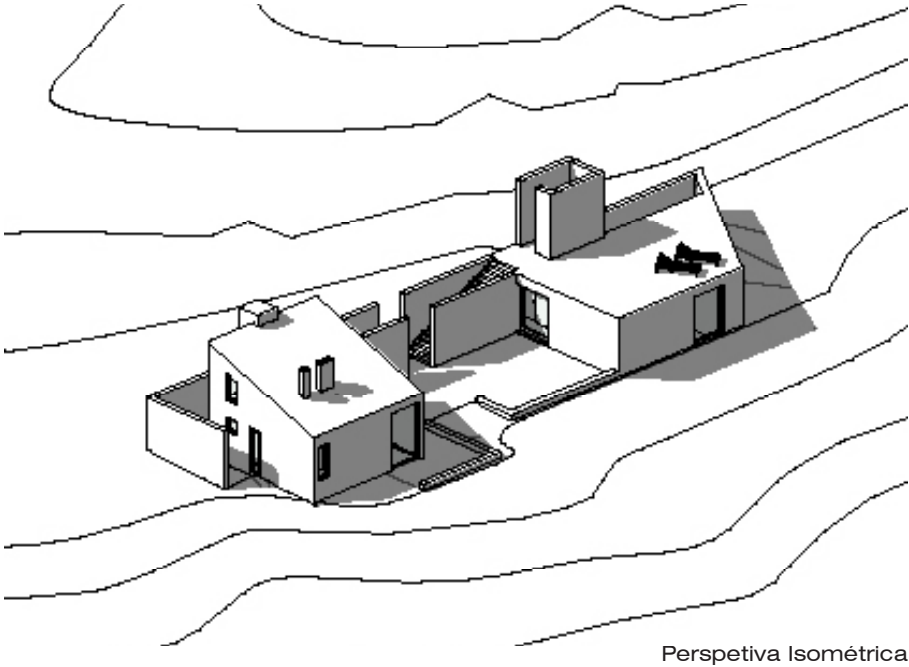


- 01- Sala de arrumações
- 02- Casa de banho
- 03- Duche exterior
- 04- Patio
- 05- Plataforma de união
- 06- Cozinha
- 07- Quarto
- 08- Sala de estar

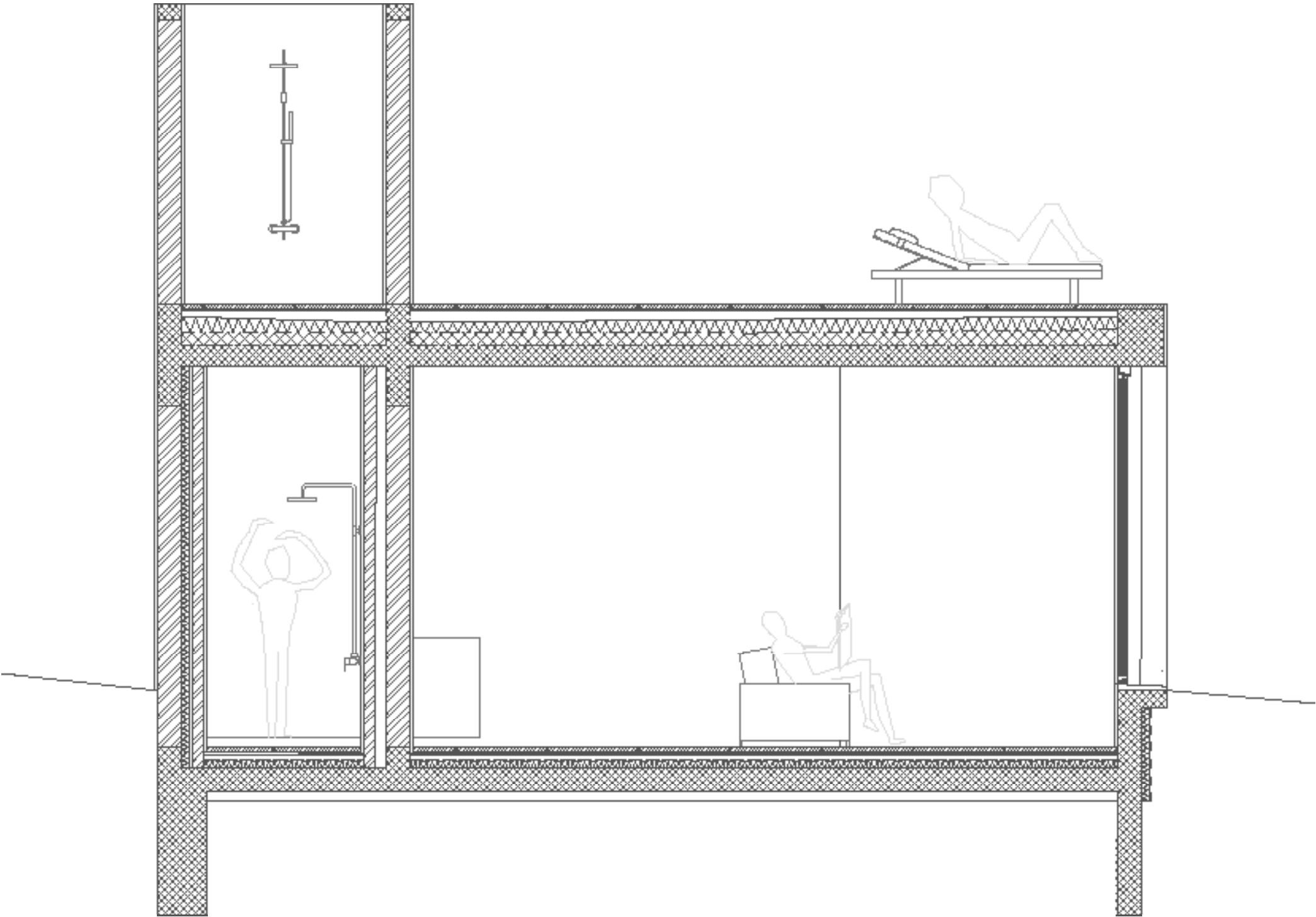
1 : 75
PLANTA DAS DUAS CASAS



1 : 75
CORTES LONGITUDINAIS + ALÇADO FRONTAL



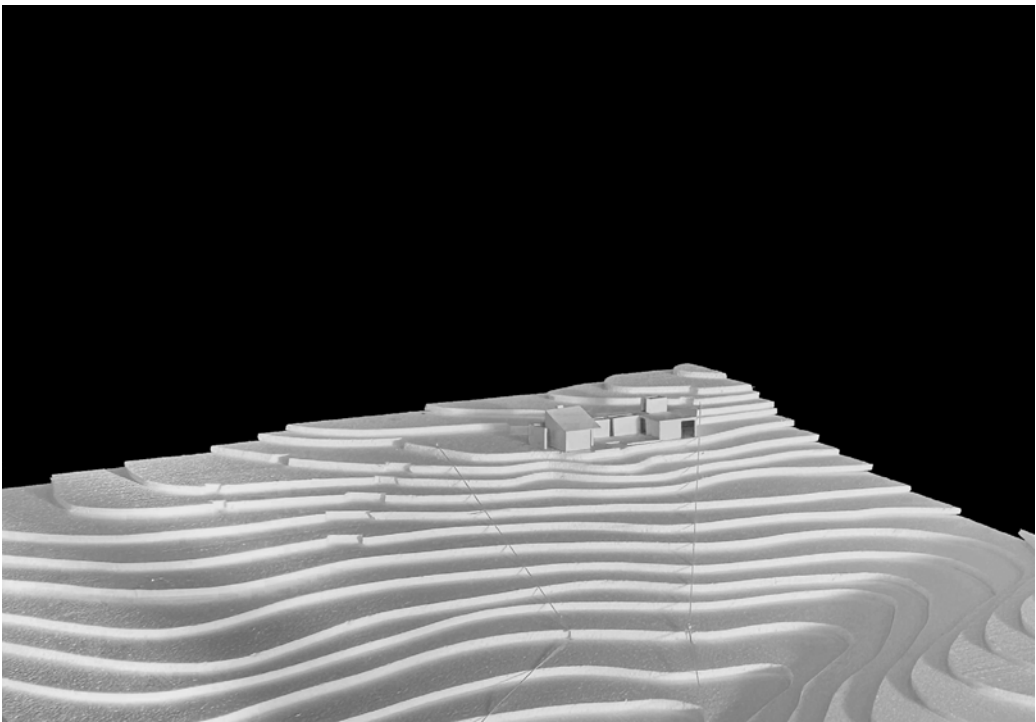
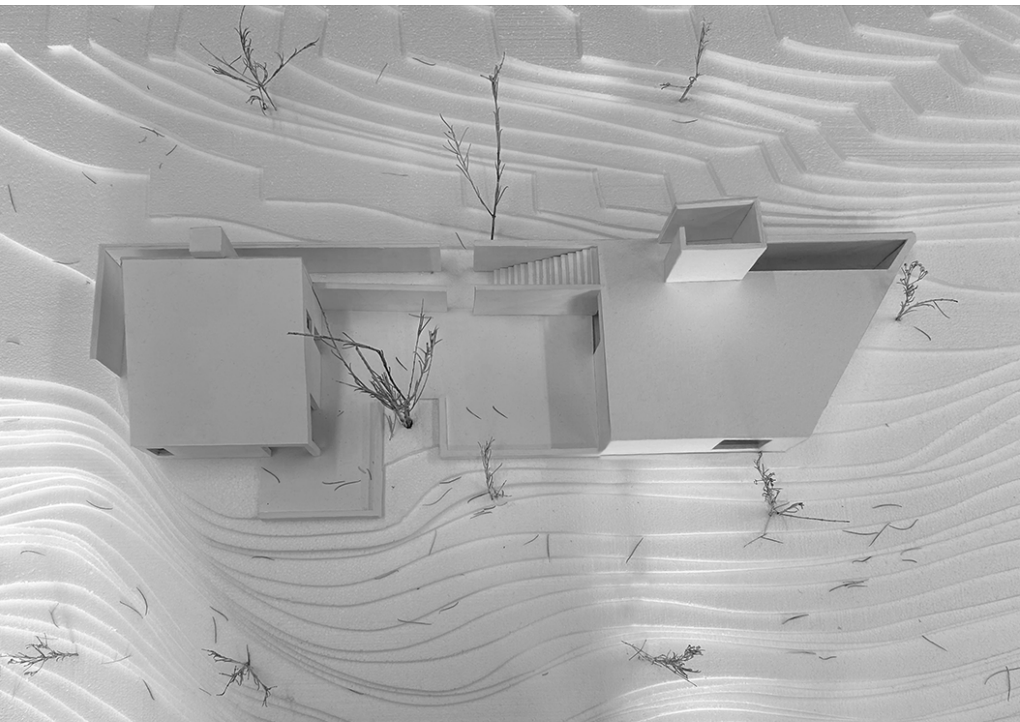
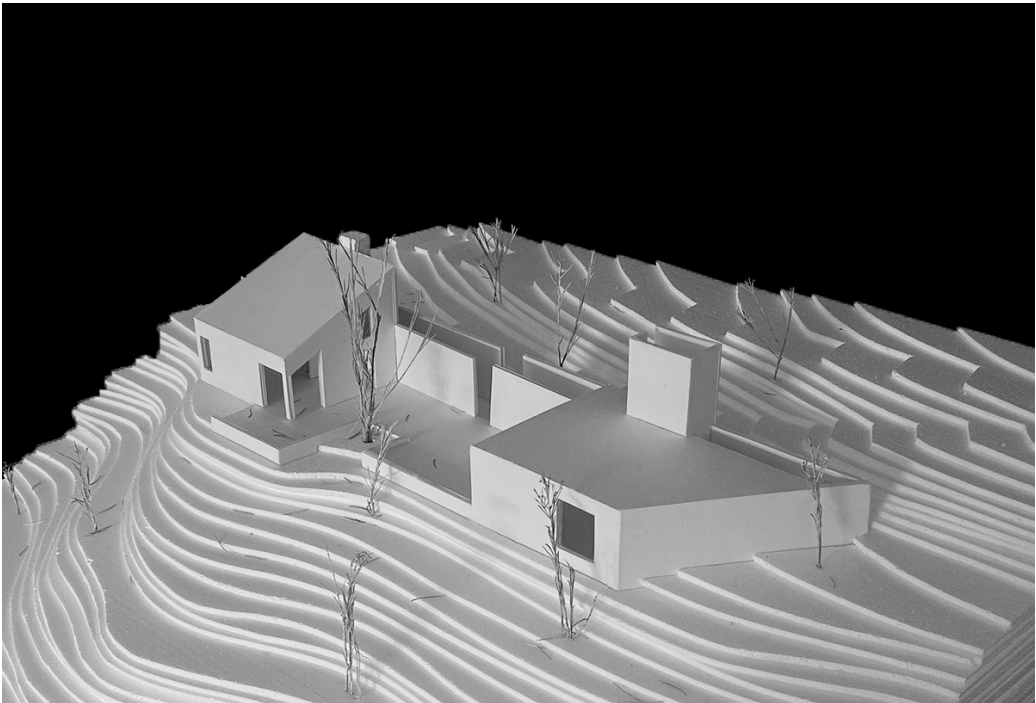
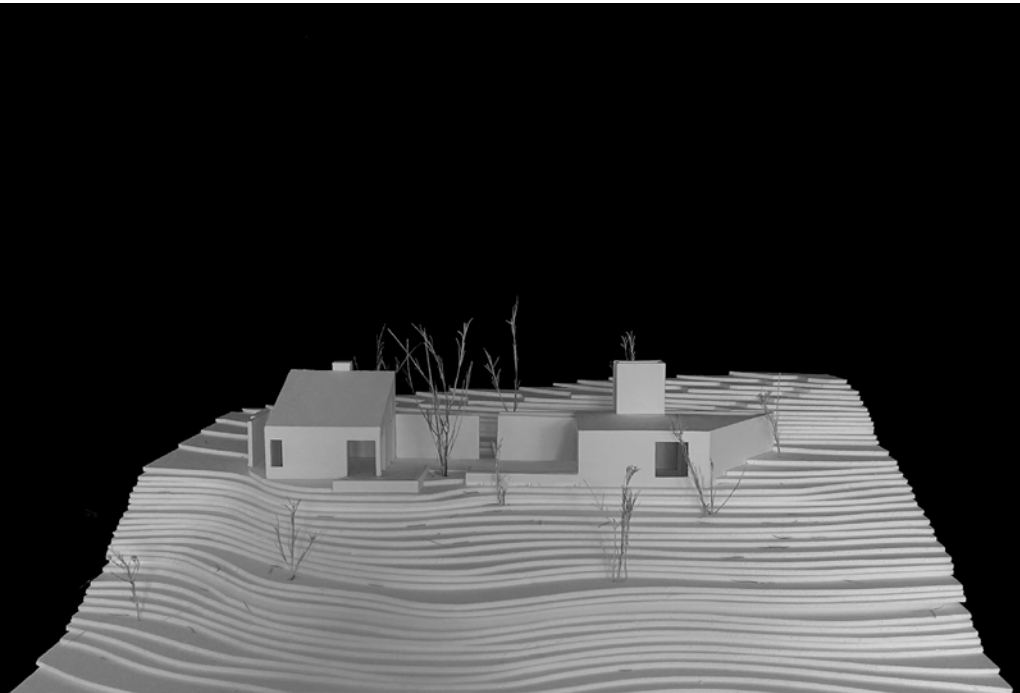
Perspetiva Isométrica



- 01- Tijoleira
- 02- Areia
- 03- Tapete de feltro
- 04- Gravelha
- 05- Isolamento térmico
- 06- Impermeabilização
- 07- Betão leve
- 08- Betão armado
- 09- Camada de forma
- 10- Argamassa
- 11- Tubo aquecimento
- 12- Polietileno
- 13- Manta geotêxtil
- 14- Reboco pintado
- 15- Tijolo
- 16- Caixa de ar

1 : 20
CORTE CONSTRUTIVO

A Casa Dupla repete a materialidade e métodos construtivos da casa amarela, porém adequados aos dias de hoje. Uma versão modernizada da casa Silva Dias, porém ainda simples, modesta e económica. As paredes continuam a ser duplas de tijolo rebocadas e pintadas, passaram de 30cm de espessura para 46cm, 20 mm de estuque pintado de amarelo, 220 mm de tijolo, 60 mm de isolamento, 30 mm da caixa de ar, 110 mm do segundo tijolo e 20 mm de reboco pintado de branco. O seu interior é pintado de branco e o seu exterior de amarelo, tal como acontece na casa amarela.O pavimento continua o mesmo, tijoleira no interior da casa e na plataforma exterior, dando uma perceção de espaço contínuo, em que podemos atravessar, deslocar-nos de uma casa para a outra sem interrupções. Este pavimento estende-se, subindo as escadas, até à cobertura acessível da casa dupla, que surge como uma extensão da plataforma do piso térreo. Esta cobertura é constituída por 40mm de tijoleira, 20 mm de areia, um tapete defeltro, 49 mm de gravelha, 120 mm de isolamento térmico, a impermeabilização, uma camada de 140 mm de betão leve e finalmente 200 mm de betão armado (visto que o teto da casa dupla é a camada de betão á vista sem nenhum acabamento).

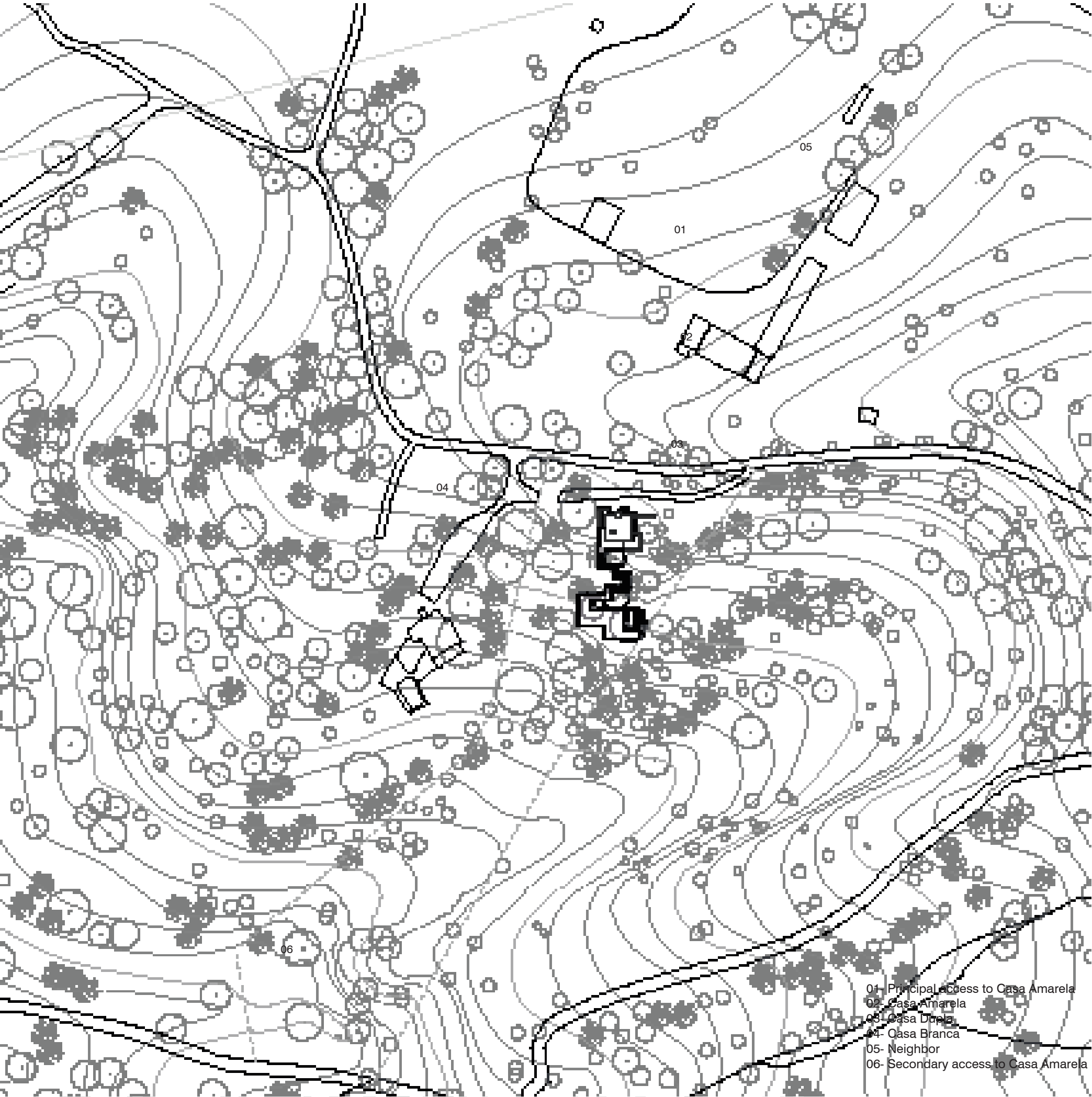


PROGRESSIVE HOUSE

Sensitivity
Gravity

Sara Saladini





- 01- Principal access to Casa Amarela
- 02- Casa Amarela
- 03- Casa Dupla
- 04- Casa Branca
- 05- Neighbor
- 06- Secondary access to Casa Amarela

1 : 500 N 
SITEPLAN

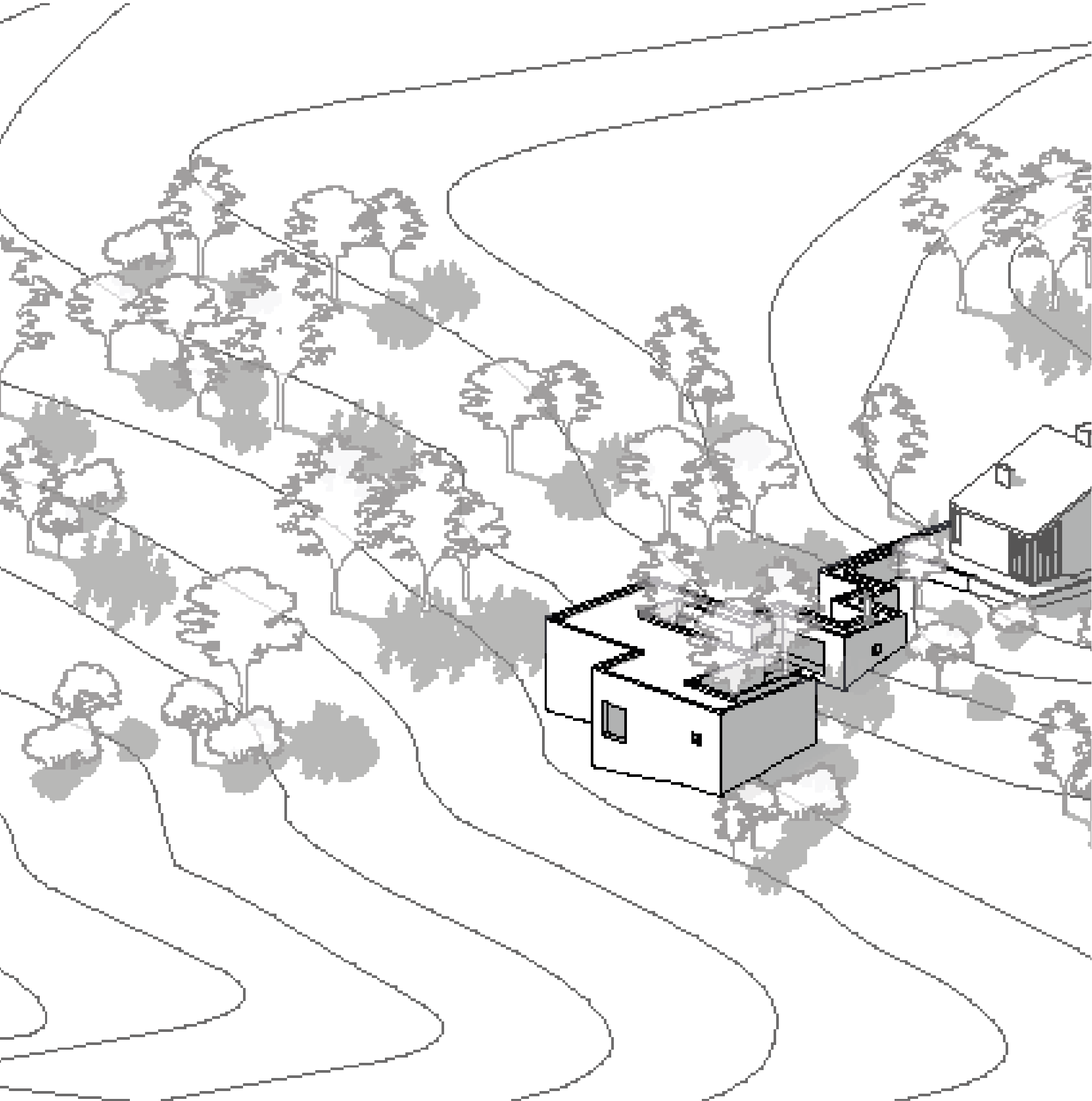
Casa Amarela is the project for an “escape house” in the protected area of the Parque Natural da Arrábida, set on a limestone massif and characterized by large cliffs, small sandy bays and the wild and flourishing vegetation of the Serra. The lot of the house is a long strip of land, set on a slope that runs from a gravel road to the bed of a dried up river. The rich vegetation gradually thins out with the decreasing altitude, starting from the dense forest of cypresses and maritime pines that surrounds the house, opening the view to the Serra walking down the valley, with the constant presence of wild shrubs and aromatic plants. The house is developed on a square plan of 7x7m, with a mezzanine hosting the two rooms, overlooking the common space below. The interiors appear rustic, with white plastered walls and dark wood finishings. The space is fluid, without ermetic closures, suggesting a compact, but airy idea of house. Here, the presence of nature is not always explicit: it only enters the house in its southeast corner, through big glass doors, while the narrow windows keep it outside, perceivable but untouchable. Outside, the light reflects on the yellow walls warming the atmosphere. The wall extensions of the house act like guides defining unpaved paths to the entrance and creating visual barriers that exclude the sight of the street and contrast with the foliage of the trees



Picture of the site of intervention

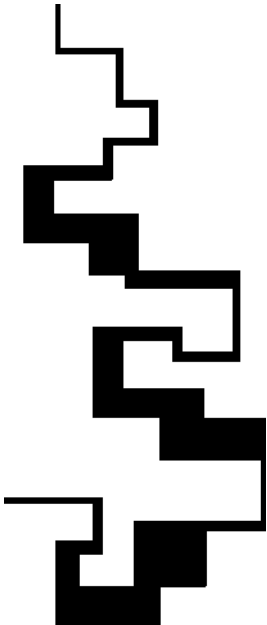


Picture of the house



1 : 100 N
AXONOMETRIC VIEW

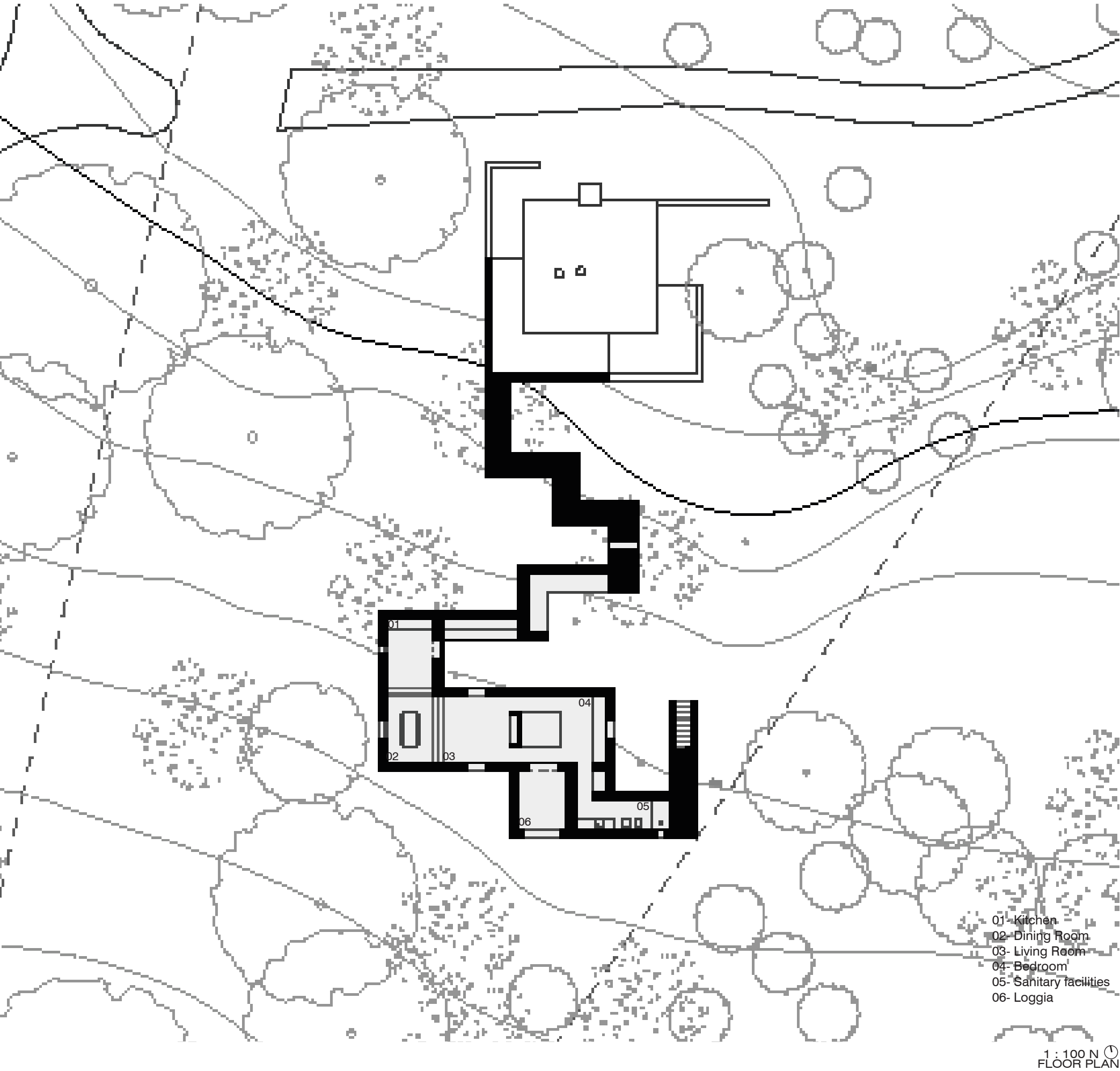
The concept for the Casa Dupla starts precisely from the idea of walls acting as guides through the vegetation, and matrices of a possible limitless evolution of the Casa Amarela. The path starts from the L-shaped wall protecting the northwest corner of the house and the parapet of the platform on the opposite side, proceeding down the slope. Throughout the journey, the user is guided by walls that reveal themselves in height along the path. This way they allow to preserve the original view of the valley from Casa Amarela, as they initially work as minimum presences on the soil, to become actual walls as the altitude decreases. Their serpentine design raises from the will to respect the natural landscape, and enhance the presence of vegetation: indeed, the wall precisely turns to embrace the trees, that become protagonists of the design. The thickness of the walls progressively increases to finally host the domestic functions: the kitchen, the living area, the dining room, the bedroom and the sanitary facilities. They are designed based on the idea of fluid circulation where the spaces are displayed in succession without doors separating them. Starting from the level of the Casa Amarela, the walls also work as a walkable platform that offers a new experience and perspective of the vegetation. Therefore, the roof of the house becomes a big terrace in the middle of a glade, not visible from Casa Amarela.



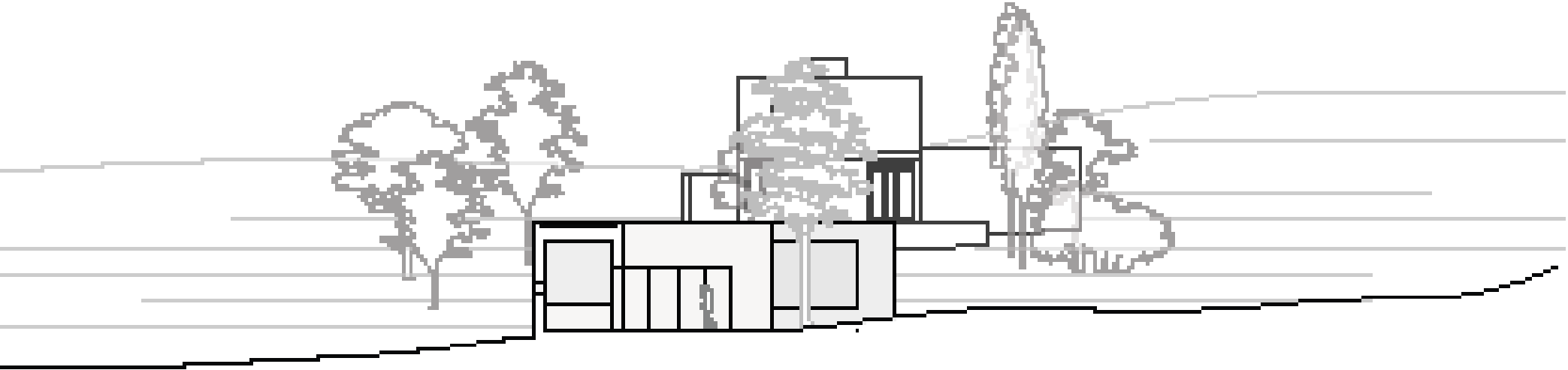
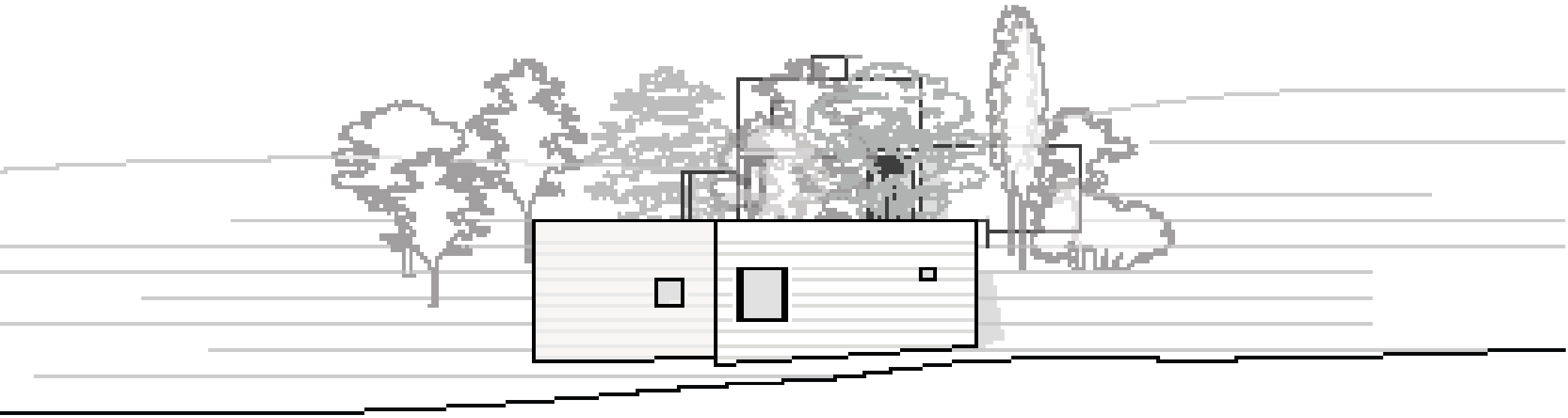
The “limitless evolution” concept



Render view of the inside



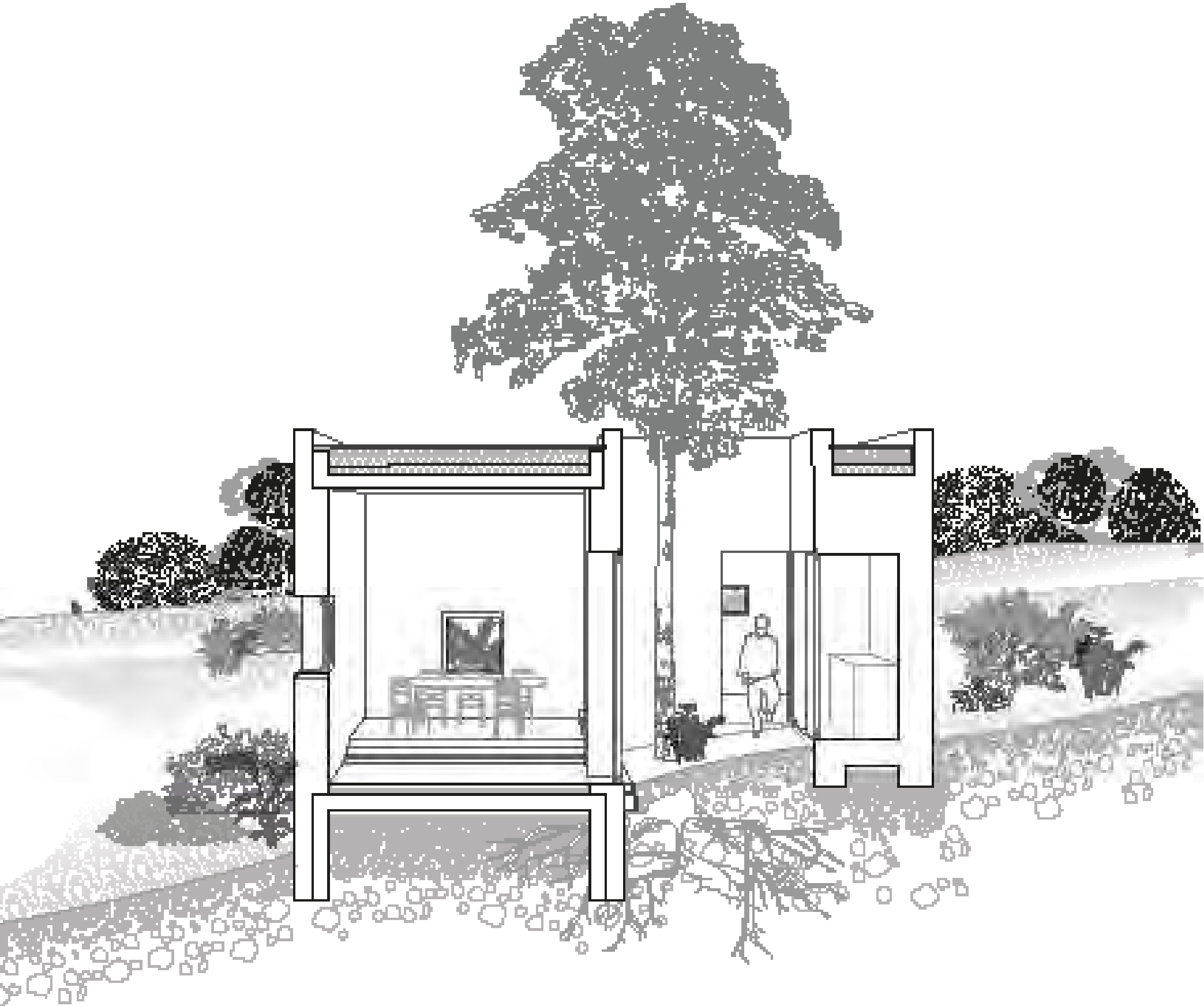
Environmental section



1 : 100
ELEVATIONS AND LONGITUDINAL SECTION

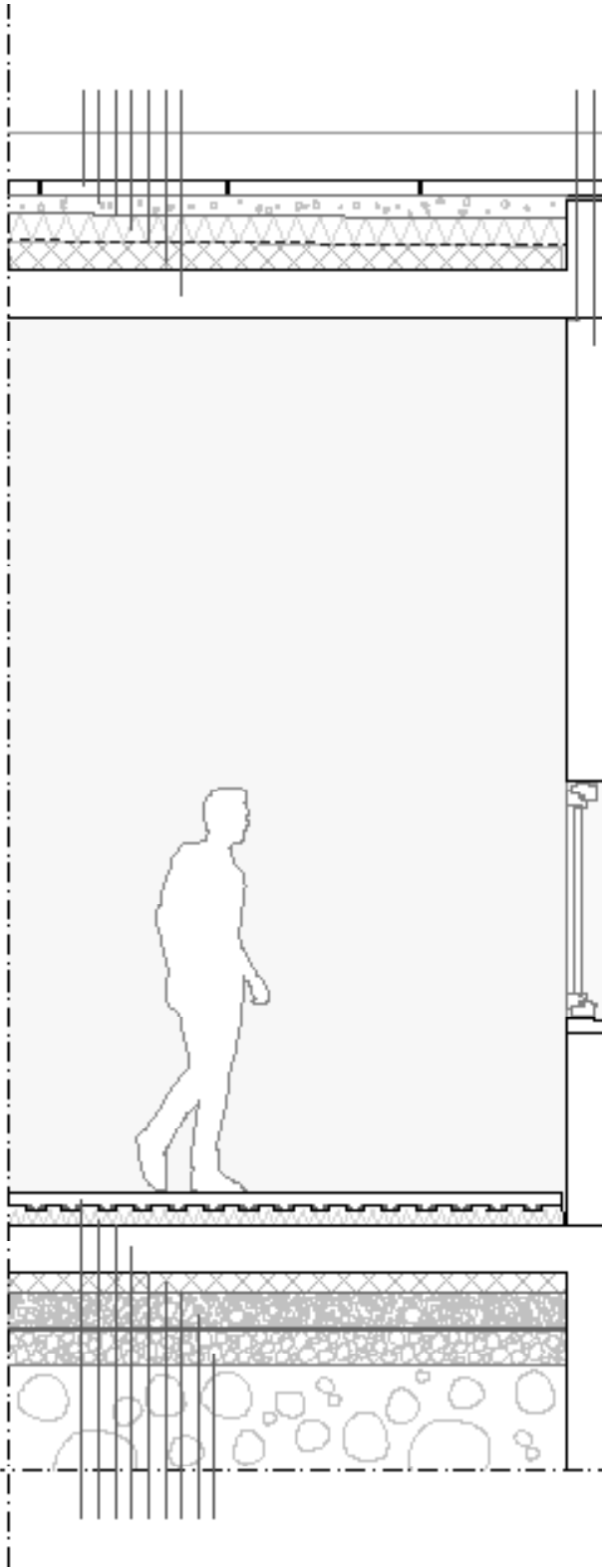


ATMOSPHERIC VIEW



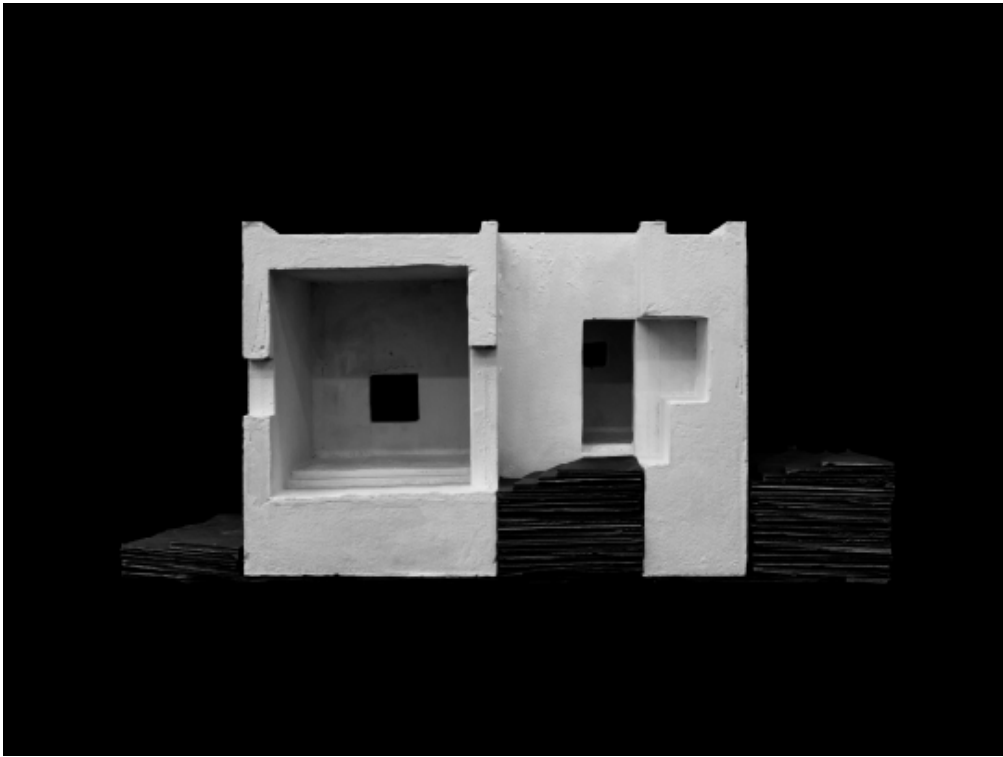
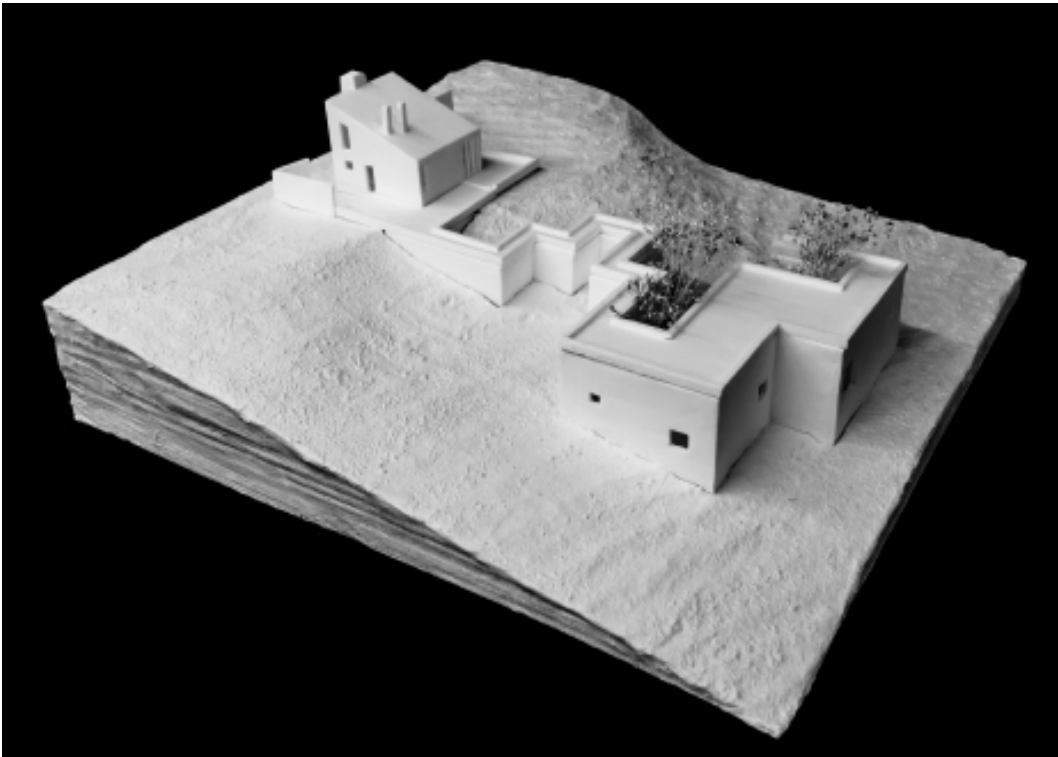
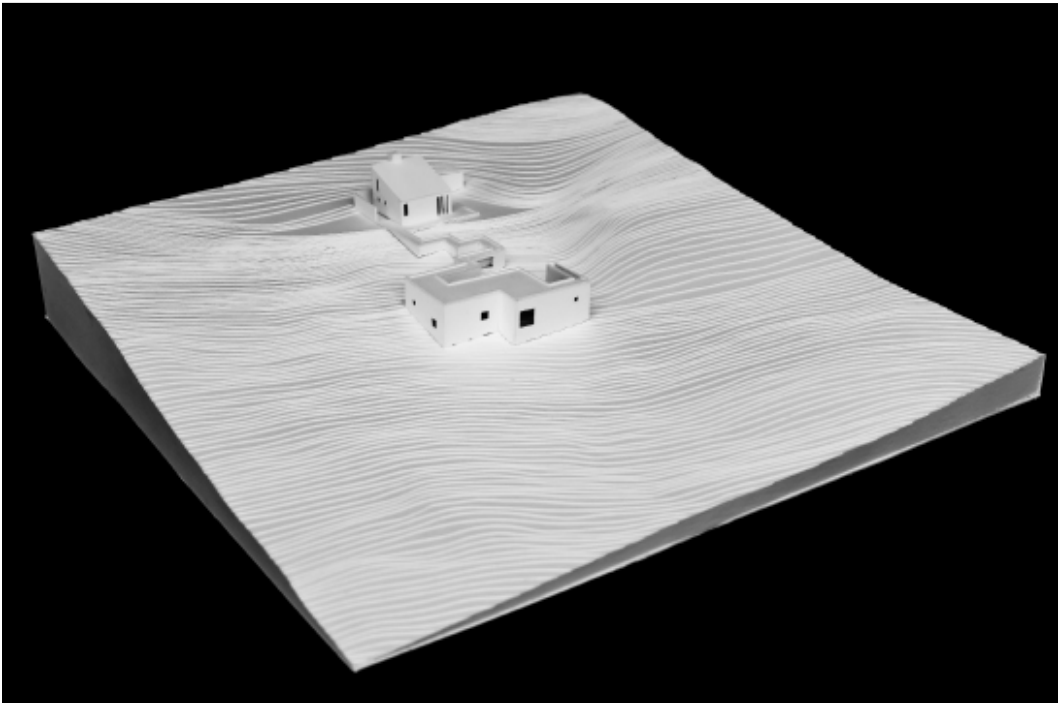
1 : 30
PERSPECTIVE SECTION

The constructive solution adopted in the project is based on load-bearing walls made of lightweight concrete. This material is realized with a mixture of glass foam and clay spheres that help prevent the formation of moisture, therefore it doesn't require to be implemented of any additional insulation layer. Due to the reduced spans and height of the building, this structure works as a load-bearing system, guaranteeing resistance and stability in case of earthquakes. The walkable roof is made of a reinforced concrete slab, sustaining the insulation layer that is inclined by 1% in one direction thanks to the concrete screed underneath. To preserve the mono-material feeling of the building, it is covered in concrete tiles resting on a layer of gravel. The flooring system adopted includes the heating solution integrated into the concrete layer, which remains exposed working directly as the pavement of the house. Underneath, an XPS sheet of 60mm separates this superficial layer from the reinforced concrete slab. For the windows, a single-glazed solution is employed, with wooden frames flush with the internal side of the wall. On the contrary, the two access doors of the house are aligned to the external perimeter to preserve the monolithic essence of the wall. In order to blend with the concrete, they are pivoting doors with hidden frames and fibre cement finish.



- 01- Concrete tiles
- 02- Gravel
- 03- Felt mat
- 04- XPS 120mm
- 05- Waterproof membrane
- 06- Concrete screed (incl. 1%)
- 07- Reinforced concrete slab 200mm
- 08- Rubber
- 09- Lightweight concrete 450mm
- 10- Reinforced concrete slab with floor heating 80mm
- 11- XPS 60mm
- 12- Polyethylene mat
- 13- Lean concrete 80mm
- 14- Geotextil mat
- 15- Rock scree
- 16- Waterproof paint

1 : 15
CONSTRUCTION DETAIL AND ELEVATION



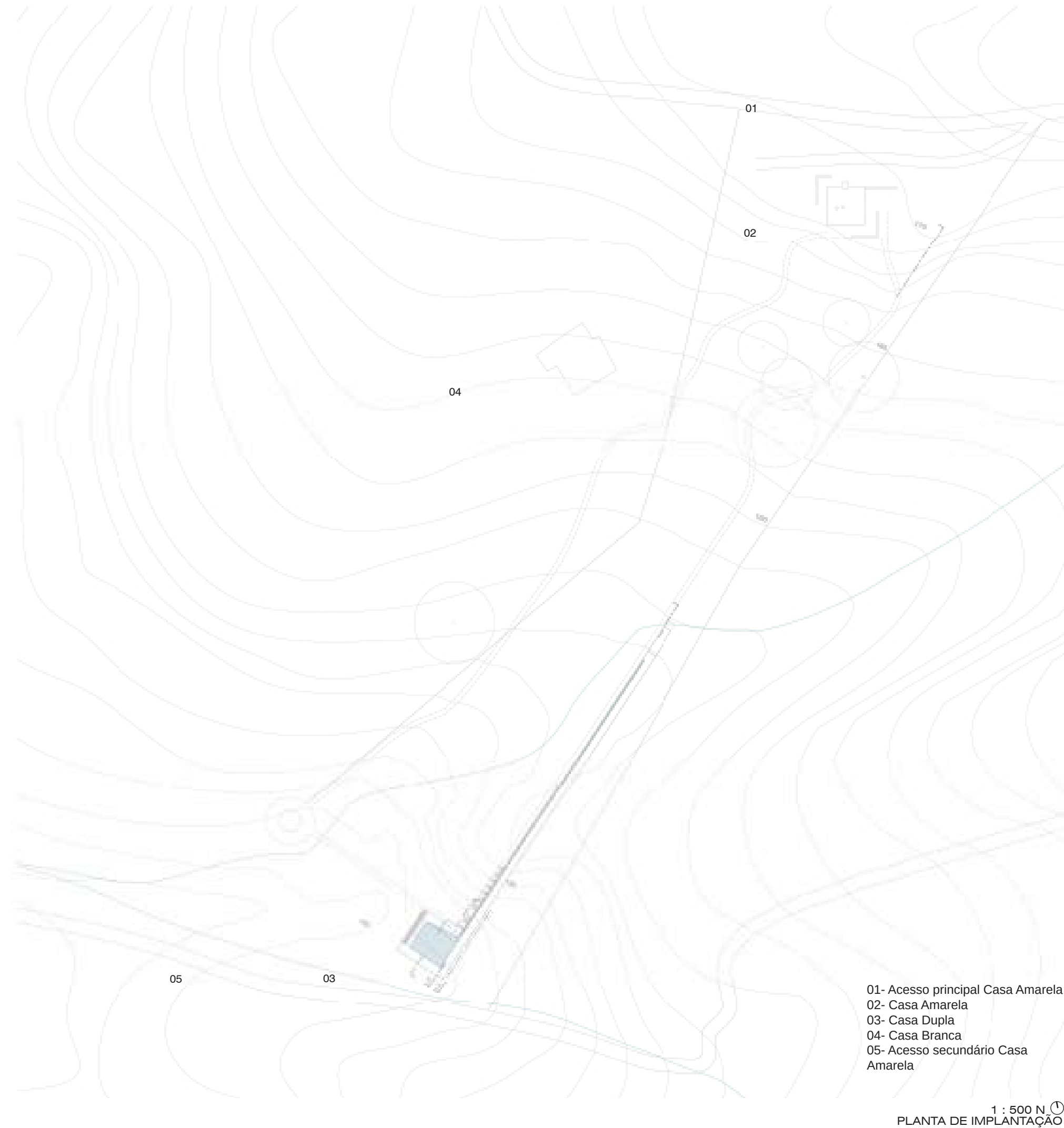
CASA

PERCURSO

Ponto de encontro
Água

Teresa Henriques





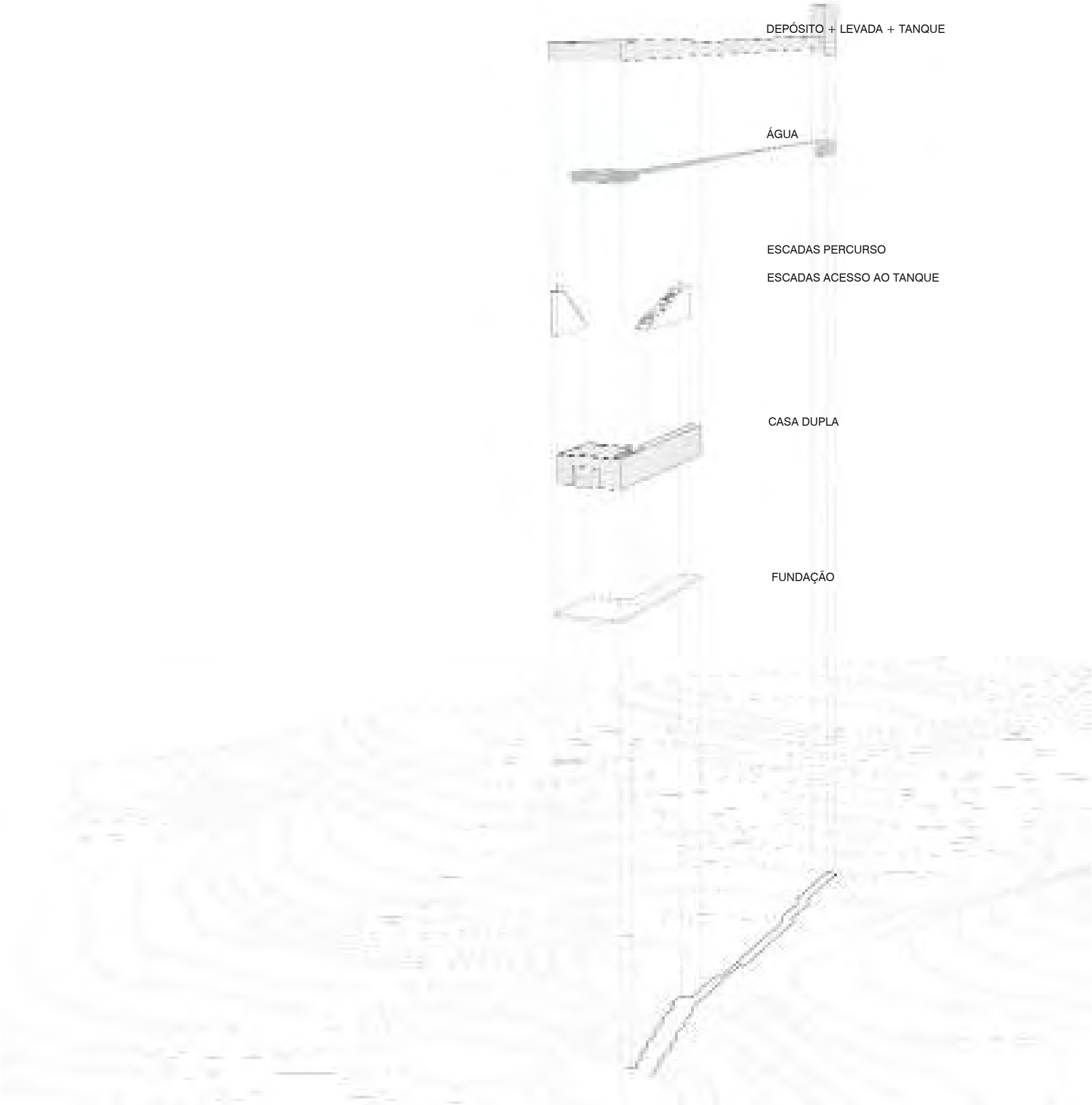
Casa Amarela localizada na Serra da Arrábida e projetada pelo arquiteto Francisco Silva Dias, insere-se num território dominado por intensa vegetação. Um abrigo de família, a casa estabelece relações íntimas tanto com a paisagem como com a própria natureza. Localizada na cota mais alta, casa está implantada num terreno que conta com um desnível de 20m, tendo como limites a estrada de gravilha a norte, no qual se acede à casa e uma ribeira situada na cota mais baixa da encosta. Durante anos, os habitantes da casa foram-se apropriando dos espaços exteriores criando pontos de encontro como o espaço do Pinheiro com a presença de um banco, situado a sul da casa e estabelecendo-se como ponto de encontro entre a casa Amarela e a Casa Branca, e de seguida o Poço, também a sul, situado numa cota mais baixa do terreno junto à ribeira cuja intensidade é predominante sobretudo no inverno. Assim, a noção de limite perde-se com a vivência em todo o território. A relação com o lugar é feita a partir destes pontos de encontro marcados por percursos que ligam todos estes lugares, tanto os percursos a pé posto como os hídricos. A serra da Arrábida além da sua extensa biodiversidade, é rica sobretudo em rocha calcária, apresentando-se como uma região cárstica, contendo reservas de água no subsolo, e consequentemente uma enorme de água à superfície.



Fotografia local de intervenção

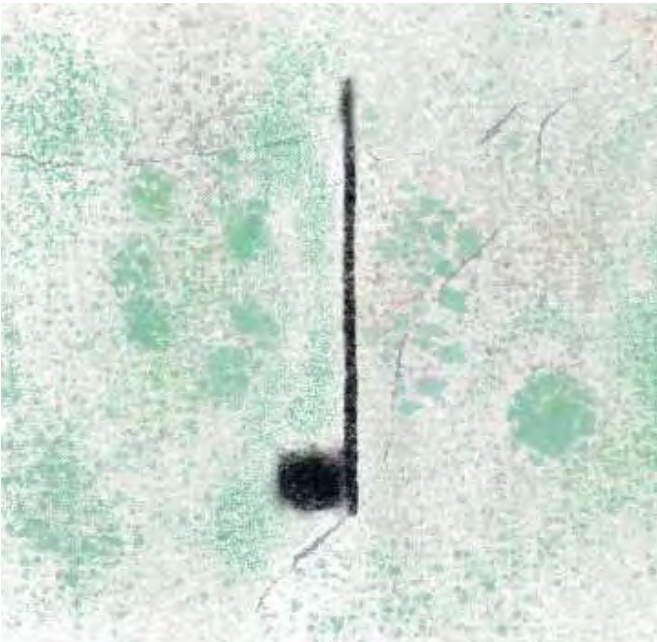


Fotografia local de intervenção



AXONOMETRIA

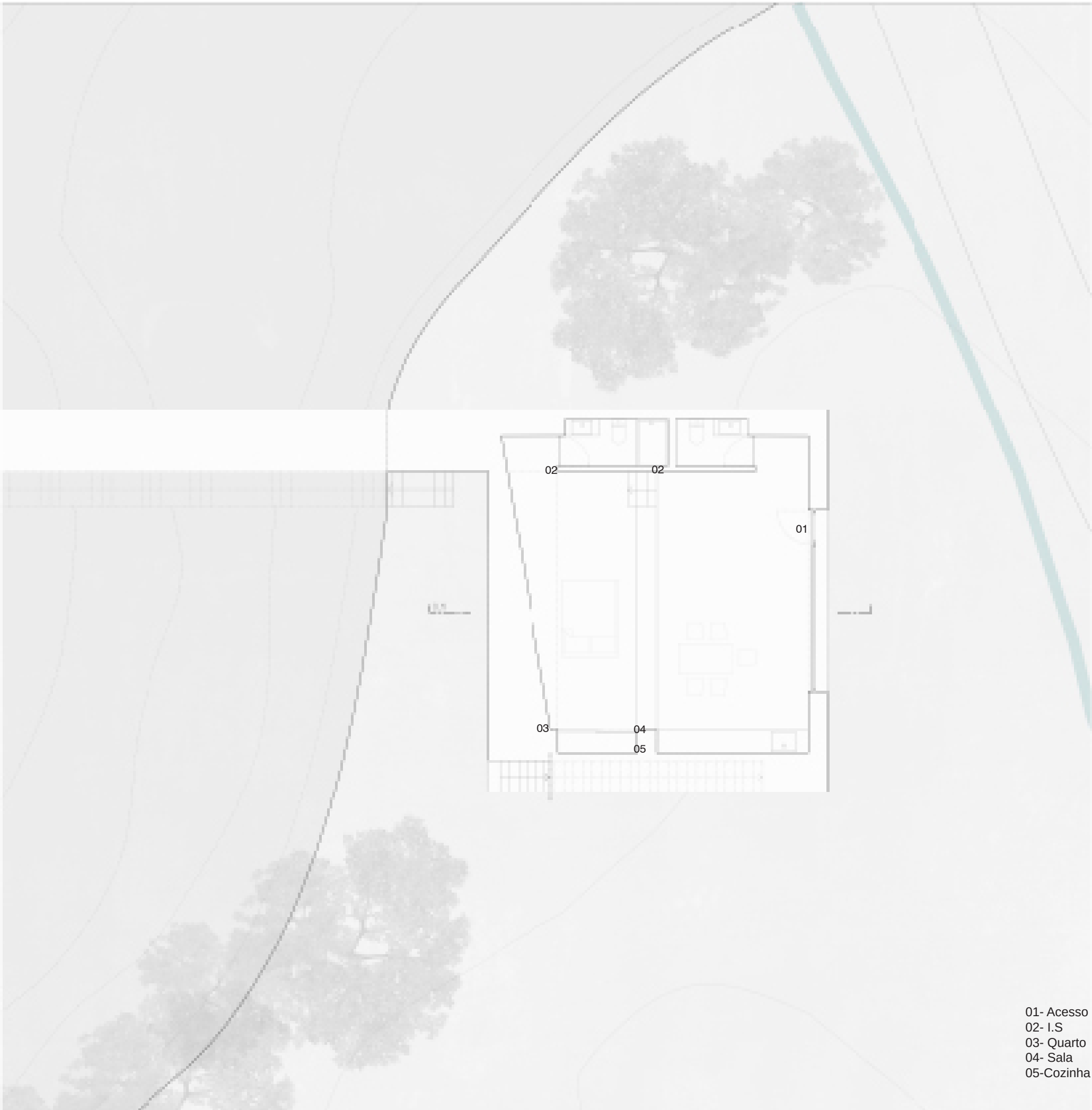
A casa dupla, surge da ambição de continuar uma sucessão de acontecimentos criando um ponto de encontro, agora entre os habitantes da Casa amarela como da Casa Dupla concluindo circuito e encaminhando o visitante de volta à primeira. Desta forma, propõe-se que a Casa Dupla se situe numa das cotas mais baixas do terreno, permitindo que se dê conta da sua presença apenas ao aproximarmo-nos dela. Este ponto de encontro surge num tanque de água público localizado na cobertura da Casa Dupla, fazendo parte também ele de um sistema de distribuição de água. Este sistema é composto por três partes: um depósito de água que permite a recolha e filtragem das águas provenientes da escorrência dos solos que é então distribuída para uma linha de água e por sua vez depositada no tanque por cima da Casa Dupla. Este sistema é possível através do prolongamento de uma das fachadas da Casa Dupla e do seu encontro com o terreno. Este muro ganha espessura de forma a albergar o percurso da água desde o depósito até ao tanque público. Além de proporcionar um momento de encontro, o sistema age de acordo com as necessidades do ecossistema, dado que permite a acumulação de água à superfície. O muro funciona ainda como plataforma pedonal, proporcionando uma experiência visual.



Proposta



Proposta



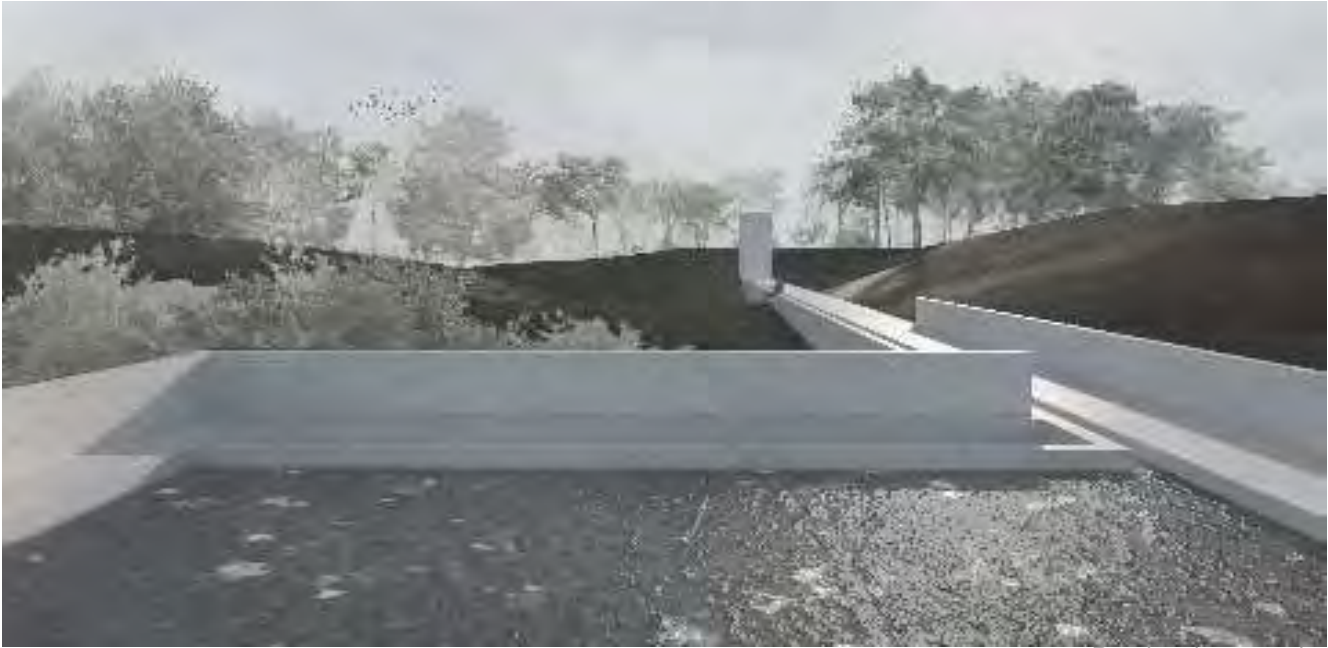
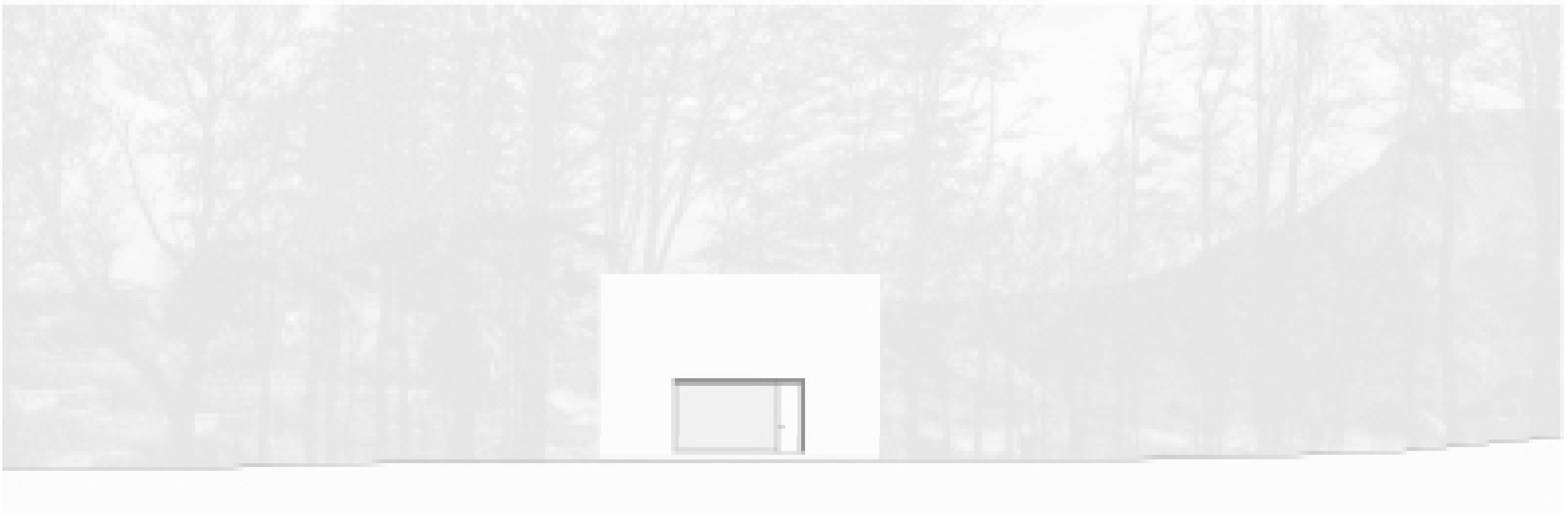
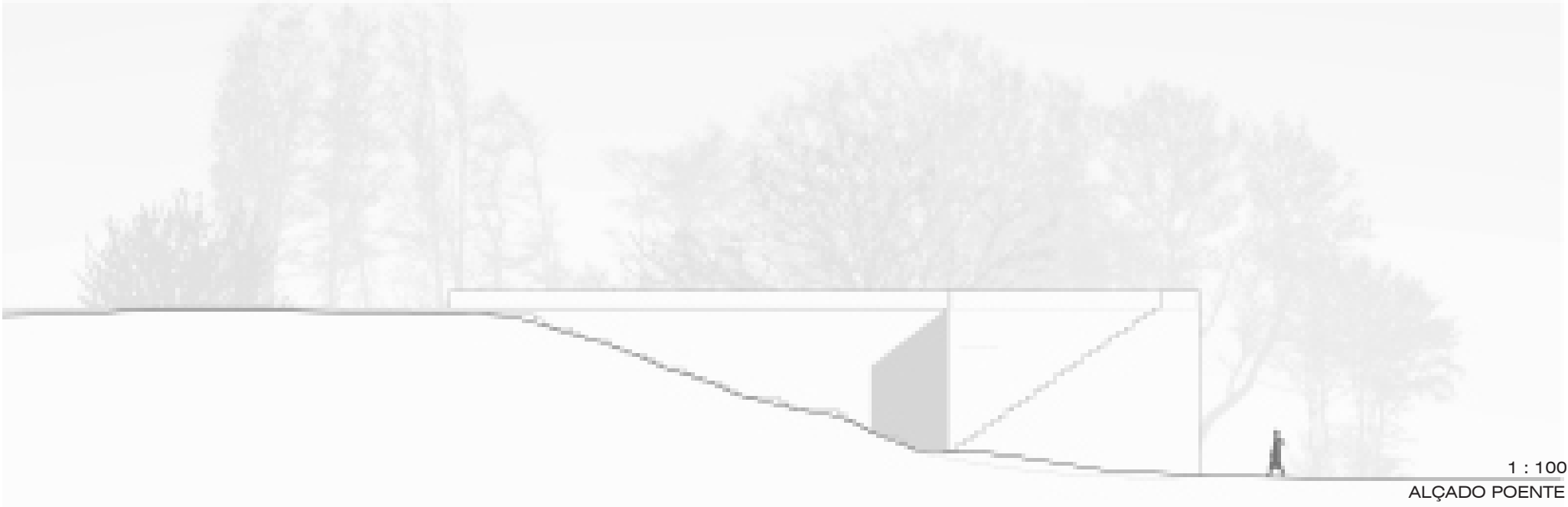
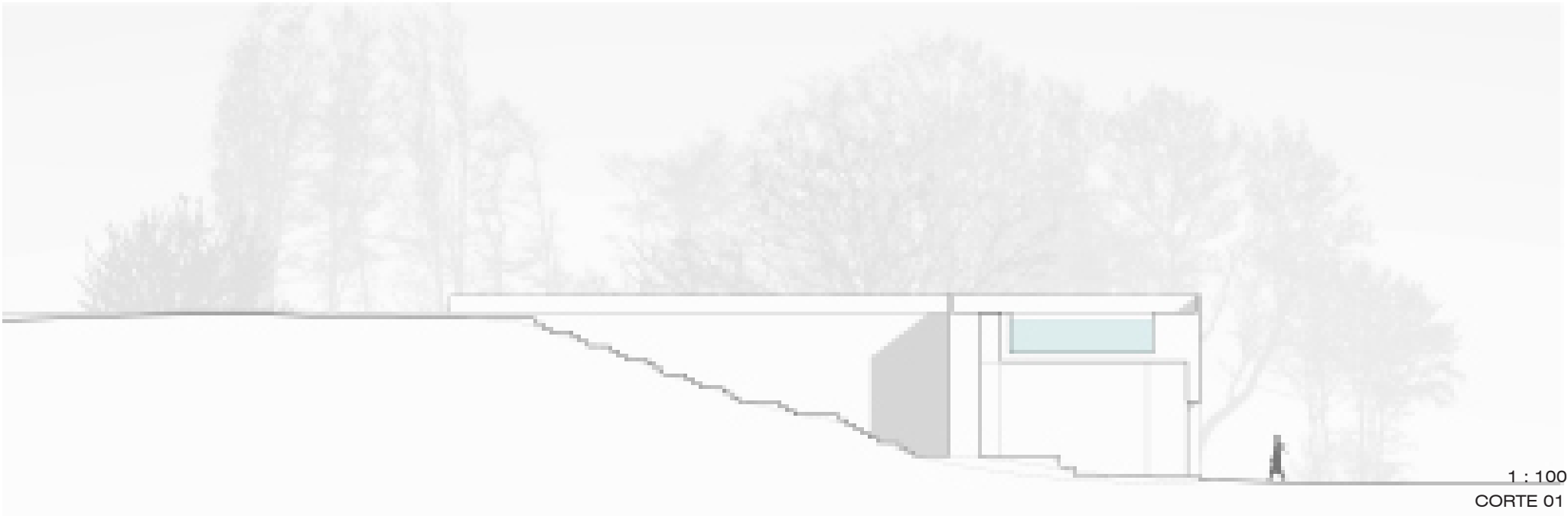
- 01- Acesso
- 02- I.S
- 03- Quarto
- 04- Sala
- 05-Cozinha

1 : 50
PLANTA

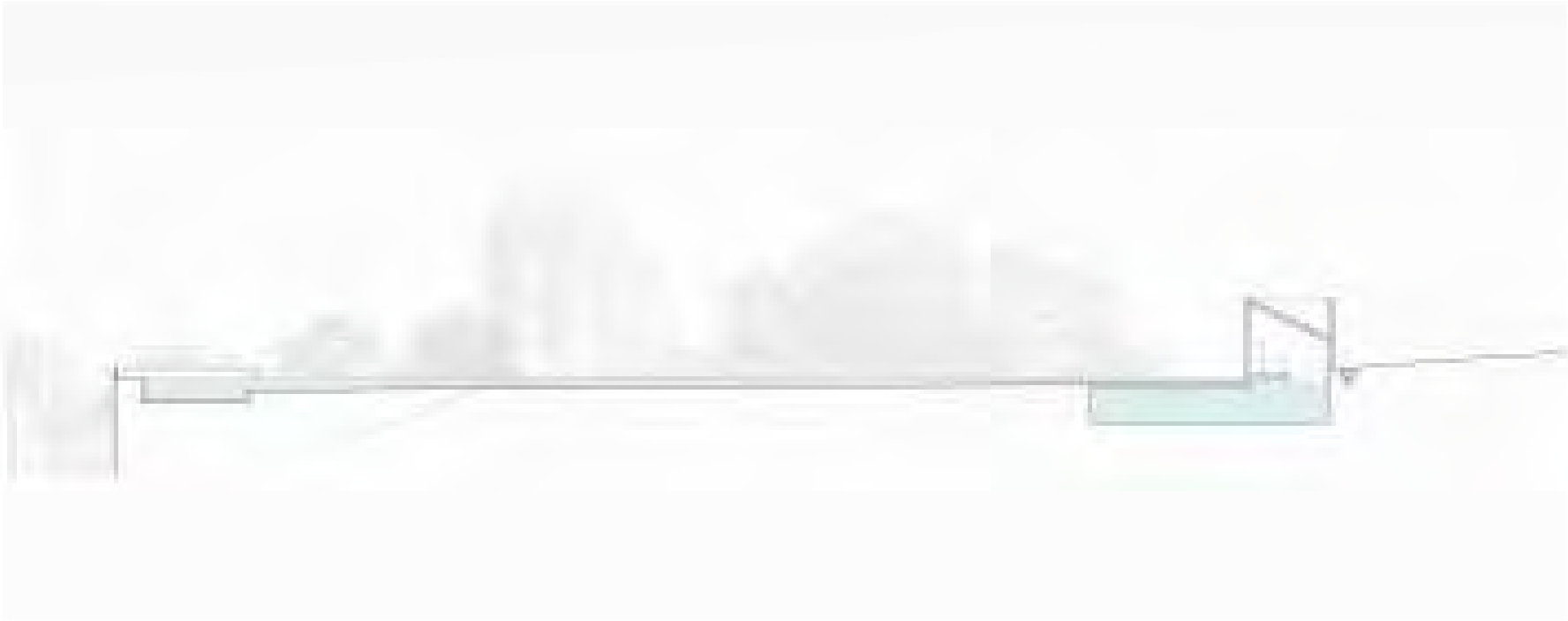
Acedendo-se a sul, a casa desenvolve-se em dois níveis permitindo diferenciação altimétrica, possibilitando, no entanto, uma continuidade visual entre ambas. Estas áreas têm como programa quarto no nível superior e sala no nível inferior, podendo funcionar como um grande espaço comum. A espessura das paredes permite que o restante programa seja instalado nos muros laterais, nomeadamente a casa de banho e a cozinha. O vão principal encontra-se virado a sul, permitindo desta forma, um melhor aproveitamento da insolação, bem como da vista. Já o lanternim instalado na cobertura permite uma entrada de luz zenital refletindo-se na parede inclinada do quarto. Na cobertura encontra-se instalado um tanque de água, funcionando como espaço público, ao qual se acede tanto a norte através do per curso de ligação com a Casa Amarela como por uma escada integrada na espessura da parede lateral da Casa Dupla.



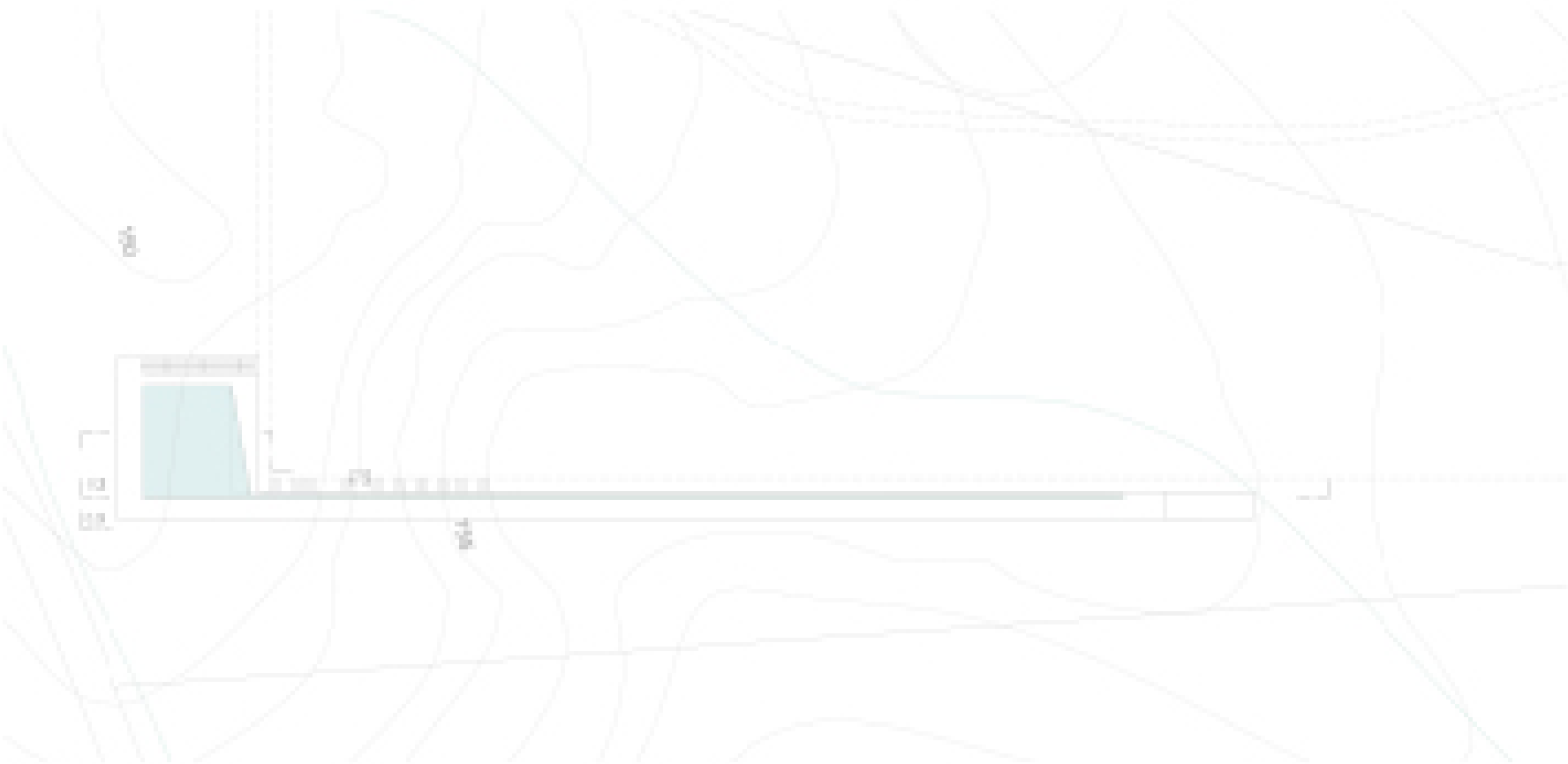
Render vista interior



Render vista exterior



1 : 50
CORTE SISTEMA

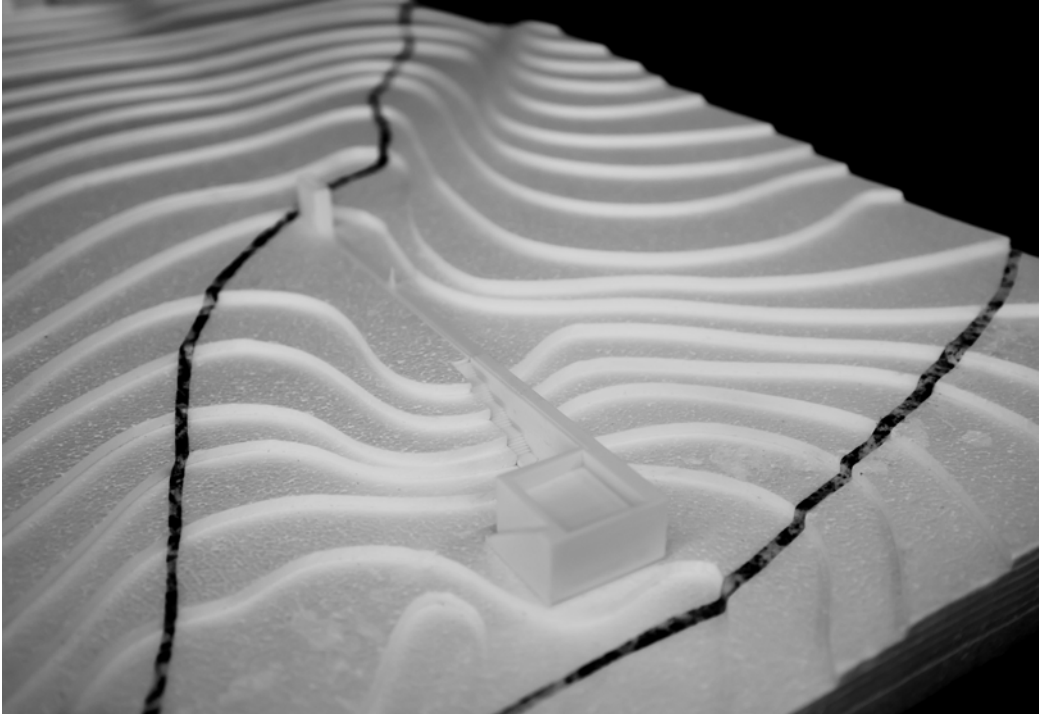
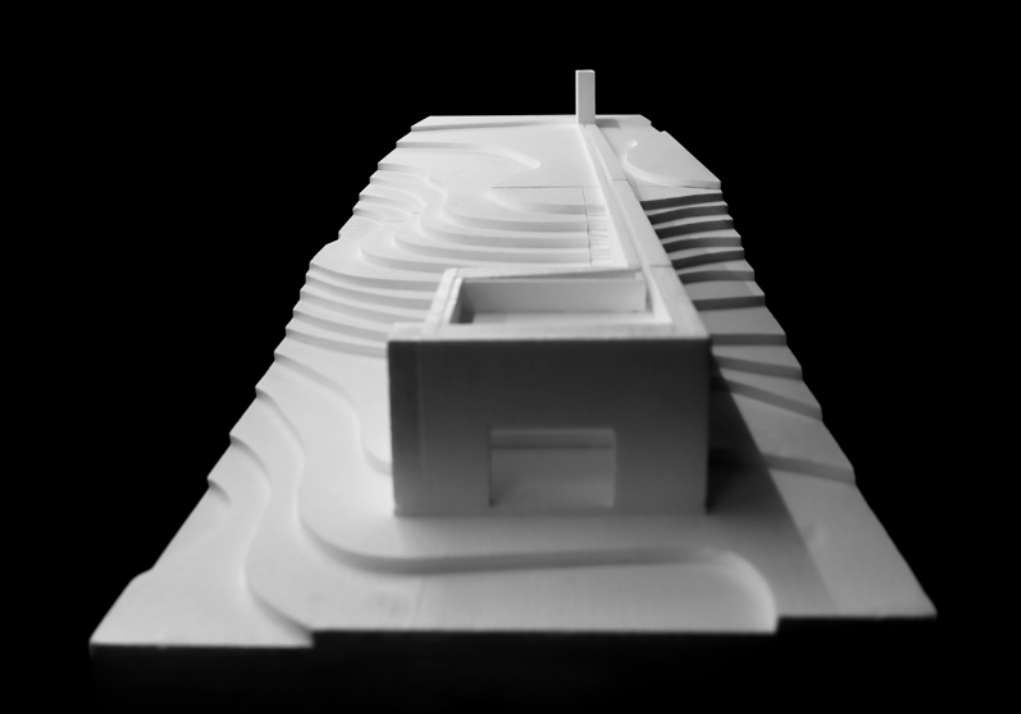
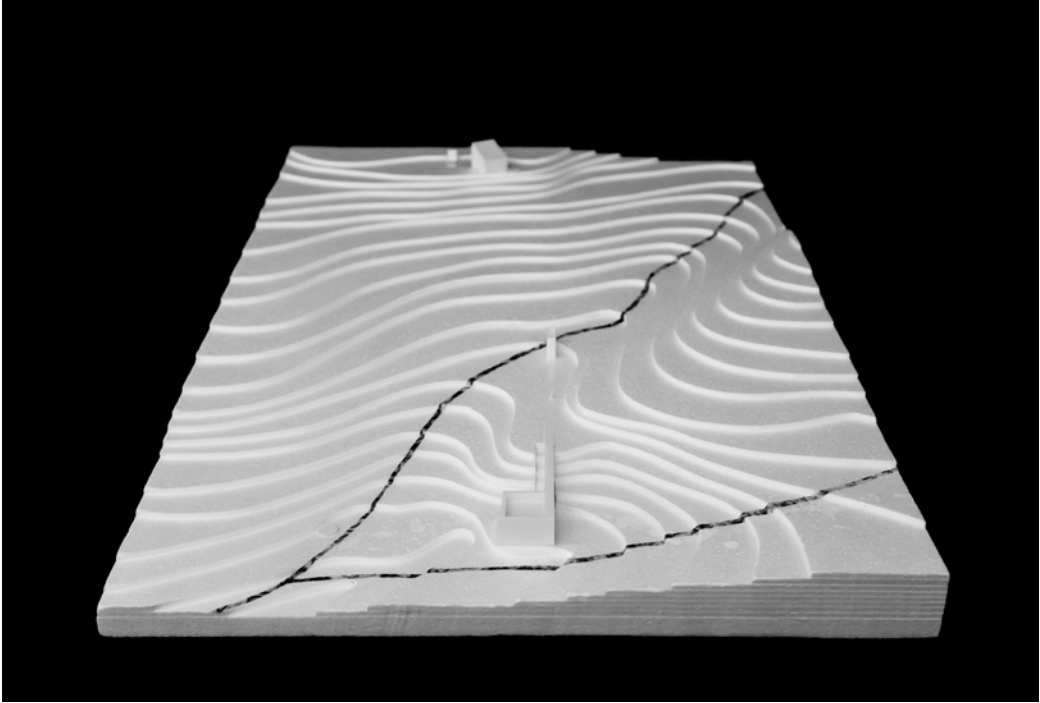
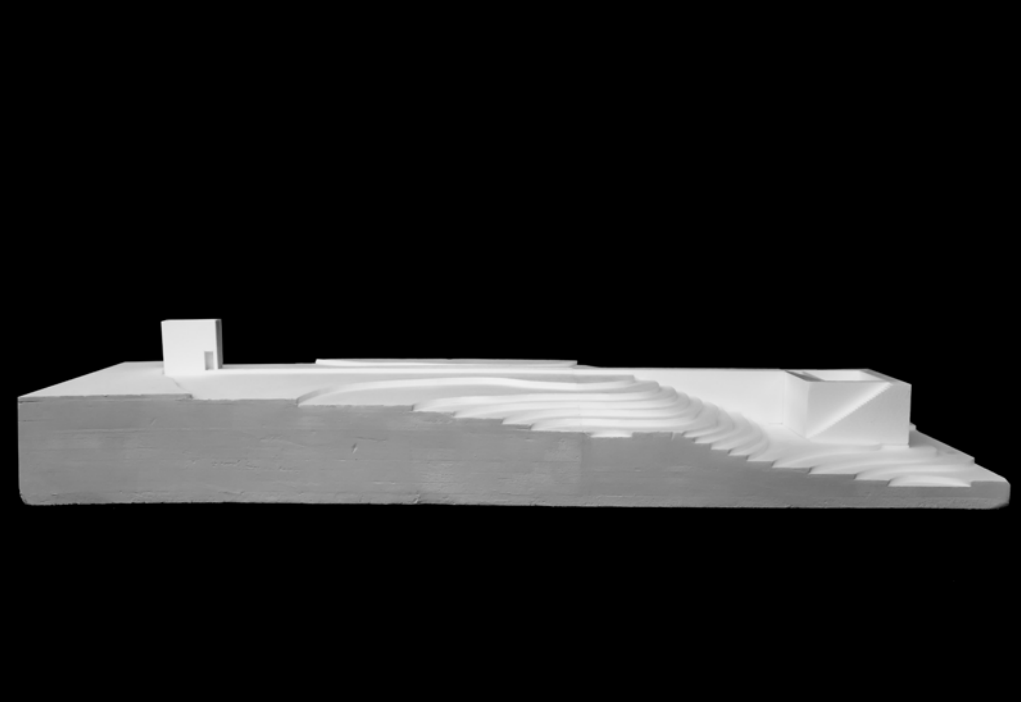


1 : 200
PLANTA SISTEMA



1 : 25
CORTE CONSTRUTIVO

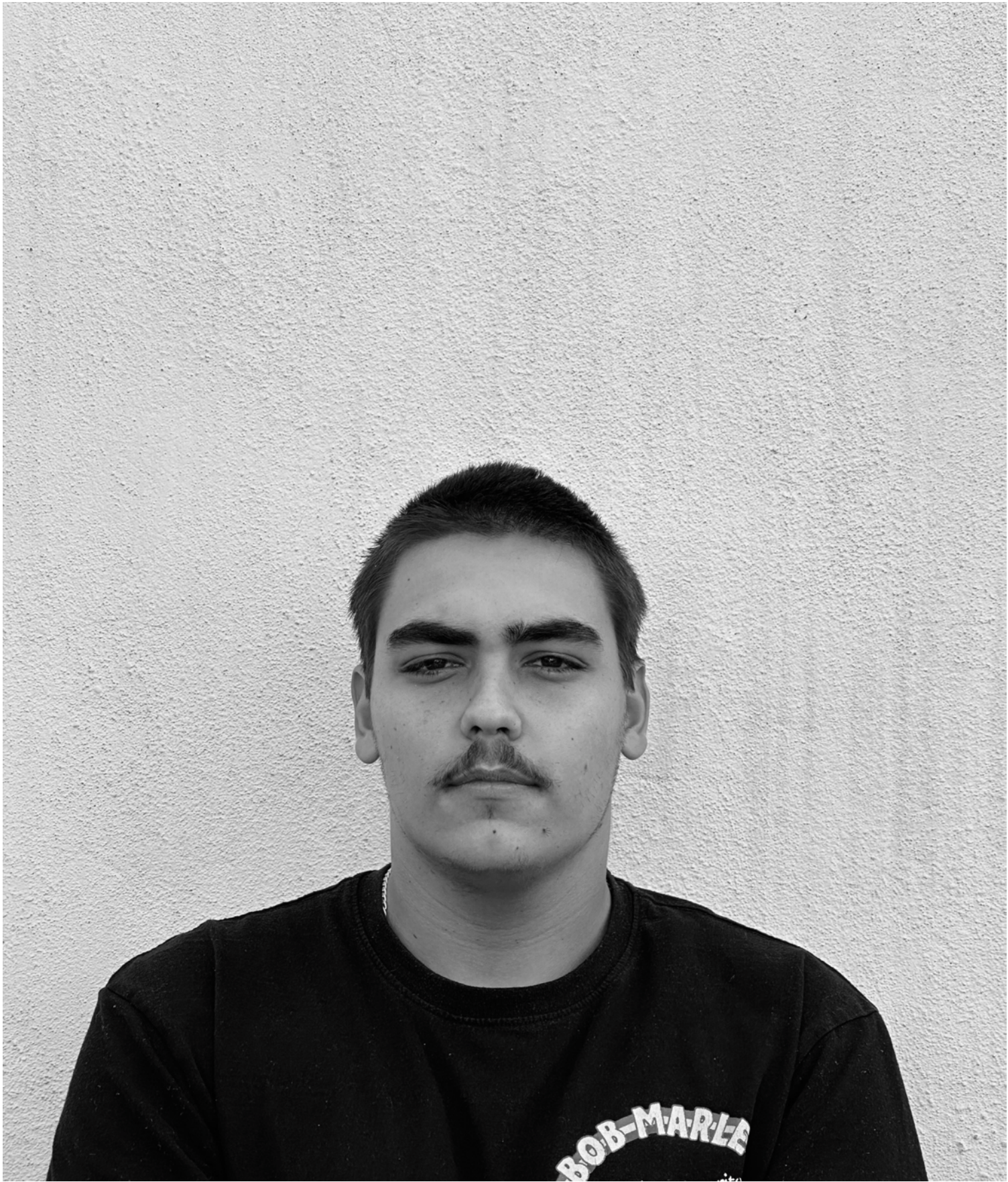
- 01- Vidro multilaminado
- 02- Caixilho em aço inox
- 03- Laje tipo “Bubble Deck”
- 04- Microcimento
- 05- Betão branco estrutural aparente
- 06- Espuma rígida de poliestireno extruído 40mm
- 07- Alvenaria de tijolo de 30x20x15
- 08- Betonilha de regularização armada
- 09- Impermeabilização com membrana betuminosa
- 10- Impermiabilização em poliuretano
- 11- Placas de gesso cartonado hidrófugo 13mm com acabamento a microcimento
- 12- Reboco
- 13- Manta geotextil
- 14- Pedra empilhada para drenagem de águas superficiais
- 15- Brita para filtragem
- 16- Tubo de drenagem perfurado
- 17- Fundação contínua
- 18- Enrocamento
- 19- Massame armado
- 20- Filme de polietileno sobre manta geotextil
- 21- Solo compactado
- 22- Caixilharia com perfis Maxlight 92 (Soldevila) e vidro duplo
- 23- Soleira pré-fabricada em betão



CASA PERISCÓPIO

Pegada mínima

Tomás Leitão





A Casa Amarela, situada na Serra da Arrábida, em Setúbal, encontra-se no topo de um vale, num lote estreito limitado por duas estradas a norte e a sul. A casa observa a paisagem, através de uma janela de canto, dando mais importância à serra evitando sinais da presença humana. Apercebe-se também a predominância de vegetação alta mais próxima da casa, criando assim a inexistência de uma visão direta para a casa, apenas vistas através da natureza. Sendo o resto do vale contaminado por vegetação rasteira torna-se perceptível a existência de dois caminhos de água, um seco e outro ativo, ligado a um poço localizado na cota mais baixa do vale. A presença de caminhos desenhados pelo Homem, através da repetição do seu uso é também bastante comum no local.



Vista da casa através da natureza

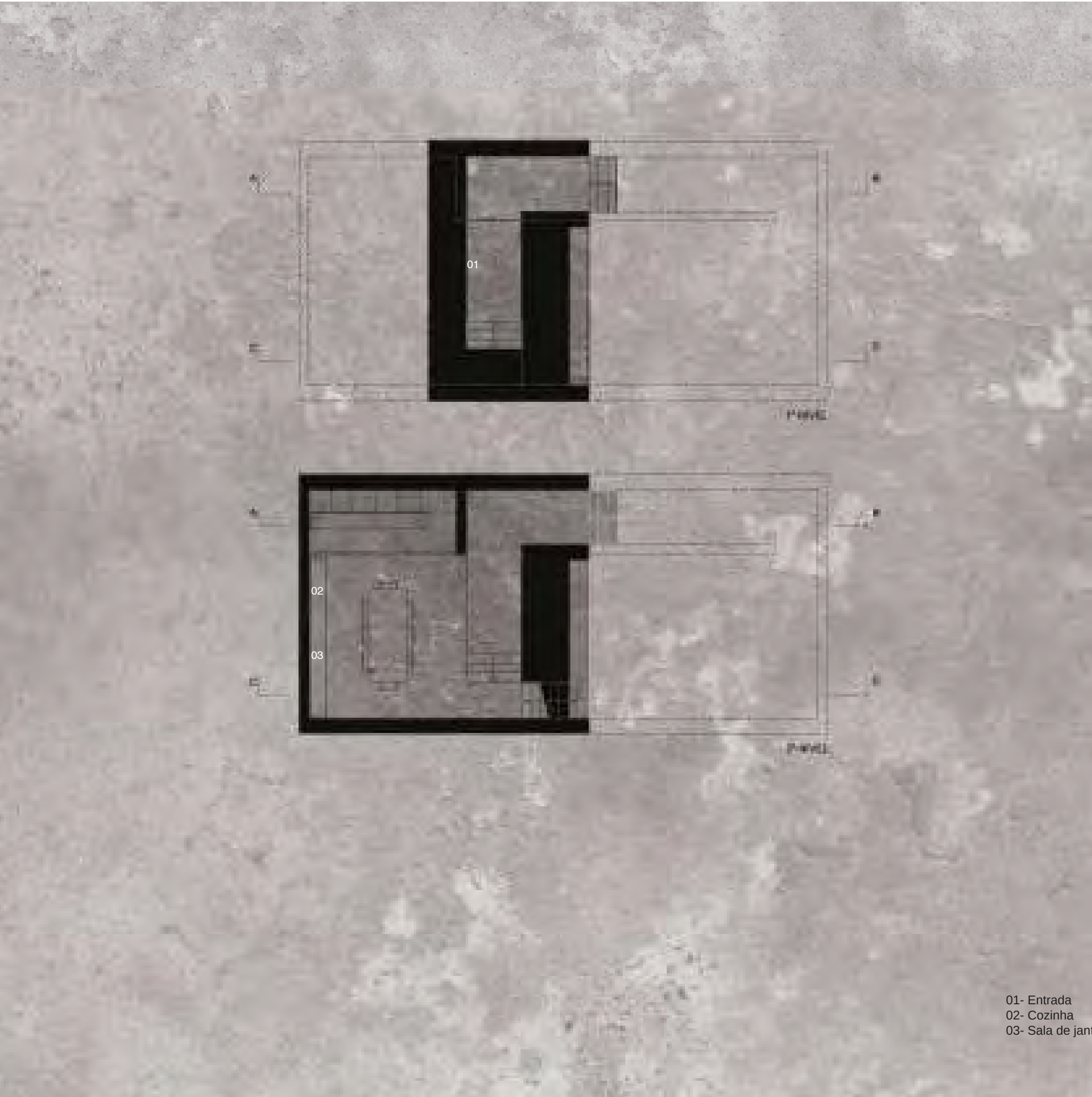


Fotografia local de intervenção



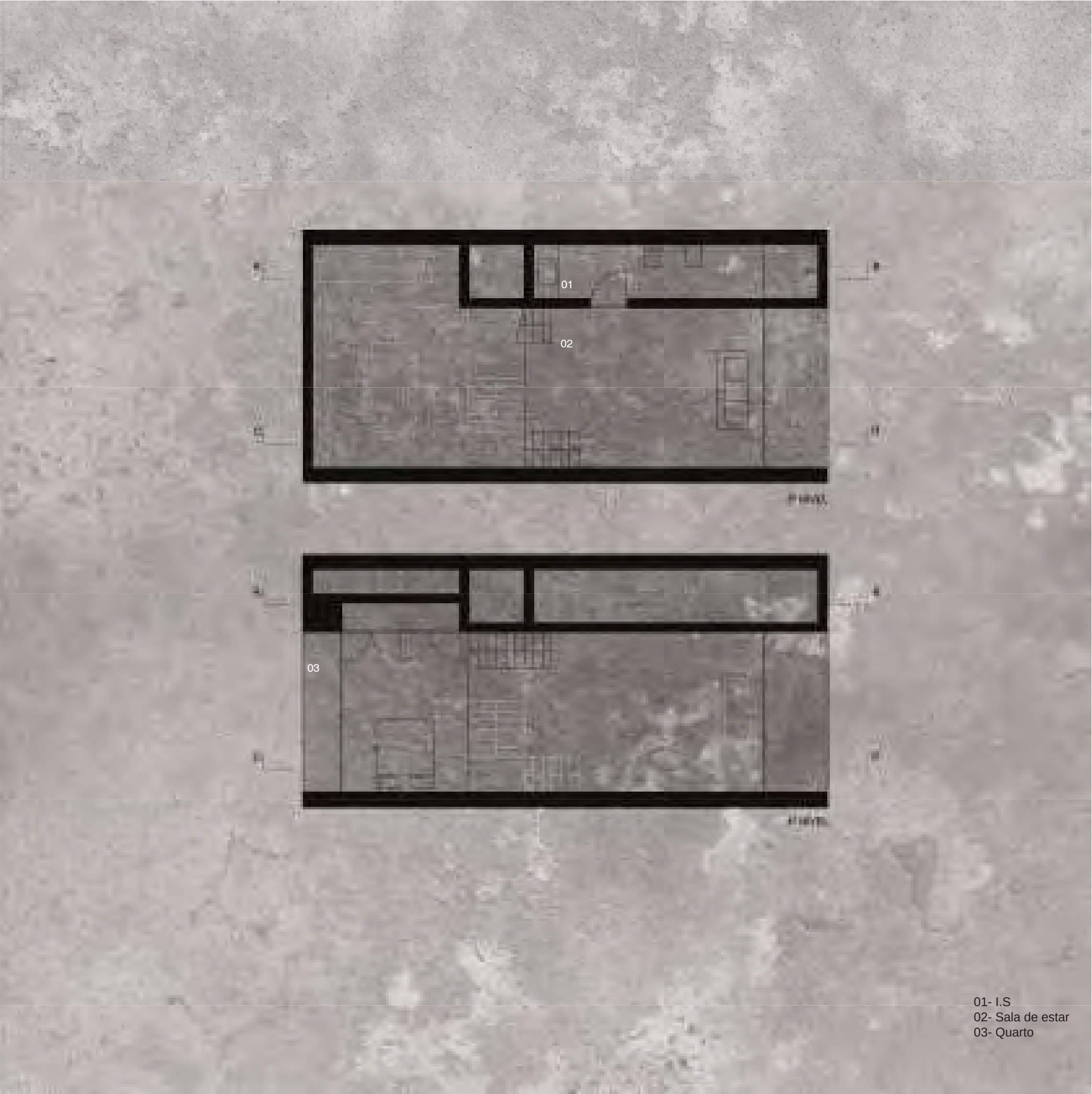
1 : 100 N
CORTE CD_VISTAS

A Casa Dupla contempla a possibilidade de ser uma expansão da Casa Amarela, sendo assim, conectada através de um caminho de pé posto, seguindo o alinhamento criado pela casa e o muro. Localiza-se no interior de uma clareira rodeada de vegetação alta, não contrariando assim o desejo de não ser perceptível a presença humana a partir da casa amarela. Com a vista mais focada a sul, a Casa Dupla direciona o olhar para uma parte da serra não contemplada na Casa Amarela, e para a própria casa amarela, através de dois vãos que desenham o volume. O seu interior está dividido em 4 espaços a meia cota. Tornando assim possível, tal como na casa amarela, uma grande conexão entre todos os espaços. Querendo integrar o princípio da pegada mínima, a casa suporta ambas a fachadas a Norte e a Sul, através de uma sapata central, minimizando assim o impacto na natureza pré-existente



01- Entrada
02- Cozinha
03- Sala de jantar

1 : 50 N
PLANTAS

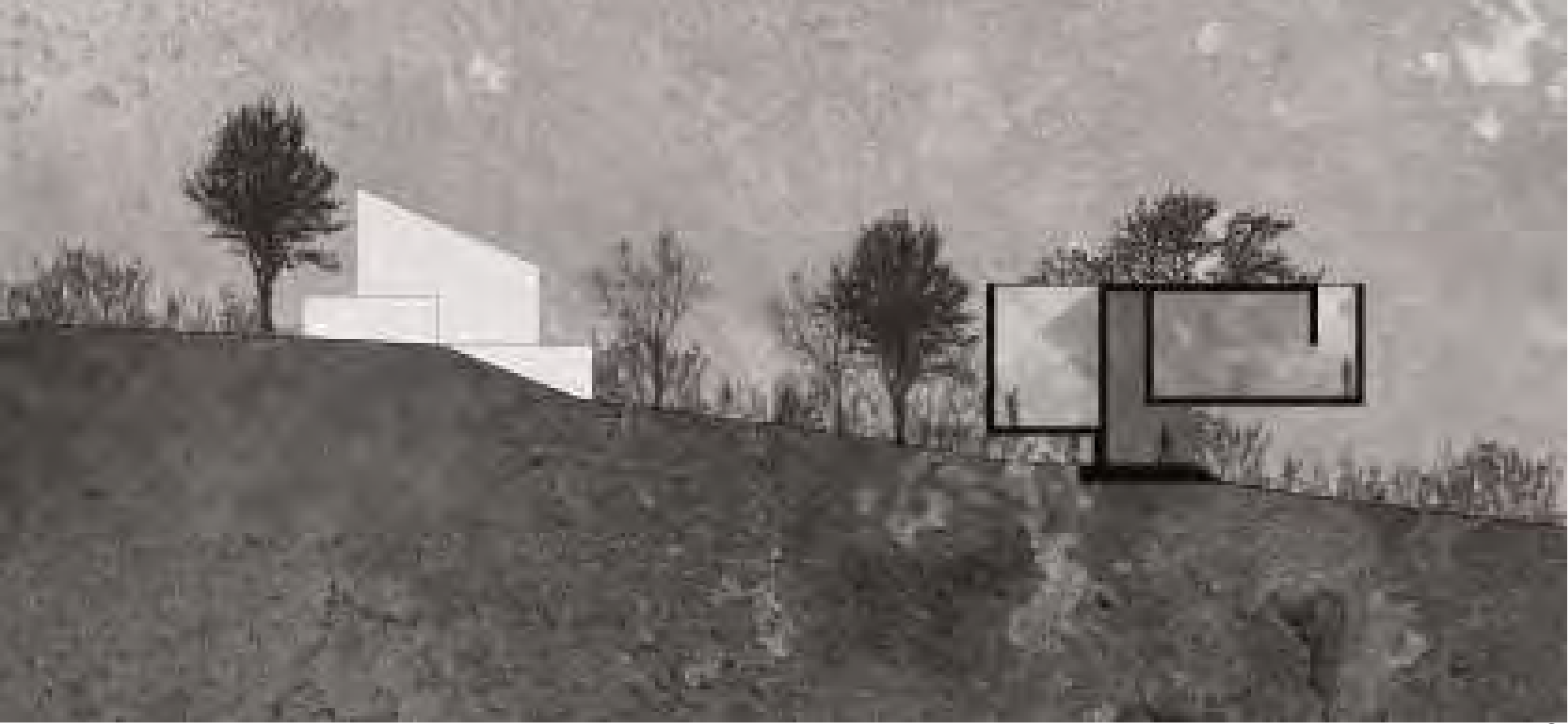


01- I.S
02- Sala de estar
03- Quarto

1 : 50 N
PLANTAS



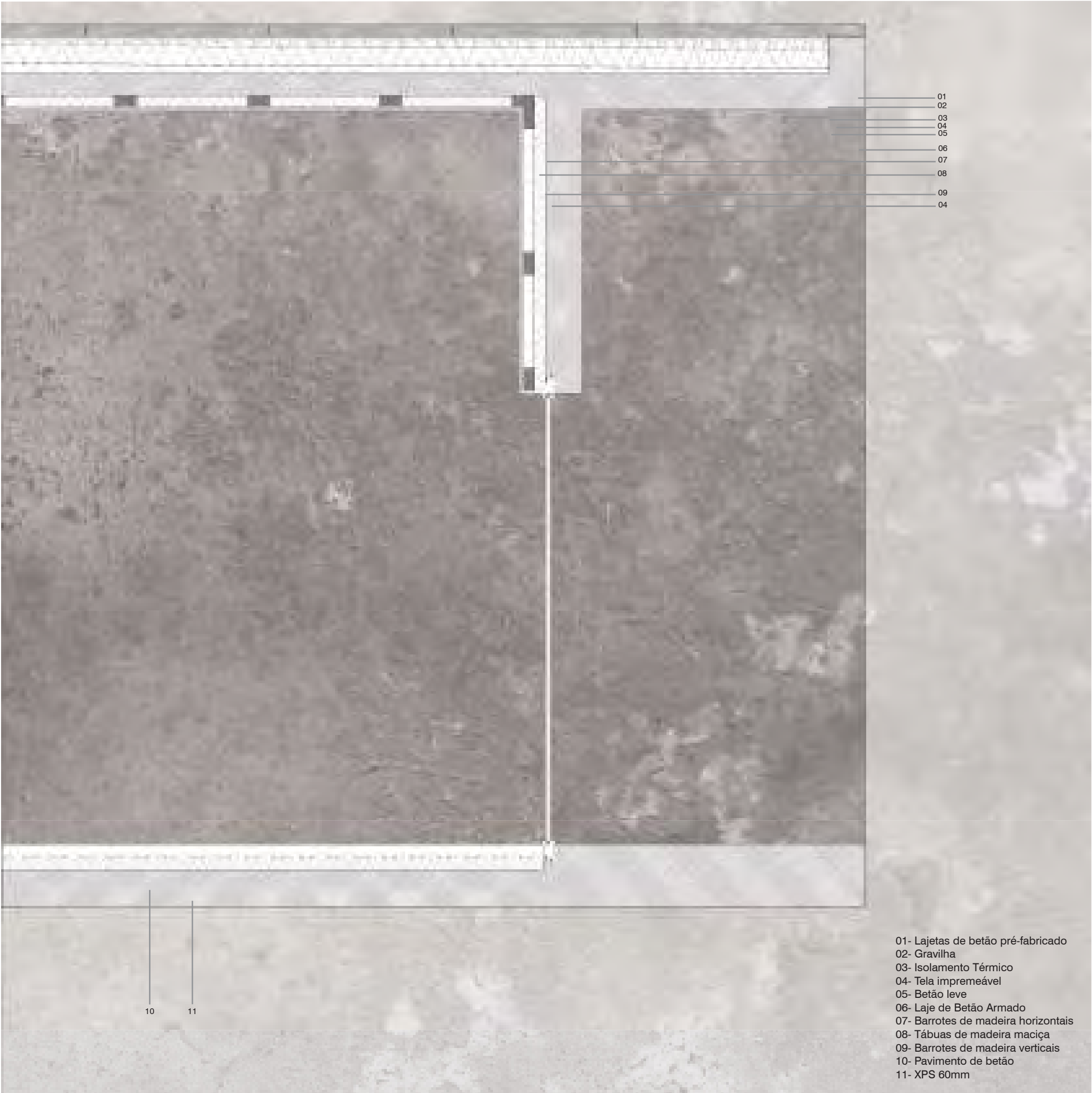
1:100 N
CORTE CD _LUZ



1:100 N
CORTE AB _LUZ

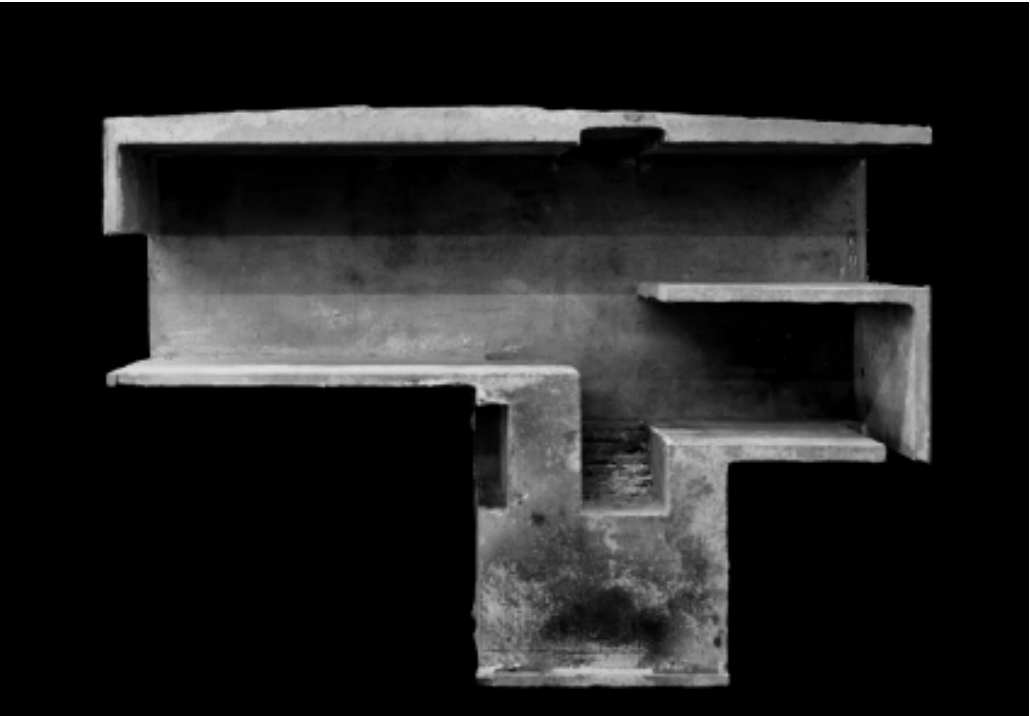
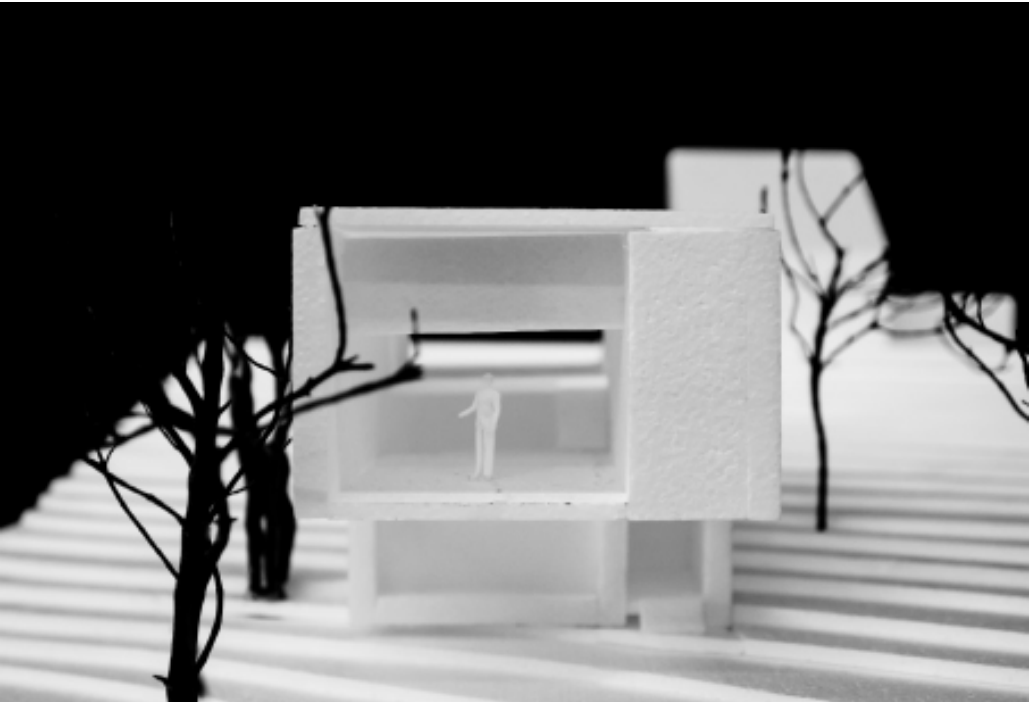


1 : 100 N 
ALÇADO



1 : 10 N
CORTE CONSTRUTIVO

A Casa Dupla é suportada pelas duas paredes laterais sendo estas de betão armado, suportando assim as duas fachadas norte e sul em consola. Que se equilibram com uma sapata na base da casa. No exterior a casa é toda em betão a vista, e o seu interior revestido a painéis de madeira maciça nas paredes e no teto chão mantém-se em betão polido. Os painéis de madeira são colocados de maneira a camuflar as portas das zonas de serviços, conferindo um aspeto de ser uma parede apenas. A única exceção é o duche que é revestido a azulejos brancos de maneira a criar uma maior difusão de luz iluminando assim a casa de banho por inteiro. Os caixilhos utilizados são modelos em madeira. A utilização do betão revertido a madeira, transmite uma sensação mais acolhedora que acaba por se confundir com a envolvente, por ser uma casa que se vive à cota das árvores vivendo assim integrada na natureza. Assim de modo a integrar-se na natureza a sapata no seu exterior é revestida com uma rede de modo a facilitar o crescimento de plantas trepadeiras tornando, num futuro, a casa completamente emersa na natureza.



APRESENTAÇÕES









VISITA E APRESENTAÇÕES
com Francisco Silva Dias











CRÉDITOS

PROJETOS

Afonso Penetra
Ana Palma
André Matias
António Ribeiro
Beatriz Lopes
Bruna Neto
Caetana Thomaz
Catarina Figueiredo
Duarte Pires
Hugo Charrua
Jasper Krebs
João Carvalho
Liandra Valentel
Lino Walala
Luís Maia
Luz Cancela de Abreu
Marina Dornellas
Margarida Silva
Oksana Lagno
Sara Filipe
Sara Saladini
Teresa Henriques
Tomás Leitão

PROFESSORES

José Adrião
Ricardo Carvalho

ENTREVISTAS

Caetana Thomaz e João Santos
Afonso Penetra e Teresa Henriques
António Ribeiro e Luís Maia
André Matias e Luz Cancela de Abreu

CAPA

António Ribeiro

EDIÇÃO

Bruna Neto
Catarina Figueiredo
Liandra Baptista

FOTOGRAFIAS:

Gonçalo Henriques

TIPOS DE LETRA

Arial Regular e Bold
Swis 721 BT

IMPRESSÃO

Universidade Autónoma de Lisboa

ENCADERNAÇÃO

Encadernação Oliveira Duarte

DOI: <https://doi.org/10.26619/UAL-CEACT/WP012024>

Universidade Autónoma de Lisboa
Departamento de Arquitetura

Lisboa, 2024